**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

VILMAR EZEQUIEL DOS SANTOS

**VALORES SOCIAIS E VALORES ASSOCIADOS
AO CONSUMO DE DROGAS ENTRE JOVENS DE DIFERENTES
GRUPOS SOCIAIS NA CIDADE DE SANTO ANDRÉ – SÃO PAULO:
UMA ANÁLISE DE REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS**

**SÃO PAULO
2013**

VILMAR EZEQUIEL DOS SANTOS

**VALORES SOCIAIS E VALORES ASSOCIADOS
AO CONSUMO DE DROGAS ENTRE JOVENS DE DIFERENTES
GRUPOS SOCIAIS NA CIDADE DE SANTO ANDRÉ – SÃO PAULO:
UMA ANÁLISE DE REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências

Área de concentração: Cuidados em Saúde

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cássia Baldini Soares

**SÃO PAULO
2013**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU
ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE
CITADA A FONTE.

Assinatura: _____ Data ____ / ____ / ____

Catálogo na Publicação (CIP)
Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Santos, Vilmar Ezequiel dos

Valores sociais e valores associados ao consumo de drogas entre
jovens de diferentes grupos sociais na cidade de Santo André – São Paulo:
uma análise de representações cotidianas/ Vilmar Ezequiel dos Santos. –
São Paulo, 2013 432p.

Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem da
Universidade de São Paulo.

Orientadora: Prof^a Dr^a Cássia Baldini Soares

1. Valores Sociais 2. Juventude 3. Drogas de Abuso 4. Consumo de
Bebidas Alcoólicas 5. Socialização 6. Saúde Coletiva I. Título

VILMAR EZEQUIEL DOS SANTOS

Valores sociais e valores associados ao consumo de drogas entre jovens de diferentes grupos sociais na cidade de Santo André – São Paulo: uma análise de representações cotidianas.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À Profª Drª Cássia Baldini Soares por me ensinar a trilhar os caminhos de um pesquisador para um aprendizado humilde, cuidadoso e valoroso para todos. Ao tempo em que se faz presente para orientar e acompanhar o processo de construção do saber sem abrir mão da amizade e da preocupação com o outro. Presença até para compreender as ausências quando a vida cotidiana nos assola pelas necessidades familiares e de trabalho.

À Profª Drª Célia Maria Sivalli Campos pela preocupação constante com o processo de cada um e particularmente comigo no esforço em perceber o que se produz de valoroso. Agradeço a transparência da aposta no meu crescimento e fortalecimento.

Aos amigos e amigas do grupo de pesquisa pelas ricas trocas, pela ajuda que recebi de vocês, pela compreensão e consolo em momentos difíceis. Sinto-me muito apoiado e mais fortalecido para seguir nos bons objetivos humanos sabendo que temos esse espaço realmente coletivo. Agradeço em especial a Carla Andréa Trapé, Elaine Garcia Minuci e Tatiane Yonekura por participação decisiva na classificação do Índice de Reprodução Social (IRS) dos grupos pesquisados.

A toda minha família, em especial meus filhos pela compreensão e oportunidade que me ofereceram de lançar mão em muitos momentos da presença na convivência necessária e desejada para troca de afetos e calor humano. Sinto-me feliz em saber que estão todos bem, sem isso os caminhos seriam mais tortuosos e difíceis.

Todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável. Se os estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo – num desses mapas, em dois ou em todos três; se eles, portanto, por sua simples presença, deixam turvo o que deve ser transparente, confuso o que deve ser uma coerente receita para a ação, e impedem a satisfação de ser totalmente satisfatória; se eles poluem a alegria com a angústia, ao mesmo tempo que fazem atraente o fruto proibido; se, em outras palavras, eles obscurecem e tornam tênues as linhas de fronteira que deve ser claramente vistas; se, tendo feito tudo isso, geram a incerteza, que por sua vez dá origem ao mal-estar de se sentir perdido – então cada sociedade produz esses estranhos. Ao mesmo tempo que traça suas fronteiras e desenha seus mapas cognitivos, estéticos e morais, ela não pode senão gerar pessoas que encobrem limites julgados fundamentais para a sua vida ordeira e significativa, sendo assim acusadas de causar a experiência do mal-estar como a mais dolorosa e menos tolerável.

(Zygmunt Bauman em O mal-estar da pós-modernidade, 1998)

Santos VE. Valores sociais e valores associados ao consumo de drogas entre jovens de diferentes grupos sociais na Cidade de Santo André – São Paulo: uma análise de representações cotidianas [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2012.

RESUMO

Este trabalho toma como objeto os valores sociais, com atenção especial àqueles relacionados ao consumo de drogas. Compreende-se valores sociais como fundamento das ações e atitudes dos homens. Constituídos nos processos de socialização, assumem historicamente diferentes conformações. Pressupôs-se que a análise de representações cotidianas de jovens de diferentes grupos sociais traria elementos para compreender diferenças nas tendências valorativas. Os objetivos do estudo foram: apreender e analisar representações cotidianas de jovens sobre os valores atuais; levantar o Índice de Reprodução Social de jovens de diferentes contextos sociais e relacioná-los às suas representações sobre valores. A investigação foi realizada em Santo André, SP. Os dados foram levantados através de 29 grupos focais com 229 participantes de 15 a 19 anos, estudantes do ensino médio, em 10 escolas de diferentes regiões do Município. Com o apoio de um jogo educativo, os grupos objetivaram promover o debate e a reflexão entre os jovens sobre expressões valorativas a eles apresentadas. O processo de análise das representações procurou compreender as tendências valorativas sobre: Educação, Escola e Trabalho; Família, Pares e Relacionamentos; Consumo de Drogas Lícitas e Ilícitas; Participação Política. Os resultados mostram: forte conexão entre escola e ingresso no mercado de trabalho, com a escola valorizada como locus de preparação para as exigências de qualificação do mercado de trabalho. Os jovens das escolas, localizadas nas regiões centrais, revelaram condição mais estável e segura quanto aos estudos e aos planos para o futuro. Em uma escola pública dessas regiões observou-se fortes componentes críticos. Os jovens das regiões periféricas estão vivenciando contextos familiares, educacionais e de trabalho difíceis e qualificar para o ingresso no mercado de trabalho tende a acontecer mais precocemente; de modo geral os relacionamentos interpessoais mostram-se incertos e fluídos e ficam para segundo plano em relação aos projetos de projeção individual. Os jovens das regiões centrais revelam maior segurança nos vínculos familiares, mas também consideram a família certo obstáculo para a vivência de necessidades de prazer e consumo. Já os jovens das regiões periféricas percebem a família na função de sustentação e preservação de valores morais e éticos, ao tempo em que ela pode ser geradora de intensos conflitos e violência. As representações denotam que o consumo prejudicial de drogas não está relacionado aos efeitos químicos das drogas ou a problemas comportamentais dos jovens, mas ao mal estar que sentem. Os jovens das regiões centrais apresentaram tendência a valorizar o consumo de álcool como parte da sociabilidade. Já nas regiões periféricas, os jovens verbalizam a existência de situações nas quais se intensificam as relações entre consumo de álcool e violência; há tendências críticas em relação às drogas já que a vida cotidiana é perpassada por contradições e conflitos não condizentes com ideias dominantes. Entre os jovens das regiões periféricas, se observou tendências a se manterem distantes da participação na vida política e dos movimentos sociais, o que pode ser reflexo da ideologia que concebe o jovem como “problema social”, relegando a ele lugar passivo, de objeto das políticas e das determinações do mundo adulto. Os jovens das regiões centrais denotam conhecimentos que lhes possibilita posicionamentos críticos e participativos.

Palavras-Chave: Valores Sociais; Juventude; Drogas de Abuso; Consumo de Bebidas Alcoólicas; Socialização; Saúde Coletiva.

Santos VE. Social values and values associated with drug abuse among the youth from different social groups in Santo André, São Paulo: an analysis of everyday representations [thesis]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2013.

ABSTRACT

The object of the present study is social values, with special emphasis on those related to drug abuse. Social values are understood as the foundation for man's actions and attitudes. Built within the processes of socialization, social values assume historically different forms. It is assumed that the analysis of the everyday representations of the youth from different social classes reveals elements that help understand the differences of the valuing trends. The objectives of this study were: to identify and analyze the everyday representations of youths regarding current values; calculate the Social Representation Index of youth from different social contexts and associate them with their representations of value. This investigation was performed in Santo André, São Paulo, Brazil. The data were collected with 29 focal groups of 229 participants of ages ranging between 15 and 19 years old; high-school students from 10 schools from different parts of the city. Using an educational game, the groups had as objective to encourage the youth to discuss and think about the valuing expression they were presented. The process of representation analysis aimed at understanding the valuing trends regarding: Education, School and Work; Family, Peers and Relationships; Abuse of Legal and Illegal Drugs; Participation in Politics. The results revealed: a strong connection between school and entering the labor market, valuing the school as the *locus* of their preparation to meet the labor market quality demands. The youth from central schools showed a more stable and secure situation regarding their studies and future plans. Students from a public school in the central area showed strong analytical traits. The youth from the city's outskirts deal with challenging situations in their families, educational and working contexts, and they tend to be prepared to enter the labor market earlier; overall, interpersonal relationships appeared to be uncertain and unstable, and usually take on a lower priority as opposed to their projects of personal development. Youth from central areas show greater security towards family bonds, but they also see their family somewhat as an obstacle to achieving their needs of pleasure and consumption. On the other hand, youth from the city's outskirts see their family's role of support and preservation of moral and ethical values, despite the fact that it can also generate intense conflicts and violence. The representations suggest that drug abuse is not related to the drugs' chemical effects or to the youths' behavioral issues; rather, it is related to the general discomfort in life they feel. Youth from central areas showed a tendency to value alcohol consumption as part of sociability. Those from the city's outskirts, on the other hand, reported situations in which the alcohol-violence relationship is intensified; the youth have a tendency to criticize drugs, as their everyday lives is permeated with contradictions and conflicts not consistent with dominant ideas. Youth from the city's outskirts show a tendency to keep a distance from any participation in politics and social movements, which could be a reflex of the ideology that sees the youth as "a social issue", relegating them to a passive position, an object of the policies and determinations of the adult world. Youth from central areas show having the knowledge that allows them to assume analytical and participative attitudes.

Keywords: Social Values; Youth; Drug Abuse; Alcohol Drinking; Socialization; Collective Health.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Distribuição das escolas participantes por região do Município de Santo André, 2008	88
Figura 2 – Esquema do jogo utilizado para a apreensão de valores juvenis	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Trabalhadores por grau de instrução no Município de Santo André	85
Tabela 2 – Escolas do Município de Santo André classificadas conforme região de atuação. Santo André, 2008	88
Tabela 3 – Número de grupos realizados por conjunto de valores e grupo social de acordo com a região classificada. Santo André, 2008	99
Tabela 4 – Distribuição das escolas por região e segundo a inserção das famílias dos jovens nos quatro grupos sociais definidos a partir da aplicação do IRS. Santo André, 2013	122

LISTA DE SIGLAS

RMSP	Região Metropolitana de São Paulo
SEADE	Sistema Estadual de Análise de Dados
IDH	O índice de desenvolvimento humano
FIESP	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
IRS	Índice de Reprodução Social
C	Central
QC	Quase Central
QP	Quase Periférica
P	Periférica

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	25
2	CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: VALORES SOCIAIS.....	31
2.1	A COMPREENSÃO MARXISTA DE VALOR: O TRABALHO ALIENADO E O FETICHISMO DAS MERCADORIAS	33
2.2	OS VALORES SOCIAIS NA PERSPECTIVA DA SAÚDE COLETIVA	37
3	A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA JUVENTUDE E AS CONCEPÇÕES MAIS DIFUNDIDAS NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO: PROCURANDO UMA LEITURA MAIS PRÓXIMA DA REALIDADE.....	43
3.1	JUVENTUDE NA PERSPECTIVA HISTÓRICA E SOCIAL	45
3.2	JUVENTUDE E CONSUMO	58
3.3	O SISTEMA DAS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS E O CONSUMO JUVENIL	61
4	PRESSUPOSTOS, OBJETIVOS E FINALIDADE.....	77
4.1	PRESSUPOSTOS	79
4.2	OBJETIVO GERAL	80
4.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	80
4.4	FINALIDADE	80
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	81
5.1	TIPO DE PESQUISA	83
5.2	CAMPO DE ESTUDO	84
5.2.1	Locais de estudo	86
5.2.2	Escolas participantes por região	87
5.2.2.1	Escola Privada E1	90
5.2.2.2	Escola Privada E2	91
5.2.2.3	Escola Pública E3	91
5.2.2.4	Escola Pública E4	92
5.2.2.5	Escola Pública E5	92
5.2.2.6	Escola Pública E6	93
5.2.2.7	Escola Pública E7	94
5.2.2.8	Escola Pública E8	94
5.2.2.9	Escola Pública E9	95
5.2.2.10	Escola Pública E10	95
5.3	SUJEITOS DE PESQUISA	98

5.4	TÉCNICA E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	98
5.4.1	Apreensão de dados quantitativos	99
5.4.2	Apreensão de dados qualitativos	101
5.5	PROCEDIMENTOS ÉTICOS	103
5.6	ANÁLISE DO MATERIAL	104
5.6.1	Considerações teórico-metodológicas sobre representações cotidianas	104
5.6.2	O Método Histórico e Dialético de Análise	104
5.6.3	A Apreensão de Valores Sociais a partir da Teoria das Representações Cotidianas	106
5.6.4	A Teoria das Representações Cotidianas	110
5.6.4.1	Senso Comum, Representações Sociais e Representações Cotidianas	111
5.6.4.2	Representações Cotidianas e Consciência de Classe	114
5.6.4.3	Representações Cotidianas e Pensamento Complexo	115
5.6.4.4	Aspecto Formal das Representações Cotidianas	115
6	ANÁLISE DOS RESULTADOS	119
6.1	ESCOLA PRIVADA LOCALIZADA NA REGIÃO CENTRAL – E1.....	123
6.1.1	Educação, Escola e Trabalho	123
6.1.2	Família, Pares e Relacionamentos	128
6.1.3	Consumo de Drogas Lícitas e Ilícitas	137
6.2	ESCOLA PRIVADA LOCALIZADA NA REGIÃO CENTRAL – E2.....	143
6.2.1	Educação, Escola e Trabalho	143
6.2.2	Família, Pares e Relacionamentos	151
6.3	ESCOLA PÚBLICA LOCALIZADA REGIÃO QUASE CENTRAL – E3.....	152
6.3.1	Educação, Escola e Trabalho	152
6.3.2	Família, Pares e Relacionamentos	167
6.3.3	Consumo de Drogas	169
6.3.4	Participação Política	176
6.4	ESCOLA PÚBLICA LOCALIZADA NA REGIÃO QUASE CENTRAL –E4	193
6.4.1	Educação, Escola e Trabalho	193
6.4.2	Família, Pares e Relacionamentos	203
6.4.3	Consumo de Substâncias Psicoativas	205
6.4.4	Participação Política	214
6.5	ESCOLA PÚBLICA LOCALIZADA NA REGIÃO QUASE PERIFÉRICA – E5	216
6.5.1	Educação, Escola e Trabalho	216
6.5.2	Família, Pares e Relacionamentos	217
6.5.3	Consumo de Substâncias Psicoativas	220
6.5.4	Participação Política	223

6.6	ESCOLA PÚBLICA LOCALIZADA NA REGIÃO QUASE PERIFÉRICA – E6	225
6.6.1	Educação, Escola e Trabalho	225
6.6.2	Família, Pares e Relacionamentos	240
6.6.3	Consumo de Substâncias Psicoativas	248
6.6.4	Participação Política	257
6.7	ESCOLA PÚBLICA LOCALIZADA NA REGIÃO QUASE PERIFÉRICA – E7	262
6.7.1	Educação, Escola e Trabalho	262
6.7.2	Família, Pares e Relacionamentos	264
6.8	ESCOLA PÚBLICA LOCALIZADA NA REGIÃO PERIFÉRICA – E8.....	266
6.8.1	Educação, Escola e Trabalho	266
6.8.2	Participação Política	279
6.9	ESCOLA PÚBLICA LOCALIZADA NA REGIÃO PERIFÉRICA.....	281
6.9.1	Educação, Escola e Trabalho	281
6.9.2	Família, Pares e Relacionamentos	293
6.10	ESCOLA PÚBLICA LOCALIZADA NA REGIÃO PERIFÉRICA.....	297
6.10.1	Educação, Escola e Trabalho	297
6.10.2	Família, Pares e Relacionamentos	321
6.10.3	Consumo de Drogas	337
6.10.4	Participação Política	344
7	DISCUSSÃO.....	347
7.1	CONFLUÊNCIA ENTRE EDUCAÇÃO, ESCOLA E TRABALHO	349
7.2	FAMÍLIA, PARES E RELACIONAMENTOS	368
7.3	CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS LÍCITAS E ILÍCITAS.....	378
7.4	PARTICIPAÇÃO POLÍTICA	397
8	CONCLUSÕES	401
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	411
	ANEXOS	421
	ANEXO I – Roteiro para grupo focal para jovens entre 15 e 19 anos	423
	ANEXO II – Roteiro do moderador de Grupo focal para jovens de 15 a 19anos.....	425
	ANEXO III – Planilha do observador do grupo focal	427
	ANEXO IV – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	428
	ANEXO V – Parecer do Comitê de Ética da EEUSP	429
	ANEXO VI – Parecer do Comitê de Ética da Secretaria de Saúde SA.....	430

APRESENTAÇÃO

As inquietações provenientes da prática constituíram as principais motivações para o desenvolvimento desta pesquisa. Refiro-me à minha prática na área da saúde, no trato com pessoas em situações de sofrimento constante, neste cenário brasileiro atual repleto de políticas públicas frágeis e inconsistentes, tanto pelo simplismo na explicação dos problemas de saúde, quanto pelo precário investimento do Estado na área.

Trabalhar nesses contextos tem significado estar em contato quase que diário com as consequências mais sombrias para a vida humana dos intentos capitalistas, cenário em que a degradação do homem se torna visível e escancarada na miséria material e subjetiva em que muitos se encontram. Acusados de improdutivos são lançados cada vez mais longe das possibilidades de um trabalho nos moldes da máquina do capital, que precisa girar para multiplicar. Acusados de responsáveis pela violência urbana, sujeitos de péssimos hábitos, usuários de drogas enlouquecidos, são submetidos a políticas de contenção, coerção e violência, como as de internação compulsória, de prisão e de assassinato. São crianças, jovens, adultos, homens, mulheres, parece que essas diferenças pouco importam para os acusados.

Hoje em São Paulo o maior acusado, em cima do qual a falácia política se organiza para aprisionar, é o usuário de crack, em substituição às antigas *categorias de acusação*, a dos leprosos, dos pecadores, dos imorais, dos loucos, dos subversivos e dos drogados.

Os esforços deste grupo de pesquisa, ao qual me integro, tem se dado no sentido de lançar um olhar mais atento para o que está acontecendo na amplitude da vida social contemporânea. Buscamos olhar os fenômenos e objetos dialeticamente interligados a outros processos que são produzidos pelo modo dominante de produção da vida social e as consequentes transformações porque passam as sociedades.

As questões humanas sejam elas remetidas à juventude ou ao consumo de substâncias psicoativas guardam certa complexidade e estão determinadas no tempo e espaço. Assim é preciso buscar conhecimentos

(formas de compreender e explicar) e políticas (formas de responder), que contribuam para a melhoria da vida em geral, apontando as raízes dos problemas atuais que afetam em grande medida o desenvolvimento e até mesmo o reconhecimento do valor maior, que é a preservação da vida e da felicidade humana.

A opção por estudar valores sociais talvez possibilite traçar elos entre sujeitos concretos, que vivem em um determinado contexto histórico e social, e os valores dominantes, que perfazem o contexto contemporâneo brasileiro. São valores que se impõem nas diversas formas e processos de socialização das juventudes. O conhecimento dos valores sociais pode contribuir para compreender elementos que estão presentes na conformação das subjetividades atualmente. Esses elementos poderão fundamentar propostas de práticas e políticas mais humanas.

1 Introdução

Valores sociais e valores associados ao consumo de drogas entre jovens de diferentes grupos sociais na Cidade de Santo André – São Paulo: uma análise de representações cotidianas¹

1 INTRODUÇÃO

O objeto desta pesquisa são os valores sociais como formulações mediadoras da consciência social, fundamento das escolhas e posicionamentos em relação à realidade, conforme captados pelas representações cotidianas de jovens escolares de diferentes contextos sociais.

Os valores sociais são pouco estudados no campo da saúde e em especial no segmento juventude. Em subprojeto preliminar a este, revisão da literatura científica (Lachtim, 2010) mostrou que os estudos sobre *valores sociais*² na área da saúde enfocam normas sociais e valores culturais referidos a contextos, situações e categorias muito particulares.

Resultados da pesquisa de Lachtim (2010), que objetivou apreender valores sociais contemporâneos, notadamente aqueles referidos ao consumo de drogas e discutir diferenças entre esses valores nos diferentes grupos sociais, mostraram haver diferenças importantes entre os valores de jovens residentes de região central e os de região periférica do Município de Santo André.

Dessa forma, foi possível concluir que os jovens da região central, que apresentavam condições mais estáveis de reprodução social³, definiam suas

¹ O estudo integra pesquisa mais ampla intitulada “Jovens, valores e consumo de drogas: políticas públicas na perspectiva da Saúde Coletiva”, que objetiva sistematizar um arcabouço teórico-metodológico e operacional para subsidiar políticas públicas voltadas ao fortalecimento dos jovens. Pesquisa financiada pela FAPESP – Edital de Pesquisa em Políticas Públicas – Processo nº 06-51671-9.

² *Valores sociais* é Descritor (Decs/Mesh) definido como “*Padrões abstratos ou variáveis empíricas da vida social, que são considerados importantes e/ou desejáveis.*” http://www.adolec.br/php/decsws.php?lang=pt&tree_id=F01.829.873&page=info

³ Reprodução Social é designada por Campaña (1997 apud Soares, 2009b, p.5) como “o conjunto da vida social caracterizado pelas formas de trabalhar e consumir, pelas relações que os seres humanos estabelecem entre si para produzir a vida social, pela forma em que transformam a natureza, pela forma em que realizam a distribuição e o intercâmbio dos bens socialmente produzidos, pelas instituições que geram e pelo nível de consciência e organização que alcançam.

vivências juvenis como período de passagem e preparo para a vida adulta, compreendida esta sim como situação mais estável. Para esses jovens a família era digna de confiança e lhes conferia segurança para mantê-los em escolas de boa qualidade, com maiores garantias de inserção no mercado de trabalho no futuro, o que lhes traria realização conferida pelo acúmulo de capital. Para esses jovens o consumo de drogas era percebido de forma liberal e como meio de socialização. Já o grupo de jovens das regiões periféricas, que apresentavam condições instáveis de reprodução social, ressaltaram os aspectos problemáticos do consumo de drogas ilícitas. A família se apresentava como suporte para sobrevivência e a escola pública era caracterizada como de qualidade inferior sendo valorizada somente como meio para conseguir diplomas que poderiam significar a possibilidade de ingresso no mercado de trabalho. A perspectiva de realização se manteve associada à busca de sucesso através da mídia (Lachtim, 2010).

O que se coloca em evidência, neste estudo, é que jovens do mundo todo estão vivenciando o conjunto de valores que perfazem a cultura do capitalismo contemporâneo, cuja diretriz fundamental está relacionada ao desempenho individual e não à construção do bem-comum. Trata-se de uma linha de investigação (Soares, 2007) da saúde coletiva que parte do pressuposto de que embora os valores que os jovens adquirem, ou mesmo originalmente construam, tendam a perpassar as classes sociais assumindo uma dimensão totalizadora, própria do estágio atual do capitalismo, é possível que os matizes que eles assumem nas diferentes classes sociais, em embate com as condições materiais concretas dos processos de socialização dos jovens, resultem em diferentes modos de viver a juventude e encaminhem desfechos muito distintos quanto às trajetórias juvenis e ao consumo de psicoativos.

Compreende-se que o consumo de drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas, relativas ao entretenimento ou utilizadas como recursos para aliviar dor e sofrimento, tem se tornado uma questão muito emblemática da perversidade do capitalismo global sendo assim objeto de grande valia para trazer à tona a discussão sobre o sistema de valoração no cenário atual, principalmente no segmento juventude (Soares, 2007).

A contemporaneidade é aqui compreendida na perspectiva apontada por Wood (1999, p.19) quando refere o atual “*momento histórico dominado pelo capitalismo*” que penetra a totalidade da vida social. Diante do capitalismo “*a realidade é fragmentária*” assim como o conhecimento que dela se formula transformando “*tudo em mercadoria*” com finalidades “*de acumulação, maximização do lucro e competição*” o que “*satura toda ordem social*”. Buscar o entendimento dessa lógica capitalista requer também um “*conhecimento totalizante*” como o marxismo vem oferecendo.

Compreende-se dessa forma que a vivência das situações apresentadas pela contemporaneidade traz consequências para os jovens também no âmbito da definição de valores sociais. As transformações mais gerais na vida social produzem impactos significativos nas principais instituições ou agências de socialização, como a família, a escola, a mídia e o trabalho, através as quais se desenha a trajetória de formação social dos sujeitos, alicerçando valores que podem aproximá-lo ou aliená-lo de sua realidade social (Soares, 2007).

Nesse cenário interessa compreender as ideologias sobre juventude, que se constituem e se multiplicam e dificultam a formulação de crítica em relação ao que está em jogo no seu processo do “ser em transição” para a “vida adulta” e de suas possibilidades de serem protagonistas de suas histórias.

O estudo busca apoiar-se em compreensão da juventude como uma categoria social complexa e heterogênea, e crítica em relação a concepções cristalizadas e desconectadas das transformações sociais em curso.

Estudar os valores sociais através de referencial teórico crítico, como é o da saúde coletiva, considerando a juventude como categoria social, permitirá leitura das diferentes realidades em que vivem e se constituem os “jovens” na sociedade atual. Objetiva-se com o estudo analisar os valores sociais dos jovens escolares buscando apontar as particularidades dos contextos e a especificidade que os valores difundidos nos diferentes grupos sociais congregam.

2 Considerações teóricas: valores sociais

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: VALORES SOCIAIS

O que se pretende neste capítulo é discutir o referencial utilizado para compreender *valor*, a partir de postulados de Marx e de outros autores que utilizam a perspectiva histórica e dialética de construção do conhecimento. Essa discussão será útil para compreender e analisar as representações cotidianas dos jovens no contexto da sociedade capitalista, no cenário contemporâneo.

2.1 A COMPREENSÃO MARXISTA DE VALOR: O TRABALHO ALIENADO E O FETICHISMO DAS MERCADORIAS

Busca-se aqui retomar alguns escritos de Marx (1996) para situar a noção de *valor* no interior da teoria do autor. Essa incursão teórica, pois esta é a intenção de Marx, permitirá também situar o objeto de estudo no contexto do modo de produção capitalista.

Para Marx o *valor* significa o trabalho incorporado e transfigurado nas mercadorias sendo somente possível apreendê-lo pelo processo de abstração, o que requer esforço teórico, através do método dialético. No âmbito das relações sociais aquilo que é percebido imediatamente pelos sentidos e percepções é somente a aparência da mercadoria, ou seja, a sua expressão enquanto valor de troca e a sua relação com as necessidades sociais enquanto valor de uso. Assim o ser aparente das mercadorias esconde o seu real *valor*, que é o dispêndio de energia humana pelo trabalho, pois daí resulta o seu poder sobre o homem, a sua dimensão fetichista.

A mercadoria aparece enquanto algo que “satisfaz necessidades humanas de toda espécie” (Marx, 1996, p.165), porém o seu *valor* está escondido, não aparece como tal. O trabalho humano se torna valor embutido no ser das mercadorias, o trabalho capitalizado, alienado do seu criador, expropriado, tornado objeto do capital. O homem utiliza e troca o próprio trabalho valorizado no ser das mercadorias, sem o saber. A essência que o faz homem pelo trabalho está perdida do seu criador, expropriada, o

trabalho está alienado no sistema de produção. O produto do trabalho não pertence mais ao homem livre, mas ao homem submetido ao outro homem dono dos meios de produção.

Marx descreve várias formas de produção da alienação.

[...] O homem não só aliena parte de si mesmo na forma de Deus, como também aliena outros produtos de sua atividade espiritual na forma de filosofia, senso comum, arte, moral; aliena os produtos de sua atividade econômica na forma de mercadoria, do dinheiro, do capital; e aliena produtos de sua atividade social na forma de Estado, do direito, das instituições sociais. Há muitas formas nas quais o homem aliena de si mesmo os produtos de sua atividade e faz deles um mundo de objetos separado, independente e poderoso, com o qual se relaciona como um escravo, impotente e dependente. Mas o homem não só aliena de si mesmo seus próprios produtos, como também se aliena de si próprio da atividade mesma pela qual esses produtos são criados, da natureza na qual vive e dos outros homens. Todos esses tipos de alienação são, em última análise, a mesma coisa: são aspectos diferentes, ou formas, da alienação do homem, formas diferentes da alienação que se produz entre o homem e a sua “essência” ou sua “natureza” humana, entre o homem e sua humanidade (Bottomore, 2001, p. 6).

Ao mesmo tempo em que o homem se distancia de seu ser (essência pelo trabalho) as mercadorias *ganham vida*, se tornam *poderosas* enquanto coisas que trazem em si o trabalho humano objetivado, mas ao mesmo tempo não revelado enquanto tal. Nesse contexto os homens se relacionam entre si mediados pelas necessidades de consumo e de troca das diversas mercadorias produzidas. A propriedade das mercadorias se torna a razão do viver em sociedade marcando dessa forma os contornos da subjetividade, a partir da valorização do ter, do acúmulo, do ser aparente, da aparência das coisas.

As necessidades também se alienam ao processo da metamorfose do valor, determinadas pelo sistema de produção que tem por finalidade a realização da mercadoria pelo sistema de troca e consumo. As mercadorias têm como função a capitalização, a multiplicação do capital, a realização da exploração da mais-valia da classe trabalhadora.

No contexto contemporâneo observa-se cada vez mais a exacerbação de necessidades de consumo, sendo que o consumismo se torna a maior das necessidades. Assim o poder ou a liberdade de escolha estão diminuídos e

comprometidos, daí os imperativos: *tem que se acumular, tem que se comprar, tem que se consumir*. O oposto disso é vivido como um esvaziamento da subjetividade presa que está na coisificação do homem e na humanização das mercadorias.

Marx torna possível ainda a percepção do aspecto histórico e dialético da formação social do homem. Dessa forma ele observa que a consciência é limitada pela própria divisão social do trabalho e somente pode se revelar como consciência de classe - a classe que vive do trabalho e a classe que explora o trabalho.

Na perspectiva do proletariado, a classe trabalhadora pode formular uma consciência da situação de exploração e opressão que se reproduz socialmente e reagir às contradições do sistema. O mundo das mercadorias é o que reflete essa opressão e onde se manifestam as contradições. Ao mesmo tempo em que as mercadorias são produzidas pelo trabalho e disponibilizadas, concomitantes com a criação de novas necessidades de consumo, há diferentes condições de acesso.

Nesse sentido as relações do trabalho com o sistema de produção se configuram como eixos centrais para a compreensão do que é considerado *valor* em Marx. Pois o *valor* contido nas mercadorias é o próprio trabalho humano alienado no sistema de produção. No entanto as mercadorias aparecem enquanto objetos de valor de troca e uso não estando transparente essa relação com o trabalho. Assim o seu ser aparente nega e encobre o seu ser real, o seu ser valorizado pelo trabalho humano. A mercadoria representa algo que não é, revela valor pela aparência, no entanto o valor expresso que se liga ao sistema de necessidades já está determinado pelo sistema produtivo (o trabalho humano incorporado para finalidade de reprodução do capital).

Nesse contexto o mundo das mercadorias e todo sistema de imagens e de aparência que elas criam e recriam obscurece o real valor do trabalho humano. Produz-se uma inversão na qual o homem se distancia de suas potencialidades que ficam refletidas nos objetos criados. Conforme refere Marx processa-se uma inversão na relação entre o objeto criado e o criador. A tomada de uma consciência de classe dependeria de um movimento ao

contrário, de produzir um processo de des-inversão, restituindo ao homem o seu valor pelo trabalho.

[...] Uma vez posta à venda no processo de circulação, a situação se inverte: o objeto domina o produtor. O criador perde o controle sobre sua criação e o destino dele passa a depender do movimento das coisas, que assumem poderes enigmáticos. Enquanto as coisas são animizadas e personificadas, o produtor se coisifica. Os homens vivem, então, num mundo de mercadorias, um mundo de fetiches. Mas o fetichismo da mercadoria se prolonga e amplifica no fetichismo do capital [...]. O capital se encarna em coisas: instrumentos de produção criados pelo homem. Contudo, no processo de produção capitalista, não é o trabalhador que usa os instrumentos de produção. Ao contrário: os instrumentos de produção — convertidos em capital pela relação social da propriedade privada — é que usam o trabalhador. Dentro da fábrica, o trabalhador se torna um apêndice da máquina e se subordina aos movimentos dela, em obediência a uma finalidade — a do lucro — que lhe é alheia. O trabalho morto, acumulado no instrumento de produção, suga como um vampiro cada gota de sangue do trabalho vivo fornecido pela força de trabalho, também ela convertida em mercadoria, tão venal quanto qualquer outra (Marx, 1996, p. 34).

Daí porque a proposta de Marx é de mudança radical, ou seja, de transformação das relações sociais de produção, de des-posseção dos meios de produção por uma única classe, ou melhor, de abolição das classes, levada a cabo pela classe explorada e oprimida pelo trabalho, única capaz de formular a consciência necessária a tal transformação.

Para Marx a consciência é sempre limitada pelas condições objetivas da reprodução da vida social. Ela está de certo modo submetida ao modo de produção e à reprodução das relações sociais. As relações sociais estão permeadas pela necessidade da propriedade (tendo como maior representante o dinheiro) e dificilmente se tem consciência do quanto o homem está subjugado pelo poder das mercadorias - “As pessoas aqui só existem, reciprocamente, como representantes de mercadorias e, por isso, como possuidores de mercadorias” (Marx, 1996, p.210).

A alienação para Marx significa a passagem do *valor* que é próprio do trabalho humano para os objetos de sua criação (religião, ídolos, mercadoria, etc). A alienação no capital significa a coisificação do homem e a humanização da mercadoria. A consciência alienada é a impossibilidade

de percepção da condição de assujeitamento do homem aos seus produtos criados.

Assim, nessa formulação, a consciência dessa condição de alienação se configura como uma forma de relação social comprometida com a emancipação humana, porém não resulta necessariamente em transformação concreta desta realidade. Para Marx a mudança das formas de relação social somente é possível pela ação política dirigida para esse fim, ou seja, a práxis política. Pela práxis se constitui uma ação política que tem como objetivo final a transformação do modo de produção da vida social, que no caso do capitalismo significa a destruição da propriedade dos meios de produção, detidos pela classe exploradora do trabalho humano, e a transparência das relações sociais de produção. Assim somente pela práxis é possível visualizar uma mudança histórica orientada por uma utopia.

A perspectiva trazida por Marx na análise e desvendamento do modo de produção capitalista revela aspectos presentes na vida social e mais especificamente no sistema de relações e interações humanas. É preciso salientar que a utilização do método histórico-dialético permite compreender os fenômenos sociais em estreita interação entre si e com a totalidade da vida social, portanto como produtos histórico-sociais.

2.2 OS VALORES SOCIAIS NA PERSPECTIVA DA SAÚDE COLETIVA

Este estudo parte de um conjunto de formulações teóricas provenientes do campo da Saúde Coletiva, que procuram oferecer as bases de compreensão da relação entre as transformações do capitalismo atual, a construção e/ou exacerbação de valores correspondentes, os processos de socialização e o consumo de psicoativos por jovens (Soares, 2007; Soares, Campos, 2009).

O campo da Saúde Coletiva se fundamenta em perspectiva histórica e dialética como base teórico-metodológica da produção do conhecimento sobre a realidade social, que se assenta em campo interdisciplinar, cujas disciplinas básicas são a epidemiologia *crítica*, o planejamento e

administração em saúde e as ciências sociais de cunho marxista (Paim e Almeida Filho, 1998; Salum, Queiroz e Soares, 1999).

Toma-se como referência o valor como construção histórica e social e como tal sujeito a assumir significados distintos a depender da sociedade que o constitui ou transforma. Nessa formulação teórica, valores não são formulações estáticas ou imutáveis no espaço e no tempo. Com isso, não são apreensíveis enquanto constructos mentais universais ou sem conexão com a realidade social mais geral, condição que instaura algumas dificuldades metodológicas para a apreensão de valores em investigações científicas.

Os valores apresentam-se nesse referencial como formas de consciência e pensamento (representações da realidade social) constituídas no interjogo das relações sociais, atribuições que damos às coisas e à própria vida e que apreendemos e reproduzimos no cotidiano. Assim os valores retratam não somente as aspirações individuais, mas o que está em jogo enquanto formas de valorização social em um determinado contexto histórico-social.

Birman (2006a, p.60), da área da psicanálise, autor também da saúde coletiva que contribui com a discussão crítica da sociedade contemporânea, exemplifica de maneira muito adequada a referência à constituição de valores a partir da dinâmica da sociedade com um todo. Ele se refere às formas de mal-estar na modernidade com referência ao contexto brasileiro. Para o autor a subjetividade é concebida como “uma construção histórica, perpassada que é sempre por valores”. No cenário contemporâneo esta teria como marca o *desamparo* que num contexto de ausência do Estado e de políticas econômicas voltadas para o capital financeiro traz consequências alarmantes.

Os efeitos mais espetaculares disso são o gigantesco incremento da *violência*, da *criminalidade* e da *delinquência*. Essas caracterizam hoje o mal-estar da brasilidade, ocupando diariamente todas as manchetes de nossos jornais e revistas. São Paulo é considerada, hoje, a cidade mais perigosa do mundo, ultrapassando mesmo Bogotá, com sequestros quase diários, que já se naturalizam no seu cotidiano. Há constantes rebeliões em presídios, indicando de forma escandalosa a quebra total do sistema de segurança pública e social, efeitos marcantes que são do esvaziamento do Estado do bem-estar social e da minimização do Estado brasileiro promovidos pelo modelo neoliberal dominante (Birman, 2006a, p.74).

Nesse sentido, para estudar valores (sociais) é necessário compreender o modelo e o contexto histórico-social da sociedade em que vivemos. Birman (2006a, p.74) segue em sua análise do mal-estar atual e em particular da sociedade brasileira apontando o incremento cada vez maior da desigualdade na distribuição das condições para o que chama de “gozo próprio”, condição adquirida pelas características narcísicas pelas quais se constituiu a subjetividade contemporânea. Esse incremento estaria produzindo uma “proletarização das classes médias”.

[...] O querer gozar a qualquer custo, com os signos ofertados pelo corpo e pelo consumo, dissemina-se agora indiscriminadamente em todas as classes e segmentos sociais, diante da incapacidade das elites de redistribuir o gozo que acumularam. Como isso se mostra impossível, a violência, a criminalidade e a delinquência se constroem e se movimentam infinitamente como patologias sociais, diante das quais não existem soluções tangíveis. Por isso mesmo, tudo converge e se condensa simbolicamente na cena social brasileira na questão da segurança, pública ou privada, pouco importa (Birman, 2006a, p.75).

Estes postulados de Birman (2006a) contribuem para lançar compreensão de causas mais profundas para explicar problemas de maior impacto porque passa a sociedade brasileira nas últimas décadas. Assim contribui também para compreender as respostas sociais, as formas de resistência levadas à cabo pela população mais atingida para fazer frente às dificuldades presentes na vida social.

Porém, ao lado disso, o messianismo se dissemina largamente no imaginário social brasileiro. O desamparo, convertido agora em *desolação* e masoquismo, leva as subjetividades irresistivelmente para a busca frenética de quem os salve das misérias do mal-estar e que possa lhes oferecer alguma forma de proteção possível diante da ausência de um efetivo legislador. A *religiosidade* se desenvolve com tanta intensidade no Brasil de hoje em função dessa busca espiritual de proteção, diante da escandalosa incapacidade das instâncias terrenas de a promoverem minimamente (Birman, 2006a, p.75).

É possível dizer que há uma interação e mesmo uma certa confusão entre valores e norma. Cabe em primeiro lugar distinguir valores de normas. Síntese de Soares (2009a, p.62) mostra que enquanto os valores são da esfera da ética, as regras dizem respeito mais propriamente à moral. Valores são definidos culturalmente a partir dos diversos interesses dos grupos sociais existentes em um determinado tempo histórico e numa determinada

formação social, servindo de diretriz para direcionar nossas escolhas na vida social. Já as normas se referem às formas de regulamentação, que impõem regras para a vida em sociedade, “que definem e fixam os padrões de conduta, estabelecendo o que se considera conduta permitida ou proibida”.

Mudanças que ocorrem no âmbito dos valores sociais produzem modificações nas normas vigentes e vice-versa. Esse processo é contínuo e dinâmico sendo que se convive em muitos momentos históricos com normatizações que pressionam os sujeitos a assumirem determinadas condutas que não são coerentes com suas necessidades ou possibilidades. O conjunto de valores sociais está em permanente mudança exigindo constantes posicionamentos e formas de assimilação. Dessa forma para estudar valores sociais é necessário compreender a dinâmica da sociedade que os constituem para em seguida analisar como os sujeitos os assimilam e os transformam.

Nas sociedades modernas, os processos de socialização são cada vez mais complexos porque têm a função de preparar os adolescentes para enfrentar decisões também cada vez mais amplas, relativas aos diferentes papéis sociais que eles devem assumir no mundo adulto – relacionadas à profissão, à constituição da família, à participação social, entre outras. E é nas agências de socialização que nossa socialização vai se processando ao longo da vida (Soares, 2009a, p.63).

Para o sociólogo Viana (2007a) o valor está impresso nos objetos que no capitalismo se transformam em mercadoria.

[...] todo objeto é um objeto-valor e “a produção de objetos, em nossa sociedade é uma produção capitalista de mercadorias”. Ainda “o valor de uso de uma mercadoria revela sua utilidade no seu uso”, “o seu valor de troca no seu preço” e “o seu valor cultural no próprio fato de ser uma mercadoria” (Viana, 2007a, p.67).

Viana (2007a) desenvolve a perspectiva dos valores sociais tendo como âncora o referencial marxista, os valores podem se referir à reprodução de um padrão social dominante (axiologia).

Um padrão é, de certa forma, uma configuração, uma forma. Um padrão dominante é aquele que possui uma supremacia sobre outros padrões. Um padrão dominante de valores é, então, um padrão de valores que possui supremacia sobre outros padrões de valores. Uma configuração é uma determinada forma que assume os valores dominantes, que são os valores da classe dominante. Os valores dominantes podem

assumir diferentes configurações mas conservam sempre os valores fundamentais correspondentes aos interesses da classe dominante. É por isso que a axiologia é uma *determinada* configuração dos valores dominantes [...] (Viana, 2007a, p.33).

No capitalismo os valores dominantes são formulações que “correspondem aos interesses da classe dominante e, portanto, servem para regularizar as relações sociais” (Viana, 2007a, p.34). No entanto, em razão da luta de classes também são constituídos um conjunto de valores pelas classes exploradas e grupos oprimidos que visam à emancipação do homem das formas de exploração e dominação social (axionomia).

Classes sociais e grupos oprimidos, em compensação, podem desenvolver outros valores, muitas vezes antagônicos aos dominantes, ou combinar os valores dominantes com valores marginais, criando um conflito de valores. Existem, além deste conjunto de valores que são dominantes, valores divergentes, que podem ser autênticos [...] (Viana, 2007a, p. 35).

Compreende-se que essa breve discussão possibilita situar os valores sociais no marco teórico da saúde coletiva.

***3 A construção social da juventude e
as concepções mais difundidas no
cenário contemporâneo:
procurando uma leitura mais
próxima da realidade***

3 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA JUVENTUDE E AS CONCEPÇÕES MAIS DIFUNDIDAS NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO: PROCURANDO UMA LEITURA MAIS PRÓXIMA DA REALIDADE

3.1 JUVENTUDE NA PERSPECTIVA HISTÓRICA E SOCIAL

A juventude é uma categoria histórica e social, ou seja, ela emerge a partir da sociedade que a concebe com finalidades afeitas às necessidades e interesses de responder a determinadas questões humanas. Dizer que é uma categoria social significa firmar uma posição teórica que a distingue de algo natural ou restrito a noção de grupo etário, para situá-la em relação indissociável e dialética com a sociedade que a constitui. Ao tempo em que a sociedade define e instaura estatutos para regular as relações sociais o jovem reage e constitui formas de resistência. Assim refere o sociólogo Groppo (2004) sobre essas relações sociais estabelecidas com a juventude.

A juventude trata-se de uma categoria social usada para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres. É uma categoria que opera tanto no âmbito do imaginário social, quanto é um dos elementos “estruturante” das redes de sociabilidade. De modo análogo à estruturação da sociedade em classes, a modernização também criou grupos etários homogêneos, categorias etárias que orientam o comportamento social, entre elas, a juventude (Groppo, 2004, p.11).

Segundo Groppo (2000) a concepção de juventude mais fortemente presente na sociedade contemporânea tem sua origem no século XIX, advinda da cultura e da sociedade ocidental e marcada pela perspectiva evolucionista do ser humano e do mundo.

Ou seja, uma concepção em que o ser humano é pensado como um indivíduo que, biológica, mental e socialmente, evolui da fase infantil à fase adulta, sendo a juventude uma fase intermediária (Groppo, 2000, p.271).

Nesse contexto foram as ciências médicas e a psicologia que se apropriaram dos conceitos e formas de explicar a juventude como fase. Nessa forma de compreender a juventude, é o desenvolvimento biológico e psicológico que determina um período de transição e evolução para um suposto momento de maturação plena sendo que outras áreas do

conhecimento foram se apropriando desse saber, dentre elas a psicanálise, a pedagogia e a sociologia.

Logo, através da psicologia e da psicanálise, essa marcação se deu também em relação à personalidade, na descrição das mudanças que tornam a criança um indivíduo com mente e personalidade de adulto. Em continuidade, outras ciências e saberes se dedicaram ao estudo e pesquisa sobre o tal período definidor do indivíduo adulto. A pedagogia, fundamentando-se nas ciências já citadas, identificou a fase juvenil como período final do ensino, devotando, por exemplo, questões relacionadas à profissionalização. Já a sociologia de cunho “funcionalista” chama a juventude de período de socialização secundária, completando, através de instituições especiais, como a escola ou agências oficiais, a socialização primária realizada pela família (Grosso, 2000, p.272).

Para Grosso (2000) a perspectiva evolucionista do curso da vida e a delimitação etária respondem às necessidades das sociedades modernas de

estabelecerem um critério geral, objetivo e científico para a aplicação universalista do direito civil, criminal e eleitoral, para as ações do Estado ou de outras instâncias na criação do mundo escolar e das instituições disciplinares, para o estabelecimento de um mercado de trabalho fundado no indivíduo livre e não mais na contratação da família (como ocorria no mundo ocidental pré-moderno) Grosso (2000, p.276).

Vale sintetizar como a sociedade foi historicamente engendrando as chamadas etapas da vida a partir das necessidades de produção e consumo. Guita Grin Debert (2010), da antropologia se refere a três etapas sucessivas que, na sua opinião, teriam marcado as mudanças no curso da vida nas sociedades contemporâneas.

[...] a pré-modernidade, em que a idade cronológica é menos relevante do que o *status* da família na determinação do grau de maturidade e do controle de recursos de poder; a modernidade, que teria correspondido a uma cronologização da vida; e a pós-modernidade, que operaria uma desconstrução do curso da vida em nome de um estilo unietário (Debert, 2010, p.57-8).

Dessa forma o autor situa como foi se processando historicamente a noção de infância com a concomitante distinção do mundo adulto.

Quando se discutem as idades na pré-modernidade, geralmente as referências são as obras de Ariès (1991) e Elias (1990). Em seu estudo sobre a infância Ariès (1991) mostrou como essa categoria foi sendo construída a partir do século XIII, ampliando a distância que separava as crianças dos adultos. Na França medieval, as crianças não eram separadas do mundo adulto; a partir do momento em que sua capacidade física

permitisse e em idade relativamente prematura, participavam integralmente do mundo do trabalho e da vida social. A noção de infância desenvolveu-se lentamente ao longo dos séculos e só gradualmente essa fase passou a ser tratada de uma forma específica. Roupas e maneiras adequadas, jogos, brincadeiras e outras atividades passaram a distinguir a criança do adulto. Instituições específicas, como as escolas, foram criadas e encarregadas de atender a população infantil e prepará-la para a idade adulta (Debert, 2010, p.58).

Ainda segundo Debert (2010, 58-9) a institucionalização do curso da vida foi envolvendo as demais dimensões da vida social, como a familiar, a educacional, o trabalho, a organização do sistema produtivo, o mercado de consumo e as políticas públicas, que foram se modelando de acordo com grupos etários específicos. No entanto essa forma de encaminhar e explicar o curso da vida tem se mostrado insuficiente para explicar as variações que as instituições tem sofrido historicamente. O autor aponta tendências de mudança importantes na atualidade por referência ao processo de cronologização da vida. As justificativas se ancoram nas “mudanças ocorridas no processo produtivo, no domínio da família e na configuração das unidades domésticas” (Debert, 2010, p.59). Para citar algumas mudanças no âmbito da família Debert (2010) refere que

[...] desenvolvimentos recentes na distribuição de eventos demográficos como casamentos, maternidade, divórcios e tipos de unidade doméstica apontariam uma sociedade em que a idade cronológica é irrelevante: mais do que mudanças de uma forma para outra, teríamos uma variedade nas idades do casamento, do nascimento dos filhos e nas diferenças de idades entre pais e filhos. As obrigações familiares tenderiam a se desligar da idade cronológica. A mesma geração, em termos de parentesco, apresenta uma variedade cada vez maior em relação à idade cronológica (mães pela primeira vez aos 16 e aos 45 anos), e gerações sucessivas, do ponto de vista da família, pertencem ao mesmo grupo de idade como, por exemplo, mães e avós na mesma faixa etária (Debert, 2010, p.60).

Ainda a perspectiva de cronologia da vida serve como mecanismo de controle por parte das políticas públicas e do Estado.

[...] as idades são mecanismos poderosos e eficientes [...] na definição de direitos e deveres e na constituição de atores políticos, sobretudo porque têm independência e neutralidade na relação com os estágios de maturidade física e mental. Tratar das idades cronológicas é reconhecer que elas ainda são um elemento fundamental na tarefa do Estado moderno, tão bem caracterizada por Michel Foucault, de regulação do corpo

social com a produção de categorias de classificação e hierarquização das populações. (Debert, 2010, p.62).

Também as tendências de expansão do mercado de consumo em difundir novos comportamentos e estilos de vida tem o seu papel nas transformações das concepções de faixa etária já que a juventude vem se tornando um valor não pelo critério etário, mas pelo que as pessoas assimilam enquanto formas juvenis de ser e se comportar.

[...] A promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo. [...] O rejuvenescimento é um mercado de consumo no qual o envelhecimento tende a ser visto como consequência do descuido pessoal, da falta de envolvimento em atividades motivadoras, da adoção de formas de consumo e estilos de vida inadequados. A oferta constante de oportunidades para a renovação do corpo, das identidades e autoimagens encobre os problemas próprios do avanço da idade (Debert, 2010, p.66).

No campo da saúde buscou-se aprimorar a perspectiva biológica a partir da divisão do período etário entre adolescência e juventude, mas que não obstante continuaram sendo conceituadas como fases universalizadas que estariam circunscritas ao desenvolvimento físico desde a puberdade até o desenvolvimento completo do corpo fixando faixas etárias intermediárias de maturidade biológica (Soares, 2009b, p.8). Da mesma forma a psicologia e a psicanálise incorporaram “elementos de caráter emocional para compreender uma certa crise que as transformações físicas e afetivas provocaria nessa fase da vida” (Soares, 2009b, p.9).

Segundo interpretação de Soares (2009b) por referência à obra de Ariès, foi a partir do século XX que a adolescência passou a ser uma preocupação social estando associada ao desenvolvimento do processo de industrialização capitalista com vistas a constituir novas formas de capacitação técnica e preparo qualificado para o trabalho.

A partir de estudos de historiadores e sociólogos críticos, é possível afirmar então que a constituição da adolescência se estabeleceu diante de uma contradição, sendo ao mesmo tempo produto e foco de questionamento da sociedade de mercado. Porém, à medida que formaram um grupo, os adolescentes passaram a desenvolver interesses comuns, provocando inquietações em uma juventude que passou a perceber as incongruências do mundo adulto, expressando-as em movimentos de desacordo com ele. Parece ser esse o mecanismo que deu visibilidade a juventude como uma categoria social na sociedade moderna (Soares, 2009b, p.12)

A diferenciação da juventude como um período de passagem e preparação para o mundo adulto se manteve, segundo Groppo (2000, p.286) quase que intacta até meados do século XX com a proliferação de subculturas e estilos de vida próprios ou contrapostos à vida adulta.

No campo da sociologia, Groppo (2010) assinala dois modelos explicativos principais que se propuseram a analisar a juventude e a chamada rebeldia juvenil que caracterizam a era moderna: o modelo funcionalista e o modelo da moratória social.

O primeiro, o funcionalista, assentava-se no paradigma da integração social e em categorias explicativas como função e disfunção social. Neste, as rebeldias juvenis eram (e são) tidas como «disfunções», sendo a rebeldia mais característica a «delinquência». O segundo, o modelo da moratória social, assentava-se em paradigmas reformistas e desenvolvimentistas de transformação social, com forte tendência de considerar as rebeldias juvenis como um impulso à transformação social e tomando como rebeldia mais marcante o «radicalismo» (Groppo, 2010, p. 13).

Soares (2011) situa a assimilação do modelo funcionalista no campo da saúde pública, que também adota a perspectiva biomédica, filiada que encontra-se ao mesmo modelo explicativo das doenças.

A visão de mundo positivista – que sustenta o campo da saúde pública – recorta o objeto da adolescência pelo fenômeno da puberdade e pressupõe a universalidade dessa condição que se estende até o desenvolvimento completo do corpo: adotam-se limites etários fixos e estabelecem-se diferenças entre homens e mulheres. Nesse sentido, além das mudanças físicas, idade e sexo assumiriam o papel de categorias biologicamente funcionais, resultando um conceito de adolescência cristalizado, que se propõe a explicar a natureza funcional do organismo a partir de leis e regularidades de algumas categorias biológicas que seguem naturalizadas (Soares, 2011, p.364-5).

No caso do modelo da moratória social cabe trazer a definição do sociólogo Margulis (2001) para em seguida referir algumas discussões em torno dessa proposição.

A noção de “moratória social” alude um prazo concedido a certa classe de jovens, que lhes permite gozar de uma menor exigência enquanto completam sua instrução e alcançam sua maturidade social e econômica. É um período de permissividade, uma espécie de estado de graça, uma etapa de relativa indulgência, em que não lhes são aplicadas com todo o rigor as pressões e exigências que pesam sobre as pessoas adultas. [...] A moratória tem a ver com a necessidade de

ampliar o período de aprendizagem, e por decorrência se refere à condição de estudante [...] remete, sobretudo, às classes médias e altas cujos filhos, em proporção crescente, se foram incorporando a estudos universitários, incluindo em épocas mais recentes a demanda de estudos de pós-graduação, cada vez mais prolongados (Margulis, 2001, p.43).

A definição acima revela que o conceito de moratória social se restringe a classes com padrões mais estáveis de reprodução social, situação que permitiria ao jovem desfrutar de um período de maior segurança e estabilidade enquanto estuda para seguir sem problemas o trajeto de preparação para uma condição de independência. Por outro lado, jovens oriundos de classes com padrões menos estáveis de reprodução social se deparam com a exigência de ingresso precoce no mercado de trabalho, para sustento próprio e para contribuir com a renda familiar. Trata-se portanto de um conceito restrito.

Dessa forma, é preciso colocar em pauta as transformações porque vem passando o conceito de juventude e concomitante as instituições às quais se ligam o conceito de moratória social para dar um contorno mais amplo a esta discussão, mesmo quando se trata de jovens oriundos de classes com padrões mais estáveis de reprodução social. Num primeiro momento se abordará as mudanças que tem ocorrido em relação à família e o trabalho.

Para Birman (2006b, p.26) está ocorrendo na atualidade um início cada vez mais precoce da adolescência ao tempo em que há um alongamento da mesma que adentra os limites que estavam postos para a idade adulta. Há contornos distintos para as famílias de classes populares e famílias de classes médias e das elites.

Assim, as classes populares são arrancadas, há muito tempo, de sua condição infantil muito precocemente, premidas que são pelo imperativo da sobrevivência. As crianças frequentam pouco a escola e quando o fazem são obrigadas a trabalhar de alguma forma, para colaborar na renda familiar [...]. Lançadas muito cedo na brutal experiência social, estas crianças são obrigadas a ser jovens e mesmo adultos muito cedo, convivendo precocemente com coisas terríveis e mesmo quase impossíveis, para as suas idades biológicas. No que tange às crianças das classes médias e das elites, a família e a escola, como referências institucionais regulares, estão efetivamente presentes [...] Porém, a adolescência começa mais cedo do que outrora e se prolonga também pela idade adulta, de maneira a se tornar hoje bem mais longa do que há décadas (Birman, 2006b, p. 25-6).

Birman (2006b, p.32) refere que no início da década de 1960, no Brasil, o período chamado de adolescência começava bem mais tarde do que ocorre nos dias atuais e terminava também mais cedo, o que caracterizava uma infância com duração mais longa. Ao que correspondia uma maior presença da família como base primeira de socialização. Dentre os apontamentos do autor que justificariam essas mudanças estão a multiplicidade de novas exigências postas para as crianças em relação à educação e ao aprendizado, enfatizando a rivalidade entre os pares e produzindo um esvaziamento das relações de afeto e da solidariedade. Essas mudanças se justificam também em razão das novas conformações familiares pela diminuição de filhos e por maior ausência dos pais resultando em maior solidão, preenchida “pela presença avassaladora de jogos eletrônicos” e pela “televisão, de forma que a criança convive ativamente com personagens virtuais, o que perturba mais ainda a sua já precária experiência de alteridade”.

Em relação aos jovens ocorreram neste período diversos movimentos políticos que possibilitaram, segundo Birman (2006b, p. 34-5), romper mais precocemente com a dependência que tinham em relação aos seus pais com tendência a se lançarem para experiências de risco e rebeldia, culminando na independência dos mesmos. Também em razão do dinamismo da economia brasileira encontraram maiores possibilidades de ingresso no mercado de trabalho.

A isso se seguiram, ainda na década de 1960, importantes movimentos, tais como a revolução feminista e sexual, produzindo transformações significativas nas delimitações em relação aos direitos sociais e papéis que estavam postos para o homem e a mulher e consequentemente na ordem familiar vigente. Incluem-se aí: a relação da mulher com a maternidade, com os afazeres domésticos e com o mundo do trabalho. É nesse contexto de mudanças que Birman (2006b, p.36-7) situa as novas conformações familiares e as repercussões para o processo de socialização das crianças e dos adolescentes.

Além disso, como as mães se distanciaram mais da ordem familiar, em busca que foram de seus projetos existenciais E2es, sem serem substituídas na sua relativa ausência pela maior presença dos pais, as crianças e os adolescentes

receberam aqui um golpe importante que não pode ser absolutamente subestimado. A economia de cuidados foi então afetada de forma significativa, incidindo inequivocamente nas novas formas de subjetivação da juventude (Birman, 2006b, p.36-7).

Este vácuo de investimentos produzido pelas mudanças nas relações familiares tem como efeito maior, segundo Birman (2006b, p.38), a fragilização e a infantilização psíquica das crianças e jovens.

Assim, privados psiquicamente da maior presença dos pais na cena familiar, protegidos e ilhados que são pela disseminação da violência urbana, sem poder adquirir instrumentos psíquicos de ir e vir pela falta de domínio do espaço público, a juventude se inscreve num cenário paradoxal. Com efeito, afetivamente privados e fragilizados pelo excesso de proteção, os jovens não podem aprender a se virar. Em decorrência disso, a infantilização de sua condição se prolonga, de forma que a adolescência se arrasta para além dos limites desejáveis e invade a idade adulta, de maneira que estas duas fases da existência tendem a se confundir e a se superpor (Birman, 2006b, p.39).

A situação se torna mais preocupante com a crise no mundo do trabalho agravada nas últimas décadas dificultando ainda mais a perspectiva de ingresso no mercado de trabalho para os jovens, postergando ou até inviabilizando a saída da situação de dependência dos pais, à qual Birman (2006b, p.39) denomina como “dramática e real, ao mesmo tempo”.

[...] Configura-se aqui também uma situação nova, pois se os jovens, por um lado, buscam prolongar os estudos para ter melhores condições de disputa no mercado de trabalho, por outro, buscam também trabalhar em pequenos empregos, geralmente mal remunerados, para possibilitar sobrevivência e saírem então de casa. Por este viés, também a fragilização e a infantilização dos jovens se incrementam ainda mais (Birman, 2006b, p.40).

Apesar de impactar a juventude de modo geral, essas mudanças vão assumir, segundo o autor, contornos distintos nas classes médias e nas elites.

[...] Enquanto as primeiras param de investir nos estudos pela falta de perspectiva oferecida pelo mercado de trabalho, com efeito, as segundas tendem a prolongar seus estudos, no Brasil e no exterior, para ter melhor condição de disputa no mercado de trabalho. Quando às primeiras, é preciso evocar o alto nível de abandono dos estudos universitários, não obstante o crescimento vertiginoso de cursos universitários privados, para as classes médias baixas, nos últimos anos [...]. Tudo isso conflui, no campo das elites e das classes médias altas, para uma condição paradoxal da juventude. Permanecem na casa dos pais, protegidos então por estes, mas querendo levar uma

existência de adultos. Passam a viver assim quase que maritalmente com seus namorados e namoradas, na casa dos pais. Com isso, a confusão geracional se institui também aqui, pela indiscriminação entre jovens e adultos, isto é, entre filhos e pais. Quem são eles afinal de contas? Adultos ou crianças? Adolescentes protegidos ou adultos? O quadro que aqui se configura é eminentemente esfumado e borrado, com fronteiras e confins mal delineados (Birman, 2006b, p.40).

A psicóloga Silvia Losacco (2010) também discute as mudanças que vem ocorrendo na família como reprodutora das dinâmicas sócio-históricas no cenário atual. Para a autora a família estaria vivendo um processo de enfraquecimento de sua coesão anterior com modificações importantes em sua configuração.

Na atualidade, a família deixa de ser aquela constituída unicamente por casamento formal. Hoje, diversifica-se e abrange as unidades familiares formadas seja pelo casamento civil ou religioso, seja pela união estável; seja grupos formados por qualquer um dos pais ou ascendentes e seus filhos, netos ou sobrinhos, seja por mãe solteira, seja pela união de homossexuais (mesmo que ainda não reconhecida por lei). Acaba assim, qualquer discriminação relacionada à estrutura das famílias e se estabelece a igualdade entre filhos legítimos, naturais ou adotivos (Losacco, 2010, p.64).

Para a autora o prolongamento da juventude advém das “exigências postas no mundo do trabalho” que requer maior e melhor qualificação profissional que implica uma escolaridade mais especializada e extensa, o que somente seria viável para uma pequena parcela da população brasileira. Aos jovens oriundos de classes mais favorecidas economicamente seria possibilitado um período maior de dependência dos pais e dedicação aos estudos o que geralmente resulta em impedimentos para aquisição de autonomia. Aos jovens oriundos de classes menos favorecidas economicamente a entrada para o mundo do trabalho se daria de forma precoce ficando mais fragilizado para se tornar mão-de-obra explorada, com baixos salários e jornadas duplas de trabalho (Losacco, 2010, p.71-2).

Outro aspecto importante para a conformação da situação das várias juventudes na atualidade, refere-se às mudanças na ordem familiar que dizem respeito à sustentabilidade econômica. Da área da economia, Ladislau Dowbor (2010) discute a mudança nos padrões de distribuição interna da família. Antes membros da família que estariam na idade produtiva

garantiriam uma redistribuição interna entre os que não produziam e que necessitam desse excedente para sobreviver (Dowbor, 2010, p.293). A família estaria deixando de assegurar a sustentabilidade dos membros não produtores.

O que está acontecendo é que a família está deixando de assegurar essa ponte entre produtores e não produtores. A família ampla, na qual se misturavam avôs, tios, primos, irmãos, essa praticamente desapareceu, ainda que sobreviva em regiões rurais [...] (Dowbor, 2010, p.294).

Também o autor observa a tendência da família nuclear, economicamente rentável, composta por mãe, pai e um casal de filhos, inventada no capitalismo moderno, de se desarticular.

A tendência mais recente é a desarticulação da própria família nuclear. Nos Estados Unidos, apenas 26% dos domicílios têm pai, mãe e filhos; na Suécia, seriam 23%. Hoje, contam-se nos dedos os amigos que não estão divorciados. Mesmo quando estão juntos, pai e mãe trabalham, os filhos estão na escola (quando está tudo em ordem), e a vida familiar resume-se frequentemente a uma pequena roda cansada olhando para as bobagens da televisão no fim da noite (Dowbor, 2010, p.294).

Segundo o autor, com as necessidades cada vez maiores, colocadas discursivamente pelo mercado de trabalho, de aquisição de conhecimento e preparo mais qualificado para ingresso no mundo do trabalho “a fase dependente no início da vida tende a se estender cada vez mais”. Já que a família vai deixando de atuar como instituição que “assegurava a redistribuição do excedente entre gerações” se torna “absolutamente indispensável a presença de mecanismos de redistribuição de renda” para suprir tal papel (Dowbor, 2010, p.295). Esse processo vai impactar, além de outras dinâmicas sociais, a da reprodução social.

No conjunto, portanto, enquanto as fases não remuneradas das nossas vidas se expandem a família perde o seu papel redistribuidor, as comunidades perdem o seu caráter de solidariedade, o Estado abandona o seu papel de provedor e o setor privado abocanha os recursos e os direciona para as elites, agravando a situação do conjunto. Geram-se, assim, imensas tensões na reprodução social, tensões acompanhadas de desespero e impotência, porque sentidas como dramas individuais, de crianças e jovens sem rumos, de idosos reduzidos a uma mendicância humilhante, de um clima geral de vale-tudo social [...] (Dowbor, 2010, p.296-7).

A visão que Dowbor (2010, p.306) esboça é que as transformações porque vem passando a família na sua dinâmica econômica “pertence a um conjunto de mudanças mais amplas”, que incluem desarticulação social e mal-estar que se generaliza.

[...] A verdade é que a vida reduzida a uma corrida individual pelo sucesso econômico, com a ilusão de que tendo sucesso e, portanto, dinheiro, compraremos o resto, essa é uma absurda ilusão que nos levou à civilização de guetos de riqueza e miséria que hoje vivemos [...]. Não é a família que está doente: é o processo de reprodução social e econômico que se tornou absurdo, levando-a de roldão (Dowbor, 2010, p.309, 313).

Cabe aqui retomar a discussão sobre a moratória social já que com as transformações nas formas de conceber a família e as novas conformações no mundo de trabalho a perspectiva de um período de garantias de proteção e de maior preparo para inserção no mercado de trabalho também se torna questionável. Se por um lado a moratória não faz sentido para os jovens oriundos de famílias de classes baixas por outro pode remeter aos paradoxos apontados por Birman (2006b) para os jovens de classe médias altas e as elites.

Esse impasse remete às limitações das concepções dominantes de juventude quando elegem critérios biológicos, psicológicos e de faixa etária como formas naturais e de transição em direção à vida adulta.

As concepções dominantes sobre juventude refletem as ideologias científicas difundidas pelos meios de comunicação de massa e são legitimadas pelo Estado através da legislação e das políticas públicas (Viana, 2004). Estas recortam os jovens como sujeitos em processo de maturação biológica e psicológica situados em certa faixa etária os quais se encontram em uma fase de transição para o “mundo adulto” que coincide com “maturidade bio-psíquica”.

Segundo Viana (2004) estas concepções acabam por naturalizar os grupos etários a partir de uma concepção normativa do “adulto-padrão”. Através da divisão etária da sociedade o Estado regula as formas em que se dará a socialização do jovem definindo as relações com as principais agências de socialização (família, escola, mídia, trabalho). Cabe aos jovens

acatar as condições de socialização que lhe são oferecidas através da harmonização e adaptação ou constituir diversas formas de resistência.

Quem não se enquadra nestas concepções normativas sofre de atraso no desenvolvimento psíquico ou de fixação na fase adolescente. Assim, tais ideologias científicas naturalizam os grupos etários a partir de uma concepção normativa do “adulto-padrão”, isto é, do indivíduo integrado na sociedade capitalista, sendo expressão dos seus valores (Viana, 2004, p. 35).

Para Viana (2004, p.28) não basta situar a juventude como uma categoria social, é preciso “compreender como a sociedade capitalista engendra a juventude e por qual motivo”. Dessa forma o autor situa a “perspectiva da complexidade da divisão social do trabalho como base central dos processos de socialização dos jovens”. Adentrar o mundo adulto no contexto da sociedade capitalista significa um momento de decisão profissional e preparação para inserção no mercado de trabalho. Esse processo ocorre de forma desigual e em idades diferentes a depender das diferentes condições de reprodução social dos jovens, “pois o trabalho começa mais cedo para quem é proveniente das classes exploradas” (Viana, 2004, p.32), assim como outras responsabilidades sociais. Nesse contexto de passagem para a “vida adulta”, marcada pela socialização, a escola se apresenta como instituição fundamental para preparação da força de trabalho para inserção no mercado de trabalho.

Conforme Sennett (2006) , a perspectiva profissional dos jovens passou a ser composta pelas ocupações relacionadas aos setores mais avançados da economia. Soares (2009a), na síntese que faz dos ensinamentos de Sennett , discute como no capitalismo contemporâneo, o trabalho perdeu o prestígio moral que exibia anteriormente de tal forma que para o jovem, a referência do modelo voltado para o presente implica em valorizar as oportunidades imediatas em detrimento da construção continuada, da carreira.

[...] pode-se dizer que as ocupações em destaque, as que são atualmente procuradas pelos jovens, são aquelas encarregadas de agregar valor de compra e venda às mercadorias, que, a despeito de terem a mesma utilidade, tornam-se mais caras conforme a marca e a capacidade de veiculação midiática. Veja-se por exemplo a variabilidade dos preços de jeans no mercado atual. Assim, os valores desejáveis às ocupações são qualificados como: valor de mercado, tecnologia, patente, design e griffe (Soares, 2009a, p. 72).

No entanto esse processo é dialético, pois a juventude não fica passiva às pressões pelas quais está exposta e manifesta de diversas formas a sua inquietude e descontentamento. Viana (2004) argumenta que o jovem tende a querer criar a sua própria identidade, individual e grupal, sendo as várias formas de contestação uma reação ao seu “estatuto social”.

A juventude contesta as relações sociais vigentes sob inúmeras formas, individuais e coletivas, indo desde a apatia (contestação passiva), passando por uniões em gangues, grupos, etc. até a ação política revolucionária, embora também possa agir de forma conservadora (Viana, 2004, p. 46).

Ao tempo em que contesta o seu estatuto social e anseia por maior liberdade e autonomia, o jovem também se beneficia dessa situação de suposta segurança de um período de passagem (seja pelo critério de idade ou de maturidade bio-psíquica), de responsabilidade limitada, de estar em formação. Assim defende a repressão e se beneficia da infração às regras, se percebe imaturo para tomar determinadas decisões e capaz para outras.

A formação da identidade, bem como de novos valores, está relacionado com esta situação social. É neste período que o indivíduo deve tomar inúmeras decisões e deve abandonar a segurança anterior para desenvolver uma maior autonomia. Mas esta autonomia não é completa e continua restrita, sendo uma ampliação da anterior, mas sem grandes saltos. Aqui podemos compreender uma das características mais importantes da juventude, a ambiguidade diante da própria autonomia. A luta pela autonomia e por uma maior liberdade é reconhecida por inúmeros pesquisadores, bem como a resistência a este mesmo processos (Viana, 2004, p.42-3).

No campo da saúde coletiva a juventude, categoria em que se inclui o conceito de adolescência, passa a ser compreendida como uma categoria social “que vai emergindo a partir das contradições inerentes à organização e ao funcionamento do modo de produção” (Soares, 2011, p.372).

[...] A juventude torna-se uma categoria social porque sua expressão não se circunscreve a um certo grupo de jovens. Para a saúde coletiva juventude pode ser conceituada como uma categoria que deposita na vida social um sujeito histórico capaz de oferecer respostas coletivas diferentes daquelas formatadas pelos padrões dominantes.

Soares (2006) reflete sobre as diferentes trajetórias sociais que marcam determinados sujeitos e grupos, o que remete a considerar questões que estão relacionadas a formas de socialização em contextos específicos. Trata-

se de avaliar como o percurso histórico de determinados grupos sociais marca o processo de socialização ou a constituição de identidades, como este se conforma, e se seria possível revertê-los. O autor descreve como exemplo uma cena observada que certamente pode ser estendida para pensar outras realidades e possibilidades de socialização.

[...] Os meninos e as meninas brincam de “boca de fumo”, de mercado de drogas, primeiro manipulando, criando as armas e as drogas. As armas são feitas de papel, papelão e pedaços de pau, e as drogas são mimetizadas com pedaços de grama ou terra, que são envolvidos em papel. As crianças fazem exatamente como acontece no mercado de drogas; a cocaína é embrulhada de uma certa maneira, o pacotinho de maconha se faz de uma certa forma, e todo o processo de trabalho é reencenado pelos meninos, com a grama, a terra, os papeizinhos, os papelotes, numa linha de montagem que replica exatamente o que se verifica no tráfico. Depois, eles e elas, armados, se organizam e se submetem a uma certa disciplina. As funções são todas bem precisas – o aviãozinho, o vapor, o falcão, o gerente, todos estão ali identificados, e o mais poderoso de todos é o chefe. As meninas cumprem papéis, digamos, marginais, elas não estão no centro das operações. Há uma reprodução exata do modelo real, e as crianças repetem a linguagem também usual. Em certo momento, um menino é pego pelos outros, “você é X-9, você é vacilão e vai pra vala”. O acusado mimetiza a resistência. “Não, não é verdade, eu não fiz nada”. E todos imediatamente o levam para um espaço, um buraco que já fora reservado para esse fim, colocam-no lá e disparam suas armas de brinquedo sobre o menino, que finge morrer. É quando todos se saúdam e repetem: “É isso que acontece com X-9, é isso mesmo, é vacilão, tem que morrer” etc (Soares, 2006, p.130).

A cena descrita remete à complexidade e às diferentes realidades dos processos de socialização na sociedade atual, o que não é explicado pelas formas dominantes de compreender e se relacionar com os ciclos da vida. Para além da perspectiva de transição de uma condição ou fase à outra, estão em jogo as transformações mais gerais por que vem passando a sociedade. Estas geram diferentes processos de interação, a partir de contextos distintos.

3.2 JUVENTUDE E CONSUMO

Nos processos de socialização e pressionados pelas novas necessidades que se naturalizam no contexto contemporâneo a juventude também se torna

[...] alvo da publicidade da sociedade de consumo que busca criar modas, comportamentos, estilos, ideias, concepções, etc., visando torná-la um mercado consumidor específico, ativo e em expansão [...]. O consumo alimentar, de bebidas alcoólicas, cigarros, revistas, CDs, etc. (Viana, 2004, p.36).

A publicidade e seus mecanismos de produção publicitária foi estudada por Santos (1992) no que tange à representação de “juventude”. A pesquisa de mestrado em antropologia social apontou que as representações construídas pela publicidade sobre “juventude” perspectivam a difusão de imagens que relacionam necessidade de se sentir jovem com o consumo e aquisição de determinadas mercadorias. Assim é difundida a ideologia da “juvenilidade” como um valor independente da idade em que o sujeito se encontra, ampliando dessa forma a potencialidade do mercado consumidor dos objetos e coisas da “juventude”.

O significado final do conjunto de textos e imagens é a afirmação de que o “sentir-se jovem” é o que efetivamente transforma a personagem Virgínia Fauldnar em uma consumidora em potencial. Não basta afirmar as potencialidades de consumo do público “idoso”: é necessário relacionar estas potencialidades com os signos (ursurpados) de juventude. Resulta daí uma afirmação da ideia de juventude ou, melhor, de ‘juvenilidade’ como valor, que necessita ser acionado pela lógica da “sociedade de consumo” para caucionar a inserção legítima do indivíduo nas práticas consumptivas (Santos, 1992, p.164).

Observa-se que para Santos (1992, p.164 e 192) não são somente as diversas estratégias publicitárias que por si só teriam o poder de influenciar e fazer valer os seus intentos perante os jovens consumidores. O que está em pauta é a reedição da “juventude como valor dominante” assim “o modelo industrializado do ‘jovem’ se oferece ao consumo também para os não-jovens”, “o ser jovem torna-se um atributo da mercadoria”.

As representações ideológicas do “indivíduo-jovem” ou da “juventude” como valor, tais como aparecem nas mensagens publicitárias, são construídas com elementos retirados do imaginário social e reprocessados para comporem um universo mágico, desprovido das vicissitudes do cotidiano, no qual celebra-se a juvenilidade e seus atributos: a “beleza”, a “espontaneidade”, a “liberdade”, o “despojamento” e, sobretudo, exalta-se o consumo através da valorização simbólica da mercadoria; sejam garrafas de Coca-Cola, sejam carros Chevrolet, os objetos tornam-se detentores de um poder que lhes é conferido pela alquimia da cultura industrializada: o poder de transferir a seus consumidores o segredo da

“juventude eterna”: “Camiseta Hering é juventude sempre, vista este clima!” (Santos, 1992, p.172).

Cabe aqui trazer novos elementos para a discussão sobre a questão do consumo a partir dos argumentos apresentados por Costa (2004, p.79), dentre os autores da psicanálise, que desenvolve uma perspectiva crítica e contextualizada. Para este autor o consumo se configura como um meio de realização pessoal e “essa aspiração à realização é o motivo do anseio pelos objetos ditos de consumo”. O que contribui para a produção do desejo de consumir está relacionado à moral do trabalho e do prazer. Sobre a moral do trabalho aponta transformações ocorridas na últimas décadas que alteraram a imagem do “trabalhador”.

[...] Os indivíduos, afetados pela competição crescente por empregos inseguros, começaram a adaptar suas condutas psicológicas ao perfil social do “vencedor”. O “vencedor” deve ser maleável, criativo, afirmativo e, sobretudo, superficial nos contatos pessoais e indiferente a projetos de vida duradouros. Para ganhar mobilidade no volátil mundo do emprego, ele deve aprender a não ter elos sólidos com a família, lugares, tradições culturais, antigas habilidades e, por último, com o próprio percurso biográfico (Costa, 2004, p.79).

Este novo indivíduo apresenta como característica a não fixação em identidades passadas, percebendo o mundo como um espaço de circulação permanente e que jamais projeta o futuro a partir das condições de vida presentes. Dessa forma a aquisição de objetos é a possibilidade de possuir algo “mais estável e mais mutável” (Costa, 2004, p.80).

De mais estável porque são as únicas coisas que o sujeito transporta consigo onde estiver e para onde for; de mais mutável por serem facilmente trocáveis se a nova condição social de trabalho assim exigir. Em outros termos, a posse de mercadorias permitiu ao indivíduo preservar a necessidade psicológica de estabilidade sem renunciar à elasticidade pessoal exigida pelo mundo dos negócios (Costa, 2004, p.80).

Assim através dos objetos que consome o indivíduo se percebe valorizado podendo exibir o sucesso profissional e social.

[...] O aparato de objetos caros e elegantes é o signo, por excelência, da distinção social de seus possuidores. Por isso passaram a fazer parte da identidade pessoal dos mais abastados e, por extensão, da imensa maioria da sociedade. É entendível, assim, que a compra incessante de novos produtos se torne uma “demanda imaginária” tão coercitiva quanto qualquer “necessidade biológica”. Afinal, ninguém se contenta em sobreviver fisicamente, pelo consumo de nutrientes. Somos

seres de cultura que não têm apenas fome de pão, mas também de prestígio social. A satisfação em se sentir aprovado e admirado é um item indispensável para o equilíbrio emocional de todos nós (Costa, 2004, p.80).

Costa (2004, p.80) refere que a moral do prazer é “o maior triunfo do imaginário consumista”, porém o que se destaca no cenário atual é a busca do prazer sensorial, ou melhor, de um “ideal de prazer”.

O que mudou foi o valor que passamos a atribuir às sensações físicas prazerosas na constituição das subjetividades. Esse valor foi enormemente inflacionado e veio a se tornar um ponto de apoio privilegiado na constituição das identidades pessoais (Costa, 2004, p.81).

A necessidade imperiosa do prazer físico conduz o sujeito a buscas intermináveis de novas sensações passando a “depende, cada vez mais, da diversidade e da constância dos objetos” (Costa, 2004, p.83).

[...] Como sem objetos não há prazer e como um mesmo objeto esgota rapidamente sua capacidade de despertar a excitação sensorial, é preciso ter sempre à mão algo com que gozar. Além disso, esse algo deve ser permanentemente substituído, para que o hábito não enfraqueça a intensidade do estímulo e elimine o gozo. Por esse motivo, o ciclo de consumo dos objetos se tornou interminável. Além de procurar objetos próprios à excitação dos sentidos relacionais, ou seja, os cinco sentidos, os sujeitos procuram manter em alta intensidade o gozo sexual, o frisson das experiências motoras violentas e o êxtase sensorial neurofisiologicamente induzido por drogas psicoativas etc (Costa, 2004, p.83).

Dessa forma, segundo Costa (2004, p.84), é através dessas novas necessidades imediatas e passageiras que “o imaginário do mercado e do consumo” se sustentam. Portanto supera a perspectiva unilateral do poder de influência das estratégias de publicidade, da moda ou ainda pela iniciativa de “sujeitos livres e autônomos”, englobando a constituição de novas formas de subjetivação referidas também por Birman (2006a).

3.3 O SISTEMA DAS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS E O CONSUMO JUVENIL

Ao tempo em que se cristalizam e se naturalizam as concepções sobre juventude também se funcionalizam os conceitos relativos ao sistema das drogas. Assim como a juventude é percebida pelo seu caráter problemático também se tornou comum considerar a relação com as drogas algo

problemático. As concepções dominantes neste setor dão conta de explicar o consumo de drogas como resultado de uma equação simplificada em que os sujeitos em busca de satisfazer necessidades de alteração da psicoatividade seriam destituídos de consciência e capacidade de escolhas. O simplismo chega ao ponto de se veicular o fé no poder de coerção da substância sobre o sujeito, ou seja, um objeto traria em si um poder de dominação da vontade e da consciência do homem. Em trabalho de mestrado concluído em 2008, com base na saúde coletiva, analisamos algumas concepções do objeto e sujeito da redução de danos que ancoram as práticas de saúde e as políticas públicas para o campo das substâncias psicoativas. Ocasão em que foi melhor elucidada esta concepção dominante que reduz a questão complexa em que toma o sistema das drogas na atualidade ao simplismo da equação droga-sujeito vulnerável, ou seja, a subjugação de determinados sujeitos tidos como frágeis por características biológicas e psicológicas aos efeitos psicoativos da substância (Santos, 2008).

No âmbito das políticas globais e respostas sociais para fazer frente às constatações do aumento do consumo das substâncias psicoativas, a vertente principal que orienta as ações é a perspectiva jurídico-moral. As políticas são consensuadas através de mecanismos legais e convenções internacionais, organizadas em torno de um sistema de proibição, criminalização e repressão da produção, comércio e consumo de um conjunto de drogas, focalizando como alvos prioritários a droga em si ou o usuário, tomado na sua condição individual. Zaccone (2007), estudioso da criminologia crítica e delegado da polícia civil de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, lançando olhares sobre o comércio de drogas ilícitas refere que além do fracasso histórico comprovado as políticas de repressão às drogas ilícitas tem se mostrado como mais uma ferramenta para punir os pobres.

Pedro Abramovay, ex-secretário Nacional de Justiça e Professor da disciplina violência e crimes urbanos na Faculdade de Direito da Fundação Getúlio Vargas (FGV) conforme entrevista concedida à imprensa brasileira*

* Informações extraídas de entrevista à imprensa (revista Isto É disponível em: <http://clippingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2012/11/12/pedro-abramovay-estamos-prendendo-as- pessoas-erradas>).

em 12 de novembro de 2012 tem se posicionado politicamente favorável à legalização da maconha e outras drogas. Abramovay defende a perspectiva de regulação das formas de produção, comércio e consumo pelo Estado tirando as drogas do circuito ilegal que constitui e alimenta o narcotráfico e diversas formas de violência e exploração. O ex-secretário aponta para a complexidade dos problemas relacionados ao consumo prejudicial de drogas dando ênfase às dificuldades que envolvem a vida social e o trabalho. No campo do tratamento apoia as propostas de consultórios de rua já que o consumo prejudicial tem como causa as dificuldades da vida social incluindo os problemas familiares e do desemprego.

A concepção em relação ao consumo de drogas adotada nesta pesquisa é fundamentada nos pressupostos da saúde coletiva. A saúde coletiva se apresenta como um campo de conhecimento e prática que busca apreender os objetos e relações na sua dimensão histórica e social. Dessa forma busca compreender o consumo de drogas na sua conformação e particularidade contemporânea.

Vive-se em um momento de grandes transformações nas relações que os homens estabelecem entre si e com a sua produção social, política, econômica e cultural. Momento em que o capitalismo se desenvolve no seu ápice de especulação do capital financeiro o que afeta em nível global as relações sociais, multiplicando as formas de exploração do trabalho entre países e grupos detentores e centralizadores da riqueza produzida socialmente (Wood, 1999). Neste cenário observa-se um aumento da desigualdade social, da miséria e da pobreza concomitante a um distanciamento do Estado como lócus de promoção do bem estar social. É neste contexto que o sistema global das drogas toma a sua forma e infiltra os vários âmbitos da vida social, o que inclui o seu momento de produção, comércio e consumo.

Essas dimensões não produzem seus efeitos de forma separada, como a ideologia dominante busca difundir. A demanda crescente pelo consumo dessas substâncias psicoativas se liga a um mercado que pelos intentos capitalistas precisa sempre crescer e neste sentido a produção não pode parar. Isso ocorre com todo o circuito de mercadorias, mas cabe também

assinalar as particularidades que o consumo dessas substâncias toma na contemporaneidade.

Basta observar as contradições das políticas internacionais e brasileiras para o campo das substâncias psicoativas para assinalar algumas dessas particularidades. As políticas separam as substâncias psicoativas em grupos distintos, mas que não guardam semelhanças de periculosidade no interior desses. Como é o caso da canabis, da cocaína e da heroína no grupo de substâncias ilícitas e proibidas. Também é o caso do álcool, do tabaco e dos medicamentos psicotrópicos na sua ampla variedade no grupo das substâncias lícitas. O critério que se diz científico é aleatório e político, para não dizer econômico, ou de interesses dominantes.

Ainda falando sobre contradições é possível observar pela ampla literatura produzida nesse campo que os intentos das políticas de impedir a produção e barrar o comércio, caso sejam legítimos, porque isso também é questionável, se mostram fracassados. Por um lado há que reconhecer que se a demanda por psicoativos continua crescente as políticas proibicionistas precisam de uma profunda revisão para levar a cabo a sua existência como forma de responder aos problemas relacionados a este campo humano. Por outro fica a evidência da relação indissociável e imbricada entre o sistema produtivo e o consumo. Se existe algo que não faz a máquina capitalista girar e multiplicar não há produção em grande escala e não é esse o caso das drogas. Dessa forma a demanda por psicoativos se alia aos intentos do sistema o que configura a perspectiva da droga como mercadoria referida por Soares (2011).

No campo da saúde as discussões em torno do tema das drogas tem estado restritas à farmacologia e psiquiatria, conforme explica Soares et al.

No que diz respeito às substâncias psicoativas (drogas lícitas e ilícitas), a abordagem feita pela área da saúde toma, como foco, o âmbito das características da substância (psicofarmacologia) ou o sujeito dependente (psiquiatria). Raramente são discutidas e abordadas as causas que estão nas raízes do consumo, da produção e da distribuição das drogas (Soares, Campos, Leite e Souza, 2009).

As políticas se voltam para o tratamento de dependentes e iniciativas de prevenção com objetivos e métodos voltados para afastar as pessoas das

drogas, tendo como pressupostos a eliminação ou impedimento do consumo que é entendido de forma generalizada como uma doença (Santos, 2008). Isto resulta, conforme aponta Velho (1999), em formulações de caráter ideológico como a ideia de que a droga enfraquece a moral, fazendo com que os indivíduos sejam mais facilmente seduzidos, corrompidos ou enganados. Também reforça, no campo da saúde, a ideia do drogado como um doente e sua relação com a anormalidade, o “desvio”, e a doença mental.

Essas concepções comungam do fundamento de que o problema central está na droga (como substância perigosa somente do ponto de vista dos seus efeitos psicoativos) e/ou simplesmente no sujeito (devido a uma fragilidade ou vulnerabilidade inerente à sua herança genética ou familiar). Portanto o que se assimila no âmbito do imaginário social é que as políticas deveriam se voltar para eliminar as drogas da sociedade e tratar os sujeitos vulneráveis através de respostas punitivas e de encarceramento e quando muito a proposição de penas alternativas, ou ainda, no setor da saúde, através do tratamento tendo como foco à abstinência do uso de qualquer substância (Santos, 2008).

Pondera-se que tal perspectiva não leva em conta que a droga, como qualquer produto ou mercadoria tem função e base econômica e de transmissão de valores atinentes a tal lógica capitalista, e serve a propósitos e finalidades da reprodução do sistema. Desse ponto de vista, em que preze os esforços de controle e repressão, a produção e o comércio tendem a crescer desenvolvendo mecanismos mais sofisticados para fazer chegar o produto ao consumidor potencial, tornando este mais atrativo e modelado aos diversos públicos. Neste sentido o poder exercido pela substância não estaria restrito às necessidades de alteração da psicoatividade, mas em primeira instância ao seu poder enquanto mercadoria, ao fetiche conforme refere Marx.

Do ponto de vista da Saúde Coletiva, que defendemos, essa é a hipótese mais provável do crescimento do consumo tanto para o conjunto de substâncias lícitas como para as ilícitas confirmando o fracasso das políticas proibicionistas e repressivas como forma de enfrentamento dos problemas sociais.

Cabe esclarecer aqui que esta forma de conceber a questão do consumo de substâncias psicoativas se diferencia das demais pelo caráter histórico-social que confere à análise do fenômeno à qual engloba um conjunto de saberes críticos que tem como perspectiva o fortalecimento de um sujeito crítico e politizado na busca de emancipação. Não se restringe portanto a meta simplória e irreal de sujeitos abstinentes ou da eliminação das drogas como propagada pela ideologia dominante que camufla a exploração e exclusão produzida pela desigualdade social na aposta em sujeitos desviantes, inadaptados, rebeldes, fracos e incorrigíveis.

O consumo de substâncias psicoativas na contemporaneidade não está desvinculado do consumo das mercadorias em geral e em particular dos mecanismos de exploração do trabalho como mercadoria a serviço da multiplicação do capital.

Nesse sentido, se percorrerá a seguir uma série de argumentos que vem ajudando a constituir as bases para a consolidação dessa formulação, e que vem sendo apropriados e desenvolvidos pelos trabalhos do Grupo de Pesquisa Fortalecimento e Desgaste no trabalho e na vida: bases para a intervenção em saúde coletiva (Soares 2007; Santos, 2008; Soares, Campos, 2009).

Carneiro (2002), da história, refere que as drogas passaram do início do século XX em diante a ser objeto de grande interesse internacional, adquirindo o papel de principal ramo do comércio mundial quando se considera

[...] os cerca de 500 bilhões de dólares do tráfico ilícito, e acrescentando os capitais das drogas legais, como o álcool e o tabaco, mas também o café, o chá, etc., além das drogas da indústria farmacêutica (Carneiro, 2002, p.115).

Ainda o autor acrescenta que o século XX foi o “momento em que esse consumo alcançou a sua maior extensão mercantil, por um lado, e o maior proibicionismo oficial por outro” (Carneiro, 2002, p.115).

Para Rodrigues (2005, p.293), autor do campo das relações internacionais e ciência política, antes de se consolidar o proibicionismo como uma política oficial, algumas drogas, hoje proibidas (como cocaína e heroína), eram disputadas nos mercados lícitos de vários países, fazendo

parte de um “lucrativo comércio legal que envolvia interesses de potências do período, suas indústrias farmacêuticas e suas estratégias geopolíticas no globo”.

Na história do proibicionismo oficial os discursos dominantes, de cunho ideológico, buscaram promover entre alguns povos e culturas a aliança entre práticas moralistas e controle social, relacionando determinados psicoativos a

[...] minorias vistas como perigosas por seus hábitos e procedências. Assim, chineses eram relacionados ao uso abusivo de ópio, negros ao de cocaína, irlandeses ao de álcool, hispânicos ao de maconha (Rodrigues, 2005, p. 294).

Segundo Rodrigues (2005) lançam-se assim as bases que justificam os principais argumentos oficiais para dar contorno político e social ao campo das substâncias psicoativas: as drogas como ameaça moral, como questão de saúde pública e como problema de segurança pública.

Os efeitos negativos das políticas oficiais do campo das drogas vem sendo bem estudados por diversos autores, ainda que sob perspectivas teórica diferentes (Ribeiro, Seibel, 1977; Escohotado, 1989; Bucher, 1992; Zaluar, 1994; Ott, 2000; Zaluar, 2002; Carneiro, 2002; Karam, 2003; Carneiro, 2005), que demonstraram as adversidades, as contradições e as insuficiências das mesmas. Apontam ainda que apesar dos esforços jurídicos e sanitários dos governos em classificar as drogas considerando os diferentes potenciais de risco e perigo a produção, o comércio e o consumo seguiram se ampliando. Ao tempo em que se desenvolveram novas drogas, novas formas de disponibilização para o consumo visando atingir públicos específicos (crianças, jovens, adultos, homens, mulheres) e em diversos contextos e condições socioeconômicas, diminuindo a qualidade e/ou barateando do preço.

Tratando da relação capitalismo-droga, Baratta (1994, p. 39), da criminologia crítica, assinala que a mercantilização selvagem das drogas tem relação direta com a mercantilização geral de todas as coisas, resultando em um sistema de relações de produção em que prevalece a lógica das necessidades de reprodução do sistema em detrimento de outras necessidades dos homens. Nesse sentido a demanda pelo consumo de drogas

na atualidade estaria diretamente relacionada aos mecanismos do capital, “como tributária da necessidade de evadir-se das angústias produzidas pela realidade”.

Uma análise de Kaplan (1997, p. 44) sobre tráfico de drogas, soberania estatal e segurança nacional permite traçar correlações entre o fenômeno atual do narcotráfico e a crise global gerada pelo capitalismo. Segundo esse autor o narcotráfico deve ser considerado, por um lado, como um componente do contexto global representado pelo alto grau de concentração de poder em escala mundial, pela mutação do “neocapitalismo” nos centros desenvolvidos, pela “transnacionalização”, pela nova divisão mundial do trabalho e pela terceira revolução industrial e técnico-científica. Globalização esta na qual os países de capitalismo periférico se inserem e da qual provém poderosa restrição externa a seus interesses nacionais e à sua transformação progressiva. Ainda o autor se refere a situações, processos e crises estruturais desses países, aos limites encontrados e aos fracassos e efeitos negativos de seus esforços de desenvolvimento. Nesse cenário, de insuficiências e distorções e de crescimento econômico insuficiente, é que o narcotráfico encontra um terreno propício para o seu fortalecimento e desenvolvimento. A dinâmica do capital com os objetivos de expansão e lucro torna-se mecanismo poderoso de inserção de famílias e jovens de classes inferiores no mercado ilícito de trabalho culminando em diversos problemas sociais e de saúde.

Cabe aqui assinalar um conjunto de produções do grupo de pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo ao qual esta pesquisa é integrante que se por um lado corrobora com a literatura apontada no que tange a análise das políticas públicas para o campo das drogas por outro busca compreender o consumo na sua dimensão histórica e social, ou seja, na totalidade da vida social no contexto contemporâneo. Observa-se pesquisa sobre a redução de danos (Santos, 2008), que analisou a produção teórica brasileira apontando diferentes formas de conceber o objeto-sujeito das ações e políticas buscando emancipá-lo de seu caráter eminentemente pragmático para situá-lo na qualidade de paradigma político para o campo das drogas. Outra pesquisa sobre redução de danos (Silva, Soares e Santos,

2010) que focaram a avaliação de um serviço de saúde que atendia populações e grupos excluídos. Os sujeitos da pesquisa manifestaram que as ações não ficavam restritas à redução de danos do consumo de drogas sendo que promoviam maiores mudanças na consciência pelos direitos e no reconhecimento de situações de exploração e desproteção social possibilitando maior organização para participação em espaços e movimentos sociais. Também Coelho e outros autores (2012) publicaram artigo que apontou as políticas brasileiras sobre drogas em disputa referindo dois enfoques principais sendo uma mais aproximada da tendência dominante de guerra contra as drogas, e outra afinada com as novas propostas fundadas na defesa dos direitos humanos e na redução de danos. Ainda Coelho (2012) em pesquisa de mestrado analisou as práticas desenvolvidas pelos trabalhadores e direcionadas aos usuários de drogas considerando a categoria analítica processo de trabalho, o que permitiu analisar os modos e a operacionalização das políticas públicas nos espaços concretos de produção dos serviços de saúde. Os resultados demonstraram que os trabalhadores de saúde da Atenção Básica reproduzem a perspectiva dominante para o campo das drogas no seu cotidiano de trabalho dificultando lançar um olhar crítico sobre essa questão.

Nesse contexto em que se formulam concepções e explicações para a questão do consumo de drogas a juventude se torna objeto de grande preocupação na sociedade sendo alvo privilegiado de políticas e legislações protecionistas. A concepção de juventude como fase de transição considerada ainda como “não preparada” e “imatura” para fazer escolhas e assumir responsabilidades combina com a vertente dominante no campo das drogas. O consumo de drogas pelo jovem ainda “frágil e despreparado” pode comprometer o seu processo de desenvolvimento e de passagem para a “vida adulta”. Dessa forma justifica-se uma série de intervenções, hoje muito em evidência no Brasil, de caráter compulsório para o jovem consumidor de drogas violando direitos e abrindo mão de políticas que levem em conta as suas diferentes formas de reprodução social.

Para Soares (2011), da saúde coletiva, cria-se, pelo consumo de drogas, uma falsa impressão de que os jovens são sujeitos facilmente influenciáveis e não tem consciência de suas escolhas.

Podemos também tomar como exemplo o consumo de drogas. Dada a magnitude e perversidade do problema, a sociedade está preocupada especialmente com o consumo entre os jovens. Como se trata de um fenômeno generalizado, paira uma falsa impressão de que todos os jovens se idiotizaram completamente, aceitando ser influenciados pelos demais para fazer uma atividade que lhes prejudica, especialmente porque resultados de estudos bastante difundidos nos diversos meios sociais mostram que entre as motivações para o consumo tem destaque a famosa *influência dos amigos*. E não param por aí: mostram ainda que a família está *desestruturada* e não consegue ensinar o que é bom e o que é ruim, não consegue promover a socialização, e assim por diante (Soares, 2011, p.368).

A questão do consumo de drogas se torna então emblemática da perversidade do capitalismo principalmente em relação à juventude. A discussão sobre as questões mais significativas e relevantes que afetam a juventude na sociedade contemporânea são poluídas por construções simplistas e focadas no consumo problemático de drogas.

No contexto contemporâneo o consumo de drogas assume determinadas características de respostas dos jovens a um conjunto de novas necessidades sociais em ascensão no capitalismo. Dessa forma a condição de mercadoria incorpora tanto a sua função de valor para o capital (daí o crescimento das indústrias e do mercado das drogas lícitas e ilícitas) como a sua função de valor de uso como objeto que *satisfaz* um conjunto de novas *necessidades*.

Para Soares (2007, 2011) ainda a droga se evidenciaria no cenário contemporâneo pelo seu caráter de mercadoria que responde às necessidades de reprodução do capital. Dessa forma há relações diretas entre o sistema de produção e comércio com o âmbito do consumo. Há um entrelaçamento entre as necessidades de expansão do capital e reprodução do sistema com as necessidades de consumo, dentre essas o consumo de psicoativos.

Tal realidade exige explicações teóricas coerentes. Trata-se então de compreender que, no capitalismo, a droga passa à condição de mercadoria, e seu consumo condiz em muitos sentidos com o mal-estar e os valores da contemporaneidade associados a bem-estar e resolução de problemas: tem efeito rápido, trazendo satisfação e/ou desempenho imediato; aliena

de sofrimentos mentais intensos; contraria as regras ditadas pelo mundo adulto (Soares, 2011, p.375-6).

A busca por bem-estar e resolução dos problemas cotidianos em uma sociedade que valoriza a capacidade competitiva individual em condições extremamente desiguais de acesso aos bens produzidos socialmente pode gerar condições de alienação e sofrimento em que as saídas individuais possíveis se encontrariam no consumo prejudicial de psicoativos. Considerando que o jovem se depara com as incertezas em relação à sua ascensão ao mundo do trabalho, condição essa que lhe daria maior autonomia para gerir sua vida, e em condições desiguais de reprodução social a busca por soluções imediatas e de distanciamento de sua realidade podem estar relacionadas ao consumo prejudicial de psicoativos.

[...] Não é à toa que ela (droga) vem se colocando como uma opção de consumo importante para mitigar os desgastes advindos do desemprego e da flexibilização do trabalho, da desproteção social e da substituição dos laços de solidariedade pelas armadilhas da competição (Soares e Campos, 2009, p. 448).

No âmbito do comércio Monica Franch (2003), da antropologia, destaca a relação entre tráfico e trabalho para jovens de periferia. A autora também relaciona a precarização do trabalho como explicação para o envolvimento de jovens de periferia com o comércio ilegal.

As motivações para o envolvimento dos jovens no comércio clandestino de armas e drogas são usualmente atribuídas ao impacto da sociedade de consumo entre os jovens de periferia (embora não apenas entre estes) e à perda de importância do trabalho como referencial moral, entre outros aspectos (Franch, 2003, p.56).

As necessidades de valorização do externo, da aparência, das imagens combinam cada vez mais com a ambiência contemporânea. Para Brites (2006), da área de serviço social, o consumo de drogas

responderia às finalidades de busca de prazer, de desempenho, de sociabilidade, de transcendência, de alteração de percepções e sensações só que agora numa ambiência cultural que valoriza a intimidade, que despreza o espaço público e as ações coletivas, que valoriza o espetáculo e estimula o consumo ilimitado de imagens e de produtos como únicas formas de satisfação de necessidades (Brites, 2006, p.165).

Para Carneiro (2002, p.12-3) “o consumo das mercadorias fetiches é estimulado por complexos e cada vez mais poderosos mecanismos de criação de comportamentos de consumo compulsivo”. Assim, segundo o autor, se instaura o ideal de uma sociedade cada vez mais viciada: “em alimentos, em roupas, em carros”. Uma sociedade cujas

[...] diversas práticas sociais tomam características compulsivas: as torcidas esportivas viciam-se em seus times e adotam comportamentos de dependência, os próprios esportistas, pressionados pela indústria da quebra dos records, viciam-se literalmente em suas próprias endorfinas, quando não tomam simplesmente aditivos hormonais ou excitantes. Diversas práticas como o alpinismo ou a direção de carros velozes, tomam a mesma dimensão viciante e socialmente arriscada de certos consumos de drogas (Carneiro, 2002, p.12-3).

Diante dessas transformações, atenção especial deve ser dada aos jovens, uma vez que mudaram também os modelos de identificação, que passaram da família, da escola e do grupo de pares para a cultura de massas, resultando um novo modelo de identificação baseado no amor, no prazer e bem-estar da vida privada, na juventude e no presente.

A juventude, o presente e o prazer são, no modelo contemporâneo, os objetivos a serem alcançados, caracterizando-se assim como uma cultura hedonista (Soares, 2009a, p.69).

No caso da indústria de medicamentos psicotrópicos se observa que o *marketing* se vale de promessas de soluções mágicas para resolver o mal estar atual. Um exemplo é a promessa do corpo *perfeito* ou a magreza como ideal, que estimulou o crescimento em grande escala do consumo de anfetaminas por jovens mulheres com a finalidade de emagrecimento rápido, resultando, muitas vezes, em graves problemas de saúde.

Também se observa a expansão e crescimento da indústria de drogas lícitas, com a produção em grande escala de bebidas alcoólicas e tabaco, a partir da correlação entre o consumo de substâncias e as sensações de *status*, segurança, sucesso, ascensão, prazer, aumento da capacidade e potência, etc. Assim, as bebidas mais caras dão maior *status* e vice-versa, existindo assim padrões diferentes de consumo de álcool dependendo do lugar que o jovem ocupa na estrutura social. Ou, conforme salienta Franch (2003) dizer que

[...] Certas mercadorias representam, para eles (os jovens), estilos de vida, marcas de poder que garantem prestígio junto aos iguais e sucesso nas conquistas amorosas: roupas, carros e também certas bebidas e drogas como o whisky e a cocaína. Ainda a força econômica das empresas de bebidas pode ser vista pela quantidade e qualidade de propagandas em todas as mídias, onde o consumo de álcool aparece associado ao glamour, à juventude, à beleza e à alegria (Franch, 2003, p.55).

O consumo de mercadorias assume características particulares que proferem marcas narcísicas e compulsivas nas subjetividades contemporâneas. Birman (2006a) destaca algumas modalidades de compulsão que se naturalizam, não restrita às drogas ilegais, mas também aquelas

[...] legitimadas cientificamente pela medicina e pela psiquiatria, como no caso os medicamentos psicotrópicos (ansiolíticos, antidepressivos, estimulantes), que são receitados pelos médicos e psiquiatras, para regular o mal-estar dos indivíduos, além, é claro, dos analgésicos de potência variável. A subjetividade se apresentaria então como essencialmente narcísica, não se abrindo para o outro, de forma a fazer um apelo. Porque na cultura do narcisismo, as insuficiências não podem existir, já que essas desqualificam a subjetividade, que deve ser auto-suficiente. Aqui se encontra um terreno propício onde a psiquiatria biológica pode florescer, já que com os psicofármacos pode fazer o curto-circuito do sofrimento e atender diretamente aos reclamos da dor, sem qualquer apelo (Birman, 2006a, p.191-2).

Para Birman (2006a) a atmosfera contemporânea tem propiciado a constituição de novas subjetividades. Dentre elas destaca a compulsão que seria uma “repetição incansável da ação, que assume o caráter de imperativo” para o eu. Para o autor essa seria uma explicação para o aumento da demanda pelo consumo abusivo de substâncias psicoativas. Cabe observar que esta noção se aproxima da perspectiva que se busca desenvolver nesse estudo em relação a historicidade dos sujeitos. Ao tempo em que se cria novos produtos e mercadorias também se constituem novos sujeitos e necessidades que guardam elos entre si. Assim a compulsão ao consumo de drogas seria uma das formas de mal-estar, conforme referida pelo autor.

É necessário destacar algumas das modalidades de compulsão que se banalizaram na contemporaneidade. Antes de mais nada, a compulsão presente no uso de drogas. As toxicomanias constituem uma das formas comuns do mal-estar, inscrevendo-se em diferentes faixas etárias e classes sociais, impondo-se no

cenário social e nas políticas de saúde pública. É preciso não ser ingênuo na leitura dessas compulsões. As toxicomanias, com efeito, não se restringem ao uso de drogas ilegais, produzidas e comercializadas pelo narcotráfico, mas incluem também as drogas ilegais, legitimadas cientificamente pela medicina e pela psiquiatria. Refiro-me, assim, aos medicamentos psicotrópicos, que são receitados pelos médicos e psiquiatras, para regular o mal-estar dos indivíduos, além, é claro, dos analgésicos de potência variável. Dos ansiolíticos aos antidepressivos, passando pelos estimulantes, a farmacopeia médica oferece um vasto cardápio de possibilidades (Birman, 2006a, p.181).

A proliferação de um cardápio cada vez mais amplo de substâncias psicoativas, em que pese os usos terapêuticos e consumos benéficos, se relacionam em grande medida com outras necessidades que se impõe como modelos de felicidade e realização. Assim o consumo compulsivo se liga ao imediatismo, a rapidez e a fluidez que invadem a vida atual. Ainda a promessa de solução imediata para os incômodos e tensões pode se ligar a um conjunto de psicoativos: o consumo abusivo de anfetaminas pode estar relacionado ao ideal de possuir um corpo *perfeito*; a cocaína como ideal de potência e capacidade ilimitadas; os antidepressivos, ansiolíticos e estabilizadores de humor como soluções imediatas para o sofrimento; o consumo de álcool e tabaco como artifícios insubstituíveis de sociabilidade; enfim de formas ilimitadas de medicalização da vida social e alienação da capacidade de pensamento, reflexão e crítica.

Cabe ressaltar que, do ponto de vista da Saúde Coletiva, os valores em relação ao consumo de substâncias psicoativas estão referidos às diferenças de classe social. Assim sugere-se que

[...] as abordagens sobre o uso de drogas são, como todas as demais modalidades de práxis, saturadas de posições de valor que necessitam ser desveladas. Em primeiro lugar porque na sociedade capitalista os valores podem objetivar interesses de classes (Brites, 2006, p. 72).

Essa tendência é mais bem compreendida a partir da dinâmica que se instalou nas sociedades com a crise do capitalismo dos anos 70 propagadora de condições de vida cada vez mais desiguais entre as classes sociais, com a produção em grande escala de diversos bens e produtos e, ao mesmo tempo, dificuldades de acesso a esses bens pela maioria das populações do mundo.

Sugere-se nesse estudo, conforme refere Soares (2007), que parte dos valores dominantes - considerados como categoria mediadora entre estrutura e dinâmica sociais, e os problemas juvenis contemporâneos estejam perpassando os diferentes grupos sociais e que outra parcela esteja representando alguma forma de resistência ou até de antagonismo. Dessa forma, toma-se como pressuposto que a condição de grupo ou classe social determina diferentes processos relacionados ao consumo de psicoativos, corroborando para diferentes formas de consumo, diferentes contextos de relações no circuito do mercado e diferentes desfechos relacionados.

4 Pressupostos, Objetivos e Finalidade

4 PRESSUPOSTOS, OBJETIVOS E FINALIDADE

4.1 PRESSUPOSTOS

No que tange ao processo de afirmação de valores sociais e nas questões referidas ao consumo de drogas observa-se que as abordagens predominantes que amparam as políticas oficiais afetam em grande medida a formulação de uma consciência crítica sobre a realidade que conforma as diferentes formas de viver a juventude na nossa formação social. A vida cotidiana dos jovens, quando se deparam com seus dilemas e com as contradições presentes em sua realidade social, pode estar impregnada da ideologia dominante dificultando a formulação de uma consciência capaz de fazer frente às pressões e exigências sociais. E Dessa forma perspectivar sua participação na construção e uso-fruto da riqueza social e portanto perspectivar o futuro. Uma parcela da juventude pode reproduzir de forma acrítica os valores dominantes e em ascensão na sociedade capitalista. Outros jovens ainda podem contrapor-se ou apresentar formas de resistência tendo como marca os diferentes contextos em que se processa a vida social.

Ainda a busca por uma profissão ou pela inserção no mercado de trabalho tem afetado de modo diverso o processo de socialização dos jovens. Para os jovens que vivem em famílias com padrões menos estáveis de reprodução social o ingresso no trabalho é mais precoce visando atender necessidades de sustento da casa e de sobrevivência afetando em maior medida o processo de formação social e preparo para uma profissão no futuro. Enquanto que aqueles que vivem em famílias com padrões mais estáveis de reprodução social sofrem em menor medida a insegurança em relação ao futuro ao tempo em que também são afetados pelas exigências cada vez maiores do mercado de trabalho.

É possível que os matizes que os valores sociais assumem nos diferentes contextos sociais, m embate com as condições concretas de reprodução social encaminhem desfechos muito distintos quanto aos processos de socialização e no que tange ao consumo de psicoativos.

4.2 OBJETIVO GERAL

Analisar valores de jovens estudantes de 15 a 19 anos de diferentes contextos sociais.

4.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Levantar características de reprodução social dos jovens dos diversos contextos analisados;

Apreender as representações cotidianas de jovens de diferentes grupos sociais sobre os valores sociais e relativos ao consumo de drogas;

Investigar diferenças nas representações cotidianas dos grupos dos diferentes contextos analisados.

4.4 FINALIDADE

Subsidiar políticas públicas para a juventude e o desenvolvimento de ferramentas educativas que possibilite um posicionamento crítico e político em relação ao processo de formação social no cenário contemporâneo, através da discussão de valores sociais.

5 Procedimientos Metodológicos

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

5.1 TIPO DE PESQUISA

Este estudo de campo do tipo descritivo e transversal, de abordagem qualitativa, se utilizou também de variáveis quantitativas para fazer a caracterização de reprodução social dos jovens que participaram do estudo. Trata-se de subprojeto de uma investigação mais ampla intitulada “Jovens, valores e consumo de drogas: políticas públicas na perspectiva da Saúde Coletiva”, que procurou levantar os valores sociais e relativos ao consumo de drogas de jovens de diferentes grupos sociais do município de Santo André, Região Metropolitana de São Paulo (RMSP).

A investigação seguiu diretrizes metodológicas da vertente do materialismo histórico e dialético, procurando ressaltar os fundamentos da pesquisa qualitativa coerentes com esse referencial: o pesquisador encontra-se na posição de interagir com o entrevistado, assumindo atitude e disposição para entender o sentido que os sujeitos estão atribuindo às suas experiências (Chizzotti, 2001). Disso depende a qualidade dos dados obtidos e portanto a compreensão da realidade estudada (Minayo, 1994).

Os métodos qualitativos foram considerados adequados para captar e expor o objeto valores, pois este diz respeito a escolhas, vontade, subjetividade, intencionalidade, e ideologia, categorias marcadamente qualitativas. Seguindo a síntese de Salum, Queiroz, Soares, (1999), neste trabalho considera-se que a vertente qualitativa supera diversos limites entre a quantificação e a análise da realidade social, porém não há aqui qualquer contraposição ao uso de variáveis quantificáveis para expor objetos da realidade e nem tão pouco qualquer afirmação quanto à supremacia da subjetividade. Buscou-se então, ainda de acordo com as orientações das autoras não dicotomizar quantidade e qualidade, subjetividade e objetividade para reconhecer a realidade (Salum, Queiroz, Soares, 1999).

De fato, o objeto desta pesquisa foi perspectivado de maneira dialética, ou seja, foi compreendido como parte e momento de uma totalidade social mais ampla. Assim, a escolha dos sujeitos e contextos, a coleta e a análise

do material precisou dar conta de circunstanciar o todo pela parte e o momento presente como fluxo entre passado e futuro (Mendes-Gonçalves, 1994).

O objeto foi exposto, calcando-se em marcos teóricos de compreensão social ampla que ajudou a dissipar a cortina de fumaça que gira em torno da temática das drogas e de tantos outros problemas que atingem violentamente as diversas juventudes contemporâneas: a crise na educação, no trabalho, na família, na política, na vida social em si.

5.2 CAMPO DE ESTUDO

A pesquisa foi realizada no Município de Santo André situado na região do Grande ABC (RMSP), Estado de São Paulo, que é conhecida pela sua forte matriz produtiva em que destacam-se os setores de autopeças e petroquímica. A região engloba um conjunto de outras cidades, que têm realizado investimentos em políticas para a juventude, conforme referem Almeida, Ancassuerd e Nakano (2007, p. 231).

Desde os anos de 1970, os governos municipais da região do Grande ABC – Diadema, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul – formalizaram 106 projetos ou programas direcionados aos públicos adolescente e jovem, evidenciando um compromisso dos executivos locais a incorporar em suas agendas públicas o desafio de desenhar e implementar “políticas públicas” ou “programas governamentais” para jovens. O conjunto de ações apreciadas não esgotou, quantitativamente, todos os planos de atuação levados a efeito. Contudo, as ações apreciadas constituem uma amostra reveladora do que vem se construindo nesse campo, sobretudo a partir dos anos 1990, quando foram desenvolvidos 83 projetos/ações.

De acordo com a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE)* o Município de Santo André possui uma área de 175,78 Km² sendo que 62% é constituída por áreas de proteção ambiental e 38% é área urbana. O total da população no ano de 2012 chegou a 679.933 habitantes. O índice de desenvolvimento humano (IDH) em 2010 foi de 0,83. A taxa de mortalidade infantil no mesmo ano foi de 12,09 por mil nascidos vivos e o índice de envelhecimento chegou a 77,15. A taxa de mortalidade de

* <http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/perfilMunEstado.php> acessado em 27/02/2013.

população entre 15 e 34 anos (por cem mil habitantes nessa faixa etária) em 2011 foi de 121,53 acima do índice do Estado de São Paulo de 119,61. Um importante indicador sobre a qualidade de vida é a disponibilidade de serviços públicos de saneamento básico. O nível de atendimento da coleta de lixo em 2010 foi de 99,91%, o de abastecimento de água de 97,61% e o de esgoto sanitário de 94,48%. Chama a atenção a baixa taxa de analfabetismo da população de mais de 15 anos atingindo o percentual de 2,78%. A população de 18 a 24 anos com ensino médio completo em 2010 foi de 70,05%.

O relatório da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP)^{*} aponta que Santo André se apresenta na 8ª posição do Ranking Municipal de empregos. Em relação aos setores que mais empregam temos na ordem: serviços e administração Pública (57,32%), comércio (20,97%), indústria (16,97%) construção civil (4,74%), e agropecuária e outros (0,01%). A quantidade de trabalhadores por grau de instrução apresenta a seguinte situação, conforme **Tabela 1**.

Tabela 1 – Trabalhadores por grau de instrução no Município de Santo André

Grau de Instrução	Quantidade	%
Analfabeto	229	0,12
Até o 5º ano Incompleto do Fundamental	3790	1,97
5º ano Completo do Fundamental	8.443	4,39
Do 6º ao 9º ano Incompleto do Fundamental	12.214	6,35
Fundamental Completo	22.932	11,93
Médio Incompleto	13.893	7,23
Médio Completo	97.010	50,45
Superior Incompleto	7.972	4,15
Superior Completo	24.798	12,90
Mestrado Completo	455	0,24
Doutorado Completo	535	0,28
Total	192.271	

Fonte: RAIS - Ministério do Trabalho – 2011^{**}

^{*} <http://apps.fiesp.com.br/regional/relatorio/default.aspx> Acessado em 27/02/2013

^{**} Trata-se da Relação Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho e Emprego.

O Município de Santo André foi escolhido como campo de investigação uma vez que o Executivo Municipal encontrava-se empenhado, no momento da pesquisa, na construção de uma política para o campo da juventude, o que possibilitou a participação de atores da gestão local na compilação de dados, mapeamento das regiões e delineamento das escolas participantes*.

Os diferentes contextos que compuseram os locais de estudo foram primeiramente delimitados mediante dados secundários, ao longo do desenvolvimento da primeira etapa da pesquisa.

5.2.1 Locais de estudo

Os locais de estudo foram definidos de acordo com estudo preliminar a este (Yonekura et al, 2010), que analisou as desigualdades sociais do Município de Santo André e que resultou na divisão do município em quatro regiões. O espaço que concentrava os jovens com mais acesso à riqueza e cidadania foi classificado como Central (C) e aqueles com menos acesso, como Periférico (P). Duas gradações intermediárias puderam ser identificadas, uma mais próxima ao extremo do acesso, denominada Quase Central (QC) e outra mais próxima à privação denominada Quase Periférica (QP).

As variáveis discriminantes estavam relacionadas ao trabalho, à migração, escolaridade, fecundidade, posição do jovem no domicílio, presença de cônjuge ou companheiro, condição de moradia e posse de bens (Yonekura et al, 2010, p.49).

* Neste trabalho nos valem de muitos resultados obtidos nas pesquisas concluídas anteriormente a esta no Município, como parte da parceria que teve suporte da Fapesp através do Programa Pesquisa em Políticas Públicas: 1) delineamento do mapa das juventudes do município (Yonekura et al, 2010); 2) avaliação da técnica do jogo educativo utilizado para coleta de dados junto a escolares (Yonekura, Soares, 2010); 3) construção do Índice de Reprodução Social (IRS) (Trapé, 2011); 4) estudo de valores sociais de jovens entre 20 e 24 anos, através de entrevistas aprofundadas (Lachtim, 2010); 5) avaliação de dados quantitativos relativos ao objeto desta pesquisa (Santos, Yonekura, Soares e Campos (2012); 6) estudo de representações sobre tabaco de jovens de diferentes grupos sociais (Panaino, 2011); 7) avaliação da Unidade de Redução de Danos do Município (Silva, Soares, Santos, 2010); verificação da operacionalização de políticas públicas voltadas aos jovens no município Pasquim (2010).

O grupo C possuía a maior concentração de jovens solteiros, de cor branca e sem filhos, predominância de domicílios próprios com saneamento básico, baixa densidade de moradores por dormitório (1,1 a 2), menos horas semanais de trabalho, renda de mais de 5 salários-mínimos. Apesar da predominância da religião católica, verificou-se uma maior porcentagem de espíritas em relação aos demais grupos. Da mesma forma, os jovens se encontravam predominantemente na posição de filho do responsável pelo domicílio. A maioria dos jovens de 15 a 18 anos cursava o ensino Médio em escolas particulares ou frequentava cursos pré-vestibulares. Já os de 19 a 24 anos cursavam o ensino Superior, além de terem mais anos de estudo. Os grupos QC e QP apresentaram médias que em sua maioria oscilaram entre o grupo C e o P. O grupo QP, por sua vez, possuía a maior concentração de jovens trabalhadores que ganhavam de 1 a 3 salários-mínimos com uma carga horária de trabalho de 41 a 60 horas e mais de 60 horas semanal, além de haver uma porcentagem superior de moradias improvisadas (Yonekura et al, 2010).

Na maioria das variáveis, o grupo P reflete médias que se encontram no extremo oposto àsquelas do grupo C, como, por exemplo, porcentagens altas de jovens: casados(as), com filhos, responsáveis pelo domicílio, com atraso na escolaridade, trabalhando mais de 41 horas semanais, com salários de até 1 salário-mínimo, vivendo em moradias cedidas ou invadidas, com densidade de mais de 3 moradores por dormitório, contando apenas com formas alternativas de abastecimento de água, esgoto e lixo (poço, manancial, fossa séptica, caçamba) e que apresentam índices baixos de posse de bens. Vale ressaltar que a maior parte dos jovens deste grupo morava em áreas periféricas da cidade envoltas por mananciais (Yonekura et al, 2010).

5.2.2 Escolas participantes por região

A Figura 1 e a Tabela 2 informam sobre as escolas que fizeram parte da pesquisa classificadas conforme a região de atuação no Município de Santo André.

Figura 1 – Distribuição das escolas participantes por região do Município de Santo André, 2008

Fonte: Yonekura, Soares, Minuci, Campos e Trapé, 2010).

Tabela 2 – Escolas do Município de Santo André classificadas conforme região de atuação. Santo André, 2008

Regiões	C	QC	QP	P	Total
Escolas	Privada (E1)	Pública (E3)	Pública (E5)	Pública (E8)	4
	Privada (E2)	Pública (E4)	Pública (E6)	Pública (E9)	4
			Pública (E7)	Pública (E10)	2
Total	2	2	3	3	10

A divisão do Município em sub-regiões classificadas como Central (C), Quase Central (QC), Quase Periférica (QP) e Periférica (P) revela por um lado as diferentes condições dos grupos sociais em termos do modo de viver e trabalhar e por outro as desigualdades de condições de acesso a bens e cidadania, dentre elas as que ocorrem nas instituições de ensino formal – as escolas, onde foi realizada a coleta de dados. As escolas particulares se

situam na região C, já revelando diferenças na qualidade e condições em que se dá o ensino assim como as particularidades desses jovens, originários de famílias com melhores condições de vida e trabalho. Outras diferenças podem ser verificadas pela estrutura e qualidade de algumas escolas públicas, pois quanto mais se aproximam das regiões centrais também se observam melhores condições estruturais de instalação, acesso, e de organização institucional. Ainda podem se destacar diferenças na região QC pelo fato de haver jovens originários de famílias com diferentes condições de vida e trabalho frequentando escolas públicas. A dificuldade de transporte e condições de trabalho mais precárias das famílias dos jovens das escolas situadas em regiões P também revelam um maior distanciamento da esfera de interesse do Estado, por meio de políticas públicas.

As escolas reconhecidas pela população como de melhor qualidade, por apresentarem maiores índices de aprovação de seus estudantes em exames vestibulares, eram privadas e estavam localizadas na região C (E1 e E2).

Na região QC (E3 e E4), a escola inicialmente indicada pela assessoria da Secretaria Municipal da Saúde de Santo André para Assuntos Relacionados à Juventude, e que não autorizou a pesquisa com os estudantes, era privada e tinha orientação religiosa. Assim foi indicada outra escola, pública, reconhecida como instituição que oferece condições administrativas e técnicas para oferecimento de ensino de boa qualidade e por ser frequentada por jovens advindos de famílias com indicadores socioeconômicos característicos desse grupo social (QC).

À medida que as escolas se distanciavam geograficamente da região C para a região QP (E5, E6 e E7) apresentavam condições mais precárias, que iam desde as atinentes ao acesso ao prédio, até a conservação das instalações e a inserção do corpo docente – observou-se em algumas escolas situadas na região P (E8, E9 e E10) que era frequente a presença de classes inteiras de estudantes no pátio da escola, por causa da ausência de professor, além de barulhos nos corredores incompatíveis com a possibilidade de atenção e concentração nas aulas.

A seguir apresenta-se uma breve descrição das condições de ensino e infraestrutura das escolas participantes do estudo:

5.2.2.1 Escola Privada E1

A Escola Privada E1 é uma instituição de ensino de natureza privada, que conta com o Ensino Médio desde 1994. Em três diferentes unidades, o colégio possui 3.000 alunos do ensino fundamental e médio. A orientação pedagógica assinala na direção de uma formação ampla para que os alunos sejam capazes de buscar soluções para os problemas da sociedade. O colégio foi classificado na região Central e localiza-se no Bairro Jardim, região nobre da cidade. Trata-se de uma escola com vasta e diversificada infraestrutura, de laboratórios, biblioteca, sala de idiomas, além de enorme conjunto de espaços de complementação do aprendizado, como teatro, salas de reuniões e de multimídia, sala de ginástica, piscina, quadras esportivas, entre outras. Recebe alunos dos bairros mais ricos do município, sendo que um conjunto expressivo de alunos do colégio ingressa nas melhores universidades da região. Respeitando os diferentes níveis de maturidade dos alunos, foram construídos prédios separados, distribuídos pedagogicamente em três unidades, para atender aos alunos de 1ª e 2ª séries, de 3ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, e aos do Ensino Médio. O Projeto Educacional é sustentado, fundamentalmente, pelo princípio de capacitação dos nossos alunos, através do amadurecimento intelectual e emocional. Isso implica criar condições para que o aluno desenvolva sua personalidade de forma ativa e participante e construa o conhecimento a partir da sua vivência no próprio meio em que interage, assimilando dele e transformando-o. Aprender, então, é entendido como um processo pessoal e intransferível, que necessita da presença do professor, facilitando os meios para que o aluno elabore o seu significado e compartilhe a aprendizagem com seu grupo social.

5.2.2.2 Escola Privada E2

A Escola Privada E2 foi classificado na região Central estando localizado no Centro de Santo André. Possui outras unidades no grande ABC e além de berçário, educação infantil, ensino fundamental e médio, conta também com formação através de cursinho-vestibular, em associação com o Anglo. O Colégio se apresenta como um local de “sucesso garantido no mercado de trabalho e prosseguimento nos estudos”. Recebe alunos de diversos bairros centrais do município. Conta com infraestrutura vasta e de boa qualidade tais como: futsal, basquetebol, voleibol, tênis de mesa, cursos de violão/guitarra/dança, teatro, Laboratório de informática e de ciências, serviços de apoio: orientação educacional, plantão de dúvidas, plantão de estudo por matéria e recuperação paralela. Possui toda a estrutura necessária para as atividades extras e de aula em condições ótimas. A Proposta Educacional considera a capacitação do indivíduo para o domínio de seu próprio desenvolvimento e a conquista da autonomia, que lhe permitirá compreender melhor a si mesmo e aos outros para que possa participar construtivamente da vida em sociedade. Nesse cenário, a Educação tem como função ampliar o universo cultural do aluno por meio de ações que lhe permitam descobrir o mundo, conhecer-se, aprender a conviver, estabelecendo relações emocionais, cognitivas e sociais.

5.2.2.3 Escola Pública E3

A Escola Pública E3 oferece somente o ensino médio e está situada no bairro de Vila São Pedro próximo a região central do Município de Santo André e foi avaliada no ano de 2011 na posição 39ª pelo ranking do IDESP (Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo), que avaliou um total de 3551 escolas. Esse índice considerou os alunos do 3º ano do ensino médio e o desempenho em português e matemática em cada colégio, aliado a sua taxa de aprovação. Apesar de estar localizada na região classificada como Quase Central conta com facilidade de acesso e transporte coletivo. Destaca-se em qualidade e condições de ensino, quando comparada a outras escolas públicas. Conta com ótimas condições de

infraestrutura e boa organização, além das salas de aulas bem estruturadas e organizadas, com biblioteca ampla contendo bom acervo de livros para alunos e professores, recursos de informática, centro de línguas e quadra poliesportiva.

5.2.2.4 Escola Pública E4

A Escola Pública E4 está localizada no bairro Vila Assunção na região classificada como Quase Central e oferece ensino fundamental e médio. Foi avaliada no ano de 2011 na posição 112^a pelo ranking do IDESP (Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo) para os alunos do 3º ano do ensino médio num total de 3551 escolas e na posição 738^a para os alunos do 9º ano do ensino fundamental num total de 3694 escolas. Há boas opções de acesso pelo sistema de transporte municipal. Conta com estrutura predial relativamente conservada e organizada com sala de reunião e de vídeo para os alunos além das salas de aula tradicionais. Tanto no Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio, a Proposta Pedagógica da Escola privilegia o ensino, enquanto construção do conhecimento, o desenvolvimento pleno das potencialidades do aluno, sua inserção no ambiente social e sua preparação para o mundo do trabalho, utilizando para isso os conteúdos curriculares da base nacional comum, os próprios do Estado de São Paulo e os temas transversais, trabalhados interdisciplinarmente e contextualizados tais como: Ética; Diversidade cultural; Meio-Ambiente; Saúde; Orientação Sexual; Trabalho e consumo; Formação de valores; Fortalecimento dos laços de solidariedade e de tolerância recíproca; Aprimoramento como pessoa, desenvolvendo a autonomia intelectual e o pensamento crítico; Exercício da cidadania.

5.2.2.5 Escola Pública E5

A Escola Pública E5, localizada no Parque Capuava classificado como região Quase Periférica, oferece o ensino fundamental e médio. Foi avaliada no ano de 2011 na posição 2328^a pelo ranking do IDESP (Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo) para os alunos do 3º

ano do ensino médio num total de 3551 escolas e na posição 3240^a para os alunos do 9º ano do ensino fundamental num total de 3694 escolas. Possui facilidade de acesso pelo transporte local. Conta com a seguinte infraestrutura: sala da diretoria, sala do professor, laboratório de ciência e informática, quadra de esportes, cozinha, sala de leitura, sala de aula (30), alimentação, computadores (14), internet, banda larga, DVD, impressora, copiadora, retroprojektor, TV, funcionários (104). O estado de conservação de grande parte dos espaços é regular (necessita de pequena reforma). Conservação de equipamentos regular e ruim. Pichação de muros e paredes internas e externas. Não há esquemas de segurança policial e vigilantes em todos os períodos. Possui algumas atividades permanentes como: cantinho da Beleza, pintura de unha, balcão de emprego, reforço escolar, acesso escola, ações preventivas na escola, artesanato, brinquedoteca, gibiteca, desenho livre, jogos lúdicos, capoeira, tênis de mesa, futsal, dominó, dama, Xadrez e outras.

5.2.2.6 Escola Pública E6

A Escola Pública E6, bairro localizado na região classificada como Quase Periférica, oferece o ensino fundamental e médio. Foi avaliada no ano de 2011 na posição 514^a pelo ranking do IDESP (Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo) para os alunos do 3º ano do ensino médio num total de 3551 escolas e na posição 116^a para os alunos do 9º ano do ensino fundamental num total de 3694 escolas. Criada em 2002, foi construída com a finalidade de substituir a única escola existente no bairro à época, pelo fato dessa ser de madeira e de comportar apenas o ciclo fundamental, e de haver no bairro – Parque Marajoara – demanda crescente por vagas de ensino médio. A escola E6 conta atualmente com 1935 estudantes matriculados, distribuídos em 16 salas de aula no período da manhã, 16 salas de aula no período da tarde e 15 salas de aula no período noturno, com níveis de ensino fundamental ciclo II (da 5ª à 8ª séries), ensino médio, ensino de jovens adultos (EJA) – (ensino fundamental e médio). Para estudar nessa escola o jovem precisa residir no

entorno – Pq Marajoara, Pq São Vicente, Center Ville, Condomínio Maracanã, Homero Thon, Vila Guarani, em Santo André, mas também aceitam jovens residentes num bairro de Mauá, por ser próximo à escola. A demanda pelas vagas é maior do que o número existente na escola, o que ocasiona fila de espera. A região da Vila Humaitá é formada por 11 bairros – Centreville, Cidade São Jorge, Jardim Marek, Jardim Santo Antônio de Pádua, Parque Gerassi, Parque Marajoara, Vila América, Vila Guarani, Vila Homero Thon, Vila Humaitá e Vila Progresso –, a região tem população estimada em mais de 56 mil munícipes. Os moradores têm a disposição 8 campos de futebol, 7 bancos, 2.865 postes de iluminação pública e 29 pontes e viadutos. Na área da Educação, a região oferece 2 creches, 5 Escolas Municipais de Ensino Infantil e Fundamental (Emeiefs), 7 escolas estaduais de Ensino Fundamental e 1 de Ensino Médio, 1 biblioteca e 1 Escola Municipal de Iniciação Artística (Emia). Na área de Saúde os moradores contam com 3 Unidades de Saúde e 1 posto do Programa de Saúde da Família (PSF).

5.2.2.7 Escola Pública E7

A Escola Pública E7, localizada no bairro Vila Guiomar classificado como Quase Periférico, oferece o ensino fundamental e médio. Foi avaliada no ano de 2011 na posição 3518^a pelo ranking do IDESP (Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo) para os alunos do 3º ano do ensino médio num total de 3551 escolas e na posição 3690^a para os alunos do 9º ano do ensino fundamental num total de 3694 escolas.

5.2.2.8 Escola Pública E8

O Centro Público de Formação Profissional E8 localizado no bairro Casa Branca, região classificada como Central. Mantido pela Prefeitura do Município de Santo André oferece cursos nas áreas de construção civil, informática, elétrica, estética, panificação, indústria e marcenaria. Apesar de estar localizado na região Central, este centro profissionalizante recebe alunos de todas as regiões do Município. Diferentemente dos demais escolas

da região central, os estudantes desta escola provêm de famílias de baixa renda de regiões periféricas. A exigência para ingresso é o aluno ter cursado o Ensino Fundamental, ou incompleto, e morar em Santo André. A idade mínima varia de acordo com cada curso. Os cursos são promovidos por meio da integração entre as secretarias de Educação e de Desenvolvimento Econômico e Trabalho do município e instituições parcerias, como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). O objetivo é formação para ingresso no mercado de trabalho.

5.2.2.9 Escola Pública E9

A Escola Pública E9 localizada no bairro Jardim Santo André, região classificada como Periférica, oferece o ensino fundamental e médio. Foi avaliada no ano de 2011 na posição 1727^a pelo ranking do IDESP (Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo) para os alunos do 3º ano do ensino médio num total de 3551 escolas e na posição 3363^a para os alunos do 9º ano do ensino fundamental num total de 3694 escolas.

5.2.2.10 Escola Pública E10

A Escola Pública E10 localizada no bairro Recreio da Borda do Campo, região classificada como periférica oferece o ensino fundamental e médio. Foi avaliada no ano de 2011 na posição 1908^a pelo ranking do IDESP (Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo) para os alunos do 3º ano do ensino médio num total de 3551 escolas e na posição 2521^a para os alunos do 9º ano do ensino fundamental num total de 3694 escolas. A Escola tem a particularidade de situar-se a 40 minutos de ônibus do centro de Santo André e a 6 km distantes do centro de São Bernardo do Campo. O bairro fica em meio a vários morros sendo que muitas famílias e jovens vivem em casas localizadas dentro da mata e afastadas da região mais desenvolvida. Trata-se de um local de difícil acesso e condições de vida bastante precárias, sendo que a quase totalidade dos jovens que frequentam a escola reside nas proximidades, mas tem que fazer longas caminhadas para acessar os poucos recursos públicos existentes (além da

escola há uma unidade de saúde no bairro). É uma escola de segundo grau e mantida pelo Estado, sendo que as instalações físicas estão em péssimas condições e os ambientes encontram-se pouco favoráveis ao estudo com mobiliários e equipamentos deteriorados. Há um projeto antigo de reforma que não se efetiva. O prédio era provisório, quando da inauguração da escola, mas o projeto de reforma não se efetivou até o momento. Conforme dados do Departamento de Gestão Ambiental SEMASA – Serviço Municipal de Saneamento Ambiental de Santo André (Pesquisa para Elaboração do Diagnóstico do Recreio da Borda do Campo, Município de Santo André. Acessado em 24 de março de 2012, disponível somente para visualização rápida em http://www.semasa.sp.gov.br/Documentos/ASSEMAE/Trab_83.pdf) o bairro Recreio da Borda do Campo tem uma área de 353 hectares e população (Censo de 2.000) de 8.011 habitantes. Este bairro está inserido na Área de Proteção dos Mananciais por estar próximo a Represa Billings cujas águas, após o tratamento, abastecem a Região Metropolitana de São Paulo. Conforme o projeto aprovado na Prefeitura Municipal de Santo André, o loteamento do Recreio da Borda do Campo tem 2.320 lotes com área mínima de 1.000 m². O local é classificado como de 2^a. Categoria, entretanto possuindo regiões classificadas como de 1^a. Categoria. Ainda há regiões definidas como de preservação permanente pelo Código Florestal (Lei Federal nº. 4.771/65). Com relação ao saneamento básico deste bairro, é proibido implementar os sistemas de rede de abastecimento de água e de rede coletora de esgotos sanitários, devendo o morador utilizar outro modo de abastecimento de água e utilizar-se de sistema de tratamento de esgoto “in situ”.

As ruas do Recreio da Borda do Campo, a começar pela principal, a Rua Suçuarana, não são asfaltadas, devido às normas ambientais da área de manancial. O perfil de seus moradores é homogêneo, já que o local é habitado principalmente por famílias que procuram fugir dos altos aluguéis e que buscam realizar o sonho da casa própria. Por se tratar de uma área de preservação, uma parte do bairro não tem saneamento básico nem água encanada, cabendo aos moradores “improvisar” o seu abastecimento com poços artesianos ou caminhões-pipa, que frequentemente estão no bairro.

Devido à especulação imobiliária, houve uma ocupação irregular do bairro Recreio da Borda do Campo, pois em cada lote de 1.000 m² deveria haver uma só residência, o que não ocorreu. Pessoas compraram os lotes em sociedade (2, 3 ou mais pessoas) parcelando irregularmente o solo, para a construção de suas moradias, causando um impacto ambiental. Os resultados da pesquisa (SEMASA) para elaboração do diagnóstico do bairro citada acima apontam que 48% dos lotes adquiridos foram divididos e que em 29% dos lotes continuam vazios (nenhuma construção). Na Tabela 1 é demonstrada que 45,2% dos lotes foi dividido em dois e 24,1%, foi dividido em 3 lotes. Estes números mostram que está havendo um adensamento populacional, em prejuízo ao meio ambiente. Quanto ao tempo de moradia observou-se que 40% dos moradores residem no Recreio da Borda do Campo a menos de 5 anos, demonstrando que nos últimos anos a população, principalmente de baixa renda, foi atraída ao local devido aos baixos custos dos lotes, além de dividi-los com parentes e conhecidos. Quanto à fonte de água que a população deste bairro utiliza o estudo constatou que 69% das famílias consomem água proveniente de caminhões-tanque. Estes caminhões fazem parte de um programa da municipalidade, pois são abastecidos na estação de tratamento, onde a água é tratada, e mediante o pagamento de uma pequena taxa, essas famílias abastecem os seus reservatórios. Em 25%, as famílias recorrem somente a poços freáticos e em 6%, as famílias complementam o volume da água proveniente dos caminhões tanque com água de poços freáticos. Em relação ao sistema de esgoto os moradores devem tratar os seus efluentes líquidos no próprio local. Em 79% das moradias observou-se que as famílias destinam os seus efluentes para a fossa negra, que é uma forma inadequada, pois polui o lençol freático, podendo contaminar um poço que esteja a jusante, causando graves enfermidades nas pessoas que consumiram esta água. Em 5%, constatou-se esgoto a céu aberto e somente em 16% dos casos tratam seus efluentes numa fossa séptica. Quanto à pavimentação, por ser uma área de proteção dos mananciais, observou-se que em 79% das vias públicas há somente cascalho como revestimento.

5.3 SUJEITOS DE PESQUISA

Participaram desta pesquisa, jovens que estudavam nas escolas participantes. Não houve qualquer critério de exclusão, ou seja, não foi condição para participar dos grupos focais o fato do jovem ser ou não consumidor de alguma substância psicoativa prevalecendo as suas representações sobre as expressões.

Os critérios de inclusão dos jovens nesta parcela da investigação foram:

- Encontrar-se na faixa etária entre 15 e 19 anos;
- Estudar em escolas pertencentes a regiões com semelhanças de reprodução social;
- Voluntariar-se para participar da pesquisa, a partir de um convite e da apresentação dos objetivos da pesquisa, com assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (pelos responsáveis no caso de menores de 18 anos).

5.4 TÉCNICA E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

O objeto empírico foi apreendido: com a realização de diversos grupos focais compostos por jovens adolescentes para avaliar as tendências por eles assumidas com relação aos valores sociais que consideram importantes, em especial aqueles que se referem às drogas.

Foram realizados 29 grupos com 229 jovens de 15 a 19 anos, estudantes do ensino médio, em 10 escolas de diferentes regiões do município de Santo André, SP, Brasil (Tabela 3).

Tabela 3 – Número de grupos realizados por conjunto de valores e grupo social de acordo com a região classificada. Santo André, 2008

VALORES / GRUPO	C	QC	QP	P	TOTAL
Segurança, confiança e futuro	2	2	2	4	10
Drogas e outras formas de bem-estar e prazer	1	2	4	2	9
Realização/Sucesso	1	2	3	4	10
TOTAL	4	6	9	10	29

5.4.1 Apreensão de dados quantitativos

O questionário que compôs as questões que levantaram as variáveis de identificação das condições de reprodução social das famílias dos estudantes participantes da pesquisa resultou na formulação de um Índice de Reprodução Social, conforme pesquisa de doutorado de Carla Trapé (2011), componente do grupo de pesquisa.

Para a construção do IRS, Trapé (2011) partiu de 37 variáveis sendo estas compostas tradicionalmente pelas utilizadas em investigações epidemiológicas e pelas sugeridas por Salum e Queiroz (2000) para conformação de grupos sociais homogêneos. Foram elas: a) caracterização sociodemográfica: relação com o chefe de família, escolaridade, idade, cor da pele, religião praticada, frequência a cultos, local de nascimento, tipos de benefícios advindos de programas redistributivos ou de instituições da sociedade civil; b) dimensão da produção (formas de trabalhar): condição de atividade, ocupação, profissão, registro em carteira, curso preparatório para o trabalho, tempo gasto para ir e voltar do trabalho, tempo no mesmo emprego, setor de trabalho (público, privado), horas semanais trabalhadas, renda, rendas adicionais, recebimento de benefícios oriundos do trabalho, meio de transporte para escola/trabalho; c) dimensão do consumo (formas de viver) tipo de habitação, localização da moradia, material de construção, propriedade da residência, pagamento de IPTU (isenção-não isenção), tempo e moradia no mesmo endereço, mudança nos últimos cinco anos e motivo, bens e serviços no domicílio, acesso a serviços públicos de saneamento e legalidade do acesso, riscos a que as pessoas se sentem expostas onde vivem, instituições que utiliza no bairro, participação em

grupos, atividades de lazer, suficiência da renda para gastos básicos de alimentação, vestuário e moradia, posse de poupança ou outros investimentos, dívidas que não conseguem pagar, gastos com crediários ou empréstimos.

Para avaliar a potencialidade das variáveis em diferenciar grupos sociais elas foram testadas em famílias de Santo André - município que integra o Grande ABC, parte da Região Metropolitana de São Paulo - que já estavam classificadas a priori em quatro grupos (grupo central, quase-central, quase periférico e periférico), constituindo o Mapa das Juventudes de Santo André (Yonekura et al. 2010).

Por meio de amostragem estratificada e de modo a se trabalhar proporcionalmente com os jovens de cada grupo, a amostra final foi assim definida: 38 famílias de jovens do grupo central, 100 famílias do grupo quase central, 240 jovens do Grupo quase periférico e 200 do grupo periférico. Acrescentou-se mais 11 famílias para cobrir possíveis perdas, totalizando-se 589 famílias. Escolheu-se o chefe de família como referência considerando a pessoa indicada pelo entrevistado.

As variáveis da dimensão da produção (formas de trabalhar) e do consumo (formas de viver) foram submetidas à análise fatorial utilizando-se o software Statistical Package of Social Scienses (SPSS, 2004). A análise mostrou que, desse conjunto, a dimensão das formas de trabalhar foi sugerida pelas seguintes variáveis relacionadas ao chefe de família: registro em carteira, escolaridade, qualificação da ocupação, condição de atividade e curso preparatório para o trabalho. Ressalta-se que, a variável renda foi excluída do teste devido à dificuldade de obtenção dessa informação junto aos entrevistados.

A dimensão das formas de viver foi definida pelas variáveis relacionadas à família como um todo: propriedade da residência, pagamento de IPTU, número de cômodos para dormir, acesso a serviço público de água, luz e esgoto, legalidade do acesso à água, luz e esgoto, grupos ligados à igreja como instituição frequentada no território e culto como atividade de lazer.

Após se definirem quais as variáveis que se destacaram dentro do conjunto, foram construídos quatro novos grupos sociais por meio da utilização de análise de agrupamentos. Tais grupos são ordenados segundo a estabilidade no trabalho e na vida sendo o grupo I o mais estável e o grupo IV o menos instável, ou seja o mais excluído socialmente.

Partindo-se do referencial da Saúde Coletiva – que tem como objeto os perfis epidemiológicos, compostos por perfis de reprodução social e perfis saúde-doença dos diferentes grupos sociais –, espera-se que a exposição dos elementos de composição de grupo social possibilite prever os desgastes desse grupo e relacioná-los com o processo saúde-doença. Acredita-se que, dada a composição das variáveis em cada grupo, pode-se supor os tipos de desgaste que estão expostos possibilitando a intervenção sobre os determinantes sociais da saúde.

5.4.2 Apreensão de dados qualitativos

Como instrumento de captação dos dados qualitativos, utilizou-se o grupo focal, realizado com o apoio de um jogo educativo, adaptado de Thomson e Holland (2004), que visa promover o debate e a reflexão entre os jovens sobre algumas expressões valorativas. O jogo constitui um instrumento vigoroso para coleta de dados junto a jovens, demonstrando um enorme potencial também como instrumento educativo. É dinâmico e criativo e como tal aproxima-se da linguagem contemporânea dos jovens (Yonekura, Soares, 2010). Os grupos foram conduzidos pelos pesquisadores responsáveis pela pesquisa e/ou por pesquisadores instrumentalizados para tal e seguiram um roteiro (ANEXO I e II). O material dos grupos foi gravado e transcrito. Nem todas as expressões foram discutidas em todos os grupos sociais.

Os materiais do jogo foram: uma cartolina com um desenho de uma linha contínua que vai da posição concordo plenamente para a posição discordo integralmente (Figura 2), frases que expressam valores, saquinho para colocar as frases dobradas, adesivos coloridos para cada adolescente colar na cartolina, canetas, crachás para identificação e uma planilha

(ANEXO III) para anotar a posição de cada jovem, as mudanças de posição e as características e peculiaridades de cada grupo.

Figura 2 – Esquema do jogo utilizado para a apreensão de valores juvenis

As expressões valorativas originais foram selecionadas, traduzidas e adaptadas à realidade brasileira através de três grupos pilotos, realizados em Santo André, e nos bairros de São Miguel Paulista e Butantã (São Paulo), e agrupadas em três categorias de acordo com sua relação a: realização e sucesso; segurança, confiança e futuro; drogas e outras formas de bem estar e prazer. A lista final foi composta por 73 expressões*.

* **Expressões valorativas utilizadas nos diferentes grupos focais - a) relativas a realização/sucesso:** o estudo é o escudo; educação garante o futuro; quem é bonito nem precisa se esforçar tanto para se dar bem; todo mundo rouba uma vez ou outra; só se dá bem quem é corrupto ou passa o outro para trás; só se dá bem quem é esperto; ninguém gosta de quem é cdf; quem não arrisca é um perdedor; as revistas para adolescentes dão má influência; eu gostaria de ser um big brother; ser diferente é legal; sou brasileiro, não desisto nunca; jovens vivem no mundo da lua; dinheiro não traz felicidade; política é perda de tempo; a melhor defesa é o ataque; cara feia para mim é bom; tristeza nunca é bom; quem não tem competência não se estabelece; o seu sucesso só depende de você; vence quem tem força de vontade; **b) relativas à segurança, confiança e futuro:** não se pode confiar em quem se arrisca demais, é porra loca; os pais não devem se separar; pessoas mais velhas devem ser respeitadas; um amigo nunca caguetta o outro; você sempre pode confiar em um amigo; você só pode confiar em você mesmo; estudar é uma perda de tempo; uma boa criação é a coisa mais importante da vida; jovens só andam na linha quando são cobrados; às vezes é preciso dar o troco; às vezes é preciso pagar com a mesma moeda; regras existem para ser quebradas; tenho meus pais como exemplo; adultos não são confiáveis; jovens não conseguem saber o que é bom; crianças não sabem a diferença entre certo e errado; os pais não têm direito de bater nos filhos; você sempre deve falar o que pensa; você sempre deve ser você mesmo; sem uma religião você não consegue separar o bem do mal; eu posso contar com minha família e minha família comigo; se é da minha família eu defendo, mesmo que esteja errado; o mundo está mudando pra melhor; às vezes é preciso ser violento para resolver as coisas; violência é a única maneira de se obter respeito; se você não se defende ninguém te defende; filmes violentos incentivam a violência; joguinhos eletrônicos estimulam a violência; em casa não dá pra conversar...; gravidez na adolescência é descuido ou falta de informação; **c) Relativas às drogas e outras formas de bem-estar e prazer:** a maconha é do bem; a maconha deveria ser legalizada; fumar é bom; somente os “nóias” usam crack; usar drogas é prazeroso; pode ser prazeroso perder o controle; bebidas alcoólicas deveriam ser permitidas para menores; o álcool traz uma sensação de alegria; andar na moda faz a gente sentir-se bem; nada como dar um rolezinho para esquecer os problemas; não há nada mais prazeroso do que estar com os amigos; vale a pena ter um corpo sarado; ter saúde é responsabilidade de cada um; estudar é um tédio; sexo está em primeiro lugar em matéria de prazer; curtir o aqui e o agora é tudo que importa; tristeza é “osso”; bom é estar sempre pra cima; ler um livro é uma chatice; quem bebe é violento; ser virgem é careta; usar camisinha não está com nada;

O desenvolvimento da discussão em grupos seguiu as seguintes etapas: distribuição dos crachás, apresentação dos participantes e pesquisadores (sendo um moderador e um observador), explicitação das regras e objetivos do jogo. Cada adolescente sorteou uma expressão e leu em voz alta para que todos posicionassem o seu adesivo em um ponto da linha contínua da cartolina. Era esperado que os adolescentes pudessem mudar de posição ou opinião no decorrer das discussões. A mudança de opinião foi considerada um fator para perceber a flexibilidade ou a rigidez dos adolescentes. Para efeito dessa análise foi considerado somente o posicionamento final dos jovens.

O papel do moderador foi o de fomentar o debate e a participação ativa dos jovens através de perguntas e assinalações em relação aos conteúdos trazidos pelo grupo. Em alguns momentos foi necessário o esclarecimento de conceitos. O observador era o responsável pelo preenchimento da planilha, anotando todas as mudanças de opiniões e relatando questões de relevância para a análise. Esse tipo de técnica requer que o moderador e o observador estejam apropriados de uma base teórica tendo clareza dos objetivos da pesquisa.

5.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O projeto foi aprovado pelos Comitês de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da USP e da Secretaria de Saúde de Santo André (ANEXOS IV e V). A Secretaria Municipal da Saúde de Santo André autorizou a realização da pesquisa. Foram assegurados: o esclarecimento sobre os objetivos da pesquisa, a liberdade para desistir em qualquer momento, sem que haja qualquer dano, garantia de sigilo e anonimato, e autorização para gravar e para divulgar os dados em publicações científicas.

Os participantes com mais de 18 anos foram convidados a assinar uma autorização por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, elaborado de acordo com as normas da resolução 196/96, que dispõe sobre os aspectos éticos em pesquisa envolvendo seres humanos (Conselho Nacional de Saúde, 1996). Os que ainda não haviam completado 18 anos

levaram o consentimento para casa para solicitar a assinatura dos pais e trouxeram no dia marcado para a realização do grupo.

Os participantes ficaram com uma cópia possibilitando contato telefônico com a pesquisadora ou Comitê de Ética para dirimir possíveis dúvidas ou ainda desistir de participar em qualquer momento.

5.6 ANÁLISE DO MATERIAL

Pressupôs-se que a análise das representações cotidianas dos jovens traria elementos para compreender os valores sociais dos jovens ou ao menos algumas tendências indicativas desses valores.

5.6.1 Considerações teórico-metodológicas sobre representações cotidianas

O estudo teve como base de análise principal as representações cotidianas conforme descritas por Viana (2008). Compreendeu-se que o conteúdo das discussões nos grupos focais entre os jovens revelavam aspectos da totalidade da vida social que estão inter-relacionados. Nesse sentido buscou-se captar através das representações dos jovens como se dá a interação entre a sua vida concreta (enquanto pertencente a um grupo ou classe social) e a totalidade da vida social (modo de produção dominante, os modos de produção subordinados e as formas de regularização das relações sociais, conforme Viana, 2007b, p.106).

5.6.2 O Método Histórico e Dialético de Análise

Neste trabalho, tomou-se por base o método histórico e dialético, apropriado para a análise dos dados, pois através deste se buscou captar as contradições do objeto e entre o objeto e a realidade social que o conforma. A tarefa de aprender valores sociais de jovens de diferentes grupos sociais pelo método histórico e dialético propõe retomar a perspectiva teórica de Marx.

Tendo por base a categoria mercadoria em Marx verifica-se que esta aparece (se faz representar) como algo que satisfaz necessidades humanas, no entanto tendo por base que a essência humana é constituída histórica e socialmente essas necessidades estão condicionadas pelo modo de produção que regula as formas de relações sociais. As formulações de Marx revelam que o que é percebido imediatamente pelo sentido humano é a aparência da mercadoria (valor de uso e valor de troca) ficando subjacente o valor do trabalho contido na mesma, assim as representações da realidade social expressariam uma percepção parcial ou alienada e não a realidade tal como ela é. Assim a vida social se faz reproduzir pela satisfação de necessidades “já impostas”, ou seja, comumente não se reflete sobre o que se faz e para que se faça, sobre a vida social e a real utilidade dos objetos e produtos. Ou dito de outra forma, no contexto contemporâneo a tendência é agimos mais pelo impulso e pela repetição do que pelo pensamento e reflexão. Pouco se escapa à emergência da repetição que invade a consciência, o fazer e o modo de pensar cotidiano. Cotidiano esse que reflete a vida social e a forma como se dão as relações sociais. Assim as representações que se formulam sobre a vida e as relações sociais que dão origem ao sistema de valoração são constituídas na vida cotidiana.

Partindo da ideia de representação presente em Marx compreende-se que os processos humanos não são o que aparentam ser, a percepção do valor real está encoberta pelo fetiche da mercadoria. O que se observa e se experimenta é o efeito do fetiche sobre as ações e pensamentos, governando assim o modo de pensar e agir. Dessa forma as representações podem refletir uma consciência alienada das condições reais em que se dá a vida social. Essas características dos objetos materiais “constituem forças reais, não controladas pelos seres humanos e que, na verdade, exercem controle sobre eles”. “É assim que o capitalismo *se apresenta*: sob disfarce. Desse modo, a realidade do trabalho social fica oculta por trás dos valores (*de uso e de troca*) das mercadorias” (Bottomore, 2001, p.149-50). No entanto, as representações também são formulações que têm por base a vida real e concreta dos grupos sociais o que os remete a diferentes formas de interpretar e se posicionar gerando contradições.

Feita esta breve incursão nos postulados de Marx busca-se a seguir, a partir do conceito de representações cotidianas, uma aproximação do método histórico e dialético a categorias de análise que possibilitem a apreensão do objeto na sua relação com a totalidade social.

5.6.3 A Apreensão de Valores Sociais a partir da Teoria das Representações Cotidianas

Conforme construção que tivemos oportunidade de publicar (Soares, Santos, Campos, Lachtim e Campos, 2011) a apreensão de valores em pesquisa tem sido realizada, consideravelmente, da perspectiva positivista, através de escalas de mensuração de categorias funcionalistas, de integração social. Observa-se também um movimento para captar valores da perspectiva fenomenológica, através da análise de significados individuais ou para grupos particulares, isolado das determinações sociais mais amplas.

No primeiro caso, os valores confundem-se com normas sociais, e no segundo constituem senso-comum, sendo assumidos como verdadeiros, independentemente de suas condições sociais concretas de realização. Da perspectiva marxista, valores constituem escolhas avaliativas que advém das atividades concretas realizadas por homens que vivem diferentes condições de reprodução social nas diferentes formações sociais. Ocorre que a vida social na formação social capitalista está impregnada de ideologia, componente fundamental das formas em que se regularizam as relações da sociedade.

Essa ideologia reflete os valores burgueses ou da classe dominante, e constitui mecanismo fundamental para a manutenção do status quo. Infiltra-se na vida social e dissemina-se como visão de mundo em todas as classes e grupos sociais. Apreender valores dessa perspectiva significa ter técnicas e condições de investigação que permitam aprofundar a captação e análise de dados e dessa forma permitam ir além da aparência do discurso revelando sua essência.

Essa imersão não se configura como tarefa simples, é necessário evidenciar a relação entre a teoria que se toma como ponto de partida e a

metodologia utilizada para a apreensão e análise dos dados. Dessa forma procura-se discutir de que perspectiva se parte para compreender valores para apontar as possibilidades e dificuldades metodológicas para sua apreensão.

Adota-se como base teórica a saúde coletiva que se utiliza das ciências sociais de cunho marxista para compreender e estudar a realidade social e de saúde, conforme Garcia (1983). Nesta perspectiva os valores sociais são percebidos na sua relação indissociável com o modo de produção da vida social em uma determinada sociedade. Daí que se observam algumas dificuldades metodológicas para sua apreensão, pois estes não se configuram como formas estáticas e imutáveis no espaço e no tempo. Não sendo estudados enquanto constructos mentais universais ou sem conexão com a realidade social e histórica. Para Marx (1996), na formação social capitalista, a consciência que os indivíduos adquirem da vida social é limitada pela própria divisão social do trabalho. Em razão dessa divisão constitui-se um distanciamento entre o processo e o produto final do trabalho, trabalho que na sua totalidade não pertence mais ao trabalhador mas ao detentor dos meios de produção.

O trabalho (vendido pelo trabalhador e comprado pelo capitalista) se torna uma mercadoria que tem como finalidade primordial multiplicar o capital, através do que chama de *mais-valia*. Assim como o homem se torna mercadoria através do trabalho explorado, também as suas relações são baseadas nas formas de uso e troca das diversas mercadorias produzidas. Marx refere que o valor do trabalho não se revela enquanto atividade humana valorizada, mas camuflado no ser das mercadorias, ou seja, a sua expressão enquanto valor de troca e enquanto algo que *satisfaz necessidades humanas de toda espécie*, o seu valor de uso (Marx, 1996). Ocorre um processo de alienação resultante da desvinculação da relação trabalho-produto final. O homem não se reconhece no produto criado que na forma-mercadoria se torna um fetiche. Dessa forma o valor intrínseco do trabalho embutido nas mercadorias é obscurecido no circuito da satisfação das necessidades (também alienadas), tornando-se objeto-fetiche, ou seja, o homem se torna objeto do seu próprio produto. Dessa forma também as

representações que se tem da realidade social ficam limitadas e retratam não somente aspirações individuais e de determinados grupos sociais, mas retrata o que está em jogo enquanto formas dominantes de valorização social. A concepção de valor em Marx está referida às formas de alienação do trabalho e do homem nas relações que estabelecem entre si e retrata um modo de produção de vida social.

Assim os “valores não são naturais” e sim *sociais* (Viana, 2007a, p.47). “A transformação social traz consigo a mudança de valores”. Dessa forma compreende-se que os valores se firmam e se solidificam a partir das relações sociais que se estabelecem nas suas determinações com o modo de produção da vida social, no caso o capitalismo.

Para apreender valores nessa perspectiva é necessário desenvolver categorias que revelem as condições particulares e concretas de determinados grupos sociais e a relação destas com a totalidade da vida social. Ou seja, que possibilite a apreensão de aspectos da realidade concreta em que esses grupos sociais vivem e o seu conteúdo ideológico utilizando-se do método dialético para a análise.

Aqui se torna útil a proposta de Viana (2008) para apreender valores através das representações cotidianas que se baseia na busca de discursos de convicção, mas também opinativos, cuja captação necessita de maior aprofundamento das metodologias para coleta de dados (entrevistas, grupos focais, etc.). A convicção se refere a conteúdos com maior poder de mobilização para a ação, em que não se observa contradição e está mais relacionada ao caráter de uma pessoa, forma “o núcleo das representações cotidianas” (Viana, 2008).

Digamos que são os valores mais arraigados na estrutura de personalidade das pessoas que as mobiliza para atuarem e que são mais difíceis de sofrerem mudanças. Enquanto que a opinião se refere aos conteúdos mais superficiais e mais relacionados ao que é reproduzido como padrão social, geralmente com ausência de crítica, aqui a presença da contradição é mais evidente. Apesar de mais frágeis esses conteúdos também podem mobilizar para a ação dependendo da pressão grupal ou do componente ideológico.

Tendo como base a teoria das representações cotidianas se torna possível planejar o método de coleta de dados mais apropriado para o tipo de análise que se pretende. Para proceder a análises que revelem valores solidificados ou convicções dos sujeitos (Viana, 2008, p.139) propõe-se a utilização de entrevistas individuais ou coletivas que aprofundem além de conteúdos específicos delineados na pesquisa aspectos particulares dos sujeitos e grupos estudados. O próximo passo é proceder à análise qualitativa, através do método dialético, tendo como base a teoria das representações cotidianas. Observamos que também a análise das opiniões e suas contradições enquanto estruturas periféricas das representações cotidianas podem revelar aspectos de grande valia para a compreensão das formas de reprodução da ideologia dominante presente na vida social.

No presente estudo a análise das contradições presentes nas opiniões pode possibilitar a percepção da dificuldade dos jovens para fazer frente à ideologia dominante na sociedade, naturalizando as formas de compreensão das relações e interações sociais criando uma falsa consciência ou consciência alienada, e ao mesmo tempo revelando aspectos que dizem respeito às condições concretas da vida social. Viana (2008, p.139) refere opiniões como elementos periféricos das representações cotidianas e descreve a possibilidade de haver contradições entre elas: “Há, no entanto, contradição entre as opiniões e/ou de algumas destas em relação à convicção”. A convicção como núcleo das representações cotidianas tem como força motor a mentalidade que “expressa valores, desejos, sentimentos, etc. socialmente constituídos, sendo fonte de ideias, representações, ideologias” (Viana, 2008, p.140).

Nesse sentido cabe assinalar que no estudo em questão o material coletado nos grupos focais a partir da técnica do jogo educativo sobre expressões valorativas não permite o aprofundamento suficiente das representações dos sujeitos pesquisados para a abstração das convicções dos jovens sobre os vários conteúdos abordados. Ou seja, não permite verificar as razões mais ligadas à história e modo de vida dos sujeitos (porque o sujeito tem aquela opinião). Pois estas se referem ao debate sobre expressões valorativas propostas pelos pesquisadores não permitindo maior

conhecimento ou aprofundamento de cada sujeito em particular. Assim pode-se dizer que estudo se baseia na análise das opiniões como diferentes manifestações dos grupos pesquisados. No entanto o que se busca evidenciar é que essas representações cotidianas são produzidas socialmente não se tratando de constructos puramente individuais dos sujeitos sem nenhum elo com a realidade social mais ampla e com algumas particularidades de suas experiências concretas de vida.

Apesar do estudo não apresentar como objeto a análise de convicções (núcleo das representações cotidianas), observa-se que as opiniões refletem e reproduzem em grande medida a ideologia dominante fazendo elo com a realidade concreta dos diferentes grupos de jovens pesquisados (condições de reprodução social) o que possibilita avaliar as contradições presentes nos discursos.

Cabe ressaltar, em coerência com o referencial marxista, que também as opiniões são representações que expressam aspectos das relações sociais reais, portanto possibilitam o estudo das representações cotidianas desses grupos. Sendo assim analisa-se as diferenças dos grupos considerando a região onde se processa a vida social e o cotidiano dos jovens.

5.6.4 A Teoria das Representações Cotidianas

Como forma de classificar e analisar os discursos dos jovens em coerência com a base teórica da Saúde Coletiva, de cunho Marxista, que orienta este estudo utiliza-se o conceito de “representações cotidianas” melhor descrito pelo sociólogo Nildo Viana no livro “Senso comum, representações sociais e representações cotidianas”. O autor localiza os termos “senso comum” e “representações sociais” como expressões de cunho ideológico que revelam a realidade de forma invertida. Os conceitos de “senso comum” e “representações sociais” expressariam interesses de classe reproduzindo os valores dominantes e escamoteando os mecanismos de exploração e dominação em curso no capitalismo. Assim propõe o termo “representações cotidianas” que permite captar as contradições e sutilezas do saber produzido nas relações e interações sociais, revelando, ainda que

com novas conformações no cenário contemporâneo, a luta de classes sempre presente nas relações de produção.

5.6.4.1 Senso Comum, Representações Sociais e Representações Cotidianas

Em relação ao termo “senso comum” Viana (2008, p.63) analisa a sua utilização pelo pensamento científico (de cunho positivista) na tentativa de diferenciar um conhecimento baseado na “objetividade” e “veracidade da ciência” de um conhecimento “falso” e “sem fundamento” concluindo que a crítica deve ser referida ao próprio termo “senso comum”. Quanto ao termo “representações sociais” o autor traça semelhanças e diferenças entre a teoria de Durkheim sobre representações coletivas e a teoria de Moscovici sobre as representações sociais apontando a falta de conexão desta última abordagem com “a percepção da totalidade social”.

E ainda buscando dissipar a confusão trazida por teóricos da psicologia entre a fantasia e a realidade refere que a existência e o poder de ação de uma ideia “não significa que seja verdadeira” e conclui esta análise inicial com a crítica de que

[...] é preciso reconsiderar o senso comum, ou as “representações sociais”, a partir de um outro referencial teórico, que reconheça o caráter histórico das representações, não se contendo diante delas e realizando uma análise crítica, o que nos leva a ver suas relações com a história, com o processo de exploração e dominação. Encontramos na análise que Marx faz das representações cotidianas os elementos teóricos capazes de superar as limitações existentes nas análises do senso comum e das representações sociais. [...] A abordagem das representações sociais incide, assim, em uma concepção ingênua do saber cotidiano e reproduz os mesmos equívocos e procedimentos da sociologia fenomenológica (Viana, 2008, p.77, 80).

Considerando as insuficiências da ideia de senso comum e da abordagem das representações sociais Viana (2008, p.83, 85) propõe uma análise das representações a partir de Marx e de outros autores que o sucederam e colaboraram com a análise marxista da sociedade. Em primeiro lugar, citando Marx e Engels, chama atenção para o fato de que as representações são expressões da consciência que os indivíduos adquirem “de suas verdadeiras relações e atividades, de sua produção, de seu

intercâmbio, de sua organização política e social” não estando separadas delas ou isoladas do contexto em que interagem. Assim “é na vida cotidiana, no modo de vida dos indivíduos, que se constituem sua consciência, suas ideias, suas representações”.

No entanto o indivíduo somente tem acesso à percepção de parte dessa realidade, revelando uma *consciência ilusória* e limitada da totalidade social e de seu lugar no processo produtivo em função da *divisão social do trabalho*. A partir dessa contradição Viana retoma em Marx os conceitos de representações reais e ilusórias sendo as primeiras àquelas que apresentam “a realidade tal como é”. Daí o método de análise exige partir “da realidade para se compreender a representação” (Viana, 2008, p.86-7) e não o contrário. Assim como as representações reais e ilusórias o autor acrescenta um tipo de representação com conteúdo contraditório.

As representações produzem ações sobre a realidade (no sentido de transformá-la) assim como podem se revelar passivas (alienadas). Viana (2008, p. 92-93, 95, 97-8) ilustra esse tópico citando alguns autores: Assim, para Sorel as ideias tem uma “capacidade mobilizadora” e podem se tornar uma “força propulsora da luta revolucionária”; Ernst Bloch destaca “a importância da utopia como força propulsora da transformação” social; para Gramsci “as representações servem tanto para conservar quanto para transformar a realidade”; Korsch destaca a “importância da totalidade” e refere que as ideias são parte desta, “o que implica uma revalorização da filosofia, das ideologias, da teoria, etc, pois elas atuam sobre a realidade”. Viana ressalta que “todos os autores citados dão ênfase à força ativa das representações, independentemente do fato de serem ilusórias ou verdadeiras”, corroborando com a perspectiva desenvolvida por Marx.

Assim, observamos que, para Marx e alguns marxistas, as representações são ativas, pois são o ser consciente, e o ser humano é ativo, sendo que sua consciência é a forma dele decidir o que fazer. Mas além da ação prática, existe o caráter ativo da consciência, que se caracteriza pela criação intelectual. O ser humano cria utopias, fantasias, mundos fictícios; cria métodos para se aperfeiçoar; cria outras ideias; interpreta e transforma ideias existentes. Todo este processo criativo intelectual é ativo, sendo projeções do indivíduo que fornece novas formas e conteúdos ao processo de pensamento. Dessa forma, as representações são ativas, não meramente passivas,

epifenômenos da realidade. São parte da realidade e, sendo verdadeiras ou falsas, influenciam no desenrolar desta (Viana, 2008, p.100-1).

No caso das representações passivas o autor retoma o conceito de fetichismo da mercadoria em Marx.

O fetichismo da mercadoria consiste exatamente em transformar o mundo das coisas em mundo humano e o mundo humano em mundo das coisas, criando uma inversão, cujo criador se torna criatura e a criatura se torna o criador. [...] A consciência fetichista também toma as ideias, as representações, como algo objetivo, autônomo, possuindo vida própria (Viana, 2008, p.101-2).

Viana refere algumas características da vida cotidiana retomando conceitos de Lukács e Heller. No cotidiano os processos do viver ficam “naturalizados”, há uma “imediatez” no pensar e agir, não se “realiza análise, reflexões” sobre o que se faz (Viana, 2008, p.107-8).

[...] há um processo de simplificação, em que tudo se torna simples, sem exigir grandes reflexões e aprofundamentos, sem explicações complexas, sem trazer a necessidade de ir além do cotidiano.

O autor refere que além da naturalização e da simplificação existe uma regularidade ou automação das ações o que resulta num alto grau de pragmatismo. No entanto a vida cotidiana contemporânea assume características particulares em função do modo de produção capitalista e das relações dele derivadas, ou seja, as “formas jurídicas, políticas, ideológicas, etc.” sendo assim a “base real sob a qual se erguem as representações cotidianas” (Viana, 2008, p.110).

A vida cotidiana não se caracteriza apenas por seus aspectos formais (naturalização, simplificação e regularidade), pois ela não só se realiza desta forma, mas ocorre num sentido determinado. A sociabilidade, o mundo das relações sociais não ligadas à esfera da produção, constitui representações, valores, interesses, sentimentos, costumes, ou uma determinada forma de cotidianidade, seu “conteúdo concreto”.

Da mesma forma que a vida cotidiana está impregnada pelos processos de naturalização, simplificação e regularidade também assim estarão as representações cotidianas. As representações cotidianas se tornam nesse sentido o veículo que traduz as características da vida cotidiana, ou seja, a vida, produto histórico e social, é naturalizada, se reproduz sem “uma

reflexão profunda sobre o mundo, sobre a realidade”, “o simples se contrapõe ao complexo”. Assim como a “regularidade da vida cotidiana é traduzida nas representações cotidianas pela repetição” e “fixação de ideias, explicações, raciocínios” (Viana, 2008, p.112-3).

5.6.4.2 Representações Cotidianas e Consciência de Classe

A vida cotidiana é diferente em cada classe ou grupo social, mas também tem elementos comuns que perpassam todas as classes.

[...] A posição do indivíduo na divisão social do trabalho proporciona-lhe atividades limitadas e, consequentemente, uma consciência limitada. Estas atividades limitadas constituem modos de vida limitados, um cotidiano limitado. Mas o cotidiano é diferente em classes sociais diferentes. Cada classe social possui um modo de vida específico que, obviamente, possui elementos comuns com o modo de vida de outras classes, mas também elementos particulares, específicos. Acrescente-se a isso que os elementos comuns com o modo de vida de outras classes são vividos de forma diferente. Assim, podemos dizer que existe um modo de vida geral, uma cotidianidade comum, ao lado de modos de vida particulares, cotidianos específicos de cada classe social (Viana, 2008, p.116).

Assim há uma consciência de classe que é limitada em função da divisão social do trabalho entre os detentores dos meios de produção e aqueles que vendem a força de trabalho resultando em formulações e representações, de “interesses, hábitos, valores, etc. que são correspondentes ao da classe social à que pertence” (Viana, 2008, p.117). No que tange à classe explorada e oprimida pelas imposições do capital a consciência (contraditória) pode se tornar também revolucionária, pois ao mesmo tempo em que está submetida ao trabalho alienado também se percebe como agente ativo de luta por mudanças nas relações de produção.

A divisão social do trabalho e o interesse derivado dela é o elemento fundamental na determinação social da consciência para Marx. É por isso que Marx irá colocar que a condição de possibilidade de uma consciência correta da realidade é partir da perspectiva do proletariado. Porém, o peso das limitações continua recaindo sobre a cabeça dos proletários. É por isso que a consciência de classe do proletariado é, num primeiro momento, consciência de classe contraditória, que se torna consciência de classe revolucionária (e, portanto correta da realidade) com o desenvolvimento das lutas de classes (Viana, 2008, p.118).

As representações cotidianas expressam as formas de consciência de classe, mas também “possuem um elemento geral, que perpassa todas as classes sociais”, pois apesar das diferentes inserções sociais há “uma sociabilidade geral comum a todas as classes sociais” (Viana, 2008, p.122-3).

5.6.4.3 Representações Cotidianas e Pensamento Complexo

As classes sociais tem “representantes intelectuais” o que “marca a possibilidade do pensamento complexo”. O pensamento complexo seria uma forma de sistematização (portanto não simplista) das representações cotidianas e no sentido inverso uma forma de tornar o saber intelectual (científico, filosófico, etc.) parte destas, sendo assimilados pelo “pensamento comum”. Portanto pode servir tanto como suporte de representações ilusórias resultando em ideologias como de representações reais resultando em teorias. Fica, portanto evidenciado que as representações cotidianas são construções “simplificadas” com “pouca profundidade de reflexão e análise” (Viana, 2008, p.126, 131) o que não ocorre com o pensamento complexo.

As representações cotidianas se distinguem do pensamento complexo pela simplicidade. A simplicidade se revela em suas explicações singelas e em sua pouca profundidade de reflexão e análise. O pensamento complexo, ao contrário, apresenta a complexidade como característica diferenciadora das demais formas de consciência [...] Assim, a assimilação do pensamento complexo pelas representações cotidianas significa o seu processo de simplificação e a assimilação das representações cotidianas pelo pensamento complexo significa sua complexificação. O simples simplifica o complexo e o complexo complexifica o simples (Viana, 2008, p.131-2).

5.6.4.4 Aspecto Formal das Representações Cotidianas

Viana (2008) assinala tendência dos indivíduos no seu cotidiano a abolir as contradições e incoerências, reduzindo as tensões na consciência. Essa seria uma marca das representações. As representações cotidianas possuem, portanto, no seu interior um caráter contraditório e isso as diferenciam da lógica formal “comum” (compreendida como princípio da identidade, da não-contradição), pois “ao analisar o saber cotidiano, esta

regra aponta sua ilogicidade”. Viana (2008) coloca em evidência as tentativas de alguns autores de tornar o saber cotidiano objeto de “uma lógica como modelo normativo do pensamento”. Assim busca-se apreender “a lógica própria do saber cotidiano”, de “postular a existência de uma coerência no seu interior”, “distinta da existente no pensamento complexo e na lógica formal” (Viana, 2008, p.136-8).

Dessa forma o autor busca constituir uma “lógica” que explique a “coerência interna das representações cotidianas”. Utiliza-se então da distinção realizada por Erich Fromm e Michael Maccoby entre convicção e opinião para referir que existe “um núcleo das representações cotidianas e seus elementos periféricos” (Viana, 2008, p.138).

Uma opinião por si mesma nada mais é que a aceitação de um padrão de pensamento compartilhado pela sociedade em geral ou por determinado grupo [...] opiniões arraigadas na estrutura de caráter duma pessoa – se forem, por assim dizer, “opiniões entranhadas” – constituem motivações possantes para agir (Fromm e Maccoby apud Viana, 2008, p.138).

A convicção seria o núcleo da representação cotidiana não sendo possível a admissão de “uma contradição ou incoerência duradoura”, pois a força ou peso desta traria um excesso de tensão psíquica para o sujeito. No caso da opinião ficaria mais evidente a manifestação da contradição. Uma das determinações das convicções “se encontra na mentalidade” (Viana, 2008, p.139), ou seja, das exigências e imperativos sociais.

Assim, a mentalidade expressa valores, desejos, sentimentos, etc. socialmente constituídos, sendo fonte de ideias, representações, ideologias (ou seja, tanto pensamento complexo quanto representações cotidianas). É justamente nesta esfera que se constituem as convicções de um indivíduo e, portanto, o núcleo das representações cotidianas (Viana, 2008, p.140).

O autor ainda aponta alguns conteúdos da convicção, como as crenças e a tradição, referindo que na sociedade moderna elas “diminuíram muito sua influência”. O que caracterizaria o cenário atual seria um “discurso supostamente racional, em elaborações intelectuais, misturadas, geralmente, com resquícios de crenças, religiões, etc.” (Viana, 2008, p.144), perfazendo o núcleo central das representações cotidianas. As opiniões, como elementos

periféricos manifestam mais claramente as contradições pelo seu caráter fluído e instável.

A teoria das representações cotidianas, descrita por Viana (2008), e em sintonia com o referencial teórico da saúde coletiva, serviu de suporte para a análise qualitativa do material transcrito dos grupos focais realizados com a participação de jovens.

A coerência do método estaria em captar, a partir das representações cotidianas, as contradições presentes na vida social dos jovens, com suas diversas manifestações; o quanto estas se aproximam de sua vida concreta e o quanto se configuram como falsa consciência da realidade social, revelando um conteúdo de cunho ideológico. Assim, compreende-se que a percepção das contradições presentes nas relações de “classe” possibilitaria perceber a realidade com menos ilusão. As representações que o jovem faz de sua realidade (o que implica o sistema de valores) poderia então revelar as contradições presentes em sua vida concreta, possibilitando um posicionamento mais crítico ou se manter acríticas, homogêneas e indiferenciadas revelando uma consciência alienada.

O que se buscou apreender dos discursos dos jovens foram os componentes críticos ou ideológicos das representações cotidianas por referência às contradições que os aproximam ou distanciam de sua condição concreta de vida.

Essas considerações serviram de base para a análise que foi realizada obedecendo-se às seguintes etapas:

- Leitura de todos os relatos transcritos das gravações dos 29 grupos focais realizados, objetivando obter uma visão geral das representações cotidianas dos jovens.
- Considerando que o conjunto de expressões valorativas possibilitou uma amplitude de temas que perfazem o cotidiano dos jovens seguiu-se o processo de análise com a eleição de categorias compreendidas como mais centrais para serem objeto de análise mais aprofundada;

- Análise das categorias eleitas por escola buscando extrair as tendências valorativas dos grupos de uma mesma escola, o que possibilitou relacioná-las com as condições específicas de reprodução social revelando uma certa homogeneidade dos jovens desses grupos e escola;
- Feita a análise das representações cotidianas de todas as escolas buscou-se tecer comparações das tendências valorativas entre as escolas e regiões, o que possibilitou encontrar diferenças entre as escolas públicas e privadas, entre escolas públicas pertencente a uma mesma região e entre as regiões;
- Buscou-se organizar o capítulo da análise partindo das escolas situadas nas regiões mais centrais para as mais periféricas visando facilitar a percepção e apontamento das diferenças;
- Para finalizar buscou-se fazer a discussão dos grupos de todas as escolas e regiões a partir das categorias eleitas apontando semelhanças e diferenças nas tendências valorativas, considerando as diferentes condições de reprodução social dos grupos.

6 Análise dos resultados

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos dados busca mostrar diferenças nas representações cotidianas dos grupos sociais pesquisados através dos relatos transcritos extraídos dos grupos focais, em que se debateu um conjunto de expressões valorativas de jovens estudantes de 15 a 19 anos, de diferentes escolas do Município de Santo André, RMSP, de acordo com os objetivos desta pesquisa.

A apresentação dos resultados e da análise será feita por escola. De acordo com a metodologia, as escolas foram classificadas a partir da localização nas regiões: Central (C), Quase Central (QC), Quase Periférico (QP) e Periférico (P). A classificação dos grupos pelas regiões de maior ou menor acesso à riqueza teve como objetivo apontar diferenças nas representações cotidianas desses grupos em função de diferentes padrões de reprodução social que podem interferir no processo de formulação e afirmação de valores sociais.

Os padrões de reprodução social foram verificados por consideração ao IRS (Índice de Reprodução Social) conforme desenvolvido por Trapé (2011) de entrevistas realizadas com familiares dos jovens. A aplicação do IRS - com suas variáveis da dimensão da produção e do consumo – permitiu a classificação das famílias em quatro grupos sociais (I, II, III e IV), ordenados segundo a estabilidade no trabalho e na vida sendo o grupo I o mais estável e o grupo IV o mais instável, ou seja o mais excluído socialmente, conforme demonstrado no **Tabela 4**.

Tabela 4 – Distribuição das escolas por região e segundo a inserção das famílias dos jovens nos quatro grupos sociais definidos a partir da aplicação do IRS. Santo André, 2013

Região de Localização da Escola	Escola	Grupo social predominante das famílias IRS
Central	E1 Privada	I
	E2 Privada	I
Quase Central	E3 Pública	I e II
	E4 Pública	II
Quase Periférica	E5 Pública	II
	E6 Pública	II
	E7 Pública	II
Periférica	E8 Pública	III
	E9 Pública	II
	E10 Pública	IV

Conforme se observa na **tabela 4** o IRS das E1, E2, E3, E4 e E10 se manteve em consonância com as regiões de localização da escola. Já as escolas localizadas na região quase periférica (E5, E6 e E7) e na região periférica (E8 e E9) apresentaram dissonância com o IRS. Esse dado demonstra que a região de localização da escola se configura como um indicador importante para avaliar diferenças de reprodução social quando se considera regiões mais periféricas e mais centrais. No entanto as regiões intermediárias (Quase Central e Quase Periférica) prescindem de maior aprofundamento das variáveis para se avaliar diferenças.

A análise a partir das categorias que se destacaram nas representações dos jovens é apresentada a seguir considerando a escola em que foi realizado o grupo focal, a região onde está localizada, classificadas como Central (C), Quase Central (QC), Quase Periférica (QP) e Periférica (P) e o IRS. Algumas categorias são tratadas no seu conjunto tendo em vista a relação de maior proximidade que guardam entre si. São as seguintes: a) Educação, Escola e Trabalho; b) Família, Pares e Relacionamentos; c)

Consumo de Drogas Lícitas e Ilícitas; d) Participação Política;. Observa-se no entanto que nem todas as categorias se fazem presentes em todas as escolas já que as expressões foram sorteadas nos grupos prevalecendo a discussão em torno do tema referido nas filipetas.

As escolas encontram-se identificadas e apresentadas por ordem numérica precedida da vogal E, conforme segue: E1 (Escola Privada região C), E2 (Escola Privada região C), E3 (Escola Pública região QC), E4 (Escola Pública região QC), E5 (Escola Pública região QP), E6 (Escola Pública região QP), E7 (Escola Pública região QP), E8 (Escola Pública região P), E9 (Escola Pública região P) e E10 (Escola Pública região P).

Procurou-se preservar a sequência das falas nas discussões dos grupos focais sem identificação dos alunos somente da escola e do grupo. Considerando a extensão dos relatos, optou-se por transcrever os trechos compreendidos como principais para a análise.

6.1 ESCOLA PRIVADA LOCALIZADA NA REGIÃO CENTRAL – E1

6.1.1 Educação, Escola e Trabalho

As representações cotidianas dos jovens desta escola da região C sugerem pouco interesse pela leitura de livros e de textos indicados no currículo escolar, quando esta requer esforço de concentração e reflexão e interesse acentuado pelo aprendizado através de imagens e métodos que proporcionam rápida satisfação. O interesse está relacionado a livros de fácil e imediata assimilação que permitem visualização de imagens e processos mentais que priorizam a vivência do prazer dando pouca importância ao conteúdo do texto em si. Referem, por exemplo, o estilo “Mangá”^{*} em forma de quadrinho oriental. A busca por livros tem boa aceitação, quando proporciona prazer imediato, ao tempo em que se rejeitam leituras que exigem esforços de pensamento, reflexão e compreensão. A leitura também

^{*} Mangá é um estilo de quadrinho oriental. Suas origens remontam a China, mas é no Japão que os quadrinhos realmente ganharam força, principalmente depois de 1967, com a criação de “A Princesa e o Cavaleiro”, do mestre Osamu Tezuka.

pode ser socialmente valorizada em função de emprestar certo *status* ao suposto leitor (ser culto) ou pelo puro prazer.

Há tendências valorativas que denotam rejeição total da leitura como forma de prazer e aprendizado. Em menor medida os jovens observam que a leitura também pode ser valorizada em função do conteúdo visando o desenvolvimento pessoal (acrescentar algo, proporcionar conhecimento) e por proporcionar aprendizado e desenvolvimento das capacidades e habilidades (pensar, refletir, interpretar, melhorar o vocabulário). Nesse caso observa-se que nem sempre a leitura é prazerosa mesmo assim pode oferecer aprendizado.

Houve exceção, como a de um estudante que citou a leitura de mais de um livro denso, ‘que te faz pensar’, “Ensaio sobre a cegueira”, de José Saramago e “Apanhador de trigo nos campos de centeio”, de JD Salinger. Observa-se também que o preconceito que cerca os tipos de literatura, como romance foi quebrado por um estudante a partir da leitura de um texto do gênero.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de um grupo focal em que os jovens debateram a expressão “ler um livro é uma chatice”.

Expressão debatida: ler um livro é uma chatice

E1: É uma chatice, mas também têm certos tipos de livro. Por exemplo, de escola é uma chatice, é um tédio.

E1: De todos que eu já li até hoje teve um na sexta série no máximo que eu achei legalzinho. O resto é tipo, é que não é linguagem normal, hiper culta. Tem gente que gosta, mas no meu caso, não vou com a cara muito da linguagem culta, daquela historinha.

E1: Eu já vi alguns livros tipo ficção, essas coisas eu sou mais chegado. Mas às vezes também é por pura preguiça, eu estou com um livro pra ler há quase um mês, mas eu não leio por pura preguiça, porque eu gosto de ler. Eu também gosto de ler estilo, não que seja um livro, estilo mangá, mas é tipo uma historinha, eu acho que isso me daria mais prazer, é o que eu mais gosto, do que ler um livro, talvez seja também porque tenha imagem, talvez seja, tira um pouco daquele negócio só letra, letra, letra, você consegue imaginar melhor.

E1: Por exemplo, assim, ‘a cidade e as serras’ que é tipo, meu, quem gostou daquele livro? Quem gostou daquilo?

E1: Eu concordo com ele, eu acho que todo mundo gosta de ler, isso é um fato porque, só que assim, depende do que a pessoa gosta de ler. A pessoa gosta de esporte, ela vai pegar o jornal e vai ler a coluna de esporte, ler o que ela gosta.

E1: E aí ela vai, fala, você não pode ler nada sobre esporte, a pessoa vai ficar meio ‘pô, mas eu gosto, eu gosto de saber, eu quero ler coisas de esporte’, então cada um lê o que gosta. Então não dá pra uma pessoa chegar e falar ‘meu eu gosto de ler tudo, sobre tudo, todos os assuntos’.

E1: Eu acho que ler é fundamental, mas pega que nem, na escola têm uns livros que são muito chatos.

E1: Mas tem alguns livros que assim, que nem romance, eu gosto de ler muito romance, pegar assim um livro pra ler à noite é gostoso. Eu acho que ler é fundamental.

E1: Não, depende do conteúdo, tem muita coisa que, por exemplo, você vai ler na internet, tem muita coisa errada, tem muita coisa que não vai te acrescentar nada. Agora, assim, você pega um livro, aquele livro bom, vai melhorar o seu vocabulário, vai saber mais sobre aquele assunto...

E1: Então, depende eu adorei muitos livros que a escola passou mas têm alguns que, é mais difícil, não que seja ruim, mas cansa, fica mais difícil de ler

E1: Eu não discordo plenamente porque tem livros que eu leio só por obrigação na escola, porque se fosse por vontade própria eu parava no meio, é, porque a história não é boa.

E1: Eu sei que é pra aumentar o nosso conhecimento, pra gente entender o tema e tudo mais, blábláblá, mas é muito chato.

E1: Não, eu coloquei discordo que é uma chatice porque eu amo ler, eu leio demais, mas eu não discordo plenamente porque realmente, tem um livro ou outro que eu não gosto, mas você lê livros que te interessam, que o assunto te interessa.

E1: Dependendo de como o livro é escrito, de quem escreveu eu já, eu não gostava de romance, assim, quando eu li um livro de romance, aí nossa, eu comecei a gostar, assim esse livro aqui é o que desencadeou para eu gostar de romance mas antes eu odiava romance, eu falava 'é coisa melosa', eu já gostava de coisas investigativas, mas agora, você vai lá, lê um livro que você gosta, você vê o conteúdo lá, sobre investigação e é uma porcaria aí você já se decepciona com aquilo lá, então depende muito do que você gosta.

E1: Ah, eu gosto de livro que te faz pensar. O último que eu li foi 'ensaio sobre a cegueira' que eu adorei, achei genial, também gosto muito do 'apanhador no campo de centeio' que é o meu livro preferido que ele tem várias interpretações, você pode ler e pensar, você pode falar 'ele quis dizer isso, mas ele fez isso...'

E1: Livro de poesia. E também depende, depende do texto, depende do livro...

E1: Pode ter aquele tema que você acha muito chato só que o livro, tem uma posição muito bem colocada.

E1: Odeio todos os tipos de livro, tudo, tudo o que for livro.

Para os jovens desse grupo a busca por trabalho pode colocar em evidência os desejos, aspirações humanas e valores pessoais. Há situações, como concorrer a um emprego, que requerem adaptação do seu modo de atuar socialmente não sendo possível se manter autêntico, o que não significa mudar o caráter e a personalidade. A pessoa é sempre a mesma, mas dependendo do tipo de situação e objetivo há variações na forma de se relacionar. As pessoas também podem mudar o seu sistema de valores e a personalidade em função das pressões e exigências do mercado de trabalho. Há portanto contradições e contrassensos no discurso do grupo entre a defesa por manter o que acreditam ser, enquanto características próprias e valores, e o que vai se modificando quando estão em jogo as necessidades de sociabilidade e trabalho.

Observa-se o que no processo de socialização vai se constituindo novas formas de subjetivação e de identidades, o sujeito detentor de uma individualidade é percebido como um paradoxo. O sujeito é o resultado do processo de interação social e está em permanente mudança “para melhor” ou “para pior” quando está em jogo o seu sistema particular de valores e as pressões e exigências sociais. Ainda é colocado em evidência o tempo todo, manifestando-se em seu ser as contradições da sociedade. Ao tempo em que se percebe livre para escolher e agir de acordo com a consciência tem que se haver com as consequências por não estar de acordo com os padrões e normas sociais. Para se conseguir inserção no trabalho é necessário se submeter e se adaptar às condições que o mercado oferece mesmo que isso conflite com os interesses e ideias pessoais.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de um grupo focal em que os jovens debateram a expressão “você sempre deve ser você mesmo”.

Expressão debatida: você sempre deve ser você mesmo

E1: Personalidade é um negócio muito importante. Você fica sendo igual a todo mundo, sabe? Você ter personalidade própria, ser diferente dos outros, eu acho isso.

E1: Não ser ‘Maria vai com as outras’.

E1: É claro que você tem que se adaptar em algumas situações.

E1: Que nem, você vai querer um vaga, um emprego.

E1: Mas meu, mentira tem perna curta.

E1: Não, assim, omitir algumas coisas, você não vai chegar...

E1: Eu acho que você tem que se adaptar a algumas situações, mas não mudar o seu caráter e a sua personalidade, você muda assim, o jeito que você está falando. Quem nem, eu não vou falar aqui que nem em uma reunião em uma empresa, ou disputando uma vaga num trabalho.

E1: Não, mas aí você não está sendo você mesmo, eu acho.

E1: Não, depende, você é sempre uma coisa só?

E1: Não, eu sempre sou eu mesmo, mas dentro de mim não quer dizer que não vou ter umas variações, você tem variação de humor.

E1: Ah, mas eu acho que você não vai abdicar o que você pensa porque o cara da empresa vai falar ‘ah, você vai trabalhar lá, só que você... vai ter que comer os produtos da empresa, você vai ter que mudar alguma coisa na sua personalidade [...] não na sua personalidade assim, como lidar com pessoas, mais assim, nos seus ideais e você [...] de novo [...] o certo e o errado [...] se você tiver que mexer nisso eu acho que aí muda mais a sua essência.

E1: É um paradoxo também achar que você é você o tempo todo. [...] mas você não existe.

E1: É, porque ninguém é original.

E1: Porque assim, eu acho que ninguém é original nunca, até as suas ideias você pega de alguma coisa de que alguém falou e você vai se moldando com vários pedaços, assim você é algo melhorado ou uma pessoa pior que alguma coisa que você já viu, e vai ser assim pra

sempre, por mais que você esteja fazendo alguma coisa que você acha que é contra o seu valor ‘ah, eu estou tendo que fazer isso, mas eu não queria fazer’, naquele momento, você fazendo aquilo é você.

E1: aquela coisa que eu falo pra você, todo mundo acha que é obrigado a fazer muita coisa, você não é obrigado a fazer nada, primeiro porque tá vai, você tem uma lei, você tem a regra mas a lei está ali pra [...] você pode fazer isso, só que você não deve, você pode fazer aquilo mas você vai ter que arcar com as consequências.

E1: você falou que se considerava uma otária antes, você era uma otária nas suas palavras, mas aquilo era você só que ao mesmo tempo não era, porque você mudou mas você foi aquilo um dia e agora.

E1: Assim, naquela época era assim, eu pensava uma coisa mais eu exteriorizava outra coisa porque naquele momento eu precisava de uma outra aprovação e eu achava que ‘se eu falasse isso não ia ser legal’, entendeu, pra um grupo, e assim, mentia pra mim.

E1: Não, mas o que eu estou falando, você pode fingir por um tempo mas tem uma hora que nem você aguenta mais...

E1: Você acha que todo mundo tem duas personalidades?

E1: É uma pra cada dia [...]

E1: Não é personalidade, eu acho que... algumas situações você tem que lidar com o meio assim, você está...

E1: Mas você deixa de ser você mesmo por causa disso?

E1: Você era aquela pessoa depois por algum motivo você simplesmente mudou, não é que você não [...] você é você mesmo [...]

E1: Não, eu falei que depende do meio em que você está, é igual ao que o [...] falou, você não vai tratar o seu pai [...] mas aí ela falou, mas isso não quer dizer que você não seja você mesmo, é por isso que eu... eu sei lá.

E1: Você não pode chegar num lugar e fazer o que você quer, você é um idiota e quebrar coisas por exemplo, você num vai chegar na casa de um amigo seu e começar a quebrar tudo.

E1: Você pode ser você mesmo, expor suas ideias mas de um jeito diferente, você não vai mudar assim ‘ah, nessa empresa é... eu tenho que mudar completamente e mentir’, entendeu? Eu acho que tem diferença entre mentir e omitir. Você vai lá pra um lugar e se o cara te perguntar ‘você fez algum curso de línguas?’ Você vira pra ele ‘ah, fiz alemão’, ‘fala bem, [...]’. é claro que o cara vai descobrir, mas se a empresa tem uma filosofia que vai contra alguma coisa sua mas se o cara não perguntar nada e se aquilo não for influir no seu trabalho, você conseguir realizar o trabalho e conseguir separar esses dois núcleos que é o trabalho e o que está na sua cabeça, no que você for trabalhar não vai influenciar nas suas ideias de um modo muito forte, acho que.

E1: Omitir é totalmente diferente de mentir.

P: É, você não vai entrar numa empresa e falar pro cara ‘nossa eu sou anarquista’, entendeu? Você não vai falar isso. Eu sou socialista, nazi... não vou falar isso, aí você vai ficar na sua.

E1: Porque você é você o tempo todo, às vezes você não pode exteriorizar aquilo mas não deixa de ser você.

E1: Então, mas tipo tem que aguentar as consequências daquilo que você é. Aquele negócio que ela falou, se eu for anarquista eu tenho que aguentar as consequências.

6.1.2 Família, Pares e Relacionamentos

Os jovens dessa Escola Privada da região C denotam sentimentos ambíguos em relação à família que tanto pode significar algo bom, prazeroso, que dá suporte às necessidades de convivência, quanto pode eventualmente constituir obstáculo para a vivência de outras relações, fora do âmbito familiar, e dar resposta a necessidades que não podem ser dadas pela família.

Os pais podem se mostrar como modelo negativo ou positivo depende do que o jovem constituiu como valor naquele momento da vida. Às vezes o que os pais valorizam não acompanham as mudanças desejadas pelos jovens. Os jovens podem melhorar ou mudar os valores transmitidos pelos pais a partir de um referencial próprio, de sua personalidade. A experiência vivida e o conhecimento acumulado pelos pais devem ser considerados para o aprendizado da vida, mas eles não são unanimidades, também cometem equívocos e há vários outros modelos de identificação na sociedade.

Os valores são diferentes de uma geração para a outra e sempre ocorrem mudanças de uma para outra. Hoje há maior liberdade principalmente para as mulheres e também os pais buscam novas possibilidades de aproveitar a vida.

A família tem importância maior quando se trata de apoio e proteção. No entanto quando se trata de consumir drogas ou aceitar a opção sexual os jovens não se percebem aceitos pelos pais. Temem não serem aceitos, serem criticados e causarem sofrimento para os pais e, ao mesmo tempo, prezam o rigor e o uso de métodos punitivos pelos pais.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de um grupo focal em que os jovens debateram as expressões “tenho meus pais como exemplo”, e “eu posso contar com a minha família e a minha família pode contar comigo”.

Expressão debatida: tenho meus pais como exemplo

E1: Porque depende do exemplo, depende de qual exemplo.

E1: Tem coisas que eu concordo do meu pai, tem coisas que eu discordo totalmente. Depende do momento.

E1: Mas esse exemplo pode ser negativo ou positivo. Depende do que você quer ser ou do

que você não quer ser.

E1: Você pode pensar de um jeito e seu pai de outro diferente e mudar, você ainda pode mudar, seu pai às vezes já viveu a vida inteira querendo uma coisa achando que é isso e isso, e às vezes não muda.

E1: Eu acho que esse exemplo é mais assim, é exemplo se você pegar o que você vê nele e melhorar, usar pra que você não tenha que passar pelo que ele passou pra ser o que ele é hoje.

E1: É, mas então, por isso mesmo, um exemplo negativo, falar ‘ah, não quero ser como ele é’, porque eu acho que ninguém é assim [...]. pra mim a personalidade é muito... aquela coisa de você olha pro seu pai e vai ‘eu sou você amanhã’. Ele já passou por tudo o que você está passando e é o seu pai, então ele se importa com você.

E1: Ele deveria ter falado a mesma coisa assim, com o nosso avô.

E1: Ele viveu uma fase que você está vivendo, e assim, ele te entende, mas depois ele entendeu outras coisas que você não entende agora... e está tentando passar isso pra você. Mas assim, ele é o seu exemplo desde que você nasceu, porque ele é a pessoa que vai estar lá com você, vai te criar, seja pai biológico ou não, mas são as pessoas que te criam que a gente considera pai, ele vai estar com você desde que você nasceu até você, sei lá, sair de casa, até ele morrer e ele vai estar lá como um exemplo, porque ele vai ser um modelo de pessoa que você vai estar sempre olhando, você vai acompanhar a vida dele mais de perto do que de qualquer uma e você vai usar isso, e a pessoa que você vai conhecer a história e vai analisar, ele é um exemplo, mas pode não ser o exemplo que você vai seguir.

E1: Eu acho que é mais fácil você concordar com um pensamento, tipo pegar como exemplo um pensamento do seu pai e os da sua mãe e não algumas atitudes, que às vezes você discorda plenamente das atitudes.

E1: Se você parar pra pensar um pouco, às vezes você concorda, sim.

E1: Você assume um compromisso, assim o meu é um exemplo e eu quero ser igualzinho a ele.

E1: Não, não é nesse tema de concordar, ‘ah, quero ser igual o meu pai’, não é assim, é concordar, legal, de repente esse é um lado que eu não pensei, entendeu? ‘Ah, pai, vou encher a cara hoje’, ‘ah, não tem isso, isso e isso’, ‘ah, tem um monte de amigo meu...’, ‘mas não, não pode’, ele pensa por um lado, ele não pensa só por causa da bebida que vai fazer mal, pensa, rua, pensa uma série de coisas, brigas podem acontecer, uma coisa assim, do gênero, entendeu?

E1: Primeiro que o meu pai era bem pobre em Salvador então, é totalmente diferente, ele jogava futebol na praia, por isso que a gente não pode analisar a juventude, falar assim ‘ah, a juventude tem um valor’, tem pessoas que concordam e discordam, o meu pai por exemplo, ele sempre, até hoje gosta de sair pra caramba, toda sexta, sábado e domingo eu vejo os meus pais pouquíssimo, eu vejo eles mais de dia de semana, e meus pais quando eles eram mais novos... a minha avó não deixava a minha mãe sair, tanto que o meu pai é 6 anos mais velho que minha mãe, minha avó ficou louca porque eles namoravam, se minha mãe fosse seguir a cabeça que ela tinha naquela época, os exemplos, ela não ia ser que nem ela é hoje, pelo menos [...]. daí é muito diferente, depende da criação e do tempo, o tempo lá é mais restrito qualquer coisa, sair...

E1: Eu acho que você tem que analisar o seu pai e sua mãe não sendo a verdade maior da minha vida, ‘eu tenho que seguir tudo o que eles falam’, então não é assim porque ele é seu pai, que ele já viveu há 30 anos atrás que ele é o dono da razão de tudo, ele é seu pai mas ele é ser humano, ele erra, eu acho que tem que encarar o exemplo assim, deste ponto de vista.

E1: Eu ainda acho que são exemplo pra algumas coisas e pra outras não. Eu admiro eles em algumas coisas em outras eu discordo totalmente.

E1: Mas é o que eu falei, ele é seu pai e vai ser um exemplo mas ele não é a verdade e ponto. Eu acho que a verdade é assim, o que você acredita, o que você leva, o que você construiu, a sua personalidade, o que é certo ou errado pra você, na sua cabeça, tipo ‘eu acho que você devia fazer isso assim’ e você fala ‘pô, ele está certo’. Ele não vai deixar de ser um exemplo pra você porque ele não concorda com alguma coisa, até pelo contrário,

porque ninguém vai ser totalmente passivo com tudo que você fala.

E1: Não, assim, é que eu acho que o lance de ‘ele é meu pai, ele é meu exemplo’, ele não é seu exemplo, ele é um exemplo, vão ter vários exemplos na sua vida, os que você vai seguir e os que você não vai seguir, os que você vai concordar e os que você não vai concordar.

E1: Se meus pais tivessem se moldado olhando pelos meus avós, eles... todo mundo ia ser igual pra sempre. Por isso que eu falo de exemplo assim, nesse sentido mais aberto.

Expressão debatida: eu posso contar com a minha família e a minha família comigo

E1: Ah, família é o que está sempre do seu lado. Você pode contar com amigo, pode contar com um monte de gente, mas família... em algumas situações você sempre vai contar com a família.

E1: Minha tia fumou maconha, e meu pai falou assim ‘você quer fumar, vamos fumar’, foi lá e fumou, hoje ele é um viciado.

E1: É vai depender muito que nem ele falou, se for pedir droga pro seu pai, provavelmente na maioria das vezes ele não vai te arranjar droga, mas pra contar algumas coisas boas assim, alguma ajuda...

E1: Sua mãe não ia falar ‘ah, filho que bonitinho vamos nos tratar juntos’.

E1: Não, mas ela não precisa dar sermão pra falar que você está errado, você já sabe...

E1: Ah, aí vai de cada pai. Varia de pessoa pra pessoa, isso aí é pessoal.

E1: Nesse tipo de caso normalmente o pai é o último a saber. Nesse tipo de caso normalmente a mãe sempre apoia e o pai?

E1: No meu caso, não que eu seja, mas é verdade, o meu pai fala ‘filha você podia ser lésbica’, aí minha mãe falou ‘ah, credo’, aí depois ele falou ‘ah, não, eu ia me sentir tão mais confortável...’

E1: É o que ela falou, tem coisas que não adianta, você não vai conseguir contar com o seu pai, ‘pai, compra um quilo de cocaína pra mim, vai. De aniversário’. Mas pra coisas boas assim, tal...

E1: Eu tenho um amigo que é, todo mundo percebe que ele é mas o pai, é assim, o pai, se ele falar pro pai dele ele vai surtar. Mas é visível.

E1: Às vezes até o pai sabe mas não quer...

E1: Primeiro eu vou fazer ele comer uma menina, primeira coisa que eu vou falar ‘você gostou?’ ‘se não gostou aí pode ser viado.

E1: Não que ele fosse te deserdar assim...

E1: Ele te criticasse, te criticasse, mas talvez com o tempo ele se acostumasse com a ideia. Você não sabe.

E1: Minha mãe, hoje ela veio desesperada perguntar pra mim, aí eu falei ‘não’, ‘mas você estava falando que você ama as suas amigas’, aí eu respirei fundo e falei ‘mãe, você ama o seu irmão?’, aí ela ama e ‘desculpe falar [...] mas você quer [...]’ é tá, te entendi’. Aí ela ‘ah, tá’...

E1: É um negócio polêmico assim.

E1: Não deveria ser, eu acho que não deveria. Eu também não sou mãe, eu não sei como eu me sentiria, que queira ou não às vezes nem é pela opção do seu filho, é pela vida que você sabe que ele vai levar, tendo pessoas como...

As representações cotidianas dos jovens dessa escola sobre o prazer de estar com os amigos se dividem com o prazer de estar com a família. A amizade é referida como algo bom e prazeroso e ao mesmo tempo como algo que traz desconfiança, depende dos bons e maus humores e da

disposição do momento. É algo volátil, “uma coisa muito subjetiva”, frágil. Enfatiza-se o aspecto da alegria, dividir coisas boas e se renega os sentimentos ruins, o mal estar, o cuidado um com o outro. O sentimento de tristeza é vivido solitariamente, não pode ser dividido com o amigo solidariamente.

Os amigos são classificados como bons e maus, que influenciam para fazer “coisas boas” ou “ruins” e que não aceitam as opções uns dos outros. Dessa forma a insegurança e o medo projetado no “outro mau e perigoso” se alia ao sentimento de desproteção e fragilidade tornando as relações superficiais e para satisfação de necessidades momentâneas de prazer e alívio de sentimentos. A busca de um amigo às vezes está ligada a necessidades pontuais e egoístas, quando se está feliz se busca amigos felizes, quando se está triste se busca amigos “deprimidos”, quando quer se divertir com bebidas ou extravasar se busca amigos “que bebem até cair e levantar”. Da mesma forma há sentimentos ambíguos em relação à família que pode significar algo bom, prazeroso, que dá suporte às necessidades de convivência, mas que às vezes é obstáculo para a vivência de outras relações e necessidades.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de um grupo focal em que os jovens debateram a expressão “nada é mais prazeroso do que estar com os amigos”.

Expressão debatida: nada é mais prazeroso do que estar com os amigos

E1: Olha, assim, por experiência própria, amizade não dura pra sempre, e é uma coisa muito subjetiva, você pode gostar de uma pessoa num dia e no outro dia a pessoa fazer alguma coisa que você odiou e você falar ‘não quero mais falar com você’. Mas acho que é aquilo que a gente estava falando, do prazer em estar com os amigos, as pessoas que você gosta não precisam nem ser necessariamente os amigos, pode ser o seu pai, a sua mãe, um parente, seu cachorro, causa um prazer porque você está do lado de uma pessoa que você gosta, você não vai querer ficar do lado de uma pessoa que você não gosta.

E1: Tem dia que eu falo ‘ah, não quero sair hoje, quero ficar em casa com meus pais e assistir filme’.

E1: Às vezes quer sair pra qualquer lugar desde que seja longe dos pais.

E1: Seus amigos vão fazer uma super viagem e você vai lá com seus pais pra praia.

E1: Se você tem uma relação melhor com seus amigos do que com seus pais, você vai odiar mesmo.

E1: Por exemplo, você acorda de manhã, chovendo, o céu assim, aí chega na escola, bate com tudo assim, aí seus amigos falam ‘nossa, tá mal humorado’, aí você fala ‘num quero falar com vocês’, não que você odeia seu amigo, você está mau naquele dia, porque alguma

coisa aconteceu com você.

E1: Porque também vai muito do momento. Porque, é claro, é muito bom estar com os amigos, mas pode ser também que seus amigos não sejam a melhor companhia.

E1: Não. Não. Por exemplo, o amigo... ó, eu tenho um amigo, esse amigo, ele tem... ele é meu amigo, eu considero ele como meu amigo, de muitos anos, só que ele tem uma índole que já é... 'ah, eu preciso ser do grupo, eu preciso beber pra entrar no grupo' e você não, você é uma pessoa certinha, você fica do lado assim, mas você tem amizade com ele.

E1: É prazer assim, é prazer você ficar com ele, mas como ele faz atitudes ruins, você começa a ser meio ignorado por eles se você não fizer aquilo que ele faz também.

E1: É por isso que eu fico meio em dúvida, porque eu tenho amizades assim que são muito... na verdade muito forte é um só, entendeu, mas ela faz coisas completamente ao contrário de mim, ela bebe, ela usa um monte de coisa e é só pra aquele momento e ela não é assim se você for ver, mas de repente só pra se anexar a um determinado grupo ela vai naquilo, ela pensa 'ah, tá, é agora' e é por isso que eu acho que depende muito. Eu acho que ao mesmo tempo que não tem nada melhor do que às vezes ficar com os amigos, sair pra qualquer lugar com os amigos, é muito divertido? É, mas às vezes ficar com os seus pais, sei lá...

E1: Tem coisas que você conversa com os amigos que eles não vão saber.

E1: Eu acho que em relação aos amigos a primeira coisa que tem que fazer é se conhecer, você tem que saber os seus limites, saber o que você quer, eu acho que você tem que ter vários tipos de amigos, porque uma hora você está feliz, você vai lá com os seus amigos felizes, outra hora você está meio triste, você vai lá com seus amigos deprimidos (risadas). Agora quando você quer is beber, cair, levantar aí você vai com seus amigos que bebem até cair e levantar. Acho que você só tem que ter responsabilidade e saber o que você quer pra sua vida, ver o que você acha certo, o que você acha errado, você que tem que ponderar.

E1: E eu adoro viajar com meus pais, desde pequenininha eu viajo com os meus pais, e é lógico, existem algumas situações que é óbvio, os pais entendem, eu preferiria estar nas festas, na praia com os meus amigos.

E1: Se você acordar mal humorada e [...]. eu não sou obrigada a ter que te aguentar, quem é que vai você porque você está mal humorada, quando você está doente, morrendo? Seus pais vão cuidar de você, seus pais vão ficar te carregando...

E1: Não tem certo ou errado, depende de cada um.

E1: Depende do lugar e com quais pessoas você escolheu pra brincar é o importante, se você escolheu um amigo mau, que ele é ruim, ele vai acabar me trazendo coisas más e ruins. Eu vou ser levado, e querendo ou não, eu sendo uma pessoa ingênua e pura... ou não, [...]. eu iria nessa.

E1: Eu acho legal ficar com os amigos, porque você dá risada, você conversa sobre várias coisas, e com os pais, tudo bem, você conversa mas é diferente.

E1: Você tem mais liberdade.

E1: Com os amigos você tem a mesma idade.

E1: Isso dá prazer, acho que isso é prazeroso.

E1: Vai, você está maior feliz, você quer sair, compartilhar isso com suas amigas, você sai, você conta pra elas, traz muito prazer isso. É uma das coisas mais legais. Então eu concordo...

E1: Concordo, porque eu acho que quando você está feliz eu acho que você vai dividir com alguém, com seus amigos. Aí dependendo do amigo, fica feliz por você também. Então eu concordo que dá bastante prazer.

E1: Olha, mas geralmente quando eu estou triste, eu gosto de ficar sozinha, não gosto de ficar com os amigos.

E1: Eu também, eu não gosto de compartilhar minha tristeza com alguém.

E1: Ah, depende, tem coisa que você fala com os amigos, desabafa, que é ótimo, mas...

E1: Assim, você conta mas você não fica ali pensando.

E1: É, você não vai ficar martelando naquilo, porque ‘ah, eu estou triste’...

E1: No meu caso depende mais do meu humor, que nem, de manhã..

E1: De manhã eu mal me aguento também. Mais à tarde eu acabo chegando mais nos meus amigos e tal, é legal conversar com eles, dividir algumas coisas, tem certas coisas também que eu converso com os meus pais, mas às vezes eu dou preferência pros amigos.

E1: Você pode considerar os pais como amigos.

E1: Tem gente que não considera o pai e a mãe como amigo mesmo. Uma coisa legal não vai contar pros pais, mas pras amigas. Então eu acho que não dá pra separar os pais de amigos. Seu pai é seu amigo.

E1: Não, não é uma coisa ‘ah, isso me dá mais prazer que isso’. Por exemplo, tem dias que eu fico com a minha mãe que eu falo ‘nossa, que dia maravilhoso, que coisa muito gostosa ficar aqui e tal’...

E1: Você não vai separar tal coisa me dá prazer, tal coisa não me dá prazer. É só uma parcela das coisas. É isso que eu falo.

Em relação às expectativas sobre os relacionamentos sexuais e amorosos, os jovens dessa escola denotam preocupação com a contradição que parece haver entre as suas necessidades sexuais de prazer imediato e as consequências de seus atos. O exercício da sexualidade poderia trazer mudanças significativas e não desejadas no curso de suas vidas, como no caso de ter que sustentar e cuidar de um filho ou dos riscos de contrair doenças.

Até mesmo os relacionamentos mais estáveis e formais podem ensejar dúvidas e inseguranças em função do risco de transmissão do HIV/AIDS. Os jovens referem que para fazer sexo sem camisinha em relações mais estáveis é necessário buscar garantias com exames para avaliação da condição de cada um. No entanto o uso da camisinha pode ser um obstáculo quando está em questão o desejo de ambos em ter um filho. Entra em questão a confiança como um valor, já que existe a possibilidade da infidelidade nas relações.

Há opiniões de que a confiança se mantém como um valor importante e pode ocorrer em qualquer circunstância, dentro ou fora do casamento. Assim valorizam o uso do preservativo em qualquer circunstância e momento da vida e reconhecem que há inseguranças e fragilidades muitas vezes difíceis de se superar somente através do diálogo.

A confiança não seria mais parâmetro para as relações amorosas e sexuais quando se trata do risco de contrair doenças. Há opiniões

contrapostas de que a confiança se mantém como um valor importante e pode ocorrer em qualquer circunstância, dentro ou fora do casamento. Dessa forma defendem a confiança nos relacionamentos amorosos e no casamento como valores principais e referem que deve haver diálogo e responsabilidade para o cuidado de ambos.

Para esses jovens não falta informação sobre a importância do uso de camisinha e sobre métodos de prevenção da gravidez. O uso da camisinha pode evitar uma gravidez indesejada, assim como pode prevenir a transmissão de doenças. Referem que as necessidades de prazer e lazer não podem ofuscar as necessidades de cuidados e de seus projetos presentes e futuros. Denotam preocupação entre as necessidades sexuais de prazer imediato e as consequências de seus atos que podem gerar mudanças importantes em seu cotidiano, como no caso de sustentar e cuidar de um filho ou contrair doenças.

A vivência de outras situações de prazer e distração dos problemas do cotidiano é percebida como positiva referindo temores somente em relação ao consumo de drogas quando se torna problemático, o que poderia ser um fator de sofrimento mental. Sentem-se mais confiantes no conhecimento racional que formulam sobre a realidade o que denota um distanciamento do saber religioso para explicar o bem e o mal. Optam por assumir individualmente a responsabilidade pelas escolhas e ações.

Reconhecem a necessidade de buscar algum tipo de apoio para definir e compreender o que é bom ou ruim, o que poderia ser uma filosofia de vida de cada um. Percebem também que a formação da consciência para distinguir entre o que é bom ou ruim depende da sociedade em que se vive pois sentem-se pressionados por padrões e modelos a serem seguidos. Assim as pessoas agem mais pelo senso comum, a forma social definida das coisas; podem se imbuir de opiniões e visões diferentes, mas estão em primeira instância submetidas às pressões sociais.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de um grupo focal em que os jovens debateram a expressão “usar camisinha não está com nada”.

Expressão debatida: usar camisinha não está com nada

E1: Eu acho que a gente tem muita informação hoje, acho que quem acha que usar camisinha não está com nada é muito careta porque a gente tem muita informação, hoje a gente sabe... eu não vou querer perder a minha vida tendo uma criança, ou mesmo perder a vida literalmente. Porque eu acho que quando você tem uma criança, você tem o que... 16 anos e tem um bebê, meu, você não viveu nada, você quer aproveitar, você quer curtir, você quer sair, quando você tem uma criança você não pode nada disso.

E1: Mas têm outros métodos pra não engravidar é que usando a camisinha além de você não ficar grávida você não pega doenças então eu acho que mais que a gravidez ela evita doenças.

E1: [...] aquele negócio de 'ah, é minha namorada, tem não sei quantos anos', não, hoje infelizmente está muito assim, vamos com qualquer um depois eu mudo...

E1: Você não sabe por onde passou.

E1: Então o nível de doença cresceu muito então é um risco de gravidez e de pegar doença, de ser uma coisa muito fatal terrível, como de por uma criança no mundo e você não ter a mínima condição é muito alto...

E1: Além de prejudicar você mesmo que você vai ter que perder sua vida inteira pra criança, vai ser mais uma jogada no mundo, porque não vai ter uma estrutura familiar que precisa.

E1: Eu já ouvi gente ignorante falar que fazer sexo com camisinha é que nem chupar bala com papel... então, a pessoa vai até em busca do prazer, ela vai se submeter a pegar doenças...

E1: Não, mas eu acho que essa história é meio que outra coisa, a pessoa não gosta de usar... namora faz um tempo e ela não gosta... e ela não gosta... não usa camisinha aí o que você pode fazer? Pedir pra ele assim... a atitude que eu teria, eu ia pedir todos os exames para ver se ele poderia ter alguma doença, se ele não tiver nada você pode utilizar outro método para não engravidar.

E1: [...] precaução, então tem que usar mesmo o negócio. A pílula é só pra quê? É só pra você não engravidar, mas a camisinha já é contra isso, né? Então...

E1: [...] seria com o seu namorado de muitos anos, que você já conhece...

E1: Mesmo assim, às vezes ele pode dar uma puladinha de cerca e ter contraído...

E1: Porque assim, eu acho que não tem mais essa de 'ah, eu estou namorando há não sei quantos anos e confio cegamente no meu namorado', infelizmente não tem mais isso, porque você pode achar que conhece a pessoa mas vai que a pessoa saiu e se embbedou e não sabe o que fez aí vai e engravidou a pessoa ou pegou alguma doença e vem e te passa, você não pode ter mais confiança total no parceiro...

E1: Então, teve uma palestra sobre camisinha, sexo e essas coisas e... é assustador o número de idosos com AIDS, porque eles não usam, eles não... 'ah, é meu parceiro há tanto tempo, estamos casados' e eles não... é por trair, é que às vezes pra... o vírus da AIDS demora muito pra se manifestar, fica inativo, e...

E1: Tem muito preconceito...

E1: Eu acho que assim, que nem a [...] falou, não dá pra você confiar no seu parceiro, mesmo depois de muito tempo, mas quando você casar você vai ter que confiar nele...

E1: Mas aí é uma coisa séria, um casamento, não é um namoro que nem está hoje em dia, porque...

E1: Eu acredito que com certeza tenha muita infidelidade mas não é porque existe que você vai falar 'vou casar mas pode ser que meu marido me traia...' então ficar paranoica não dá assim, eu acho que tem que ter um acompanhamento médico e tem que ter um respeito entre os dois, se você vai casar é uma coisa que você está assumindo pro resto da vida, ninguém casa com o pensamento de 'ah, eu caso mas se não der certo qualquer coisa separo', não.

E1: É, depende do casal, porque tem aquele casal que casa por casar e não está se importando muito.

E1: Mas o casamento não faz mudar nada em relação à pessoa. Porque por exemplo, eu posso namorar cinco anos mas eu vou usar camisinha sempre, aí só depois que eu casar eu vou deixar de usar, ele vai continuar o mesmo, se ele estiver me traindo, ele vai continuar me traindo, se ele tem a doença, ele vai continuar com a doença. Então eu acho que...

E1: Eu acho que pode ser depois de 1 mês de namoro ou depois de 10 anos, isso depende da pessoa.

E1: Exatamente, a pessoa ser totalmente fiel a você, você pode casar depois de 15 anos e a pessoa te trai.

E1: É, está muito banalizado. Não tem mais aquela coisa fiel, confiante, que você fala 'não, eu confio'...

E1: Eu conheço assim, que usava pra não engravidar, agora... pra doença eu conheço poucos.

E1: Mesmo depois que você tenha casado, você confia na pessoa, mesmo assim eu acho que você ainda tem que tomar cuidado com a sua saúde, usar preservativo, anticoncepcional, acho que isso é pra vida inteira, acho que você...

E1: Eu acho que quando você casa, você tem que confiar na pessoa, acho que isso é uma coisa pra vida inteira...

E1: Não dá pra você namorar 5 anos com alguém e... 'eu vou usar camisinha porque se você estiver me traindo'... acho que não dá pra você namorar desse jeito.

E1: Acho que quando você casa você está assumindo um compromisso muito sério, você tem que saber com quem você está casando.

E1: Você pode por exemplo ter tido um acidente e ter transfusão de sangue, por exemplo, aí você pega AIDS...

E1: Você já sabe que corre o risco de sangue, então você vai começar a usar a camisinha, vai fazer teste, exame...

E1: Agora se dentro do casamento você estiver com dúvida... gente, se você dentro do casamento você está com dúvidas, se tem o HIV ou não, você vai lá e faz o exame, acho que tem que ter conversa entre o casal, e é isso aí.

E1: Mesmo assim, pode ter conversa e não resolver nada. Porque a pessoa não vai chegar 'ah, eu te trai hoje...' e aí... vamos usar a camisinha porque eu não sei se a pessoa tem doença ou não.

E1: Eu acho que desde o namoro você já pode confiar na pessoa.

E1: É que você fala que a gente, que todo mundo aqui concorda que durante o namoro tem que usar, e só depois do casamento que não, eu não concordo, eu acho que você pode... não vai fazer diferença namorando ou casada, se a pessoa estiver doente, ela vai continuar com a doença, então você não precisa... ter que usar a camisinha enquanto você estiver namorando, entendeu? Aí você decide o que é que você vai fazer, mas eu acho que não necessariamente.

E1: Eu acho que no momento em que você vai ter um relacionamento sexual sem camisinha, você tem que estar bem consciente que você está entregando a sua vida na mão daquela pessoa, que literalmente você está jogando sua vida na mão da pessoa, entendeu? É muita responsabilidade, e é difícil, eu acho...

E1: Então, todo mundo falou assim, que nem a Bruna falou não porque vai, namorei por 5 anos então vou usar a camisinha então se a gente resolve casar acaba tudo, não é assim. Mas eu acho que assim, casamento já é uma coisa muito mais séria que namoro. Então do mesmo modo que você pode [...]. É, do mesmo modo que você tem que se proteger quando você está namorando, você tem que se proteger quando está casado.

E1: É, porque você pode estar namorando há um tempo e chegar um ponto que você fala 'não, não precisa mais, eu posso usar só pra não engravidar porque a gente conversa, a gente se entende, a gente sabe que corre risco pros 2, porque a partir do momento que não vai mais usar camisinha os 2 estão correndo risco. Então não é uma coisa só pra mulher, vai

por exemplo, os 2 estão correndo, então tem que ter uma confiança muito enorme nos 2.

E1: Eu acho que é isso mesmo que elas estão falando, que você tem que utilizar a camisinha, eu acho que tem que usar sempre porque é uma forma de se proteger, você pode usar outras...

E1: Eu usaria sim, assim se eu... depende muito de quem eu iria casar, assim o meu namorado eu posso estar amando ele agora, mas depois eu posso... dá uma louca em mim eu falo 'eu não quero mais você', né? E... é isso.

E1: Tem que conhecer muito bem a pessoa.

E1: Se eu estivesse casada, eu não usaria camisinha, eu usaria métodos pra não engravidar [...] mas eu iria pedir pra ele fazer todos os anos, os 2, e não usaria a camisinha, só pra não engravidar, porque é meu marido.

E1: Não, casado eu também acho que só usaria métodos pra não engravidar, e como todo mundo deveria fazer manter o controle médico.

E1: Não, também tem que ter muita conversa, porque não dá pra manter uma relação também sem ter diálogo. Tem gente que até mantém uma relação mas não é uma relação assim...

E1: Tem que ter uma certa... eu acredito que... ainda hoje eu acredito na fidelidade... tipo, você não vai casar com uma pessoa... 'vou casar com essa pessoa mas vou pular a cerca'...

6.1.3 Consumo de Drogas Lícitas e Ilícitas

Para os jovens dessa Escola Privada da região C o consumo de álcool está associado à busca de prazer e aos ambientes de lazer e diversão. O álcool contribuiria para promover um sentimento de comunhão e socialização entre as pessoas que se sentiriam reconhecidas e valorizadas. Possibilitaria que a pessoa ficasse à vontade para se relacionar e para dizer coisas que censuraria em “estado normal”. Da mesma forma ajudaria a superar a timidez tornando a pessoa mais suscetível a revelar sentimentos íntimos, o que nem sempre é percebido como benéfico, uma vez que pode gerar mal estar e arrependimento quando os efeitos passam.

Também o consumo de álcool está associado à necessidade de perder o controle promovendo uma sensação de relaxamento e desligamento temporário dos problemas. Dessa forma o consumo de álcool pode ocorrer de forma positiva, sem resultar em abusos, quando o objetivo é diversão e distração. Ainda observam que há outras maneiras, que prescindem do consumo de álcool, de superar as dificuldades nos relacionamentos.

O consumo prejudicial ocorreria como consequência de dificuldades momentâneas vivenciadas pelas pessoas, ou seja, determinado pelas condições emocionais e características dos sujeitos. Pode tanto liberar sentimentos bons (como amor e alegria), como sentimentos ruins (como

raiva), que podem gerar violências. As pessoas podem estar motivadas a beber para aliviar algum sofrimento ou fugir de algum problema (como no caso de ser traída num relacionamento) e assim resultar em perda do controle gerando violência.

Nesse sentido a forma de relação com a substância depende das características da pessoa em questão e da situação que ela está vivendo no momento. A perspectiva de um consumo benéfico ou maléfico estariam associadas então às particularidades e características de personalidade dos sujeitos, ou ainda, ao sofrimento gerado nas relações amorosas e familiares.

Em relação às políticas brasileiras há diferentes posicionamentos. Aqueles que são favoráveis à proibição da venda de bebidas alcoólicas para menores argumentam que o jovem não tem maturidade e responsabilidade para saber o que é certo e errado, pois ainda está em formação. Assim observam que a liberação resultaria no alastramento e aumento da frequência do consumo. Como existem diferentes motivações para o consumo muitos jovens que não utilizam bebidas alcoólicas, por medo de fazer algo “errado”, poderiam se sentir mais confiantes para consumir.

Os jovens favoráveis à liberação do consumo para menores de 18 anos argumentam que não é o sistema de proibição que impede o consumo, pois mesmo proibido muitos jovens consomem, ou por decisão pessoal de beber, ou para facilitar a socialização e aceitação nos grupos. Observam que dependeria mais da consciência que o jovem tem para saber escolher e como consumir de uma maneira que não lhe cause problemas. Referem que a proibição além de não impedir o consumo ainda pode funcionar como uma provocação, já que a busca por desafios é uma característica da juventude.

O consumo, no entanto, não tem como único propósito o de violar regras sendo também uma forma de afirmação na sociedade: se sentir adulto e com nível maior de poder e reconhecimento. Apontam as armadilhas de se utilizar o critério de idade cronológica para medir a maturidade ou a capacidade mental no sentido de fazer frente às pressões sociais para o consumo. Esse critério pode significar que após a maioridade civil o jovem estaria liberado para consumir álcool sem limites. Ainda referem que no

caso de liberação, diminuiria a intensidade e aumentaria a frequência do consumo.

Os jovens falam ainda de outras questões relacionadas às mudanças na vida social que interferem no consumo de drogas, como o acesso precoce ao consumo, as novas tecnologias e as necessidades de aparência. Essas mudanças criam novos ritmos no cotidiano e o consumo de álcool pode se encaixar, atenuando pressões e exigências sociais.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de um grupo focal em que os jovens debateram as expressões “bebidas alcoólicas deveriam ser liberadas para menores”, “o álcool traz uma sensação de alegria”, “quem bebe é violento”.

Expressão debatida: bebidas alcoólicas deveriam ser liberadas para menores

E1: Eu discordo pelo seguinte fato, a gente é adolescente, a gente não tem tanta idade a gente não tem tanta responsabilidade de saber o que é certo e o que é errado. Mas não sabe assim, as consequências, não sentiu o que seu pai, a sua mãe sentiu, por isso eu acho que vender bebida alcoólica pra menores eu acho isso péssimo, eu acho também que se tiver que ir num barzinho, não mesmo num barzinho. Eu acho que não deve.

E1: Porque quem vai atrás da bebida é justamente porque é proibida.

E1: Não, não vai aumentar o consumo. Eu acho que vai até diminuir porque a partir do momento que for liberado, não, espera, eu me confundi, deveriam ser permitidas.

E1: Então, exatamente. O jovem vai atrás da bebida porque é proibida.

E1: Pra mim continua na mesma, sendo legalizado ou não, ‘vou beber e é isso aí’.

E1: Não deve, só que depende do jovem. Infelizmente, a gente que é jovem não viu muita coisa na vida ainda, então a gente pensa que a gente sabe, que sabe da consequência de que a gente vai fazer isso mas às vezes quando acontece você acaba indo por aquele caminho.

E1: porque você não conhece, você não viveu, seus pais já viveram, ‘olha, não é legal você beber’, aí, entendeu, eu acho que o jovem ainda não dá pra ter uma opinião formada.

E1: Tem que impor um limite.

E1: Mesmo que ele não seja respeitado, estão fazendo alguma coisa.

E1: Eu concordo com isso, tem que ser proibido porque não está certo liberar pra todo mundo.

E1: Que ele ainda não conhece essas pessoas que, tem que ter a consciência que não vai beber, eu acho muito difícil e eu acho que têm muitas pessoas que vão ser influenciadas se for legalizado e vão acabar bebendo e vão acabar se viciando porque álcool vicia então eu acho que, eu acho isso, eu acho que o jovem ainda não tem a capacidade.

E1: Então, eu acho que, eu concordo com você porque não sendo legalizado a pessoa tem um certo, um breque em relação à bebida, agora se fosse totalmente legalizado por exemplo, saía da escola e ‘vamos beber, vamos’ é uma coisa que ia ficar muito, à disposição pro jovem, sabe?

E1: O álcool faz mal pra sua consciência, por exemplo, você é um jovem, você não está completamente formado, você vai lá, dependendo de como você é criado você bebe um pouco ou você bebe muito, se você bebe pouco vai fazer um malzinho no futuro, se você bebe muito você em formação, o seu cérebro vai dar um tilt no seu cérebro, então vai dar um problema geral e como você é menor, é proibido por causa disso mesmo, porque você

está em formação, você está crescendo e tudo mais, porque menor é o que, de 18 pra baixo. Quando você já fez.

E1: Você deveria, por causa que você está em formação, deveria ser proibido depois dos 20, porque você não vai acabar a sua formação aos 18, você vai passar dos 20 ainda.

E1: Eu acho que se o álcool for liberado já diminuiria a quantidade e aumentaria a constância. Porque como está liberado, ele vai todo dia...

E1: É, mas não vai beber pra encher a cara todo dia e ficar, sei lá, bêbado.

E1: mas tem gente que bebe por causa do grupo.

E1: Pode não ser certo, mas qualquer um, você pode perguntar pra qualquer um, você acha certo? Não. Mas você já fez e dá um, se você já fez e dá um certo prazer, você quebrar as regras uma vez ou outra? 'Ah...'

E1: Tem gente que não se contenta com esse 'uma vez ou outra'.

E1: Eu acho que cada vez está mais cedo. O pessoal está amadurecendo mais cedo, não amadurecendo, por exemplo, eu vejo muita criança ali do fundamental ali de 8 anos de idade com celular na mão, com maquiagem e blábláblá, aí você fala, 'meu, eu era tão feliz, tão feliz com 8 anos de idade, com o cabelo todo descabelado, sem maquiagem, sem aquilo lá e eu estava tão feliz'.

E1: Eu acho que aí você vai perder um certo controle, porque por exemplo, segunda feira você tem aula à tarde, a pessoa vai lá, vai beber, não precisa beber muito, aí vai voltar pra escola, vai estudar, não vai conseguir estudar direito, isso afeta. E seus pais vão ficar sabendo que você está tirando notas baixas porque você está indo no bar beber, porque é legalizado.

E1: Se a pessoa tem consciência do que está fazendo, a pessoa não vai sair e encher a cara, 'eu posso tomar todas', não é assim. Agora assim, se pudesse, se fosse legalizado ia ter muita gente que ia beber só por beber, 'já que é legalizado vou encher a cara, porque é permitido'.

E1: Depende da pessoa, porque, por exemplo, mesmo agora que não é legalizado tem gente que bebe, tem gente que enche a cara e tem gente que bebe normal, assim, bebe só às vezes.

E1: Por exemplo, tem aquela pessoa que independente de se for legalizado ou não, vai beber, e tem aquela que não bebe porque, ah, eu acho que é assim, porque têm aquelas que não bebem porque têm receio de beber, ficam muito em cima do muro, 'ah, eu não vou beber porque não pode, porque tal...', eu sei que isso é quase zero a porcentagem de pessoas que fazem isso, pensam desse jeito, mas eu acho que a partir do momento que fosse legalizado essas pessoas que estavam em cima do muro iam falar, 'bom, agora que é legalizado vou poder tomar', então sem culpa nenhuma.

E1: Então, é que nem aquele negócio, aquela polêmica, libera ou não libera as drogas. Eu fico muito assim, porque justamente ela não ser liberada têm milhões aí que se drogam à vontade, em qualquer lugar e é muito fácil, se liberasse será que ia aumentar muito ou será que se fosse liberada, 'agora pode', agora ia parar, então dá um conflito na mente.

E1: Então, mas por isso mesmo, os jovens eles têm consciência de que, por exemplo, se você passar de tanto de álcool você vai acabar bêbado, caído, fazendo um monte de coisa, então depende da consciência, depende da pessoa, porque, por exemplo, a pessoa que tem consciência não vai sair de noite assim 'ah, vamos beber com os amigos, vamos', então não vai encher a cara, vai tomar assim alguma coisa e tal só pra tomar.

E1: Mas como definir isso? Como que a cabeça de uma pessoa pode ser medida, pela idade?

E1: A formação sim, não a formação mental, a formação mental ela vai passar.

E1: Você passa dos 18 anos você 'nossa estou formado'. Posso beber loucamente.

E1: Não, a formação mental.

E1: O jovem não bebe só pra falar assim, 'ah, vou beber, eu tenho que beber pra entrar no grupo', ele bebe porque ele gosta de beber também, ele vai lá, experimentou, eu gostei, né? Vou continuar bebendo.

E1: Eu acho que não é só por quebrar as regras, eu acho que também é pra dizer assim, eu sou bom, eu sou gostoso, eu posso beber, eu sou adulto, não sou mais uma criança.

E1: Aí que está, 'sou um adulto', a bebida é para quem?

E1: Adultos.

E1: Então você vai o que? Você vai querer ser...

E1: Mais velho.

E1: O jovem tem sempre isso, né? 'Ah, eu quero completar 18 anos pra eu poder fazer isso, aquilo. Você é adulto já. Têm muita criancinha que falam assim, 'ah, não pega na minha mão não pra atravessar a rua porque eu já sou homem, já sou' sabe? Fala isso. Não é uma criança ainda, é um bebê.

Expressão debatida: o álcool traz uma sensação de alegria

E1: Bom, eu nunca provei, então eu não sei. Eu acho que assim, o álcool quando você bebe você fica mais alegrinho, isso é óbvio.

E1: Vai, toma alguma coisa alcoólica e você já é bêbado, tem alguma coisa errada.

E1: Sinceramente eu não preciso do álcool pra ficar alegrinha, pra ficar feliz. Não, eu sei, mas eu fico meio em dúvida.

E1: Dá alegria, é que é assim, depois que você sai, assim, por exemplo, você sai com os amigos pra, de noite aí você bebe, você fica mais a vontade pra falar algumas coisas...

E1: Eu posso muito bem sair com meus amigos e tomar um copo de açaí. Não preciso do álcool pra...

E1: O álcool traz uma maneira diferente de outras coisas, é por isso que as pessoas, bebem, o álcool, é uma sensação diferente das outras, é uma alegria que meio que, você meio que perde o controle, começa a caminha torto, ou às vezes você exagera na alegria, às vezes você passa a incomodar a pessoa de tão alegre, você fica pulando lá na pessoa.

E1: Sim, essa alegria exagerada, essa coisa que não é uma alegria natural de quando você fica feliz por qualquer motivo.

E1: Principalmente uma pessoa tímida, né?

E1: Eu acho que o fato de as pessoas saírem pra beber promove mais o sentimento de comunhão entre as pessoas, um sentimento de socialização mesmo porque você vai ver, um alcoólatra, ele não vai, ele vai compra a bebida e vai beber na casa dele, sozinho.

E1: da companhia que ele vai ter, ele só quer a bebida.

E1: AS pessoas ficam mais felizes se sentindo parte de alguma coisa, do meio social.

E1: Não também precisa beber pra se socializar. Fica mais fácil.

E1: No caso de uma pessoa tímida, fica mais a vontade. Ela quer falar pro próximo uma coisa que está guardada dentro dela, mas ela não consegue, que ela não é uma pessoa sincera, assim que... 'ah, é isso, pronto, acabou', não, ela vai segurar isso pra ela. E com bebida, como a bebida relaxa, dá prazer, digamos assim, é igual a droga, você não vai tomar a droga se torturando, não, não. Não, como ela bebe a dá prazer, ela libera aquilo, então aí ela pode perder o controle, que já não é bom, na minha opinião ...

E1: Se ela tem alguma coisa guardada ela vai perder o controle.

E1: Isso, ela vai perder muito o controle, porque mexe com a cabeça e... isso.

E1: Eu acho que essa não é a saída para as pessoas, a pessoa é tímida e ela tem dificuldade pra se expressar com as pessoas, não é bebendo que ela vai resolver isso, então eu acho que isso não tem muito haver, assim. Não é uma justificativa pra alguém beber assim.

E1: Não é assim, porque a pessoa é tímida, não tem coragem de falar, então vai beber pra falar tudo. Não, é que assim..

E1: O álcool dá alegria momentânea, só, né? Só naquela hora, porque depois... depois te faz pensar naquilo que você falou, você falou um negócio, tipo, 'eu falei um negócio que eu não deveria ter falado, mas era um negócio muito, eu não estava pronto pra contar aquilo,

não deveria ter contado aquilo, contei, então se sente mal.

E1: Mas por isso mesmo que você sai pra beber um pouco, não pra perder a noção do que você está fazendo. Não, normalmente é tipo... sai mais pra amizade. Só pra sair, pra conversar, não necessariamente pra ficar bêbado e ficar falando coisa que você não queria...

E1: Quando você fica alegre, você acaba extrapolando.

E1: Gente, eu fico em dúvida se o álcool traz realmente alegria ou, porque assim, eu acho que beber, eu sinceramente não sou muito a favor, acho que é pelo fato de a minha mãe e meu pai sempre falarem 'olha, você vai na festa, não bebe' acho que você é que, é como se bebida fosse uma coisa falsa pra mim, não existe aquilo, é como se você estivesse ingerindo uma coisa pra te deixar triste, então você não precisa, você pode retirar de seu interior a sua alegria, acho que eu não preciso de um álcool pra te deixar alegre. Então eu acho que as pessoas, cada um tem livre arbítrio, eu acho que você pode beber socialmente, mas você tem que ter controle.

E1: Mas então, é, eu nunca cheguei a ficar bêbado? O máximo que eu bebi foi um gole, e aí você fala 'nossa, é bom, é gostoso', você conversa com as outras pessoas, sei lá, não que você precise disso...

E1: Ninguém está falando que precisa.

E1: Nem que seja verdade, o álcool traz alegria, mas como a maior parte falou, não precisa do álcool.

E1: Eu penso que assim, eu estou meio em dúvida agora porque se eu chegar, por exemplo, se eu for lá no super mercado e comprar uísque, eu chego em casa, mesmo que, eu chego em casa não vai me dar uma sensação de alegria, eu acho, pra mim. Não vai me dar aquele prazer de estar tomando a bebida. Me embriagando e falando 'ah, vou beber mais porque estou me sentindo mal, ou beber mais porque estou me sentindo bem', não vai me dar alegria isso. Agora se eu estiver num grupo de amigos, e todo mundo bebendo e tudo mais, eu vou beber e vou me sentir mais feliz ainda, mais feliz do que se eu só estivesse com os meus amigos, pelo grupo, porque eles também estão bebendo, mas eu estou lá. Mas não ao ponto de chegar a ficar bêbado.

E1: Mas dependendo das consequências a sensação é de alegria.

Expressão debatida: quem bebe é violento

E1: Eu entendi assim, que qualquer pessoa que bebe fica violento, eu entendi isso.

E1: Então eu não concordo. Assim, os meus pais, eles gostam de beber, a gente vai pra praia, ele bebem cerveja e eles não são nem um pouco violentos. Eu acho que você bebe, primeiro porque você gosta, eles gostam do que eles estão tomando, e eles ficam mais felizes, mais relaxados e não são violentos.

E1: Não, depende da pessoa. Por isso que eu estou em dúvida.

E1: Eu acho que assim, às vezes quem bebe acaba ficando violento, por exemplo, a pessoa perde totalmente o controle da situação e tal, então ela pode acabar ficando violenta. Mas é lógico que existem pessoas que bebem e que não, não necessariamente é. É essa a questão. Então, ela pode beber e pode ficar violenta, mas podem existir pessoas que podem beber e não ficar violentas, só bebem e ficam bêbadas.

E1: É, depende da pessoa.

E1: está bêbado, fala que ama todo mundo. É ao contrário, nunca fala que ama ninguém.

E1: Se a pessoa tem uma tendência a ser violenta a bebida só vai ajudar. Descontrole e libere isso, pra fora.

E1: É porque assim como o álcool deixa a pessoa mais feliz, o álcool também pode liberar esse, essa parte violenta dela.

E1: o fato de ser legalizado ou não o álcool pra menores, eu acho que o jovem não tem condição quase nenhuma de, se é violento, se ainda não é, então se for legalizado imagina um jovem bêbado que não tem controle, ele pode ser violento e ele nem sabe, entendeu?

E1: É que a bebida transparece isso, a pessoa que bebe, ela bebe para que nossa, ela vai sair quebrando tudo...

E1: Bebe, já é bêbedo...

E1: É, não, que nem os meus pais, podem beber de vez em quando alguma coisinha e não são violentos, são paz e amor assim, imagina a P, se ela beber alguma coisa.

E1: bebem de vez em quando, mas não quer dizer que são bêbados, e também não quer dizer que são violentos.

E1: Mas têm pessoas que podem ficar violentas.

E1: Depende da causa, por exemplo, a pessoa tem um motivo, por exemplo, ela foi traída por alguém, ela vai lá beber e enche a cara, ela pode perder o controle e... (dentre os motivos anteriores ao consumo que podem levar a pessoa a perder o controle referem o sofrimento gerado pelos conflitos nas relações amorosas ao responder aos padrões sociais)

E1: Ela pode ser paz e amor assim, mas...

6.2 ESCOLA PRIVADA LOCALIZADA NA REGIÃO CENTRAL – E2

6.2.1 Educação, Escola e Trabalho

Para os jovens dessa escola privada da região C a educação pode ser decisiva para o bem estar futuro, porém também reconhecem serem necessárias outras condições para que um futuro promissor seja garantido. Estão apostando fundamentalmente no esforço ou força de vontade individual ou na sorte para conseguir colocação em um trabalho valorizado socialmente, como ser esportista talentoso.

Argumentam que uma boa base de formação escolar e familiar aumentam as chances para obter sucesso em algumas profissões mais disputadas tanto para ingresso na universidade como no mercado de trabalho.

A família pressiona para um tipo de profissão ou formação que sirva de base de sustentação para melhores padrões de vida no futuro, o que se contrapõe, em certa medida, às escolhas dos jovens em relação ao que desejam para si como forma de realização profissional. Há dificuldades em definir uma profissão mesmo estudando em um colégio particular com boas condições de ensino e estrutura.

Esses jovens não se queixam do sistema educacional, o que remete à melhor qualidade da escola que frequentam. Suas representações sugerem valorização da educação como condição para serem bem sucedidos no

futuro, porém são recheadas da aposta no esforço individual. Ao tempo em que fazem referência a familiares bem sucedidos em determinadas profissões (advocacia, por exemplo) como motivação para suas escolhas, mantêm a crença de que o futuro promissor depende de esforço individual.

O esforço individual coloca-se como a condição principal para conseguir atingir seus objetivos. Quem se esforça para buscar seus objetivos nunca perde mesmo que não consiga atingi-los. As pessoas que se esforçam para buscar os seus objetivos e não conseguem podem ser consideradas como insatisfeitas, infelizes e não realizadas, já aquelas que não se esforçam são consideradas perdedoras. As pessoas que se esforçam e não conseguem não estão sujeitas a um julgamento dos outros ou da sociedade, somente têm que se haver com as próprias cobranças e autojulgamentos. As pessoas que não se esforçam para buscar os seus objetivos têm medo de fracassar e esse medo impede que se arrisquem para buscar o que querem. Os jovens sugerem que estudar em uma Escola privada é mais difícil do que em outras escolas, o que exigiria maior dedicação. Assim por estudarem em um colégio privado com ensino de boa qualidade também se consideram mais capazes. O sentimento de fracasso é vivenciado quando não correspondem ao que é esperado pela escola. As notas baixas se transformam em autoacusação e desconfiança de suas capacidades.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “educação garante o futuro”.

Expressão debatida: educação garante o futuro

E2: eu acho que não é 100% assim, por isso que eu não concordei plenamente. Porque não é totalmente garantido. A educação ajuda muito, para o futuro e tal, mas eu não acho que seja só isso que importa para ter um futuro bom.

E2: eu acho que educação é um dos fatores para você poder avançar. Acho que da educação pode partir o princípio do estudo. Você pode batalhar um pouco mais. Eu acho que não é só educação que vai contar mais para frente. Eu acho que educação é mais um dos fatores...

E2: e também tem gente que não estuda tanto e consegue se dar bem. Assim, quem vai participar de um esporte, jogar bola, em geral eles não têm muito estudo e eles ganham muito bem. Então, tem gente que consegue se sair bem mesmo não tendo um estudo bom. Mas é como uma chance que você tem assim para você se dar bem.

E2: ter vontade de ter um futuro, né, ter vontade de mudar. Como você falou, não só educação basta, tem que correr atrás.

E2: se você estudar e acho que só com isso você não vai ter um futuro bom, você não vai para frente. Tem que querer, e tentar outras coisas. Mesmo que você tenha um bom estudo, não é certeza que você vai conseguir.

E2: tem gente que tem menos oportunidades do que outros, então, tem gente que tipo, é muito inteligente, estudou, só que não tem tanta oportunidade que nem outros...

E2: muita força de vontade também, né. Eu acho que mesmo aquelas pessoas que não tem tanta oportunidade, mas que correm atrás dos ideais, acho que conseguem, não digo todos, mas acho que metade, uma porcentagem de 50% dos que correm atrás mesmo, luta por aquele ideal, ele vai tentar e vai conseguir chegar aonde ele quer. Acho que a partir, acho que a educação é só um dos fatores. Tem que ter muita força de vontade. Você tem que estudar porque até jogador de futebol tem que ter uma base de estudo, para uma entrevista, qualquer coisa, então, acho que não é só a educação que conta. Tem várias coisas aí que precisam ser vistas pelos jovens.

E2: não, eu não sei se é bem isso assim. Eu acho que a partir do momento que você tem muita vontade. Então, você tem muita vontade de entrar em medicina, eu vou correr atrás, por mais que eu não tenha condições de tudo isso, eu vou correr atrás, vou batalhar, vou estudar, vou tentar fazer uma formação, sabe, tentar ser alguém para chegar lá em medicina que é meu ideal, o que eu quero. Então, acho que é isso: quem corre atrás tem uma grande chance de poder alcançar seus objetivos.

E2: tem que ter vontade, mesmo sem condições, se você quer, você...

E2: eu acho que consegue. Se a pessoa quer muito, se aspira muito por alguma coisa, eu acho que, por mais difícil que seja, ela consegue.

E2: ah, não sei, eu tenho muita vontade de fazer direito pela minha família. Minhas madrinhas são advogadas, e é uma profissão que eu acho super, acho super bacana, sabe, elas lutarem, elas estão lutando pelos outros, elas estão lá batalhando pelo que elas acham certo. Então, acho que, pelo menos eu, pessoas da minha idade – ah, veterinária, jogador de futebol. -, aquele sonho de criança. Eu mudei totalmente aqui, quando eu entrei, soube que era com estudo, o objetivo, correr atrás, que você vai ter uma vida daqui para frente... eu, particularmente, gostei muito da profissão de advogada e estou correndo atrás. Então, estou no E2, estou estudando para entrar na faculdade e me formar em direito, então, eu tenho a educação dos meus pais, que dão muita força para eu continuar com esse sonho. Mas eu sei que se eu tiver muita força de vontade, eu vou conseguir chegar lá, mesmo com tantas dificuldades. Acho que é isso que o pessoal tem que ter, muita força de vontade. Não é só isso que conta, lógico, o estudo conta, uma base...

E2: ah, eu acho que o apoio da família também conta bastante. Tipo profissões difíceis, sei lá, um esporte, ou carreira de modelo, sei lá, uma coisa assim, eu acho que a família conta bastante. Você vai precisar de ajuda, sim...

E2: sabe, porque tem coisas que são mais difíceis, são mais disputadas. É importante também.

E2: assim, eu gosto assim de moda, mas quando eu falo para a minha mãe que eu vou fazer faculdade de moda, ela surta. Aí ela começa a falar que não, que não vai ter muito futuro bom, então, ela nunca vai me apoiar nisso. Aí eu acho que engenharia, como tenho facilidade em matemática, física, eu gosto assim bastante, então, para mim é mais fácil. Eu acho que eu posso me dar bem...

E2: então, eu acho que para ela, assim, ela acha que não tem tanto futuro que nem uma engenharia...

E2: na verdade eu não tenho certeza de nada que eu vou fazer...

E2: no futuro. Eu já quis fazer arquitetura, é que eu gosto bastante de fazer desenho, fazer plantas, essas coisas. Só que eu não sou muito boa em matemática, então, desisti. Aí como gosto de ler, eu gosto muito de ler, eu optei por direito também. Só que eu não sou boa em escrever. Aí, assim, a matéria que me dou melhor, tipo, línguas, eu já fiz francês, inglês, e eu gosto bastante. Então, eu acho que eu queria fazer relações internacionais. Eu também tenho vontade de viajar, essas coisas, então, sei lá, mais por matéria assim que me defini.

E2: é. Eu cresci, eu amava, sonhava em ser dentista, quando era pequena. Só que aí fui...

E2: eu não sei o que eu quero ser, não tenho ideia.

Para esses jovens a beleza enquanto padrão social contribui para facilitar o acesso ao mundo do trabalho e à ascensão social. Não concordam que esse seja um meio correto para conseguir sucesso e melhorar as condições de vida. No entanto aceitam como uma forma natural já que as empresas utilizam essas estratégias para comercializarem seus produtos e ampliarem o lucro.

Os jovens exemplificam que profissões como modelo, recepcionista, propaganda, marketing são as que mais privilegiam a aparência em detrimento de outros atributos e capacidades das pessoas. As empresas teriam como objetivo utilizar a aparência, os artifícios de sedução e a beleza para chamar a atenção dos clientes com objetivos de melhoria e aumento da venda de seus serviços e produtos. Em determinadas profissões as exigências do mercado de trabalho levam em conta outras capacidades que não a beleza (como a competência).

À medida que são questionados sobre o que fariam na condição de empresários concordam que trata-se de exigência natural para que o mercado possa sustentar ou expandir os negócios. Apegam-se à propriedade de bens e meios de produção que não necessitem de investimentos constantes para sua manutenção e crescimento. Nesse caso vale mais pensar em si mesmo e no próprio negócio. Ainda referem que a valorização da aparência como veículo de marketing e propaganda é algo já naturalizado nas relações sociais, o inverso é o estranho.

Dessa forma é necessário ter iniciativa e arriscar para buscar objetivos pessoais, no entanto acreditam que deve haver ponderação em suas iniciativas, que deveriam ser bem avaliadas em relação aos objetivos e aos prejuízos causados a outras pessoas. Os jovens identificam que é comum a vivência de situações arriscadas, porém somente são confidenciadas para os amigos mais próximos.

Defendem que apliquem esforço e sejam persistentes no cumprimento de metas pré-estabelecidas, preservando valores positivos e os bons exemplos da família e se mostrando reticentes ao uso de meios ilegais e antiéticos para conseguirem sucesso. Acreditam que as pessoas corruptas somente serão bem sucedidas no aspecto financeiro e se tornarão infelizes

em suas vidas. Também ponderam quanto aos investimentos que supõem risco, apostando na consciência para avaliar as consequências dos seus atos.

As pessoas que se lançam para conseguir seus objetivos sem considerar ou perceber as consequências de suas ações não são confiáveis ainda assim é necessário manter cautela para não abalar a confiança nas relações. A confiança é mais fortalecida quando se percebe nas pessoas a capacidade de valorizar a si e ao outro e a consciência entre o que é bom e mau. Mas também é preciso ter cautela e cuidado para saber julgar qual o melhor tempo, a melhor forma, e o conteúdo do que deve ou não ser explicitado evitando ofensas e inconveniências nas relações. É necessário também verificar o contexto, escutar a outra pessoa e perceber o que está em pauta antes de argumentar.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram as expressões “quem é bonito nem precisa se esforçar tanto para se dar bem”, “quem não arrisca é um perdedor”, “só se dá bem quem é corrupto ou passa o outro para trás”.

Expressão debatida: quem é bonito nem precisa se esforçar tanto para se dar bem

E2: assim, eu acho que tipo, se você é bonita, abre várias portas. Isso é raro, não devia ser assim, você não devia conseguir certas coisas só porque você é bonita. Só que, por exemplo, tem muita modelo, pessoas que não tem formação, sabe, e só porque é bonita conseguiu se dar bem, sabe, subir na vida.

E2: eu acho que é o que a gente acabou de falar. Tipo, não é só isso, né. Sabe, você tem que querer alguma coisa, não é – sou bonito e vou –, sei lá – ser modelo –, eu acho que é meio indefinido isso, tem que querer alguma coisa, sim.

E2: ah, sim, aí fica mais fácil, claro, mas aí é porque a pessoa tem uma vontade. Não é só porque ela é bonita e...

E2: então, eu coloquei isso porque eu acho que, particularmente, eu acho que ninguém começa lá em cima, né, todo mundo começa bem do começo mesmo, bem do básico. Acho que várias pessoas têm, eu discordo plenamente com essa ideia. Eu acho que todos devem ser iguais, mas, eu penso que hoje em dia, com o que eu vivo, com o que eu vejo no mundo, as pessoas que são bonitas realmente têm um pouco mais de chance, sabe. A maioria das recepcionistas que eu conheço, muitas, muitas são bonitas. Ontem fui levar meu avô em uma clínica, e puxa, nossa! São lindas, sabe... E eu vejo... Por que não tem aquela que estudou, sabe, aquela chamada ‘nerd’ dos jovens, que não está lá, sabe? Que não se cuidou. Então, eu acho que na maioria das vezes, em algumas ocasiões essas pessoas mais, são menos bonitas e tem menos oportunidades do que aquelas que são bem cuidadas, bem mais bonitas. Então, por isso que eu não sei. Eu, na minha opinião, eu discordo com o que está falando ali. Sendo que hoje em dia, o que acontece, as pessoas não ligam muito para o que está acontecendo, então, se aquela pessoa é bonita, então, vou deixá-la ali, que ela vai ter condições de chamar a atenção das, dos outros para virem na minha empresa. Então, a pessoa que é bonita, que vai estar ali atendendo, puxa, ela vai estar chamando a atenção. Se ela já é bonita dá para achar alguma coisa de legal aqui dentro. Pelo menos é isso que eu penso, assim, é isso que eu estou vendo em jogo hoje em dia.

E2: acho que quem lida com público, na hora de escolher entre a bonita e a feia, eles escolhem a bonita. Quem lida com o público. Agora, em outras áreas, nem sempre. Eles vêm o pessoal mais competente.

E2: mesmo porque a beleza não é para sempre. Você não vai ser bonita, assim, normalmente você não sabe se futuramente você vai continuar sendo aquela pessoa bonita que você é. Então, eu não vejo esse sentido que ela falou, de entre a bonita e a feia escolher a bonita, só por causa da aparência dela, porque eu acho que a aparência não conta muito. O que importa são os ideais, o que a pessoa sabe, a formação...

E2: não, eu acho que conta, a aparência conta bastante. Só que acho que não deveria contar, não deveria ser assim.

E2: na hora de escolher um profissional, qualificar alguém para fazer alguma coisa...

E2: eu acho que sim, conta. Por exemplo, se você vai para uma entrevista, você tem um currículo mais ou menos parecido com uma pessoa que é mais feia que você, e você é mais bonita, eles escolhem a mais bonita. Eles vão muito pelo aparente, mas eu acho errado.

E2: eu acho que os donos, imagino eu, que os donos da empresa devem pensar – acho que por ela ser bonita ela vai atrair mais clientes para minha empresa do que alguém que tem uma aparência inferior a ela -, eu acho que é isso, assim.

E2: desde o momento que você tem uma coisa, você quer preservar aquilo, então você não quer que a firma, puxa, ande para atrás, você quer que ela ande para a frente, né. Você não quer saber ali do outro, você está pensando em você. Pelo menos eu penso assim, estão pensando em você – talvez se eu colocar isso, a empresa vai andar para a frente e vai poder ter mais chances no mercado – pelo menos eu penso assim.

E2: não estava vendendo muito, aí eles colocaram a sainha para as meninas ficarem entregando com ‘top’, aí, quem sabe vai entregar mais, porque é o visual.

E2: eu não acho que está certo. Não é que está certo, é que é o modo dele conseguir que a empresa dele suba na vida, entendeu?

E2: eu acho que não. É difícil falar, mas eu acho que eu não escolheria. Eu ia tentar ver um pouco assim, além de analisar, eu ia tentar ver se a pessoa me parece honesta, se ela é uma pessoa esforçada, se ela gosta daquilo, sei lá, ia procurar outras coisas. É discriminação assim.

E2: então, aconteceu isso. A gente estava falando, meu pai falou – olha, olha como estão as meninas ali, deve ser porque não estão entregando muitos panfletos, para aumentar o número decidiram fazer isso.

E2: mas isso que estou falando. Tem aquelas feiras de carros, que tem aqueles carros para trilhadrários, a maioria das meninas que estão apresentando os carros são maravilhosas, tem uns corpos exuberantes, vestidos lindos, mini-saias para chamar a atenção do público, tentando falar que o carro é tão bonito quanto a moça. Acho que ela leva uma vantagem bem maior, do que aquela que não tem tudo aquilo de beleza. É muito difícil a gente ir em uma feira dessas e ter uma mulher que não é tão bonita.

E2: eu acho que o mundo começou a se adaptar a essa forma de ver as pessoas bonitas. Não sei, pelo menos eu estou acostumada. Eu nunca vi, por isso que estou falando, nunca vi uma mulher feia na televisão apresentando um carro bonito, eu nunca vi. Hoje, se aparecesse, eu acharia estranho, entendeu. Porque eu acho que o público acostumou a ver as mulheres bonitas e os homens bonitos apresentando aquelas coisas.

Expressão debatida: quem não arrisca é um perdedor

E2: eu discordo porque às vezes as pessoas não arriscam porque não tem chance de arriscar, por isso que eu discordo.

E2: eu acho que se você não arriscar, você não vai ser um perdedor. Só não vai ganhar nada, nem saber nada, você simplesmente não vai arriscar.

E2: às vezes a pessoa não arrisca assim porque, sei lá, porque já tentou muitas vezes e ela tem medo assim de não conseguir alguma coisa.

E2: eu acho que perdedor é uma palavra muito, que não tem sentido...

E2: não, eu digo, uma pessoa não arriscar não faz dela uma perdedora, entendeu...

E2: ah, eu acho que é assim, meu sonho é fazer medicina, vai. Ai, mas eu não quero estudar, não estou a fim de estudar, não vou me dedicar para fazer esse sonho assim, vingar. Aí, para mim, na minha consciência eu vou ser assim, mais perdedora assim, mais ou menos assim, tá. Mas, também, tem gente, nem sempre tem que arriscar, mas para você viver tem que arriscar alguma coisa

E2: acho que não existe perdedor, sabe, não concordo com essa ideia de derrotado, perdedor. Acho que não é assim, acho que se as pessoas não alcançaram seus objetivos, a partir do momento que elas tentaram, elas não podem ser chamadas de perdedoras, pelo menos eu penso assim. Eu acho que a partir do momento que você arrisca, que você tenta, você não pode ser chamada de perdedora. Você tentou o que você queria. Agora, se você não tentou, se você não correu atrás do seu sonho, você não é um perdedor, nem um ganhador, você não é nada! Você não compartilhou seu sonho, você não correu atrás. Você não tinha exatamente um sonho, você imaginou que tivesse e não tinha.

E2: ah, não sei se elas se consideram perdedoras, elas podem se considerar insatisfeitas, infelizes, não realizadas, mas perdedoras, é uma coisa muito forte. Vai, alguém que não tenha arriscado, assim, meu, você não sabe por que a pessoa não arriscou, você não sabe o que ela fez. Mas ser chamada de perdedora é uma coisa muito forte.

E2: eu acho que a pessoa que vai se ver como uma perdedora, vai, eu arrisquei mas eu não consegui. Mas eu, pelo menos, sei que eu arrisquei, que eu tentei, que eu corri atrás. Se eu não consegui, foi uma consequência, pelo menos não vou ficar com aquilo na cabeça – puxa, nem tentei -, então, para ela, ela vai se sentir uma perdedora, para ela, não para a sociedade.

E2: a própria pessoa se sentir, se sentir uma perdedora. Vai, no caso, uma pessoa não realizada, uma pessoa que não alcançou aquilo, mas a pessoa se sentir assim, mas você falar...

E2: isso seria julgar uma pessoa que não arrisca. Eu acho que não é uma boa palavra para você falar...

E2: eu vou falar uma coisa que eu vejo nas minhas amigas, algumas queriam vir para o E2, mas falaram que achavam difícil. Então, as que não vieram para cá, não vieram, não porque se sentiram umas perdedoras. Não vieram porque – meu, não quero correr o risco de não ir bem, de me chatear. Eu vou para outra escola que eu sei que é boa e que eu tenho condições.

E2: é, ou então uma pessoa que veio para o E2

e que acabou, ela lutou para passar de ano, ela estudou, mas ela não teve condições. Ela pode se julgar uma perdedora, mas eu acho que a sociedade, o E2 em si não vai falar que ela é uma perdedora porque não passou de ano. Ela tentou passar de ano, primeiro que ela lutou para vir para o E2 com tudo isso, né, o E2 é uma escola difícil, ela lutou, ela pode se chamar de perdedora. Essa ideia que estou passando, mas não a sociedade em si chamá-la de perdedora.

E2: acho tipo você não fazer alguma coisa para mudar. Você pode querer várias coisas, agora, você fazer, aí é mais difícil, então, já que não vai arriscar...

E2: ah, eu quando recebo as provas, nossa. Eu chego na prova, sei tudo, né, aí vem a nota, puxa, zero, eu fico frustrada, totalmente assim. Achei que tinha ido super bem na prova de geografia.

E2: não, porque assim, eu sei que eu estudei, eu sei que eu me esforcei e eu chego na hora da prova, porque assim: eu costumo errar nas provas por falta de atenção, então, eu fico muito brava, quando recebo a prova, eu vejo que eu sabia, eu tinha como fazer muito melhor, só não fui bem porque não prestei atenção na questão. Pedia certa coisa e eu respondi outra, entendeu. Eu tentei, eu estudei, eu me esforcei, aí ver que eu fui mal, isso me deixa muito frustrada. Eu fico pensando nisso.

Expressão debatida: só se dá bem quem é corrupto ou passa o outro para trás

E2: ah, discordo plenamente, não concordo de jeito nenhum. Acho que se dá bem quem, tudo que a gente discutiu aqui. Vai se dar bem na vida, tudo que a gente estava falando, todo o tempo a gente falou disso. Quem batalhar, quem tiver educação, quer for atrás do seu ideal vai se dar bem. Não precisa ser corrupto, passar o outro, sabe...

E2: eu acho que estão se dando bem, vai, no emprego, vai, no emprego deles eles estão se dando bem. Mas eles não podem, tipo assim, vai, 100% felizes sabendo que eles estão colocando alguém para trás deles para poder se dar bem. Estão no emprego, estão ganhando bem, estão ganhando bem, mas puxa, eu passei alguém para trás, meu, eu não sei se ele vai estar 100% assim..

E2: mas não são todos que se sentem incomodados com isso, nós nos sentimos mas tem muita gente que não duvidaria em passar o pé para o outro para se dar bem, para chegar no topo. Iria derrubar quem quer que fosse, porque tem gente que pensa só em si mesmo.

E2: então, por isso que eu discordo plenamente, porque eu acho isso ridículo, acho ridículo dele fazer isso, dele se sentir bem com isso que ele está fazendo.

E2: mas ele não tem, tipo, tem muito corrupto que tem uma vida muito boa, tem muito dinheiro e de uma certa forma se deu bem, assim, se deu bem no que ele queria...

E2: eu acho que tudo que vai, volta. Uma hora, vai acabar voltando para ele, pelo que ele fez, ele vai sofrer de outro jeito.

E2: na maioria das vezes as pessoas têm, porque elas próprias acabam, assim, se dando mal. Pela besteira que ela fez.

E2: essas pessoas vão cair nas próprias armadilhas, pelo que eles fizeram, o que deixaram para trás. Eles vão acabar se pegando nisso, entendeu?

E2: Eu acho que as pessoas que lutam se dão bem melhor consigo mesmas, com o trabalho e com os ideais do que aquelas, tudo bem, aquele que é corrupto e passou o pé, tudo bem, ele está lá, milionário, mas meu, ele não fez certo. Acho que aquela pessoa que batalhou, que nasceu em uma família, que teve apoio dos pais, que os pais lutaram para dar escola, comida, casa, acho que essas pessoas se dão melhor e são muito mais felizes. E também pode se dar bem tanto quanto esse se deu...

E2: eu acho que é muito difícil alguém que passou o pé em todo mundo, que fez de tudo, de nada mudar de opinião e virar bonzinho. Que tem muito político, muitas pessoas que não ligam, fazem de tudo e não ligam para os outros, olhem para você mesmo, se você estiver bem, está tudo certo. Se os outros estiverem mal não tem problema, o que importa é você. Alguém que é corrupto agora eu acho difícil de mais para frente, só depois que se deu mal, que vai mudar de opinião.

E2: eu concordo, não são só essas pessoas que se dão bem, entendeu. Eu acho que todo mundo tem chance de vencer na vida...

E2: mesmo porque é mentira, e mentira tem perna curta, então, um corrupto, um dia ou outro alguém vai acabar descobrindo e aí, a família, tudo vai ficar terrível. Então, acho que é muito melhor você conseguir as suas coisas batalhando para depois pensar, - eu consegui isso porque foi meu esforço -, e aí não tem ninguém que depois, futuramente, que pode dizer – não, você errou -, você tem a sua vida garantida assim...

E2: ah, eu acho, meu pai vem de uma família bem humilde. Ele começou a trabalhar com 14 anos e hoje ele está bem melhor do que ele estava antes. E assim, ele não precisou passar ninguém para trás, para conseguir chegar onde ele chegou. Eu acho que não precisa disso. Nem a sociedade, principalmente a sociedade, não vê isso como uma coisa boa.

E2: não é todo mundo que se dá bem que é corrupto, entendeu. A grande maioria, acredito eu, não é.

E2: minha tia, os pais nunca tiveram dinheiro, e hoje é ela que paga a casa da irmã dela, que ela deu uma casa de presente para os pais. Eu acho isso maravilhoso, sabe... Com o próprio dinheiro dela, ela não pode estudar, ela estudou em escolas públicas, no Américo

Brasiliense, e minha tia hoje, meu, ela dá de tudo para mim. Ela tem dois filhos homens, eu sou a afilhada dela e ela me faz como filha mesmo, não como afilhada. A gente fala que ela é minha segunda mãe, porque eu me espelho, por isso que eu falo, com tudo que ela batalhou, por isso que eu falo que quero ser advogada, para ter a mesma força de vontade e chegar lá na frente, igual ela fez. Poder dar a mordomia para meus pais, quando eles tiveram a idade dos meus avós, fazer tudo isso... Que nem falei para minha mãe, eu particularmente fui criada assim, eu não vou precisar fazer os outros sofrerem para me dar bem, eu acho que eu vou me dar bem com meus próprios meios, com tudo que eu batalhar. Eu penso assim, não são só essas pessoas que se dão bem.

6.2.2 Família, Pares e Relacionamentos

Para os jovens dessa Escola Privada da região C há informações e meios disponíveis suficientes para a adoção de práticas de prevenção de doenças e também para evitar uma gravidez não desejada. Mesmo para as classes sociais menos favorecidas há informações nos meios de comunicação de massa e em serviços de saúde assim como insumos de prevenção disponibilizados. Acreditam que os problemas ocorrem por descuido ou atitudes não pensadas ou por manipulação e enganação o que gera desconfiança nas relações. Também pode ocorrer por acidentes devido a falhas nos métodos de prevenção.

A ação de evitar uma gravidez não desejada é fortalecida quando está em jogo o comprometimento ou desvio do curso de seus projetos presentes e futuros como abrir mão dos estudos e de uma carreira de profissionalização para cuidar dos filhos e trabalhar. Mas há jovens que desejam ter filhos precocemente o que requer consciência de suas escolhas e do que teriam que abrir mão.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “gravidez na adolescência é descuido ou falta de informação”.

Expressão debatida: gravidez na adolescência é descuido ou falta de informação

E2: Eu acho que hoje é mais descuido, falta de informação eu acho que não tem como.

E2: Até a pessoa com a classe social mais baixa sabe de camisinha, de anticoncepcional, tem posto de saúde em praticamente todos os bairros da cidade, você vai lá e pede camisinha, eles dão.

E2: Passa na televisão, passa em novela, todo mundo assiste novela, todo mundo assiste televisão.

E2: Hoje em dia não tem como você engravidar por falta de informação mesmo.

E2: É bem descuido.

E2: É totalmente impulsivo.

E2: Às vezes a pessoa acha que ‘ai, a primeira vez, eu não vou engravidar’, mas não tem essa, eu posso não engravidar na primeira, mas posso engravidar na segunda, terceira, quarta...

E2: Tem que se cuidar sempre, não é que ‘ai, não aconteceu com ela, não vai acontecer comigo’.

E2: Você pode conhecer um monte de gente que não aconteceu nada mas você não pode pensar ‘ah, comigo não vai acontecer’.

E2: Mas assim, que nem ‘ah, com ela não aconteceu nada mas você não sabe se tomou pílula, se fez alguma coisa...’

E2: Você não... vai que a pessoa está mentindo.

E2: Tem que ir por você, sabe? Se cuida. Não precisa ‘ai meu Deus... transou com o namorado dela e eu vou ter que fazer isso também então, como é que eu vou fazer?’ ah, meu está pensando errado primeiro, eu acho.

E2: Se o namorado confia ele sabe quando é a sua hora.

E2: Lógico, e se ele acha que quer fazer isso como é que é.

E2: Além de que gravidez no colegial, ainda que você está numa fase de transição, que você está estudando pra você conseguir ter uma carreira, ter um filho no meio dessa etapa é complicado, você tem que largar os estudos, tem que se dedicar à criança, vai que não tem ninguém pra cuidar, porque têm pais e pais que vai, no meu caso, se eu tivesse um filho minha mãe não ia aceitar cuidar, eu ia ter que parar pra cuidar. Eu ia ter que largar meus estudos pra cuidar do meu filho, trabalhar pra poder estudar de novo, pra poder continuar.

E2: Isso acaba com um projeto de vida assim.

E2: É, porque existem acidentes, nem sempre todos os métodos são confiáveis.

E2: Mas mesmo assim não é falta de informação.

E2: É, falta de informação é impossível.

E2: É difícil mas sempre tem alguém que quer ter um filho mais cedo. Quer ter um filho com 10, 10 não, não digo, quer ter um filho com 15 e vai lá tem um filho com 15 anos, e aí você vai ter que se responsabilizar pelos atos, vai ter que zelar pela vida de outra pessoa e vai ter que arcar com as consequências de, sei lá... parar o estudo ou...

E2: Geralmente se alguma pessoa quisesse engravidar com 15 anos não ia ter planejado nada.

6.3 ESCOLA PÚBLICA LOCALIZADA REGIÃO QUASE CENTRAL – E3

6.3.1 Educação, Escola e Trabalho

Para os jovens dessa Escola Pública da região QC as pessoas têm importância pelo que demonstram ser nas relações, e não pelo que aparentam ser a partir de estereótipos e preconceitos. Fazem crítica à forma de tratamento taxativa e negativa dos estudantes mais dedicados ao estudo, que são chamados de “nerd”, “chatos”, “cdf”, entre outros.

Dessa forma apostam no interesse e dedicação aos estudos para ser bem sucedido no futuro, mas ponderam que o excesso de dedicação deve ser relativizado para não se tornar uma forma de distanciamento das relações, gerando isolamento e sentimento de superioridade em relação aos demais.

Para esses jovens o estudo formal não oferece garantias de ser bem sucedido no futuro, mas oferece melhor preparo e possibilidades em comparação com os que não têm estudo. Argumentam que em razão de mudanças sociais, hoje se exige maior esforço e dedicação do que no passado de forma que o estudo formal não é suficiente para garantir encaixe no mercado de trabalho. É necessário dominar diversos conhecimentos (línguas) e tecnologias (informática), e também estar atento ao que está acontecendo e ter condições de produzir bons relacionamentos para atingir os objetivos esperados.

Hoje até para profissões menos valorizadas socialmente já se exige um mínimo de estudo. Assim a busca de conhecimento e habilidades não se restringe ao ensino formal, atribuem importância ao que aprendem por interesse próprio e mesmo através do trabalho, que é apresentado como uma forma de se desenvolver.

Ter estudo não garante que o mercado vá absorver todas as pessoas, o valor em relação a uma determinada profissão sofre variação no decorrer do tempo. Dessa forma entendem que também é necessário desenvolver a imaginação e a criatividade para fazer diferença no futuro, mas ponderam que nem sempre o mercado vai dar oportunidade para que as pessoas demonstrem e exercitem os seus conhecimentos e habilidades. Assim pessoas que têm pouco ou nenhum estudo podem ter oportunidades, enquanto pessoas que têm formação universitária não.

Os jovens propõem substituir o termo estudo por conhecimento dando assim uma conotação mais ampliada que serve para se referir a tudo que possibilita a formação de consciência sobre a realidade social, e não se restringe ao estudo formal.

Nesse sentido buscam unir as coisas que aprenderam no processo de socialização como um conhecimento acumulado que propicia

desenvolvimento e pode ser utilizado em qualquer circunstância da vida, como algo que não se perde. Percebem que o estudo, não restrito ao ensino formal, é importante para adquirir uma profissão, mas principalmente para o desenvolvimento pessoal e para a aquisição de conhecimento sobre a realidade social.

O estudo possibilita reconhecimento e fortalecimento de habilidades, do sentimento de valorização pessoal estando atento e conectado com a vida em geral. Dessa forma também reconhecem que há pessoas que são bem sucedidas mesmo sem o estudo formal. Citam exemplos de familiares e do presidente do Brasil como pessoas bem sucedidas, cujo caminho não se deu pelo estudo formal.

São críticos em relação ao projeto educacional do ensino público que não possibilita a formação de sujeitos críticos ao manter como foco a instrumentalização para o vestibular. As pessoas são formadas para obterem bons desempenhos em provas e não para o diálogo e interação com os demais. As disciplinas e os conhecimentos que possibilitariam maior crítica não são incluídos nos currículos escolares, como as ciências sociais, com raras exceções como a filosofia crítica.

A compreensão dos jovens é que há uma “intencionalidade” na sociedade em manter o projeto educacional dessa maneira, pois assim se evita a formação de sujeitos que são contra o capitalismo, evitando “revoluções”. Uma outra forma de diminuir a qualidade do ensino público é a ideia de “nivelamento das escolas”, ou seja o nivelamento “puxa” as escolas de melhor qualidade para baixo. Argumentam que os jovens se sentem como se estivessem retrocedendo tendo que se submeter a esquemas de aula desestimulantes do pensamento e da crítica.

Defendem que a preocupação não deve ser a de se especializar em tudo, mas buscar conhecimentos gerais e amplos para formar melhor as suas opiniões. O desejo de buscar conhecimento, para além do ensino formal, tem que partir do próprio sujeito, do que este entende como importante para a vida tendo como objetivo o exercício de *“um papel melhor na sociedade”*.

O conhecimento também pode ser utilizado por determinadas pessoas para defender interesses egoístas através de meios ilícitos. A busca ativa pelo conhecimento pode por outro lado contribuir para que as pessoas aperfeiçoem bons objetivos humanos e adquiram maior consciência para tomar atitudes e defender os interesses coletivos, fazendo “a diferença” em seu meio social.

Para os jovens a mídia tem grande influência na formação de opiniões e de atitudes frente à realidade e muitas vezes transmite conhecimentos parciais como verdadeiros. Por um lado as pessoas reproduzem de forma acrítica os conteúdos transmitidos pela mídia e por outro ficam alienados do que acontece em sua realidade social tomando esses como verdadeiros.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram as expressões “o estudo é um escudo”, “ninguém gosta de quem é ‘cdf’” e “estudar é uma perda de tempo”.

Expressão debatida: o estudo é um escudo

E3: Eu concordo porque você ter um estudo entra naquela questão de ser diferente, você vai ser diferente, quando você procurar uma faculdade, um emprego, você vai estar competindo com a outra pessoa, se a outra pessoa não tem aquele diferencial que você tem, você vai conseguir, a outra pessoa não, entra também naquela questão de ser CDF, de que você quer o melhor para você, você quer se esforçar para ser uma pessoa melhor.

E3: Eu concordo, eu tirei o plenamente porque às vezes você tendo o estudo e não tendo certas atitudes, você não consegue. Eu sei de muitas pessoas que “ah, eu tenho faculdade e estou desempregada e ela tem faculdade também e consegue. Por quê?”, porque às vezes a atitude que ela teve, uma diferença que ela fez, então não é só o estudo, depende da pessoa.

E3: Sinceridade, esforço, dedicação, humildade, entrosamento, porque hoje conta muito isso, eles batem muito em você entrosar com os outros, não você ser antipática, egoísta, mal educada, então eu acho que essas atitudes fazem a diferença. E concordo porque antigamente você tinha ensino médio, você já conseguia emprego, agora hoje não desmerecendo, mas para você ser um coletor de lixo você tem que ter o ensino médio completo, antigamente não, era até a quarta série, então hoje se você tem faculdade é pouco se você não tiver um curso de língua, se você tem o inglês precisa de mais um, porque o inglês todo mundo já tem, “ah, eu sei mexer com o computador”, mas “você tem curso de informática”, “não”, “então não quero”, infelizmente ele é o escudo para você, se tem a pessoa que não tem o estudo mas sabe falar, eles não te pegam, então o estudo é o escudo, mas também depende das nossas atitudes.

E3: Eu concordo porque eu acho que prepara um pouco, trabalho, faculdade, eu acho que se você estudar mais do que os outros você vai... vai ser mais fácil para você, eu acho que é bom você estudar, mas também tem pessoas que não tem estudo e que o estudo não faz muita diferença na vida delas e elas conseguem se manter assim, são muito inteligentes, eu tenho uma avó, ela é analfabeta e ela é muito inteligente, mas o estudo não tem diferença para ela, ela é muito inteligente, ela conversa quando a gente fala coisa da vida assim, então eu acho que é um escudo, é muito bom mas não é tudo, você precisa ter atitude, dignidade, que eu acho que é importante também.

E3: Existe uma frase do Albert Einstein que eu gosto muito, diz assim “a imaginação é mais importante do que o conhecimento”, porque a imaginação você nasce com ela, o

conhecimento você pode muito bem buscar, depende de você, o estudo com certeza é um escudo, só que é um escudo que não anda sozinho.

E3: Ele não pode andar sozinho como ela falou, ele não pode andar sozinho porque você pode muito bem ter muito estudo mas pode vir alguém que tem muito menos estudo que você e conseguir muito mais coisa que você porque essa pessoa tem o diferencial que elas falaram, tem dedicação, tem imaginação para “poxa, vamos fazer isso”, “ah, eu não sei, você sabe? Você pode me ajudar”, só que quem teve a ideia? Foi ela, entendeu, e ela pode muito bem correr atrás desse conhecimento, e o estudo que hoje nos é oferecido é muito pouco, é pouco demais para a gente, não é nem metade do que nos é pedido no vestibular por exemplo, entendeu? Esse estudo hoje que a gente tira da escola é importante, só que não é o melhor estudo digamos assim, o melhor estudo eu acho que é aquele que você busca, eu acho que é o conhecimento que você vai atrás, que você consegue do seu próprio esforço, da mesma forma que o trabalho, o trabalho que você tem mais orgulho é aquele que “poxa, nossa, eu fiz, valeu a pena, legal”, não aquele que você recebeu de bandeja, pelo menos para mim, eu sou muito desafiadora nas coisas, desafio para mim, eu vou atrás, eu busco.

E3: Eu já trabalhei, e é que nem o cara que me pegou, ele falou assim “você pode ter um curso disso, disso e disso, pode vir uma pessoa e ter um curso disso, disso e disso”, só que essa pessoa pode ter um curso que não tem nada haver com o seu trabalho, e a pessoa vai pegar essa pessoa porque essa pessoa foi atrás, essa pessoa quis algo a mais, essa pessoa tem algo, um enriquecimento a mais, ela teve a imaginação necessária para correr atrás, a dedicação necessária para correr atrás. Eu acho que o estudo não é tudo, em certos momentos.

E3: Eu acho assim, você pode não ter possibilidade de escolha, mas você pode, você tem que escolher aquilo, legal você tem que escolher aquilo, não é o que eu quero mas eu tenho que escolher, só que mais para frente, mesmo com aquilo que eu não gosto, eu posso muito bem criar a minha oportunidade, justamente usando a minha imaginação, o meu conhecimento que eu busquei, a dedicação que eu tenho já em mim, eu acho isso.

E3: Então, pode ser que tem certas pessoas quem em certos momentos não tem esse recurso e é o que eu falei, se ela tivesse imaginação necessária, ela certamente vai ter a dedicação e vai ter a vontade necessária para correr atrás de criar, de abrir essa porta para ela para seguir o caminho dela, eu acho que depende muito, é relativo também do tempo, por exemplo agora eu posso não ter, mas mesmo agora fazendo o que eu não gosto, se eu tenho imaginação, se eu tenho justamente todos esses atrativos que a gente está falando, eu posso muito bem abrir a porta do futuro para mim, para eu poder fazer o que eu gosto, o que eu quero, o que eu domino.

E3: Você ter a ideia que faz o diferencial.

E3: Você ser criativo.

E3: E todos ali, com o conhecimento que todos tem, vai colocar em prática, só que a ideia foi sua, coisa que ninguém vai tirar de você, assim como o conhecimento, quando você morre você leva ele junto com você, é coisa que por exemplo, o dinheiro você não leva. Eu acho também que não é o estudo, o estudo é... você pegou, você leu, você estudou, eu acho que é você buscar isso, você se aprofundar, é conhecer, eu acho que é isso.

E3: As meninas tocaram na questão de que tem pessoas que não tem estudo mas conseguem se manter, realmente, na época de nossos avós e na época de nossos pais quando eles tinham a nossa idade, eu digo isso porque o meu pai é um preguiçoso, ele parou na oitava série, não quis fazer o ensino médio, até hoje ele tem 44 anos e só tem até a oitava série, só que hoje faz 22 anos que ele trabalha na mesma empresa e hoje ele ocupa uma posição em que todos os colegas dele tem faculdade, são homens que começaram, desde criança sempre estiveram na elite, o meu pai não, o meu pai era filho de capataz de sítio, e hoje o meu pai com a oitava série é chefe, eu até falo para ele, às vezes eu não entendo o porquê, foi um lance de sorte, porque faltou um cara lá e como o meu entende de tudo eles deram essa oportunidade e os colegas dele, os outros chefes, todos têm pelo menos duas faculdade, o meu pai só tem até a oitava série, só que aí eu penso, será que eu quando terminar o ensino médio, eu vou conseguir chegar no posto aonde meu pai chegou daqui a 22 anos? Realmente, elas falaram da questão de você ter a atitude, a atitude faz sim a diferença, mas

de que adianta você ter a atitude e você não poder provar que você tem conhecimento? Aí, “ah, não, tem que chegar e demonstrar que você tem o conhecimento”, só que antes de demonstrar, você tem que provar, como eu disse, a gente cai no sistema de novo, é uma questão de regras, é aquilo que a gente tem que se enquadrar para depois fazer a diferença.

E3: Mas o seu pai não fez a diferença pelas atitudes dele, por saber?

E3: Então, eu acho que está conciliado, eu conheço muitas pessoas que tem muito estudo e estão desempregados, e muitas que não tem pelas atitudes, eu acho que um ando do lado do outro.

E3: Eu acho que mesmo hoje em dia o estudo é muito necessário, mas você tem outras oportunidades, é exatamente esse negócio, eu estou vendo, vou entrar nesse negócio, eu tenho 16 anos, daqui a 5 anos eu posso estar muito bem, como eu posso não estar, e eu ainda não terminei o meu ensino médio, e tem gente lá que fez faculdade, isso foi um lance de sorte que apareceu? Foi, só que não adianta a minha sorte, não adianta o meu estudo se eu não tenho como fazer aquilo seguir em frente, porque eu entrar nesse negócio, daqui um tempo eu posso ser chefe de uma equipe, essa equipe vai precisar de alguém para comandar, se eu não sei comandar, se eu não tenho diferencial para comandar, como que eu vou fazer isso ir para frente para eu me desenvolver e essas pessoas também se desenvolverem. É necessário? É, mas se você tem imaginação e você corre atrás, você pode não ter a possibilidade de escolha, mas você pode criar a sua possibilidade de escolha e se você tem uma imaginação suficientemente fértil você deve muito bem saber que você tem que buscar o conhecimento.

E3: Então você acaba caindo em um diagrama, é uma coisa depende da outra.

E3: Só que assim, eu penso assim, eu entendo o escudo como uma primeira proteção, você está em uma guerra aí o cara vem e te dá um tiro, qual vai ser a sua primeira reação? Vai ser correr? Não, se você tem um escudo, o que você vai fazer? Você vai se proteger, só que se você ficar ali o tempo todo e não sair, o cara vai te cercar por todos os lados e aí aquela sua proteção não vai valer de nada, então o estudo seria a primeira proteção para depois a pessoa desenvolver as outras coisas, se ela realmente não tiver opção...

E3: E é o que eu falo também, estudo por estudo não vai adiantar de nada, é conhecimento.

E3: É por isso mesmo que eu gosto muito dessa frase, porque ela não fala do estudo, ela fala do conhecimento, uma coisa que você busca, eu acho isso.

E3: Eu trocaria a palavra estudo por conhecimento, eu acho que é uma coisa mais bonita, porque o estudo dá a entender que aquela pessoa que vai e senta na biblioteca e fica meia hora ali, estudando alguma coisa e não aprende, acaba não absorvendo nada, nem sempre é a melhor forma. Eu acho que conhecimento, no caso, seria tudo, o que você aprende na escola, o que você aprende com seus pais, em todos os sentidos, o que você está ali aprendendo, e o conhecimento é algo duradouro, você faz a diferença, você se torna melhor do que a outra pessoa porque se você tem certo tipo de conhecimento e a pessoa tenta te enganar, você vai saber como lidar com isso, porque você vai mostrar para ela porque você sabe, e como a T. falou também, quando você morre o conhecimento vai com você, é o que ninguém pode tirar, todo mundo pode roubar tudo de você, mas se você tem conhecimento, tem atitude, tem criatividade, você pode fazer uma nova vida, eu acho que ele serve de escudo no sentido de que você pode usar ele, tudo o que envolve, como também o que se aprende na escola para [...] porque você vem para a escola, fica aqui bastante, o professor fala, fala, fala aí você acha que tudo o que você aprendeu ali, você só vai usar no vestibular, não, pode usar na sua vida também, que nem, chega em casa, “mãe, está vendo a cebola ali, olha o [...] você pode usar também”. (risadas / falam juntos) Pode usar isso também, não precisa achar que é uma coisa chata, ela é para a nossa vida e é por isso que a gente está aqui.

E3: Eu acho que o estudo é sim, porque que nem, hoje, na cidade em que a gente vive é uma diferença ter um estudo, que nem, se você tiver a escola e um curso de espanhol, com certeza eu vou ter essa oportunidade, você não, porque acho que hoje o estudo é uma diferença, não tem o porquê discutir, é.

E3: E que nem eu falei, não é só pelo estudo, é pelo que você buscou, que você correu atrás, não é nem pelo seu estudo, às vezes nem interessa para a pessoa o espanhol que você sabe,

mas aparece ali que você correu atrás.

E3: Você vai procurar emprego ali no McDonald's, você vai falar espanhol? Não vai.

E3: Mas hoje a iniciativa conta muito, teve a iniciativa de buscar.

E3: Quando você sabe alguma coisa, que nem tava conversando, ele estava no ônibus, aí estava lá falando sobre a bolsa de valores, aí a mulher veio falar da bolsa dela, tem gente que não tem semancol.

E3: Eu acho que a pessoa tem que ter essa diversidade para interagir, porque você tem que fazer diferença.

E3: Não gosto de pessoa desinformada.

E3: Tem várias pessoas que você chega, “nossa, você viu ontem a notícia”, “nossa, aconteceu isso?” aí ele fala “ah, não sei, mas você viu a novela?”

E3: Mas ninguém é obrigado a saber tudo, mas um pouquinho eu acho que sim.

E3: É que nem, se você sabe tudo você fica louco, você percebeu que todos os grandes inventores assim que sabiam demais, inventaram coisas muito loucas, um inventa uma coisa muito louca ali que pode muito bem dar um tilt e morrer, o outro inventa que você vai voar. Então, são pessoas que tinham imaginação, conciliaram com conhecimento e com a sua iniciativa, eu acho que conhecimento é isso, é você saber conciliar as coisas, por isso que eu coloquei concordo só, não coloquei concordo plenamente, porque eu trocaria a palavra estudo por conhecimento, nessa frase.

Expressão debatida: ninguém gosta de quem é “cdf”

E3: Eu discordo, não coloquei discordo plenamente porque tem sempre aqueles idiotas que eu diria que julgam a pessoa pelo que ela demonstra ser, ela demonstra que estuda muito, que é assim, aí a pessoa já “é nerd”, “é chata”, é não sei o que, eu discordo entendeu, eu particularmente não olho se é “cdf”, se não, mas o papo dela, o que ela fala de legal, o que ela não fala, para mim não interessa aqueles papos idiotas que não vão acrescentar nada para mim e nem para a pessoa que está falando e muito menos para quem está ouvindo, eu acho isso, para mim, eu julgo a pessoa pelo que ela é comigo, não pelo que ela demonstra ser.

E3: Eu acho assim, pelo menos no grupo em que eu convivo, a gente não tem o costume de julgar as pessoas porque ela estuda, porque ela não estuda, pelo que ela veste e tal, e eu acho até que vai um pouco de caráter, as pessoas até gostam dos “cdf”, principalmente aqueles menos inteligentes, porque na hora da prova eles querem sentar do nosso lado, na hora de estudar é sempre à gente que eles recorrem, eu não acho que as pessoas hoje em dia julgam por causa disso.

E3: Eu acho que principalmente agora que a gente chegou no ensino médio, as pessoas começam a olhar um pouco mais pelo conteúdo, a gente começa a ver que aquela turminha da bagunça não vai dar tanto futuro assim, porque você só vê as pessoas se ferrando, aí chega uma época que o “cdf” fica frio e fica rindo, fica evidente que se a pessoa não estuda, não procura algo na sua vida, ela não vai conseguir ter uma vida bem sucedida.

E3: Eu discordo porque que nem ela falou, acho que como a gente está no ensino médio, a gente tem que começar a procurar a estudar, a julgar, mas não julgar por ser “cdf” ou não, porque a pessoa está procurando o futuro dela, então ela tem que procurar o que é melhor para ela, se ela acha melhor estudar, é a melhor coisa, não tem o que pensar.

E3: Eu coloquei que estou em dúvida porque eu vejo de duas formas, eu acho que como a T. falou, não se pode julgar a pessoa pelo que ela é, se estuda de mais ou não, eu acho bom, porque eu sou assim, mas eu acho que dependendo da pessoa, ela chega a ser assim, como eu posso dizer?

E3: Tão paranoica, que chega a uma pessoa fechada, aí eu penso das duas formas, por isso que eu coloquei que estou em dúvida.

E3: Eu acho que a pessoa CDF, não é que ela é CDF, é que às vezes ela se esforça mais do que os outros, tem lição de casa, ela faz, se a pessoa pergunta, ela responde, então depende, não é que e a pessoa é nerd, quer puxar o saco do professor, eu acho que ela é esforçada e

quer ser alguma coisa no futuro, agora tem pessoa que é nerd e às vezes acaba querendo humilhar os outros por saber mais, acaba tentando enfrentar a professora por querer saber mais, então eu acho que depende da ocasião, mas eu acho que a pessoa CDF é aquela que se esforça e que quer ser alguma coisa no futuro.

E3: Então, eu estou em dúvida porque eu acho que tem muita gente que julga aquela pessoa e nem vai conversar com ela porque acha que ela é chata, que vai conversar de matéria, e não sei o que, mas por outro lado eu acho que isso é bom, que isso vai ser importante para o futuro, estudar, se interessar pelo assunto, é melhor do que ser um desinteressado e não querer saber de nada, eu acho que trás benefícios até, ser um CDF assim, mas eu acho que tem muita gente que julga, mas tem quem não julga.

E3: Tem preconceito.

E3: Assim, no nosso grupo a gente não tem preconceito assim com CDF nem nada, a gente faz tudo.

E3: Como chamar de CDF, de nerd.

E3: Tem um monte de gente, gente que nem conversa, que nem fala oi, mas eu acho bom até.

Expressão debatida: estudar é uma perda de tempo

E3: Você acaba perdendo muito tempo da vida estudando, pensando que vai muito longe, aí estuda muito e chega no mesmo lugar de quem estudou normal.

E3: O meu tio parou na sexta, sétima série, ele agora é um empresário, tem uma empresa de tecidos, tem casa, tem carro, tem casa na praia, litoral norte.

E3: Então, você não concorda plenamente mas você acha que o estudo não é uma perda de tempo.

E3: Não, mas estudar... sempre vai te enriquecer cada vez mais.

E3: Eu acho que estudar, não só para você adquirir uma profissão, ser alguém, está aí para você se enriquecer, ter conhecimento de tudo, poder chegar em algum lugar e não se sentir boiando, ou algo parecido, você tem que ter um conhecimento, você tem que se sentir alguém, é ruim, eu me sinto mal às vezes quando, por exemplo, todo mundo tem algo que faz e “eu sou boa naquilo”, eu acho que uma pessoa tem que ter isso, é muito bom sentir que é bom em alguma coisa, eu acho que estudar está aí para isso.

E3: O nosso presidente Lula, ele não tem estudo, por isso que todo mundo fica apontando o dedo na cara dele “você não tem estudo, não sei o que você está fazendo aí”.

E3: Ele não tem estudo mas ele é esperto, ele é o presidente do Brasil.

E3: Ele chegou no estrangeiro e falou “a Amazônia é nossa”, quer dizer, se ele não tivesse tanto estudo ele não ia poder ter moral para falar isso, ele teve peito para falar isso quando todo mundo estava julgando que a Amazônia era muita responsabilidade para o Brasil.

E3: Eu acho que você não precisa se matar de estudar e nem ser especialista em tudo o que você lê, mas você precisa ter uma noção de mundo, uma noção das coisas para você saber às vezes formar as suas opiniões, para você saber lidar com as situações, porque tem coisas que por exemplo, pessoas que tem certas profissões, aparecem certas situações na vida delas que não tem nada haver com o que elas fazem no dia a dia, então você precisa ter certas noções para você saber lidar com aquilo.

E3: Que você precisa estudar, você precisa, se alguém gosta de saber mais, estuda mais, mas se você precisa só daquilo, você pode ter só aquilo, não precisa ter além.

E3: E outra, o estudo é diário, tem coisas que você utiliza até no seu dia a dia mesmo.

E3: Tipo um jogador de futebol, não precisa estudar medicina para jogar futebol.

E3: Mas tem que ter uma noção.

E3: Também não vou estudar, vai, eu quero ser fotógrafo, eu vou estudar química, não é isso.

E3: Mas eu acho que aí, estou falando mais ou menos do estudar, do querer conhecer as coisas, de querer ter algum conhecimento, não de tudo, mas do que você gosta, eu acho que

todo mundo tem que saber o básico, que é até o terceiro ano, tem que saber, não precisa fazer faculdade, isso e aquilo.

E3: Eu acho que as pessoas às vezes quando não estudam, elas fazem algumas coisas que eu considero erradas, porque às vezes a pessoa quando obtém mais conhecimento parece que ela tem mais uma noção do que é certo e do que é errado, porque ela conhece várias coisas então, ela tem como conectar as coisas, de tudo. Eu acho que você pode exercer um papel melhor na sociedade.

E3: Se bem que têm pessoas que tem muito conhecimento também e acabam fazendo coisas erradas porque não sabem, acabam roubando.

E3: Eu acho que até sabem, só que fazem porque querem.

E3: Elas sabem que é errado, mas o conhecimento que elas tem, elas usam para poder fazer tudo em benefício próprio.

E3: Depende de cada pessoa, de você estudar, “nossa mas depois lá na frente vou fazer isso”.

E3: Tem pessoa que estudando, ou não estudando, ela vai ser ruim.

E3: Sim, mas eu acho que ajuda você ter um conhecimento melhor, para você tomar decisões mais corretas.

E3: Por exemplo, todo mundo reclama da política, do governo e de que ninguém faz nada, mas ninguém, poucas pessoas têm o conhecimento e o entendimento de ir lá e falar “não, está errado” ir lá e exigir os seus direitos como cidadão.

E3: “É assim que tem que ser, porque está errado desse jeito”.

E3: Mas ninguém sabe o porquê está errado e ninguém dá uma opinião, “está errado por isso e tem que ser desta forma”, ninguém chega lá e fala isso.

E3: Eu acho que só estudando é que você vai poder fazer a diferença.

E3: Tem gente que também tem o conhecimento mas também não toma a atitude, aí é falta de atitude, força de vontade para poder fazer acontecer.

E3: Aí vai de cada pessoa, que nem você falou de fazer a diferença, eu acho que uma pessoa que estuda, que vai lá, se dedica e tal, não falando assim e tal, mas ela faz a diferença no meio, você percebe que uma pessoa que estuda, que realmente quis aquilo e tal, ela começa fazendo a diferença onde ela está, ela não fica fora.

E3: Ela faz tudo a mais, que ela sabe falar, sabe se expressar de maneira mais correta.

E3: Em um debate, em alguma coisa, você percebe em lugares assim que tem pessoas que realmente se destacam no meio das outras pessoas, tem outras que não, já são mais reservadas.

E3: Eu conheço muitos casos de pessoas também que não estudaram, estão em vidas assim...

E3: Aí é que eu acho, toda pessoa que faz a diferença, eu acho que tem algum estudo, mesmo que não tenha um diploma, eu acho que isso não quer dizer que você não estudou, porque às vezes a pessoa que é interessada não precisa fazer uma faculdade, ela tem um conhecimento, ela estuda.

E3: O básico que ela tem, ela usa a favor dela.

E3: E também não fica só presa no estudo que ela teve. Ela vai atrás, estuda sobre vários assuntos.

E3: Primeiro, eu acho que a escola está errada no método de ensino dela, porque ela está só formando computadores para o vestibular, ela esquece de formar cidadãos críticos que vão lá e fazem a sua cidadania...

E3: Que vão fazer a diferença.

E3: Isso, elas se importam só com o vestibular, eu vejo aqui na escola, “você tem que fazer isso que o ENEN está aí, que a prova está aí”, e a sociedade?

E3: Elas são ótimas em escrever, em fazer uma prova, mas na hora que elas tem que apresentar alguma coisa, que tem que falar em público elas não conseguem, porque a escola

não deu uma base para a pessoa ter relacionamento com os outros e saber falar.

E3: A escola meio que segue uma linha, aquela linha assim que não sai dela e o alvo é vestibular e aquilo, você tem várias coisas que você pode também abranger além do vestibular, tem várias coisas ao seu redor, não é só aquilo.

E3: Mas, calma aí, eu discordo em certa parte com vocês porque por exemplo, a escola às vezes nem a parte do vestibular consegue dar, que não tem muito tempo, é muito conteúdo às vezes, então tem aulas que a gente vai debater assuntos, que é legal, é dinâmico e tem tudo mais, só que eles precisam passar o conteúdo do vestibular porque sem ele não vai dar para você ser o que você sempre sonhou desde pequeno.

E3: Se você não aprender, se você não ler os livros que a professora dá, o conteúdo da literatura brasileira e tudo mais, você não vai conseguir responder muitas questões do vestibular.

E3: Eu também concordo, por isso que tem que ter isso, só que assim, eles só seguem uma linha de todo mundo ficar naquilo e não abranger outras situações, outros assuntos, ficam só no vestibular, ENEN.

E3: Por exemplo, eles vão falar do capitalismo, da teoria do capitalismo, mas eles não estimulam a gente a criticar o capitalismo.

E3: E a gente vive o capitalismo.

E3: Não, eu acho que critica sim, eu acho que critica, o professor de filosofia critica.

E3: Cabe a você criticar, eles passam o que você precisa, você tem que ter aquela coisa.

E3: O que eu entendi é isso, é que faltam outros temas, não que eles estão fazendo errado, eles estão preparando a gente para o vestibular só que faltam outros temas, outras coisas que também nos levam a fazer a diferença, porque tem certas coisas que você não aprende na escola, você vai ter que se virar lá fora.

E3: O problema não é o conteúdo que fazem, não é o que se faz, é o como se faz.

E3: Eles podem passar as mesmas coisas só que de um jeito diferente.

E3: Administrar o que eles têm ali, que nem, determinados assuntos com vários tipos de coisas que vão ter no seu dia a dia.

E3: Pode tentar te ensinar o que ele quer que você aprenda, porque se ele, por exemplo, ensinasse você a não concordar com o capitalismo, ele não quer que tenha uma revolução no seu país, ele quer que você se acomode com aquilo que ele está te contando, a situação que está é bem confortável.

E3: Que todo mundo aprenda a mesma coisa para continuar do jeito que está que está confortável para eles desse jeito.

E3: Confortável para eles e às vezes acaba nos prejudicando. Porque que nem com esse negócio de que nivelaram, e começa a nivelar a escola e acham que todas estão no mesmo nível, têm escolas que estão, por serem públicas também, têm escolas que estão mais assim, e acaba descendo o nível porque eles querem nivelar todo mundo de um jeito e acaba nivelando daquele jeito.

E3: Com certeza, se acabassem com esse jornal as aulas seriam melhores.

E3: As aulas eram melhores.

E3: O governo quer ensinar o professor a dar aula através do jornal, ele fala como o professor tem que dar aula sendo que o professor fez uma faculdade, ele sabe dar aula.

E3: E ele dá a dinâmica do professor, “tem que fazer assim, assim, assado, a prova tem que ser assim”.

E3: Está escrito assim mesmo, “você professor faça isso”.

E3: “E fala para os seus alunos assim”.

E3: Na hora de fazer um trabalho “em tal site tem isso, isso e isso”.

E3: Eles passam um texto, aí ta, se a professora passa um texto na lousa, vai fazer as perguntas que eles colocam, umas perguntas bestas que aluno da primeira série ia responder, eles parecem que duvidam da nossa inteligência, então é muito ridículo isso.

E3: O barato é da sondagem, eles querem saber o que a gente já sabe, então eu acho que isso é desnecessário.

E3: Para que a gente vai querer saber o que a gente já sabe?

E3: O que acrescenta para as nossas vidas?

E3: Eu acho que se já passou, você já tinha que ter aprendido, se você não aprendeu agora você que vai ter que correr atrás e não ficar fazendo todo mundo correr atrás do que você perdeu.

E3: Ninguém tem que pagar por aquilo que você deixou de fazer.

E3: Por exemplo, a televisão, os canais que a gente mais assiste, que é para todos, geralmente eles induzem as coisas, as reportagens, o conteúdo de reportagem deveria ser só o que acontece, mas eles mostram o que acontece e encobrem o que eles não querem que a gente saiba.

E3: Eles censuram muita coisa.

E3: Eles tiram todo o conteúdo, eles querem praticamente vendiar os nossos olhos da realidade.

E3: A Globo domina o Brasil, só que ela não quer mostrar como ela faz isso.

E3: A coisa mais ridícula que se tem foi eles fazerem o Bruno Galiasso beijar o outro lá e eles não mostrarem na televisão, ficou todo o negócio, todo o negócio e não colocaram no ar.

E3: Coisa de alguém que morreu, tudo bem vai, passa nos jornais, agora ficar um mês passando a mesma notícia.

E3: Eu vejo minha mãe falando “nossa tá vendo como o mundo está hoje, olha isso aí”, eu acho que isso sempre aconteceu mas não teve a mídia que tem hoje para informar, porque, sinto muito, pai estuprando filha, eu acho que sempre teve.

E3: Sempre teve mas agora tem a mídia para informar e fazer todo esse sensacionalismo.

E3: Porque sabe que dá ibope.

E3: Quando começa a falar muito de uma notícia eu penso “meu Deus, eu não tenho nada com isso, eu tenho dó de mim”.

E3: Assim ninguém vai sair de casa porque olha a violência.

E3: Meu, já tinha isso lá atrás.

E3: As pessoas vão ficar em casa assistindo televisão.

E3: O professor de filosofia uma vez falou do Fantástico, se não me engano, que manipula tanto as pessoas que se o Fantástico falar que comer giz faz bem à saúde, no outro dia no ponto de ônibus está todo mundo comendo.

E3: Às vezes eles colocam uma matéria, comer não sei o que faz bem, no outro dia.

E3: Colocar amarelo faz...

E3: O amarelo está na moda.

E3: Você vê a escola inteira de amarelo.

E3: Fora que de domingo parece que é uma máfia, você vê não tem nada de nada na tv, só tem Faustão para assistir.

E3: Gugu.

E3: Quem quer assistir Faustão?

E3: Voltando o tema.

E3: Você tinha falado que se você estuda dá para você participar mais ativamente da sociedade e eu acho que sim porque não dá para você questionar algo sem ter um conhecimento, você precisa saber para você poder discordar.

E3: Tem que ter uma opinião própria.

E3: Para fazer um questionamento.

E3: Porque se não alguém vai perguntar para você na rua um belo dia e você não vai ter

argumento para responder a pergunta da pessoa.

E3: Por que você prefere isso? Porque achei bonitinho?

E3: Eu gostei, porque achei bonitinho, porque sim, não sei, talvez.

E3: Não tem fundamento.

Os jovens dessa escola concordam que a beleza é um requisito fundamental para facilitar o acesso ao mercado de trabalho. De outra forma a não correspondência ao padrão de beleza pode ser um obstáculo ao ingresso em determinadas profissões em razão de preconceito e também por racismo, o que afeta a autoestima dessas pessoas.

Há profissões que consideram a experiência e as habilidades das pessoas, mas a boa aparência conta como um requisito fundamental. Citam o exemplo das enfermeiras em hospitais particulares que são selecionadas por apresentar boa aparência diferentemente das profissões de pedreiro e mecânico, que não são avaliados por esse tipo de requisito. Percebem que as pessoas que não correspondem ao padrão de beleza sofrem preconceitos e maiores dificuldades para se inserirem no mercado de trabalho. É o caso também das pessoas negras.

As pessoas que não correspondem ao padrão de beleza são afetadas também em sua autoestima. As pessoas que correspondem ao padrão de beleza sofrem preconceitos, geralmente são tidas como burras.

Os jovens desse grupo têm percepção de que o padrão de beleza e de aparência é constituído em um determinado tempo e sociedade, como ter cabelo liso, loiro, ser alta e magra na sociedade atual. Esse padrão é reforçado cotidianamente pela mídia o que potencializa as necessidades das pessoas, gerando insatisfação e sofrimento. As necessidades de manter um padrão de beleza, pela crença que vai garantir o sucesso no futuro, podem interferir no interesse pelos estudos.

No entanto consideram que não basta a aparência ou impressões superficiais para a construção de relações mais consistentes e duradouras, seja no campo amoroso e afetivo, seja no campo do trabalho. Assim para os jovens desse grupo o que tem maior valor no decorrer da vida são as capacidades humanas desenvolvidas, a aquisição de conhecimentos e as boas companhias.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram as expressões “quem é bonito nem precisa se esforçar tanto para se dar bem”.

Expressão debatida: quem é bonito nem precisa se esforçar tanto para se dar bem

E3: Eu estou em dúvida porque eu acho que, quem nem o emprego, se for só pela aparência seria fácil conseguir o emprego, conquistar o chefe.

E3: É diferente você ter boa aparência e você ser (assovia).

E3: Modelo, se fosse modelo, ganha muito dinheiro, e você precisa usar... dependendo da área é só ser bonita.

E3: Também depende muito do ramo que você quer seguir.

E3: Então, se você conseguir se dar bem, é bonita, tiver boa expressão, você ganha dinheiro, mas não é tudo também, se você não tiver experiência.

E3: Por exemplo, enfermeira. Vai lá alegrar o paciente (falam juntos / risadas)

E3: Eu acho que tem sim, porque quando você vai em hospital particular, as meninas que atendem a gente são todas muito bonitas. Você não vê uma sem dente (risadas), uma que não enxerga, então nisso sim, eu acho que para ser pedreiro não precisa de muito.

E3: Mesmo para ser mecânico, em um filme pode mostrar aquele mecânico forte, mas hoje em dia você vê um mecânico velho, barrigudo e com a calça baixa, é isso que normalmente você vê por aí.

E3: Bom, o meu é assim, concordo, mas não eu pessoa, eu diria assim, a sociedade concorda com isso. Para mim, o mais importante é você justamente ter aquele tchan, que se fala, ter o conhecimento para conciliar todas as suas virtudes, mas infelizmente nos dias de hoje o mercado de trabalho, as pessoas, cobram que você seja bonita e eu também, todo mundo aqui, quem não gostaria de ser bonita? Ser bonito é uma forma de estar bem com você mesmo, não que isso seja necessário, mas é o que o mercado pede, são pessoas bonitas, a boa aparência que eles falam, não é você estar arrumado, estar limpo, é você ser bonito e ter mais essa boa aparência, isso é até um preconceito porque até tiraram esse negócio de boa aparência dos anúncios, porque a boa aparência, o que queria dizer é a pessoa ser branca, não negra, já me falaram isso. Então, o mercado de trabalho cobra, mas eu T., não acho que seja muito importante, mas é uma coisa que infelizmente é cobrada.

E3: É, mas é aquela coisa, a aparência não é tudo, precisa ter algo mais do que ser só bonito, não é só um rostinho bonito.

E3: Posso só dar um exemplo? Meu pai fez um curso sobre liderança e aí o palestrante deu um exemplo, que eles pegaram um engenheiro rico, um cara famoso, super bem sucedido e colocaram a roupa de um trabalhador normal, como se fosse um trabalhador que nunca fez faculdade, uma pessoa qualquer, e colocou em um ponto para esperar um táxi, alguns metros na frente eles pegaram um presidiário e colocaram com roupa de executivo, com maletinha, com cabelo muito bem penteado e aí os dois estenderam a mão para o táxi parar, em qual dos dois que vocês acham que o táxi parou?

E3: No executivo.

E3: No presidiário.

P: Aí o meu pai falou para mim, “a aparência é tudo”, aí eu falei para ele, “não pai, a aparência não é tudo, a aparência é sim um primeiro...”

E3: Uma primeira proteção da pessoa, ela vai mostrar que ela é bonita, mas e aí, quando o taxista, o taxista gosta de conversar, aí o taxista vai conversar com ele e vai descobrir que ele é um presidiário, qual será a reação do taxista?

E3: Ele vai falar, “devia ter parado no outro, pelo menos era um trabalhador direito”. Então, quer dizer, a aparência não é tudo, mas é algo.

E3: É a primeira impressão que fica.

E3: Mas mesmo assim, por exemplo, se ele contrata uma enfermeira muito linda, V., né? (risadas) Contratou a V., usando aquela roupa ficou um espetáculo, mas a V. é insuportável, não se dá com ninguém, você acha que ela vai ficar no cargo?

E3: Depende, se ela tiver uma função a mais.

E3: Mas é aquilo, na primeira impressão, ela vai causar uma boa impressão, mas dentro da empresa, das regras do hospital...

E3: Muita gente usa a aparência mesmo para conquistar os outros mesmo.

E3: Mas o que criou isso? A sociedade criou esse modelo de ser bonita, ela tem que ter cabelo liso, tem que ter cabelo loiro, mas o que criou esse modelo de a pessoa bonita, a magra, a alta, e eu acho que a pessoa pode não ser isso que a sociedade coloca, mas ela tem que se arrumar também. Para arrumar um emprego vai com o cabelo todo bagunçado, põe uma roupa aí, ninguém faz isso, todo mundo procura estar de um modo decente para conseguir, porque realmente isso conta, uma boa aparência, mas não que o rosto bonito, se ela não tiver essência, isso não vai resolver, se ela for oca por dentro. É o que a professora falou, o que adianta você ser toda bonitinha assim e ser oca por dentro porque não vai para a escola, não faz quase nada e não tem nada, então não adiantou nada ela ser bonita e não ter essência.

E3: E é aquilo, tanto colocaram que a gente mesmo se enquadra nesse negócio, que se a gente não se enquadrasse nenhum de nós se olhava no espelho de manhã para poder ver como está, então importa, não é tudo mas importa, infelizmente.

E3: É que nem aquilo que ela falou do presidiário, às vezes nem é culpa do taxista que julgou, é porque a sociedade se impõe, não tem como a gente não ser tocado pela mídia, a gente vê o comercial na tv, e a maioria só tem mulher perfeita, com o corpo perfeito, não tem como a gente não ficar com inveja, a gente não vê nenhuma gordinha assim no comercial.

E3: É, comum, a gente vê mulher perfeita. Não tem como assim a gente não querer seguir o padrão, eu acho que quem fala assim que é feliz do jeito que é mesmo não seguindo o padrão, eu acho que é um pouquinho de mentira isso, eu acho que no fundo, no fundo ela quer ter uma barriguinha perfeita. Mas é claro que não é tudo, se eu pudesse escolher se eu queria ser que nem as mulheres da tv e ser burra, eu prefiro ser feia e ser inteligente.

E3: Eu vi uma vez uma jornalista em um programa de tv, ela tinha que soletrar, ela soletrou errado, uma jornalista, e ela era super bonitona assim, então tem vários tipos de inteligência, tem aquela inteligência que você usa para simplesmente se dar bem financeiramente, digamos assim, e tem aquela inteligência que você usa para se dar bem à custa de seu trabalho de forma mais digna, digamos assim, saudável, então não quer dizer que ela é burra, é que simplesmente ela usa a inteligência dela em uma outra direção na verdade.

E3: Ela não é burra, porque se ela fosse burra ela não teria chegado aonde ela chegou.

E3: A professora estava dando aula lá na frente e a porta estava aberta, aí a menina começou a conversar com o menino falando que ia passar o corretor e a professora [...] aí a professora virou para ela e falou assim, “você prefere conversar com a sua amiga do que assistir à aula?”, aí ela falou assim “é, eu prefiro”, aí elas estavam discutindo e a menina soltou assim, “eu sou bonita, eu não preciso estudar, eu só preciso cuidar da minha aparência para arrumar um homem rico”, e realmente, elas vão para a sala, elas levam esmalte, acetona, elas ficam tirando a sobrancelha, nada contra quem faz isso, mas poxa.

E3: Tem que ter respeito, né? Você tem que ter respeito por seus colegas e principalmente pelo professor. Uma coisa a minha mãe sempre me falou, pode ser chato, pode ser insuportável, mas você tem que ter respeito porque ele é mais velho do que você.

E3: E tem que ver o lugar onde você está.

E3: Muitas vezes para você ter respeito, você tem que dar respeito.

E3: Igual, muita gente chega na sala de aula, o professor dando aula, ele está sendo pago para isso, ele quer ensinar, a pessoa abaixa a cabeça na mesa e começa a dormir e não está nem aí, isso é uma falta de consideração.

E3: Tem professor que chega e não quer dar aula, eu vou dormir.

E3: Ou tem aqueles que acham que estão dando aula.

E3: Isso também varia de pessoa, tem gente que o seu objetivo é se dar bem conseguindo um marido rico, tem gente que o seu objetivo é se dar bem estudando, aprendendo para poder chegar lá, e tem gente que o seu objetivo é simplesmente ficar em baixo da saia da mãe.

E3: Eu conheço uma mulher que deu o golpe da barriga, ela casou com um cara e esse cara é insuportável, a família é insuportável, mora na minha rua, só que eles têm muita grana porque o pai dele ralou muito na vida, tem muita grana. Ela está casada com ele, ele joga muito na cara dela isso, mas eu falo, ela foi até que inteligente, deu o golpe, mas porque ela não usa a inteligência dela agora, usa a grana dela para poder correr atrás das coisas para ela? Para ela não precisar ouvir aquilo? Eu falei, tem gente que é inteligente em um certo período, mas depois esquece de usar o que tem de cérebro.

E3: Tudo bem, ela está com o marido rico vai, a vida dela está bem, mas e se ela não arranjar, o que ela vai fazer da vida?

E3: Foi isso que a professora falou para ela.

E3: Vai adiantar ser bonita? Não vai.

E3: Depende do menino, por isso que eu discordo, vou dar a minha opinião. Por isso que eu discordo, porque você não precisa ser bonito para conseguir, claro que você ser bonita ajuda, mas muitas vezes tem tantas pessoas bonitas que o chefe pede alguma coisa e ela não sabe fazer, e quem ela vai procurar? A que é feia, porque ela consegue, entendeu? Então eu acho que não precisa ser bonita, às vezes a inteligência conta bem mais. Depende da profissão, depende do emprego, só na “Bete a feia” que tem a secretária que é feia, porque a maioria dos caras só quer ter secretária bonita, mas será que a secretária da tudo o que ele pede? Do serviço, em relação ao serviço, então eu acho que depende muito. Em relação a você mesmo, tem pessoas que muita gente acha feia, mas se ela se sente bem, o que importa? E depende do menino. (falam juntos) Que tem menino que só procura menina bonita, mas tem menino que não, que já procura a parte interior dela, não olha o exterior, não olha a embalagem, olha o conteúdo.

E3: Que nem, ela está dizendo assim, nós estamos em uma balada, a gente é daquelas que ficam com todo mundo, aí chega um cara feio, “e aí, quer ficar comigo?”, você vai olhar para o cara e falar assim “não”, agora se chega aquele bonitão, chega falando manso, nossa, fica com todo mundo. Beleza, a gente vai lá e fica, nunca mais vê o cara na vida e se torna só mais uma na vida dele. Agora, quando a gente for procurar um cara para namorar, para ter um relacionamento sério, para pensar em alguma coisa duradoura, é lógico que a gente não vai com aquele que ficou com a gente porque achou bonito, a gente vai procurar aquela pessoa que goste de conversar. Eu falo isso porque o meu ex-namorado, coitadinho, ele era bem feinho, mas eu gostava dele, a gente tinha um relacionamento bacana.

E3: A beleza, por mais que em um momento, ela atraia, mas se você realmente quer algo sério com a pessoa, você quer estar junto com ela, todo o tempo que você tem, não vai ser o suficiente, vai morrer ao lado dela, quando ela ficar velha, ela vai ficar feia.

E3: Não é só aparência, você tem que ver o que a pessoa é.

E3: Vai passar o tempo e você não vai suportar ficar ao lado da pessoa porque ela não tem formação, você fala de uma coisa e a pessoa fala de outra completamente diferente. Vamos colocar assim, em termos de lidar com pessoa burra, porque a pessoa não tem...

E3: É capaz de você estar falando com a pessoa de uma notícia, de alguma coisa que aconteceu e a pessoa estar olhando no espelho e falando “nossa, como eu sou linda, como eu me amo”. A pessoa só vai pensar nela.

E3: Coloquei aqui no concordo em relação ao que se pede no mercado de trabalho, na sociedade, e eu T., para mim, realmente interessa o conteúdo, até porque o meu namorado não é bonito, mas ele é legal.

E3: É o que importa.

E3: De que adianta ele ser lindo, maravilhoso, se você vai conversar com ele e só sai abobrinha.

E3: Pode ver, falam, “nossa, aquele menino é tão lindo, está com aquela menina tão feia”, mas será? Ele não olhou a aparência, ele olhou o conteúdo. E eu tenho um amigo que cata todas, e ele sai batendo papo, “nossa, aquela ali já catei”, e ele falou que quando ele for casar é a primeira que ele vai desprezar, “vou casar com essa menina que meu amigo disse que já conhece inteira”, ele falou “vou casar com aquela que é quieta e se respeita”, ele fala até aquela frase “nós enrola, mas não casa”, porque ele falou que vai continuar curtindo, mas na hora de casar ele vai escolher uma que tem dignidade, que trabalha e que tem algo na vida, porque essas daí.

E3: Eu falei. Então, entra naquela questão, não adianta você ser só aquele rostinho bonito, ter corpo, ter aparência, lógico, todo mundo quer ser, todo mundo quer ter pelo menos alguma coisa, mas entra também aquele assunto pessoal, você se achando bonita não adianta a opinião dos outros, lógico, todo mundo gosta que chegue e fale “você é bonita”, mas você tem que estar bem com você mesma.

E3: A pessoa acaba se tornando bonita pelo modo que ela...

E3: Que ela é.

E3: Pelas atitudes.

E3: Não é só fisicamente.

E3: A pessoa pode ser até feia, mas se ela tem uma simpatia, ela tem carisma, ela tem um carinho para falar com a pessoa...

6.3.2 Família, Pares e Relacionamentos

As representações cotidianas dos jovens dessa escola sobre o prazer de estar com os amigos apontam para um contexto mais amplo de possibilidades. As possibilidades de prazer nos relacionamentos e alívio de tensões implicam também o bem-estar pessoal e a busca de momentos de reflexão sobre a vida, assim como estar com a família trocando cuidados e afetos.

No caso de estar afetado pelo stress entendem que a melhor saída é ficar sozinho, pois assim evitam prejuízos nos relacionamentos. A diferença não está em ser amigo ou familiar, mas na possibilidade da confiança que se constrói com o tempo.

Há apontamentos que referem maior valor à família quando está unida e constrói momentos de boas trocas. Os amigos teriam importância secundária. A família tem mais consistência para assumir responsabilidades uns pelos outros e as amigas podem trazer possibilidades de boas trocas, porém a confiança é menor.

O apego aos animais também está presente como forma de prazer e satisfação de necessidades afetivas.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “nada é mais prazeroso do que estar com os amigos”.

Expressão debatida: nada é mais prazeroso do que estar com os amigos

E3: porque não sei, às vezes podem ser os amigos, nossa, é tudo. Mas tem horas que você quer ficar sozinho, pensando, espairecendo. Mas tem horas que você precisa daquele conselho de mãe, pai, aquele colo e tal, tem horas que você, sei lá, você vai falar com uma pessoa, também os amigos, um dia você começa a conversar, vê que tem uma coisa afinada, daí surge a amizade, mas sabe, enfim. Não sei, não é só os amigos que trazem o maior prazer do mundo.

E3: eu concordo com o que ele falou, dos amigos, que é muito legal, todo mundo reunido, é muito legal. Mas também é legal estar com a família reunida assim, às vezes a mãe compreende mais que amigo, é legal estar conversando, mas não tudo. Às vezes a pessoa que mais te compreende não é nem a mãe, é meu gato.

E3: é, depende do que você está, se a pessoa está legal também, às vezes a pessoa está estressada, passa esse estresse para você. E se você está estressado o melhor é você ficar sozinho, que é capaz de bater na outra pessoa, então.

E3: ah, porque tipo, não é só com amigos. Eu gosto muito de sair com o meu tio também, mas amigos.

E3: meu tio tem 35 mas anda com gente jovem e tal, ele não é casado, eu adoro.

E3: é, eu acho que os amigos é pai, irmão, mãe, é todo mundo. Para quem você fala as suas coisas já está sendo um amigo, entendeu, acho que é isso.

E3: ah, se eu conheço já há bastante tempo eu falo, mas para quem conheci hoje, eu não falo tantas coisas assim. A diferença não está em ser amigo ou familiar, mas na possibilidade da confiança que se constrói com o tempo.

E3: minha mãe, meu namorado e a minha tia. Três pessoas.

E3: acho que sim, porque os amigos são todas as pessoas com as que eu converso.

E3: não, eu acho assim que, então, eu acho que é bom sair com os amigos, mas tem horas que os amigos também enchem o saco, pelo amor de Deus. Eu acho assim, você está com a família, não tem nada melhor do que você estar com a sua família e participar daquela união. Não tem nada melhor do que você ver que sua família está unida, está feliz, pelo menos por alguns momentos, porque não é sempre, né? Também eu acho que a minha cachorrinha, porque eu conto tudo para ela, não conto para ninguém, e ainda ela faz carinho em mim.

E3: eu acho que não tem nada melhor do que um animal, porque eles não reclamam.

E3: a minha cachorrinha dorme quando eu falo com ela.

E3: meu gatinho é muito comportado, ah, não tem nada melhor do que um animalzinho assim para você desabafar.

O apego aos animais também está presente como forma de prazer e satisfação de necessidades afetivas.

E3: sim, mas mais a mãe para conversar assim.

E3: é, e ainda o animalzinho nem discorda de você, fica quietinho.

E3: amigo é bom, mas amigo não tem tanta responsabilidade assim, por exemplo, de te aguentar, do que minha mãe tem, né. Às vezes estou estressada, você fala com um amigo sobre o que você está sentindo e tal, e tem horas que ele se estressa com você, fala que você está errada e tal, mas você não pediu a opinião, você quer que ele te ouça, só que ele te ouça. Mas não tem como, tem horas que ele se estressa com você também. Família também. Eu, o problema é que não consigo desabafar com ninguém, com ninguém assim, porque não, coisas de confiança assim, sei lá, não tenho essa intimidade para falar com C, É, mãe até que sim, mas tem horas que ela fez coisas que me irritou e com quem vou falar? Não

tenho coragem de falar com um amigo e tal, ou porque eu tenho medo de falar para amigo e que fale para outra pessoa – ah, ela falou isso, aquilo, nossa, viu como ela é?

E3: não, não gosto de animal de estimação. Eu prefiro falar com a minha caneta do que falar..

E3: ah, eu acho assim, nem sempre é os amigos, que nem, são raras as pessoas que você pode confiar. Não é todos. Tipo assim, que nem, meus amigos, a B, por exemplo, mas tipo assim, às vezes tem uma coisa que eu quero contar para ela, que já, que ela pode me ajudar, que pela cabeça dela ela poderá me ajudar, e ela, por exemplo, não entendeu. Que nem, eu conto tudo para B, nós somos tudo, conto tudo. Para minha mãe eu contava, mas que nem, eu conto as coisas para a B, que ela sabe bastante. A C, eu só comento, não é uma coisa que eu conto, só comento, e ela me dá conselhos. Meu namorado é uma pessoa que eu confio bastante, e quem sempre me dá conselhos bons, que eu sempre pergunto é meus colegas...

E3: tem pessoas que gostam de uma religião e tal, por exemplo, uma pessoa que gosta de ir lá, falar com Deus, desabafa assim...

6.3.3 Consumo de Drogas

Quanto às representações sobre o consumo do tabaco os jovens dessa escola fazem referência ao caráter legal da droga, à relação com os problemas de saúde, à dependência e à satisfação de necessidades de prazer e alívio de sofrimento.

Os motivos que levam as pessoas a iniciar o consumo são diversos: por influência de pares, grupos ou ambientes, para se distanciar e aliviar algum tipo de problema ou sofrimento; por moda e *status* já que é consumido em muitos lugares e por muitas pessoas; e pela experiência e conhecimento de que o consumo de tabaco emagrece ou evita a pessoa engordar.

Quando se posicionam contra o consumo de tabaco referem-se aos problemas de saúde e aos incômodos para os não fumantes. Os fumantes estariam sendo motivados a fumar porque o cigarro traria amenização de sofrimentos, além de propiciar a fuga de problemas e seria recurso para o emagrecimento.

Quando se posicionam a favor do consumo referem-se à busca de prazer e diversão, para responder a necessidades de relaxamento e diminuição do stress.

Elaboram críticas à atual política de drogas, como o fato de se poder comprar cigarro em supermercados e não se poder comprar maconha, sendo que em suas opiniões são drogas com potenciais benéficos e maléficos quase que idênticos.

Também aqui há a defesa pela proibição, com argumentos de que o tabaco é uma droga de “poder maligno”. Por outro lado, constatam que há consumo em ambientes onde não é permitido, por exemplo, nas escolas.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “fumar é bom”.

Expressão debatida: fumar é bom

E3: ah, assim, quando fuma, a fumaça não só atrapalha quem está fumando, mas também quem está do lado da pessoa que está fumando, então prejudica os dois lados.

E3: ah, porque eu acho que isso não, não tem por que fumar. Para mim não há prazer em fumar.

E3: eu concordei com o que a B falou. Sempre que estou na rua, sempre tem uma pessoa na minha frente fumando, e eu sou altamente alérgica ao cheiro. Na minha família, tem várias pessoas que fumam. Um primo meu foi até operado por causa do problema de pulmão...

E3: tuberculose?

E3: não, não foi tuberculose, não lembro o que foi, mas não foi tuberculose. Mas, realmente...

E3: mesmo assim eu tenho dois tios meus que continuam fumando.

E3: é, já. A esposa dele fumava, só que parou. Viu o que deu no meu primo e parou. E...

E3: não, acho, eu era pequena...

E3: devia ter uns 7-8 anos, não lembro muito.

E3: que não tem cabeça para pensar assim. Tem muita gente que fala – vou parar -, e consegue, mas muita gente não tem... sei lá...

E3: não sei, não sei se é porque querem experimentar uma coisa, sei lá. Geralmente influencia...

E3: eu acho que não (traz boa sensação), não sei, não fumo, mas eu acho que não. Porque além de causar problemas futuros, causa também nos outros que estão ao redor, porque a pessoa mesmo que não está fumando está respirando o cheiro, então. Inclusive vi uma pesquisa, ontem mesmo, que falou que grandes, não sei como falaram, que uma grande verba do governo vai para pessoas que não fumam, porque é só de respirar.

E3: é, acho que é passivo...

E3: ah, não é bom, que nem elas falou. Que causa, é ruim para quem está ao redor. Só que assim, tipo, tem muita gente que fuma por influencias e vai dar problemas futuros também, para quem não está fumando. Eu sou alérgica também, só que na minha casa dentro de casa ninguém fuma. Mas minha avó quando vai para lá ela fuma perto de mim... e eu não gosto. Acho que não causa nenhuma sensação boa, não, na pessoa. Tanto pelo problema de saúde quanto psicologicamente. Não deve causar nenhuma sensação assim.

E3: já, minha avó falou que quando ela está muito nervosa ela fuma e fica mais calma. E tem muita gente também... que nem a minha prima, ela tem 20 anos, ela começou a fumar porque falou que o cigarro emagrece.

E3: ah, não, prefiro ficar gordinha.

E3: tem muita gente que fuma na escola, fuma nos banheiros, e isso para quem é alérgico faz mal, né, deveria ser proibido.

E3: não, mas fumam escondido, né.

E3: minha prima, já, ela falou para mim fumar que eu estava muito gordinha, para mim emagrecer um pouquinho, mas falei que não, que preferia dar umas caminhadinhas...

E3: eu não sei direito quando surgiu essa coisa de fumar e tal, acho que com os índios lá, tem uma ligação, os índios ficavam fumando. Mas lá eles são, eles não sabiam do perigo

que é. As pessoas quando começam a fumar, umas por influencia, porque querem participar de um grupo, outras para, se distanciar de alguns problemas, porque fumar é uma droga, e uma droga sempre traz uma diferença no ser humano. Como a maconha e outras drogas. Minha tia, por exemplo, ela fuma, e ela fuma porque, ela fuma porque tem nojo, incrível, eu nunca ouvi falar isso, quando ela teve uma filha, ela trocava as fraldas da filha dela e ela tinha nojo, então quando ela trocava a filha, ela fumava.

E3: então ela fumava porque tinha nojo. Então, fumar para as pessoas é bom, para quem fuma, para quem fuma. Deve ser, porque tem pessoas que não conseguem parar, e tem uma disposição para que ela comece a fumar...

E3: não, fumar não é bom. Para as pessoas que não fumam e reconhecem que é um problema. Agora, as pessoas que fumam, eu acredito que elas também pensam que fumar não é bom, mas não conseguem se 'dissociar' mais daquele vício, do prazer que elas tem. Para mim causa problemas de saúde e tudo, então, para mim fumar não é bom.

E3: fuma, fuma. Acho que por vício mesmo. Por achar que é bom, acho que por vício.

E3: na minha opinião fumar não é bom, porque fumar não traz nenhum benefício para a pessoa, porque ela destrói o corpo da pessoa. Que nem, eu tenho um tio que fumou durante muito tempo, desde quando ele era adolescente, hoje ele já é falecido. Um dos motivos dele estar falecido hoje foi fumar, então acho que não é bom. E ainda a pessoa fumando ela vai estar destruindo a própria vida e prejudicando a vida das pessoas, porque a gente sente falta da pessoa, né.

E3: não, não acho, porque ela tem problemas com drogas, por causa do namorado dela. Então, acho que é influencia do namorado e amizades.

E3: eu acho que fumar é meio moda agora, porque, você vai, em qualquer lugar, baladas, tem gente fumando. Então, acho que as pessoas estão fumando mais agora por causa de moda.

E3: é, porque fica mais legal, porque está na moda...

E3: para se destacar, sabe, e é prejudicial à saúde, acaba, fica horrível, por dentro e por fora. Sem contar que as pessoas que estão do seu lado podem ficar ruins também. Eu tenho problema respiratório, meu vô teve que parar de fumar porque o médico falou que se ele não parasse ia morrer, e não leva a nada. Começa por, porque é legal, fuma, aí começa, aí depois você pega aquele vício para amenizar uma dor, um problema...

E3: porque a pessoa tem um prazer, acho que para a pessoa que fuma, que tem o vício, já é um prazer para a pessoa. Minha tia mesmo, quando ela não fuma ela fica morrendo de dor de cabeça. Então, já é um tipo, para ela parar de ter dor de cabeça ela tem que fumar.

E3: que nem a tia dela, pelo nojo, ou está nervoso, e tem que fumar, então vira um vício para amenizar alguma coisa...

E3: ah, acho que não, acho que as pessoas que eu conheço não, sabe. Mas, eu não sei, acho que não.

E3: não, as pessoas vão estar fumando, você pode ser diferente ali, mas vai se tornar igual a elas e tal...

E3: já, ah, não, porque tipo...

E3: do mesmo jeito que a gente respeita eles fumarem, tem que respeitar a gente que não...

E3: não, porque também a pessoa que fuma tem consciência que aquilo não é bom, ela sabe que aquilo não é bom, mas tem vício, não consegue parar, como outra droga qualquer.

E3: falaram, que quando fuma e tal, fica livre dos problemas, mas eu acho que é passageiramente, não vai ser para sempre, enquanto você estiver, vai, sob efeito de uma droga, de um cigarro, mas quando você volta os problemas serão maiores...

E3: isso é o que toda droga faz, as pessoas se distanciam de um problema, mas temporariamente. Eu acho que isso, que elas falam – ah, para sentir segurança, ter uma força e tal -, mas, tudo começa assim, ou por problema, alguma coisa assim pequena, mas começa a dependência, dependência, aquilo te faz mal, aquilo dá doença, prejudica os outros, mas não consegue parar...

E3: tem pessoas que tem mais facilidade de largar, outras nem tanto. Tipo organismo de

cada pessoa, varia.

E3: e depende também da sua vontade, né, é, força de vontade.

Para os jovens dessa escola o início do consumo de drogas ocorre por influência de grupos de amigos e devido a necessidades de afirmação (para se sentir reconhecido e valorizado), de distração dos problemas do cotidiano e de alívio de sofrimento mental (resultantes de conflitos, problemas familiares, perdas).

O início do consumo pode ocorrer por curiosidade, ingenuidade (sendo enganado) e coação (ser obrigado a usar). Observam que o consumo de maconha funcionaria como uma porta de entrada para o consumo de outras drogas e para a prática de crimes. Argumentam que os efeitos psicoativos das drogas produzem uma perda de consciência e alteração do comportamento levando as pessoas a cometerem atos que não fariam em estado “normal”, como roubar e matar. O consumo também causa prejuízos físicos e psicológicos (mata neurônios, prejudica

Os jovens observam que ocorreram mudanças nas formas de consumo da maconha, migrando de um consumo “terapêutico” (como remédio) e voltado a rituais e contextos específicos (como dos indígenas) para um consumo generalizado e prejudicial, como é o caso na sociedade atual. Argumentam que o tráfico de drogas ocorre em todas as classes sociais, porém as favelas são utilizadas como lugar “mais seguro” em que a polícia não chega, por isso mesmo pessoas com melhor renda utilizam esses espaços como pontos do comércio. Os problemas pelo consumo de drogas em grupos menos favorecidos estariam vinculados ao distanciamento afetivo entre pais e filhos.

Ainda referem que a inserção de muitos jovens no comércio lucrativo do narcotráfico tem o objetivo de obter renda e não de consumir substâncias, apontando as artimanhas desenvolvidas para aumentar a venda de drogas (como preço acessível e promoções). Nesse contexto percebem a droga como uma mercadoria a serviço do comércio ilegal. Também se posicionam politicamente contra a legalização da maconha.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “a maconha é do bem”.

Expressão debatida: a maconha é do bem

E3: discordo porque a maconha é uma planta e ela era usada pelos índios para anestesiá-los a dor, quando se machucava na guerra, essas coisas. Então, acho assim, tem os benefícios, só que eu acho que a maconha de hoje não é do bem, porque é uma droga e as pessoas estão se viciando nela. Não foi esse o propósito que surgiu, não foi o propósito de se drogar, foi o propósito que os índios não tinham, como eu vou dizer, uma tecnologia mais, conhecimento de remédios, essas coisas. Então, a maconha eu acho que trouxeram para cá de um modo errado. Acho que fumar e essas coisas assim não é, não. Não é uma coisa do bem. Não é do bem.

E3: não, que eu conheço, quem vive no meu dia a dia comigo não. Mas, que nem, na família, acho que em toda família tem sempre um que é diferente. Na minha família tinha um primo, eu tinha não, eu tenho, ele parou de usar, mas ele usou por influências na escola. Foi influência da escola. E é uma pessoa superbacana, superinteligente, formado em três faculdades, então assim, a vida toda sempre teve de tudo, do bom e do melhor, sabe, uma família boa, como vou dizer, uma renda boa. Acho que não era necessário fazer isso, mas por curiosidade ele entrou nessa vida, e da maconha levou para outras drogas, foi indo, foi indo, aí virou assaltante, um monte de coisas. E foi para a cadeia e saiu. Aí quando saiu foi que acho que deu uma luz, Deus o iluminou e tipo, começou a andar no caminho certo.

E3: não, tipo assim, ele tinha dinheiro, porque ele trabalhava, só que quando ele estava drogado, sob os efeitos da droga, ele ia com os companheiros dele, com os amigos dele e ia roubar. Porque ele estava drogado, não estava, como vou dizer, em sã consciência dele mesmo, ele roubava. Aí depois, quando a polícia pegava era aquela coisa, estava drogado, sempre assim, muito doido, muito doido, muito doido, sempre assim.

E3: então, eu estava em discordo plenamente porque não pensei nessa forma como remédio, como remédio, como uma planta para ajudar as pessoas, que era usada para anestesiá-los e tal, eu estava pensando a maconha só como droga, não como remédio. Então, eu mudei para discordo, não discordo plenamente. A maconha para mim não é boa, não é boa porque ela também mata neurônios, né? Além de fazer as pessoas agirem de um modo que elas não agiriam sem a droga. Ela também traz prejuízos à saúde. Prejudica muito, faz as pessoas agirem do modo que não agiriam, fazendo coisas erradas e prejudicando outras pessoas também, chegando a matar a pessoa. Então, eu discordo que a maconha seja uma coisa boa. Mas eu não discordo plenamente porque ela pode ser também um remédio.

E3: olha, para participar de um grupo, sempre tem, em escola acontece muito isso. Para participar de um grupo, a maioria usa, então vai influenciando. Também por um problema, um perdeu a mãe, outro perdeu o pai, ou aconteceu uma coisa muito séria, aí chega um amigo – olha, usa isso, isso é bom, isso faz você ficar longe do teu problema, isso não vai te irritar muito, vai fazer você ficar feliz e tal -, também usam. Ou por obrigação, a pessoa pode chegar a obrigar também a outra pessoa usar, e aí começa o vício. Eu já ouvi falar, por curiosidade pode acontecer e por obrigação, já vi, não, não vi, não conheço, mas já ouvi casos que a pessoa se vicia porque chegou um cara e obrigou ele a usar. Sempre obrigava ele a usar.

E3: dois tipos: vai porque quer experimentar ou influenciado.

E3: meu primo ia muito para balada assim, e uma vez ele estava trabalhando, ele trabalhava em iluminação, e ele começou a observar que muitos caras, muitas meninas também, que levam drogas para dentro do salão para vender. Não usam mais vendem.

E3: salão de baile, baladinha. Aí ele viu que o cara colocou droga na bebida do menino e o menino bebeu e ficou bem louco, aí depois o cara chegou e – oh, eu coloquei um negócio na sua bebida, se você quer é tanto -, então é meio que obrigado isso, porque a pessoa tomou assim inocentemente. Mas se ela gostar, aí já era, porque ela vai se viciar. Então às vezes nem sempre é intencionalmente, nem sempre é obrigado, às vezes você acaba

tomando uma coisa sem saber.

E3: é, eu mudei porque eu não lembrei desse ponto que E, falou, inclusive em alguns países é legalizado assim a venda aberta, mas com uso medicinal.

E3: é polêmico, né, mas assim, a minha opinião é não.

E3: não, não cheguei a conhecer a pessoa, porque ela morreu antes que eu a conhecesse, mas assim, usou e muito. Foi várias vezes preso e revolta a família. A mãe chegou a falar, chegou até a expulsar a menina de casa, a prima dele, que falou – está usando -, e ela falou que não, quase bateu na menina por causa disso. E quando descobriu já era quase que tarde.

E3: geralmente falam que gostam, você nota a pessoa bem assim, aérea.

E3: é, bem aérea, bem louca. Mas, sei lá, eu não concordo, não concordo que é do bem, porque prejudica os órgãos internos, assim como bebida, cigarro, tudo.

E3: é, mas tem esse ponto da parte medicinal?

E3: tem a parte medicinal também, né.

E3: tudo bem, a maconha nasceu para ser usada como remédio, é ainda usada como remédio, mas é menos, porque as pessoas levaram pelo lado ruim, começaram a usar como uma droga, virou um vício.

E3: é, que nem, hoje tem aldeias que vão os médicos. Essas pessoas que vacinam, essas coisas. Então eu acho que eles têm acesso a outro tipo de...

E3: eu acho que não é necessário usar maconha.

E3: é, eu acho que em aldeias muito escondidas. Mas o que acontece é que a maconha está ali, só que mudaram ela para coisa ruim, para o lado ruim. Então, não acho que a maconha é ruim, ela pode ser usada, mas se eles usam por outros motivos não é culpa dela. Culpa deles mesmo que usam a maconha de outro modo.

E3: mas a maconha mesmo entre os índios, é tanto em forma de chá ou fumar, ou outros tipos, tinha antigamente aquele cachimbo da paz, aquelas coisas. É a mesma coisa, não mudou em nada.

E3: ah, amigos que tem amigos que tem amigos.

E3: não, eu já vi, mas não é meu amigo, eu sei que fumam, mas não é meu amigo.

E3: para estar legal, para relaxar, para espairecer, porque acha que vai esquecer dos problemas, que vai ficar alegre, uma coisa assim, né?

E3: ah, pensa que vai amenizar, que vai deixar ele alegre, que vai tirar todos os seus problemas.

E3: eu acho que na periferia porque acham que...

E3: eu acho que isso não interfere em nada. O tráfico, lógico, fica mais na parte pobre, mas tem aqueles, as ‘mulas’, que levam para as pessoas, levam para balada, levam para ‘rave’.

E3: não acho que o tráfico seja na parte mais pobre, acontece também, mas geralmente quem, como se fala, quem é a base disso, quem ajuda, porque maconha dá lucro, tem pessoas que são advogados, que tem dinheiro e tal, ajudam, patrocinam isso. Eu já li livros, já vi em jornais, já li um livro que um homem era executivo, viajava, vivia viajando, e ele tinha um filho só. Esse filho estudava na melhor escola da cidade e a mãe dele era uma perua sabe, vivia em shopping e tal, aquelas coisinhas que, de quem tem dinheiro e tal, tinha o seu carro do ano, tinha tudo. Mas aí ele tinha também um amigo que era de uma classe menor, mas assim, os dois tinham cabeça e tal, mas chegou uma pessoa assim, uma pessoa que também era funcionário do pai dele, que patrocinava tudo aquilo, e falava para ele – usa, é bom -, porque ele vivia de carência, ele era muito carente. Porque ele tinha dinheiro, tinha condições, tinha empregada, tinha tudo, mas não tinha carinho, não tinha aquela coisa de mãe e pai, ele sempre vivia sozinho, só com o amigo, ele ia para a casa do amigo para ficar junto da mãe do amigo, porque a mãe do amigo quando ele chegava perguntava o que ele tinha feito na escola, o que ele queria, o que ele achava bom, conversava assim, uma coisa de família, e ele não tinha isso, por quê? As cozinheiras tomaram conta da família dele, então só perguntavam coisas assim materiais, não como família mesmo. O pai ficava um dia, uma semana e depois viajava e ficava três meses fora e tal, e aconteceu. Acho que tráfico acontece também nas partes mais pobres, porque é a

maior parte, mas são eles que patrocinam isso também.

E3: é, mas traficante mesmo não usa droga, porque ele vai usar a mercadoria dele?

E3: então, essa parte eu estudei, pode não usar, porque o pai dele não usava, mas aquele funcionário lá ele usava, tanto que ele se acostumou. Ele deu droga para o filho do patrão dele, foi um modo de vingança, porque ele, o pai dele, o pai do menino deu a droga para ele, viciou ele, para que pudesse ser um funcionário dele. Esse homem que deu a droga para esse menino ele morava na periferia, e favela e tal, e ele fez isso como uma vingança. Mas assim, essa coisa de traficante não usar, isso é verdade, que o pai dele não usava.

E3: é, porque era muito carente, ele chegava em casa e só tinha a empregada, era como se fosse uma mãe, uma mãe parcial, porque ela que perguntava para ele. O pai quando chegava não conversava com o filho, a mãe só preocupada com lojas, com o que ela ia fazer, tinha uma loja de roupas, não sei se preocupava com as coisas e tal, então ele não tinha em quem se apoiar.

E3: olha, conhecer pessoas não, mas eu já ouvi, muito. Já ouvi de pessoas que brigaram com a mãe ou que tem um problema na família, como o pai bebe muito, ou a mãe vive fazendo coisas erradas, e vão para as coisas erradas.

E3: então, eu discordo plenamente porque hoje, na atualidade, as pessoas, quem fuma maconha não sabe que, com certeza não sabe que foram os índios que descobriram para melhorar a saúde. Eles não sabem disso. Eles só querem a maconha, e da maconha eles optam para drogas piores, porque se eles estão optando para drogas piores a saúde deles está em risco, né. Então, eu conheço pessoas que se alimentam da droga, acordam de manhã, o café delas é a maconha, é o crack. Eu conheço pessoas assim. Na minha rua pelo menos tem muitas pessoas que fumam maconha, crack. E a gente convive com as pessoas assim. Não pode falar nada, porque senão...

E3: é, o efeito acho que é menos do que o crack ou outras drogas piores. Mas eu acho que não, a maconha não é menos que...

E3: maconha, maconha e crack.

E3: não, não. Não converso com eles, mas a gente, as pessoas que eu convivo eles sabem o que é droga, o que é maconha, então por isso que eu estou falando, eles fumam maconha e crack.

E3: nesse horário acho que mais ou menos duas pessoas estão usando drogas.

E3: isso, acordam e já vão para a rua, já vão naquela expectativa. No café da manhã vai ser isso...

E3: embora eu acho que não tem tanto horário para droga. Perto de casa tinha sempre um grupinho que ficava, e era na hora que eu saía para espanhol, umas três e meia estava passando e eles estavam lá.

E3: uma coisa que eu acho muito triste assim, que dá um aperto no coração é ver mães que não sabem que filhos usam por amigos e tal. Porque eu estudava no Scava, fiz o Fundamental inteiro no Scava, até o primeiro ano do ensino médio no Scava. E lá eu sempre vejo que pessoas da oitava série, da sétima série, eles usam, eu não sei da família, não sei dos pais e tal, mas vai saber se a mãe sabe, se o pai sabe, e eles usam. Eu já vi, na rua, bem escondidinho no Scava, porque eu tenho amigos na escola.

E3: não, eu moro em São Paulo. E os meninos do Scava são pequenos, porque no Scava só tem o Fundamental, e eles usam. Eu acho muito triste para, não sei se a mãe sabe, se há uma coisa que, não sei...

E3: os meus amigos ninguém usa, mas eles falam que tem gente que usa. Eles falam, eu fazia um curso que era de elaborar projetos assim, dava um problema na escola e fazia um projeto para pelo menos tentar amenizar aquilo. Era uma parte perto de favela e tal, e lá eu via pessoas que, eu sabia que usavam, mas eu não conversava muito com elas, mas sabia que usavam.

E3: eu acho que, não porque é um lugar, um lugar assim meio desorganizado. É porque tem menos policial. Aqui é mais aberto, não é? e lá é mais fechado, então mesmo quem tem uma boa renda vão para lá, porque sabem que lá é escondidinho, sabem que nenhuma viatura vai passar, nenhum guarda vai passar. Eu acredito isso.

E3: a própria professora nossa disse que quando ela dava aula, não lembro que escola, ela só via carro de luxo lá, indo buscar, não tinha quase. Ela falou que via assim de longe, então a pessoa que compra tem que ter um apoio, um bom apoio financeiro. Acho que a pessoa mesmo que mora nesses lugares assim mais de baixa renda, não tem como comprar.

E3: quando meu primo começou a usar, tipo, o irmão do que foi preso. Quando ele começou a usar ele não sabia que o irmão dele usava, e ele não trabalhava, o pai dele não dava dinheiro para ele, porque é tipo assim, o filho excluído, digamos assim. Um tem tudo, fez faculdade, o outro já é diferente, foi até a oitava série, e não trabalhava, então o pai não dava dinheiro para ele. Era assim, para comprar roupa era com a mãe, tudo era com a mãe dele. Aí quando ele começou a usar, ele chegava para mim, que ele é um pouco mais velho do que eu, dois anos, então ele chegava para mim e falava. Uma vez chegou para mim e falou assim, se eu tinha 5 reais para emprestar para ele, falei que não tinha, e ele me falou que o cigarro era 5 reais. Então, o cigarro de maconha 5 reais. Aí ele falou que tinha as promoções, tipo um é 5 e 3 é 12, influencia mais ainda a pessoa a comprar.

E3: tem uns lugares que assim, você passando, tem uma ou duas ruas que é mais assim, como eu vou dizer, você vai encontrar mais gente fumando, três ou quatro, um grupinho de nórias fumando. Mas na minha rua mesmo são raras as coisas, são só dois meninos, que são assim, bom, tinha dois, agora um morreu. É pouco assim. Agora, o que eles usam assim, às vezes é cigarro, às vezes você vê com umas latinhas estranhas, umas coisas estranhas.

E3: os que usam esse tipo de drogas, eles querem o que? Eles querem fugir, esquecer do problema, mas a maioria das vezes eles acabam se metendo em outro, né. Porque quando está drogado a pessoa faz coisas que, né?

6.3.4 Participação Política

Os jovens dessa escola observam que a busca desenfreada pelo poder e pelo dinheiro (se referindo a uma crise de valores humanos) gera competitividade e degradação da vida. O fomento do individualismo gera despreocupação com os problemas gerais da humanidade tornando-se obstáculo para que as pessoas participem. Somente ocorre participação quando as pessoas são atingidas pessoalmente ou através da família.

Os jovens consideram que houve melhorias com o progresso do capitalismo, em termos da criação de novas tecnologias, possibilidades de lazer e conforto, porém isso fica restrito a determinados grupos sendo que outros não têm acesso à maioria dos bens produzidos. O desenvolvimento e a evolução trazem outros problemas como o aquecimento global, preocupações com o meio ambiente e a acentuação da desigualdade social. Observam que a vida melhorou somente para poucos e piorou para a maioria das pessoas. Há deterioração das condições de moradia com aumento das favelas e de centros urbanos, sendo que o crescimento é desigual em relação a determinadas regiões que apresentam ritmos menos acelerado de desenvolvimento.

Observam a corrupção de políticos e o mau uso do dinheiro coletivo. Falam também da deterioração das relações familiares e interpessoais em função da alienação pelas novas necessidades de consumo, de tecnologias e formas de comunicação virtual. As trocas interpessoais ficam restritas a breves momentos das refeições e ao isolamento em computadores.

Ressaltam aspectos ideológicos sendo que os que possuem melhores condições para viver não percebem o quanto a situação piorou para muitos. Para eles a tendência futura da sociedade é a de constituição de duas únicas classes sociais, a dos pobres e a dos ricos. Aos primeiros ficaria cada vez mais difícil o acesso aos bens produzidos socialmente, como a tecnologia, o conforto e a alimentação.

Consideram haver avanço em relação às tecnologias de saúde, mas não em relação ao acesso a elas.

Observam que a política se transformou em um cenário de “circo”. O interesse dos políticos está relacionado ao dinheiro e os critérios dos eleitores para escolher os candidatos são aleatórios e desconectados de sua realidade. Para que a situação melhore é necessário que as pessoas tenham maior consciência para fazerem escolhas e participem mais da vida política. Observam que pela ganância do dinheiro a corrupção se torna generalizada e ocorre exploração do trabalho.

É possível observar contradições no interior desse grupo a partir de formulações distintas em relação à forma de conceber a sociedade atual. Enquanto que uma parte do grupo aponta para um processo de deterioração das condições gerais da vida outra parte do grupo parece transmitir uma concepção que exalta os aspectos positivos da sociedade.

Para esses últimos ocorreram mudanças importantes e benéficas como o direito de voto das mulheres. Observam que pode também estar havendo uma consciência maior dos problemas devido aos erros cometidos no passado. Apontam que houve melhora nas formas de participação política com maior abertura e reconhecimento dos direitos das mulheres e também maior acesso ao consumo por grande parte da população. Revelam uma visão conformista de valorizar a melhoria da vida mesmo que seja só para

alguns. Argumentam que a posição que o sujeito ocupa em uma classe não está determinada pelo lugar de origem, como em outras épocas, e que pela sua participação é possível migrar para uma condição socioeconômica mais favorável, depende do desejo e vontade da pessoa. Argumentam que atualmente há liberdade de expressão, também para as mulheres e crianças.

De modo geral compreendem que a importância do dinheiro na vida é relativa. Ao mesmo tempo em que é necessário para garantir boas condições de vida e saúde há outras necessidades que não podem ser compradas. Quem tem boas condições financeiras pode ter melhor acesso à saúde, uma boa moradia, usufruir das melhores tecnologias, ter boa alimentação, lazer, etc.. Mas o dinheiro não pode comprar uma boa família, um bom casamento, amigos, resolver problemas de saúde para os quais ainda não há solução. Também é preciso ter sabedoria e moderação para usar o dinheiro.

Nessa perspectiva, observa-se que há pessoas que se ocupam em demasiado com o dinheiro deixando a relação com os filhos em segundo plano e se ocupam do consumo de novas tecnologias, como videogame. Trazem questionamentos se o problema é o dinheiro em si ou a forma de relação que se constitui na atualidade. Referem que o dinheiro deveria servir para libertar o homem, mas ele acaba se tornando escravo do dinheiro pela necessidade de acumular mesmo que outros sofram pela fome. Assim utiliza o dinheiro para se sentir superior e comprar a liberdade dos outros, não precisar trabalhar, fazer o que quiser. A consideração pela felicidade do outro fica afetada pela necessidade de acúmulo, pelo egoísmo e individualismo.

Salientam que não é aceitável utilizar meios ilegais e antiéticos para ser bem sucedido na vida. Apostam na formação de uma consciência crítica em relação a valores humanos e políticos. Para estes jovens a política tem valor quando está voltada para o bem comum e compreendem a corrupção como um meio que se tornou naturalizado para ascensão ao poder político e econômico, o que gera paradoxos na sociedade atual atingindo os valores das pessoas de modo geral.

Os jovens desse grupo observam ainda que no capitalismo se coloca em primeiro plano o acúmulo de coisas materiais em detrimento do bem comum

e da dignidade das pessoas. Dessa forma as pessoas são afetadas pela ânsia de poder e *status* e nem sempre conseguem preservar os seus objetivos políticos e éticos. Também apontam que há interesses políticos e econômicos que sustentam a corrupção impedindo que pessoas bem intencionadas tenham ascensão ao poder político. Dessa forma entendem que as mudanças ocorrem gradativamente, sendo que a corrupção generalizada é um dos grandes obstáculos.

Observam que na vida em geral as pessoas que conseguem sustentar valores afeitos ao bem comum estão em menor número e as dificuldades são maiores quando entram para o circuito da política, pois a maioria está interessada somente no dinheiro. Apontam que há dificuldades quanto à própria compreensão que as pessoas em geral têm sobre o valor da política, do voto, de suas escolhas. Também há necessidades de reformulação do sistema político e processo eleitoral e dessa forma questionam a obrigatoriedade do voto diante da falta de consciência para votar.

O sistema político fez com que as pessoas se acomodassem a esperar que os políticos eleitos tomem as decisões e encaminhem as soluções para os problemas da vida em geral e não se implicam. Assim há um enfraquecimento da consciência que as pessoas têm sobre suas vidas e seus problemas. Também os políticos sabem muito bem desse comodismo geral, das inseguranças e medos das pessoas e se aproveitam disso. Quando há políticos que contribuem para a melhoria das condições de vida, como no caso da saúde, acabam por serem eleitos porque as pessoas que neles votam têm receio que as coisas piorem, embora nem sempre reconheçam as coerências desses políticos.

Os jovens referem ainda uma descrença na política local em que falta maior controle, à diferença de outros países onde há maior imposição das autoridades. Reconhecem que há direitos que devem ser garantidos pelo Estado assim como há necessidade de maior participação política e mobilização das pessoas, mas isso ainda não ocorre devido ao comodismo e egoísmo. Há situações em que há solidariedade para ajudar pessoas que estão passando por necessidades básicas, mas essa precisa ser mais difundida. Para que haja mudanças no panorama social e político é preciso

aumentar a consciência da necessidade de união (mobilização) tanto de categorias (médico, professores) como da população em geral. Referem que há interesses de pessoas que estão nos governos que não são coletivos, mas particulares.

Os jovens desse grupo acreditam que a educação teria um papel fundamental para ampliar a consciência dos direitos e do papel político e que a falta de investimento favorece a ignorância e os interesses particulares. Salientam a necessidade de compreensão do papel “político” de cada um para mudar as coisas, fazer diferença na atitude e no modo de pensar, em relação a se engajar na transformação da sociedade, não ficar ignorante ao que está acontecendo sendo passivo e indiferente. Também não ficar refém das ideias do senso comum, difundidas como naturais. Apontam a importância de valorizar o que é diferente para produzir diálogos e novos conhecimentos. Isso não significa ser diferente por status ou somente por aparência. Criticam o apego à aceitação passiva das coisas que estão na moda e ressaltam a originalidade.

Para os jovens dessa escola não é aceitável e necessário utilizar meios antiéticos e ilegais para ser bem sucedido na vida. Agindo assim as pessoas denotam não ter uma consciência correta em relação a valores humanos e políticos e tem sua consciência afetada quando agem dessa forma. A política para esses jovens tem valor quando está voltada para o bem da sociedade observam, portanto que há um paradoxo na sociedade atual, pois a corrupção é um meio naturalizado de ascensão ao poder político e econômico o que gera dúvidas e confunde os valores das pessoas.

Há então uma crise “de valores” em função do capitalismo que coloca em primeiro plano o acúmulo das coisas materiais em detrimento do bem comum, da dignidade das pessoas. Dessa forma as pessoas são afetadas pela ânsia de poder e status e nem sempre conseguem preservar os seus objetivos políticos e éticos. Também apontam que há interesses políticos e econômicos que sustentam a corrupção impedindo que pessoas bem intencionadas tenham ascensão ao poder político. Citam exemplo de político que foi assassinado devido à sua atuação na cidade.

Dessa forma entendem que as mudanças ocorrem gradativamente, sendo que a corrupção generalizada é um dos grandes obstáculos. Observam que na vida em geral as pessoas que conseguem sustentar valores afeitos ao bem comum estão em menor número e as dificuldades são maiores quando entram para o circuito da política, pois a maioria está interessada somente no dinheiro. Apontam que há dificuldades quanto à própria compreensão que as pessoas em geral têm sobre o valor da política, do voto, de suas escolhas. Também há necessidades de reformulação do sistema político e processo eleitoral, questionam a obrigatoriedade do voto em detrimento da falta de consciência para votar.

O sistema político fez com que as pessoas se acomodassem a esperar que os políticos eleitos tomem as decisões e encaminhem as soluções para os problemas da vida em geral e não se implicam. Assim há um enfraquecimento a consciência que as pessoas têm sobre suas vidas e seus problemas. Também os políticos sabem muito bem desse acômodo geral, das inseguranças e medos das pessoas e se aproveitam disso. Quando há políticos que contribuem para a melhoria das condições de vida, como no caso da saúde, acabam por serem eleitos por receio das coisas piorarem e não somente porque mantém coerência na vida política.

O momento do trabalho pode resultar em alienação política, pois as necessidades em manter e sustentar a vida familiar pode desviar a atenção dos interesses coletivos e mais gerais. Assim o trabalho alienado, a dependência do trabalho para sobreviver, voltado para a reprodução do capital, se apresenta como obstáculo para a aquisição de maior crítica sobre as dificuldades da vida em geral, o momento do trabalho para o jovem significa um aprisionamento do seu tempo e do seu ser político. As soluções são remetidas ao esforço coletivo, pois individualmente não é possível, e a formulação de uma consciência crítica sobre os condicionamentos sociais para superar a alienação pelo trabalho.

Para estes jovens a importância do dinheiro na vida é relativa. Ao mesmo tempo em que é necessário para garantir boas condições de vida e saúde há outras necessidades que não podem ser compradas. Quem tem boas condições financeiras pode ter melhor acesso à saúde, uma boa moradia,

usufruir das melhores tecnologias, ter boa alimentação, lazer, etc.. Mas o dinheiro não pode comprar uma boa família, um bom casamento, amigos, resolver problemas de saúde para os quais ainda não há solução. Também é preciso ter sabedoria e medida para usar o dinheiro. Há pessoas que se ocupam em demasiado com o dinheiro deixando a relação com os filhos em segundo plano e se ocupam do consumo de novas tecnologias, como videogame. Trazem questionamentos se o problema é o dinheiro em si ou a forma de relação que se constitui na atualidade. O dinheiro deveria servir para libertar o homem, mas ele acaba se tornando escravo do dinheiro pela necessidade de acumular mesmo que outros sofram pela fome. Assim utiliza o dinheiro para se sentir superior e comprar a liberdade dos outros, não precisar trabalhar, fazer o que quiser. A consideração pela felicidade do outro fica afetada pela necessidade de acúmulo, pelo egoísmo e individualismo.

Os jovens desse grupo defendem uma perspectiva social mais solidária que supere o individualismo e a valorização do ter, em que a diminuição da pobreza seja mais importante que “a necessidade de comprar um tênis”. Nesse sentido não cabe a corrupção, a opressão de uns sobre os outros e o individualismo. A perspectiva de felicidade e de realização humana está relacionada ao bem estar geral e a uma melhor distribuição do dinheiro que impeça enriquecimentos de alguns e pobreza de outros. O consumo indiscriminado e de mercadorias caras que o dinheiro possibilita para algumas pessoas resulta em satisfação e felicidade “instantânea” e “passageira”. Não admitem gastar um valor que se equipara à renda de algumas famílias por uma “sapatilha”.

Assim, para estes jovens há uma perda da liberdade pelo “fetiche do dinheiro e das mercadorias”. Também apontam a desigualdade entre os países e a divisão entre aqueles que possuem mais capital, os desenvolvidos, e aqueles subdesenvolvidos. O poder de compra que o dinheiro propicia torna as pessoas suscetíveis para comprar coisas fúteis e de pouca importância para a vida. As pessoas que possuem dinheiro ou fama adquirem poder sobre as outras com menos posse que se lançam para situações extremas de submissão e a violências por se sentirem inferiores e

por medo. Os jovens referem que as determinações sociais não são formulações naturais, referem que foi o próprio homem que conferiu valor e poder ao dinheiro. Assim os que o possuem são investidos de uma condição superior aos demais e ao mesmo tempo estão escravizados pelo “fetiche” do dinheiro.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “o mundo está mudando para melhor”, “só se dá bem quem é corrupto ou passa o outro para trás” e “o dinheiro não trás felicidade”.

Expressão debatida: o mundo está mudando para melhor

E3: Está falando em geral, para mim o mundo em geral está mudando para melhor.

E3: Esse negócio, que nem, violência tem tanta coisa, que nem os políticos, então tudo contribui para não mudar nada na maioria das cidades, que nem a educação que nem a gente estava falando, então nada está para melhor, então você não vê melhorias em áreas que você diz que melhorou.

E3: As pessoas estão querendo cada vez mais o poder e estão acabando com o mundo, estão acabando com o meio ambiente.

E3: Daqui a pouco não tem mais nada, não tem como respirar.

E3: A gente não tem que salvar o mundo, a gente tem que salvar a gente.

E3: Esse é o problema, as pessoas estão muito individualistas e por isso não está melhorando em nada, por esse individualismo de cada um, cada um pensa de uma forma, “eu tenho que cuidar de mim e o mundo...”

E3: Porque de certa forma a gente pensa que o mundo está ruim por causa do que vem acontecendo, que nem poluição, tudo que vai se acabando, se definhando, mas de uma certa forma ele está melhorando porque as pessoas acabam melhorando, se conscientizando do que elas fizeram de errado e tentando mudar isso.

E3: Eu acho que a cada dia que está passando as pessoas estão ficando pior do que eram antes, a cada dia que passa, eles estão ficando pior, você não vê melhoria, só em mínimos os casos estão melhorando, estão mudando, mas em geral assim, o povo está indo para pior, querendo mais poder, um pulando em cima do outro, um querendo passar em cima do outro. Ele falou assim, de que a gente tem que pensar mais na gente, por exemplo, o mundo melhorou muito na parte da tecnologia, tem mais lazer, conforto e tudo mais, para algumas pessoas, e para essas algumas pessoas, para elas conseguirem esse lazer elas precisam fazer muita coisa, por exemplo, ela não vive mais, tem muita gente que não consegue conversar com os filhos, não consegue ter uma vida amorosa, só trabalha, só pensa em dinheiro...

E3: Que nem da tecnologia, tem gente que luta para ter... tem gente que não tem nem um rádio.

E3: Eu acho que ao mesmo tempo que evolui, a evolução tem um preço muito grande para a gente, a gente está pagando o preço por essa evolução, o aquecimento global, essas coisas, as diferenças sociais, isso tudo devido a todo esse desenvolvimento que a gente está tendo, eu acho.

E3: Eu não digo que está piorando porque para saber se uma coisa melhorou ou piorou você tem que saber como era antes, se antes está igual a hoje é que não melhorou e nem piorou, está na mesma coisa, se quem é pobre continua pobre e tem pobres que ficaram melhor, então ele melhorou muito pouco mas melhorou, ele não piorou, não tem como você estar pobre e ficar mais pobre.

E3: Eu creio que o que tudo indica se você vai vendo assim é que as pessoas a cada dia mais não estão nem aí.

E3: As favelas estão crescendo desenfreadamente e os centros, os grandes condomínios ricos, chiques, são pouquíssimos.

E3: Então, está aumentando só o número de pobre, o número disso e daquilo outro, e você vê que têm muitas áreas assim que o negócio não tem solução, não está melhorando, pode até ter um negocinho ou outro, mas nada significativo.

E3: Mas está piorando?

E3: Não, a frase é o seguinte, como é a frase? O mundo está mudando para melhor. Eu não falei que ele está mudando para pior, mas está estacionado, não está mudando para melhor, então ele está nessa, ele não sai dessa.

E3: Ele está caindo em um abismo que não tem mais volta.

E3: Eu acho que precisa também ajudar porque todo mundo fala da miséria da África, todo mundo ajuda, doa coisa e tal, mas os políticos lá na África o que eles recebem fica para eles.

E3: Eu estava vendo um documentário, o dinheiro que eles gastam, eles tinham como fazer, como ajudar.

E3: Por isso que o mundo está ficando cada vez pior, o poder está corrompendo muito.

E3: Então, é isso que eu estou falando, eu vi na reportagem que têm milhões em dinheiro que rolam ali, um pouco daquilo, na pesquisa estava falando que um terço daquilo dava para sustentar e arrumar toda aquela África, para sustentar mesmo.

E3: Se ajudasse não ia ter que existir ONG e nada.

E3: E ali o poder está tomando conta daquelas pessoas ali, que não importa o que as pessoas estão passando, é dinheiro, dinheiro, tenho que crescer e é dinheiro.

E3: Eu penso que o nosso individualismo de certa forma traz benefícios para a gente mas indiretamente a gente acaba beneficiando mais alguém, independente de quem seja, tudo o que a gente faz que nem a tecnologia e os avanços que tem, a gente gosta do que a gente tem, a gente gosta do nosso lar, dos mp10, mp sei lá das quantas, gosta do playstation, mas para tudo o que a gente gosta a gente tem que pagar um preço e a gente está pagando o preço.

E3: Mas é aí que está, o mundo em geral, eu acho que por exemplo, ele disse que para você saber se está melhorando você tem que saber como era antes e se você conversar com os seus avós ou com os seus bisavós, até com a sua mãe, ela vai falar “eu preferia antes”, porque antes você podia sair de casa e brincar na rua com os amigos, agora a gente fica na internet, alienado daquilo, “oi todo bom? Tudo, e você? E as novidades?” Só isso.

E3: Agora os filhos chegam em casa e “oi mãe, tem comida?” e vai para o computador.

E3: Você acha que não tem nada que a sua mãe gosta mais de hoje em dia?

E3: Não, essas coisas assim de agora.

E3: Antigamente, meu pai nasceu na casa em que eu estou morando, viveu lá e eu estou vivendo lá, ele fala que antigamente não tinha asfalto, era casa aqui, outra ali e tudo muito longe e hoje em dia é tudo muito perto, tudo muito fácil.

E3: Eu acho que a globalização é uma coisa boa, mas as pessoas não sabem como administrar.

E3: Eu acho que a política foi até que melhorando, apesar de todo mundo reclamar e tudo mais, mas antes eu acho que era uma coisa muito pressionada, a mulher não votava. Agora a política quem faz é a gente, se está ruim é por causa da gente, então antes a política não era de todos.

E3: Tinha que fazer escondido.

E3: Só que com essas melhorias o pessoal só foi, com algumas melhorias tiveram benefícios e tal, mas tem melhorias agora que eles estão indo atrás, eles estão afundando o mundo, e não ajudando. Tem certas coisas que nem da mulher poder votar, é óbvio que até

certo ponto é bom a mulher ter sua liberdade, só que saiu fora do controle e eu vejo que se continuar dessa forma não vai para um progresso de melhorias e sim para um abismo: Cada época sempre tinha alguma coisa que era ruim e alguma coisa que era boa, hoje em dia tem coisa ruim que melhorou e coisa que era boa que piorou, então sempre teve um balanço das coisas, as coisas sempre mudaram, então sempre vai ter uma coisa ruim e uma coisa boa.

E3: O mundo nunca vai ser perfeito.

E3: O conceito de perfeito, acho que é uma coisa que não existe e nunca vai existir, não existe uma pessoa perfeita, não existe um mundo perfeito, não existe nada perfeito.

E3: Eu acho que a coisa que é mais importante do mundo, a gente tem que ver que o que é que importa é a vida, a vida de todo mundo, se melhorou, eu acho que de certa forma melhorou para alguns, mas piorou para muitos outros e se melhorou para poucos e piorou para muitos, então eu acho que não está tendo um progresso.

E3: Eu vejo muito mais as pessoas falarem assim “no meu tempo a gente só comia daquilo porque não tinha dinheiro para comprar, hoje em dia dá para eu dar isso para você” você encontra muito mais gente falando isso do que falando “quando eu era criança eu comia um banquete, hoje em dia...”

E3: No seu meio, porque com certeza o seu pai deve ter ganhado mais, mas tem muitas famílias que não tinham o que comer antes e não tem o que comer agora.

E3: Eu falei que é mais fácil você ver pessoas que melhoraram do que pessoas que pioraram, pouca gente fala de pessoas que pioraram.

E3: Mas de uma certa forma, o pessoal assim, os nossos pais e avós, eles meio que idealizaram a época deles, eles só contam as coisas boas, eles falam de uma coisa ou outra que é ruim mas eles dão mais ênfase naquilo que era bom, porque eles querem pensar naquilo de bom que aconteceu com eles, não nos defeitos.

E3: A gente às vezes estuda em geografia, a gente vê aquelas... os professores às vezes falam que com esse avanço, ou até em filosofia, que não vai mais haver classe média, só vai haver classe pobre e classe rica, e que a riqueza na maioria dos países está na posse de poucos e a pobreza nas de muitos, então eu acho que cada vez estão aumentando os pobres. É uma coisa que se você é pobre, você não vai poder obter todo o avanço que o mundo está tendo, a tecnologia, o conforto, a comida, você não vai ter nada disso, só vai piorar, e se está piorando para a maioria das pessoas, então não está havendo melhoria.

E3: Mas de uma certa forma, que nem a medicina, antigamente a pessoa morria por cause de sarampo, de catapora, hoje em dia as pessoas tomam vacina, tomam outras coisas. Mas mesmo que melhore para umas pessoas e piore para outras, mas melhorou para alguém, é melhor do que não melhorar para ninguém.

E3: Só que assim, o mundo em geral não está melhorando, eu vejo a frase assim como um total.

E3: Mas é difícil você analisar o total.

E3: As pessoas que vão piorando, vão piorando individualmente.

E3: Hoje tem doenças que antigamente não tinha, hoje tem [...] que antigamente não tinha, hoje tem problema...

E3: Hoje tem tratamento que antigamente não tinha.

E3: E de que adianta existir se a gente não tem...

E3: Vocês estão falando de um passado mais recente, que nem dos seus avós, dos seus pais, se vocês pegarem mais atrás e comparar o mundo com aquela época.

E3: É que nem o professor fala, antigamente só existia o clero a nobreza e todo o proletariado, hoje em dia pelo menos tem outra divisão, não é só a igreja que é a maior, os nobres que são os maiores, de certa forma a gente tem uma participação na sociedade também e a gente pode mudar, porque antigamente as pessoas eram uma coisa quando nasciam, eram pobres e morriam pobres, se não miseráveis, hoje em dia a pessoa nasce pobre mas se ela quiser ela tem uma chance de salvar.

E3: Mas é a questão da política que a gente falou, que está melhorando na política, a gente tem mais acesso, porque antes era muito isso é isso e pronto, e agora dá para ser mais

discutido.

E3: É difícil você entrar na política, mas é mais fácil você se informar sobre ela.

E3: Não, mas a gente tem acesso a tudo. Até em casa mudou muito, toda criança pode falar algo que acha, mulher pode sentar na mesa com todo mundo e expressar a sua opinião, criança. Todo mundo tem a liberdade de expressão, isso melhorou demais.

E3: Se o Netinho entrou, todo mundo entra.

E3: Esse é o problema, já está virando circo, vou me meter na política e ganhar dinheiro.

E3: Por que a maioria é pelo menos ruim, então você tem que escolher qual, aí na hora você faz une-dune-tê e vê qual vai.

E3: É tudo porcaria do mesmo jeito.

E3: Quem quer entrar na política é pro causa de dinheiro.

E3: Se entrou é porque estava quebrado e queria ganhar um dinheiro na política.

E3: Teve reportagem que disse que as pessoas que votam em candidatos bizarros como uma forma de ridicularizar a situação, porque é isso, então eu vou votar nele, o país vai ficar na mão dessa pessoa. Por exemplo, tem gente que vai votar com nariz de palhaço, mas é mais uma forma de expressar que aquilo está errado, porque as pessoas estão... candidatos tão bestas.

E3: Muitos votam assim também por ilusão, porque os caras falam “eu vou fazer isso”, e tem muita pessoa...

E3: Mas que nem, tem dois candidatos que nem a Marta e o Kassab, um não gosta da Marta, então ele vai votar no Kassab e quem não gosta do Kassab vai votar na Marta.

E3: Vota não porque gosta da pessoa, mas porque não gosta do outro.

E3: Tem que ver o passado da pessoa, a pessoa se vê muito pelo passado. O que ela já fez, do que ela já participou e as pessoas não têm esse...

E3: Acho que o grande problema também é que a gente sempre olha para trás para poder apontar os defeitos de hoje, a gente nunca pensa no futuro, o que a gente vai melhorar, todo mundo só fala “antes era melhor e agora está pior”, mas ninguém nunca vai pensar “hoje pode estar melhor do que vai estar amanhã”.

E3: Acho que primeiro cada um tem que mudar a sua consciência, porque mudando a consciência de cada um aquilo que ela pensa vai mudar a vida dela.

E3: E o pouco que a pessoa faz...

E3: Tem gente que pensa assim, “não vou fazer, só eu que vou estar fazendo”.

E3: E não é assim, o pouco que você já faz, você já está fazendo a diferença.

E3: São tantas pessoas, se uma não fizer aquilo, de pouquinho em pouquinho é uma melhoria grande.

E3: Raramente uma pessoa faz parte de uma ONG, isso é ridículo, acho que tem que... as pessoas têm que começar a se juntar mais e participarem das coisas da sociedade.

E3: Primeiro que para entrar em um partido você tem que pagar dinheiro.

E3: Dinheiro comanda.

E3: Eu acho que na política é difícil você ver pessoas assim, não que são honestas, roubam mas pelo menos fazem alguma coisa.

E3: Eu acho que se a política fosse boa não envolveria tanto dinheiro como envolve. Eu duvido que se falasse que prefeito, vereador, não ganharia dinheiro, ninguém se candidatava.

E3: Não ia ter pessoas ali.

E3: Mas calma aí, ele tem que viver. Se eles não ganhassem tanto dinheiro, se ele ganhasse um salário igual a um trabalhador qualquer, duvido que tivessem tantos políticos. A minha mãe faz trabalho comunitário na favela e eu vou às vezes com ela para ajudar e lá tem muito negócio de política porque lá na favela tem uma competição, então eu vejo que não é fácil ser vereador, não é fácil ser prefeito, não é fácil fazer uma campanha e para fazer

campanha, a gente vive em um mundo capitalista, como você não vai envolver dinheiro nas coisas? Tudo o que você vai fazer tem que envolver dinheiro.

E3: Mas não tanto dinheiro.

E3: Eu acho que a pessoa entra com uma boa intenção até, só que ela acaba... tem um monte que está lá que já está tão corrompido...

E3: O dinheiro corrompe.

E3: Eu acho que as pessoas entram na política precisando de uma ótima campanha, para ter uma ótima campanha precisa de muito dinheiro e as pessoas que já tem muito dinheiro já tem a mente corrompida.

E3: Não, todo grande empresário faz parte da política, todos eles roubam, sonégam imposto, embora a gente fale assim “uma que entende de [...]” mas você vai ver que a [...] sonega imposto, paga uma miséria para aquelas crianças que ficam lá. Só tem criança trabalhando. É muito difícil, o sistema, uma coisa vai puxando a outra e daí vai virando esse problema.

E3: É muito complexo.

E3: No caso de agora eu acho que a gente tem que se unir mesmo, todo mundo e cada um fazer a sua parte, porque agora com a situação que já está não adianta a gente reverter com coisas ruins ou então não fazer nada “já está assim mesmo, eu vou pensar só em mim”, a gente tem que fazer algo.

E3: Tipo ir de bairro em bairro, se você pegasse poucas pessoas mesmo e fosse de bairro em bairro você acha que não consegue mudar? Estava falando de lixo, que também é um dos grandes problemas aí, que o povo joga, se você pegar e falar “eu não vou jogar” aí você ensina “meu, não joga”, você vai ver que vai haver uma melhoria, se cada um fizer a sua parte, porque não adianta só o povo, porque não há melhoria assim.

E3: Acho que quando elas sofrem com alguma coisa elas falam “tenho que fazer alguma coisa para poder mudar”, as pessoas enquanto não sentem isso nelas, elas não vão se mexer.

E3: As pessoas só vão tomar atitude quando acontece alguma coisa com a família delas, pode ver, uma mãe ou um pai só vai entrar em uma ONG quando o filho dele pegar um AIDS, ou quando acontecer alguma coisa.

E3: Quando acontece alguma coisa aí vai todo mundo fazer passeata, fizeram passeata pela paz, é incrível.

E3: O povo só faz alguma coisa quando se tocou em mim, se não tocou...

E3: Eu acho que se uma pessoa faz, você tem que convencer as outras pessoas que não fazem a fazer, por isso que eu falo que tem que ter a união de todo mundo.

E3: Mas de pouquinho em pouquinho, se todo mundo fizesse, porque que não pode de pouquinho em pouquinho?

E3: Não vai mudar de uma hora para outra.

Expressão debatida: só se dá bem quem é corrupto ou passa o outro para trás

E3: Eu acho que se todo mundo pensar assim a gente não vai mudar nada, porque realmente parece, aparenta que as pessoas que são corruptas se dão bem, mas como fica a consciência de uma pessoa, que ela precisa derrubar o outro, ela precisa acabar com uma pessoa que convive com ela para se dar melhor, acho que isso não é ser o melhor, é ela não ter consciência.

E3: Também discordo plenamente porque eu acho que não precisa passar por cima de outra pessoa para você se dar bem, você tem outras maneiras, não precisa você fazer mal para o outro para você conseguir aquilo que você quer, eu discordo plenamente.

E3: Então, que nem a G. falou, é mais ou menos o que eu penso, cada um tem a capacidade e não precisa tentar passar o pé no outro para tentar ser melhor do que a outra pessoa.

E3: Eu não discordo plenamente porque infelizmente isso hoje não é realidade, você vê que hoje infelizmente na nossa política, nós que elegemos essas pessoas, isso acontece, muitas

pessoas são corruptas, então se todo mundo discordasse plenamente, não votaria em certos candidatos, em certas coisas, então infelizmente hoje existe muito isso, você ser corrupto para você conseguir algo, mas isso não é necessário, mas infelizmente tem, então eu ponho que eu não discordo plenamente porque infelizmente existe isso hoje.

E3: Então, eu discordo, mas que nem, hoje em dia, que nem ela falou, a gente vê muita gente que se dá bem sendo corrupto, passando todo mundo para trás, então a gente fica em dúvida, será que vale a pena ser bom mesmo, fazer tudo certo e quem faz tudo errado sempre se dá bem? Mas eu discordo porque eu acredito que tudo o que você faz volta para você, então um dia você pode se dar mal, então não vai se dar bem sempre, se você fizer o certo, isso vai voltar para você um dia.

E3: Cada pessoa tem o certo e o errado para ela, roubar que nem os políticos, ser corrupto, acho que cada um sabe, né?

E3: Porque política, a gente aprendeu em filosofia, política é fazer, estar em pró do bem da sociedade, se a pessoa é corrupta, ela não está tentando fazer o bem, então começa a ter um paradoxo nisso, a pessoa procura a política para fazer o bem, mas se ela não está fazendo isso, ela não sabe conviver com isso.

E3: Infelizmente o mundo hoje está muito capitalista, eles não estão vendo a dignidade das pessoas, eles estão olhando somente o poder aquisitivo, as coisas materiais, sendo que isso é uma coisa que passa, infelizmente não está olhando a dignidade de cada pessoa que tem por direito de lei, direito de ajudar a natureza.

E3: Eu acho que cada um tem a sua capacidade, cada um pode chegar onde quiser, só depende dessa pessoa, embora no seu caminho haja alguns obstáculos, muitos deles não dão para você voltar, eu acho que entra aí a questão de a gente ser diferente, porque tem tanto político corrupto que você se dá bem, porque a gente não pode chegar lá e fazer a diferença? Embora muitos queiram isso e quando chegam lá, sobe à cabeça, se sente o rei do mundo e começa a fazer o que não deve e...

E3: Eu acho isso que muitos de nós, que são assim como nós, chegaram lá mas correm riscos para fazer o que tem que ser feito porque você vê que quem comanda não é quem está aparecendo, é óbvio que quem comanda tudo aquilo, toda essa corrupção está por trás disso tudo, está levando vantagem e muita gente não sabe, é o que eu costumo dizer que aconteceu provavelmente, não sei de detalhes, o que aconteceu com o Celso Daniel, segundo o que disseram era uma pessoa que estava buscando melhorias para a cidade, melhorias para o povo, e ele acabou sendo traído, sendo morto provavelmente pelas pessoas que estavam ali do lado dele, então eu acho que a gente tem que fazer a diferença, entrar aí e fazer a diferença, mas também não fazer como eles de chegar aí e... não ser corrupto, mas saber fazer essa diferença, pegar aos poucos, mexer aos poucos, mudar aos poucos para que muita gente não perceba, só percebe quando a diferença já for muito grande, eu acho que não é preciso você ser corrupto, é preciso você saber lidar com aquilo, é claro que você precisa de uma pessoa para você conseguir subir, é que nem eu estou lembrando, eu preciso de outra pessoa para fazer o trabalho para eu poder subir, só que é claro que eu preciso dar oportunidade para essa pessoa subir no tempo dela, e eu subir no meu tempo, eu não preciso pisar em cima dela para isso, eu preciso respeitar para eu ser respeitada e cada um subir no seu tempo e chegar lá do jeito que acha melhor, eu acho que aí é também o livre arbítrio, cada um faz o que acha melhor para si próprio e o que deve fazer, se a pessoa acha isso, bem, vai lá, tenta, muitos conseguem, agora eu, T., eu acho que não preciso disso, eu acho que eu seria diferente, eu poderia ser diferente, desde que eu soubesse lidar com tudo isso, porque também não adianta você querer entrar e acabar se ferrando como muitos fazem por não saber lidar com isso tudo.

E3: Ela perguntou por que nós não chegamos mais para fazer a diferença. Tem um professor nosso que até falou que as pessoas chegam para ele e falam “nossa, por que você não se candidata, você daria um bom político”, aí ele falou na aula que por mais que ele saiba como fazer a diferença, que ele queira fazer a diferença, chegando lá ele vai acabar sendo enquadrado naquilo que ele não quer, porque como a T. falou, o peso das pessoas corruptas é muito grande sobre uma formiguinha, a proporção é totalmente contrária, e eu discordo porque como a T. falou, é uma questão de consciência, não é só você ser corrupto na política, dentro de uma empresa, é você ser corrupto na sua própria vida, porque de que adianta você pisar em cima das pessoas, ser uma pessoa má, sendo que quando você deitar

a sua cabeça no travesseiro, você não vai conseguir dormir, pelo menos comigo é assim, quando eu faço uma coisa que é errada, eu não durmo, eu não durmo direito até eu pedir desculpa, eu me redimir do meu erro, porque é uma questão de consciência e cada um sabe o que é certo e o que é errado para a sua vida.

E3: Eu acho que vai de cada pessoa também, a maioria das pessoas sente culpa quando fazem alguma coisa de errado, mas eu acho que tem gente que não está nem aí.

E3: Tem uns que sentem prazer em fazer isso, mas eu acredito que a maioria não seja assim, espero.

E3: Mas a maioria não consegue fazer a diferença.

E3: Mas que nem na política, você vê casos de como ele está no partido, ele é obrigado a ser fiel a esse partido, então chegando lá, ele não vai fazer isso, ele fala “meu partido não permite”, então ele não tem poder porque se ele assinou um contrato, ele tem que seguir aquilo, entendeu? Então, para você fazer a diferença você tem que começar lá de baixo aos poucos.

E3: Aos poucos, você pode fazer a diferença de muitos modos, não precisa você estar lá em cima para você fazer a diferença, uma coisa que você faz por uma criança que está sofrendo, alguém que está assim, já é fazer a diferença, você mudou a vida de alguém de alguma forma, acho que dá para você fazer pequenas coisas que vão se transformar em alguma coisa grande, é isso, que nem o professor mesmo falou, ele falou que faz a diferença conosco aqui da sala, ele conversa com a gente, ele fala com a gente sobre isso, é o que eu falei, você chega lá, como a J. falou, você é enquadrado, você tem que se enquadrar naquilo. Então, é questão de saber lidar com aquilo, muita gente tem aquela coisa ruim que sabe lidar, que sabe pisar nos outros, mas com certeza isso vai voltar para ela, se não aqui, do outro lado da vida quem sabe.

E3: Eu acho que não necessariamente que entra bom e se sai ruim. Eu acho que muitos não saem de lá ruins, mas muitos enquanto estão lá dentro precisam se enquadrar no que é exigido pelo pessoal de lá, mas eu acho que tem muita coisa errada, precisa de uma reforma urgente, primeiro, salário, é muito alto, por isso todo mundo quer ser político por causa do salário, tipo vereador, todo mundo se candidatando, o cara da padaria se candidatando, por causa do salário, se a gente chegar lá e ganhar para fazer tudo bem, que nem o prefeito, se candidatar, ele vai chegar lá, e vai ganhar, mesmo ele fazendo ou não alguma coisa pela cidade, então eu acho que esse negócio de salário muito alto, eu acho que faz com que a pessoa está lá no poder mas não quer trabalhar.

E3: Fica no “não vou fazer nada mas recebo”, então não vai porque ele quer fazer a diferença, porque ele quer mudar alguma coisa, ele vai pensando somente no dinheiro.

E3: Agora imagina se fosse menor o salário, acho que ia diminuir pela metade as pessoas que querem se candidatar.

E3: Eu acho assim, eu discordo um pouco, eu não sei se deveria mudar os salários deles, com certeza, mas eu acho que deveria começar por eles e por nós, você não tem hoje a opção de não votar, ou você vota ou você paga depois, então muitos para não pagarem depois, por não terem nem para o próprio sustento, votam, só que você tem assim, você vota em branco, vale para quem está ganhando, se você vota para um, os dois não valem o feijão que comem, ou se valem, estão igualados ali, entendeu? Se você vota em um “ah, porque você está renegando, você está não sei o que lá”, eu acho que deveria começar pela gente, por eles deixarem a gente decidir, eu quero votar, eu vou lá e voto, eu não quero, eu não voto, mesmo quanto ao uso de muitas coisas, como drogas por exemplo, se quer usar vai lá e usa, a vida é sua e quem vai estragar é você, beleza, porque a gente começa a ter a nossa consciência, entendeu? Porque você tem que votar, você pega o papelzinho, você vota e acabou, qualquer um para você está bom, porque não vai mudar nada.

E3: Eu acho que a gente acostumou a concentrar o poder lá na política, no prefeito, no governador, a gente acostumou tanto a achar que eles têm que mudar que a gente não começa a mudar aqui no nosso âmbito, e eles já acostumaram com isso, sabem que a população vai ficar nas mãos deles e eles acham que vão conseguir comandar, acho que a nossa consciência está tão fraca que ela é influenciada por qualquer coisa e isso acaba prejudicando, então se eles acham que se eles continuarem corruptos, ninguém vai falar

nada, não vai mudar nada.

E3: É como a gente teve uma aula que o professor falou assim que não só o prefeito, todo mundo que tem o poder, ele usa os nossos próprios medos contra nós, então a população tem medo do que está acontecendo...

E3: O sistema de saúde está pior.

E3: É, por exemplo, o sistema de saúde, está realmente, para quem utiliza o SUS, está horrível, mas, por exemplo, na minha cidade houve uma melhora com esse último prefeito e as pessoas elegeram ele de novo porque têm medo daquilo piorar, eles não arriscaram no que estava antes, porque o que estava antes estava muito pior, então as pessoas não querem mudar, elas querem manter aquilo que está bom, elas têm medo de fazer a diferença, esse é o problema.

E3: Eu acho que é cultural que a gente acha que política é só lábia, que desde o começo do Brasil, sempre foram as pessoas da elite que tem o poder, na ditadura, é só gente da elite que tem o poder, e esses sempre são corruptos, então a gente acaba ficando desiludido com a política e não quer se envolver, para que, coisa chata, por isso que a gente não se envolve, a gente fica desiludido mesmo.

E3: E um negócio também que nós estamos aqui falando de fazer a diferença e tal, só que daqui a pouco a gente começa a trabalhar, vai ficar nesse sistema, vai esquecer isso tudo, porque para a gente o que vai ser necessário é o trabalho, é ganhar para poder sustentar a nossa faculdade, os nossos filhos, sei lá.

E3: A gente acaba se enquadrando no sistema.

E3: É, então eu acho que tem que começar com todo mundo, entendeu?

M: Vocês descobriram quem é aquilo, né? É o sistema, seja... eu estou aqui pensando, seja para a política, ou seja para o trabalho, enfim, então parece que o sistema parece que é forte e a gente chega de um jeito e se enquadra... (falam juntos)

E3: Eu acho que política está em todo o lugar, até na sua casa tem política, então é questão de você, se você quer na sua casa isso assim, então vamos correr pelo nosso país, vamos correr atrás pelo nosso país, a gente não emburra com a nossa mãe, vamos emburrar para pegar lá em cima também, apesar de que emburrar não adianta, né?

E3: Tem que ir aos poucos, né? Se cada um de nós, a gente conseguir fazer com os nossos amigos, com a nossa família, com os nossos vizinhos, se cada um que está aqui fizer isso, eu acho que se a gente morasse no mesmo bairro o nosso bairro seria um pouco melhor, porque cada um se conscientizou e tentou fazer o melhor dentro de seu meio, se todo mundo tentar fazer pelo menos no meio em que vive, teria mudanças, mas as pessoas falam “o que adianta eu fazer se ninguém vai fazer?” Se a gente pensar assim.

E3: Que mesmo a gente pensando tudo isso, não tem como fugir, que não tem como você ficar sem trabalhar, é muita pressão, vai começar a trabalhar, vai fazer faculdade, então mesmo você querendo tudo isso, você depende do capital, você depende, não tem como você falar, “então, eu vou largar tudo e vou começar a [...]”, não tem como você fazer isso enquanto você estiver alienado, se você não tiver o apoio de alguém, não tem como você fazer sozinho, infelizmente. Então, se você for ver a realidade, você depende muito dos outros, porque sozinho.

E3: E é aquilo também, você não precisa pisar no outro porque o outro pode vir a te ajudar.

E3: Ou ele vem e pisa em você.

E3: É, a gente tem que estar atento, nunca confiar demais e nem desconfiar de menos.

E3: Ter jogo de cintura.

E3: Saber lidar com o negócio.

E3: Por mais que a gente saiba que de certa forma a gente tem que se adequar a esse sistema, acho que o mais importante é a gente não se escravizar junto com ele, porque a gente tem que trabalhar, a gente tem que procurar uma faculdade, mas a gente também não vai viver para isso, a gente é amigo quando está na escola, quando tem bastante tempo porque não reservar um pouco futuramente para isso também? Acho que a gente não deve se escravizar no sistema em que a gente vive.

Expressão debatida: o dinheiro não traz felicidade

E3: Eu estou em dúvida porque, não tem muita coisa que explicar, depende de cada um, ele não traz totalmente felicidade mas ele ajuda muito.

E3: Não está só naquilo, que aquilo é um bem material, se for olhar um papel não vale nada, mas hoje a sociedade está em meio disso, ou você tem ou você não tem, então não tem o que escolher.

E3: Então, dinheiro traz felicidade, porque se você tem a sua família não tem dinheiro, como você vai viver? Ele pode ser um bem material e tudo, mas você precisa dele, você não vive sem ele, mas não traz totalmente a felicidade porque tem gente que só tem isso e não é feliz.

E3: Eu estou em dúvida porque no sentido de sentimento, de felicidade, às vezes a pessoa tem tanto dinheiro mas não tem pai, não tem uma mãe, é infeliz no casamento, não tem amigos, então nesse sentido, dinheiro não resolve, vamos supor que ela esteja com um problema sério e pela medicina não tem jeito, mesmo ela tendo o dinheiro que for, não vai trazer a felicidade dela o dinheiro, mas em partes, se você é pobre e não tem condições financeiras, se você está com o braço quebrado e não tem dinheiro, você acaba sendo infeliz com o braço quebrado. Se você tivesse dinheiro você pelo menos teria a condição de ir lá e colocar um gesso, uma faixa, alguma coisa, por isso que eu estou em dúvida, depende muito da ocasião, mas imagina, você passar o final de semana em casa assistindo tv a gato e fazendo, comendo filé minhau, se tiver essa rotina e não tiver dinheiro para ir ao shopping, entendeu? Você vai ficar naquilo e vai ser uma coisa muito chata para você, que nem a excursão da escola, se tiver dinheiro ele te ajuda bastante em horas boas com os amigos.

E3: Eu discordo porque eu acho que traz felicidade até, mas se você souber administrar. Que tem gente que é muito pobre a consegue ficar rico que ganhou na loteria, por exemplo, acaba o dinheiro muito rápido porque não consegue, não sabe administrar, então dinheiro não traz felicidade, mas que nem ela falou para se divertir, hoje na sociedade precisa de dinheiro, não tem jeito, mas também tem o outro lado, você não precisa de muito dinheiro para ser feliz também, você tem que saber dar valor às coisas pequenas também, tem que ter equilíbrio aí, ter as suas coisas, a sua casa, comida, mas também dar valor a outras coisas também, não só dinheiro.

E3: A família, amigos, saber se divertir com os amigos, sentar e conversar.

E3: Que dinheiro não compra tudo.

E3: Quem tem dinheiro acha que pode comprar os outros e pisar neles só para...

E3: Eu acho que muita gente que tem dinheiro acaba esquecendo detalhes, como a pessoa tem dinheiro e ela não conversa mais com o filho, é a empregada que leva o filho dela, ela não chama o filho para dar um passeio, não, vai de carro, “ah mãe, mas eu...”, “não, no shopping”, “filho, eu quero que você só fique no vídeo game”, sem aquelas coisas do passado que era sair na rua, brincar, jogar futebol, eu conheço muita gente assim infelizmente. Há uns 8 anos atrás era diferente, era todo mundo na rua, andando de bicicleta, hoje, você vai chamar, “ah não, estou no computador, estou no MSN”, então acabou aquilo entre a gente, a gente era muito amigo, hoje infelizmente não tem.

E3: Porque quando a pessoa tem dinheiro ela acaba comprando tudo, todas essas tecnologias e acaba esquecendo as outras, eu acho que contribui para isso.

E3: Eu acho ridículo você falar que o dinheiro não traz felicidade. Primeiro, o dinheiro foi um modo de libertar, só que nós não soubemos utilizar esse dinheiro, a gente está sendo escravo dele, a diferença é se ele traz felicidade, e o ser humano é tão egoísta que ele pensa só na sua felicidade, se eu tenho muito, por que eu não posso ajudar o outro e ser feliz vendo o outro feliz? Eu acho também, para que você precisa de tanto dinheiro se tem gente morrendo de fome, eu acho que por a gente não saber usar esse dinheiro, a gente acaba se tornando escravo, a gente acaba pisando no outro e não é necessário, eu acho que dinheiro

traz felicidade sim, porque se ele pode de certa forma comprar a nossa liberdade, por exemplo eu tenho dinheiro para eu não precisar trabalhar mais, eu posso sair a hora que eu quiser, beleza, legal, ótimo, o dinheiro me dá felicidade que eu precisava, só que se eu não tenho por exemplo um pai ou uma mãe e eu tenho dinheiro, eu não posso ver o outro feliz e ficar feliz com a felicidade dele?

E3: E eu tenho, o ser humano é egoísta, é esse o egoísmo dele, e eu?

E3: Então, você ajuda os outros mas você mesmo não está bem, eu acho que primeiramente você tem que estar bem com você, se eu não tenho pai e estou triste, eu posso ajudar os outros, claro, mas infelizmente não vai suprir a minha necessidade de ter pai, então eu acho que se você não ajuda os outros, tá, mas o dinheiro não vai trazer isso, o meu pai, entendeu, se o dinheiro traz tanta felicidade, então que ele pegue e substitua a morte então.

E3: Então, eu acho assim, não vai suprir a falta que faz o seu pai, só que pode muito bem ajudar a salvar o pai de outra pessoa.

E3: Como você disse, para não ficar com o braço quebrado e infeliz.

E3: Entendeu? Eu acho que você pode muito bem parar de pensar “pô, e eu?” mas e o outro.

E3: É essa a questão, a gente acaba pensando sempre no eu.

E3: Alguém aqui já passou fome pelo amor de Deus? Gente, a gente não sabe o que é passar fome, o outro está morrendo de fome e a gente está pensando no tênis que a gente quer comprar, pelo amor de Deus, é acordar, saber usar esse dinheiro, é a forma que a gente tem para a gente poder viver em sociedade, se desenvolver, mas e aí entra, a gente não precisa ser corrupto, não precisa pisar no outro e não precisa também pensar só no eu, o eu sozinho, o que adianta o eu estar feliz e o outro estar lá morrendo na minha frente, vai me adiantar alguma coisa? Não vai, o que eu tenho de muito posso muito bem não distribuir tudo, até porque eu sou egoísta a ponto de falar, “eu quero um pouquinho mais para mim”, mas a gente precisa parar e pensar, vamos ajudar, ver o outro feliz pode não suprir a falta que meu pai me faz, mas pode “poxa, ele está feliz, que legal”, parar de pensar um pouco no meu pai, o meu pai está bem, ou se não está bem, sei lá onde ele está, mas e aqui, quem está ao meu redor? Eu acho que ele traz, desde que se saiba usar.

E3: Eu acho que isso de ver alguém feliz faz parte das pequenas coisas, para dar valor, que nem, o dinheiro não compra se precisar de alguém assim, até compra no caso, mas eu acho que é isso, ver alguém feliz e você estar feliz também, vai te fazer bem, independente do dinheiro ou não. Igual a doação de órgãos, eu acho lindo isso, igual da E., mesmo a mãe dela estando triste, ela decidiu ajudar as outras.

E3: A questão do dinheiro eu acho que acaba caindo de novo naquele sistema, porque o sistema nos enquadra a querer e ter que ter dinheiro, sem dinheiro não tem como viver, dinheiro traz felicidade? Traz, mas como todo mundo já falou é uma questão de saber usar.

E3: Para mim o dinheiro é um mal necessário, como a sociedade também, mas ele é muito mal distribuído porque tem lugares em que as pessoas têm muito e outros em que não tem nada, a gente tem dinheiro para viver mas a gente não tem condições de ir no shopping todo dia, os que tem muito dinheiro, a felicidade que eles têm é muito instantânea, eles podem querer um celular, o melhor celular que sair mas depois que compra essa felicidade passa.

E3: Eles podem até ter muito dinheiro mas depois não sabem nem no que gastar.

E3: É que nem eu vi esses dias, uma sapatilha, 400 reais, aí a menina olhou e falou “não, está barato”, eu falei “barato?”, sinceramente, eu dou 10 na sapatilha, mas eu não dou 400, eu uso aquela morrendo mas eu não dou 400, primeiro, tem muita gente que sobrevive com 300 reais, isso é desumano, uma pessoa na sociedade, com as coisas do jeito que estão, sobreviver com 300 reais.

E3: É, que nem eu vi na reportagem outro dia, e a menina falar ainda que está barato, está barato então compra um monte para você. É questão de você saber usar, é questão de você saber dividir, é questão de você lidar com ele de uma forma que não te escravize e que te traga uma certa liberdade, uma certa independência.

E3: Mas infelizmente a realidade não é assim, porque desde que o mundo foi dividido após a guerra-fria que já tinha os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, isso já quer mostrar

que tem os maiores e os... a minoria, então eu acho que desde que o mundo é dividido, eles já acham que quem tem dinheiro tem que ser diferente, infelizmente é assim, igual, os Estados Unidos são uma potência capitalista, por que os outros países não se opõem ele? Porque sabe que ele tem mais poder, vai o Iraque, coitado, foi tentar, os Estados Unidos destruíram o Iraque, porque ele não tem poder, ninguém foi lá e falou “vamos nos juntar contra os Estados Unidos”, que o poder que ele tem de armas, de dinheiro, tem muita coisa que infelizmente ele domina.

E3: Mas por quê? Porque a gente, que nem ela falou, é a guerra-fria, é uma ideologia isso, ele dá o poder por que? Porque a gente dá o poder a essa pessoa, porque a gente acha que ela pode comprar tudo e que ela pode manipular a nossa vida também, o dinheiro nem sempre existiu, antes existiam as trocas, eu tinha milho, você me dava arroz, está bem, não era tão fácil assim, a má distribuição prejudica muito porque, por exemplo, eu posso ir no mercado e comprar as coisas básicas, não preciso ir no mercado e comprar um monte de besteira, a gente gosta de besteira, mas a gente não precisa que metade da compra seja disso, tem que saber controlar que nem a minha avó falava, já que o dinheiro existe, já que ele é tão necessário, a gente tem que usar, mas também não precisa viver para o dinheiro.

E3: De certa forma ele dá o poder, mas não é exatamente o poder, nós entregamos o poder a essa pessoa que tem o dinheiro porque essa pessoa, a gente olha para ela com medo, “poxa, o que ela pode fazer comigo amanhã”? Então, a gente por ter medo dá o poder a essa pessoa e não devia ser assim, embora sendo realista é. E a coisa é muito mais violenta do que a gente pensa.

E3: Igual você vê a realidade de corrupção. Você está em algum lugar e você pega “posso entrar?” Daí chama a pessoa, “te dou 100 reais se você deixar”, ele vai lá e deixa, daí acabou a nossa liberdade, porque tem tanto esses famosos aí, essas pessoas, porque o povo mesmo se rebaixa, vê um famoso, meu Deus, só falta derrubar a filha, pisa no marido, então a gente mesmo põe isso, a gente deu esse poder para o dinheiro e nem é tanto assim, mas a gente mesmo acabou dando esse poder a ele.

E3: Você falou da questão do famoso, eu tenho um primo que é apaixonado por uma cantora, não lembro quem é, acho que é a Avril Lavigne e a família dele não é rica, é como a minha família, a gente tem dinheiro para nos mantermos bem, o nosso conformo, mas é aquilo, e ele fez o pai dele, ele chantageou o pai dele, fez o pai dele comprar a passagem para ele poder ir lá nos Estados Unidos ver essa cantora, hoje o pai dele está endividado por causa da chantagem que o filho fez, quer dizer, ele jogou dinheiro fora para ir lá ver uma mulher que nem sabe que ele existe, é a gente que acaba dando poder a essas pessoas. Ele fez isso, a gente não sabe qual foi a chantagem que ele usou, mas deu certo, o pai dele entrou em uma dívida muito grande.

E3: A felicidade que o dinheiro traz é muito passageira.

6.4 ESCOLA PÚBLICA LOCALIZADA NA REGIÃO QUASE CENTRAL –E4

6.4.1 Educação, Escola e Trabalho

As representações cotidianas dos jovens dessa escola da região QC, sugerem maior distanciamento e desinteresse pela busca de conhecimento e pelos estudos como forma de obter crítica e desenvolvimento pessoal. O estudo se apresenta como uma condição para se adquirir *status* ou para se protegerem de serem acusados negativamente. Também possibilita maior acesso ao trabalho, pois responde às exigências, cada vez maiores, de

qualificação. No entanto a educação formal e o conhecimento adquirido não são suficientes, também é necessário ter experiência. Durante as discussões os jovens denotaram estarem muito dispersos e pouco dispostos para o debate e reflexão, se utilizando na maioria das vezes de monólogos e subterfúgios denotando dificuldades em expressarem suas ideias. Citam como exemplo o Lula (no momento da realização dos grupos era o Presidente da República) que foi bem sucedido na vida sem muita escolarização. Acreditam que ele utiliza uma estratégia inteligente (se apresentando como alguém que não foi instruído e que não sabe falar) para conquistar a população menos instruída. Para esses jovens as pessoas que se dedicam mais ao estudo não são bem quistas no meio escolar porque não ajudam os colegas na hora das provas (passando cola). Assim são objeto de raiva e inveja pelos demais, sendo isolados do restante do grupo. Os jovens deste grupo se consideram como pouco inteligentes e em contradição referem que não precisam se esforçar para “tirar boas notas”. Aqueles que referem se dedicar mais aos estudos buscam justificar que não são ‘cdf’ possivelmente por temer ser recriminado pelo grupo.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram as expressões “O estudo é um escudo”, “Educação garante o futuro” e “Ninguém gosta de quem é ‘cdf’”.

Expressão debatida: educação garante o futuro

E4: Ah... porque hoje qualquer coisa que você, qualquer trabalho que você procurar eles vão te pedir pelo menos o ensino médio completo. Então eu concordo que garanta o futuro sim porque eu acho que mesmo o país, se não tiver uma educação boa.

E4: Eu acho que isso é fundamental.

E4: Sim, eu concordo porém, não é tudo. Do que adianta você ter o máximo de conhecimento se você na prática não ser tudo aquilo que o emprego requer.

E4: O jeito deles ensinarem.

E4: Às vezes não é muito certo.

E4: Eu discordo porque eu acho que o futuro não é só o trabalho e vai muito mais além e não é só ficar aqui que vai adiantar.

E4: Eu acho que o futuro não é só isso, tem mais coisa além do emprego a vida é muito mais ampla do que só isso.

E4: Isso mesmo [...] tem um papel importante mas não é fundamental. A M. também falou isso.

E4: Ah, eu acho que é o que ela falou.

E4: Ah... seria a família...

Expressão debatida: o estudo é um escudo

E4: Nem sei o que é escudo.

E4: É porque se é um escudo, você consegue ser alguém na vida. Vai, você estuda, estuda, estuda e você vai conseguir alguma coisa na vida.

E4: Não... Não, não. O Lula é analfabeto e olha onde ele está.

E4: Que coisa.

E4: Ele não é analfabeto.

E4: Ele só é burro.

E4: Eu acho que ele só se faz de burro pra parecer mais esperto do que ele é.

E4: É mas isso não reflete no país.

E4: Querendo ou não agente tá sendo governado por ele.

E4: vê no Jornal Nacional, ele fala muito bem. Agora, por esses dias ele foi em Diadema aí inaugurar um hospital novo. Aí ele foi lá e errou algumas palavras, é de propósito, porque o povo vai se sentir bem mais próximo, porque ele é esperto.

E4: Porque o brasileiro é burro.

E4: E ele é esperto.

E4: se eu estou no fundamental e ele esta no ensino médio ele vai ter que [...] comigo [...] é normal isso, mas se você não se colocar à altura dele mesmo estudando assim, eu acho que você [...] nem para humilhar os outros nem para ser humilhado, isso é a pior coisa [...]

E4: Resumindo, a N. não vai responder ela vai perguntar pra mim.

E4: É o que ele falou na maioria das vezes é um escudo, porque vai, seu amigo tira A aí você tira um B aí ele vai ficar te zoando e se você tirar um A não tem como ele te zoar. Então é uma forma de te proteger.

E4: Não. Porque se você tá numa balada uma pessoa não precisa ser inteligente pra ser melhor que a outra. É verdade.

E4: Depende do momento. Por isso eu coloquei que tô em dúvida.

E4: Ah... o dia que eu tiver um comportamento muito ruim na escola e alguém falar alguma coisa e eu falar 'pelo menos eu tiro nota boa'. Agora eu não posso mais usar, mas eu usava isso.

E4: Não consigo falar. Gente, já foi falado tanta coisa que não tem o que falar.

E4: O ruim do 'estou em dúvida' é que você tem que falar o que você concorda ou o que você discorda.

E4: Meu, por que eu tenho que ser a primeira? Eu tô falando agora.

E4: Porque meu, o estudo não tem nada haver, eu vou sair e não vou precisar de estudo.

E4: Sair com as amigas. Sair no shopping eu preciso de estudo?

E4: Meu, isso... não, estudo é só na escola, no trabalho talvez.

E4: É que eu falo pouco, quanto a proteção não dá pra saber realmente se ele vai te proteger ou não.

E4: Então, não definiu que tipo, pra o que vai ser o escudo...

E4: Assalto.

E4: É verdade.

E4: consegue um trabalho melhor, tem mais coisas pra roubar.

E4: Ah, um desastre natural.

E4: É, a professora pode até falar ‘você num tava prestando atenção’, e você pode falar ‘eu tava sim, ó eu tirei dez, como num tava prestando atenção’.

E4: eu vejo que ela é melhor do que eu, tem coisas melhores do que eu, que ela conquistou, os estudos.

E4: Vai ser rápido, é três e quarenta e oito.

E4: Tô com sono, tenho que dormir ainda.

E4: O estudo te protege sim, mas também é importante a sorte.

Expressão debatida: ninguém gosta de quem é “cdf

E4: Eu tenho raiva, deixa eu falar porque que eu tenho raiva. Por que ele é esperto e eu sou burra.

E4: Como que é mesmo a pergunta?

E4: Você gosta de quem é CDF?

E4: Depende.

E4: Não, pera aí, eu num gosto porque... porque... ele...

E4: Então você concorda plenamente.

E4: Não, eu não.

E4: Porque eu não gosto. Porque ele não me passa cola.

E4: Eu sou burra. E ele é esperto.

E4: Não, eu não consigo fazer a prova e ele consegue. Isso dá muita raiva.

E4: Não, você pode ser vagabunda e ele inteligente.

E4: Eu acho assim, que o CDF é uma pessoa que estuda muito. Mas tem gente que estuda muito que tira nota ruim e tem gente que não estuda nada e tira nota boa.

E4: Pessoa que vai bem na escola.

E4: A maioria dos CDFs são aqueles que não têm amigos e que fica no cantinho da sala e é obrigado a prestar atenção na lição. Por isso que ele fica inteligente...

E4: por causa dos pais, os pais que colocam isso na cabeça.

E4: é inteligente...

E4: Vamos supor. Tem uma amiga nossa que ela é inteligente.

E4: Eu não gosto dele.

E4: Porque na sala é bem assim, uma união. É papel voando pra lá, voando pra cá, é cola pra lá, e aconteceu uma coisa esses dias, eu virei pra menina e falei assim é... ‘ô, ô, fala a resposta de tal’ ela virou e falou assim ‘ô Al. deixa eu fazer você tá me atrapalhando’ e a professora chegou e riscou minha prova, tipo eu nem precisava mais fazer. E eu tenho raiva de gente que é inteligente por causa disso, você não quer passar, você vira e fala ‘num vo passar’, entendeu. E a maioria fica enrolando, enrolando, fala, fala e não fala nada, porque eu acho que eles acha assim ‘pô quem estudou, eles num tão estudando, não fez nada o dia inteiro e agora eu vou passar cola e eles vão se dar bem do mesmo jeito que eu’. Eles devem pensar assim, por isso que eu não gosto. Não são todos, mas alguns não mostram.

E4: Acontece que se eu estudei eu tenho o direito de não passar cola.

E4: É isso que eu penso, só que tudo bem no começo, o que a menina fez de chamar a atenção, mas acho que assim, que as pessoas não gostam de CDF, nem os... por isso eles são os mais inteligentes, ficam no cantinho, ninguém quer falar com eles, eles são uns capachos, mas eles só servem na hora de passar cola...

E4: ...e eles cortam mesmo, só serve pra isso, mas eu acho que eu estudei não tenho a obrigação de passar pra ninguém.

E4: Se você pensar bem é uma coisa meio revoltante, a pessoa tá lá o dia inteiro zoando, o dia inteiro, aí a pessoa fica o dia inteiro se matando de estudar, chega na hora da prova ele vai passar toda a resposta que ele estudou o dia inteiro pra você e você vai se dar bem do

mesmo jeito que ele sendo que ele ficou ali estudando e você zoando?

E4: Isso é errado.

E4: Eu acho errado. E eu peço, eu não sou CDF e eu peço cola, eu fico com raiva quando não me passam mas se você for pensar bem assim, é errado. Se eu fosse um CDF não passaria.

E4: Tem aquele povo que nunca, nunca conversa com você, chega na hora da prova vira seu melhor amigo...

E4: Nunca aconteceu isso comigo, que eu viro o melhor amigo, que eu sou do tipo que...

E4: Terrível, o pessoal nunca olha pra você, num tá nem aí pra você, mas só porque você sabe na hora chega e conversa, mas na hora assim, não sei se eu dou...

E4: Eu nunca estudei, num pego num livro nem por decreto, mas nunca tirei vermelha.

E4: Eu também, nunca peguei num livro e tiro nota boa.

E4: É se você prestar atenção na aula é a melhor coisa.

E4: Por isso, porque eu acho que, por exemplo, tem aluno que geralmente é CDF que as pessoas gostam e tem gente que é CDF que as pessoas odeiam.

E4: Eu não sou CDF porque não fico assim estudando, tem muita gente, eu já li muitos livros, eu sei que eu tenho conhecimento, mas de boa, eu não fico lá na frente, eu não sei essas pessoas porque parece que eles querem ficar onde estão. Por isso, tem uma diferença entre o inteligente e o CDF.

E4: É essa a diferença.

E4: Por isso que eu não sou CDF.

E4: Então eu sou burra.

E4: E tem CDF também que estuda bastante mas que não vai bem na escola.

E4: Eu acho que, não, é que o G. falou que gosta tem gente que gosta, tem gente que não gosta. Que, por exemplo, eu não tenho problema com CDF, não é porque ele é CDF que eu, é, na minha sala não tem caso, mas quando tinha não tinha problema.

E4: Eu coloquei 'concordo plenamente' porque fiquei com raiva de um da minha sala, mas não é de todos.

Para esses jovens é preciso ter força de vontade para conseguir um emprego no futuro, manter boas condições de vida (moradia, carro, boa condição financeira) e também para conseguir bons relacionamentos. No entanto também depende de sorte, da ajuda de outras pessoas, de esperteza e oportunidades. A ideia de aproveitar as oportunidades é muito valorizada desde que seja benéfico para a vida e não traga prejuízos futuros. Concordam que adquirir fama através de programas televisivos, como o Big Brother, pode ser um meio rápido e fácil de conseguir ser bem sucedido. Mas ponderam em relação ao excesso de exposição da privacidade e da perda de valores que podem comprometer suas vidas. A ideia de roubar como uma condição naturalizada na sociedade não é aceita. Essa não aceitação está em parte relacionada a valores morais de certo e errado e a valores humanitários como “não desejar para os outros o que não desejam

para si mesmos”. Para estes jovens adquirir sucesso através de meios ilícitos e antiéticos resulta em crise de consciência e autopunição. As pessoas podem ser bem sucedidas no plano econômico, mas serão sempre infelizes e solitárias. A pessoa terá valores e a consciência corrompidos destruindo sua sociabilidade sendo que o poder e o dinheiro não irão preencher esse vazio nas relações. O desfecho será sempre de algum tipo de punição incluindo castigos divinos como doenças. As pessoas que se lançam para buscar enriquecimento a qualquer custo são percebidas como problemáticas ou porque buscam preencher necessidades alienadas, não compreendidas ou porque são fracas ou são más por escolha pessoal. Ainda acreditam que as drogas podem fragilizar o caráter. Há maior homogeneidade nos discursos reiterando a necessidade de viver bem as coisas presentes, não deixar para depois, mas mantendo foco também nas prováveis consequências futuras dos seus atos.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “vence quem tem força de vontade”, “todo mundo rouba uma vez ou outra”, “só se dá bem quem é esperto”, “o seu sucesso só depende de você”, “eu gostaria de ser um big brother”.

Expressão debatida: vence quem tem força de vontade

E4: se ela não tiver força de vontade ela não consegue ter emprego, uma vida melhor. Tipo na escola, tem gente que só quer saber de vadiar. Mas é isso aí, se não tiver força de vontade você não consegue nada na vida.

E4: Eu passei no SENAI viu?

E4: Foi sorte.

E4: ...que não consegue ser alguém. Tipo ter sua própria casa, o seu próprio dinheiro, o seu carro.

E4: Por que pra tudo na sua vida você precisa ter força de vontade, pra você ter emprego, pra você subir de cargo, você precisa ter força de vontade, pra você aprender alguma coisa, pra tudo, então é uma coisa universal porque na sua vida tudo o que...

E4: Ter força de vontade e interesse.

E4: Você precisa ter força de vontade e interesse.

E4: Ué, mas força de vontade é interesse.

E4: Quando você tá pretendendo fazer aquilo.

E4: Não. Eu só concordo. Como eu vou explicar. Eles já falaram tudo já.

E4: Gente que horror.

E4: Ou você concorda ou não concorda.

E4: Não sei explicar, não tem como explicar.

E4: Eu concordo, mas não... assim, não tanto.

E4: Eu discordo porque eu acho que força de vontade é importante mas não é tudo... porque... Por quê?

E4: Você não explicou nada Al.

E4: Ah meu, eu tinha uma coisa pra falar mas eu esqueci.

E4: Anota aí, se não...

E4: É mesmo.

E4: Ah, eu acho que vai um pouco, pra você se dar bem na vida vai um pouco de sorte também, não só força de vontade.

E4: Eu acho que força de vontade é muito importante mas que, pode depender de outros fatores inclusive sorte.

E4: Ah... pode depender de outras pessoas também, pode depender de todo mundo. Acho que pode partir pra um todo, não só o que você quer, você vai, pode depender das suas atitudes, das atitudes das pessoas, pode depender de várias coisas. Eu acho que...

E4: Se fosse só por força de vontade todo mundo ia se dar sempre muito bem, todo mundo tem uma força de vontade e não é todo mundo que se dá bem.

Expressão debatida: todo mundo rouba uma vez ou outra

E4: Tipo, é verdade porque vai um pessoa acha cinco reais na rua e vê a pessoa ali na frente, você vai falar com a pessoa e a pessoa não te ouve, isso não é um roubo mas ...

E4: Às vezes você acha mas não sabe de que que é.

E4: Você não vai ficar gritando “ô, é seu?”.

E4: Eu acho assim, por exemplo. Eu tenho a minha caneta e a da ... aqui e eu vou e pego as duas, assim, por uma distração, quando eu ponho no meu estojo eu quando eu vejo e digo “nossa [...] Todo mundo já fez isso.

E4: Todo mundo.

E4: Gente, todo mundo. Eu acho que é muito difícil uma pessoa que nunca fez isso. Sabe que tá guardando do outro mas fala “depois eu devolvo”. E depois você acaba nem devolvendo. Às vezes, é até alguma coisa tipo, de uma amiga sua e você acaba guardando e fala “depois eu entrego” e nesse “depois eu entrego” você acaba nem entregando. Ou às vezes acaba nem pedindo pra pessoa “olha eu tô com as suas coisas”. Então eu acho isso um roubo.

E4: ... tinha uma borracha na minha mochila que eu nem sabia que eu tinha, que não era minha.

E4: Isso é verdade, outro dia, achei uma borracha e um apontador na mochila.

E4: É porque eu pensava uma coisa e aí...

E4: Eu pensava que nem tudo é roubo, que nem um chiclete aqui, aí ela falou que...

E4: Você pensa “eu sou incapaz de roubar”, mas aí você acaba pegando uma coisa, e isso é um roubo.

E4: Assaltar.

E4: E você An?

E4: pegar uma coisa que não é sua e não avisar.

E4: Não importa o que seja. Pode ser até um centavo, é um roubo.

E4: É roubo do mesmo jeito que você entrar no banco e roubar. É roubo.

E4: Pegar uma coisa que não é seu é roubo. Independente se seja uma caneta ou uma borracha, qualquer coisa.

E4: Um carro forte.

E4: É um roubo.

E4: E acho que tem outros meios. Por exemplo, ao invés de roubar comida .?. esmola. Por exemplo, tem um programa lá da Kiss [...] que eles estiveram lá no Uruguai só com um

documento, passaporte e essas coisas e sem dinheiro no bolso e conseguiram arrecadar a maior quantidade de recursos, e a empresa, pediu pra uma loja de um negócio que ele queria vender aí, com o dinheiro que ele conseguiu ele não pediu mais, ele comprou as coisas, e foi comprando e comprando. Ele conseguiu o maior número de coisas.

E4: É a Na. tem que falar.

E4: Acabei de falar.

E4: Então não ouvi nada.

E4: Nem eu.

E4: Eu só acho que é o mesmo problema. Eu acho que em roubo pra mim valeu a intenção, quando você acha alguma coisa na rua e não sabe se é de outra pessoa e pega, não sei se isso pode ser considerado roubo mas, sim, eu acho que todo mundo acha muito forte essa generalização. Eu só coloquei que concordo parcialmente porque eu não quero ser extremista.

E4: Eu também acho que o negócio do [...] mas eu acho que quando você tem a intenção de roubar aí pra mim não é considerado roubar, não tem essa intenção, então pra mim não é roubar.

Expressão debatida: só se dá bem quem é esperto

E4: Eu concordo porque, tem que ser esperto porque se não a outra pessoa mais esperta que você [...].

E4: Eu achava que cada um tinha sua inteligência, por exemplo, a pessoa, pelo que ela falou. Eu acho que tá certo porque, se eu for esperto, que nem, tem um pessoal que vou dar um exemplo, tem uma pessoa que você conhece, parece gente boa, você passa por cima dela só porque ela é gente boa, você sabe que ela num tem coragem de falar não pra você, sempre fala sim, ela vai e pega e sei lá, vai das pessoas, ela não quer ser mal educada com a pessoa e acaba fazendo errado.

E4: Eu tava em dúvida, tem que ser esperto porque se não vão passar por cima de você e você vai se dar mal, mas é verdade. Você tem que passar por cima dela, é verdade. Não é. Pra se dar bem tem que dar mais certo do que o outro.

E4: Eu acho.

E4: Tá certo.

E4: Não deixar que ela passe por cima de você.

E4: Inverso.

E4: Se todo mundo passasse a perna, não teria aquela pessoa quem ia limpa o chão dele?

E4: Quem ia limpa o chão?

E4: [...] trabalhar na fábrica querendo comandar tudo .?.

E4: Se todo mundo fosse trabalhar na fábrica quem ia comandar?

E4: Por isso que eu acho muito justo.

E4: Ele pode ter se dado bem mas [...]

E4: B. aquela hora você falou não é bem assim...

E4: Sei, do empregado lá, o empregado tudo bem foi mais burro do que o empresário mas ele não teve as mesmas oportunidades, as mesmas chances às vezes ele nasceu com os pais pobres que não podiam pagar escola pra ele, então vai de sorte, vai de oportunidade, vai de tudo.

E4: Mas se você... pode não ter nascido com as mesmas condições mas quem quer...

E4: Nem tudo.

E4: Vai da força de vontade.

E4: Não.

E4: Quem quer consegue.

E4: Mais uma vez entra a sorte, a oportunidade, o querer.

E4: A sorte principalmente.

E4: Concordo, eu acho que...

E4: A pessoa pode ser a pessoa mais esforçada, mas sem sorte ela não consegue nada.

E4: Cada pessoa faz sua sorte eu acho.

E4: Eu acho que não. Eu acho que depende muito dos outros, eu acho que isso é pensar muito só...

E4: Mas se você realmente quiser, você pode fazer com que os outros te auxiliem.

E4: Mas eu acho que isso aí você tá sendo esperançoso demais.

E4: Agora vamos dar um exemplo. Você acha que é muito da, ele acha que é sorte e você não. Vão vocês dois num lugar, os dois com a mesma oportunidade, aí o cara entrevista os dois, ele não vai com a tua cara, ele vai com a cara dele, ele teve sorte, você não. Adiantou alguma coisa ter força de vontade?

E4: Chega todo mundo com terno e gravata, vai qual?

E4: O de terno e gravata lógico.

E4: Ah... eu acho que não é isso.

E4: Quem não tem oportunidade ...

E4: Não acredito nem em sorte nem em azar. Acredito que cada um tem sua sorte, cada um tem seu azar.

E4: Eu acredito em sorte e em azar porque cada um tem sua sorte.

E4: Não. Eu acredito que ela existe, mas eu acredito que a gente tem que tentar, fazer...

E4: Ela quis dizer que cada um faz seu destino.

E4: É, eu não acredito que existe destino.

E4: Foi assim, você disse que não tem nada a ver com sorte e ele falou que ele acredita em sorte e aí eu disse que se vocês dois forem para o mesmo lugar e faz uma entrevista e ele passa e você não pelo fato só de o cara gostar mais dele e de você não, ele teve sorte de o cara gostar mais dele.

E4: Acho que não foi sorte.

E4: Eu acho que o cara era gay.

E4: Ué, por que o cara precisa se interessar por você e não por ele?

E4: depende do que você quer dizer sorte. Se você acha que o destino tá te beneficiando então quer dizer que você tem sorte. Eu acho que as pessoas fazem sim o seu próprio percurso, mas não quer dizer que se você nasceu, por exemplo, em algum país muito pobre, num país da África, e, por exemplo, num quer dizer que só porque você quer, só porque você vai ter esse objetivo você vai chegar a ser, por exemplo, um Bill Gates na vida. Lógico que as oportunidades e outras coisas influenciam.

Expressão debatida: o seu sucesso só depende de você

E4: Sou do contra.

E4: Só tem frase assim agora...

E4: Eu não gosto de generalizar as coisas, vou ter que deixar...

E4: É, só depende de você, porque, que mais, você, se você num, se você num acredita em você, você num vai conseguir seu sucesso, que nem os cantores, eles acreditam no potencial deles pra tentar ser alguém na vida, se eles num tentar eles num vão conseguir ser ninguém.

E4: Mas aí eles acreditam que eles vão conseguir fazer alguma coisa.

E4: A pior coisa do mundo...

E4: Eu acho que se você não fizer o seu, ninguém faz por você. Eu não faço nada por mim, ele pode me ajudar, mas não pode fazer por mim. Ele pode me passar cola hoje, mas

amanhã a gente vai, o que eu faço, depende de mim...

E4: Tem que escrever ainda não sei o que, né?

E4: Como é a pergunta?

E4: Eu tô em dúvida porque, não depende só de mim, mas também não depende só das outras coisas. Depende muito de mim porque se eu não quiser nada, também não anda, né. Agora também se só eu quiser e não, não quiser que os outros me ajudem ou que...

E4: Todo mundo precisa da ajuda de alguém.

E4: Não depende só de si mesmo.

E4: Tem que ser muito rico pra...

E4: Acontece que se você for muito rico e ficar contratando todo mundo pra [...] não vai mais ter dinheiro pra [...]

E4: Não depende só de você.

E4: Você sim pode fazer sucesso, mas com certeza vai depender da sorte.

E4: Não bem, por que a frase diz 'só de você'.

E4: Eu acho que não depende só de você.

E4: Tem que perguntar pra Am. Am gente esqueceu da Am. né gente. A Am. não tá falando nada.

Expressão debatida: eu gostaria de ser um “big brother”

E4: É lógico. Eu quero ser famosa.

E4: Eu discordo.

E4: Eu concordo plenamente.

E4: Eu sou contra.

E4: Eu queria ser, pelo motivo da fama.

E4: do dinheiro.

E4: O dinheiro é consequência.

E4: Eu queria ser um Big Brother porque ele só coloca as mulheres que tem mais bonita lá, e eu queria ter o corpo delas, então eu também queria ser, por isso. Pela fama.

E4: Fica quieto, deixa ela falar e acabou.

E4: Pela fama, pelo dinheiro e pelo corpo, só, por isso.

E4: Até que não é tão ruim, acho que ela tem razão.

E4: Pelo dinheiro e pela fama, pelas festas, é gente.

E4: Pelos homens, por que ali também...

E4: Debaixo do edredom.

E4: Porque, porque eu acho que, quem chega nas finais e não recebe o dinheiro, um milhão, já vai ter mais propostas de emprego então, eu acho que a fama não seria tão bom porque ficam enchendo seu saco, correndo atrás de você...

E4: Você vai se expor demais.

E4: Eu acho que é uma exposição demais da sua vida, tem o lado bom, vai ter o dinheiro, tem a fama, só que essas pessoas que são ricos e famosos, meu, elas não têm vida, todo mundo corre atrás delas...

E4: E também eu acho que o dinheiro, a fama, a beleza, um dia acaba. Não vai ficar pra sempre.

E4: É porque o Big Brother passa.

E4: Só o que não passa...

E4: Mais uma vez é a inteligência.

E4: Eu discordo porque eu acho que é exposição demais da sua vida, ninguém tem direito

de [...] ela falou, você [...] já é mal falado [...] ela num sabe se você é boa pessoa ou não é, elas não sabem disso [...].

E4: Você faz as coisas por inocência e o outro pode te mostrar um carrasco.

E4: É porque na tv aberta só mostra o que eles querem.

E4: Elas podem fazer o cara ser, eles podem cortar e mostrar o que eles querem que privilegie.

E4: É o que dá IBOPE.

E4: Pô, cada comercial que passa aí no SBT, trinta pau no mínimo.

6.4.2 Família, Pares e Relacionamentos

Para os jovens dessa escola a família representa algo mais sólido e que se pode contar em qualquer momento da vida. Por um lado promove mais segurança e confiança por outro no âmbito das relações cotidianas pode tanto proporcionar prazer e bem-estar como também produzir conflitos e sofrimento. Os amigos são mais valorizados pelo maior tempo de convivência e a confiança que foi adquirida, mas também pela companhia para frequentar lugares próprios para os jovens, como baladas e, para conversar sobre determinados assuntos. Compreendem que as relações constituídas na família e com os amigos não são opostas quando se trata de bem-estar e sim complementares.

Estes jovens tem opinião de que o prazer pelo sexo é secundário em relação a outras formas de prazer, mais relacionadas aos vínculos afetivos e duradouros. Há maior polarização das discussões em torno das diferenças de interesses entre o homem e a mulher, sendo que o homem valoriza mais o prazer pelo sexo e a mulher pelo sentimento.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram as expressões “nada é mais prazeroso do que estar com os amigos”, “sexo está em primeiro lugar em matéria de prazer”.

Expressão debatida: não há nada mais prazeroso do que estar com os amigos

E4: ah, eu concordo, mas não plenamente, porque amigo não é tudo. Amigo a gente tem, é prazeroso. Mas não é para todo e nem para sempre amigo.

E4: eu já acho o contrário.

E4: eu prefiro família porque é uma coisa que a gente leva para vida toda, e amigo não.

E4: não concordo. Que nem ela falou, que amigo não é para sempre, mas depende da amizade. Você não vai fazer com qualquer amizade, um colega seu, que só conversa na escola você não vai chamar de amigo para o resto da vida. Mas com certeza tem muita gente que é amigo desde a infância, cresceu junto, não tem nada a ver. Que nem eu tenho

amizade com vocês, três anos juntos, acho que é isso...

E4: mesmo tipo, se for de verdade mesmo, mesmo depois da escola.

E4: eu tenho amizades verdadeiras, só que a gente não pode generalizar. Já a família é sempre, estava sempre ali.

E4: então, está falando que só tem os amigos prazeroso, que se sente feliz só estando com os amigos.

E4: não é em toda ocasião que vai poder contar com a família.

E4: é, não é todo mundo...

E4: ir para a balada, você não vai com sua mãe, seu pai...

E4: seu pai e sua mãe na balada, então, mas você pode chamar sua prima, seu primo...

E4: ah, eu concordo sim, dependendo da amizade, que nem ele falou, é prazeroso estar com os amigos.

E4: sim, só que, que nem, dependendo da amizade é prazeroso ter a amizade daquela pessoa, se não for uma amizade falsa.

E4: eu concordo porque não é sempre que a família pode ajudar a gente.

E4: sim, pelo menos na minha casa nem sempre pode, é briga todo dia, então, falo com meus amigos...

E4: concordo plenamente, porque tipo assim, dependendo da amiga eu acho que vale a pena muito se a amizade for verdadeira.

E4: não concordo. A família é importante também, né. Eu acho que os amigos são prazerosos, a amizade é prazerosa, mas a família é importante também.

E4: eu concordo plenamente, porque eu acho que a gente consegue conciliar tudo, amigos e família. Então, se for uma amizade verdadeira você consegue juntar tudo, sabe, aí seria bom para sua vida, sabe...

E4: tem gente que não tem família e considera os amigos como família, mora junto...

E4: que nem para mim minha família são meus amigos.

E4: tem gente que se sente melhor com os amigos do que com a família, que se entende melhor com os amigos do que com a família.

E4: os amigos entendem melhor do que a família os assuntos...

E4: família está ali para qualquer hora, aí tipo tem muitos amigos que estão aí na hora de sair, da balada, e tipo, e família não. Se você estiver no fundo do poço ela vai estar te apoiando e a amizade nem sempre é assim.

Expressão debatida: sexo está em primeiro lugar em matéria de prazer

E4: ah, não sei responder, nunca fiz.

E4: é que assim, nunca fiz para saber, se é o prazer mesmo. Eu sou virgem, mas eu acho que não, que não está relacionado assim, em primeiro lugar, em matéria de prazer.

E4: não, em primeiro lugar o prazer é comer chocolate, né?

E4: porque o homem é insensível.

E4: não, não é insensível, mas a mulher liga muito para sentimento, faz o maior drama.

E4: o homem só quer comer, tem fome...

E4: não é bem assim...

E4: tipo assim, se é para beijar, beija, beleza, não tem nada a ver, mas outras coisas já é outros 500, tem que pensar direito, tudo, porque vai que acontece algum erro.

E4: a maioria dos homens só quer comer e pular fora.

E4: assim, tem que ter uma cabeça muito pequena para achar que o prazer é tudo e o sexo é maravilhoso.

E4: que eu discordo. Tem prazer que a gente pode levar para o resto da vida. Isso é um prazer, e o sexo é momentâneo.

E4: ah, eu não sei, nunca fiz para saber, mas eu acho que tem outras coisas além do sexo.

6.4.3 Consumo de Substâncias Psicoativas

Para os jovens dessa escola o consumo de álcool está vinculado à busca de sensações agradáveis sendo que este pode ocorrer sem que resulte em problemas para o sujeito ou em seu circuito social. No entanto observam que pode ocorrer também um tipo de consumo problemático. Dessa forma referem que há pessoas que consomem álcool somente para melhorar o desempenho nos relacionamentos. Para outras o consumo pode mobilizar a eclosão de sentimentos de tristeza. Também pode resultar em dependência e violências. As motivações para o consumo se referem: à busca de prazer no circuito familiar e nos grupos de amigos; ao alívio de sofrimento e fuga de problemas cotidianos; à minimização da timidez melhorando o desempenho nas relações interpessoais; a busca de sensações de status (ser o melhor, se exhibir), de poder (fazer coisas que não poderia ou conseguiria sem o álcool) e machismo (para ser reconhecido como macho capaz). Referem ainda que o consumo está relacionado à facilidade de acesso cada vez maior que as pessoas têm em relação ao álcool.

Em relação às políticas aqueles que defendem a proibição da venda para menores justificam essa posição pela imaturidade do jovem para consumir álcool, pois as necessidades de exibição e status podem resultar em abuso, intoxicações graves e acidentes de trânsito. Os jovens estão bem informados em relação aos riscos e perigos, porém não necessariamente tem consciência do que fazem e das consequências que os seus comportamentos podem gerar (ex. beber e dirigir). Aqueles que são contra as políticas de restrição e proibição apostam na consciência individual para fazer as escolhas. Assim existem diferentes formas de consciência e situações gerando diferentes desfechos. Muitas pessoas não conseguem beber de maneira moderada resultando em dependência. Outros estão motivados por necessidades de status (para se exhibir) e acabam abusando da bebida. Observam que mesmo proibido as crianças e jovens tem fácil acesso ao álcool e acabam por

consumir. A proibição pode inclusive motivar a busca já que o jovem teria por característica “a necessidade de confrontar as regras”. Existe a necessidade e a pressa de ter acesso a tudo que o adulto tem daí que as proibições para menores acabam por ter um efeito contrário. Também referem que o consumo de álcool tem como objetivo facilitar as relações minimizando dificuldades de liberação de sentimentos. O grupo também compreende que o tipo de bebida (teor alcoólico maior ou menor) pode gerar dificuldades e problemas distintos.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram as expressões “bebidas alcoólicas deveriam ser permitidas para menores”, “o álcool traz uma sensação de alegria”.

Expressão debatida: bebidas alcoólicas deveriam ser permitidas para menores

E4: eu discordo porque assim, porque tem muita gente que não sabe beber e que, que nem, que nem tinha falado, quer bancar o engraçadinho, a engraçadinha. Que nem, eu tenho uma amiga que ela começou a beber, beber, beber, e tiveram que chamar o SAMU e levar para o hospital porque ela estava entrando quase em coma alcoólico, porque ela não soube se controlar. Quis beber, beber, beber, só para se mostrar para os outros e acabou se ferrando. Ficou no parque toda mijada, então, né, deveria ser permitido assim, a partir de uma certa idade, que nem a B falou. Só que para a gente ainda não, né, porque começa, começa a beber, mas não sabe a hora de parar.

E4: e também assim, para a gente que é de menor tem bebidas que são muito fortes, e quem não está acostumado a beber é beber e já era.

E4: mas até que ponto, porque você sabe o que faz, e as consequências, para quem faz, achando que sabe o que faz, e as consequências, acidente de carro, ah, sabe o que faz. Fica um ponto de interrogação, eu discordo plenamente, porque se já são assim, como será bebendo?

E4: eu coloquei que concordo, não porque acho que menor pode beber, mas porque pode comprar de qualquer jeito, então, o que vai mudar?

E4: que estou em dúvida, porque podia concordar a primeira parte, só que como não é só a minha parte. Porque imagina uma criança de 13 anos, está certo o que? Falou, tem gente que sabe o que faz, mas tem gente que faz por inocência, vai por embalo, não sabe o que faz. Então, é isso...

E4: eu coloquei assim, que discordo, né, beber bebida alcoólica para menor, gente, tem uma crianças ali, bebem, aí vão atravessar a rua, nem sabem atravessar a rua, vão atravessar meio doidão aí o carro pega, já era. Mas por outro lado, tenho que concordar também, porque tem umas bebidas que eu adoro beber.

E4: Eu mesmo se vou no supermercado não vou conseguir passar com uma garrafinha de Smirnoff, não consigo passar, porque sou de menor. Tudo bem, tem eu, com 15 anos, baixinha, tenho cara, já me disseram que tinha cara de 11 anos e que não iam deixar passar nem uma latinha de cerveja, nem nada.

E4: eu coloquei que concordo, poderia ter, porque cada um sabe o que faz, cada um tem sua mente, sabe quanto pode beber, sabe o seu limite e pode beber. Agora, quem não pode, que tem problemas, não deve beber. Porque tem muitas pessoas que bebem por vício e também ficam chatas.

E4: que nem eu falei, tem gente que começa a beber, saber o limite sabe, mas não quer

parar para se mostrar para os outros.

E4: eu coloquei que eu concordo, porque, que nem ela estava falando já aconteceu uma vez comigo. Estava alegre e, não sei se era impressão minha ou não, parecia que estava olhando diferente, que estava mais descontraído e tal. E eu concordo, cada cabeça é uma sentença, cada um sabe o que faz, não é porque tem 16 anos que não sabe o que faz, claro que sabe. Passa na televisão, um monte de coisas, como uma pessoa não vai saber? Não tem essa – ah, não sei, ninguém avisou. Igual a negócio de sexo, de camisinha. Até parece, alguém falar – ah, não sabia, não sabia -, de cinco em cinco minutos passa na televisão, no jornal. Então, não tem como, então, cada um sabe o que faz, e tipo, toda hora vê passar na televisão acidente de carro, de bêbado, isso e aquilo.

E4: é, falta de informação não é, né.

E4: com certeza não, cada um sabe o que está fazendo.

E4: mas mesmo que esteja proibido, qualquer menino de 13 anos vai no carrinho que tem na esquina e compra. Tem acesso de qualquer jeito, o que vai mudar?

E4: mas quem garante que não vai ficar no bar da esquina pedindo, - compra para mim.

E4: eu acho que vai da cabeça da pessoa, porque eu morei com meus avós e meus avós eram dependentes químicos e não por isso eu...

E4: eu acho que a gente tem vários acontecimentos.

E4: eu acho que tudo que é proibido.

E4: eu acho que podia até diminuir.

E4: com certeza.

E4: se eu quero beber e eu não posso comprar eu vou pedir para um de maior comprar.

E4: mas você vai pedir para seu pai? Seu pai é maior de idade, não vai pedir para ele.

E4: não, não vou pedir para meu pai, mas eu peço para um amigo.

E4: se for legalizada, que nem, falou, não ia mudar nada. Ou vai dizer assim – liberado. Porque adolescente gosta de tudo que não pode. Tudo que não pode adolescente gosta, então, pode beber? Pode? É uma porcaria, beber por quê?

E4: para adolescente parece que tudo que não pode atrai, né.

E4: não, ninguém gosta de matinê. Você vê muito mais pessoas de 13, 14, 15 anos do que uma pessoa de 17 anos na matinê, ela vai querer o que? Aquela das 22 às 04. Por quê? Porque é proibido.

Expressão debatida: o álcool traz uma sensação de alegria

E4: ah, eu concordo, mas assim, dependendo, assim, traz uma sensação de alegria, só que também depende da alegria que se fala...

E4: ah, traz alegria, depende da alegria...

E4: ah, eu discordo, porque tem muito idiota que bebe só para sair ‘causando’ por aí, e acaba fazendo o que não deve...

E4: mas por isso que eu falei: depende da alegria...

E4: que nem, tem gente que bebe, bebe, para sair zoando, não tem coragem de fazer isso são, então bebe para depois ter uma desculpa...

E4: ah, eu coloquei o que eu acho, não o que as pessoas acham. Não a alegria das pessoas, mas a minha alegria...

E4: e eu discordo desse negócio da pessoa sair fazendo o que ela quer. Se a pessoa, tem gente sim, que ela só zoa quando ela está bêbada, mas se fica, que nem, do jeito que eu sou, normal...

E4: mas você já...

E4: ah, só um pouquinho a mais. Não tem tanta diferença assim. É prazeroso, mas nada fora dos limites...

E4: eu concordo plenamente, porque eu fico muito feliz quando eu bebo, fico feliz, sabe, mais do que eu sou normal. Eu não sou dos que bebem para sair causando por aí, eu bebo entre amigos e fica ali entre eles...

E4: eu acho, sim, né, porque que nem em novela, né. Assim, que nem mostra em novela, o cara briga com a mulher, com o enteado? Para onde ele vai? Para o bar, a maioria das pessoas tenta fugir também pela bebida.

E4: eu concordo plenamente porque eu também sou desses meio tímidos, aí quando bebo fico mais simpático...

E4: tem gente que bebe para se mostrar, para falar que é o malandrão, o gostosão. E tipo, os que bebem e falam que estão bêbados são os que não estão. Então, tem muita gente que fala que está bêbado, só por falar, dá uma de gostosão...

E4: eu tenho um amigo que fala que está bêbado com Fanta Uva...

E4: que acontece, uma vez eu comprei Coca e falei para um amigo que era Cuba, eu dei para ele e ele começou a ficar 'mor' alegrão. Ele achou que eu tinha colocado pinga na Coca. Era só Coca, mas ele achou, ele achava que era Cuba mesmo...

E4: é, que nem, que nem estava falando, quem nunca provou acha que maior legal. Se você dá para uma pessoa que não bebe, batida, só que aquela bem fraquinha, a pessoa vai achar que não está bebendo nada...

E4: que não tem álcool nenhum, que não tem álcool nenhum, aquela bem fraquinha, meio doce...

E4: é, mas aquela...

E4: não tenho um motivo assim para fugir de alguma coisa, falando que eu bebo para fugir de tal problema, eu bebo por gosto mesmo.

E4: ah, mas tem gente que bebe porque está se 'achando', fazendo tipo...

E4: mas vai da cabeça da pessoa... se a pessoa quer...

E4: se achar ridículo...

E4: é diferente aquela que é tímida do outro que é o malandrão...

E4: falei que discordo, porque a alegria é como o sexo, é momentânea, e é uma coisa só para a sua cabeça, você bebeu, você se soltou, e você pode fazer isso sem, pela sua consciência, de forma natural...

E4: pode sim, mas com a bebida você pode ficar um pouquinho alegre também...

E4: como pode passar dos limites também...

E4: eu discordo, eu acho que é momentâneo isso, né, depois tem dor de cabeça...

E4: sim, mas até aquele momento você está alegre...

E4: e sem o álcool você, tem gente que por mais que tente, não estou falando do meu caso, mas tem pessoas que por mais que tentem ficar alegres não conseguem, mesmo sem álcool, sem nada, sem amigos, sem nada, e acaba bebendo para poder ter aquela alegria no momento, porque sem a bebida a pessoa não consegue.

E4: e é por isso que existe gente que bebe bastante...

E4: quando bebe faz amizade mais fácil, fica doidão lá na rua, se por exemplo quer conversar com uma pessoa, e é por isso que tem gente que bebe bastante, quando bebe consegue fazer amizades mais fácil.

E4: quando eu bebo não fico querendo fazer coisas que não posso quando estou são...

E4: fica a mesma pessoa...

E4: fica a mesma pessoa, só que um pouquinho alegre.

E4: tem casos na minha família, meu avó, por exemplo, ele bebe socialmente. Ele pode trazer alegria para ele, mas para a família não é...

E4: vamos supor, eu bebi, estou alegre. Mas para D., a minha alegria está incomodando ela, então, tem também que pensar nos outros.

E4: eu tive esse papo dentro de casa também, com meu pai...

E4: eu coloquei que discordo, porque bebida não traz alegria, eu começo a chorar quando bebo...

E4: tem pessoa que bebe para trazer felicidade, meu irmão, ele era viciado em drogas e em bebida, ele ficou internado numa clínica de dependentes químicos, sete meses. E meu pai também, bebia demais e batia na minha mãe, para ele era alegria aquilo, e para a gente não.

E4: na minha família tem muitos casos...

E4: tem até barraquinha na porta da escola, e eles vendem, sim...

E4: você pode estar com uniforme da escola e eles vendem, sim.

E4: é, nem olha para a sua cara, está fácil o acesso, né.

Os jovens dessa escola apresentam posições distintas em relação ao consumo de tabaco. Todos consideram que o cigarro é uma droga legalizada e que traz problemas para a saúde. Para os que são contra o hábito de fumar se sentem incomodados com o cheiro, a fumaça e os prejuízos que o cigarro pode causar para a saúde das pessoas. Entendem que as pessoas consomem para amenizar o medo, a carência e fugir dos problemas e ainda como fórmula para emagrecimento. O consumo é motivado pelos pares resultando em dependência e morte. Ainda se posicionam a favor da proibição e são contra as pessoas que fumam, julgam que é errado fumar. Para os que são a favor do hábito de fumar compreendem que o consumo está relacionado à busca de prazer e relaxamento ajudando a diminuir o stress, estando presente nos momentos de diversão.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “fumar é bom”.

Expressão debatida: fumar é bom

E4: ah, depende o que fumar...

E4: depende do que for.

E4: coloquei brincando, não, eu odeio...

E4: plenamente. Não gosto do cigarro, brigo direto, todos os dias, todas as horas quando meu pai fuma do meu lado. O cheiro é insuportável, prejudica a saúde. Cigarro por cigarro já fala tudo, é uma droga. Cigarro, fumo de qualquer jeito.

E4: coloquei que concordo plenamente porque o cigarro acaba estragando o pulmão de quem fuma e de quem está ingerindo a fumaça.

E4: é a maior fuga das pessoas, é medo...

E4: é. Coloquei que discordo porque eu acho que é bom para fugir, carência, medo, tudo isso é medo, sabe, é medo.

E4: ah, e tem gente que usa o cigarro também para emagrecer, porque tem gente que fala que cigarro emagrece, tem gente que fala – ah, estou muito gorda e... -

M: inaugurou uma nova dieta, né.

E4: minha tia falou que fumar é bom para emagrecer. Isso é uma idiotice...

E4: estou em dúvida, porque depende, depende do fumo...

E4: ah, porque cigarro às vezes quando eu fumo me sinto bem, dá a maior tranquilidade, tipo maconha também, experimentei, nem quero. Para mim cigarro já está bom.

E4: num bar, ou quando saio assim, ou às vezes quando estou meio estressado, quando vou fazer um rolezinho...

E4: se eu for no shopping, não tenho nada para fazer...

E4: um hobby, tipo, prazer.

E4: ah, eu discordo plenamente, porque o cigarro vai trazer danos... Ah...

E4: eu coloquei que discordo plenamente também. Sou contra todos os que fumam, tirando o narguilé. Eu sou contra todos os que fumam, não gosto, não suporto e não concordo de jeito nenhum.

E4: narguilé ele não é tão prejudicial...

E4: tem menos tóxico...

E4: é, tem menos tóxico e ele é mais gostoso, tem um gosto bom, o cheiro dele é bom... Mas o cheiro continua, para mim cigarro é sempre cigarro, não consigo distinguir um do outro...

E4: como que é o nome daquele negócio que tem no cigarro?

E4: mas e aí? Dá para fumar maconha e narguilé também. E daí?

E4: não, depende do que você usa no narguilé.

E4: eu já fumei fumo de corda...

E4: para mim eu associo fumar ao cigarro, não associo com outras coisas...

E4: eu discordo plenamente, porque eu não suporto cigarro. Não gosto do cheiro, me dá falta de ar...

E4: o cigarro é uma droga legalizada...

E4: o cigarro é pior que a maconha...

E4: como nosso país, o Brasil, é um país, com USA, daqui a pouco está legalizando a maconha também, né, igual que os EUA, que é legalizada.

E4: é, eu acho que o único lugar que não vende é supermercado. Mas por que pode pedir uma caixa de Marlboro e não pode pedir uma caixa de maconha?

E4: eu não sei, nunca experimentei, mas todo mundo fala que deixa assim relaxado...

E4: porque a maioria das pessoas fuma para de estressar, né.

E4: é. Então, que a pessoa fica mais relax mesmo. Acho que não dá uma alteração como o álcool...

Os jovens dessa escola compreendem que o consumo de maconha gera problemas para as relações sociais dos usuários. Os mesmos ficam “lesados” (quietos, lentificados), “retardados” (bobos e sem noção do que fazem) prejudicando a comunicação e a convivência com as pessoas. Diferente do consumo de álcool que significa extroversão onde as pessoas se soltam mais para os relacionamentos. O consumo geralmente leva à dependência e ao descontrole resultando em problemas mentais e violências. No entanto compreendem que as escolhas dependem da consciência de cada um e

menos das pressões e influências do meio social. Existem contextos distintos e graus de consciência variados. Há pessoas com grau de consciência maior em relação aos riscos e prejuízos de suas escolhas que estariam mais fortalecidas e outras com grau menor de consciência que estariam mais fragilizadas e propensas a escolhas problemáticas. Existe a pressão social que está relacionada aos contextos e ambientes onde os jovens se encontram. Fazer o que todo mundo faz para se sentir igual, reconhecido no grupo e não ser excluído. Se não faz igual acaba sendo inferiorizado. As pessoas que tem maior consciência do que querem, do que é bom ou ruim estão mais fortalecidas para recusar determinadas ofertas e ao contrário aquelas que têm menor grau de consciência ficam mais suscetíveis a fazer o que o grupo espera. Também as pessoas que estão passando por problemas pessoais estão mais fragilizadas. A necessidade de ser igual, se exhibir, provar que é bom pode influir nas escolhas das pessoas. As pessoas que se sentem pressionadas são as mais frágeis. A amizade é vista como um valor importante no sentido de querer o bem do outro, respeitar as escolhas e evitar pressões. Existem artimanhas do tráfico que atinge as pessoas mais frágeis ou em momentos de maior fragilidade. O traficante oferece gratuitamente por algumas vezes até que se torne um hábito onde passa a vender. E no caso das dependências as pessoas passam a oferecer bens e até roubar. Quando não cumprem com suas dívidas são punidas com violência e até com homicídios. A forma de consumir e o contexto do consumo pode ser gerador de diversas doenças de transmissão como no caso o uso de drogas injetáveis. Ao tempo em que atribuem valor a solidariedade entre as pessoas há total descrença quanto aos amigos se apoiarem e se ajudarem em momentos de maior dificuldade. Dessa forma se propõe o critério da escolha de cada um, já prevendo que as pessoas mais fragilizadas ou percebidas como tal vão sucumbir às pressões sociais. Incluem a necessidade social de afirmação (“provar que é bom”) como um fator de vulnerabilidade para ceder às pressões para o consumo.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “a maconha é do bem”.

Expressão debatida: a maconha é do bem

E4: pode ser do bem para a pessoa que ingere ela, mas para as pessoas que estão em volta dela não.

E4: por exemplo, eu nunca usei.

E4: eu um pouquinho só.

E4: ah, não sei, coloquei que estou em dúvida, não sei se ela é boa, nunca experimentei se ela é do bem. Eu sei o que ela causa para as pessoas, mas não sei o que ela faz para mim, de bem, então, estou em dúvida.

E4: muito mais lesadas, quem bebe é extrovertido, quem fuma é muito mais lesado.

E4: tira o 'tico e o teco'.

E4: é lesada, eu acho assim, a pessoa já nasce um 'tico', aí quando usa sai o 'teco', aí a pessoa fica retardada mesmo, retardada de vez, sem noção.

E4: coloquei que eu discordo. Eu nunca experimentei, também não tenho vontade de experimentar, porque aquilo não vai fazer bem, disso eu tenho certeza. Sem contar que a pessoa fica assim, como de outro mundo...

E4: não tem controle...

E4: eu estou em dúvida, não sei, eu nunca usei, mas pelo que eu vejo, porque eu tenho contato com uma porção de gente que é usuário, e o que eu vejo é que a pessoa não se controla.

E4: ela perde, ela tem que ter aquilo, é que nem o cigarro, quando a pessoa para com o cigarro, fala – ah, vou parar de fumar –, ela tem que ter aquele negócio senão descontrola. Meu pai é assim, ele já tentou várias vezes parar de fumar, e quando ele fala que vai parar ele fica nervoso, fica estressado. E a pessoa que usa droga é a mesma coisa. Ela fumou maconha agora, daqui a pouco já passou o efeito – preciso fumar, preciso fumar, preciso fumar –, e não é porque ela precisa, porque ela já colocou na cabeça dela que aquilo vai...

E4: pode ir para coisas piores também. É, quando já não satisfaz mais a maconha.

E4: coloquei que estou em dúvida, porque eu nunca usei, não sei. Mas eu convivo com bastante gente que usa e a droga é como se fosse um alimento. A gente ingere alimentos todo dia e a toda hora. A droga é a mesma coisa, a pessoa sente falta.

E4: eu coloquei em dúvida, porque assim, eu convivo com pessoas que são usuárias só que, tipo, eles usam, eles fazem as palhaçadas deles, só que eles não fazem perto de mim, entendeu? Meu primo usa, e ele fala para mim – faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço –, entendeu? Então ele faz as besteiras dele quando ele ingere a droga, mas longe de mim. Então, eu não sei se é do bem, se é do mal, se é bom, se é ruim, não sei como...

E4: não tenho como dizer assim porque nunca usei, só que nem ela falou, quando começa não consegue mais parar, vira um vício. Que quando é para você parar você não consegue parar, você não se controla e você quer cada vez mais aquilo, você quer sempre aquilo. Você fica estressado, você fica louco, você fica agressivo, você quer sempre aquilo, entendeu?

E4: eu coloquei que estou em dúvida, porque também nunca experimentei. A pessoa quando fuma fica mais quieta, que nem já vi pessoas usando, não é que nem a bebida, que você se solta mais. Mas com a maconha fica mais quieto, fala mais baixo, mais lento, fica mais bobo.

E4: tem gente que fala – sempre tem uma primeira vez –, e não é assim, não é assim. Não tem nada a ver a primeira vez, depende de cada um, a pessoa usa se ela quer...

E4: lógico.

E4: ninguém obriga ninguém, não tem esse negócio de, não é igual à bebida, por impulso. Não. Cada um, que nem a bebida mesmo, não é que você bebe por impulso, você tem a sua consciência...

E4: é.

E4: não, não é, e se você está numa roda de amigos, não vai usar?

E4: Não, não é, você tem opinião própria. Eu acho assim, cada um tem a sua opinião própria, não quer, não faz.

E4: mas é que nem A, falou, ela falou que convive bastante, eu convivo bastante com pessoas que usam drogas, e nem por isso fico, não, não dá vontade. Nunca me deu um pingo de vontade, de. Tem pessoas que – nossa: todo mundo faz, por que eu não vou fazer? -, tem gente que é assim. Só que, é verdade, que nem ela falou, você usa drogas, você vem e me oferece, eu tenho a minha consciência de que o que está fazendo mal para você pode fazer mal para mim. Tem as pessoas que, eu não sou do embalo, mas tem gente que é embalo. Mas não é embalo, é que a pessoa que é fraca, não é porque a pessoa está oferecendo, não é as más companhias. A pessoa sabe o que ela está fazendo, ela sabe que está prejudicando a saúde da pessoa...

E4: então, eu acho que cada pessoa tem um pensamento, tanto eu não ficaria...

E4: não! jamais.

E4: eu não vejo diferença nenhuma...

E4: às vezes a pessoa oferece, não é por maldade, ele acha que faz bem, e a pessoa oferece, que você vai se sentir bem também, mas não é como maldade, é até por educação às vezes...

E4: mas tem gente que obriga mesmo, eles obrigam mesmo...

E4: mas não é porque, todos meus amigos são assaltantes, assassinos, vai, matam todo mundo, e aí eu...

E4: mas isso é uma coisa assim: se você sabe que você vai ser obrigado, se afasta.

E4: mas duas pessoas, eu vou ter que pagar para ver, se você usa ou não...

E4: mas é que nem eu falei: tem pessoas que tem cabeça, e tem pessoas que tem a cabeça fraca...

E4: se você quer andar com pessoas assim, se você não quer perder a amizade, tem que ter cabeça suficiente para saber usar aquilo que vai fazer bem para você.

E4: é difícil eu explicar, porque o meu pensamento é: eu fico, vocês vão fazer aquilo? Vocês vão fumar? Tudo bem, eu vou ficar, eu não vou me importar de ser excluída. Depois eles terminaram, tudo bem, vamos conversar, vamos continuar, vou zoar com eles. Só que enquanto eles estão fazendo, por mim não vai fazer diferença eu ficar excluída.

E4: tem gente tipo, tem aquele grupinho lá, está todo mundo fumando, aí alguém chega – vai, fuma, é bom -, - ah, não, não quero -, - ah, você é trouxa, você está amarelando, você é otária, isso aqui é bom, vai, fuma -, mas é coisas que assim, é cabeças e cabeças...

E4: oh, eu tive um amigo onde eu estudava, ele fumava de manhã, tarde e noite. Ele sempre me respeitou, ele falava – oh, não vem comigo, não sai daqui -, - por que? -, - não vai lá porque lá está todo mundo fumando, não fica comigo agora não, porque eu estou meio ruim -, sabe, ele deu o exemplo de, ele sabe o que está fazendo, ele sabe que está prejudicando a saúde dele, mas ele não quer que as pessoas que não usam, não quer que prejudique a saúde, entendeu? Só que tem aquelas que pressionam, que nem ele falou, tem. Só que meu, é a cabeça fraca? É. Aquelas pessoas que são fracas são aquelas que já estão usando. Aquela que está oferecendo é a cabeça fraca, então esse mundo vive de cabeça fraca em cabeça fraca, não tem como bater aquela cabeça com uma cabeça fraca, entendeu? É isso que eu quis dizer. A pessoa que entende que aquilo não faz bem para ela, ela não vai, nunca vai usar. Mas aquela que tem aquela dúvida, não vai, por exemplo, hoje em dia todo mundo sabe o que é certo e o que é errado.

E4: então, sabe o que é certo, o que é errado. Mas voltando na parte de – eu preciso me mostrar, eu preciso ser o bom -, entendeu? Essas pessoas que – eu tenho que ser igual a todo mundo, eu sou melhor, eu vou mostrar que eu sou que nem eles - é tudo pessoas que são cabeça fraca. E a cabeça fraca o que é? É a que bebe, a que fuma, a que usa droga, são essas pessoas. Então, a pessoa que é forçada, que nem, por exemplo, você usa droga, você fuma maconha, você não vai chegar em mim e vai me oferecer sabendo que eu sei que para mim não vai ser bom. Você vai fazer o que? Você vai oferecer para ela, ela tem aquela dúvida, entendeu? Vai ser sempre assim. A pessoa que se sente pressionada é a que tem a

cabeça mais fraca. Porque aquela que não tem cabeça fraca vai ser, vai ser firme, sempre.

E4: eu acho que todo mundo nasce sabendo o que é certo e errado.

E4: mas, meu, tudo passa na televisão. Tem novela na televisão que tudo sempre dá certo no final e é sempre assim. Que novela e filme sempre dá tudo certo no final, mas nem sempre é assim. Então...

E4: vai da questão da pessoa, porque tem pessoas de cabeça forte e tem pessoa de cabeça fraca. Eu já, direto convivo assim, eu já estive em roda de amigos que me ofereceram, todos estavam usando, mas eu não usei. Já me ofereceram muitas vezes, direto me oferecem, eu nunca aceitei. Agora, tem pessoas que quer se achar, pessoa de cabeça fraca, que tem problema em casa, tipo, eu tenho um amigo, vários amigos que tem problema em casa, eu tenho um amigo que perdeu a mãe, ele se esconde atrás da droga, cheirando, usando solvente...

E4: mas é que nem eu falei, as pessoas fracas, é a que usa droga, entendeu?

E4: porque, então, as fracas atingem as fracas, as fracas não conseguem atingir as que tem pé firme. Quem é cabeça forte não faz isso. Às vezes a pessoa tem problemas na vida que começa a fazer, mas depois sabe que o que está fazendo está errado.

E4: porque amigo de verdade não te oferece uma droga, ele quer sempre seu bem. Ele está ali para tudo. Agora, o que não quer seu bem, te oferece. Que nem um traficante, ele te oferece uma vez, pode te oferecer uma, duas, na terceira você vai estar dependente, ele não vai mais te oferecer, você vai ter que comprar. Aí você acaba vendendo a sua roupa do corpo, você vende tudo para ter droga. Tem pessoas, um participa muito de palestras, pelo caso do meu irmão e dos meus primos, da família, e tem pessoas que vendem tudo dentro de casa para poder comprar a droga.

E4: Vendem tudo, vendem até a roupa do corpo. Às vezes tem pessoas que estão devendo, está devendo na boca, e eles cortam um braço, cortam uma perna, cortam um dedo, devido ao fato de ser um dependente químico.

E4: porque hoje em dia, praticamente, muita gente usa. Muita gente usa. Acho que deveria ter um ciclo de palestras, porque tem pessoas que não sabem o que pode trazer. Um exemplo, um amigo do meu irmão: ele sempre usou, aí o que aconteceu? Diziam que eram um amigo do outro. Aí o que acabou acontecendo? De tanto ele cheirar, ele está todo cheio de doenças, porque a mesma droga que eles injetam numa pessoa, eles injetam em todo mundo. A pessoa às vezes tem AIDS, tem tuberculose, qualquer coisa, porque injetam em você, injetam em você, injetam em todo mundo. Aí é que você pega doenças, muitas doenças são pegadas assim.

E4: meu tio pegou AIDS, ele era, ele ainda é, usuário de drogas, e pegou AIDS assim, estava todo mundo injetando, injetando no outro, e um passou para todos.

E4: que nem maconha. Eu tenho AIDS, vai, aí eu tenho um machucado na boca, aí ela vai e aceita, dá um trago, ela vai ter também. Muita pessoa pega assim, de bobeira, de bobeira, sabe, porque tem pessoas que querem usar, que quer se achar o bom, quer vender droga, quer fazer muita coisa, só que na hora de bater mesmo o pé, vai ver que está errado. Porque muita pessoa quando está bom tem amigo para beber, para gastar dinheiro, para sair para a balada, tudo. Mas na hora que você está lá no fundo do poço, ninguém te ajuda. Quem vai te ajudar é a família, seu pai e sua mãe, é questão de apoio, né, questão de apoio, quando você mais precisa todo mundo some ao seu redor. Ninguém está ali para te ajudar de verdade.

6.4.4 Participação Política

Para os jovens dessa escola a política está relacionada aos maus políticos, que se corrompem ou não fazem o seu papel. Os políticos que fazem algo pela população são considerados aqueles que “roubam, mas

fazem”. Há uma descrença generalizada na vida política que é utilizada para explorar e dominar. A população é considerada acomodada, aceita passivamente o mau uso do poder pelos políticos.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “política é perda de tempo”.

Expressão debatida: política é perda de tempo

E4: Sabe por que eu tô em dúvida? Porque às vezes eu acho que é às vezes eu acho que não é. Porque depende de quem é escolhido é uma perda de tempo. Eu acho que vai muito disso também. Porque muito tão aí a fim de roubar e outros não, então eu fico em dúvida por isso. Ai, eu não sei direito falar.

E4: Político é o povo que escolhe.

E4: Vai o que engana melhor, pra falar a verdade. Porque mesmo o que faz bem assim pro país, eu acho que, sei lá. Não deixa de enganar também.

E4: Brasileiro é conformado, tá sendo roubado mas, tendo um prato de comida e um teto pra dormir tá bom.

E4: O ruim é que agente pensa que eles tão roubando, mas talvez se a gente tivesse lá faria a mesma coisa.

E4: Mesmo quem não rouba, a obrigação é fazer alguma coisa.

E4: Que nem o Lula, todo mundo mete o pau nele mas pelo menos ele fez alguma coisa.

E4: gente que mora no interior. Não teria aumentado bastante coisa. E por isso que metade da população do Brasil gosta dele, porque na área rural ele age como um, que ele já passou por aquilo e ele sabe como aquilo foi.

E4: Que nem o meu pai fala, ele rouba, mas pelo menos ele faz.

E4: Só sei que ele pelo menos faz alguma coisa. É um dos melhores políticos que já teve aqui no Brasil.

E4: Não, o brasileiro, ele vota no político, ele sabe que tá roubando e ele não faz nada.

E4: Acho que não só na política. Qualquer coisa a gente gosta de reclamar, reclamar, mas num...

E4: Não faz nada.

E4: Como por exemplo, a greve dos professores que teve. Todos querem que melhore, mas a escola não entrou em greve. E todo mundo pergunta ‘você queriam entrar em greve?’, ‘sim’, mas não entra, porque os outros não entraram.

E4: Que nem o negócio lá da empresa, né. Se não tivesse um pau mandado todo mundo sairia. Só que nisso tem mais de trezentos ministros aí, tem ministro aí até pra botar no futebol. Pra quê? Pelo esporte? Então...

E4: Ministro da pesca.

E4: Mas pra que colocar um ministro? Gastar uma fortuna pra não fazer merda nenhuma.

E4: É desnecessário isso.

E4: Tinha que ser tudo escolhido pelo cidadão.

E4: Quem que paga tudo?

E4: Eu acho também que ia ser melhor como na Inglaterra, porque a rainha que vê as coisas exteriores e o ministro cuida da política interna. Agora o Lula vai ficar, e esquece...

E4: Pelo menos ele fez alguma coisa, né?

E4: e se voltar o tempo da ditadura.

E4: Não é perda de tempo.

E4: Eu acho que é totalmente uma perda de tempo, eu acho que se alguém quer mudar é pra ganhar alguma coisa. Eu acho que se alguém vai fazer alguma coisa é porque ‘ah, tá chegando perto das eleições’ e ele fez isso, isso e isso. E não fez metade, um terço do que ele prometeu. Mas tudo bem, eu acho que pra mim não precisava ter...

E4: Eu acho que a minha mãe e meu pai eles vão contribuir pra uma merda, uma merda de novo, sempre a mesma merda. Nada melhora, eu acho que o principal para o Brasil. Por quê? Porque ninguém vai pra frente e os países que são de primeiro mundo, eles não são de primeiro mundo porque são melhores eles, os Estados Unidos, eles matam milhares de pessoas pra eles serem os melhores, por isso eu acho que a política abre uma porta pra tudo isso.

E4: Eu acho que vai de uma coisa de poder.

E4: Eu acho que não, por exemplo eu acho que não tem necessidade, pessoas inocentes morrem pra que algumas pessoas tenham uma vida muito melhor.

6.5 ESCOLA PÚBLICA LOCALIZADA NA REGIÃO QUASE PERIFÉRICA – E5

6.5.1 Educação, Escola e Trabalho

Para os jovens dessa escola da região QP o estudo está ligado ao aprendizado e aquisição de conhecimentos e o interesse do aluno depende fundamentalmente da capacidade e da forma como os professores os tratam. Referem queixas de professores inadequados, “estúpidos”, que “já chegam” com problemas, “são rebeldes” e às vezes “estão nervosos”, dificultando o trato com os alunos e a percepção de suas diferenças. Os jovens sentem-se sem espaço para dialogar e questionar o professor tendo que respeitá-los e “baixar a cabeça” “mesmo que ele esteja errado”. Observam-se relatos mais empobrecidos quanto ao conteúdo e pouco aprofundamento nas discussões e reflexões possivelmente como reflexo das próprias condições de estudo e aprendizado oferecidas pela escola pública em que estudam.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “estudar é um tédio”.

Expressão debatida: estudar é um tédio

E5: nem sempre...

E5: devido a você ser estudante e professor.

E5: se o professor é chato.

E5: aprender, saber.

E5: estou em dúvida.

E5: ah, pelo mesmo motivo, depende do professor, da matéria, tudo.

E5: tem matérias que até a gente gosta, mas tem professores que são estúpidos com a gente,

e a gente acaba não gostando da matéria.

E5: estou em dúvida.

E5: porque eu gosto de educação física e não dá...

E5: ah, acho que não, porque o professor respeitaria a gente...

E5: seria mais ou menos...

E5: porque colocar na lousa seria igual...

E5: ah, porque às vezes eles estão com algum problema e...

E5: não é que não respeitam, eles já chegam e...

E5: eles são rebeldes...

E5: e se estão nervosos...

E5: tem professores que não gostam dos alunos, têm outros que fazem diferenças, e isso não pode.

E5: tem que tratar todo mundo igual.

E5: tem alguns que tem mais dificuldade.

E5: tem uns que sabem...

E5: acho que o próprio jeito de tratar a gente mesmo. Tem uns que..

E5: depende como nos tratem...

E5: não, mas a gente tem que respeitar, mesmo que esteja errado, sempre a gente tem que baixar a cabeça.

6.5.2 Família, Pares e Relacionamentos

Os jovens dessa escola dão maior importância à família do que aos amigos, percebidos com desconfiança. O amigo somente está presente nos momentos bons e quanto se precisa para uma ajuda num momento ruim se ausenta e ainda pode traí-lo, “te apunhala pelas costas”. A confiança existe quando o amigo é “verdadeiro”, “aquele que está ao seu lado” em todos os momentos. O sentimento de tristeza é percebido negativamente e pode tornar a pessoa inferiorizada e suscetível a abusos por parte dos outros. Relatam situações que sugerem experiências de extrema tristeza, como depressões com ideias suicidas, situações de luto, câncer, dificuldades no trabalho, e que afetam toda a família. Também a tristeza gera angústia e mágoa e é obstáculo para a felicidade. Dessa forma precisa ser evitada ou abolida. Uma forma de evitar a tristeza é substituí-la pela raiva outra é não deixar o sentimento transparecer, escondê-lo. Também se pode buscar isolamento ou confidenciar com família ou namorado. Referem que o valor do dinheiro é secundário em relação à família e a saúde. Também a amizade, o afeto entre as pessoas, a lealdade são condições humanas que não podem ser adquiridas com o dinheiro. Dessa forma mais vale se manter

em uma condição menos favorável de vida do que a perda de valores humanos, como a honestidade e os meios éticos para conseguir ascensão.

O prazer propiciado pelo sexo pode ser algo bom, mas também pode se tornar algo viciante como uma dependência por drogas, virar um consumo indiscriminado ou algo banalizado. Também pode ser vivido de maneira irresponsável gerando consequências ruins, como “pegar uma doença grave”. Percebem dificuldades de diálogo com os pais sobre o tema do sexo. Valorizam o uso da camisinha nas relações sexuais como forma de prevenir doenças e uma gravidez não desejada poderia comprometer o futuro e o presente, pois ainda não se veem preparados para sustentarem uma família.

Os jovens valorizam o uso da camisinha nas relações sexuais como forma de prevenir doenças e uma gravidez não desejada poderia comprometer o futuro e o presente, pois ainda não se veem preparados para sustentarem uma família. O não uso da camisinha está relacionado à busca de prazer imediato sem medir as consequências, sendo este comportamento mais ligado ao homem. Compreendem que a responsabilidade é mútua entre os sexos, porém cabe à mulher decidir. Quanto às fontes de informação e orientação referem que houve diminuição de campanhas e propagandas e na escola é um assunto pouco debatido restringindo as trocas ao círculo de amigos. Compreendem que as palestras somente interessam às pessoas que não possuem nenhuma informação sobre o tema.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram as expressões “nada é mais prazeroso do que estar com os amigos”, “sexo está em primeiro lugar em matéria de prazer” e “usar camisinha não está com nada”.

Expressão debatida: nada é mais prazeroso do que estar com os amigos

E5: todo mundo discorda?

E5: ah, porque não é só os amigos, você tem a sua família também, não é só os amigos que te deixam feliz, tem bastante coisa, família...

E5: ah, porque estar com os amigos é bom.

E5: acho que está dividido, os amigos, a família, a gente não vive só de um.

E5: do meu ponto de vista a nossa vida não é constituída só de amigos, né, tem família. Porque também muitas vezes essas pessoas que se dizem seus amigos, não é bem assim...

E5: discordo. Ah, porque família é família, né.

E5: dá, mas tem amigos que dão mais.

E5: a gente leva mais em conta a família...

E5: porque a família faz parte de você, agora os amigos, não todos são amigos verdadeiros.

E5: existem, mas é pouco...

E5: pouco.

E5: porque o amigo se importa com você quando você está em um momento bom. Quando você está em um momento ruim deixa você de lado.

E5: o amigo verdadeiro é aquele que está do seu lado...

E5: você pensa que é amigo e quando você vê te apunhala pelas costas...

E5: tem pessoas que no emprego falavam uma coisa e...

E5: ah, porque aqui a gente presta mais atenção, né, que é aluno. Lá a gente trabalha, se distrai.

E5: é, estamos sempre um do lado do outro, sempre.

E5: todo mundo usa máscara, né, agora tem que falar sério, aí na classe falam brincando...

E5: usar máscara?

E5: acho que não. Às vezes a gente tenta e não consegue...

E5: muitas vezes essa máscara transmite um ponto negativo, do meu ponto de vista...

Expressão debatida: sexo está em primeiro lugar em matéria de prazer

E5: eu estou em dúvida. em relação a prazer.

E5: uma coisa que você gosta, que faz bem. Que cada vez você quer mais, que você acaba viciando, vamos dizer...

E5: é uma droga...

E5: estou em dúvida.

E5: estou em dúvida. É, depende...

E5: tem sexo com prazer, e aquele sexo que você só faz pelo prazer...

E5: (Comentam de festas 'rave', onde o pessoal transa indiscriminadamente)

E5: ah, eu estou em dúvida, primeiro porque eu nunca fiz e sei lá eu acho que não é a única coisa que vai dar prazer para a pessoa.

E5: pode ser para dar prazer ao outro...

E5: estou em dúvida, nunca fiz.

E5: você pode pegar uma doença grave.

E5: a vontade é tanta de fazer que nem pensa...

E5: tem pais também que não falam nada para o filho, de camisinha, essas coisas, outros podem falar, mas o pai é o mais importante.

E5: é, todo mundo sabe tudo, mas...

Expressão debatida: usar camisinha não está com nada

EB: não. Só discordo...

E5: só discordo.

E5: porque tipo se você não usar camisinha você pode pegar uma doença

E5: hoje você tem que pensar em várias coisas, se não usar você pode engravidar, se não tem condições, como se fala, de manter uma família...

E5: tem que usar sim, para prevenir doença...

E5: ah, tem que usar para se prevenir, porque hoje tem várias doenças. Uma gravidez...

E5: ah, eu acho que deve usar, sim, porque na verdade, tem várias doenças, e uma gravidez indesejada também pode atrapalhar o futuro da gente. Uma gravidez indesejada você pode

perder a sua adolescência inteira e tal. E as doenças hoje, você conhece uma pessoa na balada, é linda, mas por dentro você não imagina como ela seja e tal..

E5: ah, muitas coisas pela coisa do machismo, de você parar para pôr camisinha, tem todo esse negócio..

E5: pode ser uma vez só também, e falar – não vou usar camisinha, é só uma vez.

E5: eu acho que é responsabilidade dos dois.

E5: sempre a mulher que, a mulher que acaba decidindo.

E5: ah eu acho, você pode ver que pararam um pouco de passar essas propagandas, você vê assim, mais de vez em quando...

EB: parece que uns anos atrás tinha e que depois parou. Tinha palestra.

EB: você escuta, fica pensando, servem para quem não tem informação de nada.

6.5.3 Consumo de Substâncias Psicoativas

Os jovens dessa escola compreendem que o álcool é uma droga como as outras. As pessoas podem ter maior consciência e beber moderadamente ou podem ter menor consciência e abusar da bebida trazendo problemas em suas vidas. As pessoas que não tem controle sobre o consumo de álcool são mais suscetíveis e se deixam influenciar pelos pares. O consumo de álcool pode levar a pessoa a engordar e adquirir problemas de saúde.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “Bebidas alcoólicas deveriam ser permitidas para menores”.

Expressão debatida: bebidas alcoólicas deveriam ser permitidas para menores

E5: que estou em dúvida porque depende muito da... da bebida, da quantidade de bebida que a pessoa vai beber. Tomar uma cerveja, um vinho... não tem problema... em Natal... agora se for para ficar...

E5: eu discordo, porque é uma droga também.

E5: então, tem umas pessoas menores que tem moderação, mas tem umas que querem extrapolar... se você beber consciente assim, o tanto que você pode, tudo bem, mas tem pessoas que não, que extrapolam...

E5: ah, eu acho que a gente não tem idade para beber [...].

E5: concordo.

E5: coloquei que estou em dúvida, porque vai depender muito se a pessoa bebe um copo só ou uma garrafa.

E5: mas uma garrafa...

E5: então, tem umas que vão beber só um pouco, mas outras vão ficar bebendo, bebendo e perdendo o controle do que estão fazendo.

E5: quem tem moderação tem uma consciência maior que os outros. Agora tem outros que vão pela cabeça dos outros... que bebe até cair...

E5: ... até cair... e é pelos amigos... sempre... influencia dos amigos...

E5: não, tem muitos de 15 que tem mais cabeça que os de 18...

E5: verdade.

E5: é, reflete, dependendo da cabeça da pessoa... pode fazer mais besteiras.

E5: além da pessoa engordar, fica com problema no fígado...

E5: a pessoa fica mais soltona...

E5: é... mas eu não sou muito disso, eu não gosto. Em casa quem bebe é a minha mãe, mas quando ela está com meus tios, por influencia.

As representações cotidianas desses jovens em relação ao consumo de maconha focalizam os efeitos psicoativos como causador de dependência à qual conduziria o sujeito a prática de crimes. No entanto trazem questionamentos quanto ao simplismo da equação droga-dependência referindo necessidades de maior debate e conhecimento sobre o assunto. Observam que as pessoas estão bem informadas quanto a riscos e perigos relacionados ao consumo e que estão conscientes de suas escolhas. Em relação às políticas apresentam posição contrária à legalização, mas reconhecem que a proibição gera problemas para os usuários, com maior exposição do tráfico e das ações policiais.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “a maconha deveria ser legalizada”.

Expressão debatida: a maconha deveria ser legalizada

E5: não, jamais, jamais.

E5: eu acho que sim.

E5: discordo porque você acaba perdendo amigos, família...eu acho muito errado.

E5: se é droga, não tem nada de ser legalizado. E é uma coisa que faz mal para a pessoa. Se ela é agitada, piora.

E5: e o tráfico, tudo? Aí vão vender maconha na padaria?

E5: discordo...porque criança pequena já começa a ir e comprar maconha...é ridículo isso. Além de morrer cedo, prejudica...doidão.

E5: é que hoje em dia os jovens roubam coisas da sua própria casa para comprar, e isso vai acabar crescendo mais ainda, né. E o pior que se ele entrar no mundo das drogas não tem como ele sair, ele acaba viciando. E também o sofrimento dos pais desse jovem. Não digo que seja impossível, ele pode se tratar e deixar as drogas, mas eu discordo completamente.

E5: discordo plenamente...por que nunca vou aceitar isso.

E5: não leva a lugar nenhum.

E5: é um assunto que precisa ser muito bem discutido. As pessoas que usam maconha hoje eles sabem do perigo, acho que se a pessoa quer se matar, se mata. Para mim cada um tem sua escolha, a maioria deles sabe o que está fazendo. Eu não sei se deveria ser legalizada ou não, mas eu acho que deveria se ver o que está acontecendo aqui no Brasil.

E5: muitos vão pelos amigos...

E5: bom, mas depende de cada um...

E5: é, da cabeça de cada um.

E5: ia ter um monte de doidão aí.

E5: é, agora você vê... aquele monte de gente fumando maconha e a polícia do lado.

E5: ia piorar a situação.

As representações cotidianas desses jovens em relação ao consumo de crack focalizam os sujeitos problemáticos (ladrão, maconheiro) que não tem consciência dos seus atos. O consumo de crack significaria um grau maior de gravidade ou etapa avançada da dependência que se iniciou com “drogas mais leves”. O sujeito é percebido como acrítico e sem consciência dos atos (prática de crimes para sustentar o vício) e sua condição de dependência. Ponderam que podem ocorrer situações de consumo de crack mais controladas em que o sujeito não se lança à prática de crimes

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “somente os nórias usam crack”.

Expressão debatida: somente os nórias usam crack

E5: sei lá, não sei o que é crack...

E5: discordo porque, eles ficam nórias, mas tem muitos que tem a responsabilidade, não ficam tão...

E5: o que é nória?

E5: ah, o doidão.

E5: deu. Sem o crack também, por influencia dos amigos, para não perder amizade...

E5: é, para não perder amizade...

E5: eu discordo completamente.

E5: porque tem, vamos supor, nória, vai, nória para mim são aqueles meninos, meninas, né, que fazem isso para aparecer para os outros, fazem isso porque está na moda..

E5: não, bebida, não importa o que seja...

E5: estou em dúvida...

E5: é droga, que não presta...

E5: nória, ladrão, maconheiro...

E5: eu coloquei que discordo, porque uma pessoa que usa drogas não precisa ser um nória...

E5: aquela pessoa que não consegue responder pelos seus atos.

E5: eu discordo..

E5: eu discordo...

E5: às vezes tentam fugir, digo dos problemas que ela tem, elas tentam, mas não conseguem, acabam piorando. Porque aí chegam outros problemas, vão piorando...

6.5.4 Participação Política

Para os jovens dessa escola a política atual é percebida com desconfiança onde somente participam os “maus” e os “bons” não querem fazer parte, deixam de se preocupar com o bem comum por desinteresse ou comodidade. Observam que a melhor forma de reagir às situações conflituosas e de opressão é através do conhecimento da realidade e do diálogo que tanto pode ser defensivamente como “agressivamente”. Compreendem que é necessário estarem mais bem preparados para defender seu ponto de vista sobre um determinado assunto ou questão. Observam situações de opressão presentes no cotidiano do trabalho em que se sentem ofendidos, mas não podem se defender pela condição de subordinação. Por um lado se mostram pessimistas quanto às possibilidades de melhoria da vida em geral. Há uma descrença nas pessoas e nas instituições (polícia, educação) que não zelam pelo ambiente e pelo cumprimento das leis, não educam e protegem os cidadãos, o que seria diferente em países de primeiro mundo em função de instituições e legislações mais consistentes.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “sou brasileiro nunca desisto”.

Expressão debatida: sou brasileiro nunca desisto

E5: coloquei concordo, que nem ela disse, eu também tenho vontade de ir para os EUA. Mas ir para os EUA, não ser uma americana, eu acho que não tenho vontade. Porque eu acho que nem todo mundo que é de cada país... às vezes tem vontade, né [...] às vezes alguém pode estar com vergonha... esses governadores que só roubam e não ajudam, né... mas eu não tenho vergonha de ser brasileira, e não queria ser de outro país. Não, eu acho legal. Não sei, por ser nativa assim, eu gosto. É isso.

E5: eu coloquei que estou em dúvida, não por isso. Por ter vontade de... eu coloquei porque assim, eu sou brasileira, não vou desistir de lutar pelo meu Brasil, o tanto que eu posso, mas eu não vou conseguir mudar o Brasil sozinha, entendeu. E assim, concorda que 80%... 70% da maioria quer derrubar o Brasil do que ajudar o Brasil? Entendeu, então assim... eu estou em dúvida por causa disso. Sou brasileira e não desisto nunca, mas às vezes...

E5: que você concorda que em outro país você vai estar mais feliz do que no Brasil, que aqui estão derrubando as pessoas ultimamente? Isso que está acontecendo, eu acho, assim. O governo está muito para baixo... e... oh... esses dias eu estava muito abismada, por causa que a Prefeitura de Santo André está fazendo muita coisa para cá, não sei se vocês já perceberam... Gente... o que tem de pichador, de gente derrubando tudo...

E5: aqui não pode fazer nada...

E5: não pode fazer nada!

E5: no outro dia já está tudo quebrado...

E5: ônibus... colocaram um ônibus novo para a gente aqui... já está tudo pichado...

E5: tudo pichado!

E5: acho isso ridículo, entendeu, por isso que eu falo... que nem... em um país de primeiro mundo tem lei para esse tipo de coisa, esse tipo de vandalismo. Então, acho que as pessoas vivem melhor lá.

E5: que concordo, porque acho que a gente não tem que se conformar com o Brasil do jeito que está. Acho que cada um fazendo a sua parte, acho que vai ajudar, entendeu. Ah... por não desistir mesmo, entendeu, de querer melhorar o Brasil, acho que cada um tem que fazer a sua parte mesmo, mesmo achando que não vai dar, acho que cada um tem que fazer a sua parte, e um pouco que você faz já está ajudando muito. Acho que é isso.

E5: ah, coloquei que concordo, mas não só pelo patriotismo, que as pessoas estão falando muito – ah, eu sou brasileira -, mas assim... coisas de brasileiro... você quer fazer uma coisa e – não, eu não vou desistir porque eu sou brasileira -, eu quero passar na faculdade e – eu sou brasileira e não vou desistir nunca -, acho que não é só esse negócio de patriotismo, né. É uma coisa de sonho, de pensar, de perspectiva no futuro, é – eu quero, não vou desistir -, e não desistir mesmo, eu penso assim. Não só essa parte de patriotismo do Brasil... ser patriota. Até aparece naquele livro do Policarpo Quaresma...

E5: eu concordo pelo fato que a gente nasceu no Brasil, tem que lutar sempre... o povo brasileiro tem fama de ser bem trabalhador... então...

E5: gente, a gente não pode confiar mais em ninguém, nem polícia para defender a gente...

E5: também está envolvido no meio da bandidagem... entendeu... não pode! Como que a gente vai ser feliz em um país assim? Oh... tem país aí fora... que você joga um papel na rua e você leva multa, vai preso. Cuspir no chão... Que lei que tem?

E5: para quem mora no Brasil desde que nasceu... você conseguiria viver em um país desse? Você seria feliz?

E5: depende. Se eu tivesse a minha família junto comigo, com certeza eu seria. Não ia ficar sozinha...

E5: então, você sem querer deixa cair um papel e é presa...

E5: ah, mas aí também depende do jeito que a gente é criado, né...

E5: aí que está, você conseguiria ficar sem jogar um papel no chão?

E5: por exemplo, o trânsito... a avenida lá não tem farol na rua. Aí, vamos supor, tem um pedestre, o carro é obrigado a parar para o pedestre passar. Aqui no Brasil não. Atropelou, sai andando... e o cara fica lá, caído no chão...

E5: e ninguém...

E5: eu coloquei que eu concordo, que eu acho assim... brasileiro ele já é criado de uma forma assim de lutar pelas coisas que ele quer. Nada vem de graça. E eu acho assim, se a gente tentar, a gente consegue. A gente não precisa mudar de país para ter leis mais justas. A gente precisa lutar, para que essas leis que existam, elas venham a funcionar. Porque também não adianta lei se não funcionar...

E5: a maioria é contra a minoria, né. Então, não tem como você fazer... nossa... e dá raiva porque... que nem... eu e A. aqui, eu arrumo o que ela bagunçou. Aí na minha frente ela vem e desarruma!, entendeu? Não dá raiva? Você vai acabar desistindo. Eu acho que é assim...

E5: mas aí que está, brasileiro não desiste nunca...

E5: eu concordo, mas... Essa frase é igual à primeira, achei muito igual, mas com um sentido mais social... pelo caso do Brasil ali... então... eu achei praticamente a primeira frase, então... Ali falando como um todo, mas aqui já tem o Brasil, então...

E5: não, a primeira era dependia de você... e essa aqui não, depende também das outras...

E5: da população...

E5: mas é praticamente o mesmo sentido.

E5: mas esse que é o problema. Os bons não querem se meter no meio dos ruins, entendeu? Porque vai ser que nem você... que nem na Favorita de novo... tem o cara que quer ser prefeito... os dois é bom... porque um está sendo influenciado pelo pai... entendeu... o pai quer que ele seja ruim, só que ele não quer ser ruim. E outro já não, o outro é bom de

qualquer jeito. Só que ele está com medo de se enfiar no meio da política, por quê? Porque todos são ruins, ninguém presta. O dinheiro sobe na cabeça, não adianta.

E5: mas depende, se a pessoa tem cabeça feita, ela não vai mudar por causa que uma pessoa reclamou, então, eu acho que todos tem que reclamar... isso que está falando, a maioria contra a minoria...

E5: é, a maioria por comodidade, né...

E5: para mim estou trabalhando, tem a minha casa... tenho o que eu quero, tipo, está bem assim para mim, então tá bom. Por que reclamar?

6.6 ESCOLA PÚBLICA LOCALIZADA NA REGIÃO QUASE PERIFÉRICA – E6

6.6.1 Educação, Escola e Trabalho

Os jovens dessa escola sugerem desinteresse pelos estudos e busca de conhecimento como condição para o desenvolvimento pessoal. O estudo formal é vivido como algo obrigatório que não leva em conta os desejos e necessidades dos alunos. Os professores, algumas matérias (português), e a pedagogia são insatisfatórios e produzem rejeição e desestímulo. Há maiores insatisfações com os professores que se mostram indisponíveis e sem criatividade. Somente valorizam determinados conteúdos e disciplinas quando vão ao encontro de alguma afinidade pessoal. Projetam estudo mais satisfatório na universidade, quando poderão escolher como consumidores algo não obrigatório, já que trata-se de ensino pago, poderão melhor escolher ou descartar o que não querem. No entanto argumentam que o estudo é fundamental para se conseguir uma melhor colocação no mercado de trabalho. Hoje em dia até profissões menos valorizadas socialmente como gari e lixeiro requerem estudo. Citam exemplos de familiares que não tiveram estudos e que conseguiram ser bem sucedidos no trabalho e na vida, mas ponderam que a tendência atual é uma inversão desse quadro. Para esses jovens a leitura pode ser uma forma de distração, prazer, de adquirir cultura e aprendizado. Ler é algo mais útil do que assistir televisão, no entanto há rejeição e impaciência em relação a leituras compreendidas como difíceis, e também da literatura brasileira. Nesse caso preferem se ocupar com televisão ou computadores.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram as expressões “Educação garante o futuro”, “Estudar é uma perda de tempo”, “Estudar é um tédio” e “Ler um livro é uma chatice”.

Expressão debatida: educação garante o futuro

E6: ah, eu não acho que só educação que vai levar você para o futuro. Também tem um trabalho... você tem que fazer... Não é só o estudo...

E6: porque a escola nem sempre ensina... só você trabalhando mesmo para você aprender, assim, na prática.

E6: não só educação, mas também o seu jeito de ser, de agir, isso conta bastante.

E6: ah, eu assim... tem muitas áreas da minha vida, eu pensei em uma, seria meu trabalho. Aí sim, eu acho que a educação vai ser importante...

E6: eu acho que só ir na escola, só estudar... só estar aqui... acho que não é o bastante. Acho que tem muita além disso, por isso que eu coloquei que estou em dúvida.

E6: você sempre tem que estar querendo mais, pensando em mais coisas...

E6: você sempre tem que estar buscando mais aprendizado, para você conseguir chegar a um nível bom... as pessoas sempre pedem mais, né...

E6: não é tudo...

E6: eu pensei futuro... me manter... aí eu achei que a educação vai ser essencial.

E6: porque o que eu disse... só estar aqui, se dedicar, fazer lição... não garante, tem que ter força de vontade, tem que ter mérito... tem que correr atrás, um pouco de tudo.

Expressão debatida: estudar é uma perda de tempo

E6: Eu discordo.

E6: Eu também.

E6: Eu discordo plenamente.

E6: Eu acho que quanto mais informação melhor.

E6: Eu acho que sem estudo você não é nada e você não chega a lugar nenhum que até pra você ser um gari ou um lixeiro você tem que ter pelo menos um segundo grau e se você não tiver você vai fazer um trabalho pra ganhar 100 reais, o que você vai fazer com 100 reais, você vai conseguir se sustentar só com 100 reais? Você não vai conseguir se sustentar só com 100 reais.

E6: Isso, acho que cai naquela outra frase que a gente falou, o mundo mudou..., antigamente não era assim, que nem, o meu pai não estudou, a minha mãe não estudou, o meu pai não estudou tanto mas e aí, tem a oficina dele, serviço braçal, eu acho que estudando fica mais fácil.

E6: Pra você ter um trabalho bom eu acho que você tem que ter qualificação.

E6: Deixa o W. falar.

E6: Antigamente, assim que nem o meu tio estudava, não estudava, agora eles têm um monte de coisa, têm carro, casa própria, tem muitas coisas, uma família já então, eu acho que agora esse negócio de estudar é bom. Só que antigamente não era assim.

E6: As coisas eram mais fáceis.

E6: Era mais fácil, você podia ter até a quinta série e já era.

E6: Assim, eu tenho um amigo do meu irmão mais velho que tem 30 anos, ele começou a fazer a faculdade de logística, a auto mecânica chamou ele pra trabalhar aí ele está há 2

anos na firma e hoje ele já é chefe, tem um cara que é amigo dele que trabalha junto com ele que está há 17 anos na firma e faz a mesma coisa há 17 anos e teve um dia que o chefe dele chegou nele e perguntou assim, 'o que você quer, qual cargo você quer aqui dentro', o meu irmão, não apontou o dedo, ele falou assim, 'eu quero o seu', aí o cara falou assim 'tá bom', aí ele virou pro outro cara e falou 'o que você quer?', aí ele falou baixinho 'eu quero isso', hoje o meu irmão tem o cargo do chefe dele, ele recebe mais do que qualquer outra pessoa que trabalha ali junto com ele, ele descarrega caminhão, ele usa o Nextel, acho que isso tudo levou ela a isso, eu falo o meu pai não terminou o colégio, ele trabalha na Ford por sorte porque ele não procurou uma faculdade nem nada, está há 30 anos fazendo a mesma coisa, só que acho que meu irmão, acho que pelo meu pai não ter faculdade nem nada disso, hoje ele quer que a gente tenha, eu e meus outros irmãos.

E6: É tudo muito direto, você tem que estudar pra conseguir um emprego lá na frente.

E6: Isso é consequência, né.

Expressão debatida: estudar é um tédio

E6: concordo.

E6: concordo plenamente, põe ali para mim, por favor.

E6: concordo...

E6: pensa, você acordar todo dia às 6 horas da manhã, cinco dias da semana, acordar. Você acorda, cinco vezes na semana às 6 horas da manhã.

E6: mesmo assim...

E6: mas se fosse assim, ninguém estudaria.

E6: é verdade...

E6: é que você sabe que vai ter alguma coisa depois, porque senão ninguém.

E6: eu discordo, porque tem coisas que você gosta de estudar, entendeu, você tem afinidade.

E6: ah, eu tenho afinidade...

E6: educação física... (alguém ironizando)

E6: tenho afinidade com informática, essas coisas, gosto de estudar. Mas tem coisas, tipo física, vai...

E6: acho que tudo que é obrigado a estudar não é legal...

E6: eu não gosto de português...

E6: não, aí eu não gosto de português por causa da professora de português...

E6: porque eu acho assim, obrigação de estudar é um tédio. O que é obrigado é um tédio. Teria que ter um jeito de explicação que para você não é um tédio. Que nem, se eu for fazer uma faculdade, e eu sentir isso, eu paro a faculdade, estou gastando dinheiro a toa...

E6: tem que gostar do que eu estiver fazendo na faculdade. Aí você estudar o que você não quer é um tédio. Do jeito que você não quer...

E6: é, vai ter possibilidade se eu quero continuar estudando ou não e o que eu vou estudar. De que maneira eu vou estudar, essas coisas assim.

E6: o que ela falou, quando for a faculdade vai ser uma coisa que a gente gosta, entendeu...

E6: aguentar professor chato...

E6: agora, aguentar um monte de matéria que você não gosta...

E6: se você não gosta, você não está prestando atenção, então aí você nem liga para o que está passando, então não serve para nada...

E6: hoje tem professores assim que explicam de uma forma que dá um tédio. Por exemplo, uma professorinha aí, que eu não vou falar o nome...

E6: o professor está falando uma coisa e parece mais complicado ainda...

E6: é...

E6: tem professores que não explicam...

E6: e mesmo quando a gente quer entender, por exemplo – eu não entendi -, aí o professor fica reclamando...

E6: saber que amanhã vai estar tudo assim de novo, é um tédio, isso é um tédio...

Expressão debatida: ler um livro é uma chatice

E6: discordo.

E6: eu também.

E6: principalmente livro de português...

E6: então, discordo porque o livro é uma ótima companhia, quando você está sozinha, não tem nada para fazer, pega um livro e também que você adquire muito conhecimento, você aprende muitas coisas no livro, e não assistindo televisão...

E6: por isso para mim não é uma chatice, eu me divirto muito, viajo para outros mundos sem sair de casa...

E6: eu discordo também. Se você liga a televisão tem o Big Brother, que tem um monte de besta lá. Se liga a televisão só tem seriado de sexo, sexo, sexo...

E6: então, a televisão tem coisas ruim, mas o livro é bom também, para mim é um prazer ler, é muito bom, como ela falou, é conhecimento, cultura, então não acho chatice, eu gosto. Só que depende do livro, tem livro que você não aguenta mais...

E6: literatura brasileira eu odeio, mas o único que eu gostei foi Vidas Secas...

E6: eu não entendi, o tipo de linguagem...

E6: é, às vezes a linguagem é muito difícil...

E6: não, mesmo a linguagem sendo difícil não gostei da história. O Primo Basílio... Dom Casmurro... Memórias Póstumas... a linguagem é difícil...

E6: eu achei meio confuso, porque ele muda assim...

E6: eu gostei porque faz uma análise psicológica de cada personagem.

E6: é que a afirmação que está fazendo aí está generalizando todos os livros, por isso que estou em dúvida, agora se fosse um livro específico, aí ia ser mais fácil de saber.

E6: porque tem livro bom e tem livro ruim...

E6: tem livro bom, que você gosta e tem livro ruim...

E6: tem livros que é chatice ler...

E6: esses que eu falei... O código Da Vinci... e eu odeio literatura brasileira...

E6: isso que ele falou, de um livro ser ruim. A gente não vai saber sem ler...

E6: então, vou ler até o final o livro...

E6: tem livros que você percebe logo no começo...

E6: mas até você criar uma opinião, então você vai precisar ler. Para falar isso, - eu li e não gostei -.

E6: ah, é, porque você começa a ler, enrola, enrola, enrola e vai ver no final que é o Zezinho que matou. É uma chatice. Primeiro, eu não gosto de ficar parado porque livro dá sono, eu não gosto de ficar parado...

E6: não tenho paciência. É que nem novela, meu Deus, como é que vocês tem paciência? Com tanta coisa para fazer, eu vou ficar lendo um livro chato lá, com umas palavras que eu nunca vi na vida, nunca ouvi, e o que eu vou fazer no futuro? Eu não vou usar isso na minha vida, entendeu?

E6: lógico, vou assistir televisão, vou mexer no computador...

Esses jovens também concordam que as pessoas com boa aparência têm maiores chances para conseguir ingresso no mercado de trabalho. No entanto ressaltam que a capacidade e a competência fazem diferença em determinadas profissões, pois as empresas têm exigido cada vez mais habilidades e preparo das pessoas. Acreditam que é preciso ter força de vontade para ser bem sucedido na vida. Todas as pessoas têm capacidades que favorecem a concretização de suas aspirações e sonhos, mas também depende de sorte e de outras coisas para além da vontade individual. Também que não basta ter esperteza ou inteligência para ser bem sucedido no trabalho. Há pessoas que tem estudo e formação profissional, mas não conseguem emprego e outras que não tem estudo e têm bons empregos e bons salários, essas tem sorte. Há ainda o interesse por determinadas empresas que buscam pessoas pouco inteligentes e sem instrução, o que permitiria maior exploração do trabalho. Os jovens deste grupo têm opiniões ambíguas quanto à crença em se arriscar para ser bem sucedido. As principais preocupações dizem respeito ao fracasso ou sucesso das iniciativas sendo que alguns tendem a evitar o investimento para minimizar riscos e outros tendem a exacerbar os investimentos pelo receio do fracasso. Para alguns é necessário ser competente e ter iniciativa para ser bem sucedido na vida, agir certo e não enganar os outros. A possibilidade de projeção pela mídia pode abrir portas para uma carreira de trabalho e ainda tem importância pelo aspecto econômico, de ganhar dinheiro fácil. Também a exposição na mídia é percebida como negativa para a pessoa. O programa do Big Brothers influencia a opinião pública para o consumo de bebidas, festas, questões relacionadas à sexualidade, para a busca da aparência e do enriquecimento fácil. As pessoas são utilizadas para mostrar uma falsa realidade do que são na vida real. Para aqueles que fracassam nos objetivos de projeção e prêmio acentua-se a necessidade de busca de fama o que pode prejudicar a vida emocional. Há uma invasão na privacidade e exploração do corpo.

Observam que o acesso a um trabalho não necessitava de tanta qualificação e preparo como atualmente. O dinheiro tem importância relativa na vida e não promove por si só a felicidade das pessoas. No entanto

o dinheiro é identificado como uma necessidade para que as pessoas possam ter acesso aos bens e melhorar as condições de vida. Identificam pessoas de classes menos favorecidas economicamente que se mostram felizes, alegres. No entanto ter boas condições econômicas possibilita o acesso a determinados produtos, realização de desejos e aquisição de cultura, como roupas caras, um carro bonito, uma boa casa e poder viajar.

Para esses jovens adquirir sucesso através de meios ilícitos e antiéticos resulta em crise de consciência e autopunição. As pessoas podem ser bem sucedidas no plano econômico, mas serão sempre infelizes e solitárias. A pessoa terá valores e a consciência corrompidos destruindo sua sociabilidade sendo que o poder e o dinheiro não irão preencher esse vazio nas relações. O desfecho será sempre de algum tipo de punição incluindo castigos divinos como doenças. As pessoas que se lançam para buscar enriquecimento a qualquer custo são percebidas como problemáticas ou porque buscam preencher necessidades alienadas, não compreendidas ou porque são fracas ou são más por escolha pessoal. Ainda as drogas podem fragilizar o caráter

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão as expressões “bom é estar sempre para cima”, “vence quem tem força de vontade”, “quem é bonito nem precisa se esforçar para se dar bem”, “só se dá bem quem é corrupto ou passa o outro para trás”, “gostaria de ser um big Brother”, “só se dá bem quem é esperto”, “quem não arrisca é um perdedor”, “dinheiro não trás felicidade”, “quem não tem competência não se estabelece”, “a melhor defesa é o ataque”.

Expressão debatida: bom é estar por cima

E6: claro, porque tipo, porque bom não necessariamente é estar de alto astral, pode ser um bom não tão grande, menos assim e está bom, entendeu.

E6: e, tipo estou de bom astral e o pai está para morrer, aí o pai da M, morreu... e ela...

E6: não é estar xingando todo mundo...

E6: não, mas assim, cada coisa tem o seu momento. Se está triste, está triste. Mas não que você vai ficar assim a vida inteira...

E6: ah, eu queria ficar sempre para cima...

E6: ah, eu acho que bom não é estar sempre para cima... Agora às vezes eu estou triste, mas eu estou no meu canto, para mim está bom, estou bem assim. Não que eu esteja triste, mas

às vezes não estou de bom astral, estou até de mau humor, mas estou quietinha no meu canto, sei lá, assistindo TV, fazendo alguma coisa que eu goste, não estou de bom astral, mas eu estou bem.

E6: T, por que você concorda completamente, que o importante é estar de alto astral...

E6: acho que ficar para baixo para que? Tem que curtir...

E6: ah, o importante é estar sempre para cima, de alto astral, sempre e aí a discussão. Você falou – eu concordo completamente.

E6: não, acho que eu discordo...

E6: não é importante estar o tempo todo assim. Às vezes, puxa, ah, não sei explicar, mas estou entendendo...

E6: mas aí vai ficar com uma mágoa para o resto da vida?

E6: não, né?

E6: se acontecer alguma coisa que seja muito triste, você vai ficar...

Expressão debatida: vence quem tem força de vontade

E6: bom, se você tem vontade, se você luta, você consegue...

E6: não tem como uma coisa fluir sem você ter aquela vontade...

E6: ah, eu acho também. Se você não tiver força de vontade para conseguir ir em frente você nunca vai conseguir atingir o seu objetivo.

E6: todo mundo é capaz, cada um tem que lutar pelo seu sonho e tem que ter força de vontade, tem que correr atrás, tem que participar, tem que fazer alguma coisa, para conseguir alcançar as metas.

E6: ah, eu concordo plenamente, porque eu pensei assim em mim, o que eu quero, os meus sonhos. Eu acho assim, que pelas coisas que eu quero, eu vou ter que ter muita força de vontade para conseguir. Como eu acredito que eu vou conseguir eu concordo plenamente, vai ser difícil, mas eu tenho que ter muita vontade e seguir atrás, senão...

E6: porque não por ter força de vontade você vai conseguir...

E6: depende também de sorte.

E6: às vezes tem coisas que impedem você de fazer. Você vai correndo atrás mas...

Expressão debatida: quem é bonito nem precisa se esforçar para se dar bem

E6: se você for ver um emprego já te olham... de cima até embaixo... que nem um professor falou que se você vai para uma entrevista, você está mal vestido, já a entrevista...

E6: a aparência ajuda muito a pessoa. Uma pessoa com uma tatuagem... às vezes já pensam que foi presa, assim...

E6: é, normalmente as empresas querem aquela pessoa perfeita ali... para mostrar para todo mundo, para vender coisas... Sempre tem aquela beleza... Eu discordo, porque muita gente tem capacidade mas não aparenta...

E6: eu acho que a aparência é sempre bom...

E6: eu já discordo, porque tipo assim... é toda bonitona, chega uma pessoa fala alguma coisa e – nossa, essa menina é tão bonita, mas quando abre a boca não tem conteúdo -, entendeu?

E6: mas também tem quem é bonito e tem conteúdo... Você pode ser bonito e ter conteúdo...

E6: ser bonito já é meio caminho andado, né. Todo mundo vai te aceitar, chegar perto... Agora, esse ponto de não precisar se esforçar... por isso que eu discordo plenamente... não é porque você é bonito que vai chegar lá e vai ganhar o emprego...

E6: é verdade...

E6: tudo bem, já ajuda, né, mas... só se você for modelo você vai ganhar o emprego. Quem

é modelo, bonita... vai lá e ganha o emprego... mas vai numa empresa... Eles querem conteúdo e não só aparência...

E6: só se for modelo, né...

E6: é, óbvio...

E6: mas se for bonita... e ela não se esforçar... ela vai ser usada.

E6: não adianta ser bonito e por dentro ser uma pessoa chata, que não sabe nada...

E6: ou então pode ser uma pessoa bonita, mas tem uma malícia, sabe julgar...

E6: esperta...

E6: tem 'jogo de quadril'(!)... chega lá diz que sabe tudo e vai aprendendo aos poucos. Também tem essa. Que nem, para ser vendedor em shopping, se você não for bem... você não é aceito. Porque se você for... a pessoa já não vai querer você... Só se for uma empresa... Mas se for para trabalhar com público você tem que ser bonito... mas também tem que ter conteúdo, porque você vai para uma entrevista e você não sabe falar nada? Ou fala tudo errado...

E6: tem que dosar...

E6: tem, um caminho andado...

E6: ser bonito ajuda, mas...

E6: se a pessoa se vestir bem, se sabe se portar com as pessoas...

E6: mas aqui diz 'bonito'...

E6: é, mas é tudo... Mas também você pode se vestir bem... aí depende...

Expressão debatida: só se dá bem quem é corrupto ou passa o outro para trás

E6: alguém alguma vez pode passar por cima de uma pessoa mais no futuro...

E6: ele não vai acreditar no que faz...

E6: passar alguém para trás... sempre vai voltar para você, você sempre vai ser prejudicado...

E6: eu acho que tem muitos espertos nesse mundo, mas eu discordo...

E6: depende esperto como...

E6: é, mas... em relação aos corruptos, como ela estava dizendo... eu acho que eles são ... ah... uma palavra... burros, porque como uma pessoa, sei lá, depender de outro, todo mundo... só para ganhar um cargo, um dinheiro e depois... sei lá... não tem um pinga de amor, de responsabilidade pelos outros que às vezes votaram nele... Eu acho que não tem juízo, não sabe o que faz.

E6: acho que corrupção, ter mais poder, ter mais dinheiro, eu acho que não leva a nada... não leva a nada, por isso que eu falo, plenamente.

E6: você pode ir atrás, mas não ficar trapaceando as pessoas...

E6: só estar atrás de dinheiro, poder... essa pessoa não tem amor...

E6: não tem consciência... Mais cedo ou mais tarde... Tem gente que a consciência não... não estão nem aí para nada...

E6: não, tem quem se dá muito bem até onde a gente quiser...

E6: depende da pessoa... se fizer tudo muito bem, e ninguém descobrir... aí tudo bem... Aí essa pessoa está ótima...

E6: a gente não pode pensar só em corrupção tipo agora... de eleição... então... não é só essa corrupção desse lado, aí existe, mas não é só disso. Existe também outro lado de corrupção, de dinheiro...

E6: em qualquer lugar...

E6: é, em qualquer lugar... é verdade... Você pode fazer, mas um dia...

E6: vai de cada um saber se acusa ou não...

E6: um dia lá na frente você vai ver que...

E6: você pode estar fazendo as coisas erradas... pode até se dar bem...mas e aí?, vai tem proveito em si mesmo... só isso... dos outros quero dizer...

E6: e quando ele encontrar uma pessoa que vai atrás também... aí que vai...

E6: nem todo mundo é esperto...

E6: é lógico...

E6: mas a vida não é só dinheiro...

E6: é, porque se você passou todo mundo para trás, quem vai ficar do seu lado?

E6: ele pode ter dinheiro mas... ele pode estar ganhando de um lado, sim, mas do outro lado ele pode estar perdendo... entendeu?

E6: é, de solidão, de tédio...

E6: é...

E6: e as pessoas corruptas acabam desconfiando de todo mundo, porque elas pensam que todo mundo é corrupto...

E6: ... e acaba se afastando de todo mundo, então ela vai se isolar... e o dinheiro não vai mais preencher essa solidão. Vai ficar sozinha...

E6: e quem vai confiar em uma pessoa dessas?

E6: e a consciência dele!

E6: se ele for influenciado lá na frente pode pensar – mas por que fiz isso -... mas aqueles que são assim mesmo não, você nasceu assim e vai ser assim.

E6: tem os mais inteligentes que...

E6: pode se dar bem... mas vai ter aquele dia que...

E6: é... Vai fazer mal para uma pessoa e – nada vai me impedir, nada vai quebrar a minha rocha! -... só que sempre vai acontecer, lógico que vai...

E6: pode vir outra pessoa que...

E6: não, não que outra pessoa faça mal também... Mas vai que Deus... Deus me livre em ser corrupta...

E6: mas se Deus permitir uma doença... alguma coisa...

E6: eu acho que tem pessoas... Eu acho que o bem sempre vence o mal, óbvio... Só que alguma pessoa está fazendo algo de ruim, você trata ela bem... eu acho que isso serve muito...

E6: ah, eu tenho muita dúvida dos políticos. Eles só conseguem ser eleitos... eles já vão ganhar bem, eles já vão ter muito dinheiro... tudo que eles quiserem. Então, eu acho que se eles ficam roubando é porque... ele deve sentir falta de alguma outra coisa... que eu acho que nem ele sabe o que é... Sede de poder... mas não é isso que ele quer... Pode ser que nunca tenha consciência disso, que nunca se sinta culpado... que nunca aconteça nada com ele... Eu acho que ele não vai conseguir preencher o vazio da vida dele, ele precisa fazer isso para se sentir... sei lá... poderoso, bem... E não vai se dar bem por causa disso, porque se ele fica buscando dinheiro, dinheiro, dinheiro... mesmo que ele consiga cada vez mais dinheiro não é isso que ele precisa na vida dele. Então acho que não vai se dar bem porque não vai se sentir completo.

E6: na verdade o dinheiro precisa... mas o suficiente... não é tudo.

E6: se ele quer poder, dinheiro, faz um bom mandato... as pessoas passam a ver o bem que ele fez... as pessoas vão admirar ele, ele vai continuar com dinheiro, vai se candidatar de novo, vai estar sempre ali, mas... eu acho que tem outras maneiras dele conseguir o dinheiro, o poder... tem outras formas dele se dar bem. Eu acho que a pessoa que não tem ética, que fica sempre buscando outros meios de conseguir o que quer... eu acho que ele... deve ser desespero. Porque tem outras formas dela conseguir o que ela quer.

E6: por isso que eu falei desde o começo...

E6: uma pessoa que tem problema que faz isso...

E6: ou foi criado assim pelo pai, pela mãe...

E6: nada justifica, se você... Você não vai roubar só porque a família faz isso...

E6: é uma coisa óbvia, você faz se você quiser...

E6: é lógico!, você não vai fazer uma coisa porque você foi criado com seu pai, sua mãe... nada a ver...

E6: eu vi na tv., ontem, que o pai tinha dois filhos e ele batia, espancava os dois filhos... e os dois filhos cresceram... Aí entrevistaram os dois filhos. Um falava que queria casar, que queria esquecer o que aconteceu com ele... queria ter filhos, ser um bom pai. E já o outro não, o outro falava que não queria ter filhos porque achava que ia fazer igual... então é uma questão de escolha...

E6: tem gente que é mais fraca, e acaba deixando por isso mesmo. Também tem drogas, bebida...

E6: geralmente quem faz essas coisas erradas fala – por culpa da minha família -, mas isso é mentira... Meu... se você sabe que está fazendo algo de errado... acho que cada um sabe o que faz... sabe...

E6: a consciência...

E6: é, cada um é responsável pelos seus atos, né.

Expressão debatida: gostaria de ser um big brother

E6: eu discordo porque não gostaria de participar dessas coisas, assim. Agora, quem quer participar, tudo bem...

E6: se você for lá... e você for bom... provavelmente vai ajudar na tua carreira, vai abrir portas para você... Mas algumas pessoas vão falar que você é falso, que é isso, que é aquilo... e normalmente você não é... então... ficar na dúvida, de querer ou não.

E6: eu discordo porque tipo assim, eu nunca colocaria minha família, expor... a partir do momento que você entra na casa... acho que você coloca a sua família ao público. Acho que nunca faria isso. E também se entrar... acho que dentro da casa você faz... para adolescente é bom... mas também tem que ver esse lado... se for jogar... se for negócio de jogo... tudo envolve dinheiro... E também para você jogar... estar jogando... tipo... não é legal... tipo esse negócio Big Brother, você vai estar expondo você, a sua vida... Que você pode ver, quando entram na casa... eles descobrem tudo... tudo... tudo... E apesar de tudo... esse negócio... para criança ver... esse negócio envolve muita sexualidade também... Agora que teve aquele homem lá... aquele doutor... que ele falava que ele era gay, então, um tipo... expõe muito as coisas, muitas pessoas... influencia... também tem um lado de influenciar, muita bebida, muita festa... Acho que não só a gente, porque cada um tem a sua opinião, mas pode até desequilibrar... pode desequilibrar uma criança, alguém, tipo... Eu nunca... eu discordo plenamente, eu acho que... a pior coisa que fizeram foi esse negócio. Quase todas as pessoas que vão para esse Big Brother quer o que? Quer aparecer, quer aparecer de vista... quer ganhar dinheiro...

E6: a maioria deles são bem sucedidos... Ou seja, estão escolhendo o caminho mais fácil...

E6: é que no primeiro momento eu não entendi o que queria dizer... o que quis dizer aí...

E6:... é um meio fácil para você se suceder na vida... sei lá... acho que...

E6: mas não só pelo fato de você ganhar fama... mas também o prêmio... um milhão de reais...

E6: então tem o dinheiro, que se você jogar bem você recebe... e tem um lado ruim, você se expor...

E6: é chato...

E6: mas lógico que qualquer um vai querer ganhar esse milhão... mas para isso vai ter que jogar... esse negócio de jogar... um vai ter que perder. Não, acho que não, nunca entraria...

E6: muita pressão psicológica... não vi ninguém da sua família. Acho que só quando... você

está no paredão...

E6: e que quem entra lá acaba ficando como um objeto na mão, né... para os outros... você não pode mostrar muito o que você é, com medo do público... Você... fica sem poder fazer várias coisas. Acaba sendo dominado... você passa a ser um objeto mesmo.

E6: sem contar depois da casa, né... que você entra com o intuito de ficar famoso... e se você não conseguir nada? Você sai frustrado, você... depois da casa você vai ser esquecido, você vai querer arrumar outras formas de entrar na mídia de novo... vai começar a fazer coisas erradas... às vezes. Então, acaba mexendo muito com o psicológico...

E6: muita coisa lá dentro também influencia, lógico, tem muita baixaria...

E6: eu acho assim, naquela questão – ah, não quero aparecer – e tudo mais... Nessa parte que você falou, que depois da casa esquece, por esse lado é bom... você sai, é esquecido, ninguém vai te ver como aquilo...

E6: é que as pessoas entram para ser lembrados, por isso que a pessoa fica frustrada, porque esquecem...

E6: é que se a pessoa fica com medo de entrar pela sua vida pessoal... então, se está com medo disso... quando você sair vai acabar tudo isso...

E6: quando a pessoa está com medo de se expor...

E6: ah, eu jamais ia participar desse programa... porque tem que tomar cuidado para se trocar...

E6: depois fica todo mundo falando do seu corpo, falando do sei lá o que... Não tem privacidade...

E6: muita dúvida. É um caminho fácil, um jeito fácil de subir na vida, mas se expõe muito... estou em dúvida.

E6: é coisa de momento, depois acaba...

Expressão debatida: só se dá bem quem é esperto

E6: ah, depende... uma pessoa é esperta em uma coisa e não em outra... eu não entendi o 'esperto', ser esperto em que?

E6: você tem que ser esperto, senão não se dá bem... Se você não é esperto não vai se dar bem, lógico...

E6: ah, mas nem sempre a pessoa vai se dar bem...

E6: tem que ter sorte...

E6: tem algumas pessoas também... tem que ter sorte, porque eu vejo muitas pessoas que tem estudo, tem curso, tudo, e é desempregado, não consegue emprego. Tem gente que não tem estudo, nada, e tem um emprego bom, ganha bem... e outras pessoas que...

E6: vai melhor do que a pessoa que estudou...

E6: mas é no sentido de se arriscar, de ter sorte ou ser esperto? Você tem que ser esperto, a sorte você não sabe se vai ter ou não.

E6: ah, mas também nem todo mundo é esperto, só de se esforçar estudando, eu acho.

E6: porque tem gente inteligente e não se dá bem na vida...

E6: eu acho diferente [...], quem está mais ligado nas coisas consegue mais.

E6: não, eu concordo com ele, com o que ele falou, porque nem sempre. A pessoa tem estudo... mas não consegue emprego... e tem outro que não... fez até a oitava série, e tem um emprego bem melhor do que a pessoa que estudou... tudo isso também...

E6: ser esperto é fundamental porque fica mais fácil de arrumar emprego, mas às vezes nem tanto assim... porque no currículo não tem nada e a firma vai e pega... Aí você vai com um currículo gigante lá, o maior histórico... e não pega, não aceita. Tem a parte da sorte também, tem que ser esperto? Tem, mas tem que contar com a sorte também.

E6: depende do que está procurando... Tem firma que não quer um esperto, quer um peão, quer gente burra para trabalhar, porque um cara esperto vai querer crescer, vai querer

alguma coisa... Eles querem um cara burro... aqueles trouxas que trabalham o dia inteiro...

E6: então, não basta ser inteligente, porque aí não consegue nada...

E6: sorte, inteligência e sorte.

E6: mas até um ladrão, quando pensa em roubar uma coisa, ele é esperto, não é burro...

E6: esperto para o mal...

E6: na escola...

E6: o esperto faz o que ele quer...

E6: é, faz o que ele quer... ninguém é burro.

E6: ah, mas o irmão dele é inteligente, que nem ele falou...

E6: mas não é que ele não teve sorte, é que o emprego era inferior... ele pode ter uma coisa melhor, e não peão. Então, acho que vai ter sorte em arrumar uma coisa melhor.

E6: tem que ser inteligente, se esforçar, né...

Expressão debatida: quem não arrisca é um perdedor

E6: ah, eu concordo porque você tem que arriscar para fazer uma coisa boa para você. Como você vai saber se aquilo é bom ou não é bom... se você não vai arriscar...

E6: então se você não arriscou, você perde...

E6: é lógico que eu vou perder...

E6: é que para mim quem não arrisca não é um perdedor...

E6: mas eu vou arriscar, arrisco, não dá certo, aí eu sou um perdedor...

E6: e quem não arrisca...

E6: então, agora você explica, quem não arrisca é o que?

E6: quem não arrisca... não arriscou... ué.

E6: quem não arrisca é um perdedor...

E6: pode ser qualquer coisa menos um perdedor...

E6: a frase aí é: quem não arrisca é um perdedor, né... tem que arriscar para tentar entrar em um emprego, senão... não dá, você tem que arriscar...

E6: e se você arrisca e não dá certo é um perdedor? Você arriscou, não deu certo, é um perdedor então...

E6: não deu certo, você é um perdedor?

E6: você tem que arriscar para ter alguma coisa...

E6: várias coisas que eu já arrisquei e não deu certo. Mas por isso eu vou ser um perdedor?

E6: mas você arriscou...

E6: se eu arrisquei, sou um perdedor, se não arrisquei também sou um perdedor... não dá para entender...

E6: - ah, você não deu certo, é um perdedor'...

E6: mas ninguém vai chegar diretamente e falar isso...

E6: ah, tem que arriscar... se você conseguir aquilo, você pode melhor... mas você só vai saber se você arriscar...

E6: então, tá, se não arrisco sou um perdedor...

E6: você tem que tentar arriscar... não estou dizendo que você é um perdedor...

E6: ele está afirmando, afirmando que quem não arrisca é um perdedor. Mas eu não concordo que quem não arrisca é um perdedor.

E6: minha opinião é igual à dele, porque se você não consegue, você vai tentar melhorar, então, é uma questão da pessoa...

E6: a gente concorda em arriscar, mas falar que se você não arriscou é um perdedor... aí eu

não concordo...

E6: mas se não arriscar perde a chance de tentar, assim... se você não arriscar, você vai ficar parado ali... não vai crescer... nem cair...vai estar ali. Você não vai saber se é um perdedor, se é um ganhador... Vai ficar sem avançar, sem fazer nada?

E6: não, mas o que eu digo é que você não é um perdedor...

E6: você vai ser um 'paradão'...

E6: e arriscando, independente de você perder, você vai ganhar alguma coisa. Porque se você arrisca e bate a cara, você vai aprender alguma coisa, e da próxima vez você vai ganhar. Aí você vai arriscar e vai ganhar de novo. De novo não, vai ganhar...

E6: mas você vai ser um perdedor se não arriscar? Eu acho que não é.

E6: da mesma forma você pode estar perdendo por não arriscar.

E6: perdedor eu acho uma palavra muito forte... para falar... Eu acho que quebra muito a pessoa, deixa muito para baixo... falar que é um perdedor. Imagina alguém falar – nossa, sou um perdedor, cara -.

E6: Concordo, quem falou que discordo...

Expressão debatida: dinheiro não traz felicidade

E6: ah, lógico, concordo...

E6: não tem o que discordar disso...

E6: ... agora eu pergunto, se você morar na favela, e não tiver dinheiro para comprar uma roupa, um tênis... você ia ser feliz?

E6: depende da felicidade, se tiver saúde...

E6: não, então...

E6: o dinheiro traz felicidade, sim. Se você puder comprar um carro bonito... uma casa... ou vou viajar...

E6: mas nem sempre é assim...

E6: onde eu moro tem pobre que é super feliz...

E6: ahá...

E6: não tem nada em casa, mas é super feliz, super feliz... ela é super feliz, você sempre vê ela dando risada...

E6: depois o dinheiro não garante... você vai começar a namorar... e pode ser só por dinheiro... Você não vai conseguir comprar o amor da pessoa...

E6: a felicidade... bens materiais, então...

E6: bem materiais...

E6: não só... Por exemplo, tem uma blusa que custa 100 reais, outra custa 50 reais. Mas você quer a de 100... você quer muito, mas só que você só pode comprar a de 50... você vai ficar meio assim...

E6: tem pessoas que não tem condições mas são felizes com essas coisas simples que elas tem.

E6: mas uma pessoa que não tem dinheiro, se consegue dinheiro fica feliz também...

E6: se a pessoa não tem condições, ela não vai comprar roupa bonita, ela vai comprar... tipo...

E6: acho que tem dois termos de felicidade, em termos do material e em termos dos sentimentos. O dinheiro para o sentimento não traz... acho que o sentimento... Em termos de sentimentos você não precisa de dinheiro para ser feliz.

E6: não, eu também acho...

E6: Por isso que eu estou confuso...

E6: mas eu conheço um monte de gente que não tem quase nada e que vivem super

felizes... Você olha a situação daquela pessoa, você fala – nossa! Se eu estivesse nessa situação... não sei o que eu faria... -, mas você olha e a pessoa está super feliz...

E6: ela nem pensa na situação que ela está. Ela está bem... está se sentindo feliz daquele jeito.

E6: e vai ficar feliz com dinheiro também... Ela é pobre, se ela arranjar emprego e tiver dinheiro ela vai estar feliz...

E6: se a pessoa é pobre, mas se ela arranja emprego e tiver dinheiro, ela vai ficar feliz no dia a dia...

E6: ah, igual ele falou... a pessoa é pobre, mas é feliz...

E6: eu acho que as pessoas que pensam que o dinheiro traz felicidade, eu acho que são pessoas que [...].

E6: está perguntando: o dinheiro traz felicidade? Sim, o dinheiro traz felicidade.

E6: então, concordo com a frase, porque tem pessoas que tem dinheiro mas não é feliz por causa do dinheiro...

E6: mas por que não? Se tiver dinheiro, você não vai comprar o carro que você gosta...

E6: tem pessoas que tem muito dinheiro, fortuna aí, e não tem felicidade...

E6: a felicidade sentimental, que ela falou...

E6: não, igual eu falei para ele... tem dois tipos de felicidade... tipo dinheiro e sentimentos, né. Tem que saber colocar as coisas, né.

E6: o dinheiro não traz felicidade, mas é preciso.

E6: o dinheiro...

E6: é uma necessidade então...

E6: isso, é uma necessidade, mas não uma felicidade. É uma necessidade você ter o dinheiro, não é uma felicidade.

E6: então, por isso que eu estou em dúvida.

Expressão debatida: quem não tem competência não se estabelece

E6: concordo plenamente.

E6: quem não tem competência não se estabelece porque o cara tem que ter competência e... se ele não tiver competência... eu vou enganar uma pessoa aí, vou enganar o R,... aí não vai para frente, entendeu. Agora, ser competente, se agir certinho, aí vai falar para ela... e aí todo mundo vai... Se eu tenho uma loja...

E6: agora, se eu vou enganar os outros, só desço.

E6: competência não depende da outra pessoa, é uma obrigação, você que tem que fazer...

E6: não, concordo plenamente, tem que ter competência, senão não vai para frente.

E6: se você é incompetente, você se estabelece?

Vários: não.

Expressão debatida: a melhor defesa é o ataque

E6: ah, estou em dúvida...

E6: eu também...

E6: concordo, porque se você ficar só na defesa... você vai esperar o outro agir para depois reagir, não, você tem que ir para o ataque. Um jogo de futebol, se seu time ficar na defesa... só na defesa... não vai fazer gol... mas se o time for para o ataque, com certeza você vai fazer gol, então, você tem que atacar primeiro, antes de tomar.

E6: então você atacando, você se defende...

E6: sim, você está atacando, então os caras não tem como...

E6: não, se você está atacando... presta atenção... se você está atacando, eles não vão vir para cima de você... se está atacando... eles não vão ter nem chance... você está atacando elas...

E6: e se alguém atacar junto...

E6: mas se eu estou atacando... isso não quer dizer que não vão atacar eu... Se eu não tiver a iniciativa de atacar... agora eu vou ficar esperando para os caras virem para cima, não.

E6: agora quero ouvir a opinião de quem discorda, para eu mudar a minha opinião...

E6: não, quem discorda?

E6: dois políticos estão lá e tal... aí eu só fico falando coisa para ele, coisa para ele, não sei o que lá... e o outro está quieto... se um falar uma coisa, algo de mal do outro... pode influenciar as pessoas, tipo – ah, não, esse político está mentindo, só porque está falando isso -, e não votar nele.

E6: no que está atacando?

E6: ahá... vai ter pessoas que podem pensar – ah, esse político é o maior bundão, não fala nada... então se não fala nada, o que vai fazer pelo nosso país?

E6: ... mas se ele fala – não, não sei o que... – o cara... político tem que...

E6: mas ele está atacando que? Falando mentira ou falando verdade?

E6: de todas as maneiras...

E6: por exemplo, eu posso mentir, para prejudicar você... somos adversários... e ninguém votar em você... a gente é adversário...

E6: agora pensa, quem está assistindo o debate. O cara está só atacando o outro... o outro está quieto...

E6: ah, vou votar nesse que está atacando...

E6: pode pensar assim – o outro está quieto, quer dizer que não faz nada, está quieto... -, mas não quer d E6izer que o outro não faz nada de errado...

E6: eu vou votar em quem está falando...

E6: tem que ter iniciativa, se você não tiver iniciativa...

E6: então, igual o político falou, se ele não fala nada, ele está sendo atacado... cadê a defesa dele?

E6: mas não necessariamente precisa atacar, pode responder... é assim... assado... Não precisa falar mal do outro... Se o cara falar mal dele, e ele não falar mal do outro... um está falando, o outro está respondendo... Atacar é falar mal de você...

E6: você está vendo o ataque como agressão...

E6: como é que ele vai responder? – ah, desculpa... -.

E6: não, ele é político...

E6: mas ele não vai atacar todos, ele está atacando... ele tem um motivo... ele fez alguma coisa bem... assim... importante, para estar atacando, senão não ia atacar...

E6: se você acha uma coisa errada, você vai atacar...

E6: quem cala, consente...

E6: mas não necessariamente eu tenho que atacar ele também, para ficar empatado...

E6: então, você vai ficar quieto...

E6: pode responder a pergunta do outro... Atacar é falar o que fez de mal... – ah, você não fez escola... -, mas eu posso responder, eu não fiz escola por causa disso, disso e disso...

E6: então, no seu caso a resposta é só a defesa...

E6: você prefere se defender, do que atacar...

E6: ah, sim, é melhor se defender do que atacar...

E6: você pode atacar dizendo que fez outras coisas...está respondendo, mas está atacando...

E6: de uma forma ou de outra vai ser um ataque, eu acho...

E6: falando alto ou falando baixo...

E6: o ataque seria eu falando mal do que ele não fez... – ah, você não fez isso, não fez aquilo... -.

E6: é necessário você atacar, é necessário o ataque!

E6: e é necessário a defesa também...

E6: então... em política não necessariamente tem que atacar uma pessoa... então, como é que você vai ganhar uma eleição? Falando a verdade...

E6: mas aí não está falando mal de você, da pessoa... está falando mal... do que deixou de fazer..

E6: falando mal, não é da pessoa, vai falar mal do que você fez, ou do que você deixou de fazer.

E6: se eu falei que ia dar cesta básica e não dei, eu tenho que cumprir minha palavra, eu tenho que dar cesta básica...

E6: não, eu discordo e pronto...

E6: não, eu prefiro, por exemplo, atacar do que se defender... se você está atacando, você não vai se defender, você está atacando...

E6: mas se você atacar, não acha que o outro vai atacar você também?

E6: então, mas você está atacando, se tiver iniciativa...

E6: então, o ataque é uma defesa...

E6: com uma pessoa, você vai esperar ele atacar, não, você tem que atacar... Você tem que atacar, você não pode ficar esperando... defendendo...

E6: então quer dizer, que se você acha que uma pessoa vai te assaltar, você vai atirar primeiro? Você vai atirar na pessoa...

E6: é diferente...

6.6.2 Família, Pares e Relacionamentos

Para os jovens dessa escola a presença da família é percebida como fonte de proteção tanto no cuidado para as necessidades cotidianas como base de segurança permanente. Os pais são modelos a serem seguidos quando se mostram bem sucedidos no trabalho e nas suas boas atitudes nas relações familiares, exaltando a honestidade, humildade e a forma amigável e carinhosa no trato com as pessoas. Não são considerados como exemplos nos seus “maus hábitos”, como fumar e ser deseducados com outras pessoas. Preservam o sentimento de confiança nos pais mesmo quando estes usam métodos punitivos e violentos para resolver e encaminhar conflitos, já que querem o “melhor para os filhos”. Há confiança e admiração pela mãe por ter sustentado os filhos sem a ajuda e auxílio do pai. A ideia de separação dos pais pode ser positiva quando o casal vive imerso em brigas, violência e infelicidade. Essa pode ser uma medida que ajude ambos a

encaminharem melhor suas vidas e a dos filhos. Para estes jovens a separação dos pais possibilita a aquisição de melhores vínculos e atenção aos filhos. Em relação aos aspectos negativos citam que o distanciamento de um dos pais resulta em maior sofrimento para o jovem. A maioria dos jovens desse grupo já viveram situações de separação dos pais e de violência doméstica sendo que alguns não chegaram a conhecer o pai. Para os jovens mais afeitos a religião evangélica a ideia de separação dos pais não é tolerada.

Para esses jovens a lealdade e cumplicidade entre os amigos são valorizadas, porém não são aceitas para acobertar “coisas erradas”, como no caso do consumo de drogas e envolvimento no crime. Primeiramente se esforçam para que o amigo adquira consciência sobre o problema e busque mudanças e secundariamente buscam auxílio da família e outras pessoas. A amizade tem maior valor quando promove a superação de dificuldades e a busca de boas realizações entre as partes.

A forma como vivem a sexualidade pode ser uma questão de escolha pessoal, porém estão submetidos a pressões socioculturais e também respondem a partir destas. Identificam mudanças na valorização do casamento e da sexualidade em relação às diferentes pressões sociais que estão ligadas ao homem e à mulher. A ideia de virgindade pode estar ligada à manutenção de valores machistas para o homem, ser viril e não se envergonhar e de segurança para a mulher, se manter virgem para se guardar para outra pessoa. Também as pressões sociais podem estar relacionadas a necessidades de corresponder a padrões sociais, ao que está na moda, assim ser virgem pode ser algo negativo. O sexo é algo bom e prazeroso, porém há múltiplas possibilidades de prazer como estar com a família, com amigos, sair para se divertir, consumir bebidas alcoólicas, etc. O sexo pode ser mais bem vivido com alguém que se nutre sentimentos e afetos e não como algo isolado ou comercial.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram as expressões “tenho meus pais como exemplo”, “os pais nunca devem se separar”, “pessoas mais velhas devem ser respeitadas”, “amigo nunca cagueta o outro”, “ser virgem é careta”.

Expressão debatida: tenho meus pais como exemplo

E6: Eu com certeza tenho os meus pais como exemplo. Assim, eu tenho certeza que, tenho certeza não, ele tem os seus 20, 28 anos de Pirelli, eu acho que isso é um exemplo pra mim porque eu posso seguir a carreira dele, entendeu? Não no mesmo lugar, mas seguir o exemplo dele, seguir firme em uma empresa só ou sair de uma e conseguir entrar na outra. É o seguinte, o exemplo não é só dos pais, que a gente tem como exemplo, é todo mundo, que nem a minha mãe, ela fuma e eu sei que isso faz mal pra ela, nisso eu não vou seguir o exemplo dela então, não tão completamente mas a gente tem que tirar o que é bom, meu pai ele é trabalhador e é honesto, isso eu sigo dele, mas ele tem certo ponto com a mulher dele, com a esposa dele, ele não é tão carinhoso, isso eu não vou tirar dele. Minha mãe, ela fuma mas ela tem bons estudos, então os estudos, o esforço dela que eu vou tirar dela, ela fumar eu não vou tirar dela então, não só com a minha mãe, isso eu observo com os meus amigos, que nem, têm amigos meus que são muito humildes, muito, muito, eu tento tirar isso deles e têm amigos meus também que agem de uma forma errada, isso eu não vou tirar então, eu acho que não é só dos pais, a gente tem que pegar o exemplo bom de cada um e o que é ruim a gente tirar.

E6: Eu acho que assim, minha mãe com tudo o que ela passou na vida, eu acho que pela minha mãe ser humilde e tudo mais, ser amiga de todo mundo, conversar com todo mundo eu acho que eu tiro um exemplo muito grande, eu me espelho na minha mãe porque eu falo que a minha mãe é uma vencedora, minha mãe teve aneurisma, ela tem outra e eu acho que tudo o que aconteceu com a minha mãe eu acho que é uma coisa muito legal, porque o que aconteceu com ela eu acho que a gente aprendeu muito, pelo menos por ter acontecido com ela mas igual o meu irmão, acho que foi daí de onde a gente tirou força, que a gente não era unido em casa, meu pai e minha mãe tinham separado, acho que a gente não era unido aí depois que a minha mãe teve aneurisma a gente começou a unir eu acho que eu me espelho muito na minha mãe porque ela é uma pessoa sincera, ela joga limpo, eu acho que a gente tem que se espelhar nos nossos pais. O meu pai eu não vou falar que é a melhor pessoa do mundo mas tudo o que ele faz eu sei que é o melhor pra mim e o melhor pra minha mãe, o melhor pros meus irmãos. Ele não é a melhor pessoa que possa se falar e meu pai me bate, meu pai briga, meu pai vai e espanca meus irmãos, briga comigo, bate em mim só que eu acho que às vezes ele faz isso pra o que é melhor pra mim, igual de eu fazer alguma coisa ele fala que eu fico com raiva, que eu quero matar ele, que não sei o que, tipo, depois eu penso 'puts, por que eu falei isso se ele quer o melhor pra mim?' eu sou filha dele, eu acho que eu tenho que respeitar ele, eu acho que pelo meu pai ter batido na minha mãe, eu acho que tudo isso é uma forma de eu ver o mundo diferente hoje, eu acho que isso me espelha muito neles, eu acho que eu tenho orgulho dos pais que eu tenho, por tudo que já aconteceu, mas eu acho que eu tenho orgulho deles.

E6: Eu moro com a minha mãe, né? A minha mãe é separada, a minha mãe criou eu e minha irmã praticamente sozinha então, por isso ela já é vencedora porque ela que trabalhou, ela que sempre sustentou a gente, deu o melhor de tudo pra mim e pra minha irmã, sempre esteve presente, deu educação e tudo, entendeu? E por ela ser trabalhadora, honesta, e ela sempre está comigo, aquela pessoa que é uma amiga pra mim, porque a minha mãe é a minha melhor amiga e eu me espelho nela.

E6: Eu discordo.

E6: Plenamente.

E6: Eu acho que eu sou exemplo disso, minha mãe e meu pai se separaram, eu acho que foi bom por eles terem se separado, porque eu acho que eles ficaram quatro anos separados, beleza, só que se for pra continuar do jeito que estava antes, sem amor, sem carinho, sem nada, o meu pai chegava em casa brigava com a minha mãe, ele trazia tudo do serviço, descontava na gente, a gente não tinha nada haver, eu pedia alguma coisa pra ele, ele mandava eu me ferrar, coisas do tipo aí acho que depois que minha mãe teve aneurisma meu pai voltou pra casa aí eu acho que mudou totalmente, eu acho que esses 4 anos fortaleceram os 2 só que ainda continuam as briguinhas de marido e mulher e tal, isso eu acho que todo mundo tem mas eu acho que às vezes a separação é a melhor coisa porque se for pra ficar infeliz só por causa, se for pra ficar infeliz os 2 só pra agradar os filhos eu acho errado, eu acho que cada um tem que seguir a sua vida, eu acho que separação, eu acho que

não vai mudar o sentimento que eu sinto pelo meu pai e pela minha mãe ou que os 2 sentem por mim, eu acho que a separação foi até melhor porque eu acho que eu tinha mais coisas, eu acho que eu tinha mais carinho, aí eu ia no final de semana pra casa do meu pai e de dia de semana ficava com minha mãe e meus irmãos, era muito bom, eu falava que era a melhor época da minha vida, os 4 anos, porque eu tinha tipo...

Expressão debatida: os pais não devem se separar

E6: Meu pai e minha mãe são separados e eu acho que é difícil discutir isso, eu acho bem complicado porque têm os dois lados, né? Tem o lado do filho que queria ver os pais juntos e tem o lado dos pais que não podiam continuar juntos por causa de falta de carinho.

E6: Assim, os meus pais são separados e eu sou feliz pra caramba por isso, nossa, eu adoro os meus pais separados.

E6: Minha mãe mora em outra cidade, sabe? Eu morava com a minha mãe, agora eu mudei pra cá e comecei a morar com o meu pai porque eu acho que cria um vínculo maior do pai com o filho e da mãe com o filho.

E6: Se estiverem os dois felizes não tem o porquê separar.

E6: Eu acho que felicidade é tudo, mas se for pra ficar infeliz é melhor um pra cada lado e é isso aí.

E6: Eu até concordo.

E6: Discordo plenamente. Porque acho que a minha mãe não deveria ter falado pro meu pai que ela não estava feliz.

E6: Todo mundo aqui tem pais separados?

E6: Minha mãe e meu pai são separados.

E6: Eu tinha.

E6: Eles voltaram.

E6: Eu concordo.

E6: Eu concordo porque eu quero a união do meu pai e da minha mãe, eu por ser evangélico eu tenho a obrigação de orar por eles e pedir a Deus pra...

E6: Que eles não se separem. E eu estou feliz com eles juntos, entendeu?

E6: Se eles se separarem um dia eu já falei pros dois que eu sumo.

E6: Eu acho que isso está sendo uma atitude errada sua.

E6: Eu também acho.

E6: se eles estão felizes?

E6: É, entendeu? É igual em casa, eu falo, minha mãe e meu pai brigavam direto, eu acho que teve uma vez que meu irmão chegou a dar um soco no meu pai, foi a pior noite da minha vida, de tirar sangue um do outro, por causa de uma discussão da minha mãe e do meu pai que a gente entrou no meio, eu acho que se a gente não tivesse entrado no meio não tinha acontecido nada daquilo, de chegar a polícia em casa. Foi a pior coisa eu falo, eu não sou assim de falar isso na frente de todo mundo, mas eu estou falando assim porque...

E6: Eu acho que, eu acho legal se os 2 estivessem juntos como os 2 hoje estão, eu acho muito bom estar com a minha mãe e meu pai do meu lado, viver junto, eu acho lindo, maravilhoso só que se for pro bem da minha mãe ou bem do meu pai eu acho que é melhor ir cada um pro seu lado, eu acho que...

E6: É por isso que eu sempre mantenho oração, pra que Deus possa estar junto com nós pra que essa coisa não aconteça, entendeu?

E6: Se eles casaram assim, é porque eles queriam manter união assim até a morte.

E6: Eu estou em dúvida. Eu fui criado só pela minha mãe, sabe? Desde os 2 anos o meu pai...

E6: Saiu de casa.

E6: É. Eu fui criado pela minha mãe desde agora, né? Então, eu acho que tipo, não tem

nada haver...

E6: Então, tipo não tem nem como falar se eles não deviam se eles deviam, eu queria muito estar com o meu pai e minha mãe juntos, que nem, eu queria ter um pai, pra me abrir com ele pra conversar com ele, sentar com ele e falar assim 'pai, eu fiz isso, fiz aquilo' eu queria, juro pra você que eu queria ter um pai pra sentar com ele e conversar, só que se foi pra ser assim, agora já era. Ele saiu assim de casa então, eu também não achei nada ruim, nunca...

E6: Tem que apoiar os dois, né?

Expressão debatida: pessoas mais velhas devem ser respeitadas

E6: Eu discordo.

E6: Concordo.

E6: Eu concordo plenamente. Eu sou novinha e as pessoas me respeitam e eu sei que com certa idade eu vou ficar velha, e eu queria o mesmo respeito, eu acho que hoje em dia têm muitas pessoas que não respeitam e que os idosos precisam mais de atenção, mais de carinho, eu acho que é isso.

E6: Respeito.

E6: Eu também respeito.

E6: Assim, me respeita que eu respeito também.

E6: Concordo plenamente, com a G.

E6: aí eu não respeito, não é que eu xingo mas eu fico quieta na minha e saio andando, não dou bola. Eu acho que o problema hoje em relação aos idosos é falta de respeito mesmo, que nem em ônibus, direto eu vejo os idosos sentados, o ônibus passa, eles ficam lá com a carteirinha e o ônibus não para, eu acho que isso tem que mudar.

E6: Mostrou na reportagem esses dias na televisão [...]

E6: Tem que respeitar que se dá o respeito, que tem muito velho aí de 70, 80 anos que estupra menininha, esses daí quem que vai respeitar?

E6: É verdade.

E6: Não, é que nem ela falou, você respeita quem te respeita.

E6: Não é só com o idoso, né? Até, quem nem, eu sou o mais velho na minha casa aí eu tenho um irmão de 12 anos, então eu respeito ele, tudo bem, nas horas erradas eu dou bronca e até bato, chego a bater nele porque eu sou o irmão mais velho dele e quero o bem dele, né? E tipo, não é assim que ele me vê, sabe? Ele me mal trata, vem discutir comigo aí até na porrada a gente sai de vez em quando. Então, não é só pelos idosos que tem que ser mais respeitado. Qualquer um, com qualquer idade, que nem você tendo 17 anos.

E6: Não, eu não dou porrada nele, eu só, às vezes eu dou uns tapas, só que eu sempre converso com ele, aí não, ele vem discutir comigo na ignorância, ser arrogante comigo, aí...

E6: Precisa dar o respeito pra você ser respeitado. Então, eu acho que é bem assim mesmo.

E6: Eu também acho.

E6: Porque se a pessoa não se dá o respeito eu acho que a gente também não tem que respeitar ela.

E6: Eu acho que é o seguinte, todo mundo merece respeito.

E6: Também acho.

E6: Tipo, quando você for entrar numa briga, você vai entrar numa briga se você quiser, que se você tem a cabeça formada e é maduro, você não vai se rebaixar àquele ponto. Não é verdade? Quando um não quer, dois não fazem. Então, todo mundo merece respeito pra um dia ser respeitado. Eu acho assim, até crianças, mesmo se ela falar 'não, é do outro jeito',

beleza, tudo bem, baixa a cabeça, dá as costas, vai embora, porque se rebaixar ao ponto de brigar e dar tapa não é legal.

E6: Ah, que eu não respeito o meu tio, de jeito nenhum.

E6: Porque pela idade dele, ele fala coisas sem pensar, é uma coisa que eu não concordo, que nem ele chega em mim e fala 'é o seguinte, você não pode casar, nem namorar com pessoas negras', olha o preconceito, eu não admito, eu bato o pé e não aceito mesmo, porque ele tem uma filha pequena de 5 anos mais ou menos e eu falo pra ele, sua filhinha não cresceu e então você tem que respeitar que você não sabe com quem a sua filha vai casar, vai que ela começa a gostar só de negro também, o que ele vai fazer?

E6: Não, porque é que nem eu falei, eu acho que respeito vem da outra pessoa, se eu respeito eu quero ser respeitada. Mas se a pessoa me respeitar eu concordo plenamente.

E6: Merece. Todos os mais velhos merecem mais respeito.

E6: Com certeza o mais velho, ele vai te passar alguma coisa que ele passou um dia. E com certeza você vai passar pra sua geração, você tendo convívio com os mais velhos, eles vão te passar as histórias, aquelas coisas e você pode continuar passando isso pra frente, isso é legal, isso é respeito.

E6: Eu não respeito a minha irmã

E6: Eu também não.

E6: ela não me respeita, eu também não respeito ela.

E6: É porque tem que respeitar, né? Se você dá o respeito você quer o respeito também.

Expressão debatida: um amigo nunca caguetar o outro

E6: Assim, depende da situação. Se for pra, se a G. falou que foi pra minha casa e pronto e não vou caguetar ela porque eu acho que eu vou passar por cima, eu acho que vou ajudar ela, só que você está usando maconha e fala que foi pra minha casa e está fazendo alguma coisa de errado, aí eu acho que é a minha obrigação chegar no pai dela e na mãe dela e conversar, olha 'está acontecendo isso, isso e isso e eu não estou achando legal', acho que vai depender da situação.

E6: Só chega nesse ponto de caguetar um amigo se é pra ajudar ele.

E6: Então. Se é pra ajudar ele eu posso até falar mas se eu vejo que vai ferrar ele, que vai acabar com a vida dele eu prefiro ficar quieto na minha. Eu prefiro fazer assim, não vi, não enxerguei, estou surdo e não vou falar nada.

E6: É verdade, se for pra ajudar eu falo.

E6: Mas se não for, eu fico na minha.

E6: Se fosse alguma coisa que a pessoa fosse fazer de errado.

E6: Pro bem da pessoa. Sei lá, se fosse fazer alguma coisa de errado que fosse prejudicar ela eu pegava e ia falar pra ela, pra mãe dela que aconteceu isso, isso e isso.

E6: Você pode tentar ajudar a pessoa.

E6: Você deve conversar com a pessoa primeiro pra depois...

E6: Sei lá, roubar.

E6: Eu acho que tem que conversar com a pessoa.

E6: É verdade, ou melhora ou eu conto.

E6: Eu acho o seguinte, claro que cada um sabe o que faz e se faz está ligado nas consequências, que nem se você usa drogas, se você fuma maconha, você sabe que a brisa é louca, você sabe que está ali, você sabe que pode correr o risco, você corre o risco.

E6: Amigo não é aquele que apoia em tudo

E6: É verdade.

E6: E sim aquele que vai lá e fala 'eu acho que isso está errado, a gente tem que mudar...'

E6: Se ele é seu amigo mesmo, ele não vai ficar te acobertando das coisas erradas.

E6: Amigo é aquele que faz a coisa certa pra você, não que te ajuda nas coisas erradas.

E6: É verdade.

E6: Mas meu, amigo é aquele que ajuda e tal, mas às vezes o seu amigo não entende isso, às vezes você cagueta ele e ele vira a cara pra você.

E6: Que nem eu e a G., a gente briga, a gente faz um monte de coisa, assim como eu faço as coisas erradas ela não chega pra minha mãe e conta, ele chega e conversa ‘T., isso está errado, isso está errado, você quer mudar?’ Beleza, se eu não mudo aí ela chega na minha mãe e conversa com a minha mãe.

E6: Não, eu sempre sabia das coisas, aí ele chegou na minha mãe ou a minha mãe mesmo chegou pra conversar com ela, ‘olha a T., está acontecendo isso, isso e isso com a T., conversa com ela e não sei o que’, aí ela vai e faz isso com a minha mãe, acho que amigo não é pra apoiar, acho que amigo não passa muito do que você faz e acho que tem certas amizades que sempre te apoia, acho que não é amigo, eu acho que amigo que é amigo...

E6: Ele está te ajudando a chegar em algum lugar.

E6: É verdade.

E6: Mas que nem, por exemplo, o W. que fuma pedra...

E6: Foi mal, mas que usa qualquer coisa, aí eu chego e converso com ele ‘W., olha isso daí não é certo, sai dessa’, ele não me ouve aí eu vou lá e conto pra mãe dele, aí a mãe dele vai lá e fode com a vida dele, tira tudo e dá um cacete. ‘Você vai voltar a ser meu amigo depois dessa?’

E6: Tipo assim, ajudar a pessoa tudo bem, mas se ela está numa enrascada, ela vai fazer, ela vai fazer uma coisa assim, você sabe que ela vai fazer e é errado, você tem que primeiro chegar e orientar, antes de você ferrar com a vida dela você tem que chegar primeiro e orientar ela e ajudar.

E6: E perguntar ‘quer ajuda?’

Expressão debatida: ser virgem é careta – Grupo 1

E6: estou em dúvida porque eu sou virgem...

E6: ah, não sei, tem coisas e coisas...

E6: ah, estou em dúvida porque existem muitas outras coisas também, que dão prazer na vida e que não são sexo.

E6: ah, eu gosto de comer chocolate...

E6: dá tanto prazer fazer o que a gente gosta, se divertir, sei lá, sair com os amigos, namorar também, então, tem muitas coisas. Difícil escolher uma que esteja acima...

E6: a minha opinião é quase parecida com a dela. Sexo pode ser uma atividade que dá prazer, mas tem outras além disso, como ler um livro, tem pessoas que acham uma beleza ler um livro, dá prazer na vida dela. E outras atividades que deixam seu bem estar, você se sentindo bem.

E6: ler um livro...

E6: ouvir uma música....

E6: é, sair, com a família, com os amigos...

E6: ah... o prazer acho que é das melhores coisas que tem, né, sem dúvida. Tem que experimentar para saber, eu acho, eu ainda não sei. Agora, como prazer mesmo é um dos melhores.

E6: ah, sem dúvida, porque quando você está com os amigos, você está sentindo prazer ali, de estar com o pessoal, todo mundo junto. Tomando cachaca, todo mundo junto, todo mundo doidão. Sexo vai dar prazer? Lógico, mas às vezes ler um livro, escutar música também, não é só sexo, sexo, sexo. Não pode...

E6: eu saio, não saio uma coisa tipo todo final de semana. De vez em quando eu saio, gosto de sair com o pessoal. Mas ficar em casa também é uma coisa boa, você deitar na cama e puxar um ronco é bom, por que não?

E6: ah, eu concordo com o que eles disseram e acho que cada um tem o seu, o seu prazer na vida. Como que eu falo, me perdi, ah, para mim fazer outras coisas com a família, com os amigos, também é um prazer. Para mim sexo não é só... assim.

E6: acho que sexo é um prazer para pessoas. Agora, quem nunca teve relação sexual tem prazer, como comer chocolate, ler um livro, se distrair, não precisa ser exatamente com sexo para ter prazer.

E6: também concordo com eles, eu acho que tem outras coisas que também são importantes. E sexo assim, eu acho que só dá prazer quando você está com uma pessoa que você realmente gosta. Porque tem muita gente aí que faz só por dinheiro mesmo. Então, será que está dando prazer? Eu acho que não. Acho que tem outras coisas. Eu acho que só o fato de você estar conversando com outra pessoa dá mais prazer do que o sexo.

E6: eu estou em dúvida, pelo que ele falou. Eu acho que é bom, mas não é tudo, não é só o sexo que dá prazer. Tem outras coisas também, como viver, porque sem vida não tem. Você viver...

E6: dá prazer aquilo que você gosta de fazer.

E6: jogar bola, sair, ir no cinema...

E6: e você, que você gosta mais de fazer?

E6: tem muita coisa que dá para fazer, não só isso. Aproveitar, se divertir, distrair...

E6: legal, porque sair com os amigos, você se solta mais do que com os pais. Com os amigos você sai, se diverte, bebe, todo mundo junto. Você não consegue sair com o pai e ir com o pai lá no bar tomar cachaça.

E6: ele está feliz em beber...

E6: tipo cachaceiro...

Expressão debatida: ser virgem é careta – Grupo 2

E6: ah, ser virgem, depende da pessoa também. Ser virgem por escolha, tem virgem que não, né. Eu acho que até o casamento é meio careta. Estamos no século XXI. Mudanças culturais

E6: ah, mas pode ser que a pessoa quer se guardar para uma pessoa...Conservadorismo

E6: eu acho que se a pessoa vai se sentir bem casando virgem, o problema é dela. Se você vai se sentir bem casando virgem, você faz. Se você acha que não, então, não vai ser. Então, acho que não tem nada a ver essa de ser careta. Que nem drogas, se eu não uso vou ser careta? Não. Então, acho que não tem nada a ver, acho que é uma escolha da pessoa.

E6: se está na moda 'não sou virgem, não sou virgem, não sou virgem', então eu também não sou. Pressão social

E6: os amigos falam – eu não sou virgem, vou catar aquela mina lá... -, então eu não sou virgem.. Pressão social

E6: você fala que não é virgem, aí depois te chama para ir num quarto, em algum lugar, aí você vai fazer o que? Pressão social

E6: ah, então você acha que é careta...

E6: não, nada a ver...

E6: se você tem vergonha de dizer que é virgem, então...

E6: eu discordo... Eu sou virgem no meio de todos os amigos, mas eu sou macho para falar... Pressão sociocultural

E6: A., é da moda...

E6: eu acho que é diferente, a mulher ser virgem, do homem ser virgem. Diferenças de gênero

E6: uma menina 'eu sou virgem', tudo bem, um menino 'eu sou virgem', - ah!, você é gay - . Pressões socioculturais diferentes para os sexos. O homem se sente pressionado em função do machismo a ter uma sexualidade livre, a mulher ainda a manter a sexualidade restrita.

E6: eu acho que vai causar mais espanto, dependendo do grupo, chegar e falar – não sou mais virgem -. Aí é o contrário...

E6: é que é diferente. O homem faz, é ‘catador’. A mulher faz, é ‘galinha’... Ambos são desvalorizados quando vivem a sexualidade mais livre porém são pressões diferentes.

6.6.3 Consumo de Substâncias Psicoativas

Os Jovens dessa escola compreendem que o consumo de álcool pode trazer sentimentos bons (de alegria) e ruins (de tristeza). Tem pessoas que consomem o álcool para aliviar sentimentos ruins e fugir dos problemas cotidianos. Outras pessoas bebem para facilitar as suas relações, superando timidez ou dificuldades pessoais. Referem pessoas com tendências violentas independente de beber ou não e outras bebem e nem por isso ficam violentas. A bebida pode contribuir para liberar os sentimentos e comportamentos violentos, mas esses se referem às características das pessoas e/ou a dificuldades que estão passando no momento. Para esses jovens a lei não é suficiente para impedir o consumo, mas é necessária para colocar um limite e organizar. Caso contrário fica tudo muito solto. Ela não impede que todos usem, mas contribui para que muitos não utilizem. A lei cria alguns obstáculos de acesso que pode ajudar a diminuir ou impedir algum tipo de consumo por crianças e jovens, principalmente quando encontram situações de estabelecimentos que cumprem a lei. Ainda entendem que o jovem não tem maturidade suficiente para beber. Se usar pode trazer prejuízos para o corpo e para a vida de maneira geral. O que mais instiga o jovem a usar é o fato de ser proibido e o desafio de quebrar regras.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão as expressões “bebidas alcoólicas deveriam ser permitidas para menores” e “quem bebe é violento”.

Expressão debatida: bebidas alcoólicas deveriam ser permitidas para menores

E6: deveria liberar, não ser proibido para menores... essa é a ideia...

E6: então, porque oh, proibindo ou não, sempre tem alguém que consegue arranjar. Por isso eu estou em dúvida...

E6: então, eu mesma compro, falo que é para a minha tia...

E6: é verdade, que nem cigarro...

E6: eu também compro, cerveja, bebida, eu compro tudo...

E6: eu falo que é para meu pai...

E6: se você for na balada e falar – eu quero uma bebida alcoólica, aí não vai dar, mas se você tem cara de maior aí ele te dá, pronto!

E6: eu comprei, eu comprei cigarros para meus amigos...

E6: é, comprar, se eu quiser, tudo depende de mim...

E6: mas tem que querer bastante. Porque, vamos dizer, eu quero, aí eu vou em um lugar e não consigo comprar, se eu não estou com muita vontade eu não vou até o fim do mundo para comprar, aí já era...

E6: estou em dúvida, é contra a lei, né.

E6: como se os menores não bebessem... Acho que não deveria liberar...

E6: não. Tem muito adolescente que bebe em grandes quantidades, ainda não tem o corpo formado para suportar o tipo de álcool, essas coisas, pode ser prejudicial, nesse sentido. Que nem... eu bebo, eu sei, mas é de vez em quando, só quando eu saio. Agora estou de castigo, nem estou saindo mais. O que eu estava falando...

E6: ah, então, pelo menos pelo que eu li em um monte de lugar, assim, o adolescente não tem ainda o corpo formado, assim, pode prejudicar, o cérebro, um monte de coisas., pode prejudicar, porque não tem a capacidade de suportar o álcool, principalmente em grandes quantidades. Pode ser coisa fatal assim, prejudicar coisas que...

E6: se não tivesse regras, imagina aonde o mundo ia parar...

E6: mas os jovens são rebeldes...

E6: ela não bebe? Está quebrando regras...

E6: acho que não segura todo mundo, mas segura uma boa parte, muita gente...

E6: acho que com a lei muita gente que quer e às vezes fica com medo, se segura um pouco, se segura, acho que segura uma parte...

E6: um dia estava com as amigas, falei – ah, vamos lá comprar, para experimentar, aí chego lá e não venderam, aí estou sem beber até hoje. Então, se bebesse ela podia estar...

E6: é, porque que nem ela diz, faz mal para as pessoas, para os de menor, para as pessoas pequenas. E também muitas crianças se seguram para não beber por causa disso, porque se fosse, como se fala?

E6:... liberado, eles iam falar – ah, agora pode, então vamos lá beber para ver como que é, e iam cair no vício.

E6: ah, porque eu acho que não deve ter mesmo, bebida é perigoso.

E6: não deve vender, imagina se libera, minha irmã começa a beber, eu mato ela, vai ser um absurdo...

E6: se é proibido e as pessoas já compram, imagine se liberar...

E6: estou em dúvida, porque nunca bebi...

E6: isso que eu ia falar...

E6: isso que eu ia falar também... eu nunca bebi... eu não vou dizer que não gosto, primeiro tenho que beber uma coisa e saber se eu gosto ou não gosto. Por exemplo, eu vou beber, tipo aquele suco que não gosto, e eu não sei, então eu vou beber para ver se isso me dá alegria, entendeu?

E6: porque se eu não beber, eu não posso falar nem que concordo nem que discordo, aí estou em dúvida...

E6: os que bebem, choram...

E6: uma pessoa que briga com o marido, assim, aí vai beber, para distrair...

E6: para esquecer os problemas...

E6: então, para ficar mais feliz...

E6: é para esquecer dos...

E6: porque às vezes que eu saí com a galera, a galera ficava bem alegre.

E6: fica mais alegre...

E6: também é muito caro...

E6: mas também não é para encher a cara...

E6: não, não encher a cara...

E6: agora, tem pessoas que precisam beber, tem pessoas que não conseguem chegar em um lugar e se soltar...

E6: ah, que nem eles, porque nem toda pessoa que bebe fica alegre. Tem umas que ficam chorando pelos cantos...

E6: é, verdade, tem gente que chora...

E6: beber certinho, sem extrapolar, né...

Expressão debatida: quem bebe é violento

E6: eu discordo, porque se a pessoa é violenta vai ser de qualquer jeito, não tem nada a ver com a bebida, ela beber ou não beber. Se a pessoa é violenta, ela vai ser violenta. Não vai ser porque ela bebeu...

E6: se eu beber não vou sair batendo em todo mundo...

E6: porque tem gente que é violento com bebida e sem bebida. Todo mundo tem seu lado... com bebida ou sem bebida...

E6: às vezes as pessoas soltam seu lado violento... com a bebida...

E6: eu discordo que é só porque a pessoa bebe, porque, é porque ela queria isso, e como ela bebeu, para criar coragem, é, para criar coragem, mas não porque ela bebeu. Eu discordo.

E6: meu pai, meu pai ele bebe e até agora, até hoje ele nunca bateu na minha mãe. Então, se fosse para ele bater, ele não é violento, vai da pessoa mesmo.

E6: mas tem pessoas que bebem e põem a culpa na bebida pelo que fez com a pessoa. Então, o que eu estou falando, porque ela queria bater, então ela bebeu para falar que, para criar coragem... (faz-se uso da bebida para justificar comportamentos violentos)

E6: teve um amigo meu, e a irmã, que apanharam do pai por causa disso, da bebida. Mas daí eu não sei, se era que ele já estava emburrado ou se é por causa da bebida.

E6: tá, entendi. Então, todo mundo discordou aqui porque o argumento de G, tem um argumento forte G. O argumento é que a pessoa pode ser violento mesmo sem álcool, e o álcool dá coragem...

E6: dá coragem...

Para esses jovens o ato de fumar pode trazer sensações prazerosas e de relaxamento reduzindo o stress, mas com o passar do tempo traz problemas para a saúde e provoca dependência. No entanto mesmo sabendo dos problemas de saúde e dependência associados as pessoas tem liberdade de escolha sobre fumar e continuar fumando ou não.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “fumar é bom”.

Expressão debatida: fumar é bom

E6: eu estou em dúvida porque tem pessoas que sentem prazer no começo. Existem pessoas que gostam de fumar, sentem prazer no ato de fumar. Mas tem pessoas que não, fumam uma vez e – que droga, não sei como a pessoa consegue gostar disso -, então vai do gosto

da pessoa. Não é uma coisa ‘discordo plenamente’, porque fumar é ruim, tem pessoas que experimentaram e continuaram, sentem prazer, relaxam fumando, tem pessoa que fumou e não gostou. Eu também, odiei...

E6: discordo porque faz mal, mas isso que ele falou é verdade, tem pessoas que sentem prazer e vão fumar pelo resto da vida. Não importa se está fazendo mal para a saúde, se não, gostam, vai fazer o que? Mas eu não gosto, então eu discordo que é bom porque não acho.

E6: eu acho que é um passatempo para a pessoa. A pessoa está lá estressada, vai descarregar o stress dela fumando...

E6: então, isso que eu acho ruim, mas vai estar prejudicando a saúde...

E6: porque faz mal. Ela está viciando, né. Em vez de tentar controlar a ansiedade dela.

E6: eu acho que existem muitas outras formas para a pessoa colocar para fora, tipo uma música, dançar, sei lá, outras formas...

E6: não é tipo a maconha que diz que tem uma coisa de bom, tem pessoa que acha que é bom. Mas o cigarro não, o cigarro só prejudica mesmo. Só ingerir a fumaça, estraga os pulmões, e não dá efeito nenhum...

E6: para relaxar, acalma, tem pessoas que o prazer na vida deles é fumar...

E6: tenho uma tia, ela relaxa. Tem horas que você não tem como, aí vai, pega um cigarrinho, descansa um pouco. E é porque a pessoa sente prazer...

E6: o prazer na vida dele é fumar.

Esses jovens compreendem que somente a experiência pessoal de usar drogas é que vai ajudá-los a dar uma opinião diferente. Para alguns o consumo de drogas pode trazer prazer ou não, depende da pessoa. Outros referem que se não fosse prazeroso as pessoas não usariam. O consumo de maconha influencia negativamente as pessoas, tanto pelo efeito (fica doidão), como pelos comportamentos subsequentes (fazer coisa errada, roubar) e a possibilidade de ficar dependente. No entanto existem usos da maconha com objetivos terapêuticos e para boas finalidades humanas (como remédio, se souber usar, ela pode ser do bem).

Nos argumentos a favor da legalização os jovens observam que o acesso seria mais facilitado para todos evitando o contato com o submundo do tráfico, presença em contextos de risco e medo de ser preso. Os traficantes perderiam o controle sobre o comércio, no entanto ingressariam em um trabalho legal no mesmo ramo, só que de drogas legais. Ou seja, sem o dinheiro das drogas o tráfico não existiria diminuindo assim a violência. Entendem que a liberação poderia diminuir o consumo entre os jovens que muitas vezes tem atração pelo proibido. Também facilitaria o diálogo com a família sobre os problemas relacionados ao consumo. A decisão de usar ou não ficaria a critério da consciência de cada pessoa que seria responsável

pelas suas escolhas e as consequências das mesmas. Nos argumentos contra a legalização compreendem que poderia ocorrer um aumento da violência por retaliação do tráfico e por crimes dos usuários para adquirir dinheiro para comprar. Também haveria um aumento do consumo pela facilidade de acesso equiparando ao consumo de álcool e tabaco que são substâncias já liberadas. Ainda consideram que a maconha pelo seu efeito psicoativo tem potencial de prejudicar o usuário equiparado ao álcool e maior do que o tabaco, pois podem produzir situações de violência e homicídios. Compreendem também que mesmo legalizada o Estado deveria ter um controle sobre o comércio e o consumo apesar de que isso não iria garantir que as pessoas não usem.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão as expressões “usar drogas é prazeroso”, “a maconha é do bem” e “a maconha deveria ser legalizada”.

Expressão debatida: usar drogas é prazeroso

E6: eu estou em dúvida porque eu nunca usei.
E6: depende da pessoa também, para ver como funciona...
E6: como que depende da pessoa?
E6: comigo não funcionou. Prazer não me deu, mas me deu uma leveza...
E6: você gostou...
E6: não, não gostei...
E6: então, você discorda...
E6: porque depende da pessoa, para que ela usa...
E6: eu nem sei...
E6: eu nunca usei, então não vou falar nada.
E6: é álcool, droga é droga...
E6: eu concordo. Eu acho que é o mesmo que bebida, se não fosse bom não seria viciante.
E6: ah, então você já usou...
E6: não, isso não vem ao caso...
E6: ah, porque todo mundo estava pensando em drogas, drogas...
E6: é, eu pensei em droga, droga...
E6: então, drogas lícitas...
E6: bom, eu nunca usei...

Expressão debatida: a maconha deveria ser legalizada

E6: tem os prós e contras.
E6: estou em dúvida porque tem os prós e contras.
E6: dúvida, porque se fosse legalizada, você ia poder comprar em qualquer lugar, tudo bem. Mas eu acho que talvez a violência aumentasse. Porque os traficantes não iam mais precisar

vender assim, eles iam perder muito. Acho que isso ia irritar demais eles, eu não sei se ia dar certo. E muitas pessoas, acho, iam usar, como álcool, cigarro, que é liberado. Talvez vendendo em qualquer lugar, o que ia acontecer? Ia estar todo mundo usando, ou o contrário, às vezes como é proibido, usa, se vai legalizar, então não vai. É uma questão que é difícil realmente de...

E6: porque quem é usuário talvez não ia precisar se arriscar, indo na favela, indo correr perigo, esconder que está, sei lá, não ia ser essa coisa de ser preso, ia poder abrir – olha, mãe, quero usar - acho que ia ser mais fácil.

E6: é, não ia correr risco. Acho que é isso.

E6: se legalizar, quem sabe se os traficantes que vendem hoje ilegal não iam começar a vender na legalidade? E a sociedade ia poder sair ganhando. Também se a pessoa for maior de idade e gostar, acho que se ela quiser, ela compra, se não quiser, não compra. Se legalizar, quem quiser vai comprar, quem não quiser, deixa para outro.

E6: eu discordo plenamente, porque assim, maconha eu acho que é uma coisa que deixa você louco, não é igual ao cigarro. Ela é considerada igual à bebida, porque bebida deixa você louco também, alterado. Maconha também deixa. Então, você não está prejudicando só você, está prejudicando os outros, pode bater, tem casos de matar. Eu acho então que não deveria ser legalizado. Porque você não está se prejudicando só você.

E6: eu acho que ia vender mais, ia ter mais fácil acesso, então, muita gente ia estar mais doida, misturado com álcool que já é liberado. Imagine a situação que ia ficar.

E6: eu também discordo, plenamente. Porque igual ele falou, as pessoas maiores de 18 anos iam poder comprar, mas olha só quantas crianças têm na rua, abandonadas, elas como pedem dinheiro no farol, iam fazer o que? Pegar o dinheiro e poderiam ir comprar.

E6: mas isso não é 100%, pode ter uma criança que.

E6: mas poderia acontecer.

E6: tem criança que está juntando para tipo voltar para casa, a pessoa mora na Bahia.

E6: a maioria está pegando para alguém maior.

E6: eu acho que iria aumentar o número de usuários.

E6: e ia prejudicar mais a saúde das pessoas.

E6: o número de usuários, as pessoas iam ver – legalizou, legal -. Deixa a pessoa. A pessoa quer usar? Que nem cigarro e álcool, se a pessoa quer usar, fazer tudo, que use. A sociedade não está nem aí para o álcool. Está na televisão – não beba tanto que você pode morrer -, e a pessoa continua bebendo, quer morrer? Então deixa. Não seria a mesma coisa com a maconha?

E6: se continuar na ilegalidade vai ser a mesma coisa. Se legalizar, eu acho que vai ser melhor, eu acho.

E6: eu acho que ia aumentar...

E6: hoje tem que comprar por baixo dos panos. A pessoa que gosta tem que se arriscar demais. Agora, se a pessoa gosta, ou quer experimentar, aí se estiver legalizado fica mais fácil. Experimentar coisa nova, agora se experimentar e não gostar é só largar e também a pessoa que fica louca é porque não tem controle.

E6: Talvez se legalizar, ia acabar com o tráfico de drogas. Por quê? Por que tem assalto, essas coisas, por causa das drogas que ele vende, né. Se não tiver esse dinheiro, já está como se fosse o Rio de Janeiro, diminuiria a violência se legalizasse. Também os policiais, tem um monte de policial que fuma, porque o policial fuma às vezes fuma mais que pessoal normal. Se legalizar, o pessoal vai fumar, vai ficar beleza, na boa, não vai precisar fazer trato com os traficantes, para proteger a favela. O pessoal não vai, tipo, está lá na farmácia, a pessoa vai e – me vê dois quilos de maconha, vou levar para casa.

E6: mas se fosse legalizar também tinha que haver um controle, como se fosse uma fichinha. Todos os locais iam ter, para dar uma controlada também.

E6: mas não ia existir controle. mas aí ia surgir a ilegalidade para comprar maconha a mais, ia acabar surgindo, eu acho, alguma coisa fora de controle, não ia dar para controlar. É como álcool, não pode vender para menor. Mas quantas vezes nós somos aqui menores, e a

gente não bebe?. Não dá para fingir, você compra, você bebe.

E6: se for para legalizar mesmo, vai ter que controlar bem.

E6: aí eu acho que não tem como controlar, né. Como controlar, não tem como, que nem a bebida. A gente vê isso. A gente tem 16, 17 anos, vai sair à noite, pede um litro de vinho, pede e toma. Está pedindo, é o dinheiro.

E6: ou senão manda outra pessoa, que tem seus 18, 19 anos, mais velho, compra, ela está te acompanhando.

E6: então, não vai adiantar nada...

E6: eu concordo porque.

E6: olha, eu não concordo plenamente, mas concordo. Sabe por quê? Porque a pessoa está consciente do que é a maconha. É que nem uma pessoa que bebe, está consciente do que é a bebida. Se a pessoa vai usar maconha, ela vai ficar louca, ela vai morrer. Porque sinceramente, se liberar a maconha, vai assim, as pessoas que não prestam vão começar a consumir, entendeu. Porque agora é fácil consumir, então, vão consumir mais. Não dura duas semanas. Ia acabar as pessoas que não prestam. E as pessoas que prestam e as pessoas que prestam tem consciência do que é a maconha, não vão lá comprar. Eu não tenho dó de bêbado que está lá na rua, falando um monte de besteiras, sabe por quê? Porque ele teve consciência que se bebesse ia acontecer aquilo. Então, para mim bêbado é tudo que não presta, porque tem consciência que ia beber e ia fazer coisa errada, entendeu. Para mim é o culpado.

E6: eu acho errado. Eu discordo porque assim, na primeira vez, a pessoa que usa maconha, nas primeiras vezes ele está consciente que aquilo faz mal, mas ele vai experimentar. Depois ele fica dependente. Ele sabe que é errado, mas ele não consegue se controlar. Então, ele vai lá, e vai usar. Só que, imagina, um monte de drogados andando no meio da rua. Então não vai durar duas semanas.

E6: se a própria mãe está matando, imagine o povo da rua que não conhece, imagina drogado.

E6: e fora que tem gente que busca que nem um refúgio, a maconha. A pessoa presta, mas está triste, acaba usando, buscando na maconha.

E6: ela falou que usava maconha porque fazia o mesmo efeito que a bebida, só que era mais rápido e não passava mal.

E6: mas assim, se legalizasse, não ia ser a maconha, não ia fazer uns baseados assim. Se legalizassem iriam fazer um controle, não iam deixar a droga pura. Iam fazer que nem se fosse cigarro.

E6: mas você tem a sua consciência, mas quantos adolescentes iam experimentar, então, ia ter o tráfico ilegal com a maconha pura, então.

E6: a Colômbia é o maior produtor mundial de maconha, chegava lá e – me dá tantos quilos de maconha para o Brasil -, pronto, pagava os impostos e...

E6: mas enfim, estou entendendo que a posição tem a ver com uma preocupação de aumentar o uso, essa é uma preocupação. Quem é mais contra, um pedaço, porque vai aumentar muito o consumo, e pode aumentar a violência. Quem concorda com a liberação diz, uns dizem que ia aumentar o uso mesmo e a moçada morrendo em duas semanas, não morre em duas semanas. Imagina morrendo cada duas semanas, a não ser que seja por envolvimento com o tráfico. E outro pedaço é que, quem está defendendo, que assim, está dizendo o contrário, que vai diminuir a violência porque, por conta do tanto que tem junto com arma e tráfico, talvez isso diminua, não foi isso que você falou, R?

E6: então, isso que eu ia dizer, porque quem não tiver dinheiro para comprar na farmácia, vai ter que roubar para comprar, entendeu, vai aumentar os traficantes. Aí os usuários que é um monte iam roubar para comprar na farmácia.

Expressão debatida: a maconha é do bem

E6: eh, maconha, acho que não é do bem porque gente que usa, tem muita gente que usa para maldade, fica doidão, vai fazer coisa errada, vai roubar, é tudo que a gente já discutiu,

que a gente já falou bastante dela. Mas, existem lugares que usam maconha como remédio, né. Como, tem outros países que usam ela por bem, então, talvez, se souber usar, ela pode ser do bem. Gente que tem câncer terminal.

E6: concordava porque tinha pensado no remédio, não tinha pensado na parte do vício.

E6: pode causar o mal também...

E6: tem que saber usar, né.

E6: pode ser do bem, mas tem que saber usar...

E6: porque a maconha te deixa, então ela pode ser usada como, esqueci o nome, aquela injeção...

E6: como anestésico...

E6: gente, tem câncer terminal que usa, em alguns lugares para, como anestésico natural...

E6: porque vicia, não é do bem, só vai viciar na droga, acho que nem mesmo usada como remédio, ela é uma droga...

E6: é, ela usada como remédio ela pode ser do bem, mas, uma pessoa que era viciada em maconha, aí o médico vai tratá-la com remédio a base de maconha, a pessoa não pode ter aquele risco de voltar a ser viciada novamente? Só pelo fato de ter usado o remédio, que tinha a maconha? Tem esse risco também.

As representações cotidianas desses jovens em relação ao consumo de crack focalizam os sujeitos problemáticos (ladrão, maconheiro) que não tem consciência dos seus atos. O consumo de crack significaria um grau maior de gravidade ou etapa avançada da dependência que se iniciou com “drogas mais leves”. O sujeito é percebido como acrítico e sem consciência dos atos (prática de crimes para sustentar o vício) e sua condição de dependência. Ponderam que podem ocorrer situações de consumo de crack mais controladas em que o sujeito não se lança à prática de crimes.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “somente os nórias usam crack”.

Expressão debatida: somente os nórias usam crack

E6: que é nóia?

E6: nóia é, que vai pela cabeça dos outros.

E6: que seria esse nóia?

E6: uma pessoa, que nem, que nem o F.

E6: é como se fosse um viciado...

E6: então, só nóia consome crack...

E6: eu acho que sim, porque para a pessoa chegar no crack, é que ela já está viciada. Então, se o nóia é uma pessoa que já usa, porque geralmente começa com maconha, né, então, para chegar no crack já deve estar, doidinha, viciada. Então, acho que nóia consome crack.

E6: a maconha, se for ver, não é tão pesada que nem o crack...

E6: por isso a turma usa mais, porque só se o cara for viciado para experimentar assim, ninguém vai chegar e falar – vou dar uma experimentada e ver como que é -, porque o cara tem noção também, não é assim, só o viciado mesmo...

E6: eu estou em dúvida, porque eu discordo do que você falou. Existem pessoas que já começam direto na maconha e ficam na maconha, não passa disso. E existem pessoas que, sempre tem trabalho sobre drogas, aí ele sabe e fala – não, a maconha é fraca, eu já quero uma mais forte para ficar doidão de primeira e pronto -. E passam direto para o crack...

E6: mas essa pessoa é nóia?

E6: não chega a ser nóia. Começa a ficar nóia a partir do primeiro uso...

E6: mas não necessariamente quem usa crack seria nóia, aí depende do que seria o nóia...

E6: não, é que o vício pode ir ido crescendo após o uso, não é que já usou... e já é nóia... pode ser que se converte em nóia...

E6: eu estou em dúvida, porque eu não sei o que é um nóia, então...

E6: Eu acho que o nóia seria um viciado, que já usa as drogas. Mas, como o R falou, tem pessoas que já querem ficar doidão logo e já usam crack...

E6: eu acho que é a pessoa que usa em qualquer lugar, que não sabe onde está usando, não se importa com ninguém, isso para mim é um nóia...

E6: nóia é como se fosse um super dependente, ele precisa daquilo para viver. Se ele não tem aquilo em determinado momento ele pode até morrer. É como se fosse assim...

E6:... a maioria dos nóias é tudo ladrão, porque eles não trabalham, eles roubam para consumir drogas.

E6: então não é só nóia que usa...

E6: eu conheço pessoas que são nóias, que usam, mas trabalham em emprego normal...

E6: existem nóias e nóias...

E6: tem os nóias que trabalham para comprar, e tem os nóias que roubam, matam... para usar...

E6: nóia é assim, a pessoa é super, super dependente.

E6: não, tem nóias e nóias...

E6: digamos assim, se o cara tem dinheiro, ele quer experimentar alguma coisa, aí ele compra lá...

E6: ele é usuário...

E6: se a pessoa é super dependente, não é...

E6: não, mas na questão das drogas...

E6: então o nóia seria o bandido?

E6: não. Tipo assim, tem o nóia que tem dinheiro e vai lá comprar. Tem o nóia que usa o dinheiro que ele tem porque necessita daquilo, então é o super dependente que já não consegue arrumar mais dinheiro para sustentar o vício dele.

E6: então o nóia é o viciado...

E6: então é o que rouba para ter...

E6: pessoa obcecada?

E6: aquilo que estava dizendo anteriormente, sobre o caso da ilegalidade. Então, o nóia seria o cara que está ilegal no mundo, então se legalizasse não seria ilegal, seria usuário, né. Deixaria de ser nóia, porque nóia é uma coisa muito vaga.

E6: eu também ia falar o que o D., falou, que a pessoa primeiro usa maconha para depois usar o crack... Quando vai usar o crack é que já está noíão...

E6: ah, estou em dúvida porque pode ter pessoas que tenham trabalho e que conseguem controlar o crack. Se ficou dependente total do crack, então não é só o nóia que usa...

E6: ou pode também, né, porque o crack é muito forte, né. A maioria é nóia mesmo...

6.6.4 Participação Política

Os jovens dessa escola acreditam que a política tem sido mal conduzida gerando desinteresse geral. No entanto salientam que é necessária para a melhoria da vida social. Identificam os problemas na corrupção e falta de empenho dos políticos para melhorar as condições de transporte, do ensino e no respeito à legislação. Identificam mudanças sociais positivas no que se refere a uma maior consciência quanto aos aspectos destrutivos das ações humanas e justificam pelo esforço dos pais que conseguiram possibilitar melhores estudos e preparo para o trabalho. Observam que apesar do avanço tecnológico a qualidade de vida piorou em função da ascensão de valores de competição e individualismo pela ganância do dinheiro, gerando aumento da desigualdade social. Observam que há uma consciência maior em relação à preservação ambiental e aos danos resultantes do aquecimento global. A preocupação com o ser humano vai perdendo espaço para o egoísmo e a ganância pelo dinheiro gerando o aumento da violência e da desigualdade para usufruir os bens produzidos. Também o trabalho é afetado com o aumento da tecnologia gerando desemprego cada vez maior. O acesso a um trabalho não necessitava de tanta qualificação e preparo como hoje em dia. Por outro lado a tecnologia pode possibilitar a abertura de novos campos de trabalho.

Para esses jovens manter a saúde pública é responsabilidade do Estado mas cuidar da saúde é atribuição de cada pessoa. Nem todas as pessoas tem condição de financiar uma saúde privada, portanto o Estado tem o papel de criar condições de acesso à saúde e medicamentos. Existem responsabilidades que são do cidadão e outras que dependem das condições que são garantidas pelo Estado. Observam que há ocasiões de mau uso dos recursos de saúde pelo cidadão como há deficiências nos serviços oferecidos. Referem necessidades de viver o momento presente, de aproveitar o tempo da juventude e se desconectar das responsabilidades como estudo e outras obrigações. Acreditam que essa característica é normal na juventude, mas ponderam que também precisam cuidar de seus estudos. Referem ainda que também há pessoas adultas que vivem desconectadas da realidade.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão as expressões “o mundo está mudando para melhor”, “sou brasileiro nunca desisto”, “política é perda de tempo” e “ter saúde é responsabilidade de cada um”.

Expressão debatida: o mundo está mudando para melhor

E6: É o seguinte, em relação a São Paulo, antigamente eu lembro muito bem, tinha aquelas coisas de [...] aqueles bagulho muito louco e hoje em dia você não vê, pra você ver um negócio desse você tem que procurar numa gaveta muito antiga, em relação ao mundo, o mundo está com certeza se conscientizando em relação ao aquecimento global e essas coisas, porque que nem o professor falou, tem gente querendo mudar o planeta mas com certeza têm outras pessoas que não querem mas assim, em relação aos animais, eu estou vendo, porque eu gosto, estão desmatando menos, estão matando menos, esse negócio de caça está ocorrendo menos, e é isso, eu acho que o mundo está mudando.

E6: Eu já estou em dúvida, aliás eu estou em dúvida, eu acho que a qualidade de vida que tinha antigamente, há 70 anos atrás, eu acho que era muito melhor do que hoje em dia, e agora, eu estou em dúvida porque agora a gente tem a tecnologia, tudo ao nosso alcance mas do jeito que vai eu acho que não vai longe não, o mundo não vai mudar pra melhor não.

E6: Está piorando cada vez mais.

E6: Eu acho que se muita gente colaborasse pra melhorar o mundo eu acho que seria bem melhor.

E6: Por exemplo, a tecnologia, pra gente conseguir algo novo pra gente, a gente tem que sacrificar o velho, né? Então, a natureza que está aí há milhões e milhões de anos, pra gente conseguir a tecnologia que a gente tem, sempre vai precisar desmatar, precisar cortar uma árvore, vai precisar alguma coisa morrer, às vezes um rio, poluir, sempre vai acontecer isso, e cada vez mais as cidades crescendo e aí a parte de floresta diminuindo, os animais morrendo, é isso. Pra mim isso está sendo bom, né? Porque eu estou aí com a minha internet, a televisão, ouvindo o meu som num aparelho desse tamanho mas generalizando, nas próximas gerações os meus filhos, netos, não vai ser legal.

E6: Eu discordo porque têm muitas pessoas sem coração...

E6: Nossa, que drama, né?

E6: Têm muitas pessoas sem coração, não têm consciência, só pensam em si mesmos e no dinheiro, uma coisa que está acabando com tudo e, é isso.

E6: As pessoas são muito egoístas, só querem pensar nelas e em dinheiro, não pensa no próximo, isso está aumentando.

E6: Ao invés de diminuir está aumentando cada vez mais, o que está gerando brigas, gerando fome, violência, muitas coisas ruins, coisas negativas como um todo.

E6: É que todo o mundo se exploda pra eles.

E6: Enquanto uns estão em casa, acessando a internet, ouvindo um som, muitos estão na rua, passando fome, passando frio...

E6: Eu discordo com ele porque assim, tem muita gente pensando em ganhar dinheiro com tecnologia e não está pensando nas pessoas que estão passando fome, acho que se cada um pegasse o dinheiro da tecnologia todo e dar para aqueles que estão precisando, pelo menos um trabalho digno, acho que o mundo seria melhor.

E6: Aí chega um dia essa pessoa morre cheia de dinheiro no banco e o dinheiro vai pra onde? Fica pro dono do banco que fica mais rico, aí vai toda uma...

E6: E aí, tipo, que nem ele está falando que o mundo está melhorando com a tecnologia só

que acho o seguinte, muitas pessoas estão fazendo a tecnologia aumentar pra fazer coisas boas, tem gente que pega a tecnologia pra construir armas, pra fazer destruição, pra fazer guerras entre países, eu acho que isso é uma coisa que não vai levar a nada e que guerra não serve pra nada, pra que a gente vai guerrear com outra pessoa?

E6: E eu também acho que a tecnologia está roubando muito trabalho, assim, eles estão substituindo pessoas por máquinas, estão tirando as pessoas e colocando máquinas, eu acho errado, eu acho que deveria fazer máquinas, certo, só que não substituir.

E6: Tirar o emprego.

E6: Tirar o emprego de alguém por uma máquina.

E6: Que pra eles é mais eficiente, né?

E6: Eu acho que falar, a gente fala aqui conversando, acho que todo mundo aqui tem internet em casa, falar é muito fácil, é muito fácil falar, entende? É muito complicado a gente fazer, porque aqui a gente está discutindo, pensando no mundo ‘nossa, que coisa maravilhosa’, quando chega em casa eu garanto que todo mundo vai entrar de baixo do cobertor e acessar a internet, não vai nem se mexer pra fazer uma marmita pra ir lá ajudar quem está com fome...

E6: Não, não, não. Não é bem assim não.

E6: E quanto às máquinas, eu acho que fazendo máquinas, a gente faz emprego também, porque essas máquinas, elas vão precisar de manutenção, alguém, tipo pode tirar o emprego de alguma pessoa que essa máquina vai fazer o trabalho melhor mas com certeza vai precisar de outras pessoas pra manusear essa máquina então, eu acho que emprego [...] e a tecnologia ajuda bastante.

E6: Mas tipo, onde fica a natureza nessa história?

E6: Por isso que eu estou em dúvida, por isso que eu não sei responder. É uma coisa que está distante de mim porque eu vou ser bem sincero, eu não esquento muito a cabeça porque eu estou sossegado, no meu caso eu tenho a minha casa, eu tenho o meu emprego, eu tenho minha internet.

E6: Trabalho com meu pai, numa oficina de funilaria.

E6: Mas por que mudou, porque os meus pais, eles lutaram.

E6: Lutaram pra gente ter uma vida melhor.

E6: Pra ter uma vida melhor. Não foi nada fácil.

E6: Eles lutaram pra gente, o que eles não tiveram, eles queriam passar pra gente.

E6: É isso que o meu pai fala ‘o que eu não tive você vai ter’.

E6: Como ele não tinha estudo, ele não teve estudo nenhum, agora ele está pagando estudo pra mim, ele quer me colocar de qualquer jeito dentro da Ford pelo SENAI que é uma coisa que ele não teve oportunidade, antes ele entrou muito fácil na Ford só que hoje ninguém consegue entrar fácil lá na Ford, lá é só por via de funcionário e ainda pelo SENAI, ele já tentou colocar os meus dois irmãos; um, hoje graças a Deus tem 30 anos, faculdade, formado, porque graças ao esforço dos meus pais, ele trabalhou, sempre foi esforçado, porque o meu pai sempre foi empurrando, sempre deu objetivo pra ele na vida, tudo o que o meu irmão tem hoje eu falo que tem o dedo do meu pai, e meu outro irmão tem 21 anos, ela não, vamos dizer que agora que ele começou a estudar, ele tem 21, agora que ele começou a ter um emprego bom e o meu pai está empurrando um monte de curso pra mim só que eu acho que às vezes é muita coisa pra mim, só que ele não entende, só que eu acho que está fazendo isso pra melhorar.

E6: Do jeito que está não vai muito longe não.

E6: Se a pessoa tem conhecimento, emprego tem.

E6: Emprego tem, o que falta é gente qualificada.

E6: Pessoas qualificadas.

E6: Se você tem qualificação específica com certeza...

E6: Emprego tem.

E6: E continuar as pessoas desmatando a natureza o mundo vai acabar. Não vai sobrar nada.

E6: Mas é o que eu falei, a gente discutir isso é muito fácil porque pra nós está muito bom, eu quero er aqui, alguém reclamar da vida que tem hoje.

E6: Se continuar a mesma coisa vai acabar a natureza, não vai sobrar mais nada pras nossas próximas gerações.

E6: Se continuar derrubando as árvores eu acho que não vai resolver nada.

Expressão debatida: sou brasileiro e não desisto nunca.

E6: eu concordo, mas não de falar assim... 'eu vou conseguir... sou brasileira e não desisto', lógico que eu tenho uma meta... não sei se vou conseguir (várias riem, interrompendo)... não tenho certeza se vou conseguir. Mas tipo esse negócio... 'sou brasileira, não desisto nunca', não desisto nunca até que vai... mas 'sou brasileira' até que não... Mas agora... 'não desisto'... (gargalhadas, gritos)... Tipo... eu quero... eu gosto tipo assim... se eu tenho um objetivo, se quero meu objetivo, eu faço de tudo... tudo na lei, tudo certinho, mas eu faço de tudo... eu sou brasileira, não desisto, até conseguir uma coisa eu não desisto.

E6: o caso de ser brasileiro não tem nada a ver...

Várias: não tem nada a ver...

E6: pode ser uma pessoa de... qualquer lugar... e ela não desiste nunca...

E6: de outra nacionalidade...

E6: acho que 'não desisto nunca', todo mundo pensa, né, você quer alguma coisa... você não vai desistir. Igual um emprego bom... você sabe que tem capacidade, você vai correr atrás, você não vai desistir, até conseguir. E se você conseguir aquele... aí vai atrás de outro...

E6: então, eu não vou desistir... se não conseguir eu só vou mudar o sonho, entendeu?

E6: também tem a ver com a personalidade da pessoa. Tem gente que não gosta... e pessoas que sim... Tem quem não acredita nela mesma e deixa...

E6: é... mas tem pessoas que não. A maioria dos brasileiros, se você for pensar... eles vêem um obstáculo na frente e aí param naquele obstáculo, ficam. Desistem muito fácil. Mas tem outros brasileiros que vão atrás... Agora, tem muitos brasileiros que desistem fácil... não são todos que correm atrás das coisas.

E6: tem pessoas e pessoas, né...

E6: exatamente...

E6: ah, tem a política... os jovens, por exemplo... como vai conseguir o primeiro emprego se pedem experiência?

E6: uma coisa assim, tipo, eu quero, mas não dão oportunidade, então... dependendo de algumas pessoas você acaba desistindo.

Expressão debatida: a política é perda de tempo.

E6:... tem tanto político que promete, promete e não cumpre...

E6: mas a política é necessária para que...

E6: para que tenha uma ordem, é necessária a política... não gosto da política, mas é necessária... Tem também o comando... as leis...

E6: como vai ser um país sem política, sem leis, sem regras...

E6: vai ser cada um por si...

E6: é, cada um por si... aí já era, acabou o mundo, é o fim do mundo...

E6: política é ruim?, é ruim, mas é necessária.

E6: porque estou em dúvida? Não sei o que falar... não sei...

E6: só está em dúvida mesmo...

E6: é, só tenho dúvida mesmo.

E6: eu acho assim, eu concordo que política é perda de tempo, que hoje em dia a política do país está uma 'bosta', mas eu discordo porque sem o presidente, o prefeito, seria pior... por isso que estou em dúvida...

E6: acho que para falar que está uma bosta tinha que ter sofrido alguma coisa...

E6: ah, é que político promete, promete e nunca...

E6: mas eu nunca pedi nada para político. Mas eu acho que ele está roubando seu dinheiro...

E6: ele diz que vai melhorar isso, vai melhorar aquilo, e nem sempre melhora.

E6: poderia pôr um computador na sua escola para você aprender mais, e ele está engordando com seu dinheiro...

E6: eu falei que é uma bosta...

E6: ... oh... é pelas leis do país, tem leis, mas ninguém respeita. Não respeitam e não tem punição. Que nem esse negócio de [...].

E6: isso está errado... é um absurdo...

E6: então... eu discordo porque tem um monte de regras, o povo não respeita... tem um monte de gente, de político corrupto, que está com o dinheiro da gente e não faz 'bosta' nenhuma a nosso favor... Nem na escola, nem na educação... a merenda que a gente tem na escola é uma 'bosta'...

E6: sopa muito mal feita.

E6: o transporte que a gente tem é muito pouco, e o que tem é uma porcária. Todos os ônibus caindo aos pedaços... então...

E6:... então... eu digo que é uma 'bosta'.

E6: mas você tem que pensar que tem político que faz o bem também...

E6: sim... mas a maioria... Se você quiser fazer o bem, tem os corruptos que... se você quiser fazer o bem, você morre.

E6: e se a gente ficar sem os políticos...

E6: ué, mas não estou dizendo para ficar sem os políticos, estou dizendo que política é bom, sim, mas estou em dúvida por causa que essa política atual é uma bosta, então eu acho que é uma perda de tempo.

Expressão debatida: ter saúde é responsabilidade de cada um

E6: eu estou em dúvida.

E6: concordo...

E6: ah, eu discordo porque eu acho, ah, que nem, nem todo mundo tem dinheiro para pagar hospital e a saúde pública é uma beleza. E nem todo mundo tem condições de viver assim, essas coisas não é responsabilidade somente de cada um, eu acho.

E6: eu acho que do governo e da sociedade.

E6: eh, eu estou em dúvida por causa que, uma parte eu concordo que é responsabilidade minha, mas também tem parte que o governo tem que agir, colocar os remédios, porque tem remédios que são muito caros e tem pessoas que não tem condições para pagar. E tem outros, as pessoas assim que não tem responsabilidade em comprar o seu próprio remédio, pessoas que abusam, que usam para se drogar, é isso.

E6: ah, porque eu acho que a pessoa também tem que se cuidar.

E6: do que adianta, não vou me cuidar e não vou ter saúde, como?

E6: tipo assim também, que adianta o governo fazer as coisas se a pessoa não...

E6: ele está ajudando, mas a gente não ajuda a si mesmo...

E6: cada um tem que se cuidar, da sua própria pessoa, né.

E6: também do governo, se o governo também não facilitar para nós, aí...

E6: eu acho tipo assim, que nem falou do remédio, o governo tem que dar, que nem eu moro do lado do posto, que nem meu vô precisa remédio para diabete, essas coisas, e tudo ele consegue lá. Então, ele se cuida. Mas também depende de cada um. Se eu preciso de uma coisa eu vou atrás. Se eu estou doente, eu vou cuidar, entendeu, não tem essa do governo.

E6: mas que não é todo remédio que o governo dá.

E6: a maioria...

E6: tem gente que morre em fila.

E6: é verdade...

E6: então, é por falta de se cuidar...

E6: não...

E6: tem pessoas que vão no hospital, e tem pessoas que não atendem os pacientes.

E6: porque...

E6: tinha um cara que cobrava, em um hospital público, para alguém fazer exame...

E6: de graça...

E6: ele ia pagar R\$ 68,00...

E6: quem paga? O governo...

E6: então, mas facilita, porque se ele não quisesse ir, ele não ia...

E6: tá, e se o governo não quiser dar, não dá.

E6: não, então meu vô morre.

6.7 ESCOLA PÚBLICA LOCALIZADA NA REGIÃO QUASE PERIFÉRICA – E7

6.7.1 Educação, Escola e Trabalho

Para esses jovens o estudo é uma perda de tempo, pois a escola não oferece condições de ensino adequadas e atrativas para a aprendizagem. Os professores se mostram desinteressados pelos alunos, cumprindo o trabalho de modo burocratizado. Da mesma forma os alunos não se sentem motivados para buscar mudanças já que suas queixas são minimizadas e ironizadas pelo corpo diretor. Acabam por cobrar maior rigidez no cumprimento das normas e regras pelos alunos. Também a perspectiva de conseguir trabalho a partir do estudo é baixa já que têm exemplos dos pais que estudaram e não conseguem trabalho nas suas áreas de formação. Os jovens projetam na escola particular ensino de melhor qualidade em que poderiam se interessar e se envolver também por ser pago assim seriam mais cobrados a aprender. Ainda há jovens que mesmo diante de condições

insatisfatórias de ensino apostam no estudo como uma forma de conseguir trabalho mesmo que seja em profissões menos valorizadas.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “estudar é uma perda de tempo”.

Expressão debatida: estudar é uma perda de tempo

E7: concordo plenamente...

E7: estou em dúvida...

E7: eu falo isso para a minha mãe, que é uma perda de tempo, só que ela não entende.

E7: é mesmo...

E7: não, eu concordo plenamente...

E7: por mais que estudar não vai conseguir emprego bom.

E7: e o que está fazendo aqui?

E7: dá só para levar...

E7: não estava aqui...

E7: D., aonde é, aqui ou aqui?

E7: ele que colocou...

E7: eu acho uma perda de tempo...

E7: se eu aprendi alguma coisa foi até a 5ª série, depois não aprendi nada...

E7: eu também...

E7: a professora de matemática ela nem explica...

E7: e por que você passa adiante, da quinta, para sexta, sétima...

E7: a escola que é, não, é uma boa burra...

E7: por isso que...

E7: a minha irmã que não sabe ler, não sabe escrever passou de ano...

E7: meu irmão está na quarta série e não sabe ler.

E7: os professores não ensinam...

E7: é perda de tempo...

E7: eu acho que na escola particular tem professores que sabem ensinar melhor do que, não é que sabem explicar melhor, é que são mais rígidos. Aqui não, você faz o que você quiser, a diretora fecha a boca e não fala nada...

E7: tem professora que passa lição e senta, fala – se vocês quiserem, faz, se não quiser, vai passar do mesmo jeito, a professora fala -.

E7: o professor passou lição, se o aluno vai fazer ou não, não é problema dele. Ele passou a lição...

E7: na escola particular paga todo mês, tem o esforço do seu pai que está pagando todo mês, fazendo um esforço para você estudar, aí você não vai estudar? Vai...

E7: não, o professor, o problema é que o professor não está nem aí, ele está formado, ele já sabe, entendeu. O aluno, ele passa na lousa o que tem que fazer...

E7: tem um exemplo...

E7: ela fala – quem quiser copiar, copia, quem não quiser passa do mesmo jeito.

E7: então, é o certo...

E7: mas ela tem que explicar, que isso daí não dá futuro, que isso daí é melhor...

E7: mas que adianta ele explicar se todo mundo não está nem aí...

E7: sim, ele está interessado em estudar, mas tem que chamar todos, é um direito de todos.
E7: ele chama os melhores...
E7: não, ele chama os que estão interessados em estudar...
E7: se a professora fosse mais rígida, e tivesse regras nessa escola, podia ser bem melhor a escola.
E7: a diretora que é errada...
E7: se tivesse merenda boa, futebol, lazer, porque essa merenda aí...
E7: eu acho que a diretora...
E7: ah, discordo plenamente, porque ninguém vai para a escola para não aprender nada. Tem que ir para a escola para aprender, quem mais precisa é nós, porque como vai arrumar trabalho sem saber nada?
E7: não, minha mãe ela já terminou os estudos e ela não tem emprego bom, entendeu. Então, eu acho que além do estudo tem que fazer cursos...
E7: tem que se profissionalizar...
E7: só o estudo agora, até para você varrer rua tem que ter o terceiro grau completo...
E7: então, é difícil, e se você não estudar?
E7: eu não acho perda de tempo. Se quem não estuda, se quem estuda não tem um emprego bom, imagina quem não estuda, o que vai ter na vida?
E7: eu acho que os professores que falaram isso aí para a gente, tanto faz para eles...
E7: bom, por um lado eu concordo com os professores. Eles sabem, passam lição na lousa, o aluno não vai fazer? O problema é dele, vai repetir...
E7: mas não adianta só passar, tem que explicar, meu...
E7: mas o que adianta ele explicar e você não estar nem aí?
E7: se resolvesse a merenda...
E7: é, o que aconteceu...
E7: que não tinha merenda e fui reclamar...

6.7.2 Família, Pares e Relacionamentos

Com relação aos cuidados e prevenção da gravidez as opiniões desses jovens se dividem entre aqueles que acreditam que falta informação e orientação para o jovem e aqueles que acreditam que se trata de descuido e falta de cuidado quando se depara com momentos de prazer pelo sexo.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “gravidez na adolescência é descuido ou falta de informação”.

Expressão debatida: gravidez na adolescência é descuido ou falta de informação

E7: dá para fazer uma palestra com isso aqui...
E7: já cansei disso daí...
E7: é interessante...
E7: concordo...
E7: não concordo...

E7: devia saber o que estava fazendo na hora...

E7: né? Achou gostoso...

E7: na hora de fazer, todo mundo quer...

E7: ah, vou discordar, porque hoje em dia tem muita informação...

E7: não, porque tem duas perguntas aqui...

E7: então...

E7: eu acho, porque tem um monte de coisas que pode evitar...

E7: não, eu acho que é falta de informação, porque...

E7: não, é descuido, tem um monte de cartazes aí...

E7: descuido, porque informação tem...

E7: é falta de informação, e acho que descuido, dependendo do momento também...

E7: não quero falar mais, não.

E7: porque não. Estava em um raciocínio e...

E7: é, você está naquele momento lá, com a menina. Você está naquele momento com a menina lá, sua chance, com o maior, maior tesão, aí você não vai parar tudo aquilo por causa de...

E7: da camisinha...

E7: da camisinha, você não vai pensar em engravidar naquele momento...

E7: não, mas se ela tiver, um exemplo, se ela tomar anticoncepcional, não vai correr o risco de engravidar...

E7: então, aí já vai da cabeça da menina, né, o que eu posso fazer? Tem que ir no ginecologista, né...

E7: é, mas se você está com ela...

E7: aí depois que a pessoa aparece grávida aí, ninguém quer assumir o filhote, né?

E7: quem é o pai, não, isso depende. Se a menina não prestar, aí ela vai saber, com quantos ela ficou...

E7: eu acho que não é falta de informação, porque hoje tem bastante lugar que dá conselhos, eu acho que é coisa do momento...

E7: até no posto aí, dá camisinha aí, remédio. Não, remédio não, camisinha. Engravidada porque quer...

E7: lógico que dá, tem que dar...

E7: não, vai ter um certo momento que não vai dar mais...

E7: mas tem tanta informação...

E7: mas se acontecer, e estiver sem nada...

E7: é descuido...

E7: então vocês vão andar todo dia com camisinha no caderno?

E7: o homem, porque ela pode tomar pílula. Não aquela camisinha de mulher...

E7: ninguém está falando de camisinha de mulher...

E7: menina de 10 anos engravidada, meu, que absurdo!

E7: dos dois. Pode ser tanto da mulher como do homem...

E7: é, verdade...

E7: são os dois que fez. O homem pode achar que ela está tomando anticoncepcional, aí vai andar com camisinha no bolso?

E7: e ela também...

E7: verdade...

6.8 ESCOLA PÚBLICA LOCALIZADA NA REGIÃO PERIFÉRICA – E8

6.8.1 Educação, Escola e Trabalho

As representações cotidianas dos jovens desses jovens sugerem maior heterogeneidade de posicionamentos e argumentos, possivelmente por ser um centro público de formação profissional frequentado por jovens de diversas regiões do Município e situado em região classificada como periférica. O estudo é valorizado pelo seu caráter formal para obtenção de títulos garantindo condições mínimas exigidas para o ingresso no mercado de trabalho e também como meio de aquisição de conhecimento para o desenvolvimento e a proteção pessoal. O conhecimento adquirido e o aprendizado social não estão restritos ao ensino formal, mas se ampliam para as experiências familiares e da vida em geral. Para alguns jovens as dificuldades do ensino formal se somam aos desgastes advindos do trabalho precoce dentro e fora de casa, gerando longas jornadas de atividades. Para alguns jovens a aquisição de conhecimentos e o bem-estar futuro depende do esforço e vontade individual independente das condições de vida e da forma como ela ocorre. Os alunos que se dedicam mais aos estudos são diferenciados dos demais, apelidados de “cdf” e “nerds”, o que gera sentimentos ambíguos de ódio, desprezo, inferioridade e inveja. Estes podem se imbuir de um sentimento de superioridade em relação aos demais, mas há aqueles que são mais solidários.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “o estudo é um escudo”, “educação garante o futuro” e “ninguém gosta de quem é ‘cdf’”.

Expressão debatida: o estudo é o escudo

E8: O escudo é proteção.

E8: Em alguma parte sim.

E8: Ah, tem muitas coisas também, tem um lado em que ajuda muito agora por outro não, a maioria das pessoas começa a estudar e não termina, aí a pessoa tenta emprego e não consegue.

E8: Eu concordo. Porque vai precisar, mas hoje vale bastante, antes ia até a quarta série você arrumava um emprego bom, hoje eles estão exigindo a faculdade, um monte de coisa...

E8: Ah, eu acho que é.

E8: Consegue um emprego melhor, até mais fácil.

E8: Porque você vai ter, por exemplo, até a quinta série, você vai arrumar um serviço, só se for de faxineira por aí...

E8: Lixeiro, gari está precisando ter o segundo grau.

E8: De telemarketing.

E8: Bufê, também.

E8: Concordo.

E8: Tem alguma parte em que vai atrapalhar. De repente se a pessoa engravidar, como é que ela vai vir pra escola, atrapalha.

E8: Eu também tive um pouco, porque eu estudava em outra escola, aí nessa outra escola tinha, não tinha mais escola pra mim estudar, eu procurei e não achei, aí foi que procurei, procurei e estou aqui.

E8: É, tive. Porque assim, eu ia pra escola igual a que eu estou aqui, viajava, às vezes não queria fazer nada...

E8: Tive porque eu, aí fiquei dois anos sem vir pra escola. Agora eu estou tentando correr atrás.

E8: Na escola em que eu estudava era período integral, aí eu saía da escola, eu ia parar de estudar, aí eu falei ‘acho que é bom para de estudar, né?’

E8: Eu estudava lá, antes daqui eu estudava no Clotilde, e na sexta série eu estudava no Celso Gama, só que eu não aguentei porque eu moro longe aí eu chegava em casa às 7 horas e de manhã eu saía, aí não dava, era muito cansativo.

E8: Não, eu estudava lá numa escola perto do bairro mesmo.

E8: Por causa que, eu ia trabalhar, trabalhar não, eu ia cuidar de criança, da irmã do meu cunhado, ela não tinha ninguém, só que aí eu falei ‘não’, eu continuei estudando lá, só que aí chegava em casa e a única coisa que eu fazia era chegar em casa, tomar banho e deitar, e dormia e minha mãe reclamava também, que eu chegava em casa e não fazia nada em casa. Aí eu falei ‘vou mudar de escola’.

Expressão debatida: o estudo é o escudo – grupo 2

E8: ele protege?

E8: de duas maneiras, questão de diploma. Às vezes você pode não saber nada, literalmente não ter aprendido nada, mas você tem um diploma, não é só um escudo, é como se fosse uma espada também, para você eliminar todos os seus adversários a uma vaga de emprego e pegar essa vaga. Agora falando como um estudo, uma coisa que você realmente aprendeu, assim, você pode perder tudo, você pode perder o seu carro, pode perder sua família, mas assim, o que você aprende, você não perde. O conhecimento é importante. É uma forma de você se defender das coisas, é a diferença com os ignorantes, as pessoas que não conseguem se defender, entendeu? Eu vejo assim.

E8: perfeito...

E8: não dá para falar mais nada...

E8: que o estudo é realmente um escudo contra a maldade, tipo, do mundo, você chega em um lugar, está se falando de um assunto, você sabe, você vai saber lidar com a situação, né.

E8: e o que ele falou em relação a trabalho, perfeito, porque a pessoa que tem um escudo, um diploma, ela tem diploma, ela pode não saber metade do que ela tem no diploma, ela estudou muita coisa, mas não aprendeu metade, mas ela tem um diploma. E um cara que vem da roça, por exemplo, ele não tem o diploma, mas ele é muito mais esperto do que aquele que tem o diploma, e mesmo assim quem fica com a vaga é o que tem o diploma.

E8: mas a aparência do...

E8: é, mas a maioria é, né...

E8: a aparência da pessoa que vem do interior não é boa, mas ele é um cara esforçado, inteligente, sim, entendeu.

E8: às vezes sem tecnologia eles conseguem...

E8: exatamente...

E8: melhor que...

E8: melhor que aquele que tem tecnologia...

E8: por exemplo, o meu avô, ele não estudou, ele sempre trabalhou na roça, minha avó também. Mas assim, eu não conheço pessoa mais experta do que o velho foi, ele me ensinou muitas coisas que eu não aprenderia em uma escola...

E8: ele aprendeu com a vida...

E8: meu avô poderia não saber resolver uma conta, vamos dizer, uma conta matemática, mas ele sabia lidar com a terra muito bem. Coisa que alguém que faz uma faculdade de agronomia...

E8: não é que atrapalhe, é que assim, facilita demais para as pessoas...

E8: as pessoas que tem como chegar a ela, se acomodam...

E8: as pessoas que não tem como chegar a ela sofrem para aprender sem ela, entendeu...

E8: mas mesmo assim acabam evoluindo mais do que as que tem, pela tendência a se acomodar.

E8: por exemplo, agora com internet, se brinca menos...

E8: não...

E8: eu não gosto de estudar pela internet...

E8: diploma vai ser a primeira vista da pessoa que vai te contratar...

E8: ele vai facilitar para você chegar...

E8: exatamente...

E8: vai ser a primeira vista dele, ele vai olhar assim e vai falar – tem diploma, agora vamos ver se é isso mesmo -.

E8: o cara é mecânico, o cara falou que tem faculdade de engenharia mecânica, que é mecânico, o cara chega lá, uma oficina, uma oficina muito firmeza. Tem que trocar um negócio lá, eu não entendo, mas o cara chega e troca errado, o cara vai falar – pô, você não falou que é formado, como é que vai errar isso? –

E8: assim, o diploma é o cartão de visita da pessoa, e quem tem cartão de visita se apresenta melhor.

E8: eu tenho um tio, trabalha há 30 anos, nunca estudou para fazer aquilo, e nossa!

E8: tem um cara, formado em engenharia de sistemas, e o cara não sabe, tipo, praticamente o básico. O cara é formado, o cara é de engenharia de sistemas. O cara aprende a desenvolver um sistema. Como é que o cara pega e sabe menos que eu que estou fazendo o Pic...

E8: porque assim, no meu ponto de vista, na minha opinião, essas pessoas normalmente são aquelas que tem a faculdade facilitada. Como posso dizer? Que o papai banca, mamãe banca...

Observador: vocês estão discutindo um tema que eu acho que foge um pouco do. Eu ouvi vocês falarem em passaporte, em cartão de visita, mas não entendi ainda por que o escudo é o diploma.

E8: ele protege, por exemplo, a não conseguir um emprego, ele protege contra o desemprego, por exemplo.

E8: ele protege de muitas coisas...

E8: é uma porta para o trabalho...

E8: não, não é isso... Vamos supor...

E8: até para pegar um ônibus, você tem que saber ler, qualquer tipo de coisa...

E8: chega um cara aqui, fala – por favor, lê para mim -, o cara vai falar – meu! Não sabe ler? Você é burro?

E8: você ia falar isso?

E8: não...

E8: você não sabe nem de onde o cara vem e ia julgar?

E8: não, estou dizendo que...

E8: ele protege contra o preconceito...

E8: se for um cara novo e fala – eu não sei ler -, você vai pensar, o cara é burro. Você vai falar – beleza -, ninguém vai ter um preconceito, ninguém vai julgar...

E8: também, contra a polícia.

E8: você mostra que tem estudo, que é um estudante, não é verdade isso?

E8: até na prisão, quem tem diploma fica separado dos outros...

E8: uma coisa leva à outra...

E8: vamos supor, se eu estiver na prisão, e for atacado por ganguezinhas de pessoas que não tem o que fazer e saem batendo em todo mundo, e essas pessoas estudaram, mas será que o estudo protegeu eles?

E8: não, eu já tomei muito tapa na delegacia, mesmo sendo estudante.

E8: bom, a aparência...

E8: aparência não é, é a conversa que você leva com eles, aí você já sabe se vai levar na orelha.

E8: não acho a aparência, ele te enquadra da mesma forma, com certeza...

E8: primeiro vai olhar em você, na sua roupa e depois que vai conversar...

E8: quem botar uma calça mais larga, uma touca, vai tomar ‘enquadro’, por quê? Porque é malandro...

E8: exatamente é um preconceito deles.

E8: Eles acham que todas as pessoas que andam assim, não é porque a pessoa tem estilo, porque o policial não entende porra nenhuma de estilo. Desculpa a palavra. Só porque você está com uma camiseta e uma bermuda. Vamos supor que você esteja com uma bermuda da Vilabom, uma camiseta da Adidas, um boné sei lá de aonde, você vai tomar enquadrado? Fala para mim, vai tomar enquadrado? Você não vai tomar enquadrado...

Expressão debatida: educação garante o futuro

E8: o que eu não concordo é o seguinte: educação, para muita coisa garante, mas não vai dar cultura, só educação. Você vai precisar de determinadas coisas, que vão sendo decorrentes do seu dia a dia, das coisas que você vai aprendendo. Porque, beleza, educação, educação não é só você pegar, chegar aqui na escola, aprender e ir para casa. Educação é seu pai, sua mãe que ensina, o que você aprende com as pessoas que estão em volta, com as pessoas que estão no seu núcleo e etc. Mas, você garantir, você garante o seu futuro, você que consegue fazer com que aquilo vingue alguma coisa. Porque muita gente pode frequentar uma escola, pode ter uma família perfeita, e depois de um tempo morar na rua. Então...

E8: pegando o embalo que G., falou, estou pegando pela questão de educação – escola, não educação – família. Assim, eu posso estudar muito, ter um diploma, ser, saber do assunto de um trabalho, coisa assim. Mas aí chega alguém que tem ‘QI’, alguém que indicou, tem um bom, o pai dele é o dono da empresa, vamos dizer assim, mesmo ele não tendo educação nenhuma, conhecimento nenhum, do que eu sei, ele vai pegar a minha vaga. Então em questão de trabalho acho que educação não garante o futuro.

E8: eu acho que a educação é a base da disciplina...

E8: acho que colocando assim, educação, escola e tal, está perfeito. Agora, em relação a educação, família mesmo, realmente garante o futuro. Porque, por exemplo, pode chegar um currículo ótimo, e não ter nenhuma educação. Ser totalmente...

E8: grosso, exato, estúpido.

E8: na hora da entrevista...

E8: exatamente, não sabe falar, não sabe colocar as palavras, não precisa ser uma coisa assim, de falar certinho e tal, mas saber conversar, ter uma certa educação. Agora, um cara mais culto, mais apresentável, já ia conseguir...

E8: se você vê, isso no dia a dia faz diferença para caramba...

E8: faz.

E8: esse negócio de lábia.

E8: não, eu concordo plenamente que a educação é fundamental, na área...

E8: família?

E8: na área família, na área...

E8: eu acho que a educação tem que estar de acordo com a educação da escola, por exemplo, entendeu. Ela tem, as duas tem que estar perfeitas, porque senão...

E8: mas a educação depende de você...

E8: com certeza, traz conhecimento..

E8: mas não é só a escola...

E8: mas olha eu. Eu sei que sempre discordo de todo mundo, mas meu, a educação depende de você. Você pode pegar, meu, seu pai te direcionar para o caminho certo, entra por aqui e sai por aqui, você fala – eu vou na ‘biquera’ que eu quero um baseadinho para fumar -.

E8: não, você está certo...

E8: mas a colocação que ela fez, realmente...

E8: não, isso tiro de mim, entendeu, meu pai e minha mãe me tocou que nem um...

E8: que nem, com 12 anos eu perdi meu pai. Eu tive a educação da minha mãe. Minha mãe, eu fui me educando sozinho. Moro sozinho hoje em dia, eu que tive uma cabeça para seguir em frente, entendeu.

E8: ah, com certeza, mas isso não tem nada a ver com o que ela...

Observador: a gente não vai conseguir identificar se falar todo mundo junto ao mesmo tempo...

E8: ah, sim. Isso não influenciou em nada na minha educação.

E8: influenciou na minha...

E8: ah, cada um tem uma cabeça, né.

E8: teve um tempo na minha vida que, putz, eu fiz cagada até...

E8: bom, desde esse ponto de vista...

E8: vai depender de você mesmo você garantir seu futuro, tipo depende, beleza, você ser educado ajuda...

E8: com certeza...

E8: você, depende de você, depende do seu caráter, de tudo.

E8: mas você ser uma pessoa educada não depende de você?

E8: então, depende de mim.

E8: depende do que você fizer...

E8: com certeza.

E8: por exemplo, a minha mãe me ensinou, - K., não vai por aí, que ali tem um buraco -.

E8: se eu for é porque eu quero.

E8: por isso que eu digo...

E8: aí vou cair lá, então, não ouvi, então, eu não quis aquele conselho. Agora, se eu quero uma educação, não tem muito a ver o buraco, mas se eu..

E8: então, a educação depende de você...

E8: você vai pelo caminho certo ou pelo caminho errado. Você que vai escolher, você ser educado, entendeu, você pode falar – eu eduquei meu filho -.

E8: tem muito a ver com o que você vê na sua casa também, presença dos seus pais, a educação que você viu no convívio da casa...

E8: não, que nem, eu não falo com meus pais, mas eu moro em casa, entendeu. Por isso que eu digo...

E8: você é brigado com eles?

E8: não, não é que a gente seja brigado. De final de semana a gente até dá um ‘aué’, mas é o seguinte: depende de você, o seu futuro, o seu emprego, a sua escola, sua namorada, sua família. Agora, se você for educado, ajuda.

E8: eu concordo que a educação ajuda muito, mas também já discordei ali porque não é só ela para te ajudar, depende de outras coisas também.

E8: somente a educação garante o futuro...

E8: somente ela, não.

E8: exatamente, somente ela não.

E8: realmente, porque só a educação não garante o futuro.

E8: ah, concordo.

Expressão debatida: ninguém gosta de quem é “cdf”

E8: é que sempre tem aquilo que o ‘cdf’ é chato...

E8: ninguém gosta de quem é ‘cdf’, eu não entendi a colocação ainda.

E8: seria o nerd?

E8: ah, o nerd sempre tem outro nerd...

E8: não, estou pensando ainda, eu não estou em dúvida...

E8: que a gente não gosta de alguém que é estudiosa e vai bem nos estudos?

E8: olha, eu concordo...

E8: eu não concordo, mas...

E8: não sei...

E8: ah, para mim tanto faz se ele é assim, cada um tem um jeito, eu faço a minha caminhada, eu não posso...

E8: o ‘cdf’ é o que sempre se dá bem, é o que sempre passa de ano, é o que sempre tira notas altas...

E8: por exemplo, eu tenho muitos amigos que são taxados de ‘cdf’, eu não tenho problema nenhum. Estou falando de mim, agora no contexto geral de uma massa, a maioria não gosta, porque assim, antes de estudar aqui, assim, todo o pessoal que era mais estudioso sempre apanhavam no intervalo. De quem? Daqueles caras que não sabiam nem ler nem escrever o próprio nome, só que eram fortes implicavam. Agora, só questão da massa. Agora, falando de mim, eu não tenho problema nenhum, porque para mim toda pessoa é uma pessoa como qualquer outra, independente do que ela seja ou do que ela não seja, é uma pessoa como qualquer outra...

E8: porque assim, eu discordo porque eu não odeio os nerds, vamos dizer assim, os ‘cdf’, eu sempre vi os ‘cdf’ levando a pior pelos outros, então...

E8: então, na visão que eu tenho, todo mundo odeia os ‘cdf’, mas tipo eu não odeio os ‘cdf’, entendeu?

E8: mas todos os que não sabem ler invejam os 'cdf's', né?

E8: exatamente.

E8: e o 'cdf' inveja...

E8: sabe por que odeiam? Porque 'cdf' é folgado...

E8: é folgado...

E8: não, o 'cdf' é na dele...

E8: eu nunca vi um 'cdf' dar um tapa em alguém...

E8: eu nunca vi um 'cdf' sequer aumentar a voz...

E8: eles se sentem superior na inteligência...

E8: sim, na inteligência. Mas eles não se sentem, eles são.

E8: não, mas espera aí...

E8: às vezes não é o 'cdf' que se sente superior, às vezes é a pessoa que se sente inferior a ela...

E8: perfeito.

E8: por isso que ela...

E8: olha, dependendo de quem vai falar comigo, o cara vai achar que eu sou um nerd, aí o cara vai falar na minha cara – você é um nerd, cara-.

E8: olha, no primeiro dia de aula você já vê, você já divide a sala de aula, os nerds...

E8: exatamente...

E8: e fica o ano inteiro aquela coisa...

E8: não, porque nerd é o seguinte, nerd. O que é um nerd?

E8: Nerd é um cara que tem um conhecimento acima do resto do grupo que está junto com ele ou nerd é aquele cara que não fala com ninguém, se veste mal e fica...

E8: esse é o nerd dos filmes...

E8: para mim, do meu ponto de vista, o 'cdf' é aquela figura que se dedica ao estudo, não à beleza...

E8: mas que tudo, para ele não importa nada, só os estudos, estudos, estudos, isso incomoda seus colegas...

E8: incomoda os burros, as pessoas ignorantes...

E8: de classe...

E8: para mim, o nerd nunca me incomodou...

E8: realmente, é difícil encontrar uma pessoa que gosta de um nerd, eu não gosto, mas eu também não desgosto, nada contra...

E8: pode não ter nada a ver com o assunto, mas o seguinte, todos nós vivemos em um mundo de ignorantes, pode não ter nada a ver com nada mas...

E8: não, mas você está certinho...

E8: Na minha opinião, acho que não, né? O cara quer ser o mais esperto?

E8: Eu discordo plenamente.

E8: Pelo amor de Deus, o cara é CDF meu, o cara sabe mais que a gente, então sempre que precisar...

E8: Passa cola...

E8: Eu concordo plenamente.

E8: Não, não, não...

E8: ser o esperto, você é burra...

E8: Nem todos são assim não viu.

E8: Tem uns que são bons, tem uns que ajudam...

E8: Tem uns que são maior sonsão.

E8: Demais, porque de sonso não tem nada não.

E8: Quem sabe de tudo.

E8: Quem sabe demais.

E8: Quem estuda demais.

E8: Quem não gosta de estudar nunca vai gostar de CDF.

E8: Lógico que ajuda.

E8: Não é que assim, na minha sala, ninguém vem perguntar, só o professor.

E8: Mas como vai adivinhar que você está precisando de ajuda?

E8: Porque não é verdade, se ela ficar quieta como a pessoa vai adivinhar que ela está precisando de ajuda?

E8: Aí o que ela faz, ela vai ficar, ou então se a pessoa está interessada em estudar e você não, ela nunca vai ligar também, porque ela está pensando nela.

Para esses jovens é necessário estudo, esforço e desenvolvimento da consciência para se dar bem na vida, no entanto não são todas as pessoas que mesmo se esforçando conseguem. E ainda há pessoas bem sucedidas por oportunismo. Acreditam que é necessário correr riscos e ser persistente para conseguir se inserir no trabalho e conseguir realizações, mas também é preciso aproveitar as raras oportunidades às quais se deparam na vida. Percebem que o contexto social é bem restrito em relação a oportunidades de trabalho para jovens. Para alguns jovens ser competente é resultado do esforço e dedicação individual para persistir na realização de objetivos e sonhos, geralmente relacionados à ascensão para uma classe mais favorecida economicamente. De outra forma há opiniões que relacionam a competência às diferentes condições de acesso ao ensino público e particular. Estudar em escolas de melhor qualidade proporciona melhor formação e facilidade em conseguir colocação no trabalho.

Os jovens dessa escola identificam necessidades de ascensão social e sucesso através dos meios de comunicação de massa na produção de uma autoimagem positiva, como ocorre nos programas tipo big brother. Alguns jovens priorizam o aspecto comercial através da divulgação de sua autoimagem veiculando uma falsa ideia de si. Outros ainda que priorizem o aspecto comercial acreditam que podem se apresentar como são na vida real. Outros não acreditam que é possível manter e mostrar seus valores e identidade já que a vida se apresenta como um cenário de aparências e

interesses em que é preciso usar máscaras e se adaptar a cada situação. Observam-se contradições nos discursos dos jovens quando se apresentam como verdadeiros nos seus posicionamentos ou quando defendem que o ser verdadeiro deve ser camuflado ou falseado para atender determinados interesses (de autopromoção ou puramente financeiros). Os jovens observam que o cenário do big brother não permite que os sujeitos se mantenham tal qual se apresentam na “vida real”, pois há o risco de deixar transparecer e fomentar uma imagem negativa perante a opinião pública resultando em prejuízos nas suas vidas. No entanto essa reflexão tem como objetivo somente a adaptação a um jogo que pode resultar em fama e rápida ascensão social.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram as expressões “só se dá bem quem é esperto”, “quem não arrisca é um perdedor”, “quem não tem competência não se estabelece” “eu gostaria de ser um Big Brother”.

Expressão debatida: só se dá bem quem é esperto

E8: Ah, eu estou em dúvida.

E8: Ah, eu discordo, porque eu acho que não tem nada haver isso.

E8: Discordo plenamente. Porque eu acho assim, não é porque pra se dar bem tem que ser esperto. Eu acho assim, porque assim, tá, você pode ser esperto e por isso você vai se dar bem?

E8: Ah, eu acho que ser esperto é estudar bastante pra ser alguém na vida, é isso eu acho.

E8: Se dar bem? Ah, se dar bem é assim arrumar um serviço bom.

E8: Plenamente.

E8: Com certeza.

E8: Mas também não é toda pessoa que é esperta se dá bem toda vez. Tem pessoa que não é esperta e acaba sempre se dando bem. Sabe usar muito bem a cabeça, tem consciência sobre os atos.

E8: Ser esperto é saber sobre a sua vida, ter consciência das coisas que faz...

E8: Nem toda pessoa esperta se dá bem na vida.

E8: Você acha que às vezes o esperto se dá bem.

E8: Ah, sei lá, os dois, ou a pessoa esperta não se dá bem, ou a não esperta...

E8: Ah, acho que é os estudos.

E8: Estudos.

E8: Nem sempre, né? Mas pra mim eu acho que tanto faz.

Expressão debatida: quem não arrisca é um perdedor

E8: Eu concordo.

E8: Tem que arriscar pra ver se consegue, se a pessoa não arriscar ela pode... ‘ah, não vou

arriscar', mas ela podia ter arriscado e ter conseguido o que ela queria.

E8: Eu também concordo plenamente. Tem que arriscar, que se não arriscar a pessoa nunca vai saber.

E8: Eu acho que vale sim.

E8: Também concordo. Plenamente.

E8: Ah, depende também.

E8: Concordo plenamente também.

E8: Eu acho que se ele arriscar, por exemplo, se estiver lá jogando tem que arriscar, você pode ganhar, se não arriscar...

E8: Também concordo plenamente. Não dá pra dizer nada, ela já disse tudo já.

E8: Também concordo.

E8: Porque na vida a gente tem que arriscar.

E8: É, teve algumas amigas minha que tentaram desistir mas deram conselhos pra elas até que uma desistiu.

E8: É porque assim, ela estava procurando emprego aí ela, sempre entregou currículos e nunca chamaram ela, aí ela falou 'vou desistir, nunca vão me chamar'? Falou 'como é que você vai desistir, você não vai saber' aí ela continuou a insistir, insistir até que teve uma hora que chamaram ela.

E8: Ah, eu conheço uma amiga minha, é que assim, ela sempre quis ser modelo aí assim, ela estava fazendo umas fotos, um monte de book, só que nunca chamavam ela aí ela falou 'ah, vou desistir porque não vão me chamar, tenho certeza que não vão' aí chamaram ela pra fazer umas fotos e até saiu na revista. Aí eu fiquei maior feliz por ela. Mas é sério, ela arriscou, não é verdade?

E8: Ah, eu tive várias, mas só não soube agarrar.

E8: Tive várias já.

E8: Eu já tive proposta de emprego só que eu fiquei um ano sem estudar aí acabei parando em abrigo e fiquei 4 meses em abrigo, aí me encaminharam pra auxiliar de família aí eu perdi, perdi proposta também do primeiro emprego na Tamarutaca, em Diadema não, é em Diadema também, em vários lugares.

E8: Ah, tem a guardinha lá.

Expressão debatida: quem não tem competência não se estabelece

E8: acho que é em relação a serviço...

E8: se você não se foca, não consegue chegar lá.

E8: se você não for competente no que você faz...

E8: você tem que ter foco, tem que ter vontade...

E8: você tem que gostar...

E8: às vezes pode até não gostar, mas você tem que ter competência para saber fazer...

E8: competência para saber fazer...

E8: tem que fazer direito para...

E8: ser capaz de fazer algo, por exemplo, eu sou competente para escrever em um papelzinho...

E8: competência, disposição.

E8: competente para entender uma frase de dois sentidos...

E8: competência para entender alguém também...

E8: competência para entender o professor, competência para entender um ao outro, competência para, é saber...

E8: competência é fazer acontecer. É você chegar e falar – eu faço determinada coisa -, é

você chegar e mostrar, eu consigo fazer e eu faço melhor do que, o melhor trabalho que puder...

E8: ou fazer, não fiz bom, mas eu tenho competência para fazer bem melhor...

E8: mostrar aquilo que você sabe fazer...

E8: exatamente.

E8: 'não se estabelece'.

E8: do seu esforço. Eu acho que assim...

E8: a competência vem de quem te ensinou também.

E8: exatamente.

E8: você tem que ter força de vontade...

E8: por exemplo, um professor que está fazendo uma faculdade de letras, né, ele está se esforçando para ser um bom profissional, mas o professor dele também tem que saber...

E8: não, competência, você tem duas maneiras de fazer uma coisa. Vai, deixa eu colocar da minha área, que é mais fácil de explicar. Você tem duas maneiras de desenvolver e analisar um software. Você analisa o software com vontade ou você analisa o software de qualquer jeito, dos dois jeitos que for analisado você vai ter o relatório. Fazendo bem feito você vai gastar umas três horas a mais, mas você vai ter garantia que não vai voltar, que não vai ter problema. E do jeito – ah, quero fazer logo para ir embora -, você vai terminar, mas se vai voltar ou não... Você tem que ter competência. Então, você fala – eu vou fazer com competência porque não quero mais dor de cabeça -, ou vai fazer de qualquer jeito para cair na mordomia.

E8: mas depende do estudo também...

E8: é uma coisa meio ligada, né?

E8: vem do homem, né, como se comporta com as pessoas, como vai conquistando as coisas...

E8: tem a ver com a classe...

E8: com certeza.

E8: vem também de família, né, porque aquela que tem condições já é bem mais fácil de você chegar, a uma escola boa, fazer faculdade. Agora, uma pessoa que vem de uma classe mais baixa, já tem dificuldade em conseguir uma escola do governo, muitos não fazem faculdade, é mais dificuldade de emprego, então...

E8: dinheiro não dá a felicidade...

E8: o seguinte, dinheiro não dá a felicidade, mas totalmente sem dinheiro você não faz nada...

E8: a gente pensa que a competência ela depende da gente conhecer alguma coisa, vocês acham que é possível a gente adquirir competência sem a gente passar por um lugar, um espaço público onde a gente vai ...

E8: sim, claro, competência é uma coisa que você aprende, sendo na escola, ou sendo de alguém ou aprendendo sozinho, a pessoa desenvolve a habilidade para fazer alguma coisa, competência.

E8: depende do esforço...

E8 aprender alguma coisa...

E8: tem gente se esforçando, por quê?

E8: ele só vai sentar na mesa e vai mandar o fulano fazer isso, fazer aquilo, o empresário, por exemplo. Agora, um cara estudando ali, vai estudando, estudando, para ele chegar a ser....

E8: depende.

E8: depende do seu esforço, da sua força de vontade, porque muita gente fala: o capitalismo faz com que você pense que você vai trabalhar, vai trabalhar, você vai conseguir comprar as suas coisas, mas você pensa – putz, nunca vou chegar aonde esse cara está -, mentira, você

pode chegar, mas...

E8: um em um milhão...

E8: não é um em um milhão, é que muitas pessoas desistem no meio do caminho. Porque você tem que pensar – eu consigo -, mas você tem que achar o caminho. Você tem que chegar a achar o caminho mas com determinação, não adianta você chegar e falar – ah, vou trabalhar... –

E8: mas muitos desistem pelas dificuldades, porque um empresário tem muita mais facilidade, mas uma pessoa que não tem, se comparar com a outra, é muito mais difícil.

E8: mas vamos colocar, o empresário, o cara consegue arrumar um emprego porque o pai é importante, mas o cara chega no emprego e faz uma coisa, ele não vai crescer, vai ficar isolado...

E8: bom, volta o negócio do Big Brother aqui, da fama...

E8: você quer, se inscreve...

E8: vou entrar de novo no Bam Bam, o cara quebrava coco com a cabeça. O cara hoje tem carro, tem casa, tem tudo, o cara hoje, vamos dizer, é um empresário, porque está envolvido em várias coisas aí, entendeu. Ele conseguiu chegar. Só que, uma coisa boa, o Big Brother, ele conseguiu, não vamos dizer que tenha sido todo o objetivo da vida dele, mas ele conseguiu chegar a um objetivo através da ‘Casa’.

E8: mas esse não era o objetivo, ele não cresceu querendo, foi uma coisa que aconteceu.

E8: que aconteceu...

E8: eu quero ter uma empresa, ter grana, ser uma empresária bem sucedida, eu tenho esse objetivo, eu tenho esse sonho...

E8: o objetivo da vida.

E8: exatamente, falou tudo, falou tudo...

E8: você queria ter uma mansão, confortável...

Expressão debatida: eu gostaria de ser um big brother

E8: o único que eu vi no Big Brother que era mais ou menos foi o Bam Bam, que quebrava o coco com a cabeça...

E8: só tem um ou outro de uma classe um pouco mais baixa. Eu acho que o que eles gostam, porque eu acho que eles já conhecem mais ou menos o participante, porque o negócio deles é intriga, é audiência, é um jogo, é um jogo.

E8: eles já conhecem o estilo das pessoas e sabem mais ou menos quem não vai se dar com o outro...

E8: é mais ou menos isso...

E8: porque cada um tem seu estilo...

E8: exatamente.

E8: não, o que tem o ‘big brother’, a parte positiva é a divulgação, você se auto divulga, você se vende a si mesmo lá dentro. Por exemplo, se uma pessoa toca, ela vai vender o projeto dela lá dentro, vai aproveitar o tempo dela na TV. E o lado ruim é ter que se manter falso durante tanto tempo...

E8: ah, eu não acho que tem que se manter falso...

E8: eu me manteria, eu não mostraria quem eu sou para o mundo inteiro.

E8: ah, eu mostraria, eu já não consigo, sabe, acho que...

E8: eu acho que tem que ser você mesmo, mas jogando, porque é um jogo, não deixa de ser um jogo e você quer ganhar, é um milhão de reais que está em jogo, entendeu.

E8: eu estou sendo falso lá dentro, eu não estou deixando de ser eu mesmo lá dentro, porque assim, o que você vê de mim é o que eu quero mostrar para você. O que ele vê de mim é o que eu quero mostrar para ele. O que minha mãe vê de mim é o que eu mostro para

ela. Não é que eu estou mentindo para todo mundo, é que eu tenho várias fases, como se fossem pessoas diferentes. Eu acho que todo ser humano é assim.

E8: interesse...

E8: é um pouco de interesse. Eu não falo com a minha mãe como eu falo com um amigo, eu não falo com uma garota com, entendeu? Tem uma, não é que estou sendo falso, tem uma máscara...

E8: mas é porque você não confia na pessoa...

E8: Eu tenho vários amigos que eu tenho uma confiança enorme, mas eu trato um de uma maneira e outro de outra, porque um é de tal forma, um é mais brincalhão, o outro é mais sério, não vou brincar com o que é sério, e ser sério com o que é brincalhão, entendeu, você tem que se adaptar ao ambiente que você está.

E8: não adianta se esconder, você tem que ser o que você é.

E8: ah, eu acho assim, no caso lá dentro, você tem que ser o que é, mas saber jogar, quem é falso com você, você não tem que ser falso, você tem que entrar na falsidade da pessoa, você tem que entrar no jogo dela, porque aí mostra a cara dela...

E8: não, porque aí você mostra o que não é.

E8: entrar no jogo, tipo, está falando mal de você, eu estou falando mal de você para ele, entendeu? Você sabe disso, mas nem por isso você vai me agredir verbalmente, fisicamente, você vai deixar eu continuar falando mal dele. Por quê? Porque o pessoal está fora, no caso as câmeras, se você for me agredir verbalmente ou fisicamente, a ruim vai ser você. Esse é o jogo que eu estou querendo fazer.

E8: mas o pessoal de fora tem outra visão...

E8: por exemplo, se eu estou fazendo a intriga, né, no caso falando mal de você, as câmeras vão mostrar que sou eu.

E8: mas se eu vou brigar com você todo mundo...

E8: mas você acaba perdendo a razão, porque aqui fora o pessoal está muito indeciso, porque as câmeras mostram que eu estou falando mal, mas elas vão focalizar uma coisa que eu vou entender de um jeito, ele vai entender de outro, ele vai entender de outro, sobre você lá dentro. Entendeu, então é um jogo.

E8: a pessoa tem que ser esperta e observadora...

E8: exatamente.

E8: você tem que entrar no ritmo da pessoa que está ao seu lado.

E8: você tem que entrar no ritmo deles, mas das 11 pessoas.

E8: você tem que entrar.

E8: ou melhor, você coloca as onze pessoas no seu ritmo.

E8: exatamente, seria o mais inteligente.

E8: não, eu odeio ser julgado pelos outros.

E8: não quero ter dor de cabeça...

E8: são cinco minutos...

E8: exatamente, são cinco minutos de fama. Algumas pessoas conseguem...

E8: que nem a G..

E8: só que é o seguinte, vamos colocar no vocabulário vulgar, dos homens, a G. é gostosa, a G. é bonita, a G. é aquilo.

E8: eu acho que apesar dela ser loira, ela foi esperta, ela conseguiu segurar o que a vida deu para ela, porque a vida deu para ela. Porque a maioria dos outros não conseguiram aproveitar.

E8: saber usar seu corpo, da forma de ganhar...

E8: exatamente, e ela teve cabeça para isso.

E8: então depois do intervalo a gente vem direto para cá...

E8: para usar o Big Brother para me promover.

E8: não participaria porque a minha vida ficaria aberta para muita gente, então, não é legal. Hoje eu não participaria, não convém...

E8: não, porque, pensa bem, você fica um mês, dois meses, você sai daquele lugar, você não está do jeito que você entrou. O pessoal no meio da rua vai te falar, imagina que você é um cara chato, então – oh o desgraçado ali -. Sabe aqueles ‘big brother’ fanáticos, sabe aquelas pessoas tipo – eu não gostei de você porque você xingou a minha amiga! -, aí já quer te matar.

E8: então, não é legal, a tua vida fica aberta para muita gente te julgar, então...

E8: muita gente te julgando, você vai, como é que você vai se defender?

E8: participaria...

E8.: ah, tem muita mulher.

E8: não, estou brincando. Porque tem muita mulher tipo, curtir a vida lá dentro, meu, quantas mulheres entram lá? Só tem 6 mulheres, vão ter 80 milhões aqui fora, você vai mostrar que você é o mais inteligente e é você que vai levar.

E8: não participaria, por causa de expor a minha intimidade, sei lá, eu não gosto.

E8: eu não participaria porque você querendo ou não, você vai se expor, querendo ou não. E também porque eu sou uma pessoa muito tímida, não gosto de me expor.

E8: eu com certeza participaria, eu acho que, pelo jogo, é uma dificuldade, é uma coisa legal, também para poder, que nem ele falou, para utilizar, tentar utilizar em relação à música, sei lá, coisas novas, sabe, jogar, ver até onde eu sou capaz de chegar em um jogo muito legal, que ganha o mais esperto, ah, sei lá, o ruim é ficar do pessoal longe daqui, também para poder pegar um pouquinho o que te deixa, para poder crescer...

E8: porque brasileiro adora sentar na frente da televisão...

E8: eu sem internet, sem telefone, não sou nada na vida...

E8: ao contrário, só diminui no bolso, porque você paga, para ficar assistindo e o tempo que você perde, porque em vez de estar assistindo Big Brother poderia estar fazendo outra coisa...

E8: eu não sou a favor de você, de você assistir essas coisas que tipo, não te dá informação nenhuma, quem não tem acesso a internet, 90% vai tirar conhecimento dali, por quê? Porque se você fica atolado, eu sou programador, e eu não tenho essa mordomia, entendeu, de eu pegar, chegar uma hora em casa, não posso, porque meia noite tem gente me ligando e – cara-. E eu sou a favor...

E8: exatamente...

E8: porque não dá para ter uma vida tomada de – ah, vou assistir o SBT porque vou aprender -, - vou assistir isso daqui porque vou aprender -. No primeiro mês você vai aprender, no segundo mês você vai estar saturado.

E8: exatamente, isso é verdade.

E8: não vá te levar a nada, é uma distração...

6.8.2 Participação Política

Os jovens dessa escola se mostram descrentes em relação à participação na vida política do país. Referem experiências de promessas não cumpridas de políticos para equacionar problemas de infraestrutura nas regiões onde moram ou de políticas de renda e específicas para crianças em situação de rua. Projetam o interesse somente no momento em que adquirirem o poder

do voto na maioria ou em políticos conhecidos e regionais. A juventude de um modo geral está destituída de crítica aceitando passivamente o que é valorizado pela maioria ou está sujeito a sofrimento mental da qual não conseguem escapar. Aqui se observa a descrença no próprio potencial do jovem, que se percebe passivo, sem poder de resistir e reagir.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “política é perda de tempo”.

Expressão debatida: política é perda de tempo

E8: Eu estou em dúvida.

E8: Eu acho que é perda de tempo mesmo.

E8: É, com certeza.

E8: pra ganhar votos, sei lá.

E8: Não. Eles só falam que vão fazer e não fazem.

E8: O posto de saúde...

E8: Estou em dúvida.

E8: Eu não sei, eu não voto, eu acho que só quando eu começar a votar acho que eu vou saber mais.

E8: Eles prometem muito, como ele disse, mas quando chega na hora, termina as eleições, que nem lá no meu bairro lá, falaram que iam asfaltar a rua mas o ônibus só ia começar a subir daqui há 4 anos, já faz 4 anos que eu moro lá e até agora isso não aconteceu.

E8: Problemas.

E8: Ah, eu acho que, eles ajudam nós. Igual, essa escola aqui é pública, né? Então, foi eles que, para de rir, então, foi eles que fez a escola, não foi?

E8: Não, eu acho que é perda de tempo. É, pode fazer, mas, tem horas que eles podem fazer, tem horas que não.

E8: Ah, sei lá, eles prometem, eles ficam prometendo, às vezes fica ajudando, só que às vezes não, tem muita gente na rua, tem muita gente passando fome e eles estão se preocupando com outras coisas ao invés de ajudar as pessoas.

E8: Ainda mais crianças, tem muito mais crianças na rua. Alguns lugares por onde eu passo tem criança na rua, sempre. E essa é a maior dificuldade que tem, mas eles se preocupam com outras coisas, só vêm o lado deles.

E8: Só pensam em dinheiro.

E8: Agora a pessoa que está necessitando realmente, precisando de ajuda...

E8: Eu acho que a Marta Suplicy, eu acho que ela...

E8: Do Geraldo Alckmin.

E8: Ah, porque eu tenho uma parente que mora em São Paulo e ela [...] de plano de saúde, né? E ela disse que melhorou bastante. Eu acho que se eu morasse em São Paulo eu votava nele.

E8: Porque ela promete e ela sempre cumpre.

E8: Na minha casa tem a Silvana Silva, e ela vai, ela está arrumando o meu prédio...

E8: A Silvana Silva, né?

E8: Ela prometeu [...] de terminar, e ela deu.

E8: O Parque Duque de Caxias.

E8: É balada.

E8: Showmícios.

E8: É porque... sei lá, os dois lados às vezes pode ser... pode [...] às vezes não...

E8: Você está do lado de quem concorde ou discorda?

E8: Ah, sei lá, eu acho que não, eu tenho dúvida assim, no caso que tem muito político que promete e na hora que a gente precisa dele, acho que tipo eu acho que não dá um voto de confiança.

6.9 ESCOLA PÚBLICA LOCALIZADA NA REGIÃO PERIFÉRICA

6.9.1 Educação, Escola e Trabalho

Para os jovens dessa escola sem educação não é possível ter garantias de ser bem sucedido no futuro. A educação é fundamental para poder conseguir um emprego e também para se sentirem aceitos e capacitados para a convivência social. Os jovens deste grupo se sentem discriminados pela cor da pele e pela condição socioeconômica que vivem e acreditam que essa pode se agravar se não estudarem. Aqueles que se dedicam mais aos estudos são valorizados quando contribuem para a autoimagem positiva do grupo ou por ser solidários nas provas (“passa cola”). Os menos dedicados dependem da sorte ou da esperteza de usufruir do conhecimento do outro. Aqueles que se reconhecem como mais dedicados sentem-se oprimidos pelos outros que os percebem como orgulhosos e superiores. Os jovens ponderam que as dificuldades nem sempre estão relacionadas a ser mais dedicado ou inteligente, mas à falta de bom senso e organização para separar os momentos de estudo e trabalho dos momentos de lazer e diversão. Dessa forma o excesso de dedicação ao estudo também pode ser um problema quando o jovem não tem o seu tempo para a diversão e o lazer. Nesse aspecto os jovens podem se solidarizar uns com os outros para balancear os excessos e as diferentes capacidades e habilidades.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão as expressões “educação garante o futuro” e “ninguém gosta de quem é ‘cdf’”.

Expressão debatida: educação garante o futuro

E9: concordo plenamente.
E9: concordo...
E9: todos concordam plenamente...
E9: porque sem educação ninguém vai para frente.
E9: concordo plenamente com ele.
E9: porque sem educação você não faz nada hoje em dia. Qualquer briga... você não consegue fazer nada...
E9: para arrumar serviço, emprego...qualquer
E9: se você for mal educado você vai arrumar briga à toa.
E9: se você for mal educado você nunca vai conseguir dialogar com ninguém.
E9: e nunca vai ter o feedback...
E9: de emprego, é. Se a gente não tiver estudo na vida a gente nunca vai arrumar emprego.
E9: se não tiver educação eu não vou conseguir ser jogador de futebol nunca...
E9: esperto...
E9: é, verdade, porque... porque se a gente não tiver educação até mesmo... eh... a gente até dialogar com outra pessoa fica até difícil...
E9: na minha opinião...
E9: ... o que todo mundo falou aí...
E9: vai ser rejeitado pela humanidade, se a gente não tiver educação.
E9: a gente já é... vamos dizer, queimado, porque a gente mora onde mora... e se a gente ainda não tiver educação... aí... desmorona tudo.
E9: nós também já somos discriminados porque a raça da gente é escura. Já é um ponto de ser discriminado...
E9: é, isso é.
E9: e tem gente que pensa que porque é escuro e mora em comunidade, favela... acho que você não tem educação, entendeu?
E9: eu acho que... educação é importante, mas também não é tudo. É uma grande parte, mas também tem várias coisas que contribuem, fora a educação... mas é a base de tudo...
E9: a gente mora nesses lugares, também tem discriminação pela cor da pele, se a pessoa não tiver educação também não vai para lugar nenhum.
E9: eu concordo plenamente. Ah... sem educação não se...
E9: sem educação você não é uma pessoa, você é muito discriminada por todo mundo.
E9: mas a educação não é tudo...
E9: quem tem educação é discriminado?
E9: é discriminado por aquelas pessoas que não tem educação, também.
E9: por isso que ele falou, que educação não é tudo. Sempre tem que ter...
E9: dinheiro, no caso é dinheiro.
E9: ah... eu acho que não é dinheiro, não, porque o dinheiro compra remédio mas não te dá saúde.

Expressão debatida: ninguém gosta de quem é cdf

E9: do que?
E9: para mim é esperto, quem estuda...
E9: quem só tira 10, 10, 10...
E9: discordo plenamente.
E9: estou no discordo.

E9: por que eu não vou gostar de 'cdf'? Sendo que eu posso chegar onde ele está, se eu ficar estudando, eu vou poder ser uma 'cdf' qual o problema de ser 'cdf'?

E9: mas tem um sentido esse 'cdf'...

E9: tá vendo, eu sou esperto, mas ele é mais esperto do que eu, porque ele sabe uma coisa que eu não sei.

E9: aí por ele não souber uma coisa e você saber, você vai ensinar para ele?

E9: por que eu discordo plenamente...

E9: porque assim, oh, as pessoas não gostam de 'cdf' porque as pessoas são muito orgulhosas. Se a pessoa tirar um 10 assim, na sua frente assim, você – ah! -, dá uma de orgulhoso, por isso que as pessoas não gostam de 'cdf'. Para mim, eu discordo disso, porque o 'cdf' se ele é bom, isso vai ajudar para a gente no futuro, quem não gosta de 'cdf' é porque a pessoa é orgulhosa e não consegue os seus objetivos.

E9: não, eu, não. Se esses meninos são bons, se eles passam cola...

E9: eu discordo porque assim, se na minha sala tiver pessoas só pessoas que não estudam, que só vem na escola para bagunçar, a minha sala vai ser vista como a pior sala da escola. Agora, na minha sala tem três pessoas que são inteligentes, vamos supor, vai ter um concurso na escola entre salas, essas três pessoas inteligentes da minha sala vão ajudar a minha sala para ir para frente, entendeu?

E9: matou...

E9: então, além de ajudar eles mesmos, também vão ajudar a gente...

E9: bom, que nem ele estava falando, 'cdf' é legal porque passa cola. Agora, que nem, não adianta você querer vir na escola para pegar cola do 'cdf'. Que nem no ano passado, na minha sala tem um menino assim, mas no dia da prova não foi, e de que adianta? O que eu teria feito se eu estivesse só esperando a cola dele? Eu não ia saber responder.

E9: ia ficar chutando...

E9: eu tenho que me preocupar em eu querer saber, e não o que ele sabe, o que ele aprendeu...

E9: mas tem a outra parte, porque assim, que nem aconteceu comigo na minha sala. Tem uma menina lá, ela é maior 'cdf', ela estuda para caramba, aí teve uma prova de matemática, e eu não fiquei na sala, dei a prova para ela e falei – oh, faz para mim -, entendeu, para mim ganhar uma nota. Aí ela fez a minha e fez a dela, e entregou. Aí no dia que entregou, que o professor devolveu as provas para nós, eu tirei 8 e ela tirou 4.

E9: eu acho que a pessoa pode ser esperta e tal, ele é esperto e eu sou burro, aí no dia de fazer uma prova, se eu tiver mais sorte, se for para acontecer para mim, vai acontecer para mim, ele pode ser esperto, mas...

E9: ah, eu discordo disso aí, porque ele pode ajudar a pessoa, ficar na cola dele e ir para frente com ele, colar.

E9: então, estou em dúvida porque assim, eu não sei se eu posso ser considerado um 'cdf'. Não sei, porque eu nunca tiro nenhuma nota ruim. Agora... assim, a maioria, são poucas as pessoas que não tem raiva. Não sei por que. Você tira nota, eu tiro um 10, eu não saio na frente mostrando para todo mundo. Só que a pessoa sabe que eu tirei 10, aí ela fica com raiva. Então, não é que a gente quer ser melhor do que os outros, a gente só quer tirar uma nota boa, o melhor para a gente. Tem pessoas que acham assim, ele na sala dele tirou uma nota boa, fica quieto no canto dele, não bagunça todo mundo, aí tem pessoas que ficam tumultuando. Que nem acontece com ele, todo mundo fica zuando dele, por quê? Porque ele fica perto das meninas, fica conversando com as meninas, elas fazem lição, e os moleques ficam zuando dele, por quê?

E9: se eu estivesse com eles eu não estaria aprendendo nada.

E9: então, os moleques acham assim, por ele ser moleque, que ele tem que estar ali no meio...

E9: por isso que eu discordo, porque assim, as pessoas não gostam de 'cdf'? Por quê? Por ser orgulhoso, por achar que ele é melhor que eu, então vou zuar...

E9: ah, porque tipo assim, um 'cdf' nem tudo ele sabe fazer. Mas a maioria das coisas ele sabe fazer. Que nem, quando tinha educação física na escola lá, o 'cdf' não sabia fazer nada na aula de física, mas sempre em física ele estava com uma nota boa, por quê? Porque tipo, ele era o mais esforçado, e o professor sempre dava nota boa para ele, mas ele não fazia nada, nenhum exercício ele fazia. De lição ele sabe fazer, mas quando chega fazer uma corrida, uma coisa assim, ele não sabe fazer, fica sempre apagado, e tira nota boa. Eu acho...

E9: na minha opinião, então, não é ser 'cdf', é que a pessoa sabe separar a hora de brincar, a hora de estudar e a hora de ir trabalhar. Não é questão de ser 'cdf'. Ser 'cdf' para mim é aquele cara que fica 24 horas no livro, ligado lendo, o cara fica bobo, acaba ficando até retardado, de tanto, ele pega um livro e lê em 10 segundos...

E9: pior que é verdade...

E9: a maioria das pessoas não gostam de 'cdf' porque existe aquele 'cdf' que é assim: ele acha que porque ele sabe, ele vai ficar na dele e que se danem os outros, entendeu. Mas acho assim, se todo 'cdf' pensasse assim – eu sou melhor do que eles, não sou melhor, não, assim, eu entendo mais do que ele a matéria, mas se eu não conversar com ele, um dia eu vou precisar dele -, porque ele é um 'cdf', não conhece nada na região e eu sou aquele bagunceiro, só bagunço, não faço nada, mas tenho envolvimento com todo mundo no bairro. Aí, vamos supor, está andando na rua, aí um cara que eu conheço, um camarada que eu conheço vai brigar com ele, vai assaltar ele, alguma coisa. Ele vai estar precisando de mim, então, não é verdade? Eu acho que se todo mundo ajudasse todo mundo...

E9: mas assim, ele sabe separar, porque termina a aula, tem intervalo, e eles vão bagunçar, porque eu já vi várias vezes esse daqui, oh, que ele sabe separar as coisas. Na hora de trabalhar, ele trabalha lá no negócio da minha tia, estou mentindo? No negócio da xérox ali embaixo, ele sabe separar. Na hora de estudar você vai lá na sala e ele está quieto. Na hora do intervalo ali, que é a hora da diversão, se você for olhar ele, ele vai estar bagunçando. E na hora do trabalho, lá na 'responça' dele...

E9: eu acho, se eu, ele, ele, ele, quiser ser 'cdf', vai ser, porque eu sou assim, eu bagunço na sala, mas se eu catar uma prova eu sei que eu vou tirar 10, porque eu entendo, se eu catar a prova e fazer...

E9: eu acho que ninguém é burro, é que a pessoa não sabe usar a cabeça, na hora que precisa.

E9: um exemplo, para que eu continuar sendo pedreiro, não dá...

E9: é, tem gente que já nasce...

E9: mas tocar música, fala qualquer música para mim, mas por quê? Porque eu entendo, sou 'cdf' porque eu gosto de música? Que nem futebol, tem a pessoa que nasce com o negócio...

E9: meu pai estudou até quinta série, só, e eu considero meu pai um 'cdf', pelo seguinte, meu pai ele é gerente de metalúrgica. Metalúrgica é uma coisa que tem que mexer com máquinas e tal, tem experiência, se falar para meu pai – faz um portão -, meu pai faz um portão e dá para você. Agora saiu o encarregado, acho que vão fazer uma obra lá na Argentina, e ele não sabe escrever! Só que pela experiência dele...

E9: o dom dele...

E9: ...ele é mestre de isolamento, e ele não é um 'cdf', então não é também porque você não é um 'cdf' que vai se dar mal na vida também. Tem que ter força de vontade.

Para os jovens dessa escola a vida na sociedade atual exige que as pessoas sejam mais espertas (oportunistas) e atentas para acompanhar as mudanças senão ficam para trás e não conseguem concorrer ao mercado de trabalho e em outros âmbitos da vida (“o mundo é dos espertos”).

Percebem-se lançados num sistema de competitividade sem precedentes enquanto buscam preservar valores éticos e solidários (não a qualquer custo e buscando ajudar o outro). Apostam que para conseguir atingir seus objetivos e ser bem sucedido na vida é primordial o esforço e a persistência individuais. Os objetivos da persistência podem estar relacionados a se tornar um profissional, como ser jogador de futebol, melhorar as condições de saúde através da prática de exercícios físicos, como sair de uma condição de obeso. Para atingir essas posições entendem que é necessário ter em mente e se manter fixo em um objetivo já traçado. Também a falta de incentivo, posturas negativas e situações de opressão da família e no trabalho podem servir como motivadores para persistirem em seus objetivos. Assim é necessário manter o pensamento positivo mesmo diante de situações que se sentem diminuídos, oprimidos e explorados. Para estes jovens é necessário arriscar para não perder as oportunidades e tentar melhorar as condições de vida e de trabalho, mas ponderam quando os excessos podem trazer prejuízos afetivos ou nos relacionamentos ou outras consequências ruins. Para fazer as melhores escolhas deve-se levar em conta a experiência e o conhecimento da área ou setor que se pretende investir, ter consciência do que está arriscando e das prováveis consequências boas e ruins. Dessa forma é necessário ter consciência e avaliar o melhor momento para arriscar. Também o desejo em sair de uma condição de fracasso ou descrença quanto à capacidade individual podem ser motivadores para arriscar, provar que consegue que domina determinados assuntos. Acreditam que é necessário se posicionar mais “agressivamente” na vida, porém é necessário ter cautela e pensar melhor antes de agir. Ao tempo em que não há como conseguir objetivos na vida, ingressar e se manter em um trabalho se não tiver competência. Observam diferentes possibilidades para ingressar no mercado de trabalho, àqueles que têm curso universitário tem maiores possibilidades para conseguir um emprego. Ao tempo em que referem experiências de pessoas sem estudo que ingressaram no mercado de trabalho em função de experiência. Fazem crítica às pessoas que se sentem superiores devido a uma condição socioeconômica mais favorável.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão as expressões “só se dá bem quem é esperto”, “vence quem tem força de vontade”, “quem não se arrisca é um perdedor”, “a melhor defesa é o ataque”, “quem não tem competência não se estabelece”.

Expressão debatida: só se dá bem quem é esperto

E9: eu concordo plenamente que só se dá bem quem é esperto porque se você não for mais esperto que as pessoas sempre vai ficar para trás, vão te passar a perna, o pessoal vai te passar a perna... então o outro dia passou na TV mesmo, as pessoas estão procurando a profissão... já primeiro antes do estudo. As pessoas que estão procurando no estudo estão sendo espertos, porque hoje em dia se você não estudar e não estiver na frente dos outros você vai se dar mal. Então, eu concordo plenamente...

E9: ah, eu também concordo plenamente...

E9: eu, fui para concordo plenamente.

E9: eu concordo porque hoje em dia quem é mais esperto que prevalece. Quase em todos os sentidos da vida. Quer ver uma vaga de emprego. Se você for uma pessoa meio sonso... tem que dar uma de esperto... Se a pessoa fala – o que você já fez? -, você não pode mentir, mas falar... tentar ser um pouco mais esperto que o outro... para ser um pouco diferente e conseguir o objetivo.

E9: que nem uma pessoa que for fazer uma entrevista, se tiver um esperto e um burro, quem vai arrumar o emprego? O esperto.

E9: só que nem sempre o esperto se dá...

E9: se dá bem, mas hoje em dia...

E9: a pessoa vai lá, faz uma entrevista e não é nada disso...

E9: então, e não é... Então, aí que está, só que hoje em dia o que leva mais vantagem é você ser esperto. Se você for esperto você não vai mentir na entrevista.

E9: tem que falar a verdade...

E9: Tem que falar a verdade, tem que ser esperto até nisso.

E9: eu concordo com os outros.

E9: não, concordo...

E9: porque pode ter estudo, não ser esperto e se dar bem do mesmo jeito. Não ser esperto e ter estudo, e um esperto sem estudo... é a mesma coisa.

E9: eu concordo por causa que assim, até... eu faço artes marciais, e nessa luta se eu não for mais esperto que meu adversário... eu perco, então tem que ser mais esperto, senão... eu nunca vou conseguir me formar na luta que eu pratico, porque...

E9: eu acho que a gente tem que dividir a esperteza e passar a perna em outro.

E9: tem que dividir. Assim, querer o mal do outro... ou não querer. Porque eu sou assim... sou esperta, mas para passar na frente dos outros não. Para derrubar os outros na minha frente, não. Eu quero ser aquela esperta que levante ela também e caminhe junto comigo...

E9: eu acho que é assim mesmo. Eu acho que quem se dá bem hoje em dia é o esperto. E tem uma grande diferença entre quem é esperto e quem é inteligente. Acho que esperto se dá melhor do que o inteligente, porque o esperto não espera a oportunidade, ele cria a oportunidade...

E9: não, então, o esperto hoje em dia... sendo esperto realmente, ele consegue se dar bem na vida. É assim mesmo, o mundo é dos espertos, é uma verdade.

E9: também porque se a pessoa não for esperta na entrevista ela pode falar muita coisa e o entrevistador pode não gostar. Se ela não for esperta para falar... não falar mentira, mas

falar verdades com alguns pontos que sejam positivos, o entrevistador não vai dar a vaga para ela.

E9: concordo com eles.

E9: não, tem que ser esperto e ajudar o outro...

E9: isso que você falou mesmo, esperto e ajudar, nunca querer...

E9: é assim... você vai ser esperto e está deixando o outro lá no chão? Eu acho que você não está sendo esperto, assim...

E9: e se só você for esperto, e os outros? O que vai ser do futuro?

E9: sendo um só esperto... Só ele que vai estar á... Não tem ninguém do lado dele, vai estar sozinho...

E9: oh, ele não vem na escola, traz um monte de atestados...

E9: quando tem a oportunidade de estar na sala... ele sai da sala...

E9: fica falando com a namorada dele...

E9: mas eu estou cuidando de tudo, ao mesmo tempo...

E9: nada a ver, nada a ver, eu sei correr atrás da minha obrigação.

E9: ele acha que com um atestado ele está sendo esperto, entendeu?

E9: eu estou trazendo atestado porque realmente estou trabalhando... para que serve o atestado? Para você provar que realmente você está trabalhando. No caso estou sendo esperto trazendo atestado... só se dá bem quem é esperto. Se eu ficasse trabalhando e não trouxesse atestado... estamos fugindo do assunto...

E9: se eu não trouxesse atestado eu ia ser burro, não ia ser esperto, entendeu? Porque ia estar trabalhando e ia estar com falta aqui... e no final do ano me ferrava. Estou sendo esperto, trazendo o atestado e vindo as vezes que dá para vir estudar, para que? Para conseguir fazer várias coisas ao mesmo tempo...

Expressão debatida: vence quem tem força de vontade

E9: concordo plenamente...

E9: que se entende por força de vontade?

E9: concordo plenamente...

E9: a pessoa que tem força de vontade ela sempre corre atrás do que ela quer... o que ela deseja, e é isso aí, quem tem força de vontade sempre vai atrás do seu objetivo...

E9: ela fala a mesma coisa que eu... não preciso falar mais nada...

E9: não, eu também concordo, por causa que assim: eu sou uma pessoa que tenho força de vontade, porque eu tenho que andar... não sei quantos km... mas é bom o que eu tenho que andar para poder treinar, e... acho que se não tiver força de vontade eu não vou treinar e não vou ser um jogador no dia de amanhã. Se eu ficar em casa, sentado, assistindo televisão, dormindo, eu não vou aprender como é que joga e não vou aprender a ser um jogador nunca.

E9: eu concordo plenamente...

E9: ah, porque eu já disse, quem não tiver força de vontade para estudar e alcançar seus objetivos, não vai ser ninguém na vida, como o colega aqui que falou que não é tudo... como é a pergunta lá? Da inteligência... o que adianta você ter inteligência se não tiver força de vontade? Entendeu. Muitas coisas aí, uma palavra assim de... que faz você conseguir seus objetivos... uma precisa da outra, que nem... se você tiver força de vontade você vai ser inteligente e assim sucessivamente.

E9: eu concordo plenamente, por experiência falo, porque eu pesava 137 kg....

E9: eu lembro, você era gordo...

E9: então, aí eu... muita gente falava – ah, para que vai fazer? Para que? -, muita gente falava que não ia dar certo, só que aí eu comecei a ver que não era bom para mim, eu estava

me sentindo mal... aí eu comecei a treinar, correr no parque e hoje eu estou com 78...

E9: pela força de vontade... correndo, fazendo exercício, treinando, aí consegui.

E9: ah, eu concordo, não concordo plenamente, mas eu concordo, porque a pessoa tem que ter a força de vontade, mas além da força de vontade ela tem que ter um objetivo fixo e sempre os pés no chão. Porque a pessoa às vezes ela tem a força de vontade, mas ela não tem uma direção certa. Eu acho que primeiro ela tem que se fixar em um objetivo e ser segura dentro daquele objetivo que ela traçou para ela. Aí sim ela vai conseguir ser bem sucedida, mas antes ela tem que traçar a meta dela.

E9: é, uma coisa precisa da outra. Nada sozinho funciona.

E9: que nem ele falou, acho que foi o R. que falou... que não adianta você ser inteligente se não tem força de vontade. Sem força de vontade você não vai a lugar nenhum. Não adianta você ser a pessoa mais inteligente da sua escola, mas não tem força de vontade para fazer um curso, começar a fazer algum curso que isso lá para frente vai te ajudar. Que nem... começa a fazer um curso mas não tem força de vontade para terminar. Aí deixa o curso no meio.

E9: oh... eu acho assim... eu vou começar assim por outro tema assim. Tem muita gente que sempre falam palavras de baixo tom para a gente, sabe... palavras negativas, sempre coloca nós embaixo assim... eu acho que muita gente toma aquilo para dizer – eu não vou ser aquilo que aquela pessoa está falando, que fala de mim, que aquela pessoa sempre me coloca lá embaixo, que aquela pessoa fala que eu nunca vou conseguir isso -, eu acho que ela se espelha nisso, nessas palavras que ela fala e cria ânimo, força de vontade de batalhar, de conseguir o que ela quer... Eu já passei por isso, sabe, eu já escutei várias vezes... sabe... pessoas da minha família, sabe, que eu não ia conseguir... que eu não era nada, que eu ia ser uma derrotada na vida... sabe... que eu nunca ia vencer na vida... que eu sempre ia ficar assim... sendo aquela menina, sabe... Igual muitas vezes, “pode chorar”, escutei várias vezes isso da minha família, sabe, e recebi isso como uma força, do que eu quero, dos meus objetivos... Sabe, vencer na vida...

E9: pode chorar, chorar faz bem para o coração...

E9: muitas vezes eu escutei isso...

E9: às vezes não é nem da família, no dia a dia a gente, no serviço lá – você não vai conseguir -.

E9: várias pessoas, sabe, que não tem nem casa, moradia, não tem nem o que comer, sabe, escuta isso de alguém que passa pela rua, sabe, acho que isso bate no coração como se fosse, é para esraçalhar o coração.

E9: hoje em dia a força de vontade vem dos próprios pais...

E9: é, dos próprios pais...

E9: hoje em dia o mundo está tão, cada vez pior, que nem os pais têm, tipo, uma educação melhor, uma força de vontade mesmo para dar o melhor para os seus filhos.

E9: tipo... – vou jogar essas palavras ruins para ver se ela abre a cabeça e se levanta -, só que eu não sou assim... Eu prefiro – vai lá, você consegue -...

E9: que nem aconteceu comigo também, esses dias, no serviço mesmo, tinha um ajudante novo lá, peguei falei – oh, quando eu entrei aqui me matava, dava meu sangue, para mostrar serviço, né, porque você quer subir de cargo e tal -, aí eu falei assim, aí eu peguei e virei para ele – oh, faz isso não, eu fiz a mesma coisa que você -, que eu vi ele fazendo a mesma coisa que eu no começo, chegava estava um serviço assim, limpava, fazia todas as coisas certinho, querendo mostrar o melhor para o chefe, assim, e o chefe nem nada, nem obrigado, nem nada. Falava mal ainda. Você dava o melhor de você. Aí o moleque falou assim para mim, peguei como exemplo, virou para mim e falou – você não pode fazer pelos outros, tem que fazer para você mesmo, se você achar que isso ficou melhor assim, você tem que fazer por você, não pelos outros, porque senão você nunca vai para frente -. Eu peguei isso como exemplo. Para mim foi uma paulada, mas peguei como exemplo. Eu chegava, já limpava, deixava tipo, que nem departamento, que eu trabalho no Walmart, logo no começo me ensinaram, tipo, chegar, deixar tudo limpinho, não deixar bagunçado para o próximo. Aí tipo, o meu pensamento depois, desgostando do serviço até por causa de

salário, por causa de várias coisas, a situação, você acaba, acaba fazendo as coisas que não deve até, né. Aí eu peguei e falei – não, vou deixar bagunçado -, se você for só de pensar negativo, você nunca vai para frente também. E isso que ele falou para mim serviu para caramba, ele falou assim – você não pode fazer pelos outros, e sim por você mesmo. Se você se sentir melhor deixando... -.

E9: isso também aconteceu comigo. Eu estava em um emprego que o encarregado era meu tio. Aí, sabe como que é família, né? Ele me zuou, ficou na firma me zutando, falando que eu não sabia fazer o serviço, me rebaixando para a firma inteira. Hoje eu consegui os meus objetivos, as minhas metas, fiz uns cursos aí, tipo, não me achando mais do que ele, mas, tipo pelo que eu lutei, pelo que eu fiz, o meu suor, eu saio do serviço às 18,30 horas, venho aqui em casa, tomo banho, nem como, e venho direto para casa, eu como às 23 horas, na hora que chego e vou dormir, para acordar às 4:30 horas para ir trabalhar de novo. Ele me zuou, só que agora eu estou em um patamar bem mais alto do que ele, e tipo assim, eu queria que ele tivesse mais do que eu, não quero ser mais do que os outros, eu faço o que eu posso, mas meu tio me zuou, me zuou, me zuou, e hoje ele está lá, isso que demonstra que você tem que ter força de vontade mesmo, se eu não tivesse força de vontade eu não conseguia o que eu queria, e me dava mal.

E9: tem força de vontade, até demais, tem até filho...

E9: trabalho com meu pai, eu tento fazer tudo certo para ele, mas para ele nada está bom, tipo, ele acha que como ele aprendeu a fazer as coisas, ele é melhor que todo mundo. Eu tento fazer as coisas da maneira que ensina para ficar melhor, e quando está bom, ele fala que não está bom, fala que está errado. Aí eu tento fazer mais certo, só que quanto mais certo eu tento fazer, mais ele fala que está errado. Eu tenho força de vontade, e ele não entende isso.

E9: precisando das outras coisas também, né, ser esperto, tudo que foi falado. Porque uma coisa puxa a outra, que nem se você começa a fazer um curso, você vai precisar, você começa um curso, você não vai querer ficar parado naquele, porque se você fica parado naquele você não vai estar sendo esperto e não vai ter força de vontade. Se você fazer um curso, hoje em dia, se você não puxar para todo lado...

E9: é, vai ficar desempregado.

Expressão debatida: quem não arrisca é um perdedor

E9: ah, essa aí eu discordo...

E9: discordo...

E9: concordo plenamente...

E9: porque assim, acho assim, nós nascemos que tem que tropeçar para vencer na vida, a gente sempre tem que, para vencer na vida a gente tem sempre que andar, tropeçar, levantar, andar, tropeçar, levantar, andar, às vezes tropeçando você anda. Tipo assim, eu quero tanto aquela coisa, igual o serviço, vai, eu quero tanto entrar na Pirelli, eu vou lá, faço entrevista, não dá certo. Por que eu vou deixar? Falar – não, não vou fazer mais entrevista porque já não deu certo -, eu vou lá e arrisco de novo, porque a gente tem sempre que arriscar. Por que não vai arriscar? Tem que arriscar no primeiro, aí arriscar de novo...

E9: eu vou dar um exemplo meio besta mas é real. Tipo... eu tinha vontade de ficar com uma menina, se eu não tivesse arriscado, eu não teria ficado com ela...

E9: como você ia saber que a menina ia te querer?

E9: oh, eu estou em dúvida...

E9: eu estou em dúvida, por que? Porque se você arrisca demais você acaba...

E9: perdendo, ou se dando mal na frente, porque você se arriscou muito, te magoando, de tanto você arriscar de ser uma namorada sincera, dando o melhor de você, se arriscando muito, falando da sua vida para ela e tal, você pode se dar mal e por isso que estou em dúvida. E se você não arriscar também você nunca vai saber, o que pode acontecer.

E9: mas você tem que arriscar com os pés firmes, ir comendo pelas bordas...

E9: aí que está, quem não arrisca é um perdedor. Por isso que estou em dúvida, porque se você se arrisca demais em uma coisa...

E9: você entendeu? É uma pergunta que hoje em dia mesmo você fica sem reação..

E9: fica mesmo.

E9: se eu não tivesse arriscado ficar com a menina, eu queria ficar com a menina, e eu fiquei, porque arrisquei...

E9: se ele não tivesse arriscado ele teria perdido a menina, entendeu? E se ele tivesse arriscado também poderia ter ficado mal...

E9: eu concordo porque assim, em um jogo de futebol, se eu estou atacando e estou com a bola no pé, se eu não arriscar chutar no gol, eu não vou fazer o gol. E não vou ganhar do meu adversário. Mas eu não concordo plenamente porque assim, uma pessoa que não arrisca, não é porque não arrisca que vai ser um perdedor, um dia vai ser alguém na vida.

E9: não, acho que é assim e não é também. Porque assim, não, eu concordo, porque assim, quem não arrisca é um perdedor, então, o seguinte, você tem que tentar, porque na nossa vida passam muitas oportunidades que às vezes não voltam, passam uma vez só. E se você não arrisca, você perde. Mas acho que também você tem que ter pé no chão do que você vai arriscar. Você tem que saber o que arrisca e quais são as consequências. Mas você não pode deixar passar as oportunidades boas que aparecem.

E9: ah, eu acho que arriscar também não é tudo, você tem que saber arriscar na hora certa. De que adianta você, vai, você jogou na Lotomania, você ganhou 20.000, aí. Aí você vai e investe os 20.000 em um negócio, o que adiantou você investir no negócio se você perdeu os 20.000, você poderia ter pensado um pouco mais o que ia ser melhor. Se você, logo você investir nesse negócio ou esperar um pouco e achar outro negócio.

E9: mas também se a pessoa que arriscou e gastou tudo é um bobo!

E9: não, ela não gastou tudo, ela investiu em uma coisa que não deu certo.

E9: o que eu falei, no serviço eu conquistei, embora meu tio, e se eu não tivesse tentado não conseguiria...

E9: e se tivesse dado errado?

E9: pelo menos ele tentou...

E9: mas tem que pensar para saber, por isso que eu digo que fico em dúvida. Hoje em dia, se você arriscar demais, às vezes pode dar certo e às vezes não.

E9: mas então, é o que eu falei, não porque não arrisca que vai ser um perdedor. Se não tivesse arriscado a ser mais do que ele era, ele estaria na firma até hoje, só ia estar em um cargo a menos, mas ia estar na firma.

E9: aí que está, por isso que eu coloquei 'estou em dúvida'.

E9: você tem que arriscar com a consciência de que vai dar certo. E também com a consciência de que pode dar certo ou não.

E9: eu falei que estou em dúvida, 'quem não arrisca é um perdedor', por quê? Porque hoje você tem que ser mais profissional, ter mais conhecimento para você se arriscar. Tipo, conhecimento não é só você ter experiência, conversar com as pessoas que tem mais experiência, para você poder se arriscar. Porque se você se arriscar só por conta própria, sem experiência, você vai se dar mal.

E9: a pessoa nunca pode falar que nunca vai conseguir uma coisa. A pessoa tem que ser sempre positiva. Você vai atrás do seu objetivo, que nem ele falou – nossa, vou beijar aquela menina ali -, você vai com a intenção de você, senão você nunca vai ser ninguém. A mesma coisa no serviço, você não vai procurar serviço, você não vai sair da sua casa, por que? – ah... -.

E9: você tem que ser sempre positivo. Você vê um monte de caras trabalhando lá, você pensa – pô, os caras não vão querer mais um cara para trabalhar -, aí você vai e arrisca e pode se dar mal. Eu como não tenho muita experiência na vida ainda, eu coloquei que estou em dúvida. Porque é uma coisa de experiência para mim, essa coisa de se arriscar. Tem que ter experiência, conhecimento, mano. Que adianta você arriscar em um serviço lá e o

serviço não é bom. Se você perguntou, ficou sabendo, conheceu, aí vale a pena arriscar.

E9: oh, que nem, todo mundo colocando ele para baixo na sala de aula, que ia fazer um teste de português, todo mundo me colocou para baixo, e eu gostei da atitude dele, todo mundo colocando ele para baixo, e aí, valeu, ele conseguiu.

E9: ele se arriscou, ele foi lá no objetivo do que? – ah, vai ver se não consigo lá na Portuguesa -, acabou de não conseguindo, mas não existe só uma porta, só, tem várias portas, então, eu me arrisquei na Portuguesa a fazer esse teste, eu não passei no teste da Portuguesa, mas hoje estou jogando pelo Vasco, a Portuguesa não gostou do que eu fiz, mas o Vasco gostou, logo mais estou no campeonato...

E9: que nem eu, quero fazer uma tatuagem, mas estou em dúvida porque, quem sabe futuramente aí eu, talvez eu não me acostume a esse tipo de coisa. Porque você faz uma tatuagem, você sabe que é para a vida inteira, então, estou em dúvida, é isso.

E9: estou em dúvida porque se a pessoa arriscar demais pode subir, mas também descer...

E9: de perder ou de ganhar...

E9: essa frase aí eu sou contra e ao mesmo tempo a favor, então estou em dúvida.

E9: depende também no que a pessoa está se arriscando, na escola, por exemplo, se você não arriscar e perguntar, você fica sem saber...

Expressão debatida: a melhor defesa é o ataque

E9: eu discordo...

E9: se alguém te atacar você não vai atacar também? Vai deixar a pessoa te bater?

E9: concordo.

E9: concordo.

E9: eu concordo plenamente, por causa que assim, um time de futebol, essa frase aí, assim, um time tem a zaga, tem o meio campo e tem o ataque. E assim, um time ele tem a zaga que é fraca, vai, vamos supor, e do meio para frente é o ataque. Se do outro time o ataque for bom, e o ataque dos caras for melhor, meu time além de estar atacando vai estar defendendo. Meu ataque vai ser uma defesa, então que adianta uma defesa boa, eles vão defender e fazer o gol, mas vai continuar o mesmo resultado, zero a zero, se não tiver um ataque, entendeu? Então, como é, a melhor defesa é o ataque, porque se eu não atacar, está zero a zero o jogo, minha zaga é boa, e meu ataque é ruim, vai continuar zero a zero, porque minha zaga vai estar defendendo, mas meu ataque. Se estiver a defesa só defendendo, e o ataque não fazendo gol lá na frente, vai continuar zero a zero...

E9: então, o S. tem uma defesa razoável, mas tem um atacante que...

E9: estava no concordo, coloquei concordo plenamente.

E9: no jiu-jitsu tem defesas que eu faço que pode ser um ataque, é meu ataque, minha defesa é melhor ataque...

E9: se não tem ataque, não tem defesa...

E9: eu acho assim, que às vezes, entre aspas, a melhor resposta é a que não se dá às vezes, a gente quer ser o certo...

E9: quer ser o certo, e acaba saindo errado...

E9: a gente tem que pensar duas vezes antes de agir...

E9: que nem passou na Malhação esses dias, Angelina foi brigar com a irmã dela lá, aí elas começaram a discutir, a irmã dela quis partir para cima dela, ela se afastou e a irmã caiu na escada. Se a irmã não tivesse brigado com ela, ela não teria se afastado e a irmã não teria caído na escada. Então, a melhor defesa dela não foi o ataque, foi ela se afastar, a esperteza.

P: mas ela caindo, usou isso como um ataque! Ela atacou! Então, ela se defendeu e atacou ao mesmo tempo, porque se ela não tivesse saído, se ela estivesse só se defendendo, ela segurava a irmã dela. Mas ela saiu, na intenção – não, vou sair... -. Foi o ataque dela...

E9: a melhor defesa é o ataque mesmo...

E9: eu acho que nem sempre a melhor defesa é o ataque. Por exemplo, em uma discussão, está discutindo com uma pessoa. Se a pessoa fala uma coisa e você vai rebater o que ela falou, você vai estar atacando ela e fazendo com que ela, que a discussão dure mais ainda. Agora, você está discutindo com uma pessoa, você deixa quieto, e sai de perto, além de você estar se defendendo, está atacando também.

E9: às vezes é a melhor resposta...

E9: eu estou discutindo com você, você virou de costas e me deixou falando, você me atacou! Então, se não tiver o ataque, não tem defesa...

E9: eu estou em dúvida, professora, porque depende da situação, que nem ele falou, às vezes é melhor ficar quieto do que ficar atacando. E ao mesmo tempo às vezes é melhor o ataque, que nem jogo de futebol, se você atacar primeiro você vai fazer um gol...

Expressão debatida: quem não tem competência não se estabelece

E9: eu concordo...

E9: eu não entendi, não sei...

E9: eu concordo...

E9: mas isso aí é a mesma coisa que a outra...

E9: concordo...

E9: eu não sei...

E9: concordo...

E9: todo mundo é concordo.

E9: eu. Eu concordo, não sei o que falar...

E9: eu concordo, professora, porque se você tiver competência, juntar um dinheiro, você vai se estabelecer. Você vai ter esse dinheiro guardado. Se você não tiver competência não vai conseguir guardar esse dinheiro para se estabelecer.

E9: eu acho assim, quem não tem competência não tem como se estabelecer em nada mesmo. Por causa que, se eu estiver em uma firma e não tiver aquela competência de fazer uma peça que meu patrão quer, ele nunca vai me deixar fixo naquele cargo. Ele vai achar – pô, o cara não tem competência de fazer uma peça -.

E9: na minha opinião, eu tenho que saber programar a máquina para ela fazer a peça. Não eu fazer a peça, a máquina fazer...

E9: se não tiver competência de...

E9: se não tivesse competência de fazer o curso não ia saber nem mexer no botão para programar, para fazer a peça que a firma pede.

E9: se eu não tiver competência de distribuir a bola para meu ataque fazer gol, como é que eu vou ser um bom meio de campo?

E9: Ah, eu acho que, é verdade, quem não tem competência não se estabelece mesmo, porque eu acho que tudo que a gente faz tem que ter competência, tanto nos nossos estudos, como no nosso trabalho, quanto na nossa vida. Se você não tiver competência no que você faz, você nunca vai chegar naquele objetivo que você quer. Tanto no serviço como na vida mesmo. Se você não tiver competência com a vida, você nunca vai chegar a tudo que você quer chegar. Nunca vai alcançar tudo aquilo que você quer alcançar.

E9: se estabelecer em um bom serviço, em um bom...

E9: subir de cargo na firma, isso é ter competência...

E9: eu acho assim, por exemplo, assim, hoje você é um repositor do supermercado, é repositor há 3 dias, batalhei, batalhei, mas acho que eu não tive competência de subir de cargo. Eu acho que você tem que batalhar pelo seu esforço, para você ser competente para você subir de cargo...

E9: é, isso aí...

E9: olha, você pode ser aquele cara, em qualquer firma, você pode ser o caramba, o cara

que você sabe tudo lá na firma, podem colocar qualquer cara ali que ninguém sabe fazer o que você faz, o patrão sempre vai falar – o que aquele moleque está fazendo aí? Não sabe fazer bosta nenhuma -. O patrão quer se dar...

E9: ia fazer o que? Mandar você embora...

E9: eu conheço um cara, ele teve competência e subiu na vida por causa da competência dele. Ele começou a trabalhar no Extra de empacotador, de colocar as coisinhas dentro da sacola lá, para a pessoa levar embora e tal. Hoje ele é gerente, não sei de que lugar lá do Extra, e ele tem só 18 anos de idade. Começou com 15, em três anos ele virou gerente do Extra, ele foi competente, teve competência no serviço dele, e por causa da competência dele, ele se estabeleceu no Extra e está lá até hoje.

E9: e o moleque tem 18 anos de idade...

E9: fala aí, mano, se você não tivesse competência teria conseguido emagrecer?

E9: pelo esforço de vontade eu consegui...

E9: que nem, vai, o R. quer uma casa legal... Ele achou, passou em um lugar, achou uma casa bem legal, só que a casa custa 130.000, mas ele quer comprar a casa. Mas que adianta ele querer comprar a casa sendo que no serviço que ele faz não tem competência de se estabelecer no serviço dele para ele assumir a prestação para ele comprar a casa?

6.9.2 Família, Pares e Relacionamentos

Os jovens dessa escola da região P somente podem confiar nos familiares e um grupo restrito de amigos para fazer confidências. Também há situações em que as relações na família estão prejudicadas dificultando a confiança. As relações de modo geral estão permeadas por desconfiança, geralmente resultando em experiências frustrantes. Observam-se posicionamentos que defendem a manutenção do casamento somente interrompendo em situações extremas de violência. De modo geral defendem que a separação dos pais é a melhor opção quando a relação do casal não está bem, resultando em infidelidade e brigas constantes. Para alguns jovens os pais são sempre um modelo e exemplo a seguir. Outros somente se espelham nas características positivas e valorizadas, como ser honesto, trabalhador e rejeitam os aspectos ruins, como o pai ser “pinguço”, a mãe “fofoqueira”. O ambiente familiar é um local onde podem conversar sobre assuntos do cotidiano, como escola e temas gerais. Mas apontam dificuldades para conversar sobre questões mais íntimas, fazer confidências. Em algumas situações a mãe é percebida como a que melhor escuta e conversa sobre os assuntos mais íntimos.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram as expressões, “adultos não são confiáveis”, “os

pais não devem se separar”, “tenho meus pais como exemplo”, “em casa não dá para conversar”.

Expressão debatida: adultos não são confiáveis

E9: porque não tem mesmo como confiar em ninguém...

E9: em ninguém não, tem as exceções, mas...

E9: mas você não sabe o que passa na cabeça da pessoa, então, não é em todo mundo que eu confio...

E9: as pessoas mais próximas, mais íntimas, minha mãe, meu irmão, meu pai, algum colega, colega não, amigo, né. Mas não é em todo mundo que eu confio.

E9: mas você falou que tem as exceções, por isso que eu colocou...

E9: mas você tem que confiar em alguém, né...

E9: só em algumas pessoas que eu confio, poucas pessoas...

E9: você coloca confiança na pessoa, mas confiar, pôr as mãos no fogo, ter certeza, não.

E9: tem alguns que eu concordo, minha mãe, meu pai e alguns colegas, tias, é gente que eu confio, mas tem outros que não dá para confiar.

E9: não, eu só tenho confiança na minha família, pai e mãe...

E9: eu, concordo com ele...

E9: em ninguém.

E9: fico na minha...

E9: ah, as únicas pessoas que eu confio é a minha família, e tem exceções também, não é toda a família, mas é a família e Deus.

E9: ah, eu discordo, porque tem algumas pessoas que eu confio. Não só da família, tem algumas pessoas que, assim, tem mostrado que vale a pena confiar, apesar que eu já confiei bem mais, né, acabei apanhando e aprendendo. Mas mesmo assim, eu não concordo, eu confio em algumas, pouquíssimas...

E9: depende da pessoa, o grau de amizade, aí eu confio, não depende do tema, mas da pessoa.

E9: a maioria não.

E9: é, vai aprendendo com a vida, né.

E9: não, eu tento, eu confio demais nas pessoas, por isso que eu acho que eu apanho tanto, né. Vou confiando, confiando, até que. Aí não tem mais jeito, vou fazer o que?

E9: eu discordo porque depende da pessoa, depende da afinidade que você ter com ela...

E9: amigos.

E9: com amigos também, eu não sou muito de falar com a família.

E9: ah, eu acho que falta interesse da parte deles e da minha também.

E9: ah, eu discordo porque a gente tem que ter orientação de um adulto. A gente não tem a experiência que eles tem. Eles são mais velhos, sabem como é a vida, né. Eu confio na minha mãe, no meu pai não porque, sei lá, para mim eu não tenho pai, então confio na minha mãe...

E9: eu assumo que não tenho pai...

E9: assim, eu confio na minha madrinha, no meu padrinho, que no caso são os pais dela, então, confio neles de olhos fechados.

E9: agora eu não falo tanto em amigos, confiança em amigos eu não tenho muita. Porque na nossa frente eles são de um jeito, mas sempre tem aquela pessoa que tem outro amigo, e vai contar, vai falar um pouquinho mal de você por trás. Existe isso, então prefiro confiar na

minha família que em amigos.

E9: apesar de não ter tanta, eu confio mais na família, fora a família? Não.

E9: ah, eu confio também no meu namorado, mas entre aspas também, porque, não é sempre que a gente pode confiar, né. Tem as amigas também, eu sou honesta com elas, agora eu não sei da parte delas, né. Se são ou não...

E9: ah, eu discordo só que assim, não são todos que a gente pode confiar. Em relação à família eu confio, mas não para contar determinadas coisas, não é tudo que eu conto para a família. Tem coisas que eu prefiro guardar para mim, tem outras que eu conto para as pessoas bem próximas de mim, mas não é em todos que eu confio.

E9: ah, mas assim coisa passageira, chego a comentar assim, mas prefiro não entrar em detalhes. Agora, coisas que eu sei que eu prefiro que seja guardada em segredo, às vezes eu guardo só para mim, ou, é difícil de eu estar comentando assim, as coisas minhas particulares com os outros.

E9: às vezes eu procuro, já procurei. Mas muitas das vezes que eu procurei, só me deram críticas. Muitas das vezes quando precisava de apoio de alguém, nunca ninguém me apoiou em nada. Só apenas me criticaram. Então, para contar com uma pessoa para só ter críticas, eu prefiro guardar as coisas só para mim.

E9: concordo, plenamente...

E9: eu discordo porque eu confio, sempre tem um adulto que eu chego para me abrir, para falar o que está se passando, entre aspas, né, e eu conto. Mas não é todo mundo que eu confio, não.

E9: não, assim, não é todo assunto que eu chego para falar, não. Tem coisas que eu falo para outras pessoas, mas para adulto não.

E9: adultos eu confio só na minha mãe e na minha tia...

Expressão debatida: os pais não devem se separar

E9: não tenho nem pai...

E9: porque eu acho que se casou é para viver o resto da vida, não tem que se separar...

E9: não, não...

E9: se pode ter algum motivo de separação? Em um caso de traição...

E9: não, aí negócio de bater já é diferente.

ENP: eu acho assim, que depende, acho que traição vai da cabeça de cada um. Tem gente que não perdoa traição. Para mim assim, se casou, ama, se você, a partir do momento que você traiu, você não ama, para mim, quem ama não trai. Se você traiu, ou você não ama, ou você não encontrou a pessoa que você esperava. Acho assim, se o casal não está se sentindo bem juntos, não prazer um com o outro, separa.

E9: os pais dela.

E9: ah, eu discordo porque, eu discordo, se não está tendo assim, se não está satisfazendo nem um nem outro, então eles não tem por que ficar juntos. Se os dois não estão se dando bem eu acho que, assim, a separação às vezes influencia até na convivência entre filhos, porque quando a criança é pequena e os pais não se entendem isso influencia a criança ser agressiva. Ela cresceu no meio da agressividade, então ela não vai ter uma boa educação. Por mais que o pai, a mãe deem uma boa educação, sempre vai ter um ponto negativo.

E9: Discordo porque tem certas vezes que não dá para os dois ficarem juntos. Por causa da traição, as brigas, minha mãe e meu pai separou por causa das brigas. Eu tinha quatro anos. Aí eu não queria que eles separassem, só que eu cresci e aí entendi que por causa das brigas eles não podiam ficar juntos, porque brigavam demais. Aí entendi que eles tinham que separar.

E9: eles brigavam demais.

E9: bom, as palavras do F. são quase minhas, porque eu fui, eu cresci vendo meus pais só brigar. Aí teve uma hora que a minha não aguentou dele estar só brigando e ela fazendo tudo para dar certo, só que chegou ao ponto que ela não aguentou mais aquela situação, aí

se separaram...

E9: não, eu estou até concordando com eles, porque por causa dos meus pais também, só brigavam, só, aí se separaram.

E9: melhorou, mas aí eu não tive meu pai ao meu lado.

E9: não, não houve agressão. Eu acho que não foi bom. Eu cresci sem estar ao lado dele.

E9: ah, se não der mais certo, aí...

E9: tem casal que estão sempre brigando, mas não tem nada que separa eles...

E9: que nem a minha mãe e meu padrasto. Faz 20 anos que estão juntos e eles nem se falam...

E9: isso. É diferente. Porque acho que uma vez por mês meu pai sai de casa, fica uma semana fora e depois volta...

E9: acho que todo mundo tem direito de se separar. Minha mãe vive muito bem depois que separou do meu pai. Quando minha mãe estava casada com meu pai era o que? Era do serviço para casa e não fazer mais nada. Agora não, agora ela se arruma, se valoriza mais, sai, se diverte. Então ela acaba dando liberdade para mim também...

E9: ah, eu acho bem melhor, porque assim, viviam bem até um certo tempo, aí quando meu pai começou a andar torto, esquecer da família, saía na sexta, voltava no domingo, parecia que era solteiro, que não tinha família, também não assim. Separar mesmo de casa, tudo, eles separaram esse ano, e para mim foi, sei lá, um dos melhores dias da minha vida. Não sei por que, teve gente que falou – ah, que horror -, mas que foi, foi. Nossa, eu acho muito legal ver a minha mãe feliz.

E9: lógico, porque eles ficaram 18 anos casados, assim, se em 18 anos o amor que eles tinham acabou...

E9: eu concordo com ela, com a J., não é porque casaram que são obrigados a ficar juntos, se há brigas, traição, então concordo com ela.

Expressão debatida: tenho meus pais como exemplo.

E9: para tudo, familiar, conversa, tudo, tudo que eles faz para mim é um exemplo. Se eu tivesse uma família gostaria que fosse como meu pai e minha mãe.

E9: eu concordo, mas tem certas coisas que eu não sigo o exemplo deles, não.

E9: é, trabalhador...

E9: é, você vai seguir o exemplo...

E9: nem sempre é tudo, né...

E9: quando você é acusado injustamente e eles não querem entender. Tem certas coisas que...

E9: ah, tem várias, né, sempre estar procurando ajudar...

E9: eu pegaria o lado bom e o lado ruim eu deixaria de lado, só pegava o bom exemplo deles. O que não fosse do meu agrado, deixava de lado.

E9: é, que todo mundo tem erro, né, então pegaria as qualidades e a parte ruim eu elimino.

E9: depende, né, se o pai é um pinguço não vou seguir o exemplo dele, se a mãe é fofoqueira não vou seguir o exemplo dela. Então, só o lado bom, entendeu, só o lado bom.

E9: não. E se tem eu nunca reparei.

E9: eu discordo e concordo ao mesmo tempo, porque, eu concordo em ter como exemplo a minha mãe, e meu pai eu discordo, porque jamais eu quero como exemplo para mim o que ele faz.

E9: eu também concordo com ela...

E9: eu discordo, não quero ser igual a eles...

E9: porque minha mãe é fofoqueira, não quero ser, meu pai é muito frouxo...

E9: só a honestidade...

Expressão debatida: em casa não dá para conversar

E9: porque tem horas que não dá para conversar em casa, depende do assunto, né. Igual ela falou na questão passada, tem assuntos que é para conversar com amigos e tem assuntos que é para conversar em casa.

E9: depende.

E9: ah, porque não, algumas coisas sim, algumas coisas não. ninguém leva a sério...

E9: ah, vamos dizer, coisas assim, simples...

E9: estou em discordo porque assim, nem é tudo assim que não dá para conversar. Certas coisas até dá. Mas tem coisas que é melhor você guardar para você mesmo.

E9: mais coisas do dia a dia, alguma dúvida da escola, alguma fofoca. Mas mais para conversar na minha casa é mais com a minha mãe, só. A pessoa que mais eu converso, confio, é mais na minha mãe. O resto assim, não dá para confiar nem para conversar.

E9: não, confidencias pessoais, algumas dá para fazer, mas não são todas que eu faço, não.

E9: eu tento conversar ao máximo com meus pais, pai, mãe, ter meus pais como amigos, mas tem coisas que...

E9: tem coisas que com os pais não dá. Mas eu falo com amigas, comento...

E9: é, não tudo...

E9: ah, a maioria as minhas amigas sabem, a maioria. Assim, amigas entre aspas...

E9: não, concordo...

6.10 ESCOLA PÚBLICA LOCALIZADA NA REGIÃO PERIFÉRICA

6.10.1 Educação, Escola e Trabalho

As representações cotidianas dos jovens dessa escola evidencia a precariedade da escola pública com professores pouco interessados no próprio trabalho e na formação dos alunos. Perante essa constatação há diferentes formas de se posicionar. Alguns jovens se posicionam passivamente, ficam desestimulados e desinteressados por estudar e aprender. Projetam o interesse pelo estudo no futuro quando ingressarem em uma universidade particular que, por ser paga, propiciará escolhas pessoais. Também para esse grupo, a universidade paga significa maior exigência de interesse, uma vez que se estabelece relação com a educação de caráter mercadológico. Outros se posicionam como os únicos responsáveis pelo fracasso escolar e apostam no esforço e empenho individual para buscarem os conhecimentos necessários para a vida. Assim observam as condições insatisfatórias postas para os professores que por sua vez se mostram

despreparados para lecionar determinadas disciplinas, o que ajuda a tornar mais precário o ensino. A leitura pode se tornar algo interessante quando o conteúdo está relacionado às escolhas dos jovens desde que não esteja relacionada a livros escolares, que são percebidos como “chatos” e obrigatórios. Para outros jovens dessa escola, a educação tem importância tanto como fonte de formação e conhecimento como de aprendizado, na convivência com outras pessoas. Sem a formação escolar haveria maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho em virtude da grande concorrência. A educação para a convivência com outras pessoas tem sua base na família e se estende também pela escola e mundo do trabalho. Percebem que na escola reproduzem maus comportamentos, o que ocorre em menor frequência com a família. Percebem a escola que frequentam como sendo de menor qualidade, quando comparada a outras escolas da região e da cidade de Santo André. Há opiniões de que a responsabilidade pela precariedade do ensino encontra-se na falta de interesse e envolvimento dos próprios alunos em que tudo dependeria do empenho e maior esforço individual. Outros remetem os problemas ao desinteresse e dificuldade dos professores em conquistar os alunos. O professor valorizado é aquele que consegue ensinar através do diálogo e do interesse pela vida do jovem, por seus dilemas e dificuldades, para além dos escolares. É o que se mostra afetivo e mais próximo dos problemas dos alunos. No entanto há jovens que preferem maior distanciamento afetivo dos professores para não expor seus problemas pessoais e familiares. Optam por separar a vida entre as coisas da família, as coisas dos amigos e as coisas da escola. Outros reconhecem que as dificuldades estão na própria organização e condições de ensino, como o caso de professores que são escalados para lecionar matérias para as quais não estão preparados ou pela falta de coerência e sequência das aulas devido à grande circulação de professores substitutos. A forma de conseguir atrair o interesse do aluno estabelece-se notadamente em função das notas, que geralmente são baixas, o que acaba por responsabilizá-los pelo sucesso ou fracasso escolar. Para outro conjunto de jovens o estudo tem importância, mas não é garantia para ser bem sucedido. Há exemplos de pessoas na família que estudaram e não conseguiram emprego em suas profissões. A

própria condição de vida das famílias no bairro Borda do Campo é percebida como precária, não há infraestrutura mínima, estão longe da região central e ainda estão submetidos a um alto índice de violência, sentem-se desprotegidos. A região tem característica rural, no “meio do mato”, a presença de animais é constante, pequenos bares, disseminação de igrejas e práticas místicas. O acesso à internet é recente com a presença de *lan houses*. A perspectiva de crescimento e desenvolvimento econômico da região está relacionada à construção do rodoanel que ainda é percebido com desconfiança. Os jovens manifestam o desejo de migrarem para outras regiões devido à baixa perspectiva de melhorias na região. Ao mesmo tempo percebem que há pessoas bem sucedidas na sociedade que não tiveram estudo, se referem ao Lula que chegou à presidência do país sem ter escolaridade e jogadores de futebol que deixam os estudos quando ganham oportunidades de ascensão na carreira. Citam ainda pessoas que conseguem fama através do sexo ou beleza e sensualidade. Entendem que a fama e a popularidade adquirida facilita o caminho para se conseguir sucesso. Também a sorte pode ser um fator.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão as expressões “educação garante o futuro”, “estudar é um tédio” e “ler um livro é uma chatice”.

Expressão debatida: educação garante o futuro

E10: Eu acho que todos precisam ter educação em primeiro lugar, porque se você não tiver educação e respeito você não vai conseguir nada, então eu acho que você tem que ter educação e respeito para tudo, para poder arrumar emprego, para fazer faculdade, para ser alguém na vida.

E10: É primeiramente saber conversar com as pessoas, saber lidar com as pessoas, conviver com as pessoas, porque não é só você saber matemática ou português, você tem que saber lidar com as pessoas para ter educação e respeito, porque se não você vai tomar.

E10: Garante, porque ninguém quer, assim, ninguém quer, depende, o ensino e a educação, porque a educação você traz de casa e o ensino você vai na escola para aprender de tudo, porque uma pessoa educada ao mesmo tempo tem um ensino.

E10: Respeito, para mim tem que ter respeito, respeito vem da família, o pai e a mãe que criam, dão respeito, e educação também vem de ensino, de estudo, também.

E10: Depende, educação tem dois sentidos, ensino e escola, e educação de respeito, mas são duas coisas relacionadas, que sem o respeito, que você tem desde que você nasce, e o ensino também.

E10: Educação garante o futuro com certeza.

E10: Com certeza absoluta.

E10: Primeiro você tem que saber lidar com as pessoas, você não pode chegar em um lugar

e querer ser o maior, então você saber conversar, saber o limite do próximo, conversar com as pessoas, você tem que saber lidar com as pessoas em um ambiente de trabalho, e o ensino, porque como você vai começar a trabalhar com uma coisa se você não sabe nada, não tem nem como, então você tem que aprender tudo

E10: É, para você conseguir um emprego você tem que ter educação tanto de você conversar com as pessoas quanto de você saber do que você vai trabalhar, você tem que saber.

E10: Se você for pensar educação como aprendizagem, como ensino, cada vez mais a gente está aprendendo, o mercado de trabalho está muito concorrido hoje, todos os lugares estão ficando cada vez mais exigentes, estão procurando cada vez mais pessoas que tem faculdade, procurando primeiramente aqueles que tem faculdade, que tem ensino, é isso quanto a aprendizagem, e educação de respeito, a gente aprende dentro de casa, eu acho que vai para a escola para aprender, mas tem que aprender dentro de casa já, então você tem que proporcionar as duas coisas para o seu futuro, você saber lidar com as coisas, lidar com a situação, ter educação, com as pessoas, saber lidar com as pessoas e ter uma aprendizagem, que também precisa.

E10: Para mim garante, porque que nem todo mundo falou que a educação vem de casa, a nossa educação para a gente aprender como lidar com as pessoas assim, falar um bom dia, é uma educação que a mãe dá, assim desculpa, licença, por favor, dá licença para mim, vem de casa, a gente vem para a escola para aprender matéria, ta certo que quando a gente vem, a gente aprende também umas coisas que a professora te ensina, é que nem fala, vivendo e aprendendo, a gente aprende tanto em casa quanto fora de casa, então tudo liga, liga tudo junto.

E10: Está relacionado.

E10: Tipo assim, é que nem, falando por mim, quando eu estou em casa a gente faz tudo certinho, e aí quando a gente está na escola a gente se transforma, é que nem eu falo, quando estou em casa sou o maior santo, falo para minha mãe assim, e quando a gente está na escola a gente se transforma, até o professor briga com a gente, 'sua mãe não deu educação não?' 'Sua mãe não deu educação não?' e 'deu mas não uso'. Eu até brinquei com o professor, 'deu mas não uso aqui não, só uso em casa', falei brincando com ela, e ela 'M., toma vergonha na cara', e eu 'não professora, é brincadeira', que de vez em quando, quando a gente está com o amigo assim, a gente se comporta de uma maneira diferente, uma maneira de tratar, de falar com as pessoas assim, 'sai do meio', 'sai, sai da frente', não 'por favor, dá licença', é 'sai do meio', está sentado no fundo da sala 'abaixa a cabeça', 'por favor, dá licença, abaixa a cabeça', quer dizer... desculpa falar 'tira essa porra do meio', muitas pessoas falam, muitas pessoas falam, ficam nervosas assim, e falam desse jeito.

E10: É que nem a professora fala para a gente de vez em quando, é que nem fala, tudo o que a gente fala, num ponto tem um pouquinho de verdade, a professora fala assim "quando você chega em casa parece que você deixa a educação lá fora, vocês perdem a educação", porque a gente sendo adolescente, a gente se trata de uma forma diferente, a gente é amigo, a gente xinga um o outro, mas amigo, sabendo que não vai ofender ele, eu xingo a mãe dele, ele xinga a minha mãe mas é brincadeira, é amigo, que nem eu não vou chegar em você e falar "a sua mãe é aquilo, aquilo e aquilo", eu não vou falar isso, é só entre a gente, entre amigo mesmo, a gente não usa a educação entre a gente mas a gente é amigo mesmo, mas se for falar com o professor mesmo a gente usa a educação.

E10: Hoje está muito fraco, porque aqui nessa escola está fraco, na escola da Vila Luzita pra lá é forte, eu fui embora faz um tempinho, eu fui embora, não sei se vocês conhecem a escola Leite Franco.

E10: Em Santo André, eu estudei no Leite Franco, de repente eu cheguei aqui, a matemática, eu fui aprender depois de 5 meses, 4, 5 meses que eu estava aqui, a matemática que eles estavam dando lá, vieram ensinar aqui, então a gente sempre está atrasado.

E10: Mas eu acho que às vezes, é tanto o professor quanto os alunos que não colaboram, porque depende muito.

E10: Não, mas se o professor chegar e der matéria, vai dos alunos aprenderem, se ele chega e passa na lousa, tem uns que se interessam e tem os que não se interessam. Mas se eles

passarem na lousa para a gente aprender, a gente aprende.

E10: Mas eu acho engraçado isso que os professores, os diretores põem a culpa nos alunos, só que se você for ver bem, a escola está pixada? Está. Os alunos aqui, tem aluno que usa droga? Tem. Só que todas as escolas, sem exceção têm aluno que usa droga, a escola está pixada, mas só que a educação não muda por causa disso, a educação continua a mesma, a educação aqui não, a educação muda por causa do pixe, por causa das drogas?

E10: Porque, eu vou ser bem sincera, a diretora não impõe o ensino

E10: O que eu acho estranho é isso, se o professor chega...

E10: E tem professor que chega aqui e não passa nada, ele senta e está tudo certo, não fala mais nada, ele trás os livros aí e fala “copia da página 500 à 507”.

E10: O professor vem dar aula, não vem ensinar, ele só vem dar aula, fazer o horário dele, pra ele poder ganhar o dele, ele não está interessado se o aluno está aprendendo.

E10: É que nem eu falo, tem 40 e poucos alunos dentro da sala, é que nem a T. falou “vai do aluno”, mas não vai do aluno, se o professor chegar e colocar matéria na lousa, tem sempre quem quer aprender...

E10: Não, vai da pessoa.

E10: Tem matéria que o professor sabe impor, tem matéria que o professor chega e os alunos ficam quietos, sentam todo mundo na sua fileira e fica todo mundo quieto, que nem na aula de inglês, ela não deixa a pessoa falar nada, a aula de física são duas ou três que falam alguma coisa, mas tem matéria por exemplo que ninguém fica quieto, porque a professora chega lá e não impõe a ordem, ela chega lá e está tudo certo.

E10: Que nem os alunos falam, a melhor professora da escola eu falo quem é e pode perguntar em qualquer sala que ela dá aula, a melhor professora que chegou aqui e colocou ordem nessa escola foi a Patrícia.

E10: Porque tem gente que está bagunçando, ela chega e ela é quase psicóloga...

E10: Ela entra na sua mente.

E10: A gente assim, eu e o A., a gente não fazia lição, eu não fazia lição na aula, ela pegou e... “choque de mente”, a gente fala “choque de mente”, ela pega e chega, ela falou assim, “o que está se passando na sua casa?” se meu pai bebe, se meus pais estão se separando, chego em casa, na minha casa não tem conversa, era só discussão, daí ela falou assim, “então você vem na escola para se divertir, quando você está na escola você dá risada, mas por dentro você não está bem, é isso daí?” daí eu falei, “é isso daí”, daí ela falou “M., para você melhorar, começa a fazer lição, você quer conversar, você conversa, mas não se prejudica e não prejudica o seu amigo, faz lição, conversa na hora do intervalo, você vai espairar a cabeça”. Eu comecei a fazer lição, daí ela fez uma pirâmide, ela fez uma pirâmide com a gente, daí ela colocou no topo da pirâmide quem não tinha nenhuma nota vermelha, daí que estava no meu é quem tinha uma, daí quem estava um pouco mais para baixo é quem tinha duas ou três e quem estava por último é quem tinha muita nota vermelha, ela pegou por último e jogou todo mundo para cima, foi subindo, subindo, subindo e chegou no que? No último bimestre, não, penúltimo bimestre, todo mundo com azul, não tinha um aluno que estava com nota vermelha, sabe o que ela fazia? Choque de mente.

E10: Mas se você fala de choque de mente, tem outros professores nessa escola que colocaram ordem que são os professores mais chatinhos o [...], a P., a F. e a mais simpática que é a [...] são os únicos que conseguem, a cada dez professores, um consegue impor ordem na sala, e o que eu acho errado na escola também é que o professor de matemática, ele fez faculdade de matemática, está faltando professor de português, eles jogam o professor de matemática para o professor de português, o professor de matemática não teve matéria de português para der aula.

E10: Entendeu? E tem professor, é de português, ele está lá parado, porque ele não pode ser o substituto? Eu acho isso muito errado. O professor de matemática não vai conseguir dar a matéria de outro professor.

E10: Que nem a gente acha errado. Só tem um dia que a gente não tem aula de matemática, dois dias, entraram duas aulas, uma na primeira e outra na quarta, entrou a professora e deu

matéria, aí foi lá e ela explicou, nem explicou, jogou matéria, a gente se matando para fazer, depois na outra aula ao invés de entrar a mesma professora com a mesma matéria que ela estava dando, entrou outra professora, jogou outra matéria que a gente não sabia, e ela não explicou nada, é substituta, ela colocou na lousa e sentou, depois a gente foi prejudicado nesse bimestre, a gente ficou com vermelha, que nem a professora de geografia, a professora de geografia pega e dá matéria, ela fala assim “na próxima aula eu quero que vocês me entreguem o mapa para fechar a média”, tudo bem, todo mundo fez o mapa e aí chegou na hora, cadê a professora? Sumiu, daí e o nosso mapa, como fica? Porque se eu não entregasse o mapa eu ia ficar com nota vermelha, eu só não fiquei com nota vermelha porque a diretora obrigou ela a fechar a minha nota azul.

E10: Se não ia ficar com nota vermelha.

E10: É, com nota vermelha.

E10: Tem professora que critica a própria matéria.

E10: Esse ano ela não dá mais, ela deu o ano passado.

E10: Deu o ano passado para vocês também?

E10: Parece que ela está só dando aula para o terceiro e as oitavas.

E10: Acho que ela quer entender o que você está pensando, porque você está daquele jeito, porque muitas vezes você não tira a máscara, você não mostra quem você é de verdade, o que está acontecendo com você, você tenta mostrar para quem está do seu lado que é uma pessoa feliz, uma pessoa alegre, uma pessoa animada, e na verdade você não é desse jeito.

E10: Está ferido por dentro.

E10: Está ferido por dentro.

E10: E ela traz assim uma paz para o aluno.

E10: É um jeito dela te ajudar.

E10: Ela tem interesse em dar aula, e foi até na festa junina, ela ficou muito chateada com a diretora ainda, porque todo mundo gosta dela, quem não tem aula com ela que vê assim durona, “ela é chata”, agora quando você tem aula com ela, você vê que ela é muito, é que nem todo mundo fala, julga a pessoa por não conhecer a pessoa.

E10: No sentido de... ser, no meio do ano o meu pai morreu, aí eu não fazia lição, ficava sentado, bagunçava com os moleques, aí ela foi e leu meu histórico, ela falou que se interessou por minha história, começou a conversar comigo, aí sentava para trás, aí conversava só eu e ela, aí ela passava lição, acabava de passar, sentava eu e ela, sentava para conversar, e ela “o que se passa”, aí eu “o meu pai morreu, é isso e isso”, “você quer ajuda?” aí eu falei “quero” [...].

E10: É que sempre ela implica comigo, parece que ela tem um negócio assim que ela sempre implica comigo, pode ter todo mundo ali, ela implica justamente comigo. Outro dia, no ano passado, eu fui levar um negócio para a professora na sala dos professores, era fita crepe para entregar para a diretora, ela não deixou eu entregar para a diretora, porque ela viu que era eu, então não vou muito com a cara dela, a única professora que eu vou, conversava bastante era a A. e a M.

E10: Ah, sei lá, eu acho que não porque tem uns alunos que não vão querer desabafar com o professor, porque tem os amigos e ele não vai se sentir à vontade para falar com o professor.

E10: Depende de como o professor vai falar com você.

E10: Eu acho que... é que tem aqueles professores que chegam em você já brigando, eu acho que é mais fácil você conversar com um amigo do que com o professor, eu acho que você não vai aprender mais, aprender a matéria mais com isso, você vai aprender da sua consciência, você tem que ter a consciência do que você está fazendo na escola. A escola é a escola e a casa é a casa.

E10: Eu diferencio bem uma coisa da outra. A minha casa é minha casa, a escola é a escola. Que nem em casa, eu vivo brigando com a minha mãe, mas na escola eu vivo alegre, eu tenho que diferenciar tudo, não posso misturar uma coisa com a outra.

E10: Eu acho legal o professor sentar com o aluno, perguntar o que tem, como está, como

anda a vida, eu acho legal. Assim, eu não me abria porque eu sou uma pessoa muito reservada assim, mas eu acho legal, porque ajuda, porque a maior parte do tempo a escola é nossa segunda casa, então se a gente não tem uma convivência legal na escola a gente vai ter, então os professores na verdade eles não são os professores, eles são os nossos amigos, então eu acho legal eles sentarem e conversarem com a gente.

E10: Uma professora que eu admiro é a F., eu não tenho ela como professora, eu tenho ela como amiga.

E10: Eu não consigo chamar ela de professora.

E10: Quando acabo de fazer as coisas, eu sento do lado dela e começo a conversar, conto o que aconteceu na minha vida, falo, é a que mais briga comigo do que a professora F., mas com ela eu desabafo sobre o que está acontecendo comigo, ela às vezes me ajuda. Eu sei de tudo o que acontece com ela e ela sabe de tudo o que acontece comigo.

E10: Que nem a L., além de ela ser minha vizinha e me dar aula, ela é minha amiga, me conhece desde que nasci.

E10: Acho que depende do aluno, se ele quer aprender, ele vai aprender, independente de ser escola pública, o pessoal de escola estadual passa no vestibular, quem quer eu acho que consegue, se a pessoa quer passar na Fuvest, eu acho que ela vai atrás, vai estudar, é questão do aluno querer também, o professor ajudar, querer ensinar e o aluno deixar.

E10: É que nem eu falei para uma professora uma vez, o ensino fundamental tem onze e meia, três vezes por semana, era meio dia e vinte todos os dias, esses dias da semana que o ensino fundamental sai onze e meia, a gente tem aula que a gente não gosta na última aula, de história por exemplo, nem todo mundo gosta de história, então esses três dias os alunos que por exemplo querem cursar língua portuguesa, letras, que nem eu, se especializar em língua portuguesa, ter aula só de português nesses três dias, porque eu não vou precisar de história na língua portuguesa depois, nem de matemática, não vou precisar tanto de matemática na língua portuguesa, acho que deveria se especializar mais.

E10: Mas e se caso você faz, por exemplo, só português nessas aulas, e de repente sua opinião muda, você quer ser matemático?

E10: Eu acho que é bem diferente isso daí, porque se a pessoa gosta de português, ela gosta de português, não de matemática, a pessoa não vai conseguir gostar de português e matemática, quem gosta de matemática não gosta de português e quem gosta de português não gosta de matemática.

E10: Depende, porque cada ano que o professor tem coisas diferentes em outras escolas, então tem que conciliar os horários dos professores com o de todas as escolas e às vezes o professor pega uma escola e não pode mais dar aula naquela que ele já trabalhava.

E10: Eu vejo como normal, já me acostumei.

E10: É porque cada professor ensina de um jeito.

E10: O que eu acho errado é que a gente tem física, química, biologia, daí a professora de geografia, a gente não sabe o professor de geografia que a gente tem fixo não, que nem filosofia.

E10: Biologia a professora que ficou quase dois meses sem vir dar aula.

E10: Filosofia veio e aí a gente ficou quase um mês sem filosofia, aí de repente vem o professor, aí faltava uma semana para ele fechar o bimestre, ele passou um trabalho sobre Sócrates e Platão e passou uma redação para a gente fazer, Sócrates é grande pra caramba, Platão também, muito grande, depois ele passou uma mini prova, foram cinco questões, cinco não, três, sobre o Platão, essas coisas, o que é, a gente tem que fazer tudo corrido porque não tem professor.

E10: É que nem matemática, matemática a gente não tem professor fixo. Porque uma hora entra o R., outra a L. Mas se eles continuassem a matéria que o professor está passando tudo bem, mas eles sempre começam outra matéria, começa outro tema.

E10: A gente estava tendo aula, aí a professora entrou e falou assim “gente copia a página 309 à 311”.

E10: Aí a gente não vai entender.

E10: A gente estava vendo PA e os termos de PA. É muita coisa para uma cabeça só.

Expressão discutida: a educação garante o futuro – grupo 2

E10: ah, porque se você for uma pessoa mal educada você vai ser o que no futuro? Nada praticamente... então, depende, sim.

E10: o Lula...

E10: jogador de futebol.

E10: lógico que teve, é o presidente da república.

E10: teve competência!

E10: uma pessoa que sai de uma metalúrgica, que era um faz-greve, para virar presidente da república... não teve educação nenhuma, nem falar português ele sabe direito...(risadas)

E10: ah.. estou em dúvida, estou em dúvida.

E10: todo mundo em dúvida agora...

E10: popularidade... Lula é uma pessoa muito conhecida, mesmo quando ele não era nada da política. O Lula foi um dos maiores fazedores de greves que teve no país. Toda greve foi ele que começou... então todo mundo que gostava de furar greve apoiava ele... então, quando ele se elegeu... ele foi eleito, saiu um questionário... e a maioria das pessoas que votaram nele foram os fura-greve... Então, o que levou ele a ter o sucesso que ele tem foi a popularidade.

E10: e a sorte...

E10: qual que é o valor?

E10: ah, porque... é que nem ele falou... Ah, eu não sei explicar assim... que nem ele falou mesmo...

E10: você acha que a educação vai garantir o futuro?

E10: não, é bom e é ruim, entendeu... Porque tem pessoa que é burra e tem o maior sucesso... tem sucesso.

E10: a questão também, que nem... entrando em outro papo... jogador de futebol, você está lá, é novo, tem 16 anos... está estudando, aí de repente a peneira surgiu para você, aí você vai lá, você arrisca... se arrisca nessa peneira, passa... Só que para você entrar você vai ter que mudar, vai ter que morar na concentração... você larga os estudos, você vai, faz a sua parte e consegue ser jogador de futebol...

E10: e cadê a educação?

E10: você não tem nada de educação...

E10: não, dá. Dá porque meu namorado...

E10: tem situações que não dá, você tem que largar os estudos e seguir só no futebol, no esporte...

E10: meu namorado ele é jogador... E ele está na concentração. Ele conseguiu terminar os estudos dele, e vai fazer faculdade agora... ele consegue jogar e terminar os estudos dele. Entendeu? A gente tem que conseguir.

E10: a gente tem que se organizar, entendeu?

E10: mas tem exemplos de jogadores agora que o cara se aposentou, foi lá e terminou o ensino médio.

E10: então...

E10: o maior exemplo que tem agora é a Mulher Melancia. A mulher não sabe nem escrever 'bumbum', ela escreveu bumbum com 'n'... é burra ela, não sabe nem escrever o nome dela completo... e faz o maior sucesso. Outra, Gisele Bündchen, não terminou os estudos e é a maior modelo do mundo... a mais bem paga...

E10: a beleza, o corpo, no caso dela a beleza, o corpo...

E10: então, fiquei em dúvida porque... lógico que a educação ajuda muito, talvez seja o que

mais ajuda no futuro para a gente. Mas, lógico que requer esforço, e para quem acredita talvez sorte... Eu não sei se acredito muito em sorte, não. Mas, precisa de muitas mais coisas para a gente crescer na vida, para ter um futuro melhor, educação ajuda.

E10: esforço, acho que dois principais é educação e esforço...

E10: eu concordo com tudo que foi dito. E fico em dúvida pelos mesmos motivos que eles disseram.

E10: conheço. Meu pai, ele estudou fora do país... é formado em engenharia, trabalha como encarregado de mecânica...

E10: porque ... assim... ele recebe até que bem... mas pelo tipo de estudo que ele tem, não é... uma pessoa que é formada, é engenheiro... ele é mecânico, não tem nada a ver, então ele não se deu bem.

E10: não, porque meu pai correu muito atrás... Oh, meu pai viajava para o Iraque, para Argentina... tudo atrás... Agora ele está aqui, em São Paulo, morando no Clube de Campo... entendeu... e trabalhando de encarregado de mecânica...

E10: nossa! É o fim do mundo...

E10: já foi melhor, já foi melhor...

E10: não tem nada... ainda pode ser roubada, suja o pé de lama quando está chovendo... não tem nada...

E10: a gente mora longe do centro, não tem acesso a um monte de coisas...

E10: discordo, discordo, a gente mora muito perto do centro... mas de macumba. Centro de macumba é o que mais tem.

E10: ah, sim... claro... Cachorro, cavalo, igreja...

E10: igreja evangélica e boteco...

E10: ...mato... é o que mais tem... Ah, e agora tem land house também...

E10: infelizmente moro aqui desde que eu nasci...

E10: eu também...

E10: está mudando agora, que está construindo o Rodoanel, mas isso aqui era tudo...

E10: antes era melhor...

E10: não tinha problema de segurança, você não tinha medo de ir na rua...

E10: não tem segurança aqui...

E10: ainda mais desde que esse pessoal do Rodoanel veio trabalhar aqui... são todos safados...

E10: tentaram pegar 3 vezes a minha irmã aqui na frente da escola... a minha prima e a minha tia... foi sequestrada, fizeram sequestro relâmpago com ela, na rua de baixo da casa dela...

E10: graças a Deus esse ano mudo daqui...

E10: na rua escurece, você vê alguém diferente... você já... entra no mato...

E10: eu morro de medo...

E10: é até perigoso esses bichos que tem no mato voltar e te catar.

Expressão debatida: estudar é um tédio

E10: Depende do professor.

E10: Ah, eu não acho que é assim exatamente um tédio.

E10: Depende da professora.

E10: É, depende da matéria, se você não se interessa você vai achar um tédio, você vai fazer por livre e espontânea obrigação.

E10: Eu acho que mesmo que a gente não gostar da matéria depende do professor.

E10: Isso é verdade.

E10: Por que o ano passado..

E10: ...esse ano, todo mundo odeia.

E10: Em Português.

E10: Matemática.

E10: Então, eu odeio matemática, mas ultimamente é a matéria que eu me saio melhor.

E10: Existem matérias que já são difíceis e ainda existem professores que tornam a matéria mais difícil.

E10: Purgantes.

E10: Essa foi boa.

E10: O professor chega na sala falando 'eu sou uma bruxa, eu sei que eu sou, eu sei que' é, exatamente, 'eu sei que eu sou ruim', e aí você quer o que? Você vai ficar o que?

E10: Começa assim, os professores, eles têm que ter ideias pra tornar a aula melhor, mais empolgante, mais interessante, não obrigar a pessoa, você tem que ver dez páginas ao longo de dez..eu não aprendo nada, eu só tô copiando parte do que outra pessoa falou, eu não tô aprendendo.

E10: uma professora de Inglês que no terceiro, ela passa tradução, cada semana tradução. Você acha que o terceiro ano vai aprender alguma coisa, a gente não vai decorar o significado de cada palavra...

E10: Eu não vou decorar o dicionário.

E10: Ninguém vai.

E10: Depende da coisa. Tem coisa que a gente se interessa, tem coisa que não interessa.

E10: Eu concordo. É um tédio sim, mas é necessário, que às vezes você não quer isso tudo, então você tem algo que você quer fazer pra você se sentir bem aí, às vezes você estudando, você fala 'ah, vou deixar de fazer o que eu gosto pra estudar algo que é obrigado'. Então acaba se tornando um negócio bem entediante, né?

E10: É, mas é necessário.

E10: É necessário.

E10: Antigamente, talvez nem tanto, mas hoje muito do que agente vive é muito..

E10: Mesmo concordando, não concordando...

E10: Põe o meu também, eu concordo.

E10: Você concorda?

E10: Eu concordo.

E10: O seu também?

E10: Hoje a gente pode até discordar, mas quem sabe amanhã mais maduros, né? A gente olha pra trás e vê aquela professora fazia isso mas tudo bem. Também é um pouco difícil.

E10: na faculdade

E10: Vai pagar, né?

E10: Aí você escolhe o curso que quiser.

E10: Aí você vai ter que se interessar, né? Vai tar pagando... então.

E10: Ah... mas você estudando o que você gosta...

E10: Exatamente.

Expressão discutida: ler um livro é uma chatice

E10: Eu vou ficar em dúvida.

E10: No caso da D, ela devia colocar todos em dúvida, porque e se não estudar, pra ela é tudo.

E10: Nossa, tem livro que é chato gente. Eu vou ler um livro chato?

E10: É só você escolher, você tem a opção de escolher.

E10: a professora obrigou a ler um livro que você nem comprou.

E10: Bom, eu discordo.

E10: Eu discordo que seja uma chatice porque eu não acho chato ler um livro, se é uma coisa que você se interessa é legal, é interessante.

E10: Eu discordo porque eu acho assim, você tem a possibilidade de escolher, então não é uma chatice, se você ler um livro que você gosta que você escolheu aquele assunto então não é uma chatice, se você gosta você vai ler com prazer e a tudo o que for do seu interesse você vai fazer pra você, então não é uma coisa chata...

E10: Mas na escola nem sempre você lê o que você quer, que nem a professora de português.

E10: Não. Mas não geral. Mas na escola não é.

E10: Elas num dão ânimo nenhum pra você se interessar em falar ‘não, eu vou ler pra ver como é’, ela já fala que é chato.

E10: É.

E10: Então, tá vendo. Então eu estou em dúvida.

E10: Porque é bom, tem histórias diferentes.

E10: são coisas que você vai levar pra sua vida [...].

E10: mas se for um livro que eu me interesse, que eu goste, não é chato, fui eu que escolhi. Eu gosto.

E10: O livro pode ter dez, mil páginas se for um assunto que você se interessa...

E10: Isso é verdade.

E10: Uma coisa que te prenda à história, que você queira saber o final.

Os jovens dessa Escola Pública não são favoráveis a ideia de obter fama através da mídia. Observam que há exposição de sua privacidade que pode comprometer negativamente suas vidas. Também o interesse em valorizar o dinheiro acima tudo não é bem aceito por esse grupo. Acreditam que as pessoas perdem seu referencial do que é valor em seus relacionamentos colocando em primeiro lugar a fama e o dinheiro. Para os jovens desse grupo, no Big Brother, as pessoas se preocupam somente em competir e assumem a ideia de um jogo em que não importa o que causem de mal aos outros, revelando um cenário de aparência perante o público em geral em que se escondem os interesses reais das pessoas e do programa. As repercussões para a vida dos participantes se referem ao status adquirido para serem exploradas por revistas ou programas televisivos resultando em fama ou ganho significativo de dinheiro, porém pode também trazer consequências negativas pela exposição e problemas de saúde mental. Os expectadores do programa imaginam que o cenário reproduz a realidade de

suas vidas, do que imaginam serem suas necessidades, resultando em repetições impensadas. No caso de acessar o programa pela internet há maior interesse pelo jovem em função de maior liberalidade do que ocorre no cenário do big brother mostrado pela TV, tanto em relação à intimidade dos conflitos nas relações quanto em relação à exposição do corpo e da sexualidade. Observa-se certa homogeneidade no discurso do grupo que defendem a primazia de valores solidários e de preservação das relações em detrimento da fama e do enriquecimento a qualquer custo. Apostam em sua capacidade de seguir na busca de realização de seus objetivos e sonhos através dos estudos e do trabalho. No entanto os jovens apontam que há suscetibilidade das pessoas que em algum momento da vida podem se deixar levar por necessidades de sucesso através da fama, ou estar em desespero por dificuldades financeiras, mesmo que confronto com seus valores. Observam que a competitividade afeta o seu cotidiano da vida e de trabalho, pois assim como no Big Brother os colegas de trabalho se lançam para destruir os que se mostram capazes visando ocupar o lugar. O esforço para se manter ou se desenvolver tem que ser sempre maior em função da competitividade que é percebida por esse grupo como natural que toda pessoa tem, ninguém quer perder para não sofrer decepção, tristeza e se revoltar. O limite da competição é percebido quando há prejuízos e desrespeito para com os outros, mas há pessoas que não são assim. Também apontam que há diferentes formas de se posicionar entre as classes sociais. Para os ricos e famosos a solidariedade aparece através das doações e com objetivo de aliviar a consciência ou por necessidade religiosa, há alienação pela posse do dinheiro. Há problemas de depressão e angústia quando percebem que o dinheiro não oferece todas as condições para serem felizes, os produtos adquiridos são guardados como se fossem relíquias ou por medo de serem perdidas, ou ainda quando não há mais o que comprar. O consumo prejudicial de drogas pode ser uma forma de tentar preencher o vazio e a depressão pela solidão da fama e do enriquecimento. Para os pobres o sonho e a perspectiva de ter uma profissão e um reconhecimento pelo esforço dos estudos pode significar uma valorização diferente para o trabalho e o dinheiro, assim ganhar dinheiro através da realização no trabalho significa

maior bem estar. No entanto os jovens reconhecem que as escolhas por uma profissão também estão relacionadas e condicionadas à possibilidade de ingresso no mercado de trabalho e também a um melhor salário. Apesar de que essa escolha pode gerar maior desinteresse e frustração dificultando o próprio desenvolvimento do trabalho. Assim optam em se basear nas afinidades e interesses pessoais para fazer a escolha de uma profissão.

Acreditam que as pessoas com boa aparência são mais beneficiadas para ingresso no trabalho, porém o valor está mais no conteúdo, na capacidade e nas habilidades desenvolvidas. No entanto reconhecem que pelo quanto é valorizada socialmente a aparência está em primeiro lugar. O padrão de beleza é difundido através das celebridades que apresentam um tipo de corpo, geralmente magro, com determinados contornos e formas de se vestir o que condiciona as escolhas das pessoas. Esse condicionamento social conta também nos critérios de escolha para relacionamentos amorosos e sexuais. As pessoas também sofrem preconceitos e são excluídas de determinados processos por não corresponder ao padrão social desejado, como no caso do ingresso no serviço militar em que se exige a condição de “perfeição” física. Também observam o preconceito no caso do ingresso para trabalho em um shopping center em que corresponder a um padrão de beleza é condição principal para as mulheres sendo que as demais ficam excluídas do processo. A apresentação de uma trabalhadora com “boa aparência” é já um meio de marketing para venda dos produtos. Os jovens deste grupo referem valorizar mais a qualidade da interação e capacidade para trabalhar do que a aparência em si, no entanto reconhecem que estão sujeitos às pressões sociais para corresponder aos padrões, pois a competição ocorre em todos os setores.

A competência está relacionada à capacidade para conseguir realizações e atingir objetivos previstos. No caso do trabalho está relacionada à condição adquirida após os estudos e preparo, fazer bem o que se propôs fazer. Assim os critérios como se deram as escolhas fazem diferença, entre escolher por afinidade e desejo ou escolher considerando somente o critério financeiro. A competência é entendida como uma condição que é de todos

depende somente da vontade de cada um, assim as pessoas têm competências para coisas diversas.

Ser bem sucedido depende fundamentalmente do esforço e capacidades individuais, como ser inteligente. E quando há obstáculos que não depende exclusivamente da pessoa esta tem que se esforçar em dobro e insistir para conseguir ser bem sucedido. Há a defesa de uma primazia do esforço e competência individuais ou de alguma qualidade inerente à pessoa, como no caso o dom para cantar. Quando não ocorre pelo esforço individual depende da sorte que é uma recompensa pelas tentativas mal sucedidas.

O dinheiro tem importância primordial e possibilita uma melhor condição de vida como se alimentar, morar, manter necessidades da casa, estudar, cuidar da saúde e se divertir, Dessa forma significa felicidade. Mas o dinheiro também pode ser obstáculo dificultando e confundindo as relações, pode tornar uma amizade interesseira e falsa. As pessoas que possuem dinheiro adquirem status e assim conquistam amigos e reconhecimento. Pessoas que tem muito dinheiro podem desvalorizá-lo, gastam sem limites. No entanto há possibilidades de estar bem sem o dinheiro como as amizades constituídas na escola. Ainda a crença em uma religião pode ser motivo de felicidade sem o dinheiro.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram as expressões “eu gostaria de ser um big brother”, “quem é bonito nem precisa se esforçar para se dar bem”, “quem não tem competência não se estabelece”, “seu sucesso só depende de você”, “o dinheiro não traz felicidade”.

Expressão debatida: eu gostaria de ser um big brother

E10: Eu discordo plenamente.

E10: Porque eu não acho legal.

E10: Em sentido pessoal.

E10: Eu também discordo.

E10: Porque eu respeito a opinião de cada um, de que se eles querem se inscrever para ser um big brother, mas só que eu acho que eles levam isso muito pelo lado malicioso, entendeu? Porque chega lá, eles estão fazendo tudo pelo dinheiro, mas se você for ver também tem muita besteira que eles fazem lá, então sei lá, eu acho que isso aí não dá certo.

E10: Eu discordo plenamente. Eu não ia me expor a tanto, porque lá eu acho que rola muita coisa obscena, muita coisa indevida, e eu não ia me expor a tanto não, não gosto, respeito quem gosta, e eles ficam lá, cria uma amizade, eu quero vencer mas mesmo assim acaba

que no fim todo mundo fica ganancioso, ficam cenas obscenas na televisão e...

E10: Depende, o objetivo tudo bem, agora se você passou por cima do próximo, tentar... “ah, sai da frente que a vez é minha”, entendeu? E lá com eles o negócio era muito de “amigo, amigo”, e por trás só punhalada, eu acho isso errado, por mais que você esteja em um jogo, aquilo lá não é nenhum jogo, é uma convivência, então você tem que saber conviver, ou você gosta, ou você não gosta, ou você trata bem, ou você trata mal, lá eles falam bem na frente e por trás dão a punhalada, eu não acho isso certo.

E10: É, já é um jogo, é uma competitividade de certo modo, só que nem... às vezes a pessoa tem aquela competitividade mas não precisa ser falso para isso, não precisa disso, porque lá no BBB eles são muito de pela frente ficar “ai, ai tudo bem? E não sei o quê”, e por trás falar mal, é grupinho para cá, grupinho para lá, passava um por cima do outro, acho isso muito chato.

E10: Discordo. Porque você se expõe muito, eles pesquisam toda a sua vida, aquilo que você faz, eu acho que é de mais, eu não coloquei discordo plenamente porque às vezes por uma necessidade, com o passar do tempo, quem sabe não muda de opinião, você acaba querendo fazer aquilo.

E10: É, às vezes as pessoas podem fazer as coisas por impulso.

E10: Às vezes por alguma situação pessoal mesmo, ou alguma coisa que acontece na sua vida e você “ah, não, vou meter a cara e vou fazer”, não só no BBB mas como em muitas outras coisas.

E10: Por mim, eu não entraria de jeito nenhum porque...

E10: Então, aí poderia acontecer. É, por necessidade.

E10: Coloquei discordo, eu discordo porque eu acho uma putaria.

E10: Uma pouca vergonha, e todo dinheiro que vem fácil, vai fácil também, e eu quero conseguir o meu dinheiro com o meu suor. Só isso.

E10: É muito mais digno do que ficar naquele esfrega, esfrega, aquele mente, mente. Só que no nosso normal a gente joga, a gente tem que jogar no nosso serviço porque se não...

E10: Trabalho, porque sempre tem aquela pessoa querendo te afundar, sempre tem aquela pessoa querendo te afundar por inveja, por querer ser aquela pessoa que você é no serviço, porque eu, normal assim no meu serviço, daí tem alguém querendo te afundar aí você lembra que... assim do meu suor do que ficar lá querendo pegar dinheiro do... ah, você é louco, dos outros assim, isso eu não quero, isso eu não quero para mim.

E10: Eu discordo porque as pessoas se iludem para ir para o big brother, porque quer ser famoso, mas é uma forma instantânea e você acaba se expondo e acaba fazendo de você uma outra pessoa que você não é, não é verdade? Você se expõe mas você muda a sua personalidade lá dentro, você é outra pessoa que você não é. Que nem muita gente fala “por que você não foi ser modelo?” Porque não é uma coisa que eu vejo, eu não encaro como uma profissão assim, que nem eu falei, eu quero fazer a minha faculdade, ter minha profissão que eu sei que lá no futuro eu ainda vou ter, isso acaba um dia, não é para sempre, eu acho que você trabalhar, você tendo o seu serviço, é bem diferente.

E10: Eu não quero ir para o big brother, eu quero ganhar o meu dinheiro assim com o meu suor porque eu tenho meu objetivo lá na frente, eu tenho o meu sonho de ser juiz, e eu tenho o meu sonho, eu sou assim, quando eu quero alguma coisa, eu vou até o último para conseguir aquela coisa, por isso que eu não... eu vou lá e ganho um dinheiro fácil e fico lá... que nem quando você tem muito dinheiro, você fica cego, é que nem a gente estava conversando ali na frente, tava uma galera jovem ali da nossa sala, estava conversando sobre o que a gente ia fazer com o nosso dinheiro, é que nem eu falei, em primeiro lugar, se eu ficasse rica, rica mesmo, o primeiro lugar que eu ia era para a Indonésia, ajudar pobres mesmo, aquelas crianças bem secas, que não tem nada para comer, médicos, a primeira coisa que eu ia fazer, que nem todo mundo fala “quando você pega dinheiro você fica cego”, você fica cego porque você não tem um objetivo de... se você não era rico e não tinha aquela coisa de... se era pobre, você não tinha sonho de ser rico, você o que ia fazer com o seu dinheiro? Para mim, eu sou pobre, mas eu sou feliz. Então, e agora se eu ficar rico eu tenho um objetivo lá na frente, eu sei o que eu vou trabalhar, eu sei onde vou investir o meu dinheiro, as pessoas ficam ricas e não sabem, é que nem estava falando de

religião também, é mais fácil um pobre herdar o reino dos céus do que um rico.

E10: Eles falam que não, eles falam, “vou comprar um Hornet, vou comprar um carro, vou zoar” (risadas), mas muita gente também fala assim que quer ajudar, mas que nem eu falei assim, o rico não vai para a igreja, o rico fica lá, dá uma cesta básica, acha que fez aquilo lá e vai para o céu, que duas coisas que eu quero, é conseguir ter o meu objetivo, ter o meu sonho, conseguir alcançar o meu sonho e herdar o reino dos céus, é isso que eu quero, não quero muita coisa, é só isso.

E10: Em serviço também, nem em você indo trabalhar, indo procurar um serviço, porque que nem, quando eu saí para ir atrás eu achava que ia ser fácil, mas não é fácil, porque têm pessoas que estão querendo a mesma coisa que você e você tem que dar o seu melhor para você para você mostrar que você é bom.

E10: Tem que se entregar realmente.

E10: Você tem que entregar mesmo, o que você tiver.

E10: Porque, eu não sei explicar, porque a menina ficou com um moleque, chegou outro moleque e deu ideia nela, é traição, aí um fica com ela, o outro fica com raiva, aí dá briga, um briga com o outro porque quer a menina, quer porque quer, aí eu acho isso uma traição, não acho legal.

E10: Quem é safada é ela, ela fica com os dois moleques competindo por ela e ela ficou com os dois, sem nenhum saber, porque tem menina que é assim, tem os moleques querendo elas, ela fica com um aqui e depois com o outro.

E10: Aí ela é safada, se eu fosse o cara e descobrisse aí eu batia nela.

E10: É uma coisa natural, é uma coisa natural que toda pessoa tem, quer competir, porque se você é melhor você não vai dar de presente.

E10: Toda pessoa quando está competindo, ela vai sempre para ganhar, quando eu estou jogando eu sempre vou para ganhar, não para perder, ninguém quer perder, todo mundo quer ganhar, o ruim do ser humano é que ninguém quer perder, todo mundo quer ganhar, e se perder fica triste, se revolta, que nem se revolta com o pai, muitos jovens, adolescentes se revoltam com os pais, quer matar pai, quer matar pai por causa de herança, de dinheiro, isso é competição.

E10: O limite da outra pessoa, que você pode prejudicar, desrespeitar e você vai ter que ter auto controle, até onde você está prejudicando a vida dela.

E10: Eu acho que você não está em uma competição de vale tudo, você tem que fazer tudo até onde você sabe que pode chegar sem prejudicar o próximo, que você vê que não vai ser prejudicado.

E10: Tem muita gente que não tem limite, não tem, mata pai, mata mãe, mata a família inteira, não tem limite, mas na minha cabeça, na minha opinião, eu tenho limite, eu acho que tem muita gente pirada no trabalho, tem muita gente pirada.

E10: Cadê aquele negócio de mentir? É brincadeira.

E10: Tem sempre um querendo ser melhor que o outro, se aparecer mais.

E10: Principalmente aquele que quer ser o maloqueiro da escola.

E10: Mas eu acho que tem a competição e as pessoas da escola sabem conviver umas com as outras, porque eles sabem dos limites deles, eles não querem passar por cima de todo mundo, porque eles sabem que, mas eu acho que é a convivência também.

E10: Quando chega na semana de eliminar um parece que fica naquela, “eu não tenho mais amigo”, aí é cada um por si, é que nem quando a gente joga bola, cada um por si, um dá rolinho no outro e faz o gol, daí na hora de eliminar, em cada votação é isso aí, na hora que está na semana boa, “você é meu amigo”, daí na hora da votação “sai daqui”, eu acho uma palhaçada isso daí, isso que é a palhaçada é essa traição que a gente fala, porque na hora é meu amigo e agora não é, que palhaçada é essa? Eu acho que se ele é meu amigo eu vou matar e vou morrer por ele, daí quando chega na hora de eliminar, aí ficam só aquelas pessoas por último.

E10: E na internet? Você entra na internet é uma pouca vergonha, você só vê as brigas, as coisas mais fortes.

E10: É que nem novela, eu acho que a gente põe na cabeça aquilo que a gente precisa ver aquilo ali, passa a parte bem mais legal assim, aí a gente precisa continuar a ver a manhã, que amanhã pode acontecer alguma baba, alguma coisa nova, a gente vai colocar na nossa cabeça, a nossa mente que pede aquilo para a gente já, a gente não tem como explicar, eu pelo menos não tenho, é a mente que pede para a gente ver, para a gente continuar vendo.

E10: Muitas meninas veem só por causa dos homens.

E10: Na internet só passa pouca vergonha, na internet lá, você entra, no que você entra aí só tem pouca vergonha das coisas que tem, no quarto, o que eles estão fazendo, tomando banho pelada, você vê tudo, na hora da televisão que tampa, você vê tudo na internet, por isso que a internet mexe muito com a cabeça do adolescente, porque você vai entrando lá nos sites, é só pouca vergonha só.

E10: Muitas pessoas, é só para ver aquelas pegadas. Ao mesmo tempo a gente fala que é feia mas a gente vê.

E10: Só os que ficam no final, só praticamente o primeiro e o segundo que ficam no final.

E10: Aí as meninas são convidadas para pousar.

E10: Os homens também, você viu o...

E10: Mas eles ficam quanto tempo na mídia? Eles ficam um ano no máximo depois eles voltam para uma vida normal.

E10: Que nem o galego lá, o Rafael, o galego, você vê ele saiu do big brother, foi um dos quinto a sair do big brother, quando você foi ver lá tinha pousado para a playboy, é o que eles fazem, vai lá, pousou, ganhou o dinheiro que tinha que ganhar, já era, saiu da mídia, você não vê mais ninguém, você não vê o Rafinha que ganhou, raramente ele aparece.

E10: Mas você vê lá o Rafinha, teve uma época lá que ele estava em depressão que ele não aguentou a pressão por causa da fama.

E10: É que nem a minha mãe falou assim, ela gosta muito de música antiga, gosta do Bee Gees, essas coisas assim, daí uma mulher que ela acha legal assim é a Whitney Huston, daí estava vendo lá a Whitney Huston, a mulher perdeu os dentes por causa de pedra, de maconha, de drogas, ela se acabou, ela era uma morena muito bonita, depois você vai ver assim, aquela pressão, entrando tudo em depressão, o que eles fazem? Eles partem para as drogas, faz show drogado, raramente você vê uma pessoa não fazer ou bêbada, ou drogada, é raramente, é muito raramente.

E10: Que nem os ricos e famosos, eles têm dinheiro, eles têm tudo na vida, para que eles vão usar droga, matar, roubar? Eles precisam disso? Eles não precisam disso. Eles têm a cabeça imatura, eles acham que o dinheiro é tudo na vida, o dinheiro dá para comprar tudo.

E10: A gente é pobre, que nem ela falou, tem aquele sonho, eu sou pobre e vou no shopping e quero comprar aquele tênis, eu comprei aquele tênis, daí você vai comprando, daí chega uma hora que você tem tudo, daí não precisa de mais nada, daí você vai e fica naquela coisa, aquela angústia, não tenho mais nada para comprar, é que nem os ricos, os ricos compram tudo e depois ficam naquela angústia.

E10: Olha o guarda roupas lá e fala “estou sem roupa”.

E10: Não está contente com o que tem, eu sou contente com o que eu tenho. Aí eles não, eles não ficam contentes com o que têm.

E10: Daí eles entram em depressão e essas coisas.

E10: Que nem aí compra um sapato de 100 reais e aí guarda o sapato, não usa de medo de rasgar, sujar, porque raramente ele vai comprar um sapato daquele.

E10: É, é o meu sonho, tipo assim, não é pelo dinheiro, eu não estou indo pelo dinheiro, eu estou indo por uma coisa que eu me interessei, que eu gostei, em uma brincadeira eu comecei a gostar disso, foi uma brincadeira falando que ia ser juíza, o outro ia ser promotor, o outro ia ser advogado, e ele ia ser despachante.

E10: Eu fui até ver preço de faculdade e essas coisas pensando nisso, foi uma coisa que eu gostei, foi em uma brincadeira que a gente estava vendo o nosso futuro lá na frente, não pelo dinheiro.

E10: É muito mais prazeroso você fazer uma coisa que você gosta, mesmo que você não

ganhe muito, vale muito mais a pena.

E10: Que nem o meu primo, foi que nem o meu primo, o meu primo queria fazer guitarra, o meu tio “você vai fazer piano, você vai fazer piano”, meu primo “ta bom, eu faço piano”, foi lá e fez piano, quando ele ganhou o diploma ele foi lá a falou “está aqui o seu diploma, não é isso que você queria”, deu o diploma para o meu tio e foi fazer guitarra.

E10: É muito mais prazeroso, é melhor, vamos supor que eu tenha um emprego ganhando mais, vai acabar me deixando exausta, quando chegar em casa eu vou “ah, não aguento mais, eu não quero”, então não vai, eu vou começar a me sentir mal.

E10: Que nem eu, eu quero fazer letras e nutrição, aí eu gosto dos dois, então eu vou fazer nutrição porque nutrição ganha mais, mas eu gosto de nutrição também, aí depois com o dinheiro que eu vou ganhar com o meu serviço eu posso pagar letras, porque depois com letras eu vou demorar muito tempo para conseguir um emprego direito, porque não é toda vez que tem uma vaga para professor e como eu gosto de nutrição também, então faço nutrição porque vou ganhar mais fazendo uma coisa que eu gosto também.

E10: Acho que rende mais você fazendo uma coisa que você gosta, porque você vai dar o melhor de si, você vai se dar bem com as pessoas que estão ao seu redor, porque você vai estar fazendo uma coisa que você gosta, agora se você vai em uma opção pelo dinheiro, você vai ficar mal humorado, você não vai tratar as pessoas bem, as pessoas vão te achar chato, insuportável, não vai render nada no serviço, vai trabalhar mal.

E10: Eu estou fazendo faculdade de pedagogia. É que nem o pessoal falou lá na apresentação, por que você quer fazer pedagogia? Aí a maioria respondeu “gosto de criança”, todo mundo gosta de criança, mas é que nem eu virei e falei para o professor, “eu não consigo me imaginar fazendo outra coisa”, aí ficava todo mundo “você vai fazer o que?” e eu “pedagogia”, e “ah, pedagogia, essa profissão nem ganha tanto”, mas não é isso, é uma coisa que eu tenho muita vontade de fazer, vale muito mais a pena.

Expressão discutida: quem é bonito nem precisa se esforçar tanto para se dar bem

E10: Eu acho que não é assim, eu acho que para os que têm uma inteligência, tem uma educação, mas depende, tem aquele pessoal que contrata uma pessoa porque ela é bonita, contrata qualquer bonita para trabalhar como vendedora, contrata porque é bonita, mas não é, eu não concordo.

E10: Estou em dúvida. Porque eu poderia ter colocado ‘concordo’, sempre se vê as pessoas mais bonitas, em uma entrevista de emprego as pessoas vão analisar conteúdo do currículo, o que a pessoa faz, o que ela é, o jeito que ela se comporta, mas também a aparência física da pessoa, dependendo do lugar em que a pessoa vai trabalhar, eles vão falar “ah, esse daqui tem o biotipo do meu local de trabalho”, então eles já vão mais pela beleza da pessoa para colocar ela de acordo com o que ele acha que vai ser melhor para o ambiente de trabalho, segundo a opinião dele, não do que as pessoas que estão ao redor, mas também pode não ser, porque muitos lugares em que você vai trabalhar, você tem que se esforçar, dar o melhor de si, estudar muito para conseguir chegar na posição desejada.

E10: Não, não, porque eu acho que a pessoa tem que conseguir, ser desejada por seu mérito, tanto que você busca isso, não por essas coisas.

E10: Eu mudaria para eu me sentir bem.

E10: Eu acho que para trabalho não influi, porque você tem que saber fazer o trabalho, não é a beleza que vai te ajudar a conseguir alguma coisa. Eu acho que ajuda dependendo do serviço, mas depende de você, do que você tem por dentro, não do que você tem por fora.

E10: Por outro lado, se for ver no dia a dia, para você ficar com alguém, é lógico que a preferência é para quem é bonito, tudo depende, são coisas muito diferentes, só vive no seu dia a dia.

E10: Quem é bonito está em vantagem.

E10: Porque eu lembrei do negócio do exército, no exército, o teste deles, vão examinar um homem com um dedão assim feio e algum defeito assim, com uma altura muito grande...

E10: Ou tem um problema na perna, tem problema em algum lugar, ele é reprovado, e

quando vê que é boyzinho que tem... como fala, não é marca, que precisa fazer, é obrigação dos homens, agora aquele playboyzinho é escolhido. Se alista o playboy e o pobre sempre fica naquela lá, o playboyzinho é perfeito, não me rela e não me toca, e quando tem aqueles homens, meninos querendo servir, nunca consegue servir, e são sempre aqueles que tem algum problema assim, isso é um certo preconceito eu acho.

E10: No shopping tem uns meninos feios assim, mas também você vê as meninas, as meninas são de qualidade, bonitinha, playboyzinha, arruma emprego, isso para mim é um preconceito, se for uma feia lá no shopping não arruma um serviço. Tem um amigo meu que trabalha no shopping, a gente estava conversando sobre isso, ele falou que estava lá e chegou uma menina e não conseguiu o emprego...

E10: Não, tipo assim, você vê aqueles meninos assim, trocam uma ideia da horinha, aí você vai e compra, compra por interesse de ver a pessoa às vezes, da pessoa trocar ideia com você, eu compro, tipo assim, se você me conquistar na ideia para comprar, eu compro, eu outro dia cheguei lá no shopping e veio uma mulher que era vendedora “você está vendo alguma coisa?”, e eu “não, estou dando uma olhada”, ela virou as costas e saiu andando, ela viu que eu estou dando uma olhada e não vou comprar, depois na volta eu peguei e cheguei de novo, chegou um menino e perguntou assim “poderia te ajudar”, falou “olha, aquele ali é bem legal e tudo e aquele lá? É do estilo que você gosta?”

E10: Não, se fosse uma menina também, “vamos experimentar”, eu também iria pela ideia dela.

E10: A beleza não é tudo.

E10: Depende da ideia da pessoa, eu poderia comprar.

E10: Não, mas chega uma menina maior feia lá, um homem lá...

E10: Desarrumado tudo bem, fedido, feio, daí você não vai comprar.

E10: O pessoal não tem interesse, só pessoal bonito aí, se uma menina... você vai em uma loja, ela está toda bonita, vestida bem, você vai querer uma roupa igual a dela.

E10: É que nem você vê nas lojas...

E10: Todas aquelas meninas lá...

E10: Você vê as meninas...

E10: Se a pessoa for feia e for arrumada, eu compro com ela, não tem isso daí de ser feio ou de ser bonito, o mundo não tem ultimamente... “ah, eu vou por um filho bonito no mundo”, a gente não tem opção de escolha, se tivesse opção de escolha, né?

E10: Você vai entrar em uma loja, você não vai se interessar pela pessoa, você não vai entrar na loja porque a pessoa está lá de pé..

E10: Não, mas a pessoa sendo feia, você não vai levar a pessoa, você vai levar o conteúdo que tem na loja.

E10: E, eu acho que a beleza também não é tudo porque eu acho que tem que ter educação, respeito, se você tiver educação e respeito você pode ser feio, pode ser horrendo, você tem educação, porque tem muita gente bonita que é porca, o rosto é bonito, é perfeito, os braços também, só que a pessoa é porca, não escova o dente, não faz nada, eu acho isso daí uma palhaçada, só que isso daí, sei lá se você vai entrar em uma loja, chegar uma pessoa bonita e porca, eu não vou comprar, e na outra tiver uma pessoa feia e cheirosa eu vou comprar lá, não vou levar a pessoa, vou levar o conteúdo que tem na loja.

E10: Todo mundo fala assim, shopping, todo mundo fala assim de shopping, ‘shopping é só gente bonita, você vai encontrar só boy no shopping’.

E10: Então, e se a pessoa for bonita e ficar bonito na pessoa, todo mundo vai querer o que?

E10: Não, tinha lá no shopping, um senhor com samba canção.

E10: Eu acho isso daí uma palhaçada.

E10: Só com mulher bonita.

E10: Põe a Gisele, a Adriana Galisteu, Mariana Ximenes...

E10: Então, a gente vê a pessoa bonita, a gente compra, muitas pessoas compram, eu falo,

pela pessoa bonita.

E10: Porque quer ser igual.

E10: Que nem nas revistas, por exemplo, só tem as modelos magras, bonitas, altas, mas não existe só esse tipo de gente no mundo, existe gente feia, gente baixinha, gente gorda, eles colocam pessoas somente magras lá, não existe só esse tipo de gente no mundo, nem gente só alta, nem gente só bonita, existem todos os tipos, existem brancos, negros, amarelos, todos os tipos de gente.

E10: Então, daí você vai vendo assim, daí você vê uma pessoa feia andando do seu lado, como seu amigo. Eu não citei nomes, se a carapuça serviu.

E10: Não, eu não estou falando... quem falou o nome. Então você anda com uma pessoa feia, depois você anda com uma pessoa bonita, que nem a N. falou assim, “vamos andar comigo no Play Center”, eu falei assim “não... você vai catar todos os gatinhos e vai me deixar chupando dedo, vai deixar só os feios pra mim”, daí eu falei “deixa eu fazer academia”. Foi que nem a N. falou das amigas dela, todo mundo olha para ela, daí você vai andar com uma pessoa bonita, ninguém vai olhar para você, vão olhar para a pessoa, com certeza.

E10: É um contraste.

E10: Logicamente.

E10: É a competição.

Expressão discutida: quem não tem competência não se estabelece

E10: Se você não tem competência para conseguir o que você quer, como você vai se estabelecer em um lugar?

E10: Concordo, quem não tem a competência não tem.

E10: Eu acho que você tem que ter competência para aquilo que você quer fazer, porque se não você não vai conseguir se estabelecer, você tem que ter competência para fazer aquilo.

E10: Competência é você conseguir atingir os objetivos que você espera, no serviço você fazer tudo corretamente, você fazer aquilo que te propõem, acho que é isso.

E10: Eu concordo. Porque eu acho que é isso, quem não tem competência não se estabelece porque que nem no emprego, para você se estabelecer você tem que ter competência, ninguém vai querer uma pessoa incompetente para trabalhar lá.

E10: Não trabalhar bem, não fazer o serviço direito. Não estar ligado, não fazer o serviço direito, fazer pouco, isso é incompetência. Você conseguir fazer aquilo, então quer dizer que você está competente para aquilo, você foi estudado para aquilo, você está competente para aquilo, então eu acho que quem não tem competência não se estabelece.

E10: Eu concordo. Porque eu acho que a pessoa que não tiver competência ela não vai conseguir nada, ela não vai alcançar o objetivo dela, se a pessoa é incompetente ela não vai alcançar o objetivo dela. Eu acho que você tem que ter competência para tudo porque se não tiver competência...

E10: Competência é você gostar de fazer o que você faz, porque se você fizer uma coisa que você não gosta, você vai ser incompetente, você vai fazer por dinheiro, você vai fazer alguma coisa que você gosta, você tem que ter competência naquilo que você faz, você tem que ter responsabilidade naquilo que você faz, se você não tiver responsabilidade naquilo que você faz, vai ser uma porcária.

E10: Mas todo mundo tem competência de fazer alguma coisa, é só querer fazer.

E10: Depende.

E10: Todo mundo tem.

E10: Ter competência depende de você.

E10: Mas é verdade, depende da pessoa, se a pessoa quiser fazer, ela vai ter competência para fazer o negócio certo, mas se ela não tiver... como se diz?

E10: Para de graça. Eu acho que a pessoa para a gente aqui, a gente precisa ter

competência, que nem eu falei, para alcançar o que a gente quer, eu preciso de competência, eu preciso ter competência para conseguir as coisas que eu tenho, que nem a T. falou, sem competência a gente não consegue nada, porque todo mundo tem no fundo competência, então eu acho que é isso daí, a gente tem, todo mundo tem competência, tem força de vontade para conseguir aquilo que a gente quer, porque eu acho que sem competência, sem força de vontade, só para falar “eu vou fazer”, não é “ah, eu vou fazer”, é “eu quero, eu tenho vontade de fazer, eu quero fazer, eu posso fazer”.

E10: Ela só vai ter força de vontade se ela quiser.

E10: É, se tem força de vontade para fazer. Porque se ela não tiver força de vontade.

E10: Para ser alguém na vida.

E10: Mas ele tem influências de gente rica, ele pode, ele se influenciou a ser presidente só para conseguir o que queria.

E10: Ele teve a competência de alguém, ajudar ele. Aí foi a competência dos outros que ajudaram ele a ser o presidente.

E10: porque se for para ajudar o povo, não atingiu objetivo nenhum, para ser bem sincero aqui, né? Ele só tem o objetivo da viajar.

E10: O objetivo dele.

E10: E não os nossos.

Expressão discutida: seu sucesso só depende de você

E10: eu concordo, porque não adianta a pessoa querer que eu seja famosa se eu não quiser, então depende de mim.

E10: dependem de mim, só que com o tempo eu vou aprendendo mais, cada vez vou sabendo mais, porque não adianta uma pessoa burra e a pessoa querer, querer, querer que você faça sucesso e você burra, tem que ser inteligente...

E10: eu concordo, mas depende da pessoa.

E10: é, da inteligência...

E10: da sociedade também, só que principalmente da pessoa...

E10: então, o sucesso, você tem que ter vontade de fazer alguma coisa para crescer na vida, depende de você mesmo, você tem que se esforçar e tem que lutar pelo que você quer. Então, depende só de você mesmo.

E10: mas dependeu dele, se ele não conseguiu batalhar o tanto que for preciso para ele chegar onde ele queria, dependia dele, da pessoa.

E10: ah, eu acho que foi porque faltou batalhar mais...

E10: faltou mais empenho na coisa...

E10: é, faltou mais empenho...

E10: faltou mais interesse dela...

E10: interesse dela, de ter se esforçado mais...

E10: mas ela teve interesse de estudar...

E10: mas mais assim, entendeu?

E10: depende das pessoas que vai pegar ela para trabalhar também...

E10: de quem vai avaliar ela...

E10: existe uma hierarquia...

E10: uma hierarquia, tem uma pessoa que manda, e se a pessoa que manda não quiser você, você pode batalhar, correr atrás que.. Por isso eu falei, eu concordo, porque a pessoa tem que correr atrás, mas tem essa hierarquia. Tipo, - eu mando -, e B. - eu quero ser gerente -, ele pode se esforçar... trabalhar o dobro, mas ele não vai conseguir, depende da hierarquia de quem manda.

E10: mas aí a pessoa tem que ver que não vai subir na vida só... - ah, meu patrão não gosta

de mim, então não vou subir de cargo, então não vou fazer nada, vou ficar na minha -, não, você tem que fazer o melhor de você mesmo, batalhar para ele perceber, - nossa, esse funcionário está se superando - para você ganhar o reconhecimento do seu chefe, para você subir na vida.

E10: alcançar seus objetivos...

E10: alcançar seus objetivos. Você tem que fazer a sua parte e não pensar nos outros, tem que fazer a sua parte. Se você fizer a sua parte, você vai conseguir sucesso.

E10: não tem o talento, porque cantar é um dom...

E10: não tem talento...

E10: tem que ter talento para fazer sucesso...

E10: tem que ter carisma também, o carisma dele é forte, tem carisma, o carisma da pessoa conta também.

E10: coloquei que concordo, só que só de mim não. Acho que tem influência o que eu vou aprender na vida, o quanto vou crescer na vida, o que eu vou alcançar também depende de outras pessoas. Por exemplo, por mais que o Latino faça sucesso, que eu não acho, ele não teve o sucesso que ele tem, não venderia, se não tivesse quem comprasse, por exemplo. Acho que depende principalmente do esforço da pessoa, mas também com a ajuda de outras.

E10: eu acho que sempre tem que ter alguém para ajudar você, auxiliando você, porque você sozinha às vezes você consegue, mas com a ajuda de uma pessoa você consegue mais ainda...

E10: ah, objetividade, ser proativa, pensar no objetivo.

E10: eu não acredito em sorte, eu acredito em competência...

E10: eu não acredito em sorte, só acredito em competência. Não adianta você ficar parado em casa, sentado, o telefone vai tocar – você quer o emprego? -, - ah, quero -, não vai acontecer isso, você vai ter que batalhar, vai ter que correr atrás dos seus objetivos, senão você não vai ter o emprego.

E10: eu acredito em sorte porque assim, eu fiz uma entrevista esses dias, eu acho, que eu me dei muito bem na entrevista, mas tem outras pessoas que não fizeram nada demais na entrevista e passaram. Se fosse o diálogo, eu e M. teríamos passado na entrevista. As meninas porque eram mais bonitinhas, patricinhas, sei lá o que, passou. É sorte. Então, que nem minha tia, minha tia ficou um monte de tempo sem trabalhar, ela corria atrás de emprego e não conseguia. Um dia ela estava deitada em casa, na minha casa ainda, ligaram para ela – ah, F., tem um serviço para você -, é sorte, porque uma pessoa que correu, se matou atrás de serviço, estava em um lugar que não era o seu e consegui, é sorte.

E10: mas ela foi recompensada, porque ela correu atrás.

E10: Outra coisa, tinha para mim fazer entrevista lá em São Paulo, não quis, era muito longe, não tinha como eu estudar, passou um tempo, mandaram a mesma proposta, não quis. Aí eu queria trabalhar em São Bernardo, no mesmo dia que eu falei – eu quero -, me ligaram. No mesmo dia que eu falei – eu quero ir -, mandaram, é sorte minha, não foi competência, não foi correr atrás, foram eles que correram atrás de mim.

E10: é sorte mesmo, aí falaram para ela ir fazer uma entrevista no Carrefour. Ela nem queria fazer, foi lá, fez a prova e passou.

E10: será que ela já não tinha ido até lá?

E10: ela não correu atrás de nada...

E10: a prima dela colocou o nome dela lá por acaso, a mulher falou – nossa, você foi ótima, você pode vir...-.

E10: ela não foi?

E10: não foi. Ela falou que não queria trabalhar...

E10: então ela não estava a fim de trabalhar...

E10: é, e ela podia estudar de manhã... podia trabalhar à tarde...

Expressão discutida: o dinheiro não traz felicidade

E10: porque assim, oh... eu penso na minha família, se minha mãe tiver uma doença terminal, mas só aquela cirurgia muito cara que ela vai poder fazer, a minha mãe é a pessoa que eu mais amo aqui na terra, se eu não tiver o dinheiro para pagar a cirurgia minha mãe vai morrer... então acho que se eu tiver o dinheiro... se tiver dinheiro para mim me sustentar... sustentar minha mãe e fazer a cirurgia, minha mãe vai fazer a cirurgia, vai ficar viva e eu vou estar feliz. Tem muita coisa que o dinheiro compra, sim. O dinheiro ajuda em casa, não traz felicidade, mas como diz aquele velho ditado 'dinheiro não traz felicidade, dá para mim e seja feliz', então se a pessoa já fala isso é porque tem uma ganância atrás do dinheiro. Então o dinheiro traz felicidade, sim.

E10: não, não só o dinheiro. Mas tem muitas outras felicidades, como uma pessoa amiga, por exemplo... Outra coisa, de lado da minha casa estão fazendo o Rodoanel... não tem como eu vir para cá, meu pai me traz de carro. Se meu pai não tivesse dinheiro para me trazer de carro... como eu ia vir? Eu ia vir com os pés cheios de lama...

E10: eu ia ficar triste...

E10: meu pai vem me buscar. Se não fosse meu pai, se não fosse o dinheiro que meu pai conquistou para comprar o carro... ia ser infeliz, ia chegar aqui todo dia com o pé cheio de barro, se eu viesse para a escola...

E10: mas ia vir, já ia estar feliz de vir para a escola...

E10: mas você tem orgulho de morar no clube de campo...

E10: quem tem orgulho de morar aqui? Então, se a gente tivesse dinheiro, dinheiro, dinheiro... aí poderia morar aqui, mas mesmo assim... não seria feliz de morar aqui... então o dinheiro não dá toda a felicidade...EF: quem falou que eu tenho orgulho de morar no clube de campo... Se fosse assim

todo mundo saía daqui e...

E10: o dinheiro ajuda... ajuda...

E10: para comer...

E10: para tudo...

E10: se precisar alguma coisa em casa...

E10: que adianta ser feliz e não ter dinheiro para comprar comida?

E10: só para pagar as contas, não.

E10: mas você não fica feliz quando pega um dinheirinho e compra o que quer?

E10: claro que eu fico!

E10: o dinheiro hoje é tudo... se você for fazer um programa, você precisa do dinheiro para ir... Nossa, o dinheiro é tudo... você tem que pagar luz, água, tudo... O dinheiro é tudo hoje em dia...

E10: ah, ter as coisas que eu tenho, porque sem o dinheiro eu não ia conseguir. Se meu pai não me desse dinheiro eu não ia conseguir ter as coisas que eu tenho. Dinheiro não traz felicidade...

E10: isso, você tem uma parte, a outra você não tem... então não traz totalmente a felicidade, entendeu?

E10: algumas coisas sim, outras não.

E10: porque... que nem... dinheiro não pode comprar amigo, mas... você se diverte com o dinheiro...

E10 é, com seus amigos inclusive...

E10: ah, você vai em uma festa... faz uma festa... precisa do dinheiro para comprar as coisas.

E10: você vai em uma festa e seu amigo não tem dinheiro?

E10: você paga para ele, vocês são amigos.

E10: Você não tem dinheiro, eu te banco. Eu te comprei? Não, você gosta de mim... e você vai lá...

E10: quando as pessoas não tem amigos, mas tem dinheiro... Então, aí para você se divertir, você vai sozinho? Então, o que? Você vai ter que comprar um amigo? Esse amigo vai só porque você vai pagar tudo para ele, porque ele não gosta de você. Então... isso é ser feliz para você? Estar com um amigo só porque você está com dinheiro?

E10: aqui na escola a gente se diverte bastante com os amigos...

E10: aqui na escola mesmo, que nem elas estão falando, a gente se diverte... com os colegas, tudo... e cadê o dinheiro?

E10: oh... como todo mundo já falou, ele não traz toda a felicidade que todo mundo quer, que todo mundo precisa, mas ele faz o que? Ele preenche a maior parte que falta... mas ele não traz totalmente toda a felicidade que todo mundo queria ter...

E10: se você não tem comida em casa você está triste...

E10: eu imagino, meu pai... não tem dinheiro de manhã para comprar um pão? Todo mundo vai estar triste, não é? Então...

E10: é, até o amigo está triste... (ri)

E10: eu vou para a minha casa, que tem um pão mofado, mas tem... chega lá...

E10: porque você pode pensar que a pessoa é seu colega, amigo não acredito. Você ia falar – nossa, é meu colega -, se você precisar dele – ah... amigo é um negócio à parte. Aí se ele precisa de você – ah, você tem isso para me emprestar? -, se você tem dinheiro para emprestar para ele naquela hora ele é seu amigo, mas quando você precisar dele ele não está aí para estar do seu lado.

E10: então, mas assim, se você tiver dinheiro, todo mundo é amigo. Todo mundo. Que nem ela falou do Latino, ele não tem talento nenhum, não canta... dança que nem uma minhoca louca em cima do palco... mas... aí está, tem dinheiro, tem dinheiro... Todo mundo vai atrás dele...

E10: mas presta atenção, você sai vai falando da vida dele – Latino se envolve em confusão com fans.

E10: mas tem que falar... ele já ‘comeu’ mais de 1000 mulheres...

E10: mas é por causa do dinheiro? É por causa do dinheiro? Não, é porque ele é muito lindo.

E10: é que uma coisa encadeia a outra... uma leva à outra...

E10: lógico que é! Tendo o dinheiro que ele tem, tendo as mulheres que ele tem...

E10: porque não sabe administrar...

E10: tem pessoas que tem muito dinheiro e gasta à toa, não sabe no que gasta...

E10: gastam até a última nota...

E10: aí quando precisam não tem o dinheiro, entendeu, que precisa...

E10: tudo que é demais, enjoa... Você fala – ah, dinheiro é tudo... -, mas dinheiro... você pode comprar muitas coisas, mas você não vai comprar a felicidade mesmo. Se você não tem seus amigos, seus pais... saúde... você não está feliz... não adianta o dinheiro...

E10: nesse caso, você pode não ter nada, ser a pessoa mais pobre do mundo, mas você tendo Deus no coração, você é feliz...

E10: alguma coisa ela vai conseguir comprar com o dinheiro dela... alguma coisa ela vai conseguir comprar com o dinheiro dela...

E10: alguma coisa ela vai conseguir comprar, alguma coisa...

E10: vou dar um exemplo, de como o dinheiro traz felicidade, sim. Eu tenho certeza que todo mundo aqui conhece Elixir Best.

E10: Elixir Best, uma banda de rock, surgiu faz pouco tempo. Sabe onde eles moravam?...

eles moravam aqui e estudavam no Emilié. Ninguém conhecia o Elixir Best... a banda deles era independente há 4 anos, ninguém nem sabia quem era Elixir Best. Agora que eles tem dinheiro todo mundo vai atrás, todo mundo sabe quem é Elixir Best, então eles estão felizes, por causa do dinheiro que eles conseguiram agora, que antigamente não eram.

6.10.2 Família, Pares e Relacionamentos

Para os jovens dessa escola a educação e formação inicial que recebem da família serve de base de formação ética e para a constituição de suas identidades e sistema de valores fundamentais no futuro. Uma boa formação familiar pode preparar melhor o jovem para a vida social, no entanto, não é suficiente para alguns jovens que se deixam levar pela criminalidade. Defendem o uso da violência como método educativo pelos pais, com a ponderação de que seria um recurso utilizado quando o diálogo não funcionar. Os pais se apresentam como modelos a serem seguidos e os referem com orgulhos. Valorizam o esforço e dedicação dos pais para sustentar a família e os bons conselhos que oferecem. Há, no entanto divergências quando discutem com os pais determinados assuntos. Pois a juventude é um período de questionamentos e conflitos em que esses valores podem sofrer influências. Também a sociedade muda e os pais entram em conflito quanto aos seus valores. As diferentes dificuldades que as famílias encontram influenciam no seu conjunto de valores da tradição familiar, como por exemplo, roubar para sustentar a família. Também se deparam com famílias que são mais tradicionais na manutenção e reprodução de valores e outras que são mais liberais. Citam diferentes formas que os pais lidam com assuntos de namoro, com tendências a manter a defesa da relação com um ou mais parceiros. Há também diferentes condições de vida para as famílias, perda dos pais em idade precoce, ambientes violentos que influenciam na formação do caráter e na trajetória de vida das pessoas. Referem situações familiares de abuso sexual e fragilidade nas relações, pois por motivos fúteis os pais abandonam os filhos.

Para alguns a separação entre os casais não deve ocorrer a não ser quando ainda não há filhos. Outros têm opinião de que os pais devem se separar quando assim o desejarem ou por incompatibilidades na educação dos filhos ou na forma de viver. Ainda assim o fato de terem filhos mais

jovens pode dificultar uma separação. De forma geral quando há infelicidade e agressões mútuas na relação defendem que a separação deva ocorrer. Mas também podem ocorrer situações de opressão e violência que se mantêm por insegurança e medo que gere sofrimento nos filhos, ou por submissão da mulher. As situações de opressão podem se sustentar pelo aspecto financeiro em que o homem arca com a manutenção da casa e pratica violência contra a mulher. Salientam que ocorreram mudanças na instituição casamento pela conquista de direitos sociais, ascensão no mercado de trabalho e maior independência da mulher, que era submissa às imposições masculinas. Hoje as separações são mais aceitas quando o relacionamento entre os pais não está bem, produzindo infelicidade entre eles e para os filhos.

Estes jovens percebem-se em processo de aprendizagem do que é bom ou ruim para suas vidas. Esse aprendizado pode se dar pela educação familiar, que pode ser precária em função de dificuldades vividas pelos pais, pela educação formal e pela experimentação. Dessa forma alguns jovens conseguem distinguir melhor as suas escolhas enquanto outros não. Observam necessidades de estar com amigos e família.

As pessoas mais velhas devem ser respeitadas da mesma forma que os jovens, o respeito deve ser mútuo. Há pessoas mais velhas que aproveitam da idade para obterem benefícios pessoais. Os jovens percebem que o valor das pessoas mais velhas na sociedade atual não está relacionado à idade ou experiência em si, mas aos seus comportamentos e atitudes.

A relação com os amigos, apesar de inspirar conforto, em alguns momentos resultam em maior desconfiança e decepções a diferença da família e dos animais de estimação. O amigo está presente em momentos ruins e bons, se mostra verdadeiro no que sente e diz, se preocupa um com o outro e transmite confiança. Ao mesmo tempo sentem-se traídos e expostos em relação ao que confidenciam somente depositando confiança total na família. Em menor número, há aqueles que confiam nos amigos não referindo experiências negativas nas relações. Para eles a amizade é uma presença constante do outro na forma de atitudes, que não se afasta em momentos em que necessitam de ajuda e se mostra verdadeiro no que fala.

Não há confiança nos amigos porque apresentam muita fluidez, os acordos não são cumpridos. Os Homens relatam situações de brigas e necessidade de proteção que contavam com os amigos e ficaram sós em momentos difíceis. As decepções também se apresentam entre as mulheres que se sentem traídas nos acordos com as amigas, que “roubam seus namorados”. Dessa forma buscam se vingar para aliviar o sentimento de frustração pela traição sendo que as relações passam a serem “vigiadas” para que as situações não se repitam. Ainda os jovens não confiam em si mesmos e nas suas próprias atitudes perante os amigos. A lealdade e cumplicidade entre amigos são inquestionáveis. Há consonância com o conceito rígido e idealizado de amizade, pois não aceitam qualquer tipo de traição ou quebra de pactos.

O prazer pelo sexo tem importância, mas não é o componente fundamental nas relações. Valorizam outros prazeres como no caso a convivência com a família, sair de mãos dadas, ouvir música e conversar. As coisas de maior valor são as que perduram mais, como o sentimento de amor por outra pessoa, o sexo não pode ser pontual e momentâneo, pois assim perde o sentido e o valor, tornando as relações vazias (“Era vazio, a menina não tinha cabeça, ela não tinha ideia, era só sexo. Era só o que ele queria com ela”).

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão as expressões “tenho meus pais como exemplo”, “uma boa criação é a coisa mais importante da vida”, “os pais não devem se separar”, “as pessoas mais velhas devem ser respeitadas”, “nada é mais prazeroso do que estar com os amigos”, “você sempre pode confiar em um amigo”, “um amigo nunca caguetta o outro”, “sexo está em primeiro lugar em matéria de prazer”.

Expressão debatida: Tenho meus pais como exemplo

E10: eu concordo, eu tenho eles como exemplo.

E10: concordo plenamente, se for a metade do que meu pai for, estou feliz da vida já.

E10: eu concordo também, ah, o pai é um amigo...

E10: eu concordo, só que tem coisas que eu tenho a minha opinião, que é diferente da minha mãe.

E10: como ela disse, tem coisas que pai e mãe fala que não são iguais na sua cabeça.

E10: concordo, porque eles batalharam bastante para eles conquistar o que tem hoje, os

conselhos que eles dão...

E10: tudo para o nosso melhor...

E10: não, eu concordo também, que, ah concordo...

E10: ah, porque só dão conselho bom para mim, teu pai não vai te dar um conselho que te faça mal...

E10: tem sim, mas é muito raro...

E10: não, pode ser que tenha mas...

E10: só se for aqueles pais que tem 12 filhos, mas só para fazer trabalhar, que não está nem aí, que não é o caso do meu pai.

E10: eu também concordo, porque um pai não ia dar um mau conselho para um filho dele.

E10: eu concordo, eu tenho meu pai e minha mãe como exemplo.

E10: eu concordo também...

E10: ah, porque eles batalharam para ter o que eles tem hoje, pelos conselhos que eles dão, isso.

E10: eu concordo também porque eu só vejo meu pai e minha mãe como meus exemplos. A educação que eles tiveram, o tanto que eles lutam, até hoje também para conseguir tudo que eles tem, que eles tiveram. E eu pretendo ser como eles, com a sua disposição...

E10: todo mundo tem defeitos. O pai também tem, pode falar errado, pai é igual à gente...

E10: eu tenho meus pais como exemplo, mas eu não quero me espelhar só neles, porque o que meus pais tem de bom também vou pegando para me informar.

Expressão debatida: uma boa criação é a coisa mais importante da vida – G1

E10: Eu concordo.

E10: Eu discordo.

E10: A sua criação vai influenciar muito na sua vida, como você vai tratar os outros, como você vai reagir às coisas que acontecem na sua vida, que nem quando você, acontece, você vai lá e rouba uma coisa, o seu pai, a sua mãe vai lá, dá um tapa na sua mão e fala que é errado, você já vai saber que roubar é errado então, não é certo roubar, é uma criação que já vem de antes e se alguém um dia chegar pra você ‘vamos roubar?’ ‘Não, porque a minha mãe me ensinou desde pequeno que isso não é certo’ então, eu acho que uma boa criação influencia muito, é uma das coisas mais importantes da vida.

E10: É a mesma linha de pensamento a minha da dele porque desde pequeno se seus pais te ensinam todos os dias o que você deve e não deve fazer, você vai tomar como exemplo o que você não vai fazer quando você crescer, eu acho que é isso.

E10: Então, é porque às vezes a gente pensa de uma maneira diferente dos nossos pais então, a gente vai pela cabeça deles, mas não muito.

E10: Então, a gente pega tudo o que eles ensinam para gente, só que quando a gente cresce a gente pode tomar uma linha de pensamentos um pouco diferente, mas sempre com o mesmo que a gente pensava antes, a gente vai pensar e refletir quando for maior, pra gente poder fazer o certo e não o errado.

E10: Que nem, às vezes, não assim pro lado de roubar, mas assim, quando alguém pergunta pra você ‘que faculdade você vai fazer?’ Aí você ‘ah, eu estou indecisa, mas meus pais querem que eu faça alguma coisa’, e eu quero fazer outra então, aí a gente fica meio em dúvida, aí a gente vai pela cabeça dos pais ou às vezes não, a gente às vezes toma a nossa decisão, o que a gente quiser, a gente vai e faz. Acho que é isso.

E10: Que nem tudo é da criação, né? Vai da pessoa, entendeu? Vai do jeito da pessoa ser, não é da criação, às vezes a mãe ensinou uma coisa pra pessoa e a pessoa vai e faz outra, não faz aquilo que a mãe ensinou, entendeu?

E10: Ah, eu estou em dúvida porque assim, no meu caso o meu pai me ensinou coisas em casa, o que ele acha que eu não devo fazer, ele me dá conselhos, claro que eu vou seguir os conselhos dele se eu achar que está certo pra mim, algumas coisas a minha mãe fala que eu

não devo fazer, mas eu acho que é certo pra mim, não vai me prejudicar em nada, entendeu? Eu acho que a boa criação é muito boa pra mim, claro é que nem os meninos falaram, às vezes em roubar a gente pensa 'a minha mãe falou isso, vai ser uma vergonha', a gente não faz, mas têm coisas que a minha mãe fala 'é bom pra você A.' é ruim pra você, mas eu acho que é bom pra mim então, nem sempre eu vou pela criação do meu pai, nem sempre eu vou pelo conselho da minha mãe, entendeu? Às vezes...

E10: Por exemplo, às vezes o meu pai fala assim 'você não vai nessa balada, não vai ser bom pra você, eu não vejo o que de bom você acha nessa balada lá', mas eu gosto, eu gosto de ir com os meus amigos, e eles não gostam, entendeu? Mas eu, pra mim não vai, assim, eu gosto de fazer, então não vai mudar nada, não há nada de errado em eu ir à balada, que eles acham que não vai ser bom pra mim mas eu acho que vai ser, então nem tudo, nem sempre a criação deles é certa. Pelo menos é o que eu acho.

E10: Eu estou em dúvida porque eu tenho muitas amizades que o pai deu uma criação rígida só que eles não seguem aquela criação, aí eu acho que, eu, a minha mãe, ela falou assim 'A., não faz isso porque você vai quebrar a cara', aí eu pego e faço, tipo, aí agora ela falou assim, 'eu não quero você namorando com esse tal cara, ele não é bom pra você', eu pego e eu peguei e fui namorar com ele, 'não. Ele não é uma boa pessoa pra você', você pega e você, eu falei 'mãe, você deu a criação pra mim, mas eu não acho que isso é bom, isso não vai ser ruim pra mim', mas 'não você vai quebrar a cara com isso', mas eu falo 'não, não vou quebrar a cara', e continuo persistindo no erro, entendeu? Acho que vai da cabeça da pessoa, porque muitas vezes a maioria dos filhos não obedece ao que o pai fala.

E10: Tipo, 'A., não vai pra balada', a minha mãe falou 'não vai nessa festa e essas suas amizades não vão te levar a nada, você vai aprontar lá', eu peguei e fui e quebrei a cara. Aprontaram e eu que levei sozinha.

E10: Eu acho que não porque a mais rígida, o pai corrige assim, mas só que os filhos fazem, e os outros, que os pais são mais liberais fazem a mesma coisa porque a cabeça da pessoa faz do jeito que ela quer, do jeito que...

E10: Posso falar? Assim, eu fico em dúvida porque uma boa criação hoje, o pai seu vai querer criar você como ele foi criado só que o mundo hoje é totalmente diferente da época em que ele foi criado, por isso que uma boa criação, ele vai querer criar você do jeito que ele foi criado, aí tipo assim, pra não roubar, aí você vai lá, cria uma família, fica difícil, é preciso você roubar alguma vez, só uma suposição, se você roubar, como que você vai fazer pra você sustentar a sua família? Você vai se sacrificar roubando, mas você vai estar sustentando a família, uma coisa que você fez, que você gosta, mas aí você vai estar saindo da boa criação de seus pais, você está fazendo uma coisa boa, mas aí você está saindo da criação de seus pais, por que? Porque o mundo muda, não tem esse negócio de boa criação e se o pai for criar de um jeito o mundo vai mudar, vai ser totalmente diferente. Isso não vai existir.

E10: O mundo muda a cabeça das pessoas.

E10: Eu fiquei em dúvida pelo seguinte, a educação que nossos pais receberam quase sempre é diferente da nossa, depende muito do lugar onde nossos pais nasceram, de como eram os pais deles, o meu pai, por exemplo, às vezes eu até acho que eu cobro demais dos meus pais, porque o meu pai cresceu desde os 11 anos de idade, ele não teve mais pai então, ele não... quem foi que ensinou pra ele como é que se educa um filho? Entendeu? O meu pai não teve pai e a minha mãe não teve mãe desde 5 anos então, isso depende muito da educação que meus pais receberam, o lugar onde eles moraram, onde nasceram, e tal, só que a boa criação é importante sim só que o conceito de boa criação depende muito de família pra família.

E10: São princípios bons como, por exemplo, não roubar, que é o exemplo que todo mundo usou, mas, não sei, tipo, os meus pais acham que por exemplo, ter muitos e muitos namorados, um a cada dia, um a cada semana, não é legal e eu acredito nisso, agora tem pais de amigas por exemplo, que não ligam, pra eles isso é uma boa criação, pra eles não tem nenhum problema.

E10: Eu ia falar, eles já falaram tudo, não tem o que falar.

E10: O ponto principal que ela usou, têm pessoas que desde pequenas que o pai abandona, não assume o filho, a mãe joga na lagoa, que nem já fizeram, então é assim, a melhor

criação que tem é a que você faz, assim, que a vida te ensina, você errando, batendo de cara você aprende.

E10: Um exemplo, eu aprendi esses dias sozinho, entre aspas sozinho, foi uma pessoa que me falou, criança me falou um coisa na maior inocência que me fez mudar, que foi de perdoar, que eu não perdoava ninguém, de desculpar, que eu guardava raiva até o final, se não fosse uma criança de 9 anos chegar e me falar uma palavra, mudar a minha cabeça, ninguém mais tinha conseguido, minha mãe e meu pai nunca conseguiram, a vida que me ensinou.

E10: Que nem a minha mãe, a mãe dela morreu ela tinha 8 anos, o meu avô espancava a minha mãe, ele tentou abusar da minha mãe já, mas se não fosse a minha mãe colocar na cabeça dela 'não, eu vou ser alguém na vida', ela não estaria hoje aqui. Entendeu?

E10: Eu concordo com ele, porque assim, muitos bandidos hoje famosos, os pais foram lá e falaram 'você não pode roubar, não pode usar drogas, não pode fazer isso', só que adianta os pais ensinar, ensinar, ensinar e a pessoa não colocar isso dentro da cabeça, quando ela é criança, o seu pai fala 'não mexe aqui', você não mexe, morre de medo do pai, você começa a pegar uma idade, você não quer nem saber, ele fala e você faz pior, entendeu? Logicamente que uma boa educação influencia, só que vai do caráter da pessoa, os pais educam, mas você acata se você quiser.

Expressão debatida: uma boa criação é a coisa mais importante da vida – G2

E10: eu concordo, porque a educação vem de casa já, né. Eu acho que a pessoa se torna uma pessoa boa, em tudo que ela faz, se ela tiver uma boa criação, é isso...

E10: eu concordo também, mas não plenamente, porque tem pessoas que são criadas, vamos falar do C, ele foi criado com tudo, tem tudo, tipo, ele foi criado com uma boa educação e fez, entre aspas, o que fez, então acho que nem tudo tem a ver com educação. Se a pessoa tem a índole para fazer as coisas erradas, não importa a educação.

E10: estou em dúvida, agora, porque depende. Você pode ter uma boa educação, mas [...].

E10: porque pode ter uma boa educação, mas...

E10: eu acho que se teu pai te ensinar, você não vai ficar muito ruim, que nem o Nardoni fez, então, o pai não deu uma boa. Você pode fazer um negócio errado, outro, mas não vai...

E10: eu concordo, porque como ele falou, as amizades dele corromperam ele, mas se o pai dele tivesse falado – você não tem que ficar com seus amigos -, não tinha feito. Porque a gente confia no que o pai da gente fala.

E10: eu também concordo, da criação. Depende da criação, quem tem não faz errado...

E10: eu concordo, porque acho que a educação vem de casa.

E10: eu concordo plenamente, por causa que a educação é a base de tudo.

E10: eu concordo, porque acho que uma boa criação influencia o que a pessoa vai ser no futuro...

Expressão debatida: os pais não devem se separar – G1

E10: Eu acho assim, que eles não devem pelo seguinte, a minha opinião, eu graças a Deus meus pais são casados, eu acho que se eles se separassem eu morreria, lógico, porque os dois ali são a minha vida, assim quando você escolhe casar com uma pessoa, acho que é pra toda a vida, falam que você conhece quando você casa, você passa a conhecer quando você casa, só que eu acho assim, se você pretende se separar, você não gosta da pessoa, acho que isso tem que ser antes de você ter filhos, que nem, vamos dizer que eu case e não estou gostando do meu marido, pô, com 3 meses eu vou separar, não vou esperar ter, que nem os meus pais, eles têm 4 filhos, eu vou esperar ter 4 filhos pra depois eu separar, eu acho que não, espera eu morrer depois você faz a sua vida, eu penso assim.

E10: Traição. Aí é outros 15, você chegou em casa, pegou o seu marido com a sua irmã, aí é de matar, num é nem de separar.

E10: Aí você não pode pagar na mesma moeda.

E10: Mas são situações que aí vem a questão, depende dos dois, se a mulher não está dando conta dos seus afazeres de mulher, aí o homem vai caçar aonde? Fora. Aí ela tem culpa no cartório também, assim vice-versa. Eu, particularmente acho que não deve se separar, que você deve se separar assim, você casou, deu um ano, vocês não se dão bem, aí você larga. Só que você esperar 3, 4, 5, 6 filhos pra depois separar aí não dá mais, porque aí você tem que pensar que não é só você e o cara, é você, o cara e seus filhos.

E10: Bem, eu estou em dúvida porque eu estou passando por essa experiência em casa, porque meu pai e minha mãe estão querendo se separar, mas tem alguma coisa que está pressionando eles a não se separar e lá em casa estamos achando que somos nós, eu e meus irmãos e que meu pai fala que ele não vai embora porque não quer deixar eu e meus irmãos sozinhos, que ele tem medo de a minha mãe arrumar outra pessoa, minha mãe falou que não quer deixar a gente com ele porque ele vai se esquecer da gente então, eu fico em dúvida porque é como ela falou, eu não acho certo você ter um filho e você perceber que seu marido não é uma boa pessoa pra ser um pai, você vai se separar mas aí seu filho não vai ter uma educação de um pai ou de uma mãe, então estou em dúvida por causa disso.

E10: É, que nem, a minha mãe, ela gosta de sair, ela quer curtir agora a vida, que ela não curtiu quando ela me teve, ela me teve cedo, agora ela quer curtir e meu pai não gosta, meu pai não quer saber porque ele está morando em casa, ele quer por ordem, a minha mãe não quer, eu acho que meu pai devia se separar da minha mãe. Cada um seguir a sua vida. Mas eu penso nos meus irmãos porque eu já tenho a minha cabeça já, sou bem grande já, mas meus irmãos são mais novos, não sei se vai aceitar a separação dos pais.

E10: Meu pai e minha mãe, eles vivem muito bem, eles brigam porque todo casal briga, sempre tem às vezes aquela desunião, mas eu acho que se um dia eles deixarem de se gostar ou começarem a brigar e não se entenderem mais, eu acho que eles devem se separar. Eu acho que eles devem se separar, porque ninguém deve ficar junto pra ser infeliz por causa dos filhos, eles têm que procurar a felicidade deles, se eles decidirem se separar eles vão se separar, não tem porquê, por causa de filho, isso ou aquilo, entendeu? Eu acho que se tiver que se separar, se separa.

E10: Porque eu não vejo o casamento como uma instituição falida como muita gente vê, eu acho que eles não devem, não que não deva, não é bom, não é bom tanto pra eles, mas principalmente pros filhos mesmo, eu acho que se meus pais se separassem eu não sei o que eu faria, eu tenho meus problemas com meus pais, eles têm os problemas deles, mas é mil vezes melhor ver os 2 juntos. Eu acho que eu ia sofrer muito e minhas irmãs também sofreriam. Mas assim, se não está dando certo mesmo, se eles já fizeram todo o possível, já se esforçaram ao máximo e não teve jeito, é a solução, mas de preferência eu acho que eles devem dar o melhor, dar o máximo de si pra que não se separem, não entenderia a separação dos meus pais.

E10: Bom, eu discordo porque quando a pessoa casa, ela, as duas pessoas, elas procuram, ela vai ter que procurar um jeito, uma forma de todo dia ela conviver com a pessoa, mas tem certos momentos que elas não conseguem, elas não se batem e por isso tem muitos casais que por causa de uma briguinha, por causa de um nada, a pessoa já quer se separar, por exemplo, têm outras que por traição ou porque fez alguma coisa escondido, tipo o meu pai e a minha mãe, já faz 6 anos, praticamente estão separados porque um vive num lugar e o outro vive no outro, entendeu? Ele preferiu fazer coisa errada, por causa das amizades e tipo, a minha mãe não quer saber dele agora, só por ligação mesmo, porque ele liga pra saber como a gente está, mas eu acho assim, por mim ele podia se separar porque praticamente eu considero que eu não tenho um pai, que ele não viu nada acontecer na minha vida, eu não tenho um pai, só tenho a minha mãe mesmo. Aí, eu discordo, mas a pessoa pra ter uma família, ela tem que ficar, acho que não precisa separar.

E10: Se o casal, ele se ama, se quando não começa a dar certo que não sei, um não concorda com o outro, não tem entendimento entre os dois, eu acho que daí em diante eles não precisam ficar juntos, mesmo que tenha filhos, essas coisas, porque se não está fazendo bem pra eles consequentemente não vai fazer bem pros filhos deles então, acho que a melhor opção mesmo é separar.

E10: Mesmo assim, eles se esforçam, mesmo se eles se esforçarem e não está dando certo, não adianta eles ficarem juntos porque vai fazer a infelicidade dos filhos deles e deles

também.

E10: Com as brigas...

E10: Eu acho assim, se a pessoa está junto, está aquele clima que não rola mais, eles não gostam mais um do outro, não tem mais aquele contato, eu acho que não vai ficar junto, entendeu? Pra ficar junto e ser infeliz é melhor ficar separado, cada um no seu canto.

E10: É assim, porque o meu pai está com a minha mãe, aí eu tenho um tio, meu tio e minha tia, eles viviam igual nas novelas das 8, tinha um cara que batia na mulher todo dia, maltratava ela então, igual falaram aí, se os filhos iam sofrer muito, os pais se separaram mas eu acho que meu irmão que é pequeno ia sofrer muito mais se meu pai ficasse junto da minha mãe brigando do que se eles se separassem logo, ia sofrer bem mais.

E10: Mas nesse caso de bater é um dos casos que levariam ao divórcio, com certeza, só que eu acho assim, os meus pais são casados há 35 anos aí suponhamos que meu pai bate na minha mãe há 35 anos, eu acho que ele já devia ter parado isso logo no primeiro mês.

E10: É verdade.

E10: Eu acho que quando, eu acho que nem no primeiro mês, eu acho que a partir de quando vocês estão casados, desde a primeira vez que ele deu um tapa em você, você tem que largar, não pode esperar, esperar 35 anos ou 40 ou que seja dois anos, no primeiro tapa você tem que largar que você está vendo que a pessoa não presta.

E10: Aí já é falta de respeito.

E10: Tem coisa que eu acho que a gente percebe no namoro, eu tenho amigas que começaram a namorar, uma amiga em particular que começou a namorar e reclamava que o namorado era ciumento, reclamava das roupas, 'mas quando casar melhora', casou e não ficou 1 ano junto, entendeu? Eu acho que tem coisa que a gente percebe no namoro.

E10: Tipo assim, o namorado reclamar da roupa é uma coisa, mas chegar a te agredir é uma coisa totalmente diferente. Que nem no caso que aconteceu há uns tempos, uma amiga minha não estava nem namorando o cara, o cara foi lá e empurrou ela, imagina se eles casarem? Você vai viver roxa. Eu acho que você conhece a pessoa no namoro, pegar no pé, 'não gostei dessa roupa', é uma coisa agora você passar a agredir é uma coisa totalmente diferente.

E10: Tem que ter respeito um pelo outro.

E10: Então, que nem ela falou do negócio que a gente percebe no namoro, no namoro tem muita gente que 'ah, meu amorzinho' daqui, 'meu amorzinho', dali, mas quando casa que você descobre quem a pessoa é, por quê? Porque pra agradar, pra ela conseguir uma coisa ela faz de tudo, porque na hora do casamento você vai descobrir quem é a pessoa. Porque ninguém fala a verdade quando quer alguma coisa.

E10: Agora eu acho que agressão, você partir pra agressividade a gente não esconde por tanto tempo.

E10: Não, me desculpe, mas eu discordo.

E10: Eu também discordo. Porque você pode ver, tem muitos casais aí que a mulher apanha e fica anos, anos, anos e não vai na polícia, por que? Por causa dos filhos, mas ela acha que se ela se separar, se ela for na polícia por causa que o marido dela agride ela, ela vai magoar os filhos dela mas eu acho totalmente diferente isso, que acho que ela tem que ir logo porque se não assim ela...

E10: Vai ficar pior.

E10: ...magoa bem mais os filhos dela, ela apanhando.

E10: Não, se eles se separarem ele vai ter que sustentar do mesmo jeito. Ele vai ter que pagar pensão.

E10: É. Só se ela não for atrás de pensão, né? Ela for muito besta.

E10: Eu discordo, porque não é questão de ser besta, se a mulher não for atrás de pensão é porque a mulher tem dignidade, porque a mulher se acha capaz de sustentar o filho dela.

E10: Não. Eu acho isso errado.

E10: É um dever. Mas não é obrigação.

E10: Não, é obrigação.

E10: Aí está o meu modo de pensar, é o meu modo de pensar, eu não acho nada bonito da mulher, beleza o filho tem que receber pensão, mas tem muita mulher que é safada que separa do marido pra receber pensão.

E10: Aí é sem caráter.

E10: Às vezes o homem pode bater nela, muito, mas faz bem aos filhos dela, paga escola particular, dá de tudo em casa, mas ela apanha, ela sofre.

E10: Mas não é pra mulher ficar apanhando.

E10: É porque às vezes a pessoa pode apanhar, mas se ela ama ela perdoa.

E10: Ah, não. Eu não acho isso não.

E10: A gente tem que entender que a gente pode discordar de uma coisa, mas hoje, mulheres que apanham em casa por causa dos filhos, porque não é capaz de sair fora e trabalhar, entendeu?

E10: Gente, eu só acho assim que se não está feliz, separa. Só não pode deixar de ajudar os filhos, não pode deixar essa responsabilidade de lado. É isso.

E10: Eu acho que a pior coisa na separação é quando a mãe e o pai chegam na criança e falam, 'olha, você escolhe com quem você quer ficar', essa é a pior coisa que existe. Que isso magoa mais o filho do que ver a mãe e o pai separando.

E10: Porque às vezes o filho gosta da comida da mãe, mas gosta de...

E10: Jogar futebol, é do jeito que o pai trata, às vezes chama pra jogar bola, pra brincar e ele vai sentir a falta dos 2 do mesmo jeito.

E10: Concorde, a minha mãe, a minha mãe me dá carinho toda hora, eu chego em casa da escola a minha mãe está com a comida pronta, ela está lá pra me abraçar, o meu pai não, ele está trabalhando, mas tudo o que eu quero é o meu pai que dá, o material é o meu pai que me dá, ele me dá dinheiro todo dia.

E10: Traição, espancar, acho que no primeiro levantar de mão tem que largar se você der liberdade pra ele levantar a mão, você vai dar liberdade pra ele deixar sua mão, sua perna, qualquer parte do seu corpo roxa.

Expressão debatida: os pais não devem se separar – G2

E10: eu acho que não, né, porque eles estão juntos...

E10: meu pai e minha mãe são separados e...

E10: meus pais são separados e isso não mudou a minha educação...

E10: eu concordo. Meus pais se gostam...

E10: não, mas é 'os pais', não seus pais... todos...

E10: discordo porque se não está bom...

E10: eu discordo, porque, vamos supor, já não estão bem um com o outro e vão ficar pelo filho. O filho numa hora vai perceber que tem um clima chato...

E10: eu acho que ficar os dois desgostando ali só vai causar mais problemas, mais brigas, aí o filho vai ficar vendo aquilo e vai?

E10: eu discordo, porque se não está bom para nenhum dos dois não tem por que ficar...

E10: eu também discordo e concordo com D. Eu concordo com a D., discordo aqui, pelo que ela falou mesmo, porque se não está bom, se não está dando entre os dois ali, melhor é separar que ficar sofrendo e fazer a criança sofrer também.

E10: se o casamento entre os pais não está bem...

E10: se não está dando mais nada...

E10: eu também discordo, porque se eles não estão dando certo, por que ficar junto? Só porque tem um filho?

E10: eu também discordo, bom, é a minha opinião...

E10: o problema não é do filho, ele não vai perceber que o casamento não está dando certo. O problema é dos dois, entendeu?

E10: depende, porque se os pais, se um deles sai com mágoa do outro, geralmente a mãe não deixa o pai ver a criança, ou o pai não deixa a mãe ver...

E10: eu acho que não dura para sempre, não tem como durar para sempre. Cansam, tem muitas brigas...

E10: meu vô e minha avó devem estar fazendo bodas de diamante já. Eles fazem 40 e não sei quantos anos que estão casados, e brigam até hoje...

E10: eu acho que se provar que é amor verdadeiro, dura...

E10: eu acho que se passar dos 60 já era...

E10: porque era mal visto...

E10: hoje já não.

E10: antigamente não tinha isso de um homem se casar com uma menininha por aí...

E10: antigamente as mulheres eram submissas então, se ele traía ela, ela tinha que aceitar, hoje não...

E10: isso aí...

E10: é que hoje as mulheres são mais independentes. Antigamente não, ela dependia do marido, por isso que não separavam...

E10: é que hoje as mulheres estão pegando o lugar dos homens, estão se achando...

E10: se tem uma barata, tem que ser o homem para matar...

E10: agora quando é trabalho quer ficar igualando...

E10: tem mulher que quer casar com mulher, mano...

E10: melhor separar do que viver infeliz...

E10: eu conheço um amigo meu que hoje já está nas drogas, por causa dos pais...

E10: ele me falava que sentia falta do pai, aí com as drogas ele esquece. Também tem bebida...

Expressão debatida: as pessoas mais velhas tem que ser respeitadas

E10: Nem sempre as pessoas mais velhas têm que ser respeitadas. Nem sempre. Porque eu, assim, vai, você tá com a sua mãe, aí sua mãe fala, às vezes, não é porque ela é mais velha que sabe tudo, entende tudo, entendeu? Por que às vezes eu falo com a minha mãe, 'mãe isso aí tá errado, mãe. Num pode fazer isso'. Ela não responde. Nem sempre eles tão certos. Nem sempre.

E10: Eu discordo porque você tem que respeitar os mais velhos...

E10: Pera aí, que nem nos ônibus, é o lugar deles, aí senta lá, dá licença fazendo o favor.

E10: A gente também tem o direito de ser respeitado. Não é porque a gente é mais novo, a gente também, a gente tem coração, a gente é igual eles. Eles não respeita a gente, do mesmo jeito que a gente tem que respeitar eles, eles têm que retribuir com respeito com a gente também. Eles pensam que não porque 'eu sou mais velho, todo mundo tem que me respeitar, respeita eu', não é assim também.

E10: Eu acho que eu vou mudar.

E10: Eu discordo também. Porque tem uns que acha que é mais que os outros, que tá sempre certo.

E10: Eu discordo. Porque é como a P. falou, principalmente com os idosos. Se eles não respeitam por que...

E10: É. Porque tem muitos idosos que eles tiram proveito, né? Da situação. E tem outros que não, tem outros que são sinceros. Eles falam a verdade. Eles aproveitam da velhice

deles. Tipo assim, os idosos, você tem que obedecer, então você não tem que xingar eles não pode fazer nada, tem uns que merecem o respeito, tem outros que não. E tem uns que se aproveita. E tem uns que são, assim trapaceiros. Eles pegam a velhice deles e aproveitam pra usar como arma, assim. Porque tem muitos idosos que são folgados, tipo, tão sempre pedindo carona, pra qualquer um que passa, pede carona, de repente, pegar ônibus, essas coisas assim.

E10: Tem vários tipos de idosos, né? Tem idoso que se aproveita da situação, tem idoso que é mais calmo...

E10: Porque eu achei que uma pessoa mais velha que tinha respeito, ela podia respeitar também. Que nem uma vez, eu peguei o ônibus e tinha uma senhora, né? Que tava sentada, aí a mulher chegou assim e falou 'não tem como você ir pra trás e deixar eu sentar aqui?' nem pediu, por favor, e falou toda ignorante, entendeu? Então eu acho que se a pessoa quer respeito ela tem que respeitar também.

E10: Eu não tenho paciência com os mais velhos.

E10: Por exemplo, minha vó. Ela sempre teve do lado da minha mãe, essas coisas assim. Ela sempre ajudou. Então eu acho assim, que dela não tenho nada que reclamar.

E10: ela sempre ajudou, cuidou assim, ajudaram os próprios filhos, né? Acho que isso aí não é um respeito adequado pra dar pros filhos, né?

E10: Depende, você num vê lá no jornal o velho roubando lá?

E10: Começa a roubar desde pequeno.

Expressão debatida: Nada é mais prazeroso do que estar com os amigos

E10: Eu acho que é a mesma coisa que a do sexo, prazer, você sente prazer fazendo sexo, ficando com os amigos, com a família.

E10: É uma questão de gosto, eu gosto de estar aí com as meninas, com os amigos, de estar sempre brincando, zoando, cuidando da vida dos outros, é legal, eu também gosto de estar com a minha família, com o meu namorado, é tudo uma questão de gosto.

E10: Tem hora que é bom ficar com a família, tem hora que é bom ficar com os amigos.

E10: Tem hora que é bom ficar com a namorada.

E10: Cinquenta por cento é bom ficar com os amigos. Tem hora que agente quer ficar sozinho.

E10: Varia muito.

E10: Eu discordo, eu acho que não é tão prazeroso estar com os amigos, é bom, mas não é o essencial. Semana passadas, eu juro que tem certos amigos que eu quase jogo pela janela, pessoas que estão pisando na bola, abusam da boa vontade, eu acho que isso não é prazeroso, não foi prazeroso pra mim. Prazeroso foi estar com a minha família, com a minha irmã, com o meu cachorro, com o namorado, mas com certos amigos não.

E10: Mas não é a mesma coisa.

E10: Mas aí você divide, você coloca ou o amigo, colega ou conhecido. Mas tem horas que é muito melhor estar com o seu cachorro do que com qualquer outra pessoa.

E10: Concordo.

E10: Eu prefiro o meu gato.

E10: Eu acho que tem hora que o cachorro é muito melhor.

E10: Porque não reclama, né?

E10: Depende do momento.

E10: O cachorro te ouve.

E10: Eu concordo, porque às vezes você pode ser uma pessoa depressiva, você estar com os seus amigos você esquece assim, dos seus males, dos seus problemas. Se você tiver algum problema você esquece. Você se diverte então você acaba se distraindo. É bom ficar com os amigos, mas, tem hora que a gente precisa ficar sozinho, parar pra refletir um pouco sobre

nós mesmo, né? Então eu concordo que é bom estar com os amigos.

E10: Mas existem certos amigos que deixam você só pior, que invés de dar a mão pra te tirar do buraco só empurram pra dentro do buraco.

E10: É, mas eu acho que isso não é amigo.

E10: o que é ser amigo e o que não é ser amigo. Como o J, falou, tem amigos, colegas e conhecidos. Então aí depende da escala que você colocou.

E10: Eu continuo em dúvida.

E10: amigo verdadeiro?

E10: você fala de tudo o que acontece com você.

E10: Pai e mãe é amigo? É logicamente que é amigo.

E10: Dentro dos limites, né?

E10: Mas também tem assuntos que eu não converso com os amigos.

E10: O amigo a gente não define só assim. Amigo pode ser aquela pessoa que tá com você, que nem, que todo mundo sabe que pode estar nos momentos ruins, momentos bons, não necessariamente grudado toda hora, mas quando você precisa é claro que, é quando você precisa, amigo é isso, não é aquele que fica passando a mão na cabeça, dando risada, sempre o tempo todo com você.

E10: Amigo é aquele que fala a verdade.

E10: Antes eu acreditava que amigo era aquele que sabia, que tava com a gente no momento difícil, mas depois eu descobri que amiga minha, era tipo a J, que quando eu coloco alguma coisa pra ela que não seja cumprida ela ficava, de verdade. Amigo, pra mim é aquele que eu vejo no olho dele que tá, que tá do meu lado. Também nas horas difíceis, mas principalmente, ela fica feliz de verdade. Eu vejo no olho dela. Ela se preocupa com uma coisa que aconteceu comigo, se eu fui bem numa prova, se eu não fui. E aquela pessoa, ela não fala o que eu quero ouvir, ela fala o que eu preciso ouvir.

E10: Esse é o amigo verdadeiro. Ele não tá lá só mexendo a cabeça. Ele tá do seu lado

Expressão debatida: você sempre pode confiar em um amigo - G1

E10: Eu discordo plenamente. Eu discordo porque, você tem um amigo e nem sempre esse amigo pode tá com você, ao seu lado. Eu nunca, a palavra nunca não é, que ele nunca vai estar ao seu lado. Então quer dizer, você nunca pode confiar num amigo dando a certeza pra ele que você pode fazer pra ele o que ele pode fazer por você. Então quer dizer, você nunca vai ter a certeza, que ele é seu amigo mesmo. Ele nunca vai estar presente quando, acho que essa é a minha opinião.

E10: Hoje em dia não tem como se confiar, dando toda a sua confiança. Nem sempre né, pode te ajudar. Mas eu mesmo falo isso porque acontece comigo. Nem sempre eu quero muito a uma pessoa, ela sempre foi amigo, mas depois ela se juntou com uma outra e, eu contei uma coisa pra ela e quando vi todo mundo tava sabendo. É difícil você confiar mesmo numa pessoa, pode confiar nela de vez em quando pra certas coisas, mas não tem como colocar toda a sua confiança, contar coisas suas intimas, não tem como, só a mãe mesmo. Só a mãe mesmo é sua melhor amiga. Pode dizer que não, mas tem muitas pessoas falsas.

E10: Eu discordo porque, por exemplo, você tá falando com um amigo agora, quando ele vira a esquina ele tá falando mal de você e acaba te ferrando às vezes, assim, e eu acho isso falsidade entendeu? Não é certo numa amizade.

E10: Fala mal pelas suas costas.

E10: Eu também, eu discordo porque você tem que sempre assim, ter o pé atrás porque você não sabe muito bem qual é a pessoa, pode falar mal de você por trás.

E10: Eu concordo porque meus amigos eu confio neles, eles também confiam em mim, nunca briguei, discuti com eles. Sempre estiveram do meu lado, conversamos direto, sempre confio nele, nunca, nunca fizeram nada de errado assim pra mim. Eu concordo.

E10: Eu discordo. Porque tem muitos amigos são falsos. Só isso.

E10: Você conta uma coisa pra ele, ele vai e conta pra uma pessoa pior ainda, aumenta.

E10: Eu tenho minha cunhada. E minha mãe e meu irmão, só.

E10: E acho que o que importa é a gente ter um amigo mesmo, posso desconfiar, mas acho que mais pra frente eles vão achar um que possa confiar. Isso é, isso é por dentro.

E10: Não tem só pessoa ruim, mas tem que achar uma pessoa boa mesmo.

E10: Sempre tem uma pessoa ruim.

E10: Hoje eles podem ter um pensamento, amanhã pode ter outro. Pode arrumar um amigo que possa confiar, que te auxilie.

E10: os nosso pais, não é só o nosso amigo agora, hoje ou amanhã, os nossos pais é amigo nosso eternamente.

E10: Tem que ter alguém que goste de você se não tiver o pai ou a mãe.

E10: Tem muita gente que não gosta ...

E10: É, mas sempre acha alguém.

E10: Eu mesma, só meu pai, minha mãe e meu irmão.

E10: Porque você conta alguma coisa pra pessoa e a pessoa sai aí falando pra todo mundo. Pra zombar de você.

E10: que você não conhece como ela é, ela tem inveja assim, você brigou com ela, ela vai e espalha pra sala inteira.

E10: É aos poucos, você vai e conta uma coisinha...

E10: Tipo assim, você, ele, aí eu só vendo assim, tipo como ele é, num vô chega nele já, tipo assim se ele é fofoqueiro, mentiroso, essas coisas assim eu não vou querer amizade dele.

E10: Eu tenho a maior pena, porque é o que mais tem.

E10: É igual, assim, fofoqueiro é o que tem mais amigo e os amigos são mais fofoqueiros que ele.

E10: Mas não é amizade de verdade.

E10: Uma amiga que você pode confiar nela, você conta seus problemas pra ela, ela fala os problemas dela pra você...

E10: Você tem confiança na pessoa.

Expressão debatida: você sempre pode confiar em um amigo – G2

E10: Discordo plenamente.

E10: Porque assim, amigo, o único que existe na terra é mãe e pai e sendo que tem muito pai que abusa de filha, tem muita mãe que joga filho na rua só porque não acha certa a atitude do filho, então se nem nossos pais nós podemos confiar totalmente, a gente não pode confiar em ninguém. Porque a pessoa pode estar do seu lado, 'nossa, você é minha amiga', na hora que virar as costas mete o pau em você, entendeu?

E10: Não, a única pessoa próxima pra mim é Deus, porque nem no meu dente eu posso confiar, na hora que eu estou lá comendo, sentindo o maior prazer ela foi lá e mordeu a minha língua. Então, eu não posso confiar em mim mesmo.

E10: Também, é e mesma coisa que ele falou, eu discordo plenamente. Eu não confio em mim mesmo porque às vezes eu vou fazer alguma coisa, eu falo 'ah, eu vou comer isso, hoje', meu amigo passando vontade eu não vou comer mais. Então, já foi outra coisa pra eu fazer. O meu amigo fala 'ah, você é meu melhor amigo, que não sei o quê', aí chega ali na outra, 'nossa, você é meu melhor amigo', tem muita gente hoje que faz isso, então.

E10: Uma vez aqui, a gente teve uma briga aqui na escola em que eu me envolvi, muitos amigos meus falaram assim, 'pode ir que eu vou junto com você', não vai entrar ninguém, vai ser só você e o moleque', cadê? Eu apanhei de 15, não estava ninguém lá pra me ajudar,

só 3 ou 4 o resto ficou lá, cadê os meus amigos?

E10: É porque o mesmo fato que ele está falando aí, às vezes o momento que você, chega assim e ‘você é meu amigo, eu vou com você, tudo o que você precisar, estamos aí que vou te ajudar’, você fala ‘beleza’, aí um dia o cara vai chegar pra você e falar que você está na lista dele e fala ‘você já era meu, você pra mim já está morto’, você vai chegar no amigo e falar ‘pô, mano, o cara chegou em mim agora e falou que vai me matar e estou precisando de uma força’, aí ele fala ‘ah, mano, não posso te ajudar em nada’ então, é como se você estivesse sendo traído porque você confiava muito naquela pessoa, ele falou que era seu amigo, sempre que você precisasse você podia contar com ele mas na hora mais difícil, na hora do aperto mesmo ele não vai te ajudar. Eu acho assim, que até acontecer é uma coisa.

E10: Porque nem sempre você pode confiar, porque é como eles falaram, na sua frente é uma coisa, atrás de você, você não sabe, ele mete o pau mesmo.

E10: Porque eu discordo assim, que quando uma pessoa fala que é sua amiga, ela procura ser sincera, mas não é assim, né? Praticamente. Eu tenho uma amiga, experiência própria, ela fala que é minha amiga, que vai sempre estar do meu lado e que tipo, uns 3 anos atrás eu estava namorando um cara, ela falou ‘pode contar comigo, qualquer coisa eu vou ajudar vocês a ficar junto’, e o que ela fez? Eu acreditei nela aí no outro mês ela pegou e beijou o meu namorado e ficou com o meu namorado aí tá, eu descobri e aí eu falei ‘nossa, como você foi capaz de fazer isso? Você não falou que era a minha melhor amiga?’ Ela, ‘não, eu era mas só que...’ aquela conversa, né? Aí eu falei, aí tudo bem eu perdoei ela, ela falou ‘sou sua amiga’, aí eu falei ‘agora vou ficar mais esperta com ela’, aí eu estou namorando com um cara de novo, outro, aí ela falou ‘vou ajudar vocês, vou dar uma força’ aí eu falei ‘de novo você com essa conversa?’ E está dando em cima do meu namorado mas agora eu estou mais esperta com ela, entendeu ? Mas a fisionomia às vezes que a pessoa fala com você já dá pra saber que ela não vai ser uma amiga, as ações dela, né? As atitudes.

E10: Não, amiga ela não é mais minha. Colega, eu levo, suporto ela. Eu deixo ela pensar que ela é minha amiga, eu deixo ela pensar, mas realmente eu estou vigiando o que ela faz, ela não está sabendo que eu sei que ela está dando em cima do meu namorado.

E10: Você está dando a corda e quando ela perceber ela...

E10: Quando ela ver que eu não estou fazendo isso, aí ela vai ver só.

E10: Em outros aspectos também. Ao seu redor, né? Sempre tem, praticamente sempre tem.

E10: Ah, amigo é aquele que você tem do seu lado, que quando você precisa, ela ajuda, de alguma forma ela ajuda, mesmo não estando na possibilidade ela sempre tenta ajudar em alguma coisa e você também tem que procurar ser um amigo sinceramente.

E10: Assim, ela falou que, de amigo que fala que é amigo, eu não acho certo amigo chegar e falar pra você ‘olha, eu sou seu amigo’, que amigo que é amigo não fala, prova, tem atitude e a maior prova disso é Deus, ele não está aqui do lado de ninguém falando ‘olha, eu vou ser o seu amigo, eu estou do seu lado’, ele prova pra todo mundo e ele provou dando a vida de todos, então eu acho que amigo é ele, o único, ninguém é melhor do que ele.

E10: A palavra amigo pra mim significa Deus.

E10: Pra mim também.

E10: Eu acho que nem, todos [...] aqui, não somos amigos, somos colegas.

E10: Amigo pra mim é só Deus, só. Porque sempre que você precisar dele, ele vai estar lá pra te ajudar.

E10: Ela falou assim, da questão da falsidade, que a menina foi e deu em cima do namorado dela, só assim, que dá pra você ver quando a pessoa é falsa quando você fala com ela, que nem eu e a Táís, a gente é super truta, né T.? E uma coisa que eu acho super errado, não sei se vocês vão concordar, mas eu acho errado, aquela pessoa que é seu amigo, mas você está precisando de um conselho, daqueles conselhos dos bons, mesmo que seja pra te esculachar, mas é aquilo que você precisa, chega e fica assim em você, não é, amigo é aquele que cata e fala a verdade...

E10: Fala a verdade.

E10: Não é aquele que fica, você está fazendo uma coisa errada ‘vai que eu te apóio’, não,

não é isso, ‘você está fazendo coisa errada’, eu acho que amigo não, que nem, tem pessoas que eu confio de mais, que nem a T., não é porque ela está aqui porque eu ia falar, eu acho que o único amigo de verdade é Jesus, é Deus, é Jesus, ele é o único amigo de verdade, que nem ele falou que sempre que você precisar vai estar aqui, e eu acho, que nem, eu estou em dúvida, porque tem pessoas que são amigas sim, que quando você precisar vão estar lá, só que tem pessoas que falam ‘eu vou estar lá’, só que você sabe, ‘ah, eu vou estar lá’, você sabe que a pessoa não vai estar, então você tem que saber escolher as suas amizades, nem todo mundo é falso, você tem que, sei lá a pessoa foi falsa comigo, então, já aconteceu traição de amigo comigo logicamente já aconteceu e eu num perdoei, ela veio pedir desculpa e eu ‘tudo bem’, só que aí eu esperei um abraço dela e aí eu fui e ferrei com ela na primeira oportunidade.

E10: Com certeza.

E10: Logicamente. Só que eu também acho assim, não é a minha índole, se eu não gosto da pessoa eu também não vou falar com ela, eu não gosto dele, eu falo com ele porque ele me enche o saco, então. Desculpa, depende da pessoa.

E10: Tem pessoas que merecem confiança, tem pessoa que não. Que nem, surgiu o assunto de novo de pagar com a mesma moeda, a pessoa me traiu eu traí também, eu esperei a pessoa me dar oportunidade, achar que eu era amiga dela e aí eu fui lá pá...

E10: Não, eu não acho justo uma pessoa que confia muito em mim pra contar o seu segredo, eu catar e abrir a boca.

E10: ela vai chegar em mim e vai falar, ‘seu namorado está me afastando de você’, pro seu bem e pro meu, vai dar em cima do meu namorado aí ela leva um pau mesmo.

E10: É que nem em todo mundo você pode confiar, tem pessoas que você não pode confiar, tem pessoas que você fala uma coisa pra ela, ela vai lá pra outra pessoa e mete o pau em você, eu acho que isso é errado, entendeu? Você conta uma coisa pra uma pessoa, você vira as costas e ela vai lá e mete o pau em você. Não tem que fazer isso, se ela é sua amiga mesmo ela não deve fazer isso, ela tem que guardar pra ela.

E10: Concorde, se tem uma coisa que eu dou muito valor é a amizade, mas eu acho que há umas 2 ou 3 semanas atrás eu teria colocado em ‘concordo’ até que pisaram na bola feio comigo, mas assim, vou fazer o que? Eu perdoei e eu estou vendo as pessoas pagarem, são pessoas em quem eu confiava muito e que pisaram na bola feio comigo e agora pra mim é assim, eu estou de relações cortadas, mas eu não tenho raiva.

E10: Então, que nem ela acabou de falar, que ela está vendo as pessoas que magoaram ela pagarem, quem você acha que está fazendo isso? A única pessoa que é sua amiga mesmo, a pessoa que está do seu lado a toda hora, mesmo que você não perceba é Deus, ela está do seu lado, ela está vendo ‘você jurou, jurou o meu nome em falsidade’ se eu chegar na pessoa e falar ‘você é minha amiga’, agora está traindo ela, agora você tem que pagar, ele faz, não a gente.

E10: Pra você ver como nós, seres humanos, somos, é por causa disso que nós achamos que Deus é nosso amigo e olha quantas vezes que nós não traímos ele hein?

E10: Mas ele está sempre lá pra perdoar.

E10: Que nem todo mundo aqui falou, eu também acho que o meu melhor amigo é Deus. Mas quantas vezes eu não traio ele?

E10: É verdade, eu concordo plenamente.

E10: A única diferença dele é que ele não vai dar com a mesma moeda, ele sempre vai estar lá e te perdoar.

E10: Por isso que ele é meu melhor amigo, mesmo eu traindo ele.

E10: Desde pequeno eu sempre falei, isso foi uma criação que a minha mãe passou, que a única pessoa que dá perdão é Deus e ele é tão bondoso que ele ainda tem coragem de o pior pecado que a pessoa cometeu, ele dá perdão.

E10: Eu tenho amigos em quem eu confio de verdade, na maioria eu confio muito e nunca tive problemas assim, eu acho que Deus, Jesus é sim o melhor amigo, é ele que nunca vai trair a gente, mesmo que a gente esteja errando, esteja pisando na bola, ele nunca vai trair a gente, é nele em quem a gente pode confiar completamente, mas a gente tem amigo sim que

pode confiar.

E10: Eu posso até discordar plenamente, mas eu tenho duas pessoas na minha vida que eu posso confiar de olho fechado que é minha mãe e minha irmã, elas pra mim são tudo.

E10: Eu confio mais em alguns amigos do que nos meus pais. Eu nunca tive muito diálogo, então...

Expressão debatida: um amigo nunca cagueta o outro

E10: um amigo não cagueta, não.

E10: cagueta, sim...

E10: eu concordo, porque se é amigo de verdade não cagueta, não.

E10: depende...

E10: eu plenamente, plenamente.

E10: eu acho que se é amigo mesmo, como fala na frase, não cagueta, não.

E10: eu concordo, eu concordo.

E10: eu também...

E10: concordo plenamente aqui, oh, primeirão aqui...

E10: amigo que é amigo não cagueta...

E10: eu posso estar ferrado, ficar sem nota, mas nunca cagueto...

E10: nós nunca caguetaamos quem rasgou a página do livro...

E10: concordo, amigo de verdade não cagueta, não.

E10: eu concordo, porque amigo de verdade não faz isso...

E10: se fizer, é porque não é amigo...

E10: eu já falei, que eu concordo, se é amigo de verdade, não cagueta...

E10: mas eu conheço um amigo que cagueta, amigo da alma...

E10: realmente se for um amigo meu, eu escondo, porque eu sei que ele ia fazer a mesma coisa comigo.

E10: se for o melhor para ele...

E10: se for um familiar...

E10: se ele fez alguma coisa que pode ferrar, aí eu...

E10: se for amigo de verdade...

P: amigo que é amigo, é amigo.

Expressão debatida: sexo está em primeiro lugar em matéria de prazer

E10: Vai, começa o mais experiente.

E10: Bom, eu discordo plenamente porque eu acho que existem coisas mais prazerosas do que sexo.

E10: Não sei, comer bolo de chocolate não, eu acho que o prazer...

E10: Mas aí você tá comendo. Eu acho que tem coisas mais importantes, é um prazer momentâneo, acabou, acabou. Você não vai ter o que fazer depois daquilo. Mas, eu acho que tem coisas mais importantes, eu acho que estar com a família, fazer uma coisa que você goste, dá mais prazer do que exatamente, às vezes..

E10: Tá com uma pessoa, o seu companheiro, dá mais prazer você estar de mão dada, ter uma conversa legal...

E10: Do que tá praticando. È o momento.

E10: É um momento.

E10: Tudo tem sua hora.

E10: E outra coisa, até o momento em que a pessoa, vamos dizer, se é prazeroso então quer dizer que até o momento em que a pessoa pratica o sexo pela primeira vez, ela nunca teve prazer na vida? Nada? Acho que não. Então eu acho que não deve ser a coisa mais prazerosa do mundo.

E10: Com certeza.

E10: Eu tô pensando ainda.

E10: Vamos ver o que ele vai falar.

E10: Bom, prazer varia de pessoa pra pessoa. Alguém tem prazer escutando música ou fazendo sexo ou varia muito, então não é o melhor, varia muito de cada pessoa, né? A pessoa acha que é o maior prazer fazendo sexo.

E10: É porque do meu ponto de vista é bom, mas tem coisas melhores.

E10: Então, é que nem eu falei, é bom? É, mas tem coisas melhores, do meu ponto de vista, né?

E10: Tudo tem o seu momento.

E10: Mas também você não vai passar o dia.

E10: Não vai passar o resto da vida sem fazer, não é?

E10: Ou fazendo sem parar. Só pra ter prazer naquela hora, entendeu?

E10: Eu acho que vai da definição de prazer de cada um. Então, também.

E10: Tem outras coisas aí melhores do meu ponto de vista.

E10: não é assim. Num relacionamento você vai, meu namorado chega na minha casa, pronto, é agora.

E10: Aí você vai pra casa dele.

E10: Exatamente.

E10: depende, surgiu o assunto e eu perguntei, de zero a dez e ele deu dez, e eu perguntei por que. Aí eles falaram assim, que numa relação sexo é importante porque na relação você sente é assim, sentimento da pessoa, vamos dizer assim.

E10: Eu acho que muitas pessoas fazem sem tocar o sentimento.

E10: Eu acho que o fato de você fazer sexo com outra pessoa não tem que..

E10: Ah, eu não acho.

E10: É o que eu penso.

E10: Não sei, tô pensando.

E10: Ah, eu conheço pessoas que já tiveram relações vazias que, só sexo.

E10: E esse rapaz falava pra mim. Era vazio, a menina não tinha cabeça, ela não tinha ideia, era só sexo. Era só o que ele queria com ela.

E10: Tudo na vida é consequência de outra coisa, não adianta nada ‘vamos lá pro vamos ver’.

E10: a partir do momento que tem amor.

E10: Não valorizar o próprio corpo.

E10: acho que tem que ter amor.

6.10.3 Consumo de Drogas

Para os jovens dessa escola o consumo de álcool está relacionado a momentos de diversão, no entanto não é a melhor forma de se divertir. O consumo de álcool trás alegria momentânea, mas geralmente resulta em

situações de violência, principalmente na família. A deflagração da violência também tem relação com características de personalidade das pessoas. Algumas pessoas já teriam uma propensão a reagir de forma violenta e nesse caso o consumo de álcool facilitaria ou intensificaria a manifestação de um comportamento violento. Outras pessoas podem manifestar comportamentos mais afetuosos ou de alegria quando consomem o álcool. A manifestação de violência também estaria relacionada à quantidade de bebida ingerida. Em contradição entendem que qualquer pessoa que consome álcool perde a noção do que está fazendo e fica mais reativa e propensa a violência quando está sob o efeito do álcool. Nos argumentos a favor da liberação compreendem que o fato da venda de bebidas alcoólicas ser proibida para menores não impede que sejam consumidas. Outro fator é a atração que o proibido pode exercer sobre os jovens (só bebe porque é proibido). Aqueles que concordam com a proibição entendem que o consumo pode induzir a acidentes de trânsito (bebem e batem o carro). As pessoas podem consumir álcool todos os dias ou eventualmente.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram as expressões “bebidas alcoólicas deveriam ser permitidas para menores”, “o álcool traz uma sensação de alegria”, “quem bebe é violento”.

Expressão debatida: bebidas alcoólicas deveriam ser liberadas para menores

E10: não é que eu quero beber, mas sendo proibido ou não, de menor bebe... então, é melhor permitir logo que...

E10: cada um vai pela sua cabeça...

E10: mas mesmo sendo proibidas todo mundo bebe...

E10: tem gente de 10 anos bebendo...

E10: por ser proibido é mais uma coisa para – ah, então, eu vou lá fazer...-, só porque é proibido...

E10: às vezes se não fosse...

E10: se não fosse...

E10: é, talvez não beberia... porque se sentiria igual aos outros.

E10: sendo proibido ou não, a meninada bebe do mesmo jeito, então, libera logo...

E10: o pessoal só bebe porque é proibido...

E10: tem gente que bebe porque gosta, bebe todo dia...

E10: então, é alcoólatra...

E10: agora tem gente que bebe uma vez por mês...

E10: sim... deveriam proibir, quantos tem que bebem e batem o carro, que vão dirigir. Tem pessoas que são de maior de idade, mas também tem pessoas que são de menor de idade.

E10: deveriam ser permitidas, você discorda?

E10: discordo...

Expressão debatida: o álcool traz uma sensação de alegria

E10: Eu acho que não...

E10: eu acho que não, porque vai brigar com a família, aí só vai piorar a situação, você não vai ficar alegre...

E10: eu discordo. Porque toda a sensação de bem estar, de alegria, é passageiro, bebe, bebe, mas passa logo, aí vai brigar porque não se sente bem.

E10: ele não pensa, na hora que está tomando lá não pensa em nada, né. Mas depois, só vai sentir dor de cabeça...

E10: tem gente que não tem nada para fazer, aí vai beber, vai se divertir...

E10: eu acho que não precisa da bebida para se divertir, pode se divertir tendo noção do que está fazendo...

E10: tem gente que bebe para brigar com os outros, fica se agarrando com os outros...

E10: outros para se divertir...

E10: outros acabam brigando...

E10: eu nunca bebi de cair no chão...

E10: tem gente que não faz nada, que bebe...

E10: eu acho que depende da pessoa...

Expressão debatida: quem bebe é violento

E10: nem todo cara que bebe é violento, se a pessoa bebe e é violento, aí se torna mais violento, mas se a pessoa é normal aí pode beber que...

E10: isso varia de pessoa para pessoa. (referem diferenças entre pessoas normais e anormais que determinam suas vivências com a bebida)

E10: tem gente que vai em casa e briga com a mulher, tem gente que vai e faz amor com a mulher... vai da pessoa.

E10: eu concordo, porque uma pessoa quando bebe perde a noção do que está fazendo... então, qualquer coisinha que fizer para ela, ela vai querer revidar... (todos que bem são iguais e mais suscetíveis à violência)

E10: eu acho que quem bebe, depende de quanto beber também, sei lá... (apontam o fator quantitativo com diferenciador dos desfechos)

E10: pelo que a gente falou. Não é todo mundo. Depende da pessoa, porque eu já vi gente que fica agressivo e gente que não, fica dando risada...

E10: ainda faz os outros dar risada...

E10: eu concordo, porque tem gente que bebe demais, tem pessoa que não, mas, depende da pessoa.

Os jovens dessa escola reconhecem que existe prazer em consumir drogas, porém entendem que é somente momentâneo resultando em culpa, doenças, sofrimento físico, práticas de roubo e dependências. Entendem que a pessoa que consome drogas não tem noção do que faz, pois essa seria uma

forma de esquecer os problemas. No caso do consumo de maconha entendem que a ela em si, como um produto ou objeto, não é ruim e que a depender da forma de consumir pode ou não trazer problemas. Nem sempre as pessoas sabem identificar os motivos do consumo. Ainda compreendem que a visão da sociedade é a de que a maconha é do mal, mas do ponto de vista de cada pessoa pode ter vários significados. A maconha pode trazer sensações agradáveis momentâneas, mas trazer prejuízos irreversíveis ao longo do tempo. Alguns acreditam que as pessoas podem ficar dependentes sendo que esta se instala quando as pessoas passam a usar a maconha para aliviar sofrimentos e fugir dos problemas tendo como consequência um abandono de si. No entanto muitas pessoas podem fazer um uso que não traga problemas e nem dependência. O consumo da maconha é também compreendido como uma porta de entrada para outras drogas.

Os jovens que são contra a legalização da maconha compreendem que o acesso ficaria mais facilitado e aumentaria a criminalidade. A maconha seria uma porta de entrada para o consumo de outras drogas e para a criminalidade resultando em mortes. Os argumentos a favor da legalização se referem a possibilidade de maior controle pelo Estado sobre o comércio e o consumo gerando a cobrança de impostos e diminuição do tráfico e mortes. A responsabilidade pelo tipo de consumo dependeria da consciência de cada um pois o acesso já está facilitado mesmo sendo proibido.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram as expressões “usar drogas é prazeroso”, “a maconha é do bem” e “a maconha deveria ser legalizada”.

Expressão debatida: usar drogas é prazeroso

E10: discordo. É, eu discordo, nunca usei, como eu vou saber. Falam que é ruim...

E10: discordo, porque mesmo que a pessoa sinta prazer, depois a culpa dela vai ser bem maior do que o prazer que ela sentiu.

E10: discordo, porque o prazer que ele sente é só na hora, e depois que passa está pior que, fica doente, com dor de cabeça, essas coisas...

E10: discordo, porque quem usa droga não tem noção do que faz...

E10: discordo, porque acho que usa droga para esquecer os problemas, e só piora.

E10: discordo. porque eu acho que droga não é vida. É uma coisa que, pensa que vai resolver o problema, mas não resolve nada, só piora, começa a roubar para sustentar o vício...

E10: eu discordo também, porque fica dependente daquilo, discordo plenamente.

E10: eu não sei, nunca usei. Mas depende da pessoa que usa, ela pode sentir prazer...

E10: estou em dúvida, nunca usei...

E10: Uns falam que é 'da hora', outros falam...

Expressão debatida: a maconha é do bem

E10: Você vai colocar tô em dúvida Cauê?

E10: Depende do ponto de vista de cada pessoa, então, sei lá então...

E10: Bom, mas é minha opinião, então...

E10: Porque eu discordo que ela seja legalizada, porque eu acho que...

E10: Mas ela é do bem?

E10: não, eu não tô falando que ela seja...

E10: Se ela é do bem ela pode ser legalizada.

E10: Eu não sei, talvez.

E10: Eu, assim, estou em dúvida no caso, porque eu não acho que ela seja assim do mal. Eu acho que o efeito que ela causa na sociedade é do mal. Agora, ela em si, não. Não é uma coisa assim, ela não é assim, não é uma coisa que ela vai, se você fumar uma vez na vida você vai morrer por causa disso.

E10: Eu discordei porque, assim, o meu ponto de vista não é uma coisa que possa dizer assim, do bem, é claro que varia assim, do ponto de vista de cada pessoa, né? Você vai chegar num usuário e assim, maconha é do bem? Do ponto de vista não é, porque é algo que segundo aí o que agente sabe, e outra que seus neurônios assim, se é como o pessoal fala, já era, derrete.

E10: Uma alegria momentânea.

E10: Tá meio triste, vai lá fuma uma maconha e volta feliz, fica meia hora e daqui a pouco tá triste de novo. Pior do que estava.

E10: Agora, o Cauê tá pensando...

E10: Acho que nada que deixa o ser humano fora de si assim é bom.

E10: Bebida não é bom, nada que provoca um prazer momentâneo, só naquela hora, não é bom. Porque depois passa, é só uma ilusão.

E10: Depende muito do prazer aí, mas, Não, tem que ser sincero, né?

E10: Claro que quem é bom vai provar que é bom.

E10: É lógico.

E10: A partir do momento que interfere na sociedade, que as outras pessoas, no outro, não é bom.

E10: Você pergunta pra alguém que usa, é difícil a pessoa saber responder exatamente porque que usa.

E10: Ah, não sei, ah, sei lá.

E10: É porque é um vício, né?

E10: Difícil a pessoa assumir, eu sou viciado nisso...

E10: Mas eu acredito que maconha não vicia.

E10: Eu não vejo maconha como um vício. Eu acho que as outras drogas são sim, mas a maconha não.

E10: Eu acho que ela é um início, você usa maconha até um certo tempo, depois ela não faz aquele efeito e pra conferir você vai pra cocaína, entendeu? Ela é uma porta de entrada pra outras drogas. Mas, pra drogas mais fortes, porque, álcool e cigarro tem em todo lugar, mas eu não acredito que a maconha vicia. Mesmo porque eu conheço muita gente que fuma maconha há muito tempo e não tem como viciado. Que viciado pra mim é aquela pessoa que fica jogada pelos cantos, é uma pessoa que perde assim, acho que a sua vida por causa,

em função daquilo, entendeu? Pra mim isso é o viciado.

E10: Tá triste, fuma uma maconha e fica feliz. Eu acho que aí já tá viciado.

E10: A mesma coisa que o cigarro.

E10: Mas eu também, eu continuo acreditando que a maconha não vicia.

E10: Vicia porque fica compulsivo.

E10: Será?

E10: Meu pai, Que nem o cigarro pro meu pai, ele é fumante. Às vezes, vamos supor, que nem ela falou, ele tá estressado, vai lá, fuma um cigarro, aí ele termina um cigarro, fica lá meio atordoado, não tem essa de não vicia.

E10: Meu pai fumou cigarro há trinta e dois anos. Ele sempre ficava naquela história, aí eu paro quando eu quero, eu paro quando eu quero, aí parava dois meses, quando ele voltava, ele fumava o dobro do que ele estava acostumado a fumar. Depois ele parou, aí quando ele parou ele assumiu, eu realmente era um viciado, porque eu não dominava o meu vício. Depois que ele parou.

E10: Com o tempo você começa a, essa droga e você começa, você não deixa aquilo, né? Ela começa a sentir falta, o seu organismo vai precisar, então?

Expressão debatida: a maconha deveria ser legalizada

E10: Primeiramente eu discordo plenamente, porque a maconha é uma droga mesmo, então não deveria ser legalizado assim de uma forma tão, aliás, nem deveria, né? É algo que na minha opinião, tanto ela sendo legalizada ou não ela acabaria acho que pior, né? Assim, as pessoas que usam a droga, muitas vezes não têm condição de comprar, que nem hoje, pode ser tanto no tráfico, ou legalizado, por não ter condição de comprar, chegaria um ponto mais alto da criminalidade.

E10: Ele tirou as palavras da minha boca.

E10: Só pra dar uma complementada, ela ia ficar um pouco mais fácil. Ia ser liberal. Mas eu acho que mesmo ela não sendo legalizada ela é mais liberal do que se fosse. Se fosse legalizada seria algo, ia ser legalizada e controlada, entendeu? Um consumo controlado que entraria dentro do país, eu acho que seria mais controlado se fosse legalizado. Eu discordo que deveria ser legalizado, mas fico meio em cima do muro...

E10: É, mais ou menos.

E10: Mas aí fica complicado, controlar todo mundo? É difícil você, na escola mesmo, você ter uma noção de quem já usou, quem nunca usou, entendeu? Que ela tá em todo lugar. Dentro da escola, fora da escola, em casa, do lado de casa. Então, é complicado.

E10: o objetivo da campanha não é tornar uma coisa pessoal, o objetivo em si é parar de usar, por quê?

E10: Todo mundo não, porque eu não uso.

E10: Nem eu.

E10: Mas vai ser legal?

E10: Vai ser um tráfico.

E10: É, nisso aí eu discordo de você.

E10: Tá errado.

E10: Mas eu acho que fica a responsabilidade de cada um. Cada um sabe o que é errado.

E10: Conheço muita gente que fuma maconha e nem por isso rouba, nem por isso mata, nem por isso vai lá na boca comprar.

E10: Mas nem sempre. Muitas pessoas trabalham e consomem de mesmo jeito.

E10: Eu discordo plenamente. Fala assim, é legal, num tô fazendo nada contra a lei. Mas aí hoje ele começa na maconha, amanhã tá na cocaína. E amanhã morreu. E daí a pouco tá até roubando.

E10: não é que seria bom, mas pro governo, se ele legalizasse a maconha ele teria mais um

imposto pra cobrar, com certeza iria cobrar um imposto, ia diminuir o tráfico de drogas e dar uma organizada, né? Com isso ia diminuir muita morte de policial aí. Só de policial, né. Porque do povo. De inocente também, ia amenizar um pouco.

E10: É, fica meio assim né, mas no momento agora eu discordo plenamente. Agora mesmo...

E10: Amanhã quem sabe? Tudo tem seus dois lados. Nada é absoluto.

E10: Eu acho que a legalidade não vai. Mas vai ajudar a ter um controle, eu acho.

E10: Também acho.

E10: Que nem cigarro.

E10: Mas cigarro é legalizado, mas mesmo assim tem cigarro do Paraguai.

E10: Vai ter maconha do Paraguai também.

E10: Não, é da Colômbia.

E10: É contrabando, a pena é menor.

E10: Não existiria pena.

E10: O Cauê é suspeito.

E10: É Cauê, não sei não.

E10: Porque hoje em dia tá tudo muito fácil, acho que dá pra contar nos dedos quem não teve acesso a isso. Realmente é questão de opinião. Eu já tive, mas não é porque eu tive que eu..

E10: Eu já, eu já andei com pessoas que usavam mas eu nunca usei, nem um tipo de droga.

E10: Eu não acho bom pra mim, mas se pra ele é, é uma opinião dele, pra mim eu não acho e. eu não uso.

Esses jovens entendem que existem distinções entre as pessoas e suas condições de classe. Algumas pessoas podem estar consumindo o crack já envolto em um contexto de abandono, exclusão e dependências (cracolândia, criminalidade). Outras pessoas podem consumir como um prazer e diversão em contextos onde há melhores condições socioeconômicas (classe alta, famosos).

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “somente os nórias usam crack”.

Expressão debatida: somente os nórias usam crack

E10: eu discordo, porque não são necessariamente nórias que usam crack... Tem também pessoas de classe média alta que usam.

E10: eu concordo plenamente, porque quem está no crack já passou pela maconha, pela cocaína e está roubando, está matando, e tal, está fora de casa, não tem pai, não tem mãe...

E10: eu discordo plenamente. Todo nória é usuário...

E10: eu discordo, porque não é só ‘nória’, tem outras pessoas que usa outras coisas...

E10: eu discordo, porque nem todo mundo que usa droga hoje usa crack, e não é só nória. Tem outras pessoas que usam.

E10: discordo, porque muitas pessoas que usam, não precisa ser nória, tem famosos que usam, só para se divertir...

E10: mas crack não é mais diversão já...

E10: eu concordo, porque o pessoal que usa vai procurar ser um nóia.

E10: porque sempre tem aquele que é nóia porque quer ser mesmo...

E10: discordo do que ele falou. Não acho que seja só diversão, acho que é algo a mais para eles...

E10: eu acho que quem está no crack já não é mais diversão, não. Já está roubando para sustentar o vício.

E10: tem as 'cracolândia' lá, os caras morrem abandonados, vivem abandonados.

6.10.4 Participação Política

Para esses jovens a vida em sociedade se tornou mais insegura e violenta. A violência ocorre também pela dificuldade de acesso aos bens produzidos e pelo desemprego. O ambiente está mais degradado com aumento da poluição e destruição das matas. Também o estudo e aprendizado estão mais desvalorizados pelas pessoas. A tecnologia atual é vista como benéfica trazendo melhorias para a vida, mas ao mesmo tempo como maléfica contribuindo pela exploração de crianças na internet e pelo aumento do desemprego.

Descrevem-se abaixo alguns trechos das gravações de grupos focais em que os jovens debateram a expressão “o mundo está mudando para melhor”.

Expressão debatida: o mundo está mudando para melhor

E10: Não tá. Porque, você pensa antigamente. Minha mãe falava, minha mãe, eu comentei isso com a minha mãe. Minha mãe começa a contar, 'porque quando eu era pequena, tinha uma ruinha e a gente se reunia toda noite, brincava até meia noite' porque não tinha ladrão, não tinha assalto, não tinha muita morte. Aí, hoje em dia a gente chega sete horas da noite, a gente sente medo de sair, você sai de casa com medo de você não voltar, você não sabe se você vai voltar. Antigamente, a minha mãe fala, que ela brincava a noite, não tinha perigo, hoje em dia você sai e sente medo, você morre de medo. E antigamente tinha mais árvores, você vê, aqui tinha um monte de árvore, já tá destruindo tudo, hoje em dia não tem mais nada, só poluição, só morte, briga, roubo, não tem mais como você sair seguro.

E10: De certo modo eles vão te ensinar, mas eles vão ajudar a gente, tipo, ela falou que na época da mãe dela era melhor porque a violência, mas não tinha a tecnologia que tem hoje, que tá ajudando a gente, tem tipo, tinha rádio como era antes, televisão, essas coisas. Naquela época não existia isso.

E10: Mas eu não tô falando de tecnologia, eu tô falando dos roubos...

E10: entendeu a pergunta assim, se era na tecnologia ou na violência?

E10: Tá, mas com essas coisas de tecnologia tão mudando pro bem, mas ao mesmo tempo tão mudando pro mal.

E10: Tem o exemplo da internet, tem fotos de crianças, então tem gente que usa uma forma boa, mas tem gente que não usa uma forma boa.

E10: Eu já penso mais assim no estudo da turma, né? Tem, igual antigamente era tudo, você chega numa pessoa que é bem assim lá da década de sessenta, você pergunta pra eles 'nove vezes nove', ele sabe, hoje você vai perguntar, o como a gente é burro. Mas agora você vai

perguntar pra uma pessoa do século vinte e um, não sabe, num tem uma cabeça pra chegar e estudar, a pessoa não quer estudar, ela fala 'eu vou ter tudo sem estudo'.

E10: Aí depois põe a culpa nos professores.

E10: Eu acho assim, que a violência hoje em dia é bem maior do que era antigamente.

E10: Eu acho que a tecnologia pra nós é boa.

E10: Tem tanta gente perdendo o emprego porque os robôs tão tomando o lugar. Tem tanta gente desempregada.

E10: ele falou sobre o rodoanel aqui que eles tão desmatando, por causa que assim, eles tão desmatando só que eles tão replantando também, não só aqui mas em outros lugares também daqui da cidade de São Paulo, eles tão replantando.

E10: E os animais que estavam aí? Pra onde vai?

E10: tá tirando o trabalho das pessoas, a cada dia tem pessoa morta.

E10: Não tinham nem chance de cura. Então, é isso que eu falei. A tecnologia veio pra beneficiar, mas também ajuda a gente, mas ao mesmo tempo também não. Porque os robôs tiraram muito emprego das pessoas, mas...

E10: foram inventados pra ajudar.

E10: ela ajuda? Tipo, na Volkswagen só tem robô.

E10: É o que minha irmã falou, as máquinas, a tecnologia de hoje em dia, tá acabando com o emprego, só que é assim, o homem vem e inventa uma máquina, o que acontece? Ele vendeu uma máquina pra uma empresa, então essa empresa mandou um cara embora, máquina e máquina e máquina e máquina e máquina.

E10: máquina depende do homem, se o homem não tiver presente, ela não tem como, ela funcionar, porque ela precisa de energia essas coisas.

E10: É, a violência continua a mesma, até piorou, né? Piorou a violência, a tecnologia também trouxe muita inveja, essas coisas, porque muita pessoa vê uma pessoa usar um carro de luxo e ela quer ter pra ela, então ela vai querer roubar, invés de ela ir lá dar o dinheiro, ela vai querer roubar.

E10: Eu continuo em dúvida entre os dois, entre esses dois mundos.

E10: Discordo.

E10: Emprego hoje em dia tá difícil por causa dos robô. E mais pra frente se tiver mais robô não vai ter mais emprego.

E10: Vão começar a roubar, vai lá compra um carro, aí vão lá, roubam o carro dela...

7 Discussão

7 DISCUSSÃO

Optou-se por fazer a discussão dos resultados sobre as representações cotidianas encontradas, que expressam as tendências valorativas dos jovens, a partir das dimensões consideradas centrais nos processos de socialização das juventudes. Dessa forma, as dimensões relativas à educação, escola e trabalho serão discutidas conjuntamente, diferenciando-se educação - como meio de desenvolvimento do jovem no seu processo de vida - de escola - como agência socializadora ou instituição que tem função de ensinar as normas, os valores e preparar para o mundo do trabalho.

Também a família se apresentou como uma agência de socialização em interação com a educação e o trabalho. Assim essa dimensão será discutida na sequência, buscando-se incluir questões atinentes às formas de relacionamentos interpessoais e alguns dilemas com os quais os jovens se deparam.

A discussão prosseguirá englobando a dimensão do consumo de substâncias psicoativas, conforme assimilado pelos jovens, para então finalizar-se o capítulo com a discussão sobre participação política.

O percurso empreendido visa discutir o universo das representações cotidianas, expressas pelos grupos de jovens, considerados os diferentes contextos de reprodução social de suas famílias. Fundamenta-se portanto na análise das representações cotidianas expressas pelos jovens nos grupos focais e na análise das características de reprodução social de suas famílias, ambos apresentados no capítulo anterior.

7.1 CONFLUÊNCIA ENTRE EDUCAÇÃO, ESCOLA E TRABALHO

As representações cotidianas dos jovens deste estudo apontam tendências valorativas que indicam uma ligação quase que indissociável entre os processos educativos, a escola enquanto instituição socializadora e o trabalho. A escola acentua-se como o *lócus* de preparação para as altas exigências de qualificação do mercado de trabalho.

Na trajetória dos jovens de adquirir condição de maior independência e autonomia material, em especial, para suplantar a dependência da família de origem, a busca de afirmação profissional se torna emergente. Tiriba e Fischer (2011) discutem essas vinculações e alguns dilemas implicados.

A transição para uma condição de autonomia caracteriza a(s) juventude(s) e pode ser analisada, considerando, como referências fundamentais, a relação dos jovens com a família, com o trabalho e com o lugar da escola. No caso da família, o processo de autonomização está associado ao distanciamento da família de origem e à busca de constituir outra. Já a escola é um lugar que cumpre um papel-chave, no processo de socialização e de institucionalização do saber adquirido (através da certificação). Ambos são elementos de referência, no ritual do “vir a ser” adulto, em nossa sociedade. O trabalho, por sua vez, está diretamente associado à possibilidade, por hipótese, de conquista de autonomia material. A própria ideia de autonomia, na sua relação com trabalho, contudo, pode e deve ser problematizada, uma vez que a remuneração da força de trabalho não tem garantido que a grande maioria dos trabalhadores possa, efetivamente, sustentar a si e às suas famílias. Assim, ingressar no mercado de trabalho não significa, necessariamente, garantia de autonomia (Tiriba e Fischer, 2011, p.14).

As representações cotidianas dos jovens da região C (E1 e E2) - conforme apresentadas no capítulo de resultados e análise - em relação ao valor que atribuem à educação, revelam a vivência de condição estável e segura, quando os planos futuros estão em foco. Já que a escola é valorizada e não há como responsabilizá-la por possíveis fracassos, resta se confrontar com suas próprias capacidades e desempenho pessoal. O sucesso profissional e financeiro dos familiares funciona como mecanismo motivador e os pressiona a seguir nos estudos ao tempo em que torna mais intenso o medo do fracasso.

Ter maior interesse pelo aprendizado, através de imagens e métodos que proporcionam satisfação imediata, relaciona-se ao incremento rápido e importante de novas tecnologias virtuais e digitais que se disseminam modernamente em todos os espaços sociais e são adotadas pelas escolas, notadamente as privadas, que respondem a demandas dos consumidores. Dessa forma, a pedagogia escolar está produzindo novas formas de assimilação e desenvolvimento de habilidades direcionadas prioritariamente

ao fomento da percepção visual e dos sentidos, em detrimento de processos reflexivos e de formação do pensamento crítico.

Libâneo procura compreender as novas exigências da pedagogia frente às mudanças atuais. Observa tendências das pedagogias modernas de responder às aparentes necessidades de “intelectualização do processo produtivo”.

[...] Os profissionais necessitariam um alto grau de desenvolvimento das capacidades intelectuais: abstração, rapidez de raciocínio, visão global do processo de trabalho. Algumas propostas de educação influenciadas pelo impacto das tecnologias da informação e comunicação teriam como objetivo desenvolver competências cognitivas e operacionais com a utilização de computadores. Esta tendência colocaria em questão o conceito de formação geral. Diriam que a criança de hoje vive inserida num mundo técnico-informacional, alimentando-se de imagens e textos e, com isso, estaria superada a ideia iluminista de educação geral, assim como a figura social do indivíduo de formação universal. Nesse caso, o novo paradigma de aprendizagem estaria centrado mais no *saber fazer* do que no *saber*, o pensar eficientemente seria uma questão de aprender fazendo, aprender comunicando, aprender a usar (Libâneo, p.23).

Mudanças de foco no interesse pela leitura podem também estar relacionadas a outros tipos de necessidades atuais - ligadas ao imediatismo, ao prazer solitário e ao imperativo do prazer pelas sensações. Pode estar ocorrendo uma banalização da leitura, destituindo-a de valor enquanto forma de interação, aprendizado e desenvolvimento humano, já que os tempos atuais pedem movimento e ação.

Sobre essa questão, Costa (2004, p.80-1) discute o destaque atual da busca do prazer sensorial, ou melhor, de um “ideal de prazer” referindo que o que mudou no contexto atual foi o valor que se passou a atribuir às sensações físicas prazerosas na constituição das subjetividades.

Concorrer a um trabalho, para os jovens dessas escolas da região C, significa ter que se adaptar ao que o mercado espera, o que exige o exercício constante de ponderação entre as escolhas feitas e as possibilidades de sucesso. Há portanto contradições e contrassensos no discurso do grupo entre a defesa em manter o que acreditam ser, enquanto características próprias e valores, e o que vai se modificando quando estão em jogo as necessidades de socialização relativas ao trabalho. Observa-se o quanto o

processo de socialização vai constituindo novas formas de subjetivação e “formação de identidades”, o sujeito detentor de individualidade é percebido como um paradoxo.

Pode-se dizer que nessa perspectiva o sujeito é o resultado do processo de interação social e encontra-se em permanente mudança “para melhor” ou “para pior”, quando está em jogo o seu sistema particular de valores e as pressões e exigências para o ingresso no trabalho. Dessa forma ele é colocado em evidência o tempo todo, manifestando em seu ser as contradições da sociedade capitalista. Ao tempo em que se percebe livre para escolher e agir de acordo com a sua consciência, tem que se haver com as consequências de não estar de acordo com os padrões e normas sociais. Para se conseguir inserção no trabalho é necessário se submeter e se adaptar às condições que o mercado oferece mesmo que isso conflite com os interesses e ideais humanos.

Para Soares (2009a, p.63) os jovens se deparam nas sociedades modernas com inúmeras dificuldades para enfrentar decisões no seu processo de socialização em virtude da complexidade cada vez maior que encontra para assumir papéis sociais no mundo adulto – “relacionadas à profissão, à constituição da família, à participação social, entre outras”. Dessa forma ao tempo em que as representações cotidianas destes jovens evidenciam condições de maior estabilidade e segurança quanto aos planos de futuro também revelam os dilemas das exigências cada vez maiores de preparação e qualificação com vista à inserção no mercado de trabalho.

Cabe ressaltar que o processo de formação de “identidade” – e na contrapartida da “crise de identidade” - não ocorre à revelia dessas transformações sociais. Pelo contrário os novos desafios e dificuldades juvenis para fazer frente à crise global com a qual se depara hoje, na busca de consolidação de uma condição de estabilidade e independência, podem estar produzindo novas identidades ou como refere Birman (2006), de subjetividades contemporâneas. Também os diferentes contextos sociais em que ocorre a socialização podem constituir marcas distintas no sistema de valores e na consolidação de novas formas de subjetivação.

Observam-se semelhanças nas representações cotidianas dos dois grupos das escolas privadas da região C quanto às condições de estabilidade e segurança que o ensino e a vida familiar oferecem.

Para os jovens da E2 tornam-se ainda mais evidentes os dilemas relativos à garantia de se conseguir ter uma profissão que os valorize e/ou um trabalho valorizado, do ponto de vista de conseguir melhores padrões de vida. As inseguranças e incertezas em relação ao ingresso e sucesso no mercado de trabalho também mobilizam conflitos pessoais, tornando-os suscetíveis a abandonar os próprios valores, já que a aposta na aparência é um meio promissor valorizado por muitos segmentos empresariais. Ao tempo em que não concordam que esse seja um meio bom e correto se conformam já que é algo viável. São mais convictos quando rejeitam meios ilegais e antiéticos para conseguir sucesso.

Os dilemas referidos pelos jovens dos grupos das escolas privadas da região C em relação à definição da futura profissão, ou à escolha de qual caminho de formação seguir, podem estar relacionados ao que Pochmann (2004) chama de uma gravíssima crise do trabalho no Brasil, que teria impactos diferenciados sobre os segmentos sociais a depender dos seus padrões de reprodução social. Os apontamentos do autor corroboram também com os achados desse estudo em relação à presença maior de contextos de violência e de outros problemas sociais nos grupos periféricos.

Combina-se ao momento atual uma gravíssima crise do trabalho no país, responsável pelo maior distanciamento entre o que o jovem gostaria de ser (expectativas de futuro) e o que realmente consegue ser (realidade do dia-a-dia). A crise do trabalho rebate sobre a juventude diferenciadamente quando analisada do ponto de vista de uma sociedade de classes, uma vez que para o jovem filho de pais pobres parece haver maior presença de um contexto de violência, enquanto o jovem filho de pais de classes média e alta tende a estar associado à emigração internacional (Pochmann, 2004, p.239).

As representações cotidianas dos jovens da Escola Pública E3 da região QC sugerem maior abrangência e riqueza no debate e revelam posicionamentos mais críticos em relação ao processo de aquisição de conhecimento e em relação às instituições de modo geral. Observa-se maior

aprofundamento do debate, o que possibilitou melhor explicitação das contradições presentes na família, nas instituições de ensino e na sociedade.

As dificuldades do cotidiano escolar incluem: longas jornadas de estudo, deficiências no sistema educacional, falta de diálogo e convívio familiar devido ao excesso de trabalho dos pais, pouco tempo para lazer e diversão e ainda insuficiências individuais. Esta escola pública situa-se em região próxima ao centro da cidade de Santo André e diferentemente das demais escolas públicas, apresenta a particularidade de ser reconhecida pela alta qualidade de ensino público médio. O que pode justificar maior interesse pelos estudos e maior crítica social dos alunos, que são de famílias que apresentam condições mais estáveis de reprodução social. Foi possível observar nos relatos dos jovens desta escola maior proximidade com uma formação que inclui conteúdos críticos em relação às mudanças sociais mais gerais e às implicações para a vida social.

Para os jovens dessa Escola o que tem maior valor no decorrer da vida são as capacidades, qualidades humanas desenvolvidas e as boas relações constituídas. O momento do trabalho pode resultar em alienação política, pois as necessidades de manter e sustentar a vida familiar pode desviar a atenção de interesses coletivos e mais gerais.

Assim o trabalho alienado, a dependência do trabalho para sobreviver, voltado para a reprodução do capital, se apresenta como obstáculo para a aquisição de crítica sobre as dificuldades da vida em geral. O momento do trabalho para o jovem significa aprisionamento do seu tempo e do seu ser político. As soluções são remetidas ao esforço coletivo e ao desenvolvimento de uma consciência crítica para superar a alienação pelo trabalho. É possível que quando se associa a perspectiva de maior estabilidade de reprodução social com o ensino público de melhor qualidade se possibilite o desenvolvimento de maior crítica e posicionamento político do jovem em relação à busca de objetivos coletivos e conectados ao bem comum.

A tendência crítica destes jovens de trazer à tona a discussão sobre mecanismos de controle e alienação do trabalho pela exploração do capital pode abrir caminhos para o resgate do sentido realizador e transformador

que este pode tomar e dessa forma apontar novas perspectivas para os jovens. Tiriba e Fischer (2011, p. 16-7) reúnem experiências de formação de jovens trabalhadores associados na produção da vida, retomando experiências que resgatam a centralidade do trabalho e os sentidos atribuídos pelos jovens: “trabalho como necessidade; trabalho como fonte de independência; trabalho como crescimento; e, para poucos, o trabalho como autorrealização”.

Considerando essa análise, pode-se perceber a proeminência do significado do trabalho e a sua dimensão como necessidade – significado este que acompanha aquele atribuído por adultos trabalhadores. Afinal, não é, principalmente, o trabalho como liberdade, em sua dimensão ontocriativa, que é experimentado na sociedade capitalista. Isso nos coloca questões importantes, para reflexões relativas à suposta transição dos jovens brasileiros para a vida adulta. A referência que se faz aqui é a de jovens adultos, pois um número considerável deles já trabalha e contribui decisivamente com a renda familiar. As questões colocadas para esses jovens, portanto, no que diz respeito à sua autonomia são permeadas de contradições (Tiriba e Fischer, 2011, p.17).

As autoras discutem a forma e a finalidade que o trabalho adquire no capitalismo, quais sejam de mercadoria e de realização do lucro.

Todo trabalho é trabalho social, o que quer dizer que, ao se relacionar com a natureza e modificar o mundo natural, humanos entram em contato com outros humanos, recriando regras de convivência social que têm, como referência, a forma de propriedade dos meios de produção. No capitalismo, assim como os adultos, os jovens trabalhadores vendem sua força de trabalho para o proprietário privado dos meios de produção, trocando-a por um salário. Em outras palavras, o trabalho torna-se uma mercadoria e, nessa “troca”, o proprietário da força de trabalho há de satisfazer o desejo do empresário: a realização do lucro (Tiriba e Fischer, 2011, p.21).

Os jovens dessa escola da região QC apontaram várias contradições do capitalismo atual que estão no cerne dos principais dilemas e obstáculos que enfrentam para “serem adultos”, detentores de responsabilidades, capacidades e independência das famílias de origem.

De acordo com Pochmann (2004), observa-se no cenário atual maior complexidade no processo de transição da adolescência para a vida adulta. O segmento etário de 15 a 24 anos de idade, considerado o período da juventude, se depara hoje com múltiplas possibilidades, o que torna frágeis os indicadores tradicionais utilizados para definir a fase juvenil.

[...] Exemplos disso podem ser verificados nas múltiplas possibilidades abertas ao segmento etário de 15 a 24 anos de idade, como: (i) o exercício do trabalho; (ii) a situação de desemprego recorrente; (iii) a condição antecipada de pai ou mãe, com família constituída ou mesmo isoladamente; (iv) a fase de estudo com residência distante dos pais, e dependente deles; (v) a fase de estudo com residência junto dos pais, e dependente deles; (vi) a fase de estudo com vida independente e com família própria; (vii) a situação de possuir mais de 24 anos na situação de desempregado ou de ocupação com rendimento insuficiente, o que torna ainda dependente da ajuda dos pais, entre outras (Pochmann, 2004, p.222).

O autor discute ainda que mesmo uma “formação definitiva na fase adulta pode não ser suficiente para dar conta da condição de independência econômica familiar” (Pochmann, 2004, p.222). Esse prolongamento do período de dependência pode representar contínua subordinação aos pais, resultando no acirramento de embates intergeracionais e de tensões entre pais e filhos.

Para os jovens da Escola Pública E4 da região QC o estudo é valorizado como condição para obtenção de título visando aumentar as possibilidades de ingresso no trabalho. Também se afigura como uma obrigação moral. Chama a atenção nesse grupo o acentuado desinteresse pelo aprendizado ou busca de conhecimento, pois são jovens com padrões mais estáveis de reprodução social. Apesar dessa escola pública estar localizada em uma região próxima ao centro da Cidade apresenta uma posição inferior em relação à escola pública E3 no sistema de avaliação Estadual.

Essa situação pode denotar condições de ensino de menor qualidade e diferenças quanto ao padrão de reprodução social das famílias em relação ao grupo anterior, conforme observado no IRS das escolas. As famílias da escola pública E3 foram classificadas no grupo I e II e da escola pública E4 ficaram integralmente no grupo II.

Para os jovens dessa escola a possibilidade de conseguir um emprego depende do esforço individual, da sorte, da esperteza e das oportunidades. Denota-se uma perspectiva passiva e de espera. Assim são favoráveis à ascensão econômica fácil e rápida através da fama. Não são adeptos a meios ilegais e antiéticos por receio de sofrerem uma crise de consciência, pois desejam preservar bons valores. Fica mais evidenciado neste grupo o apego

ao presente e a explicações morais para os problemas com o concomitante temor da autopunição.

Os jovens das regiões mais centrais (E1, E2, E3 e E4) observam que as exigências de qualificação são cada vez maiores para se conseguir ingresso no mercado de trabalho. Não basta somente a conclusão do estudo formal universitário, sendo necessário dar conta de outras exigências de formação, acompanhando as rápidas oscilações e mudanças do mercado.

Para Pochmann (2004) esta particularidade do momento histórico, da “chamada sociedade do conhecimento”, vai trazer novos desafios para as famílias e para o sistema educacional.

Nesses termos, a mobilidade social, que consistiu numa espécie de *charme* histórico do capitalismo no Brasil, tornou-se elemento central da complexa unidade familiar. Na maior parte das vezes, os jovens não conseguem obter condições de vida e trabalho superiores às de seus pais, mesmo possuindo níveis de escolaridade e formação profissional superiores [...]. Nesse caso, a transição da sociedade industrial para a chamada sociedade do conhecimento estaria exigindo uma maior preparação em termos de educação e formação, contradizendo, de forma geral, o período fordista anterior. Em razão disso, o tempo de preparação para o ingresso no mercado de trabalho passa a ser maior, assim como a educação e a formação precisam ser continuadas ao longo da vida útil das classes trabalhadoras [...]. Isso aparece justamente porque a fase de transição da economia tradicional para uma nova economia estaria a exigir uma educação geral ampliada e formação continuada ao longo do ciclo de vida ativa das classes trabalhadoras, como forma de alcançar a transdisciplinariedade do conhecimento e possibilitar a contínua transferência tecnológica, numa sincronia direta com o sistema educacional e o mundo do trabalho [...]. O novo compromisso do sistema educacional e de formação profissional se daria com forte ênfase na etapa inicial e teria continuidade ao longo da vida ativa, não mais e tão-somente concentrado e restrito à fase etária precoce. A educação geral, portanto, exigiria mais tempo de vida da juventude, comprometida, desde já, com a aprendizagem teórica e prática, capaz de potencializar as oportunidades do conhecimento. Assim, somente a postergação do ingresso do jovem no mercado de trabalho é coetânea com os desafios da sociedade do conhecimento (Pochmann, 2004, p. 223-4).

É possível que para os jovens das escolas privadas da região C, por apresentar condições de vida e de ensino mais satisfatórias, se reforce a perspectiva de que para ser bem sucedido na vida, vale mais o esforço e a competência individuais. Também por pertencer a grupos sociais que apresentam condições mais estáveis de reprodução social, resultando em

maior garantia de prolongamento dos estudos, valorizem mais o esforço individual.

Esta aposta excessiva na capacidade e no esforço individual pode significar por um lado a reprodução da “vulgata neoliberal”, referida por Frigotto e Ciavatta (2003), de que tudo depende das escolhas e da liberdade de cada um. Por outro lado pode ser uma manifestação da segurança que projetam na família pelas condições de estabilidade e garantia de manutenção dos estudos até o ingresso no trabalho e a conquista de maior independência. Dessa forma também se torna mais intenso o medo do fracasso em função da cobrança familiar e do sistema educacional.

No senso comum e dentro da vulgata neoliberal, hoje, trabalho e trabalhador produtivos estão profundamente permeados pela ideia de que é aquele que faz, produz mais rapidamente, tem qualidade ou é mais competente. O fulcro central das visões apologéticas de produtividade e de trabalho produtivo resulta na ideia de que cada trabalhador é socialmente remunerado ou socialmente valorizado para manter-se empregado ou não, de acordo com sua produtividade, vale dizer, de acordo com a sua efetiva contribuição para a sociedade. Ou seja, o que o trabalhador ganha corresponde ao que contribui, e o que cada um tem em termos de riqueza depende de seu mérito, de seu esforço (Frigotto e Ciavatta, 2003, p. 50).

O pedagogo Bock (2000, p.12) já referia, em 1998, que a perspectiva do jovem de inserção no mercado de trabalho se tornara nebulosa também para as camadas médias da população, sendo que já era uma realidade para as camadas menos privilegiadas. Essas constatações vinham ocorrendo em sintonia com a diminuição da responsabilidade do Estado pela questão da profissionalização e do encaminhamento profissional fortalecendo o discurso liberal. Em suas palavras:

O discurso que chega hoje ao jovem é que o emprego não existe mais, que a saída é o trabalho autônomo; no mercado só sobrevivem aqueles que são empreendedores. O termo que se usa é “autonomia”. Portanto, paira esta ameaça sobre a cabeça de todos os jovens brasileiros: “Tudo depende exclusivamente de você”. E, na disputa do mercado profissional, o autônomo vai estar disputando com outro autônomo e sobreviverá “o melhor”, o mais “competente”, o mais “qualificado” [...] Outra ideia predominante neste momento é que, para conseguir uma boa colocação, o jovem também tem de ser polivalente ou generalista (Bock, 2000, p.13-4).

Martins (2000) discute o contexto da reprodução produtiva, em que ocorreram mudanças no próprio processo produtivo do setor industrial e também do setor de comércio e serviços. De acordo com a autora, tais mudanças tinham como objetivo aumentar a produtividade das empresas e a qualidade dos produtos e se referem à “[...] introdução de inovações tecnológicas – isto é, máquinas que substituem o trabalho humano – e alterações na organização do trabalho, as quais exigem um novo tipo de trabalhador”. Esse processo resulta no desaparecimento de vários tipos de profissões que são substituídas por novas tecnologias e máquinas, “produz-se cada vez mais com menos gente” (Martins, 2000, p.18).

Ribeiro e Neder (2009) confirmam a tendência do mercado a contratar trabalhadores mais escolarizados.

Do lado da oferta de trabalho, o atributo “escolaridade” é apontado como crucial para reduzir as dificuldades de obtenção de uma ocupação. Os dados revelam que os jovens não pobres mais escolarizados têm uma das menores taxas de desocupação. Na verdade, no caso desses jovens, o declínio significativo dessa taxa se inicia a partir dos desocupados com mais de 11 anos de estudo. No presente, as empresas preferem contratar trabalhadores mais escolarizados. Essa opção muitas vezes se deve ao ajuste produtivo que as empresas realizaram e que impõe maiores exigências de qualificação para a força de trabalho. No entanto, os requisitos em relação ao nível de escolaridade dos candidatos ao posto de trabalho se elevaram para postos de trabalho que não exigem mão de obra qualificada. Essas empresas implementam essa estratégia no intuito de reduzir seus custos de recrutamento e seleção, pois um menor nível de escolaridade acarretaria um grande número de candidatos à vaga. Além disso, os empresários têm à disposição grande contingente de pessoas qualificadas em busca de ocupação (Ribeiro e Neder, 2009, p. 505).

Desse modo, mesmo diante da crise no mundo do trabalho e da necessidade cada vez maior de qualificação, os jovens das escolas mais centrais, vindos de famílias com padrões mais estáveis de reprodução social, podem se manter mais confiantes já que têm maiores garantias de prosseguirem nos estudos. Lachtim e outros autores (2012) observam que:

Na configuração atual de restrição da oferta de emprego, nos grupos sociais centrais, a valorização da família como instituição de confiança se refere a uma realidade que comporta, ao mesmo tempo, a incerteza em relação à entrada no mundo do trabalho e o conforto e a tolerância do meio familiar, observando-se a busca pelo diploma e o prazer da sociabilidade juvenil, o que contribui para o retardamento na

incorporação dos chamados papéis sociais do mundo adulto, já descrito nas discussões atuais sobre os problemas juvenis (Lachtim et al, 2012, p. 224).

As representações cotidianas dos jovens das três escolas da região QP (E5, E6 e E7) evidenciam as inseguranças e incertezas quanto ao futuro. A perspectiva de que o estudo possibilite desenvolvimento pessoal e qualificação para a inserção no mercado de trabalho é mais longínqua que as dos jovens dos grupos mais centrais. A vivência do presente fica mais afetada diante das preocupações com o futuro incerto. As apostas nas oportunidades de trabalho ficam à mercê da sorte e de ofertas pontuais que por sua vez não podem ser desperdiçadas. As ocupações menos valorizadas e mais exploradas acabam ficando mais próximas do que outras.

Observa-se uma conjunção de questões que tornam os dilemas juvenis destes grupos mais intensos e mobilizadores de sentimentos, geralmente de angústia e desmotivação, dentre elas as experiências de fracasso familiar, a maior precariedade das escolas públicas frequentadas, além da já referida crise e maiores exigências de qualificação para inserção no mundo do trabalho.

É possível que os jovens desses grupos, em razão das condições de reprodução social de suas famílias, busquem saídas que resultem em desfechos que apresentem repercussões de maior gravidade para suas vidas. Por isso tendem a evitar ou minimizar ao máximo seus investimentos e iniciativas.

Os jovens das três escolas da região P (E8, E9 e E10) se mostram mais incisivos para investir em alternativas que possibilitem a melhoria de suas condições de reprodução social. Lançam-se mais intensamente na vida como que para uma batalha em uma sociedade que percebem como competitiva.

As condições adversas, tanto familiares quanto da escola pública que frequentam, funcionam como motivadores para cobrarem de si maiores esforços e atenção para não perderem oportunidades e seguirem persistentes nos objetivos. Para Tiriba e Fischer (2011) os jovens têm sido mais atingidos com o desemprego, o que intensifica os mecanismos competitivos.

É bem provável que para os grupos mais periféricos esses processos se tornem ainda mais acirrados.

[...] No horizonte da educação, na ótica do capital, desde muito cedo, dentro e fora de escola, são ensinadas as regras fundamentais para os jovens trabalhadores sobreviverem no mercado de trabalho e alcançarem o prometido sucesso na vida profissional: competir para vencer. Isso é alardeado como dogma para a vida, quer seja individualmente, quer seja com o seu “time” dentro da empresa, quer, ainda, para vencer as outras empresas. A dimensão solidária do ser humano fica reservada para ser cultivada na vida familiar, entre amigos ou em outros momentos, espaços e tempos da vida fora do trabalho. É claro que, por outro lado, o ambiente competitivo do mercado de trabalho capitalista invade, também, outras esferas da vida humana, produzindo uma cultura competitiva (Tiriba e Fischer, 2011, p.17).

O estudo se afigura como importante para conseguirem melhores colocações no mercado de trabalho, mas também como forma de proteção para não serem recriminados ou discriminados socialmente.

A possibilidade de contar com ensino de melhor qualidade é projetada para o futuro, em uma universidade particular, que tendem a valorizar mais por ser paga. Observa-se nesses grupos maior passividade e ausência de crítica em relação ao direito à educação pública de qualidade. Diante das condições mais concretas de precariedade das escolas formulam algumas críticas quanto às diferenças na qualidade do ensino das escolas públicas e privadas que se localizam em regiões mais desenvolvidas no Município.

Evidencia-se que os dilemas dos jovens desses grupos mais periféricos se referem à sobrevivência e à aposta na melhoria das condições de reprodução social que podem ser possibilitadas pelo estudo, por seu esforço individual ou por circunstâncias relacionadas à sorte ou oportunidades.

Os jovens reconhecem que estão ocorrendo mudanças na vida em geral que afetam os processos individuais como o aumento da violência associada à desigualdade de acesso aos bens e o desemprego. Assim como maior degradação do meio ambiente e desvalorização do ensino e do aprendizado, enquanto instrumentos que propiciam o desenvolvimento humano.

De modo geral as representações cotidianas desses jovens permitem constatar que há maior precariedade no ensino das escolas públicas das regiões periféricas, em função do maior despreparo e da grande oscilação de

professores, o que dificulta a qualidade e continuidade do ensino. Pochmann (2004) se refere às condições insatisfatórias em que se encontra o sistema educacional brasileiro.

Comparativamente, o Brasil encontra-se defasado, com sistema educacional inadequado para a maioria dos jovens, não permitindo que todos completem o ensino médio. Se há problemas de natureza quantitativa já identificados, maiores são os problemas de qualidade do ensino médio e superior (Pochmann, 2004, p.225).

Dessa forma o autor observa diferenças nos processos educacionais e de trabalho das juventudes quando se trata de lançar um olhar sobre as diferentes condições de reprodução social.

Constata-se, por exemplo, que os jovens filhos de pobres no país encontram-se praticamente condenados ao trabalho como uma das poucas condições de mobilidade social. Porém, ao ingressar muito cedo no mercado de trabalho, o fazem com baixa escolaridade, ocupando as vagas de menor remuneração disponíveis, quase sempre conjugadas com posições de subordinação no interior da hierarquia no trabalho. O contrário parece ocorrer para os jovens filhos de pais de classes média e alta, que possuem, em geral, condições de financiar a inatividade, elevando a escolaridade e postergando o ingresso no mercado de trabalho. Assim, terminam por obter acesso às principais vagas disponíveis, com maior remuneração e em postos de direção no interior da hierarquia do trabalho (Pochmann, 2004, p.231-2).

Também as condições de reprodução social das famílias refletem as formas de valorização da escola, pois é possível que a maioria dos pais desses jovens não tenha conseguido acesso à educação escolar, resultando em menor estímulo para que os filhos estudem. Ainda a necessidade do trabalho precoce e do cuidado das tarefas da casa dificulta a vivência da juventude como um período de *moratória social*, o que acontece em outros grupos sociais.

Os jovens das regiões mais periféricas valorizam o trabalho como meio de sustentação e observam que é crescente a exigência do mercado para maior qualificação e desenvolvimento de novas habilidades. Mas também há interesses das empresas em explorar a mão de obra menos qualificada.

Dessa forma apostam tanto no esforço e competência individual quanto na sorte para conseguir boas colocações no mercado de trabalho. Também

dependem de aproveitar possíveis oportunidades já que no contexto atual a oferta de trabalho para jovens é bem precária.

Os jovens desse grupos referem que há suscetibilidade das pessoas que em algum momento da vida podem se deixar levar por necessidades de sucesso através da fama, ou estar em desespero por dificuldades financeiras, mesmo que confronte com seus valores. A tônica é que não se pode perder tempo ou se deixar levar pelo desânimo mesmo diante de situações desfavoráveis.

O esforço para se manter ou se desenvolver tem que ser sempre maior em função da competitividade que é percebida por esse grupo como natural, ninguém quer perder para não sofrer decepção, tristeza e se revoltar.

Também apontam que há diferentes formas de se posicionar entre as classes sociais. Para os ricos e famosos a solidariedade aparece através das doações e com objetivo de aliviar a consciência ou por necessidade religiosa. Há problemas de depressão e angústia quando percebem que o dinheiro não oferece todas as condições para serem felizes. O consumo prejudicial de drogas pode ser uma forma de tentar preencher o vazio e a depressão pela solidão da fama e do enriquecimento.

Para os pobres o sonho e a perspectiva de ter uma profissão e um reconhecimento pelo esforço nos estudos pode significar uma valorização diferente para o trabalho e o dinheiro, assim ganhar dinheiro através da realização no trabalho pode significar maior bem estar.

Os jovens desse grupo reconhecem que as escolhas relativas à profissão estão relacionadas e condicionadas à possibilidade de ingresso no mercado de trabalho, assim como a melhores salário, ainda que essas escolhas possam gerar desinteresse e frustração, dificultando o próprio desenvolvimento do trabalho como fonte de realização. Dessa forma, os jovens desses grupos optam por não tomar por base somente as afinidades e os interesses pessoais para fazer a escolha de uma profissão. Pochmann (2004, p.227) faz referência à perda de sentido do trabalho como forma de desenvolvimento das capacidades humanas e da natureza, na sua condição ontológica. “Mas também, e principalmente, o trabalho na sua forma

histórica tem sido mais visado como condição de financiamento da sobrevivência humana, nem sempre associado ao desenvolvimento humano” (Pochmann, 2004, p.227).

Também Frigotto (2004) aponta como o trabalho vai sendo afetado quando é transformado em mercadoria.

Não menos controverso e complexo é o tema do trabalho e do emprego, em torno do qual há simplificações e mistificações de toda ordem. A mais elementar é reduzir o trabalho, de atividade vital – forma de o ser humano criar e recriar seus meios de vida – a emprego, forma específica que assume predominantemente o trabalho sob o capitalismo: compra e venda de força de trabalho (Frigotto, 2004, p.181).

A perspectiva de valorização do estudo como condição principal para inserção no mercado de trabalho apontada pelos jovens desse estudo corrobora com os resultados encontrados por outras pesquisas. O estudo de Lachtim e Soares (2011), que incluiu jovens de 20 a 24 anos das mesmas escolas do estudo ora realizado o que possibilita uma análise de sujeitos dos mesmos segmentos sociais em idade posterior aos jovens estudados, verificou que os

[...] jovens da região C (central), em sua maioria (67%), estavam cursando uma faculdade. Pertence também a esse grupo o único entrevistado que já tinha cursado uma pós-graduação. Dentre os jovens da região QC (quase central), a maior parte estava cursando terceiro grau (57%). Nesses dois grupos não havia jovens apenas com o ensino fundamental. Nos grupos periféricos, vale ressaltar, a maioria estava cursando ensino supletivo, tanto correspondente ao ensino médio quanto ao ensino fundamental, sendo que, no grupo QP (quase periférica), 74% encontravam-se no ensino médio, e no P (periférica) chegavam a 82% os que cursavam o ensino médio. Observa-se também que 13% dos jovens da região QP estavam ainda no ensino fundamental, enquanto que na região P essa porcentagem subia para 18% (Lachtim e Soares, 2011, p.280-1).

Pochmann (2004, p. 233) constata que os jovens pertencentes às famílias de maior renda tem maior acesso ao “trabalho assalariado (77,1%), sendo que 49,0% destes possuem contrato formal”. Já para os jovens oriundos de famílias de baixa renda “somente 41,4% possuem empregos assalariados, sendo ainda bem menor o contingente de ocupados assalariados com contrato formal (25,7%)”. O autor ainda refere diferenças

em relação às categorias ocupacionais, desemprego e manutenção nos estudos.

No caso das categorias ocupacionais, observa-se também uma forte desigualdade entre jovens ricos e pobres. A presença de jovens de maior renda no trabalho doméstico é residual (7,9%) sendo que apenas 7% percebem algum rendimento desse trabalho. No caso dos jovens de baixa renda, a participação no trabalho doméstico é de quase metade (46,2%), com mais de 26,8% remunerados. Ainda em relação ao funcionamento do mercado de trabalho, verifica-se que o desemprego de jovens de baixa renda é bem maior (26,2%) do que o desemprego dos jovens de renda elevada (11,6%). Por fim, cada ainda destacar a relação entre nível de renda e educação, uma vez que entre os jovens pobres apenas 38,1% estudavam, enquanto entre os jovens ricos inativos 80% estudavam (Pochmann, 2004, p.233).

Em estudo que analisou a desocupação entre jovens pobres e não pobres Ribeiro e Neder (2009) observaram que as maiores dificuldades enfrentadas na busca pelo emprego estão entre os jovens pobres. Ao tempo em que não verificaram redução da taxa de desocupação entre os jovens pobres mais escolarizados, ao contrário dos não pobres. O estudo revela ainda que a perspectiva de transição para a idade adulta já estaria em grande parte “completada” para uma parcela significativa dos jovens desocupados e pobres.

Nos dias atuais, a transição da juventude para a vida adulta é marcada pela simultaneidade de eventos, como a frequência escolar e a inserção no mercado de trabalho. Em particular, no caso de jovens (18 a 29 anos) inseridos na PEA (*População Economicamente Ativa*) como desocupados e pobres, alguns estágios da transição da vida adulta já foram cumpridos, pois 40% deles já constituíram novo domicílio (pessoa de referência e cônjuge), enquanto entre os não pobres essa proporção correspondeu a 21%, no ano de 2006. Esse passo também se conjuga com uma maior dificuldade de inserção ocupacional dos pobres, visto que a taxa de desocupação desses jovens, no mesmo ano, foi de 29,4%, enquanto entre os não pobres essa taxa se reduz para 21,4%. A origem da pobreza não se deve à maior proporção de jovens pobres que formaram famílias, mas sim à dificuldade desses jovens em obter uma inserção ocupacional adequada (Ribeiro e Neder, 2009, p.504).

Para Birman (2006b) a situação não se configura como confortável quando se trata de ingresso no mercado de trabalho mesmo para os jovens vindos de famílias em condições mais estáveis de reprodução social.

Ao lado disso, a defasagem existente hoje no Brasil entre a grande população jovem e as restrições do mercado de trabalho para incorporá-la aumenta a cada ano. Os impasses econômicos

e sociais da sociedade brasileira contemporânea criam um gargalo seletivo, o que é preocupante para a juventude, configurando uma situação bastante diferente da que existia nos anos 1960, quando o leque de possibilidades existentes no mercado de trabalho era bem maior (Birman, 2006b, p.39).

Essa constatação é corroborada por Kehl (2004) quando refere que em meio aos dilemas que estão postos para os “adolescentes” no seu “trajeto para a vida adulta” este se depara com um cenário nebuloso que dificulta a construção de alternativas concretas para conquistar a sua independência familiar.

O aumento progressivo do período de formação escolar, a alta competitividade do mercado de trabalho nos países capitalistas e, mais recentemente, a escassez de empregos obrigam o jovem adulto a viver cada vez mais tempo na condição de “adolescente”, dependente da família, apartado das decisões e responsabilidades da vida pública, incapaz de decidir seu destino (Kehl, 2004, p.91).

Quanto à moratória social, referida por Margulis (2001, p.43), pode-se verificar que praticamente este período de dedicação exclusiva aos estudos e qualificação profissional possibilitados pela família não ocorre para os jovens que apresentam padrões de reprodução sociais mais instáveis. Fica mais evidenciada nas escolas públicas das regiões QP e P a expectativa precária quanto ao futuro, pelo sentimento de insegurança e descrença geral nas instituições e na possibilidade de ingresso no trabalho.

De modo geral é possível observar pelas representações cotidianas dos jovens de todas as regiões que o trabalho se configura como preocupação principal para a manutenção da confiança de um futuro promissor. Resultado que corrobora com o que foi observado por Lachtim e Soares (2011).

Os planos de futuro dos jovens de todos os grupos se associam à inserção no mundo adulto, sendo o trabalho seu principal objeto de preocupação, seja para conquistar um emprego seja para galgar melhores colocações no mercado. O fato é que o que efetiva o consumo é a renda advinda do trabalho, neste estão depositados outros sonhos como ter independência financeira ou formar uma família (Lachtim e Soares, 2011, p.290).

A constatação das dificuldades de inserção no mercado de trabalho e busca de empregos mais valorizados pelos jovens das escolas privadas da

região C (E1 e E2) colocam em evidência os valores calcados no desenvolvimento de suas potencialidades humanas referidos ao seu grupo de origem, gerando conflitos de “identidade” e tendência à adaptação ao que constitui valor no capitalismo.

Se observam diferenças entre os jovens das escolas públicas da região QC (E3 e E4) e demais regiões. Na escola pública E3 da região QC os jovens sugerem maior crítica e percepção das dificuldades que podem encontrar para a busca de um trabalho apostando em uma consciência coletiva. Já os jovens da escola pública E4 da região QC e das escolas públicas das regiões QP (E5, E6 e E7) e P (E8, E9 e E10) sugerem maior desinteresse e desmotivação apostando no esforço individual, na sorte e nas oportunidades. De modo geral pode-se observar em todas as regiões que o trabalho se afigura como principal preocupação para o bem estar futuro. No mesmo estudo de Lachtim e Soares (2011) foi observado que

Entre as diferenças, pode-se concluir que nos grupos de jovens que usufruem dos bens produzidos socialmente o trabalho é valorizado porque permite a continuidade desse usufruto, o acúmulo de capital e a melhora de *status* social, o que por sua vez constitui valor de realização no capitalismo. Já entre os jovens dos grupos que apresentam dificuldades de reprodução social, o trabalho seria o mecanismo mesmo para sua manutenção (Lachtim e Soares, 2011, p.289).

Se o que se evidencia a partir desse e de outros estudos referidos é que a escola consolida-se na função exclusiva de preparação para o trabalho, atuando como reprodutora do sistema capitalista, parece que, na sua concepção histórica burguesa, vai se desviando do sentido para o qual foi criada. Cabe então trazer a breve análise de Frigotto (2004) sobre as mudanças em curso no interior da escola.

Uma leitura histórica da origem da escola enquanto instituição central do projeto societário da burguesia nascente nos mostra que essa escola era concebida, por excelência, como uma instituição social e cultural, de produção de conhecimento e de valores e como espaço para o desenvolvimento lúdico, estético e artístico para as crianças e os jovens. A origem etimológica da palavra *escola* vem do grego, significa lugar *de ócio*. Um espaço, portanto, onde as crianças e jovens vivem um longo tempo incorporando valores, conhecimentos e amadurecendo para a vida futura. Mas o mesmo retrospecto histórico nos evidencia que esta não era e nunca foi a escola para todos. Como mostram inúmeros estudos, a escola para a classe trabalhadora sempre foi outra – uma escola para a disciplina do

trabalho precoce e precário [...]. Uma ideologia que aumenta sua eficácia na medida em que efetiva a interiorização ou subjetivação de que o problema depende de cada um, e não da estrutura social, das relações de poder. Trata-se de adquirir o “pacote” de competências que o mercado reconhece como adequadas ao “novo cidadão produtivo”. Por isso o credo ideológico reitera que “a empregabilidade é como a segurança agora se chama” (Frigotto, 2004, p.195 e 197).

7.2 FAMÍLIA, PARES E RELACIONAMENTOS

Para os jovens das Escolas Privadas da Região C (E1 e E2) o relacionamento com os amigos está mais ligado à satisfação de necessidades de lazer e descontração e de conforto nos momentos de maior sofrimento psíquico. Observa-se uma divisão ou cisão entre o bom e o mau, aquele que propicia alegria e prazer e aquele que acolhe nos momentos de tristeza e angústia.

No que tange aos relacionamentos amorosos e sexuais se evidencia a busca de satisfação de necessidades de prazer e preocupação em não comprometer o trajeto de preparação para a estabilidade futura. Os relacionamentos com vínculos amorosos mais estáveis revelam as dificuldades em se manter a confiança mútua, em especial na questão da fidelidade sexual. Dessa forma há formulações contrapostas que vão da total desconfiança à confiança como valor principal.

Cabe aqui a referência a Zygmunt Bauman (2004), sociólogo polonês, em sua obra *Amor Líquido*, ocasião em que escreve sobre a *fragilidade dos laços humanos* na atmosfera atual que chama de *modernidade líquida*. Para o autor a insegurança inspirada por essa condição estimula *desejos conflitantes de estreitar os laços humanos e ao mesmo tempo mantê-los frouxos*. A tendência apontada é que os vínculos (amorosos, familiares, próximos ou com estranhos) se dissolvam em relacionamentos passageiros e descompromissados.

O compromisso com outra pessoa ou com outras pessoas, em particular o compromisso incondicional e certamente aquele do tipo “até que a morte nos separe”, na alegria e na tristeza, na riqueza ou na pobreza, parece cada vez mais uma armadilha que se deve evitar a todo custo (Bauman, 2004, p.111).

Essa tendência referida por Bauman (2004) corrobora com os achados deste estudo em relação à crise de confiança manifestada pelos jovens. Levanta-se a hipótese de que a preocupação com projetos individuais de trilhar o caminho da estabilidade, que se conquistaria com o emprego e o sucesso econômico, na vida adulta, aliada às exigências cada vez maiores de qualificação e à perspectiva de liberdade individual, seria o pano de fundo da crise nos relacionamentos.

Sobre as coisas que aprovam, os jovens de língua inglesa dizem “*cool*”. Uma palavra adequada: independentemente das outras características que os atos e interações humanos possam ter, não se deve admitir que a interação esquente e particularmente que permaneça quente: é boa enquanto continua *cool*, e ser *cool* significa que é boa. Se você sabe que seu parceiro pode preferir abandonar o barco a qualquer momento, com ou sem a sua concordância (tão logo ache que você perdeu seu potencial como fonte de deleite, conservando poucas promessas de novas alegrias, ou apenas porque a grana do vizinho parece mais verde), investir seus sentimentos no relacionamento atual é sempre um passo arriscado. Investir fortes sentimentos na parceria e fazer um voto de fidelidade significa aceitar um risco enorme: isso o torna *dependente* de seu parceiro embora devamos observar que essa dependência, que agora está se tornando rapidamente um termo pejorativo, é aquilo em que consiste a responsabilidade moral pelo Outro [...] (Bauman, 2004, p.111-2).

As juventudes pesquisadas buscam justificar a decadência da confiança nos relacionamentos pelos receios de contraírem o vírus HIV e de sofrerem com a infidelidade sexual e amorosa. Ou seja as formulações dos jovens se baseiam em argumentos que se restringem ao âmbito da proteção individual e desconfiança do outro. É possível que as tendências das sociedades de se tornarem cada vez mais competitivas seja uma das causas da busca de saídas individuais e solitárias o que dificulta o processo de formulação de crítica sobre questões mais gerais que afetam a vida relacional. Bauman (2004) reconhece esses efeitos da *fraqueza*, da *debilidade* e da *vulnerabilidade das parcerias pessoais* porém chama atenção para mudanças mais gerais que explicaria a crise de confiança atual.

[...] Uma inédita fluidez, fragilidade e transitoriedade em construção (a famosa “flexibilidade”) marcam todas as espécies de vínculos sociais que, uma década atrás, combinaram-se para constituir um arcabouço e fidedigno dentro do qual se pôde tecer com segurança uma rede de interações humanas. Elas afetam particularmente, e talvez de modo mais seminal, o emprego e as relações profissionais.

Com o desaparecimento da demanda por certas habilidades num tempo menor do que o necessário para adquiri-las e dominá-las; com credenciais educacionais perdendo valor em relação ao custo anual de sua aquisição ou mesmo transformando-se em “equidade negativa” muito antes de sua “data de vencimento” supostamente vitalícia; com empregos desaparecendo sem aviso, ou quase; e com o curso da existência fatiado numa série de projetos E2es cada vez menores, as perspectivas de vida crescentemente se parecem com as convoluções aleatórias de projéteis inteligentes em busca de alvos esquivos, efêmeros e móveis, e não com a trajetória pré-planejada, predeterminada e previsível de um míssil balístico (Bauman, 2004, p.112-3).

Observa-se nas representações cotidianas dos jovens da região QC (E3 e E4) a valorização da família que é considerada a primeira base de socialização e que oferece proteção e apoio permanentes. Os conflitos intergeracionais e problemas cotidianos estão presentes em menor intensidade.

Para esses jovens os amigos são mais valorizados pelo maior tempo de convivência e pela confiança que foi adquirida durante essa interação, mas também pela companhia para frequentar lugares próprios de jovens, como baladas, e para conversar sobre assuntos íntimos. Compreendem que as relações constituídas na família e com os amigos não são opostas quando se trata de bem-estar e sim complementares.

Dessa forma para os jovens das escolas privadas da região C (E1 e E2) e das escolas públicas da região QC (E3 e E4) a família tem importância como instituição de apoio permanente, segurança e proteção, mas também pode ser fonte de conflitos e sofrimento.

Lachtim e outros autores (2012, p.220) em estudo realizado entre jovens estudantes de 20 a 24 anos no Município de Santo André vindos de famílias com padrões estáveis de reprodução social verificou que a família é representada como o

[...] *locus* preferencial de confiança porque oferece proteção ilimitada, na medida em que amplia o acolhimento do jovem por quanto tempo ele julgar necessário e por qualquer que seja o motivo, ficando o jovem com a possibilidade de viver a juventude, um período de preparação para a vida adulta e de “não-responsabilidade” (Lachtim et al, 2012, p. 220).

Pode-se observar que a vivência de conflitos intergeracionais fica mais evidenciada entre os jovens das regiões centrais já que se sentem

fortalecidos para imprimir mudanças em relação aos valores dos pais. Pode-se, no entanto notar diferenças quando são comparadas as escolas privadas e públicas. Os jovens das escolas públicas referem maiores situações de sofrimento, o que remete às diferenças de reprodução social, ou seja, as dificuldades concretas de vida e trabalho das famílias tornam maior o desgaste gerando cotidianos mais conflituosos e sofridos.

O maior temor que os jovens tem está na aceitação familiar de temas que são considerados tabus, como o consumo de drogas e a opção sexual, pois são temas que carregam conteúdos morais de conservação de comportamentos e hábitos. Dessa forma observa-se maior segurança em relação a valores de preservação e continuidade da família.

O estudo de Lachtim et al (2012, p.222) também revelou que para estes grupos a família é representada como base de realização pessoal, sendo a união e a harmonia familiares valorizados como elementos chave para a confiança no futuro. Também os jovens participantes deste estudo vindos de escolas privadas localizadas na região central valorizam o conhecimento e a experiência dos pais como ponto de referência para o futuro.

De outra forma as dificuldades observadas pelos jovens em suas relações familiares podem estar refletindo as próprias transformações culturais do sentido da experiência do outro (adulto), conforme aponta Kehl (2004), quando se refere à ambiência atual, em que se valoriza cada vez mais as experiências sensitivas e passageiras, o fugaz, o imediato.

A possibilidade de se espelhar nos adultos como modelos de alteridade também fica afetada pois estão imersos na necessidade de prolongar a juventude, já que o modelo dominante propaga a ideia de ser sempre jovem para viver o imperativo dos prazeres. É nesse cenário que entra em colapso o valor do *outro*, das relações interpessoais, sejam elas de convivência familiar, de trocas afetivas e amorosas.

A desvalorização da experiência esvazia o sentido da vida. Não falo da experiência como argumento de autoridade, saber imposto ao outro – “eu sei por que vivi”. É fato que em uma cultura plástica e veloz como a contemporânea pouco podemos transmitir aos outros com base em nossa experiência. No máximo, temos o dever de confrontar nossos filhos e educandos com o fato de que a alteridade existe – o que é um modo de dizer que é necessário impor limites à parcela de gozo

a que cada um tem direito. Além disso, a experiência do adulto, assim como a memória, produz consistência subjetiva. Eu sou o que vivi. Descartado o passado, em nome de uma eterna juventude, produz-se um vazio difícil de suportar. Parece contraditório supor que uma cultura *teen* possa ser depressiva, sobretudo quando se aposta no império das sensações – adrenalina, orgasmo, cocaína – para agitar a moçada. Mas é o que se tem observado, pelo menos entre os jovens de classe média que recebo no consultório. Eles buscam encontrar na vida dos mais velhos alguma perspectiva de futuro, mas encontram um espelho deformado de si próprio. Quando os adultos se espelham em ideais *teens*, os adolescentes ficam sem parâmetros para pensar o futuro. Como ingressar no mundo adulto onde nenhum adulto quer viver? O que se espera, então? (Kehl, 2004, p.97).

Os jovens dessas duas regiões (C e QC) vivenciam trajetórias solitárias, em que não se pode contar com o outro para trocas afetivas mais seguras e solidárias. É mais comum nos grupos centrais a busca de satisfação de necessidades imediatas, o que está cercado por sua vez pelo temor de contrair doenças e dar início a uma gravidez, já que teriam suas vidas afetadas tendo que abrir mão da vivência juvenil para assumirem responsabilidades que não desejam no momento.

Dessa forma a confiança nos relacionamentos fica abalada já que se pretendem passageiros e mesmo aqueles mais duradouros sugerem a necessidades de controles sobre o corpo do outro. Porém notam-se diferenças nas duas regiões: para os primeiros a busca pelo outro só teria objetivo de satisfação de necessidades individuais para alívio de sofrimento e busca de prazer. Já para os jovens da escola pública E3 da região QC a busca pelo outro resultaria em prejuízos nos relacionamentos. Dessa forma é melhor evitar, o que leva os jovens a procurar suprir suas necessidades afetivas com a família. Os jovens das escolas públicas da região QC sentem-se mais seguros e confiantes para apostarem nas relações que se mostram mais duradouras. O grupo de pares pode possibilitar também a companhia para viver o momento da juventude.

Fazendo alusão às mudanças que ocorreram no campo da família a partir da década de 1960, Birman (2006b, p.37), vai referir o momento atual como sendo de *desamparo*, se referindo a crianças e jovens vindos de famílias em condições mais estáveis de reprodução social. A ausência dos pais pelas suas jornadas fora da família passa a ser a condição principal com

a qual o jovem se depara. Ao mesmo tempo ele se vê ocupado com intensa agenda de atividades complementares à escola. O “efeito maior disso é um sentimento de abandono”.

Vale dizer, estamos ainda num momento de passagem entre as ordens familiar moderna e pós-moderna, de maneira que as figuras parentais não conseguiram ainda encontrar a melhor solução e ponto de equilíbrio para isso tudo, qual seja, entre terem seus projetos existenciais E2es e o cuidado familiar dos filhos. Com isso, a fragilidade do investimento afetivo se faz geralmente presente, com os desdobramentos nefastos que isso provoca (Birman, 2006b, p.38).

A crise de confiança que afeta os relacionamentos tornando-os espaços de satisfação de necessidades imediatas e de alívio de sofrimento e tensões pode ser apontado como um sintoma das transformações do sistema de valoração por que passa a sociedade contemporânea. Em que o outro passa de sujeito a objeto, de aliado a inimigo, quando funciona como obstáculo ao gozo ilimitado ou a falta de contornos para a vida relacional.

A fantasia de um mundo regido pelo gozo é ao mesmo tempo fascinante e ameaçadora. Do ponto de vista do indivíduo, parece um paraíso sem limites; por isso mesmo acena com os horrores da pulsão de morte. Do ponto de vista do laço social, o imperativo do gozo projeta no horizonte a imagem de uma luta de todos contra todos, uma sociedade de cada-um-por si sem Lei e sem juiz, que amedronta o adolescente. Claro que é uma fantasia; o mundo em que vivemos não é uma selva regida pela lei do mais forte. No Brasil, essa ameaça é amplificada em razão da realidade social de exclusão e violência em que vivemos há décadas. O “perigo das ruas” corrobora a fantasia do mundo sem Lei que ameaça o adolescente, incrementada pelo temor (mais ou menos justificado) que os pais sentem de liberar seus filhos para a vida além dos muros da casa (Kehl, 2004, p.98-9).

Para os jovens das escolas privadas da região C (E1 e E2) a possibilidade de infidelidade está presente nos relacionamentos que são vividos com desconfiança. A preocupação principal está relacionada aos cuidados para não assumirem responsabilidades com filhos e contraírem doenças. As relações no casamento também são percebidas com desconfiança.

Estes jovens denotam uma preocupação maior em não perder a condição de juventude como um período de *moratória social* também para garantir o rol de vivências de situações de prazer em um contexto de “não

responsabilidade”. Dessa forma se empenham em não cometerem equívocos que possa comprometer essa condição levando-os a assumirem responsabilidades que não desejam no momento, como adquirir uma doença ou ter um filho.

Observa-se que o cuidado com a saúde e o planejamento de um filho é motivado em maior grau pelas expectativas de futuro, quando adquirirão uma profissão e independência financeira.

Quando se deparam com problemas se responsabilizam individualmente alegando descuido já que se sentem informados e contemplados pelas políticas de saúde.

Já para os jovens da escola pública E3 da região QC há maior aposta nos vínculos duradouros destacando as diferenças de gênero a partir de modelos mais conservadores.

A percepção dos jovens sobre a forma como se dão os relacionamentos remetem ao que foi apontado por Birman (2006b) sobre as mudanças na instituição casamento, com o crescimento do número de divórcios e separações e proliferação de novas composições familiares. Mesmo em se tratando de jovens com padrões mais estáveis de reprodução social as mudanças relacionadas aos papéis da mulher em relação à maternidade e à sexualidade, aos afazeres domésticos e ao mundo do trabalho trouxeram impactos em relação à estabilidade do casamento, gerando maiores incertezas para as novas gerações de jovens.

Para os jovens das escolas públicas da região QP (E5, E6 e E7) e P (E8, E9 e E10) a família é exaltada na função de preservação de boas relações e transmissão de valores positivos e vista com desconfiança quando é geradora de sofrimento resultante de conflitos, quando há separação dos pais, violência e prática de atos ilícitos. Retratam diversas experiências difíceis de separação dos pais e violência familiar.

Esses relatos indicam aspectos da precariedade da realidade escolar e das famílias para administrar conflitos e necessidades dos jovens, o que pode interferir na motivação e envolvimento nos estudos e na perspectiva de futuro. Para estes jovens a segurança é proteção exercida pelo próprio

sujeito. Não podem contar com a ajuda e proteção dos outros, mas manifestam preocupação com o bem estar nas relações. Referem dificuldades no diálogo quando se trata de temas tabus e de maior intimidade. As dificuldades de sobrevivência e sustentação se fundem com aquelas dos relacionamentos como a manutenção do casamento devido a dificuldades financeiras e de cuidado com os filhos e separações que resultam em piora nas condições de vida.

Ainda para os jovens destas duas regiões as relações de amizade apresentam maior rigidez, pois ao mesmo tempo em que desejam relacionamentos positivos, sólidos e duradouros referem experiências negativas, de traição. Observa-se nestes grupos por um lado um conceito rígido e idealizado de amizade com maior apego a conteúdos religiosos e por outro lado vários relatos de experiências frustrantes nas relações reforçando o isolamento e o individualismo. Os jovens vivenciam os momentos de tristeza como fraqueza e fracasso quando sentem que não correspondem ao que é esperado nas relações ou percebem fragilidades que não podem ser aceitas, resultando em autopunição, decepção e culpa. É possível que esses jovens tenham em comum uma educação familiar que privilegia o componente religioso como forma de compreensão de sua realidade.

Ainda se observa que há maior temor em tornar os relacionamentos banais, contrair doenças e comprometer os planos de futuro. Dessa forma apostam em maior medida nas relações afetivas e nos vínculos duradouros e se apegam a diferenças de gênero quando se trata de temas tabus como virgindade e sexo para justificar seus comportamentos.

Diferentemente das juventudes das regiões mais centrais aquelas dos grupos mais periféricos vivenciam maiores tensões e conflitos para fazer frente à atmosfera fluída que invade os relacionamentos, conforme conceituada por Bauman (2004).

Verifica-se que nesses grupos torna-se mais comum a vivência de separações que resultam no distanciamento de um dos pais. É possível que a insegurança e muitas vezes a desesperança que a vida cotidiana reflete dificulte perspectivar um futuro promissor. Assim busca-se o apego maior a

personagens idealizados e heroicos que podem ser representados tanto por um familiar que se dedica exclusivamente ao bem-estar de outrem, como por um suposto amigo que estaria sempre próximo e que se pode confiar sem margem de dúvidas.

A confiança deve continuar sendo [...] um derramamento natural da “expressão soberana da vida”, mas, uma vez posta em curso, agora procura em vão por um lugar para lançar âncora. A confiança foi condenada a uma vida cheia de frustração. Pessoas (sozinhas, individualmente ou em conjunto), empresas, partidos, comunidades, grandes causas ou padrões de vida investidos com a autoridade de guiar nossa existência frequentemente deixam de compensar a devoção. De qualquer forma, é raro serem modelos de coerência e continuidade a longo prazo. Dificilmente há um único ponto de referência sobre o qual se possa concentrar a atenção de modo fidedigno e seguro, para que os desorientados possam ser eximidos do fatigante dever da vigilância constante e das incessantes retrações de passos dados ou pretendidos. Não se dispõe de pontos de orientação que pareçam ter uma expectativa de vida mais longa do que os próprios necessitados de orientação, por mais curtas que possam ser suas existências físicas. A experiência individual aponta obstinadamente para o eu como o eixo mais provável da duração e da continuidade procuradas com tanta avidez (Bauman, 2004, p.113).

Pode-se observar que nas escolas públicas das regiões QP e P a família se mantém como lugar de apoio e proteção, no entanto as dificuldades de reprodução social que afetam em grande medida as relações familiares contribuem para intensificação de conflitos, separações, violências e abandono por um dos pais. Esses resultados guardam semelhanças com os encontrados por Lachtim et al (2012), que apontam para as diferentes perspectivas dos jovens dessas famílias.

Já para os jovens dos grupos mais periféricos, a família é considerada fonte de proteção e, portanto, lócus de confiança, na medida em que reúne e compartilha a renda e os problemas advindos da luta pela sobrevivência, sem que de fato haja possibilidade de um período de “não responsabilidade”, já que os jovens ingressam cedo no mercado de trabalho para ajudar na renda familiar. [...] Destaque-se que na região periférica as mães foram representadas como heroínas muitas vezes em detrimento dos pais, já que muitas famílias são chefiadas pelas mães, sem que se possa contar com a presença dos pais (Lachtim et al, 2012, p.221).

Dowbor (2010, p.293-4) assinala para uma crise mais geral que afeta a família nuclear contemporânea que já deixou de assegurar as condições econômicas que garantiriam “uma redistribuição interna entre os que

produzem um excedente e os que necessitam desse excedente para sobreviver”. O autor aponta para uma desarticulação da própria família nuclear, “economicamente rentável, composta por mãe, pai e um casal de filhos”.

A tendência mais recente é a desarticulação da própria família nuclear. Nos Estados Unidos, apenas 26% dos domicílios têm pai, mãe e filhos; na Suécia, seriam 23%. Hoje, contam-se nos dedos os amigos que não estão divorciados. Mesmo quando estão juntos, pai e mãe trabalham, os filhos estão na escola (quando está tudo em ordem), e a vida familiar resume-se frequentemente a uma pequena roda cansada olhando para as bobagens da televisão no fim da noite (Dowbor, 2010, p.294).

Para o autor (2010, p.294-5) observa-se piora gradativa das condições de reprodução social da maioria das famílias, concomitante a aumento do tempo de dependência dos filhos e parentes próximos. Esta condição pode se dar pela dificuldade de se manter em um trabalho e pelo prolongamento dos estudos pelos filhos.

O que o autor busca apontar é o impacto que as dinâmicas econômicas assumem sobre a vida pessoal, a felicidade e os relacionamentos amorosos. “Não é a família que está doente: é o processo de reprodução social e econômico que se tornou absurdo, levando-a de roldão” (Dowbor, 2010, p.312-3).

Pode-se observar que, assim como nos grupos centrais, nos grupos periféricos se mantém a aposta na família como *locus* de proteção e segurança. Porém as adversidades de reprodução social vivenciadas pelos grupos periféricos afetam em grande medida a possibilidade de projetar um futuro que traga esperança de melhoria das condições de vida. Esses jovens revelam um cotidiano familiar que sugere a vivência constante de situações de desgaste físico e mental. Parece relativamente comum o contato mais explícito com situações de violência familiar e ligadas a práticas ilícitas, assim como o abandono de um dos pais, geralmente o pai, ficando na figura da mãe a aposta na manutenção da casa e cuidado com os filhos.

Assim é possível observar que as diferentes condições de reprodução social das famílias contribuem de maneira significativa para dar contornos distintos ao processo de socialização das juventudes.

Dessa forma nos grupos periféricos as juventudes se deparam de maneira particular com os impactos das transformações mais gerais em curso no capitalismo e que afetam as novas conformações familiares. Lachtim e Soares (2011) observaram a presença de contradições na formulação de valores relacionados à família por grupos de jovens de regiões periféricas que apontam para esses impactos.

Nota-se nesses grupos algumas representações que podem significar a existência de valores contraditórios e que merecem ser investigados em novas aproximações sobre o problema, pois nos grupos periféricos se percebem alguns valores ligados à cooperação familiar, na medida em que os jovens reconhecem as dificuldades de reprodução social que os cercam. Mas, foi também nesses grupos que alguns jovens expressaram algum sentimento de ceticismo em relação à família, à exceção da mãe, que é bastante valorizada. É possível que sejam as dificuldades de reprodução social que tenham conduzido os jovens a sentirem que muito cedo têm que deixar o período da juventude para ajudar na renda familiar ou mesmo para obter renda para dar conta de suas necessidades (Lachtim e Soares, 2011, p.225).

7.3 CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS LÍCITAS E ILÍCITAS

A discussão em torno da temática do consumo de substâncias psicoativas no contexto brasileiro tem se dado no plano midiático e político, comumente em tom alarmista, resultando em um cenário confuso, pouco esclarecedor e repleto de desesperança pela grande maioria da população. As representações cotidianas das juventudes nesse campo reproduzem em grande medida a ideologia dominante, dificultando o processo de aquisição de crítica sobre a complexidade do tema. Pode-se sugerir nesse estudo que, à diferença de outras temáticas que envolvem problemáticas tão ou mais graves, a forma dramática em que é tratada a questão do consumo de substâncias psicoativas revela as formas perversas pelas quais os intentos capitalistas camuflam os mecanismos de acumulação e exploração do capital e das consequências trágicas que perfazem o cotidiano da grande maioria dos jovens.

Pode-se assinalar que nas representações cotidianas dos jovens da Escola Privada E1 da Região C se evidenciam alguns dilemas juvenis que

dificultam a formulação de uma consciência mais crítica em relação ao consumo de álcool e das políticas públicas. O consumo de álcool se apresenta como uma forma de suprir necessidades de lazer e diversão em que não se observam as possibilidades de um consumo prejudicial. Os efeitos negativos do consumo seriam resultado de uma busca precoce e logo problemática. Dessa forma se vincula o consumo juvenil como um problema social ou se corrobora a perspectiva de período de crise e problemático na transição para a idade adulta, conforme refere alguns autores. Para Soares (2011, p.368) cria-se, pelo consumo de drogas, uma falsa impressão de que os jovens são sujeitos facilmente influenciáveis e não tem consciência de suas escolhas.

As políticas de restrição e proibição da venda e do consumo, mesmo que contraditórias e falhas, são percebidas como necessárias para conter o ímpeto e a imaturidade do jovem. Contraditórias porque tem por intento dificultar o acesso ao jovem, tanto pela restrição ao comércio quanto pela proibição do consumo. Falhas porque o comércio tende a burlar a legislação já que precisa lucrar cada vez mais para se expandir pouco importando o bem estar geral assim “finge-se de morto”. O jovem sob a sedução de suas necessidades imperiosas de busca de prazer e diversão tende a criar diversas formas de aceder os objetos de consumo, dentre eles as substâncias psicoativas. Ao tempo em que diante dessas contradições o jovem se imbuí de uma consciência individual, do cada um por si, para fazer frente às ambiguidades que a questão do consumo de drogas apresenta. Vai depender então de sua força e esforço individual, ou como veremos em outros grupos mais periféricos, da sorte e de oportunidades.

Essas temáticas da aposta no esforço individual e sorte foram objeto de maior discussão nos tópicos da educação e trabalho. Sobre a questão do consumo em geral Costa (2004) refere três dimensões das atitudes e disposições psicológicas dos sujeitos que contribuem para a sociedade de mercado atual.

- 1) Deve se deixar seduzir pela propaganda de mercadorias; 2) deve possuir uma identidade pessoal flexível, compatível com as novas relações de trabalho; 3) deve estar convertido à moral das sensações, ou seja, ter pretensões a satisfações em curto

prazo, em detrimento de satisfações que exigem projetos de longo alcance (Costa, 2004, p.76).

A perspectiva de compreender o conjunto de substâncias psicoativas como mercadorias é elucidada por Soares (2011, p. 444) quando atribui aos usuários a “qualidade de consumidores”. Ou seja, diante da necessidade imprimida pelo capitalismo de acumulação do capital o consumo dessas substâncias se configura como uma forma perversa de “reprodução do sistema econômico global”. Nessa perspectiva Soares e Campos (2009, p.448) referem que a *droga* se apresentaria como uma “mercadoria potente para responder a essas necessidades de valorização do fugaz e enaltecimento do prazer imediato”.

Os jovens dessa escola (E1) também referem questionamentos em relação à consideração do critério de idade como divisor de um período de menor para maior responsabilidade já que a ideia de maioridade pode significar uma maior aceitação para o abuso do álcool. Nestes aspectos constata-se algumas contradições e formulam críticas quanto ao seu *estatuto social*, do ser em transição, do critério de faixa etária para medir a maturidade. Essas questões trazidas pelos jovens guardam relação com as aquelas discutidas no capítulo sobre juventude em que se buscou trazer contribuições de diversos autores que fazem críticas ao caráter restritivo e ideológico da concepção de idade cronológica e de fase de transição para explicar e fazer frente aos dilemas juvenis na contemporaneidade.

Também os jovens observam que estão ocorrendo mudanças nas relações sociais que apontam para um aumento do consumo de álcool. Como o acesso precoce ao consumo, as novas tecnologias e necessidades de aparência. Essas mudanças criam novos ritmos no cotidiano e o consumo prejudicial de álcool pode se encaixar como forma de atenuar as pressões e exigências sociais, conforme refere Soares (2011, p. 375-6) sobre os novos sentidos atribuídos ao consumo de drogas na contemporaneidade associados a bem-estar e resolução de problemas.

Baratta (1994, p.39) tratando da relação capitalismo-droga assinala que a demanda pelo consumo de drogas na atualidade estaria diretamente

relacionada aos mecanismos do capital, “como tributária da necessidade de evadir-se das angústias produzidas pela realidade”.

Na escola pública da região QC (E4) se mantém a tendência à valorização do consumo de álcool no seu aspecto positivo assim como no grupo da escola da região C (E1). No entanto se observa a percepção da presença do consumo para alívio de sofrimento e fuga de problemas cotidianos o que pode evidenciar a proximidade maior com situações conflitivas na família que se vinculam a um consumo prejudicial. Dessa forma se observa a defesa por políticas restritivas também com o argumento da ineficácia das políticas em não conter o acesso aos jovens.

A tendência a valorizar o consumo de álcool nos seus aspectos mais positivos e menos problemáticos observados pelos jovens das regiões C (E1) e QC (E4) é corroborada em pesquisa de mestrado de Lachtim (2010) em que se utilizaram os mesmos critérios de classificação das regiões.

O reconhecimento da relação entre drogas e prazer vem dos jovens das regiões mais centrais, sem que no entanto conscientemente seja estabelecida qualquer relação entre drogas e padrões contemporâneos de estímulo à moral do prazer no cotidiano. Numa perspectiva mais liberal, vem das regiões centrais principalmente algumas ideias de temperança e livre-arbítrio, as drogas podendo ser usadas com responsabilidade. A experiência desses grupos sociais é de convivência com padrões de uso e desfechos menos problemáticos e arrasadores que nas camadas mais pobres (Lachtim, 2010, p.211).

As representações cotidianas dos jovens da E4 da região QC evidenciam em maior medida os aspectos negativos do consumo de álcool que se liga a alívio de sofrimento e situações de violência. Dessa forma a defesa por políticas restritivas é mais contundente quando se trata de evitar o consumo problemático e a exploração do comércio. Em contraposição a maior constatação dos problemas relacionados ao consumo e da facilidade de acesso tornam mais evidentes as contradições das políticas intensificando conflitos e situações de sofrimento.

Observa-se nas representações cotidianas dos jovens da região QP (E5 e E6) e P (E10) a percepção de uma relação intensificada entre consumo de álcool e violência, que é atribuída aos sujeitos violentos. Ou seja, a violência é incorporada como algo natural, como um atributo da personalidade de

determinadas pessoas que a deflagram quando consomem álcool. O consumo de álcool se apresenta então como um dispositivo perigoso para as pessoas que apresentam tendência a reagirem com violência e assim se justificaria as políticas de restrição e proibição. As contradições se evidenciam já que estes jovens se deparam em maior medida em seu cotidiano com situações de consumo problemático que se apresenta como consequência e causa da violência e do sofrimento subjacente. No mesmo estudo de Lachtim (2010) citado acima se observou resultados semelhantes nos grupos mais periféricos.

O mesmo não ocorre no outro extremo, em função dos desfechos perversos oriundos das relações dos jovens das regiões periféricas com as drogas, consideram as drogas um problema sem solução e usá-las é deletério, fatal, em qualquer situação (Lachtim, 2010, p.211).

A apresentação das representações cotidianas sobre o consumo de álcool oferece um panorama dos diferentes contextos em que os jovens se socializam e constituem o seu sistema de valores sociais. Assim é possível visualizar que as diferentes condições de reprodução social refletem as diferentes formulações e posicionamentos perante a realidade social. Esta perspectiva é referida por Soares e Campos (2009) após a exposição de um conjunto de levantamentos e pesquisas sobre a temática das drogas.

Os dados mostraram que as drogas utilizadas são certamente diferentes, assim como são diferentes a frequência e os contextos de uso entre os jovens estudados. No entanto, é inegável que são diversos os contextos para obtê-las e os desfechos relacionados ao consumo dessas drogas, a depender da classe social a que o indivíduo pertença – para as classes que usufruem amplamente dos bens que são socialmente produzidos, o consumo de maconha nos arredores da escola ou de álcool nas baladas pode ter um significado experimental e transitório. Para os mais marginalizados, o consumo de álcool barato e de baixa qualidade nos bares periféricos, e de *crack* nos becos, pode resultar em brigas e em dependência. Já o envolvimento com as dívidas contraídas no tráfico é um implacável mecanismo de violência que quase sempre acaba em morte (Soares e Campos, 2009, p.441-2).

Os reflexos da desigualdade nos padrões de reprodução social também dizem respeito ao poder de compra para aquisição das mercadorias, já que se apresentam como objetos que no imaginário social satisfazem uma gama de necessidades sociais. Para Costa (2004) a aquisição de mercadorias já

define em si o lugar na pirâmide social do consumidor e o seu poder de compra.

[...] A maior parte da população tem um poder de compra extremamente reduzido e alguns, para possuir o que desejam, roubam ou furtam. Os chamados objetos de consumo, dessa forma, nem são *consumíveis* nem estão *igualmente disponíveis* para todos os indivíduos. A produção de objetos é *seletivamente* organizada de maneira a ser *seletivamente* distribuída pelos que têm muito dinheiro, pouco dinheiro ou nenhum dinheiro (Costa, 2004, p.77).

Os dados permitem observar que é mais comum nos grupos das regiões C e QC a percepção dos aspectos positivos do consumo de álcool, talvez pela maior proximidade com experiências de consumo por familiares enfatizando o lazer e diversão em que se observam em menor grau a relação com problemas de saúde e violências. É possível que as condições de maior proteção social em que vivem estes grupos possibilitem vivências mais positivas com o consumo de álcool e menor contato com problemas de saúde e violências em seu cotidiano familiar. Enquanto que nas regiões QP e P evidenciam-se os aspectos negativos do consumo. É possível que para os jovens vindos de famílias com padrões menos estáveis de reprodução social, que sofrem com maior impacto o sistema de exploração do capital, a descrença nas leis e o consumo prejudicial de álcool dificulte a formulação de maior crítica e/ou constitua formas de resistência às contradições presentes em seu cotidiano.

Entre as classes populares, reconhece-se o efeito das condições precárias de vida e trabalho sobre o dia a dia, mas raramente relaciona-se isso ao consumo de drogas, sendo incomum os jovens expressarem consciência sobre a relação entre consumo de álcool por exemplo e incapacidade de obter renda para prover a família (Mir, 2004). O que eles sabem associar concretamente é o envolvimento com drogas ao ingresso na criminalidade, provavelmente porque quem usa drogas ilícitas está, de saída, cometendo um crime, mas não só, pois há muitas histórias de atos ilícitos sendo cometidos para pagar dívidas contraídas com o narcotráfico (Lachtim, 2010, p. 211-2).

Em relação à defesa por políticas de proibição da venda e consumo de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos os jovens das regiões C e QC justificam em maior medida no argumento da imaturidade do jovem para assumir responsabilidades. Enquanto que os jovens das regiões QP e P

observam que dessa forma se evita um consumo generalizado, a exploração pelo comércio, acidentes e problemas de saúde.

Em relação à defesa da liberação da venda e consumo para menores os jovens da escola privada (E1) região C apostam na consciência individual para um consumo responsável já que observam tendências para aumento do consumo em razão das mudanças sociais, resultando em precocidade maior do início de consumo. Enquanto os jovens das regiões QC, QP e P (escolas públicas) apontam a ineficácia do sistema jurídico-político para impedir a venda e o consumo já que se confronta com as necessidades de afirmação, de status e contraposição presentes na vida social.

Ao passo que os jovens verbalizam a compreensão de estarem em transição (Aquino, 2009) – de uma fase que não sabem quem são, mas se identificam como imaturos, irresponsáveis e inconsequentes, ou seja, associando essa fase como naturalmente problemática (Aquino, 2009) – para a vida adulta – tomada como ponto de chegada, para uns o porto seguro do sucesso e para outros a previsão mais sombria da sobrevivência, sem *glamour* (Lachtim, 2010) - projetam no mundo adulto o seu oposto, por isso a emergência em tomar contato com as benesses dessa condição adulta idealizada. Esse mecanismo pode funcionar por um lado para atribuir maior importância às políticas restritivas e de controle, desacreditando do seu potencial crítico, ou para incentivar comportamentos consumistas e compulsivos como forma de adentrar o mundo adulto. Não é de se estranhar essa expressão dos jovens investigados, uma vez que a concepção de juventude como fase de transição funcional para a estabilidade do mundo adulto, que ao desviar desse padrão torna-se disfuncional, logo, problemática e socialmente hegemônica (Aquino, 2009) é reiterada em instituições destinadas aos jovens (Pasquim, Lachtim, Soares e Campos, 2010), o que dificulta o posicionamento crítico por parte desses estudantes.

Como já assinalado anteriormente, há uma constatação, expressa nas opiniões dos jovens de todas as regiões, que o consumo de bebidas alcoólicas ocorre apesar dos mecanismos jurídicos e políticos de controle. Pode-se observar neste sentido que o consumo de álcool atende fundamentalmente a necessidades alienadas, de poder, prazer, afirmação,

status, desafios, que dão para o jovem a sensação de uma consciência autônoma e livre para fazer escolhas ofuscando o seu real valor-poder, na sua forma mercadoria. Dessa forma as representações cotidianas expressas pelos jovens dão conta de colocar em evidência tão somente os mecanismos de controle e as suas “dificuldades de adaptação” ou fragilidades, dificultando a tomada de uma posição mais crítica em relação às artimanhas do sistema de produção e do mercado das bebidas alcoólicas.

As representações dos jovens podem explicar a facilidade de expansão e crescimento da indústria de drogas lícitas, com a produção em grande escala de bebidas alcoólicas e tabaco, a partir da correlação entre o consumo de substâncias e as sensações de *status*, segurança, sucesso, ascensão, prazer, aumento da capacidade e potência, etc. Assim, se difunde mensagens publicitárias propagando que as bebidas mais caras dão maior *status* e vice-versa, o que corrobora a existência de padrões diferentes de consumo de álcool dependendo do lugar que o jovem ocupa na estrutura social. Ou, conforme salienta Franch (2003, p.55) que certas mercadorias representariam para os jovens estilos de vida e marcas de poder que garantiriam prestígio junto aos pares e sucesso nas conquistas amorosas.

Também as políticas se valem de falsas premissas quando propagam que o comércio obedece às regulamentações jurídicas (não vender bebidas alcoólicas a menores de 18 anos), porém ficou evidente nos relatos dos grupos que a lei é descumprida, ou seja, importa mais vender (reproduzindo o circuito do lucro) do que zelar pelo cuidado dos jovens. De outro modo evidenciam-se as dificuldades da juventude em se posicionar criticamente quando está em jogo suas necessidades de consumo e de exercício da liberdade de escolha. Ainda os dados podem sugerir o fracasso das políticas públicas quando estão ancoradas por pressupostos simplistas que focam as ações puramente no controle através da repressão dificultando o processo de aquisição de crítica pelo jovem.

Assim as contradições presentes nas representações dos jovens revelam as contradições das políticas brasileiras para o álcool e as dificuldades das diferentes juventudes em se posicionar criticamente frente aos problemas de maior magnitude, como a precariedade do ensino público para a formação

de sujeitos emancipados e a crise no mundo do trabalho que dificulta a projeção de um futuro mais promissor. Para o jovem fica mais evidente a assunção da equação simplificada em que aposta em sua capacidade individual para escolher e se responsabilizar pelos seus atos ou se isentar da mesma atribuindo as responsabilidades para as formas de controle do Estado apostando no período de *não responsabilidade* como transição para a vida adulta, em que estaria mais preparado para assumir sua cidadania. A constatação do comércio e consumo de álcool em todas as regiões ligada às necessidades de sociabilidade, lazer, afirmação, status e do acesso facilitado pelo comércio apontam contradições presentes nos posicionamentos dos jovens que defendem a proibição assim como das políticas, que se mostram frágeis e ineficientes nos objetivos pretendidos.

As representações cotidianas que sugerem um posicionamento mais crítico trazem questionamentos em relação às armadilhas em utilizar o critério da idade para medir a maturidade para assumir responsabilidades. Dessa forma se lança a possibilidade de relacionar uma determinada idade à liberdade para consumir sem precedentes como se fosse sinônimo de maturidade ou de uma capacidade idealizada para fazer frente aos problemas da vida social. Também a ideia de “liberdade de escolha” é questionada pelos jovens já que observam que há pressões sociais, problemas de saúde e necessidades sociais que se vinculam ao consumo prejudicial de álcool.

Observa-se nos grupos da região QC (E3 e E4) e QP (E6) o reconhecimento de aspectos benéficos do consumo de tabaco relacionados à sociabilidade suprimindo necessidades de prazer, lazer, redução de tensões e stress. Pesquisa realizada por Panaino (2012) que analisou as representações cotidianas de início de consumo de cigarro entre jovens e adultos de diferentes grupos sociais no Município de Santo André apontou que o aprendizado em relação à experimentação ocorre no próprio processo de socialização e está relacionado à determinadas necessidades que perpassam a trajetória do jovem em seu contexto social. Dentre as tendências valorativas referidas pelos jovens a autora verificou: o consumo de cigarro como contestação das instituições sociais; o consumo como parte do processo de admiração e identificação afetiva no âmbito familiar; o

consumo como mecanismo de compartilhamento de experiências entre os pares; o consumo como busca de uma imagem idealizada; o consumo como indicador de maturidade e independência; e o consumo como ato de descontração, relaxamento e prazer.

Os jovens dessas regiões atribuem maior importância aos malefícios e problemas relacionados ao consumo do tabaco, reproduzindo o que é preconizado nas políticas públicas e na mídia. Panaino (2012) também observou tendências valorativas dos jovens e adultos que focam os aspectos negativos do consumo geralmente relacionados à problemas de saúde. O que os remete às contradições entre a satisfação de necessidades que sentem como benéficas e os aspectos problemáticos do consumo.

Dentro deste contexto é possível observar que em todos os grupos há a representação dual e contraditória, visto que todos os grupos conhecem os malefícios do cigarro, aqueles que fumam há mais tempo já sentem os reflexos na saúde, aqueles que não o sentem sabem quais são. Porém é unânime a relação do cigarro com o prazer e com o relaxamento, sensações desejadas por todos (Panaíno, 2012, p.66).

Há observações em relação ao caráter legal do tabaco e de acesso a informações pelas duas regiões. No grupo da região QC há referência do consumo como recurso para emagrecimento o que pode denotar necessidades do consumo também para corresponder a padrões de beleza. Observam-se críticas às políticas que se mostram contraditórias em relação ao tratamento diferenciado para drogas com potenciais benéficos e maléficos semelhantes como é o caso do tabaco e da maconha. Assim “pode-se comprar tabaco em um supermercado e maconha não”.

As contradições observadas em relação ao tabaco pelos jovens da região QC guardam semelhanças daquelas em relação às bebidas alcoólicas. No entanto à diferença das políticas para as bebidas alcoólicas as políticas brasileiras para o tabaco enfatizam os problemas de saúde e os malefícios do hábito de fumar acumulando um conjunto de legislações e resoluções restritivas ao comércio de tabaco e a diversos tipos de estabelecimentos. Com início, em 1988, a partir de advertências do Ministério da Saúde da obrigatoriedade de constar nas embalagens dos produtos derivados do

tabaco a frase: “O Ministério da Saúde adverte: fumar é prejudicial à saúde”, criou-se no ano 2000 a Gerência de Produtos Derivados do Tabaco, na Anvisa. Em 2005 o Brasil foi signatário do primeiro tratado mundial de saúde pública, a Convenção Quadro de Controle do Tabaco. Desde então as campanhas contra o tabaco e as medidas restritivas se tornaram mais acirradas e agressivas com novas imagens de advertência nos rótulos de produtos derivados do tabaco, em 2008. Em 2011 uma nova Lei federal que proíbe fumar em locais fechados e em 2012 a obrigatoriedade de conter o aviso: “Venda proibida a menores de 18 anos – Lei 8.069/1990 e Lei 10.702/2003”. Essa investida política e ideológica do Estado brasileiro, se por um lado busca restringir o comércio e o consumo de tabaco, mantém o foco das ações no binômio droga psicoativa-sujeito vulnerável, reproduzindo campanhas alarmistas sobre os riscos individuais e coletivos para adquirir doenças e dependência, com especial atenção ao segmento juventude. As representações cotidianas dos jovens reproduzem em certa medida a visão simplista que conforma as políticas oficiais quando reiteram suas premissas de forma acrítica e projetam os dilemas juvenis nos possíveis riscos de contrair doenças e nos “maus comportamentos”. Ao mesmo tempo os jovens se dão conta de necessidades de lazer, status, alívio de sofrimento, que se ligam ao consumo de tabaco.

Panaino (2012, p.72) observou que as representações dos jovens e adultos se referem à formulações que se por um lado reiteram os enunciados presentes nas mensagens oficiais por outro os remetem às contradições presentes em seu cotidiano já que respondem às necessidades de consumo e “encontra-se disponível na condição de uma mercadoria legal, que gera lucros inimagináveis para os produtores, além de impostos nada desprezíveis para o Estado”.

O cigarro, em meio a essa contradição social, desperta diferentes representações cotidianas, observadas em todos os grupos sociais aqui estudados. Algumas dessas representações cotidianas são comuns a todos os grupos sociais investigados e refletem a naturalização do uso na sociedade. Outras reiteram alguns significados positivos do cigarro, marcadamente diferentes nos grupos sociais, pois apresentam-se para alguns para mitigar

os desgastes, e para outros principalmente para retirar algum prazer na vida. Há outras representações ainda, de caráter dual, pois embora reconheçam o lado positivo do cigarro também reconhecem seu lado negativo (Panaino, 2012, p.72-3).

Observa-se que os jovens das duas escolas da região QC (E3 e E4) ao tempo que relacionam o consumo da maconha a necessidades ligadas à precariedade das relações familiares que se mostram esvaziadas de afeto e outras de afirmação social transmitem uma visão que os destituem da responsabilidade já que se colocam como sujeitos passivos diante do consumo assim “o poder da droga seduziria às pessoas de mente fraca”. Para Birman (2006) a perspectiva de prolongamento da dependência que se evidencia para os jovens vindos de famílias de classe média alta e elite se apresenta como paradoxal já que haveria incremento da onipotência dos jovens na sua relação com os pais e em contrapartida haveria uma acentuação de linhas de fratura de sua fragilidade pela dependência prolongada, multiplicando os efeitos de sua infantilização e abrindo um campo para o consumo de drogas.

Aqui, se está evidente o que pretendo dizer com tudo isso, uma mistura explosiva se delineia e se impõe com crueza neste cenário atual da juventude. Quando a privação relativa se conjuga com a fragilização e a infantilização, declinando tudo isso no contexto social da falta de horizonte para o futuro, não deve nos espantar que as culturas das drogas e da violência se imponham como marcas da juventude hoje. Isso porque se as drogas funcionam como antídotos para o sofrimento dos jovens, pelo gozo e pela onipotência que lhes possibilitam, o exercício da violência e da agressividade em geral são contrapartidas para a impotência juvenil nos tempos sombrios da atualidade (Birman, 2006b, p.41).

Tanto nos grupos da região QC como no grupo da região QP e P se observam representações cotidianas que reproduzem a perspectiva dominante nas políticas para o campo das drogas, concebendo a droga que pelos seus efeitos psicoativos funcionaria como um dispositivo de corrosão das capacidades mentais dos sujeitos, afetando a sociabilidade. Quando muito, há consideração dos sujeitos que apresentariam graus variados de consciência, Dessa forma a possibilidade de escapar dos “efeitos maléficos” da substância ficaria restrita às pessoas possuidoras de um grau maior de

consciência (“pessoas de mente forte”). Assim se justificaria a defesa pelas políticas de proibição. As motivações para o consumo geralmente ocorreriam pela influência dos pares, para aliviar sofrimento mental e por necessidades de afirmação. A perspectiva da explicação para a dependência apropriada pela psiquiatria fica também evidenciada nessas representações aliando o poder psicoativo da substância a um suposto sujeito vulnerável.

Como assinalado anteriormente em termos de apropriação do objeto a discussão sobre dependência “química” tem ficado restrita aos campos da psiquiatria e psicologia a partir de critérios que aliam a vulnerabilidade de um certo número de sujeitos e os efeitos psicoativos das substâncias. Cabe aqui ampliar a discussão em torno dessas concepções com a noção de compulsão referida por Birman (2006a). Para o autor o consumo de mercadorias assume características particulares que proferem marcas narcísicas e compulsivas nas subjetividades contemporâneas. A compulsão seria uma resposta ao mal estar atual gerado na vida social em que a emergência em consumir se associa à perspectiva de “realização e felicidade humana”.

Pode-se incluir na discussão um conceito análogo trazido por Costa (2004, p.83) quando refere que a necessidade imperiosa do prazer físico conduz o sujeito a buscas intermináveis de novas sensações passando a “depende, cada vez mais, da diversidade e da constância dos objetos”.

De outro modo a realidade à qual os jovens se deparam na vida cotidiana não corrobora com o que é preconizado pela ideologia dominante sendo que é possível constatar as contradições que se fazem presentes nas representações de alguns grupos. Os jovens da E6 da região QP sugerem tendências a valorizar o consumo de maconha na sua dimensão prazerosa e nos seus aspectos benéficos para consumo moderado e terapêutico. Observam que com a legalização o acesso seria mais facilitado para todos evitando o contato com o submundo do tráfico, presença em contextos de risco e medo de ser preso. Os traficantes perderiam o controle sobre o comércio o que poderia resultar em diminuição da violência. Ainda a liberação poderia diminuir o consumo entre os jovens que muitas vezes tem atração pelo proibido e facilitaria o diálogo com a família sobre os

problemas relacionados ao consumo problemático. Ao tempo em que estes jovens apostam na consciência e responsabilização individual reproduzindo uma perspectiva liberal do consumo. O que de certa forma pode resultar em falta de crítica em relação ao significado do consumo de psicoativos que como referido anteriormente tende suprir novas necessidades sociais ou servir para estancar o sofrimento resultante da falta de perspectiva de futuro. No entanto compreendem também que com a legalização da maconha o Estado deveria ter um controle sobre o comércio e o consumo mesmo que essa ação não garanta a exploração e o aumento do consumo.

Considerando o consumo de crack as opiniões dos jovens de duas escolas da região QP (E5 e E6) retratam com maior ênfase a relação com problemas de saúde, violência e criminalidade sendo os consumidores qualificados como “nóias”. O significado da palavra “nóia”, na sociedade brasileira, é propagado no senso comum como sinônimo do uso de crack· sendo os consumidores qualificados como sujeitos perigosos, que roubam, praticam violência e se abandonam nas ruas. Em determinados apelos feitos pela mídia ou pelas pessoas chega-se ao equívoco de propagar que um determinado crime ocorrido foi motivado pelo consumo do crack (ou outras drogas) antes mesmo de se averiguar as condições concretas em que se sucedeu. As opiniões dos jovens traduzem a pessoa qualificada de “nóia” como um sujeito que consome drogas para fugir de uma realidade (sofrimento) insuportável, que não domina (assim é dominado pela droga), não tem consciência dos seus atos e faz coisas sem pensar (roubar, etc..), um dependente extremo (“superdependente”), não distingue se o que faz é bom ou mau para si e para os outros. As percepções negativas em relação ao usuário de drogas reproduzem a ideologia dominante na sociedade, conforme referem os autores.

Procurando compreender a ideologia dominante sobre o usuário de drogas e amparando-se em diversos autores da sociologia e antropologia, Soares (1997) conclui que o usuário de drogas ilícitas é julgado moralmente por infringir as regras sociais como um ser inferior, um criminoso, ou, no melhor dos casos, como um doente. Tal compreensão estigmatiza o usuário impondo-lhe, para além do preconceito, a marginalização e, muitas vezes, para os mais pobres, um último empurrão para a exclusão social (Soares, Campos, Leite e Souza, 2009).

Em relação ao consumo de crack os jovens da região P (E10) relacionam diferentes significados do consumo. Para os grupos mais empobrecidos o consumo estaria relacionado aos contextos de abandono e exclusão (ex. cracolândia) gerando dependências e envolvimento com criminalidade. Para os grupos mais favorecidos economicamente o consumo estaria relacionado à busca de prazer e diversão. Essa observação dos jovens é corroborada por Soares e Campos (2009, p.441-2), já citado acima, referindo as dificuldades de alguns estudos em demarcar as desigualdades sociais ou de saúde entre jovens de diferentes classes sociais.

Em São Paulo o consumo de crack tem sido fortemente relacionado a grupos excluídos em contextos de extremo abandono, em relação direta com a criminalidade, sendo elevado à condição de um problema de grande magnitude. As respostas políticas a esses problemas têm se pautado na perspectiva reducionista da “dependência química”, sendo os sujeitos objetos de ações coercitivas já que são qualificados de doentes e inconsequentes.

Em estudo levado a cabo por Raupp e Adorno (2011) foi possível observar o cotidiano de sujeitos que consomem crack em uma determinada região do centro de São Paulo. O estudo apontou uma teia de relações e disputa de interesses que se conformam nessa região revelando a ocupação desse espaço urbano por diversos atores. Entre eles figuram: comerciantes, moradores e o aparato repressivo, ou seja, a polícia. Para os autores o que se configura é um cenário complexo que precisa ser melhor investigado que não se restringe ao consumo de crack por um determinado grupo de sujeitos, mas refere-se a amplo circuito de relações que se constituem.

Ambos os episódios descritos, juntamente com a discussão sobre as políticas municipais para a região, apontam para a existência de um “campo de forças” nos circuitos de uso, no qual os usuários e suas práticas seriam apenas uma parte da teia de relações e interesses existente. Nessa “confusão de idiomas” podemos reconhecer diferentes formas de ocupar, projetar e significar o espaço em questão, as quais remeteriam a distintas estruturas de significado que organizariam a ação e a visão de mundo de cada um dos atores sociais [...] (Raupp e Adorno, 2011, p.2620).

Conforme buscamos desenvolver neste estudo, uma das questões centrais que se relacionam com o circuito do consumo de drogas é a sua estreita relação com o trabalho, ou seja, o fato da droga se configurar como uma mercadoria. Essa característica coloca em discussão os âmbitos das necessidades de consumo que se ligam a um mercado consumidor em ascensão, portanto necessita do trabalho humano para levar a cabo a produção e o comércio. Ao tempo em que a necessidade de trabalho que minimamente supra necessidades de sobrevivência de grande parte da população tenha escoamento justamente no submundo do tráfico. Raupp e Adorno (2011) observaram no estudo citado uma relação quase que indissociável entre necessidades de consumo e trabalho no contexto do tráfico.

Quanto aos traficantes, a alusão a uma organização subjacente ao tráfico local aponta para uma complexidade ainda maior, inerente às grandes redes de tráfico, com seus braços internacionais e colaboradores dentro dos espaços oficiais. Contudo, paralelamente a tal organização subsistem inúmeros microtraficantes que vendem drogas para garantir sua subsistência, assegurar seu suprimento de crack, ou ambos, sendo estes mais visíveis e também mais expostos às consequências dessa prática ilegal. Apesar dos riscos desse tipo de comércio, e a despeito dos julgamentos morais pertinentes, é esse tipo de economia informal – entre as tantas outras que coexistem nas ruas da região central – que permite a essas pessoas adquirir o mínimo para sua sobrevivência em face de sua situação de vulnerabilidade social (Raupp e Adorno, p.2620).

Na região QC os jovens na sua maioria não referem a experimentação de drogas ilícitas somente se revelando conhecedores do assunto através do contato ou pelas histórias de outros jovens consumidores. Valorizam as amizades e parentes que os protegem dos ambientes do consumo. Enquanto que nas regiões QP e P se evidenciam em maior medida as vivências de consumo e maior proximidade com a violência e o tráfico.

Observou-se de modo geral nos grupos em que foi debatido o tema das drogas que os jovens se percebem, em comparação com o adulto, imaturos para fazer escolhas e assumir responsabilidades, como se desconhecassem as consequências do que fazem. Essa concepção (dominante) combina com a que toma a juventude como etapa problemática, especialmente se o jovem pertencer a grupos sociais com padrões menos estáveis de reprodução social

(Aquino, 2009). Baseado nesta concepção de juventude se formularia a opinião de que a proibição da venda de bebidas para menores funcionaria como um meio eficaz para evitar o consumo pelo jovem ou funcionaria apenas como um limite para marcar a sua imaturidade e diferença em relação ao mundo adulto. Dessa forma o jovem reconheceria a sua condição de vulnerabilidade para consumir substâncias psicoativas, pois pela constituição ainda imatura do corpo bio-psíquico, estas “podem destruir a própria vida”. O argumento da imaturidade na juventude pode significar que na vida adulta há mais tolerância para os abusos (beber em grandes quantidades) já que o corpo “amadurecido” estaria em melhores condições de suportabilidade bio-psíquica.

No caso das drogas ilícitas observa-se em todos os grupos representações que reiteram formulações do senso comum sobre as políticas oficiais de drogas. A palavra droga geralmente está relacionada à ideia de algo maligno que “tem um poder de governar as mentes dos consumidores” e induzir comportamentos violentos e a prática de crimes encaminhando para um fim fatalista dirigido para a morte sem nenhuma possibilidade de superação e mudança. Nesse aspecto a droga está relacionada a um mal inquestionável, a algo moralmente errado e inaceitável. Dessa forma se justificaria argumentos de que a proibição seria a melhor resposta para os problemas de saúde e violência.

No decorrer do século XX e no século atual se constituiu um conjunto de políticas sobre as substâncias psicoativas culminando na divisão entre drogas lícitas e ilícitas lançando o que foi chamado de uma política de “guerra contra as drogas”, culminando em acordos internacionais* para o combate à produção, comércio e consumo de um conjunto de substâncias e controle para regulação do comércio e consumo de outras. A disseminação da política de guerra contra as drogas contribuiu para o fortalecimento no imaginário social da equação simplificada da droga como um mal a ser

* O atual sistema global de controle de drogas se baseia em três convenções internacionais: a Convenção Única sobre Estupefacientes de 1961, o Convênio sobre substâncias Psicotrópicas de 1971 e a Convenção contra o Tráfico Ilícito de Estupefacientes e Substâncias Psicotrópicas de 1988. Esses tratados contam com uma ampla adesão; em julho de 2007, 183 Estados faziam parte das duas primeiras convenções, enquanto que 182 fizeram parte da terceira.

combatido e como única causa dos problemas e da violência associada. Esse conteúdo das representações cotidianas revela seu caráter ideológico e mobilizador das ações dos jovens, pois a ideia de que a droga tem um poder de coerção sobre os usuários pode produzir tanto o desejo de consumir como o temor de se tornar refém da substância. Também pode gerar temor e paralisia a ideia de que os consumidores são sujeitos poderosos gerando medo e distanciamento social ou ainda que se torne passivo e cooptado por um poder externo, a droga^{**}. Essa inversão de poder que nessa equação não pertence mais ao sujeito, mas se aliena na substância “droga” sugere trazer para a reflexão o conceito de consciência fetichista em Marx. Para ele a consciência fetichista também toma as ideias, as representações, como algo objetivo, autônomo, possuindo vida própria. Dessa forma as representações que os jovens reiteram sobre as drogas encobrem a percepção do seu valor mercantil e das relações indissociáveis entre o consumo e as formas de mal-estar condizentes com a vida social, conforme aponta Soares e Campos (2009).

Na sociedade de mercado, há estímulo à *moral do prazer*, obtido pelas sensações, pelo corpo, que passa a adquirir valor maior na constituição da subjetividade e *dificulta a participação e o compromisso dos indivíduos no objetivo de bem comum*. Uma vez que prolongar a excitação é também a maneira de prolongar as sensações físicas, os indivíduos devem recorrer a objetos – dentre eles, as drogas – para estimulação permanente de variadas formas. Nesse contexto, a droga apresenta-se como uma mercadoria potente para responder a essas necessidades de valorização do fugaz e de enaltecimento do prazer imediato. (Soares e Campos, 2009, p.448).

Segundo Costa (2004, p.84) é através de novas necessidades imediatas e passageiras que “o imaginário do mercado e do consumo” se sustentam e não somente pelo poder de influência das estratégias de publicidade ou pela moda ou ainda pela iniciativa de “sujeitos livres e autônomos”. Estes

^{**} O sentido místico que é atribuído à droga se assemelha a uma crença podendo ser compatível com uma convicção, conforme proposto por Viana (2008, p.143). “A religião, as doutrinas místicas, etc. são as fontes das crenças. Mas não são a mesma coisa, pois as crenças são produtos relativamente desarticulados, enquanto a religião, doutrinas místicas, etc. formam um conjunto mais ou menos organizado. Seu exemplo mais comum se encontra em certas crenças religiosas, que produzem uma exasperação e ampliação, transformando em um sistema de crenças e lhe dando certa complexidade, entre elas a oposição entre o bem e o mal, Deus e o diabo, acabam servindo de explicação simples para os fenômenos e acontecimento”.

apontamentos permitem a discussão sobre o teor das representações cotidianas referidas pelos jovens de todas as regiões estudadas no que tange ao consumo de drogas. Para os jovens o consumo de drogas propicia prazer e alívio de sofrimento imediatos concomitante ao temor em se tornarem dependentes, o medo da perda de si. Ao tempo em que atribuem esses receios aos efeitos psicoativos das substâncias, ou seja, são os efeitos psicoativos desencadeadas pela droga que os tornam reféns. A perspectiva trazida por Costa (2004) remete a um novo sujeito já envolto de subjetividade que privilegia o prazer sensorial, o que pode explicar de certa forma algumas das particularidades da mercadoria-droga em detrimento de outras, já que esta oferece concretamente uma modificação imediata nas sensações. Esta particularidade pode também servir de argumento para explicar o grande interesse na produção e ampliação dos mercados das drogas em âmbito global e também do fracasso de políticas proibitivas, restritivas e de repressão quando objetivam impedir o consumo. O que não significa desprezar ou colocar em segundo plano o seu efeito de mercadoria fetiche já que estas respondem a outras necessidades sociais eleitas como modelos de felicidade, como as de ascensão e poder. Também as necessidades de valorização do externo, da aparência, das imagens combinam cada vez mais com a ambiência contemporânea.

Nos posicionamentos que sugerem maior crítica os jovens compreendem que o tema das drogas deveria ser objeto de maior debate no Brasil visando refletir sobre o que está acontecendo na sociedade brasileira em relação a essa questão. Argumentam que a legalização das drogas traria aspectos negativos como o aumento do acesso e facilidade de compra. Acreditam que não há uma crítica na sociedade em relação aos problemas causados pelo consumo de álcool e, com outras drogas não seria diferente, ficando sempre a critério das escolhas e responsabilidades individuais. Os argumentos retratam também aspectos positivos de uma provável legalização das drogas como a extinção do tráfico e a diminuição de riscos e violência relacionada ao comércio ilegal e à corrupção policial assim como benefícios terapêuticos proporcionados pela indústria de psicotrópicos. Ao tempo em que facilitaria o diálogo familiar e a busca de ajuda para

problemas de saúde relacionados ao consumo. No entanto a legalização deveria ser acompanhada de maior controle da produção, comércio e consumo pelo Estado, criando dispositivos específicos de regulação.

Cabe ressaltar que mesmo diante de um cenário nebuloso em que não se sabe ao certo qual o melhor caminho a seguir no que tange ao campo das drogas as consequências das políticas proibicionistas podem ser ainda mais trágicas quando colocamos uma lente para enveredar pelos diversos contextos em que ocorre a socialização de crianças e jovens, conforme citação de cena referida por Soares (2006) no capítulo sobre juventude.

7.4 PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Um dos apontamentos relevantes a ser considerado na discussão sobre as tendências de valorização pelo jovem da sua entrada em cena como sujeito político e ativo no processo de transformação social é o fato de ter sido historicamente desconsiderado na própria formulação das políticas públicas para a juventude. Outro aspecto relevante apontado por Tiriba e Fischer (2011) é a difusão da ideologia do jovem como problema social.

No Brasil, embora com avanços significativos, as políticas públicas têm sido elaboradas, em geral, “para” os jovens, e não “com” eles. Além disso, a frequente abordagem do jovem como problema (para a sociedade e para si mesmo), como desvio, como desqualificado para a atuação pública ou como ameaça da construção e da consolidação da democracia dificulta a construção de uma perspectiva social positiva, permeada por um protagonismo juvenil (Tiriba e Fischer, 2011, p.15).

Dessa forma as políticas focam os aspectos problemáticos da juventude, melhor dizendo, a parcela que se considera problemática ou disfuncional, e se voltam para o controle da suposta rebeldia e inadaptação deste segmento à ordem social estabelecida. Tiriba e Fischer (2011, p.15) referem que os jovens são considerados como “sujeitos de assistência social” já que as maiores dificuldades estão relacionadas ao “desemprego maciço, observado nas últimas décadas” sendo que as políticas se dirigem para a parcela da “juventude excluída do trabalho formal e da escola”. Geralmente os jovens, objetos de políticas específicas, são oriundos de famílias com padrões

menos estáveis de reprodução social, ou denominados “grupos vulneráveis” ou ainda de classes populares. Como refere Sposito (2007, p.135) “são aqueles que não prosseguem os estudos, que assumem, bem cedo, a vida reprodutiva e necessitam ingressar precocemente no mercado de trabalho”.

Os jovens da escola pública E3 da região QC denotam ter conhecimentos que lhes possibilitam posicionamentos mais críticos e participativos, como sujeitos de mudança. Defendem uma sociedade mais solidária que supere o individualismo e a valorização do ter, em que a diminuição da pobreza seja mais importante que “a necessidade de comprar um tênis”.

A perspectiva crítica apontada por estes jovens possibilita considerar a participação num sentido político, ou seja, a participação que visa produzir mudanças estruturais e não se restringe a situações pontuais, conforme referida por Boghossian e Minayo (2009) reportando-se a Bordenave (1994).

Destacando o sentido mais político da participação, Bordenave (1994) a caracteriza como um “processo de desenvolvimento da consciência crítica e de aquisição de poder” e, ao mesmo tempo, como uma “necessidade humana fundamental”. Dessa forma, deve ser considerada um “direito das pessoas”. Para o autor, a participação que visa exclusivamente ao melhoramento de situações pontuais pode ter somente uma função adaptadora, correndo o risco de ser integrada no paternalismo e assistencialismo do sistema político geral. Considera, ao contrário, que uma verdadeira participação se deve dirigir à modificação das estruturas econômicas e sociais mais amplas (Boghossian e Minayo, 2009, p.413-4).

Já as representações cotidianas dos jovens da escola pública E4 da região QC sugerem abandono extremo da perspectiva de um sujeito ativo, transmitem a ideia de se desligar da realidade social. A política é percebida como algo distante de suas realidades, como algo negativo e sem perspectivas.

Observa-se nos jovens participantes dos grupos das escolas públicas da região QP e P maior passividade e distanciamento em relação à participação social, pois não se sentem preparados. A participação é percebida como importante para melhoria das condições de vida, porém seria atribuição dos políticos já que o jovem está mais preocupado em aproveitar o tempo de não

responsabilidade, que é percebido como característica da fase da juventude. Estes jovens revelam uma descrença na política e no próprio potencial de participação do jovem.

Esses resultados corroboram com os do estudo realizado por Pasquim (2010) sobre instituições do Município de Santo André que realizam projetos dirigidos a jovens de 15 a 24 anos. Os objetivos foram de descrever as instituições e analisar as características dos projetos e ações desenvolvidas por elas. Os projetos institucionais estavam destinados a jovens com baixo padrão de reprodução social. O autor observou que a *juventude como etapa problemática* era a abordagem predominante da quase totalidade das instituições sendo que em uma única instituição a concepção adotada foi a do *jovem como ator estratégico do desenvolvimento*. Não é de se estranhar portanto o lugar passivo em que a juventude que vive condições mais precárias de reprodução social se coloca quando é convidada a se tornar sujeito das mudanças, conforme conclusões de Pasquim (2010, p.93).

Verificou-se também que as ações desenvolvidas têm pouca potência para a instrumentalização e desenvolvimento de jovens como sujeitos coletivos nos projetos sociais e na sociedade, senão desenvolvem processos de socialização calcados na ideologia da responsabilização do indivíduo – tanto pelo fracasso quanto por saber reconhecer e agarrar as oportunidades que poderão levá-lo ao sucesso – e marcados pela expectativa de mudança de comportamentos e valores, em direção à subserviência, obediência, com a finalidade última de enquadrar desses jovens em comportamentos funcionais que não perturbem a ordem social.

As representações cotidianas dos jovens da Escola Pública E4 da região QC e das regiões QP e P corroboram com estudo de Boghossian e Minayo (2009), que realizaram uma revisão da literatura sobre participação juvenil visando relacionar e discutir as principais questões trazidas por pesquisadores sobre esta temática e observaram, além de outros obstáculos, o desinteresse dos jovens em relação à participação.

Na literatura pesquisada são relacionados diversos entraves para a ampliação da atuação dos jovens no espaço político, envolvendo a estrutura das instituições, preconceitos, dificuldades dos atores e uma conjuntura social e política que engendra crescentes formas de exclusão. Acompanha este quadro uma percepção recorrente do desinteresse dos jovens com relação às tradicionais formas de atuar na política e sua baixa participação nos conselhos e fóruns, no processo eleitoral

e até mesmo nos projetos voltados especialmente para a promoção dos direitos sociais da juventude. Têm sido identificados grupos e espaços de características novas, organizados e ocupados pelos jovens, que vêm atraindo, mais recentemente, a atenção dos pesquisadores (Boghossian e Minayo, p.413).

A revisão citada acima apresentou também dados de uma pesquisa realizada pelos institutos Ibase e Pólis (2005, apud Boghossian e Minayo, 2009, p.418), no território brasileiro, que concluiu que “quanto maiores são a instrução e a renda maiores são as chances para as práticas associativas e a participação juvenil”.

É evidente que as representações negativas da política e a baixa participação nos espaços institucionais atingem a sociedade como um todo. O caminho de reversão dessas percepções precisa ser trilhado coletivamente, tirando a juventude do lugar de “bode expiatório” da negação da política e da responsabilidade exclusiva de transformá-la através da sua participação (Boghossian e Minayo, 2009, p.421).

Pode-se levantar a hipótese de que as diferenças observadas na Escola Pública E3, em relação a outras escolas em que se discutiu essa temática, quanto às formas de valorização da participação e quanto à crítica dos jovens sobre os problemas atuais, estariam relacionadas às melhores condições de reprodução social desse grupo e às melhores condições de ensino dessa escola que tem caráter público, o que permitiria maior acesso a conhecimentos que possibilitam uma percepção mais ampla das transformações sociais em curso.

8 Conclusões

8 CONCLUSÕES

O propósito do estudo foi o de avaliar tendências valorativas de jovens estudantes em distintas regiões do Município de Santo André buscando investigar diferenças nas representações cotidianas relacionadas a distintas condições de reprodução social dos grupos investigados.

Foi possível constatar através da análise das representações cotidianas as tendências valorativas que perpassam o cotidiano desses jovens no que tange a vida familiar, escolar e do trabalho, às formas em que se constituem os relacionamentos interpessoais, ao consumo de substâncias psicoativas e a sua participação política quando se posiciona como sujeito na busca de transformação social.

Para possibilitar a formulação e lançar um olhar sobre a complexidade do objeto em questão utilizou-se como base teórico-metodológica os fundamentos do campo da saúde coletiva, valendo-se de autores que buscam relacionar os problemas atuais da juventude aos processos de socialização, que vem dificultando a constituição de valores coletivos e de bem estar comum. Desse modo as principais agências ou instituições encarregadas de conduzir os processos de socialização das crianças e jovens se mostram imersas em contradições, acentuando condições de incerteza e insegurança trazidas pelas transformações inerentes à dinâmica do capitalismo atual.

No percurso do estudo foi dada atenção especial para as diferentes condições de reprodução social em que ocorre a socialização dos jovens apontando tendências valorativas que os remetem ao modo particular de viver e trabalhar de seus grupos próximos. Assim foi possível observar diferentes formas de posicionamento e dilemas quando está em jogo as relações de consumo e os planos e perspectivas de futuro.

A categoria reprodução social demarcou as diferentes juventudes. Diferenças que os remetem às particularidades nos potenciais de desgaste e fortalecimento de suas famílias, da escola que frequentam e em relação aos planos para o futuro.

As representações cotidianas dos jovens deste estudo revelaram a forte conexão entre processo educacional de formação e ingresso no mercado de

trabalho. Preocupação que se afigura como central dentre os dilemas juvenis de todos os grupos estudados o que implica observar que a escola, encarregada da educação formal, pode estar se tornando cada vez mais o *locus* de preparação para as altas exigências de qualificação do mercado de trabalho. Isso fica também evidenciado em função de um certo desprezo por tarefas escolares que provém de outras responsabilidades socializadoras da escola.

O estudo também evidencia que este processo ocorre de modo desigual e com características particulares nos grupos pesquisados. Os jovens das escolas privadas da região central revelam a vivência de uma condição mais estável e segura quanto aos estudos e aos planos para o futuro sem que haja problemas levantados em relação à qualidade do ensino que recebem. O que não significa dizer que não estão afetados pelas novas contingências e exigências no mundo do trabalho já que também vivem o difícil processo de escolha profissional. As profissões socialmente mais valorizadas são as que trazem retorno econômico e garantem um certo *status* social. Esses jovens têm que fazer escolhas profissionais que estejam em consonância com a velocidade e capacidades requeridas pelo mercado.

Nesse grupo, a família oferece segurança e proteção para que possam viver o “momento da juventude” e em certa medida amenizar as pressões que vêm do mercado. A família é continente com a longa duração dos processos de qualificação para o trabalho e também com mudanças de caminho que acontecem no processo de escolha da profissão. Os jovens contam ainda com experiências próximas motivadoras, pois seus pais e parentes estão engajados em profissões de sucesso.

Assim dilemas anteriores entre escolher a profissão que os pais desejavam para os filhos e a que os jovens teriam prazer em vivenciar parecem estar sendo substituídos por dilemas entre o que o mercado aponta como profissão valiosa e a capacidade dos jovens de compreender e acompanhar as mensagens do mercado nesse sentido.

A particularidade observada na escola pública E3, em que os jovens se mostram mais críticos e politizados, pode ser um indício de formas de desenvolvimento do sistema público educacional que alia conteúdos e

disciplinas favoráveis a crítica, professores motivados e qualificados, metodologias participativas a condições estáveis de reprodução social dos grupos. Trazer à tona a questão dos mecanismos de controle e alienação do trabalho pela exploração do capital por estes jovens pode estar sugerindo um caminho de mobilização promissor para este segmento.

Mesmo reconhecendo os limites do resgate do sentido realizador e transformador que o trabalho adquire na atual conformação do capitalismo se torna emergente a consolidação de experiências críticas e políticas que confrontem este paradigma de produção sobre as experiências juvenis. É possível que as juventudes constituam novas formas de resistência aliando uma educação crítica que forme para a vida e não para o mercado à criação de novas alternativas que se fundamentem na propriedade e/ou posse de bens e serviços amplificando a participação ativa em todos os processos do trabalho. Dessa forma o trabalho pode alimentar o seu potencial transformador e educativo para o fortalecimento de valores mais afeitos ao bem-estar comum.

Este estudo mostrou que são os jovens das regiões mais centrais (E1, E2, E3 e E4) os que se mostram mais preocupados em dar conta das exigências de qualificação, para fazer frente às constantes oscilações e rápidas mudanças que o trabalho atual exige, trazendo novos desafios para a família e para o sistema educacional. O que torna mais contundente a aposta na competência e no esforço individual.

O estudo possibilitou também observar que, numa outra direção, os jovens das regiões periféricas se deparam com contextos familiares, educacionais e de trabalho mais agravados e afetados do que os das regiões centrais. Desse modo as exigências da vida cotidiana nesses contextos os colocam diante de distintos dilemas em suas trajetórias escolares. Pode se notar que para esses jovens a educação formal se torna empobrecida pelas próprias condições de precariedade do ensino público e condições de reprodução social de suas famílias, mas principalmente pela necessidade de conseguir superar uma amplitude maior de obstáculos exigidos no seu cotidiano.

Também as possibilidades de qualificação para ingresso no mercado de trabalho são mais prementes o que os remete aos dilemas em conseguir um trabalho em idade mais precoce do que os jovens das regiões mais centrais. Na corrida competitiva para conseguir colocação apostam no esforço e competência individual como os jovens das regiões centrais, mas apostam em maior medida na sorte e nas oportunidades que não podem ser desperdiçadas. Também são mais afetados pelo desânimo e desmotivação nos estudos projetando o interesse em um futuro incerto numa Universidade Privada, pois assim acreditam ter maior poder de escolha. Os contextos familiares em que estão presentes situações de desemprego ou subempregos pelos pais resultando em cotidianos mais conflituosos e violentos também tornam mais intensos os dilemas e mais incerto o futuro já que a possibilidade de viver a juventude com segurança fica comprometida.

Os relacionamentos interpessoais seguem também, como não podia deixar de ser, o fluxo das mudanças mais gerais que afetam a vida social. Tornam-se incertos e inseguros, fluídos e passageiros e ficam para segundo plano quanto está em jogo a luta que se trava para conseguir sucesso e afirmação individual. Para os jovens das regiões mais centrais a família significa apoio e proteção e revelam maior segurança nos vínculos, mas também se torna, por outro lado, obstáculo para a vivência das novas necessidades de prazer e consumo. O relacionamento com os pares está mais ligado à satisfação de necessidades de lazer e descontração e de conforto nos momentos de sofrimento e dor. Observam-se tendências de valorização das amizades e relacionamentos amorosos para satisfazer necessidades imediatas e reduzir desconforto emocional, o que resulta na intensificação da desconfiança e insegurança nos relacionamentos.

Os jovens das regiões periféricas percebem a família na função de sustentação e preservação de valores morais e éticos ao tempo em que pode ser geradora de intensos conflitos e violência. Também sentem-se mais afetados por separações com ausência de um dos pais, geralmente a figura do pai. Os relacionamentos com os pares são atravessados por experiências frustrantes gerando sentimentos de traição, o que corrobora para um conceito rígido e idealizado de amizade.

Neste trabalho partiu-se da compreensão de que o consumo de drogas assume particularidades atinentes às transformações por que vem atravessando a sociedade contemporânea. Desta forma buscou-se dar ênfase aos dilemas que se fazem presentes em relação ao consumo de substâncias psicoativas, porém não deixando de situá-lo na perspectiva mais global do sentido e da forma que este toma no contexto atual, marcado por relações cada vez mais mercantilizadas.

Também se observou que as necessidades (sociais) que impulsionam o consumo prejudicial de substâncias psicoativas não estão determinadas em primeira instância pelos efeitos químicos ou por problemas comportamentais, conforme tem sido tratado pelas áreas da psiquiatria e da psicologia. Estas são consequências do mal estar global que perpassa a vida social atual, resultando em formas compulsivas de relações com os objetos de consumo, como mercadorias. Ao mesmo tempo as representações cotidianas dos jovens estão impregnadas da ideologia dominante reproduzida através da mídia e das políticas oficiais neste setor, que buscam colocar uma “cortina de fumaça” para encobrir as raízes sociais dos problemas juvenis colocando como foco o binômio simplificado droga-sujeito vulnerável.

Os jovens das regiões centrais apresentaram tendência a valorizar o consumo de álcool nos seus aspectos mais positivos e menos problemáticos. Talvez pela maior proximidade com experiências prazerosas, de lazer e diversão, a partir das quais problemas de saúde e ou situações de violência são pouco observadas. Já nas regiões periféricas, os jovens verbalizam a existência de situações nas quais se intensificam as relações entre consumo de álcool e violência, o que pode revelar maior proximidade com situações de consumo problemático e violência.

Pode-se concluir que algumas dificuldades das diferentes juventudes de se posicionar criticamente frente às questões mais gerais que afetam a sua vida social estão relacionadas ao fato de serem tratados como sujeitos em transição, que muitas vezes se confunde com sujeitos imaturos e irresponsáveis, em especial quando se trata do consumo de álcool e também de outras substâncias psicoativas. Evidenciou-se a percepção de

contradições por alguns grupos que questionam a eficácia das normas impostas aos jovens para inibir consumos aos quais ainda não estariam preparados, como no caso do álcool, ao tempo em que o consumo problemático se faz presente também no “mundo adulto”. Ainda coloca o jovem na posição ambígua de que quando adultos podem usufruir com mais liberdade do consumo de álcool.

Foi possível observar que os jovens das regiões centrais atestam estar distanciados de vivências com o consumo de substâncias psicoativas ilícitas. O mesmo não acontece com os jovens das regiões periféricas, que referiram maior proximidade com vivências de consumo. De uma certa forma, essa convivência testemunha diversas situações perversas que estão relacionadas com o consumo e o tráfico de drogas, tornando mais comuns a exposição a violência e outros mecanismos de exploração por esses grupos.

Se os dilemas juvenis em torno da perspectiva de transição para idade adulta dificultam o reconhecimento de suas capacidades e responsabilidades “já que se encontra em período de formação”, estes ainda se tornam mais contundentes quando se posicionam em relação ao consumo de substâncias psicoativas considerado uma questão social permeada por mitos e tabus que dificultam diálogos racionais, em especial com as principais agências de socialização, a família, a escola e a mídia.

Cabe salientar que a questão das drogas tem servido de sustentáculo, pela política brasileira e pela mídia, para justificar ações estatais de repressão e controle da população socialmente marginalizada, que ocupa as ruas das cidades quando não enxergam mais horizonte para o resgate de sua cidadania. São acusados de serem “sujeitos errantes, usuários de crack que não tem consciência dos seus atos, que praticam a violência e se lançam para a criminalidade”. Dessa forma se justifica a consolidação de todo um conjunto de intervenções judiciais que, quando muito, vale-se de avaliações psiquiátricas para atestar a incapacidade dos usuários. Essa perspectiva dominante encontrou maior respaldo entre os jovens das regiões periféricas, que como referido anteriormente encontram-se mais comumente em contato com situações de violência explícita e grupos marginalizados.

De modo geral foi possível observar posicionamentos críticos em relação ao tema das drogas em todos os grupos que debateram o tema já que a vida cotidiana remete os jovens à percepção de contradições e conflitos em relação aos valores dominantes que reproduzem. Assim observam que há brechas e contrassensos nas políticas e concepções tanto em relação à juventude quanto ao campo das drogas que precisam de maior debate e aprofundamento para formulação de maior crítica pelo jovem.

No que tange à perspectiva de participação política dos jovens das regiões periféricas, se observou tendências a se manterem mais distantes da participação na vida política ao tempo em que expressam insatisfação em relação a questões que afetam o seu cotidiano. O que pode ser reflexo da ideologia dominante constituída nas últimas décadas do jovem como um “problema social” e “sujeitos de assistência social”, processo que relega ao jovem lugar passivo de objeto das políticas e das determinações do mundo adulto.

Já os jovens das regiões centrais denotam possuir conhecimentos e estar em situação de julgamento que lhes possibilita posicionamentos mais “participativos” para buscar objetivos pessoais. A perspectiva crítica dos jovens de uma das escolas públicas pesquisadas pode ser um indicador importante para balizar políticas voltadas para esse segmento que alie a melhoria das condições de reprodução social dos grupos menos favorecidos ao investimento em uma educação pública de maior qualidade. Mas de nada adiantaria tais iniciativas sem a participação das juventudes como protagonistas dessas mudanças.

Referências bibliográficas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Aquino LMC. Introdução: a juventude como foco das políticas públicas. In: Castro JA, Aquino LMC, Andrade CC. Juventude e políticas sociais no Brasil. Brasília: IPEA; 2009.
2. Almeida E, Ancassuerd MP, Nakano M. Novas e velhas questões na proposta de organismos específicos de gestão de políticas públicas para jovens. In: Spósito MP, coordenador. Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Global; 2007. p. 231-275.
3. Baratta A. Introdução a uma sociologia da droga. In: Mesquita F, Bastos FI, organizadores. Drogas e AIDS: estratégias de redução de danos. São Paulo: Hucitec; 1994. p. 21-43.
4. Bauman Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2004.
5. Birman J. Arquivos do mal-estar e da resistência. Rio de Janeiro: civilização brasileira; 2006a.
6. Birman J. Tatuando o desamparo. In: Cardoso MR, organizador. Adolescentes. São Paulo: Escuta; 2006b. p. 25-43.
7. Bock SD. A inserção do jovem no mercado de trabalho. In: Abramo HW, Freitas MV, Spósito M, organizadores. Juventude em debate. São Paulo: Cortez; 2000. p.11-6.
8. Boghossian CO, Minayo MCS. Revisão Sistemática Sobre Juventude e Participação nos Últimos 10 anos. São Paulo: Saúde Soc. 2009; 18 (3): 411-423.
9. Bordaneve JED. O que é participação? São Paulo: Brasiliense, 1994.
10. Bottomore T. Dicionário do pensamento marxista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2001.
11. Brites CM. Ética e uso de drogas: uma contribuição da ontologia social para o campo da saúde pública e da redução de danos [tese]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.
12. Bucher R. Drogas e drogadição no Brasil. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992.
13. Carneiro H. As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX. Rev Out IES. 2002; (6): 115-28.

14. Carneiro H. Transformações do significado da palavra "droga": das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo. In: Venâncio RP, Carneiro H, Gonçalves AL, organizadores. Álcool e drogas na história do Brasil. São Paulo: Alameda; 2005. p. 11-27.
15. Chizzotti A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 5ª ed. São Paulo: Cortez; 2001.
16. Coelho HV. A atenção ao usuário de drogas na atenção básica: elementos do processo de trabalho em unidade básica de saúde [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem; 2012.
17. Coelho HV, Godoy A, Oliveira E, Soares CB, Campos SMS, Cordeiro L. Políticas públicas de saúde aos usuários de álcool e outras drogas: contribuição da saúde coletiva ao debate. Goiânia: Revista de Ciências da Saúde da Faculdade Estácio de Sá de Goiás-FESGO. 2012; 02 (07): 194-203.
18. Costa JF. Perspectiva da juventude na sociedade de mercado. In: Novaes R, Vannuchi P, organizadores. Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu; 2004. p. 75-88.
19. Debert GG. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos. 2010; 16 (34): 49-70.
20. Dowbor L. A economia da família. In: Acosta AR, Vitale MAF, organizadores. Família: redes, laços e políticas públicas. 5ª ed. São Paulo: Cortez, PUC/SP; 2010. p.293-316.
21. Escohotado A. Historia general de las drogas. Madrid: Alianza; 1989. v.3.
22. Franch M. Um brinde à vida: reflexões sobre violência, juventude e redução de danos no Brasil. In: Melcop AG, Maia D, Buning E, Franch M. Relatório da I Conferência Internacional sobre Consumo de Álcool e Redução de Danos: em busca de uma política abrangente para os países em transição e desenvolvimento. Recife: Rede Brasileira de Redução de Danos; 2003. p. 49-71.
23. Frigotto G, Ciavatta M. Educar o trabalhador cidadão produtivo ou o ser humano emancipado? Rio de Janeiro: Trabalho, Educação e Saúde. 2003; 1 (1): 45-60.

24. Frigotto G. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: Novaes R, Vannuchi P, organizadores. *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; 2004. p. 180-216.
25. Garcia JC. Medicina e sociedade: As correntes de pensamento no campo da saúde. In: Nunes ED, Donnangelo MCF, organizadores. *Medicina Social: Aspectos históricos e teóricos*. São Paulo: Global Ed.; 1983.
26. Groppo LA. *Juventude: ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL; 2000.
27. Groppo LA. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. *Revista de Educação Cogeime*. 2004; 13 (25): 9-22.
28. Groppo LA. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. Última década, CIDPA valparaíso, 2010; (33): 11-26.
29. Kaplan M. Tráfico de drogas, soberania estatal, seguridad nacional. *Sistema*. 1997; (136): 43-61.
30. Karam ML. Redução de danos, ética e lei: os danos da política proibicionista. In: Sampaio CMA, Campos MA. *Drogas, dignidade e inclusão social: a lei e a prática de redução de danos*. Rio de Janeiro: ABORDA; 2003. p. 45-97.
31. Kehl MR. A juventude como sintoma da cultura. In: Novaes R, Vannuchi P, organizadores. *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; 2004. p. 89-114.
32. Lachtim SAF. *Jovens de Santo André, SP, Brasil: Um estudo sobre valores em diferentes grupos sociais [dissertação]*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem; 2010.
33. Lachtim SAF, Soares CB. Valores atribuídos ao trabalho e expectativa de futuro: como os jovens se posicionam? *Rio de Janeiro: Trab. Educ. Saúde*. 2011; 9 (2): 277-293.
34. Lachtim SAF, Soares CB, Campos CMS, Coelho HV, Moreira CR, Silva SM. Valores sociais atribuídos à família por jovens de diferentes grupos sociais. *Goiânia: Revista de Ciências da Saúde da Faculdade Estácio de Sá de Goiás-FESGO*. 2012; 02 (07): 216-227.

35. Libâneo JC. As Teorias Pedagógicas Modernas Revisitadas pelo Debate Contemporâneo na Educação [internet]. [citado 2013 Fev. 03]. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/16367378/Teorias-Pedagogicas-modernas-Libaneo#page=8>.
36. Losacco S. O jovem e o contexto familiar. In: Acosta AR, Vitale MAF, organizadores. Família: redes, laços e políticas públicas. 5ª ed. São Paulo: Cortez, PUC/SP; 2010. p. 63-76.
37. Margulis M. Juventud: una aproximación conceptual. In: Burak SD. Adolescencia y juventude en América Latina. Cartago: Libro Universitario Regional; 2001.
38. Martins HHTS. A juventude no contexto da reestruturação produtiva. In: Abramo HW, Freitas MV, Spósito MP, organizadores. Juventude em debate. São Paulo: Cortez; 2000. p. 17-40.
39. Marx K. O capital: crítica da economia política. Volume I: o processo de produção do capital. Gorender J, apresentador, Singer P, coordenador e revisor. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Gothe. Editora Nova Cultural Ltda; 1996. [citado em 2013 Mar. 02]. Disponível em: <http://www.slideshare.net/Gabrieldibernardi/os-economistas-karl-marx-o-capital-crtica-da-economia-poltica-vol-i>.
40. Mendes-Gonçalves RB. Tecnologia e organização social das práticas de saúde: características tecnológicas de processo de trabalho na Rede Estadual de Centros de Saúde de São Paulo. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco; 1994.
41. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec Abrasco; 1994.
42. Ott J. Phamacotheon: drogas enteogénicas, sus fuentes vegetales y su historia. Barcelona: La Liebre de Marzo; 2000.
43. Paim JS, Almeida Filho N. Saúde coletiva: uma "nova saúde pública" ou campo aberto a novos paradigmas? Rev Saúde Pública. 1998; 32(4):299-316.
44. Panaino EF. Representações cotidianas sobre o início do uso de cigarro em diferentes grupos sociais [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem; 2012.

45. Pasquim HM, Lachtim SAF, Soares, CB; Campos CMS. Representaciones de las actividades recreativas de la juventud de santo André, SP (Brasil). Trabalho apresentado no III Congresso Nacional de Medicina Social y Salud Colectiva y II Congreso Virtual en la Salud de la Adolescencia y Juventud, Univerddad de Gaudalajara; 2010; Guadalajara, México.
46. Pasquim HM. Instituições sociais e operacionalização de políticas públicas: análise crítica das ações voltadas para jovens no município de Santo André [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem; 2010.
47. Pochmann M. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: Novaes R, Vannuchi, organizadores. Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; 2004. p. 217-241.
48. Raupp L, Adorno RCF. Circuitos de uso de crack na região central da cidade de São Paulo (SP, Brasil). *Ciência & Saúde Coletiva*. 2011; 16(5):2613-2622.
49. Ribeiro MR, Seibel SD, organizadores. Drogas: hegemonia do cinismo. São Paulo: Memorial; 1997.
50. Ribeiro R, Neder HD. Juventude(s): desocupação, pobreza e escolaridade. *Nova Economia*. Belo Horizonte. 2009; 19 (3): 475-506.
51. Rodrigues T. Narcotráfico: um esboço histórico. In: Venâncio RP, Carneiro H, organizadores. Álcool e drogas na história do Brasil. São Paulo: Alameda; 2005. p.291-310.
52. Salum MJL, Queiroz VM, Soares CB. Pesquisa social em saúde: lições gerais de metodologia - a elaboração do plano de pesquisa como momento particular da trajetória teórico-metodológica. *Anais do 2º Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Saúde*; 1999; São Paulo, BR. 1999. 39 p.
53. Salum MJL, Queiroz VM. A construção de perfis epidemiológicos e a responsabilidade da universidade pública na luta pela saúde como direito social. Trabalho apresentado ao Congresso de Medicina Social, 8º e Congresso da Associação Internacional de Políticas de Saúde, 11º, La Habana, Cuba, 1 - 7 de julho de 2000.
54. Santos VE. O objeto/sujeito da redução de danos: uma análise da literatura da perspectiva da saúde coletiva. [dissertação]. São Paulo. Escola de Enfermagem Universidade de São Paulo; 2008.

55. Santos VE, Yonekura T, Soares CB, Campos CMS. Valores sociais: com a palavra a juventude. *Acta Paulista de Enfermagem*. 2012; 25 (02): 263-69.
56. Santos RF. A publicidade e a representação de juventude: um estudo sobre os mecanismos de produção publicitária. [dissertação]. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. 1992.
57. Sennett R. A cultura do novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record; 2006.
58. Silva SM, Soares CB, Santos VE. La unidad de reducción de daños de la ciudad de Santo André, Sao Paolo, Brasil: una evaluación. *Medicina social*, v. 5, n.215, p.215-221; 2010.
59. Soares LE. O futuro como passado e o passado como futuro: armadilhas do pensamento cínico e política da esperança. In: Almeida MIM, Eugenio F organizadores. *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 121-135.
60. Soares CB. Consumo contemporâneo de drogas e juventude: a construção do objeto da perspectiva da saúde coletiva [livre docência]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem; 2007.
61. Soares CB. Agências de socialização e valores sociais: a família, a escola, os pares e o trabalho. In: Borges ALV, Fujimori E, organizadoras. *Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica*. Barueri - SP: Manole; 2009a. p. 61-81.
62. Soares CB. Mais que uma etapa do ciclo vital: a adolescência como um construto social. In: Borges ALV, Fujimori E, organizadores. *Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica*. Barueri: Manole, 2009b. p. 3-22.
63. Soares CB, Campos CMS. Consumo de drogas. In: Borges ALV, Fujimori E, organizadoras. *Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica*. Barueri, São Paulo: Manole; 2009. p.436-468.
64. Soares CB, Campos CMS, Leite AS, Souza CLL. Juventude e consumo de drogas: oficinas de instrumentalização de trabalhadores de instituições sociais, na perspectiva da saúde coletiva. *Interface: Comunicação Saúde Educação*. 2009; 13 (28): 189-99.
65. Soares, CB. Juventude e saúde: concepções e políticas públicas. In: *Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades*, organizadores: Dayrell J, Moreira MIC, Stengel M. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011. p.361-378.

66. Soares CB, Santos VE, Campos CMS, Lachtim SAF, Campos FC. Representações cotidianas: uma proposta de apreensão de valores sociais na vertente marxista de produção do conhecimento. *Rev Esc Enferm USP*. 2011; 45(Esp. 2):1753-7.
67. Sposito MS. Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Global; 2007.
68. SPSS Statistics [computer program]. Version 17,0. Chicago (IL): SPSS Inc; 2004.
69. Tiriba L, Fischer MCB. Formação de jovens trabalhadores associados na produção da vida: questões para debate. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*. 2011; 14 (1): 13-29.
70. Thomsom R, Holland J. Youth values in transition to adulthood: an empirical investigation. London: London South Bank University; 2004.
71. Trapé CA. A operacionalização do conceito de classes sociais em epidemiologia crítica: uma proposta a partir da categoria reprodução social [tese]: São Paulo, Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2011.
72. Velho G. Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea. In: Velho G, organizador. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar; 1999. p. 55-64.
73. Viana N. A dinâmica da violência juvenil. Rio de Janeiro: booklink; 2004.
74. Viana N. Os valores na sociedade moderna. Brasília: Thesaurus; 2007a.
75. Viana N. A consciência da história: Ensaio sobre o materialismo histórico-dialético. 2ª ed. Rio de Janeiro: Achiamé; 2007b.
76. Viana N. Senso comum, representações sociais e representações cotidianas. Bauru, SP: Edusc; 2008.
77. Wood EM. O que é a agenda "pós-moderna"? In: Wood EM, Foster JB, organizadores. *Em defesa da história: Marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1999.

78. Yonekura T, Soares CB. El juego educativo como estrategia de sensibilización para recolección de datos con adolescentes. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* [Internet]. sept.-oct. 2010 [citado 2013 Mar. 04];18(5):[07 pantallas]. Disponible en: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v18n5/es_18.pdf.
79. Yonekura T, Soares CB, Minuci EG, Campos CMS, Trapé CA. Mapa das juventudes de Santo André. *Rev Saude Publica*. 2010; 4(1): 45-52.
80. Zaccone O. *Acionistas do nada: quem são os traficantes de drogas*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Revan; 2007.
81. Zaluar A. A criminalização das drogas e o reencanto do mal. In: Zaluar A, organizadora. *Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos*. São Paulo: Brasiliense; 1994. p. 97-128.
82. Zaluar A. Drogas: Uma reflexão sobre uma indústria. *Ciência Hoje*. 2002; 31 (181).

Anexos

ANEXO I – Roteiro para grupo focal* para jovens entre 15 e 19 anos

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO ESCOLA DE ENFERMAGEM

Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000
Tel.: (011) 3066-7652 - FAX (011) 3066-7662
C.P. 41633- CEP 05422-970

Tempo: 1 hora e meia

Tamanho: 6 a 8 participantes

Contexto: os componentes do grupo sentam-se num círculo numa sala privada

Moderador: deve sentar-se junto com os participantes.

Observador: deve sentar-se fora do círculo para monitor o gravador e tomar notas.

Dinâmica:

- Cada “partida” deve começar com a introdução de um contrato de concordância com algumas regras que serão por fim escritas em uma cartolina e expostas na sala durante a atividade.
- **Regras inicialmente propostas:**
 1. Ouvir o ponto de vista dos demais membros do grupo;
 2. Não interromper quando alguém estiver falando;
 3. Tratar os colegas com respeito;
 4. Tratar as opiniões pessoais como confidenciais.
- O papel do observador é explicado, a gravação é negociada e todos recebem as explicações sobre sigilo e confidencialidade, assinando um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no caso dos maiores de 18 anos. Os menores devem trazer esse termo previamente assinado pelos responsáveis legais.
- Um conjunto de expressões valorativas será utilizada.
- Essas expressões serão colocadas em cartões coloridos. Cada membro do grupo escolherá uma aleatoriamente (sem conhecimento prévio) e lerá para os demais participantes do grupo.
- **O jogo propriamente dito**
 1. No chão, no meio do círculo, é colocada uma cartolina onde estão desenhadas 5 linhas com as afirmações concordo plenamente ou discordo integralmente.
 2. Cada membro do grupo recebe um conjunto de *post-it* de uma certa cor e as regras do jogo são então explicadas aos participantes.
 3. Cada um será convidado a pegar um cartão e ler uma expressão valorativa.
 4. Ao ouvir essa expressão, pede-se aos participantes que reflitam a respeito e em seguida colem um *post-it* na primeira linha contínua. Para a direita se eles concordam e para a esquerda se eles discordam, ficando no meio aqueles que estão em dúvida. Ou têm uma posição intermediária.

* Traduzido e adaptado de Thonsom R, Holland J. Youth values in transition to adulthood: an empirical investigation. London: London South Bank University; 2004. Que valeu-se do exercício pedagógico proposto por Lenderyou G. (1994) Sex education, values and morality, London: Health Education Authority.

5. Às vezes é necessário esclarecer que cada participante pode colocar seu *post-it* sobre o de outros se compartilham a mesma opinião.
6. Quando os participantes já colocaram seu *post-it* na primeira linha, o moderador convida cada um a explicar seu ponto de vista.
7. Na maioria dos casos, os participantes passam a realizar o debate.
8. O papel do moderador é o de controlar o tempo e assegurar que todos os membros possam dar sua contribuição, encorajando quando a discussão toma um rumo caloroso ou profícuo.
9. O moderador pode então continuar pedindo que outro membro do grupo leia a próxima expressão valorativa, convidando os participantes a marcar suas opiniões na segunda linha e assim por diante.
10. Idealmente cada participante deve ter oportunidade de ler uma expressão.
11. Os últimos 10 minutos da sessão devem ser usados para fechar o grupo. Dessa forma, cada participante é convidado a falar sobre algo que gostou na atividade e algo que não gostou.
12. As regras iniciais são reiteradas para reforçar a confidencialidade e o sigilo.

ANEXO II – Roteiro do moderador de Grupo focal para jovens de 15 a 19anos

- Preparar a sala que será utilizada, posicionando os 2 gravadores disponíveis e testando-os;
- Posicionar as carteiras em forma de círculo e a faixa, conforme figura abaixo, no meio da sala, de preferência, sobre uma mesa:

- Verificar se todos os participantes têm o consentimento dos responsáveis para participar do grupo, no caso de menores de 18 anos, e o consentimento assinado pelo próprio participante, no caso de maiores de 18 anos;
- Apresentar-se e convocar o observador a se apresentar;
- Fornecer informações sobre os objetivos e a finalidade da pesquisa, bem como sobre a técnica do jogo, o papel do moderador, do observador e a dinâmica de discussões (escolha da posição e debate posterior justificando a escolha)
- Verificar se os integrantes do grupo já se conhecem e em caso negativo promover a apresentação dos participantes entre si (aproveita-se o momento para a distribuição dos crachás e das canetinhas para que cada um possa colocar o nome no crachá);
- Acenar para a importância do contrato e das regras;

Regras e informações básicas - fundamentais para o andamento do grupo:

- O grupo está sendo gravado;
- Só uma pessoa deve falar de cada vez;
- Devem se evitar discussões paralelas para que todos participem;
- Confidencialidade dos dados;
- Ninguém pode dominar a discussão;
- Todos têm o direito de dizer o que pensam, o grupo é opinativo, não há opinião certa ou errada;
- Deve haver respeito e incentivo às opiniões divergentes;
- É possível mudar de opinião durante o jogo, com isso cada participante pode em certa altura mudar o adesivo de lugar, se for o caso.

Outras instruções:

- Entregar os adesivos coloridos para todos os participantes da roda; se desejarem podem colocar os nomes nos adesivos para facilitar o processo;
- Propor que cada participante sorteie uma filipeta com o valor a ser debatido (oferecer um saquinho com as filipetas dobradas);
- Solicitar que cada jovem leia o valor sorteado (perguntar ao grupo quem deseja dar início à leitura do valor sorteado);
- Solicitar aos jovens que posicionem o adesivo na faixa;
- Às vezes é necessário esclarecer que cada participante pode colocar seu adesivo sobre o de outros se compartilham a mesma opinião;
- Quando os participantes já colocaram seu adesivo na linha, o moderador convida cada um a explicar seu ponto de vista;
- Conduzir o debate, auxiliado pelo observador;
- Sintetizar os momentos anteriores, auxiliado pelo observador;
- Conceder espaço aos participantes para complementação;

- Os últimos 10 minutos da sessão devem ser usados para fechar o grupo. Dessa forma, cada participante é convidado a preencher um pequeno formulário de avaliação;
- As regras iniciais são reiteradas para reforçar a confidencialidade e o sigilo;
- Encerrar a sessão

ANEXO III – Planilha do observador do grupo focal

Pesquisa: Jovens, valores e consumo de drogas: políticas públicas na perspectiva da saúde coletiva

Data: ___/___/___

Nome do moderador: _____

Nome da instituição: _____

Identificação dos participantes:

Identificação dos participantes:			
Nome completo	Endereço	Bairro	Telefone
1.			
2.			
3.			
4.			
5.			
6.			
7.			
8.			
9.			
10.			

Valor1:

Nome\ Posição	CP				DP
1.					
2.					
3.					
4.					
5.					
6.					
7.					
8.					
9.					
10.					

Observações: _____

[illegible]

Valor2:

Nome\ Posição	C				DI
1.					
2.					
3.					
4.					
5.					
6.					
7.					
8.					
9.					
10.					

Observações: _____

[illegible]

ANEXO IV – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO ESCOLA DE ENFERMAGEM

Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000
Tel.: (011) 3066-7652 - FAX (011) 3066-7662
C.P. 41633- CEP 05422-970

Eu, Cássia Baldini Soares, professora da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, estou realizando o estudo: **Jovens, valores e consumo de drogas: políticas públicas na perspectiva da saúde coletiva**. Este estudo tem por objetivo compreender quais são os valores atuais dos jovens e será feito com a intenção de apoiar as políticas públicas de prevenção na área de drogas.

Solicito por meio deste documento o seu consentimento para participar do estudo. Com a sua participação, será realizada uma entrevista em grupo ou individual de aproximadamente 1 hora e meia (grupo) de duração que será gravada e, posteriormente, transcrita, mas o seu nome não será revelado sob nenhuma hipótese. Gostaria de esclarecer que sua participação é voluntária e que não traz riscos para você. Nada será cobrado por ela, assim como não haverá remuneração financeira caso você participe. Esclareço ainda que você receberá uma cópia deste documento e poderá pedir mais informações a respeito do estudo a qualquer momento. Você poderá recusar-se a participar da pesquisa inclusive podendo abandoná-la quando desejar, sem que isso lhe traga prejuízos de qualquer espécie. As informações serão utilizadas somente neste estudo e não causarão quaisquer prejuízos a você. Os dados compilados serão analisados e divulgados em eventos de caráter científico e em publicações da área da saúde.

Em caso de dúvida, você poderá entrar em contato comigo pelo telefone (11) 3061-7652*.

São Paulo, ____ de _____ de 2008.

Assinatura do(a) entrevistado(a)
(se for maior de 18 anos) ou
Assinatura do(a) responsável
(caso for menor do que 18 anos)

Assinatura da pesquisadora

* Caso tenha alguma dúvida, ou queira algum tipo de esclarecimento ou reclamação sobre os procedimentos éticos deste estudo, por favor, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da USP pelo telefone 3061-7548.

ANEXO V – Parecer do Comitê de Ética da EEUSP

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO ESCOLA DE ENFERMAGEM

Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000

Fone.: 3066-7548 - Fax.: 280-8213

C.P. 41633 - CEP 05422-970 - e-mail.: edipesq@usp.br

São Paulo, 13 de abril de 2006.

Ilm.^a Sr.^a

Prof.^a Dr.^a Cássia Baldini Soares

Ref.: Processo nº 538/2006/CEP-EEUSP

Prezada Senhora,

Em atenção à solicitação referente à análise do projeto “JOVENS, VALORES E CONSUMO DE DROGAS: POLÍTICAS PÚBLICAS NA PERSPECTIVA DA SAÚDE COLETIVA”, informamos que o mesmo foi considerado aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (CEP/EEUSP).

Analisado sob o aspecto ético-legal, atende às exigências da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Esclarecemos que após o término da pesquisa, os resultados obtidos deverão ser encaminhados ao CEP/EEUSP, para serem anexados ao processo.

Atenciosamente,

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Prado Fernandes
Vice-Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo em Exercício

ANEXO VI – Parecer do Comitê de Ética da Secretaria de Saúde SA

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ

Secretaria de Saúde Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Parecer 27/2007

Santo André, 08 de agosto de 2007.

Prezada Senhora

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria de Saúde de Santo André **APROVOU**, de acordo com a resolução 196/96, o protocolo de pesquisa **"Jovens, valores e consumo de drogas: políticas públicas na perspectiva da Saúde Coletiva"**, registro 27/2007 – CEP/SSSA, de autoria da pesquisadora: **Cássia Baldini Soares**

Salientamos os seguintes aspectos a serem considerados pelo pesquisador:

- 1) O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Res. CNS 196/96).
- 2) O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.
- 3) O relatório final da pesquisa deve ser apresentado ao CEP, logo que o estudo estiver concluído.

Atenciosamente

Dr. Nivaldo Carneiro Junior
Coordenador do CEP - SSSA